A PRISÃO DA FÉ

CIENTOLOGIA CELEBRIDADES E HOLLYWOOD

LAWRENCE WRIGHT

COMPANHIA DAS LETRAS

Aos meus colegas da New Yorker

Sumário

Introdução

PARTE I CIENTOLOGIA
1. O convertido
2. Fonte
3. Homem ao mar

PARTE II HOLLYWOOD
4. A fábrica de fé
5. Descartou o corpo
6. A serviço dos astros
7. O futuro é nosso
8. Bohemian Rhapsody
9. TC e COB

PARTE III A PRISÃO DA FÉ
10. A investigação
11. Tommy

Epílogo

Agradecimentos e uma explicação sobre as fontes
Bibliografia
Glossário
Notas

Introdução

A cientologia tem um papel descomunal no elenco das novas religiões que surgiram no século XX e adentraram o XXI. A igreja não divulga dados oficiais sobre o tamanho de sua congregação, mas informalmente diz ter 8 milhões de seguidores[1] no mundo, baseando-se no número de pessoas que fizeram doações à organização. Um anúncio recente afirma que a cada ano 4,4 milhões de novos membros[2] se filiam à entidade. Entretanto, segundo um ex-porta-voz da igreja, a Associação Internacional de Cientologistas, uma organização à qual os membros da igreja são veementemente incitados a se filiar, tem apenas cerca de 30 mil membros.[3] A maior concentração deles, com aproximadamente 5 mil, está em Los Angeles. O *Statistical Abstract of the United States* [publicação oficial do Departamento do Censo dos Estados Unidos] estima em apenas 25 mil o total de americanos que efetivamente se consideram cientologistas. Isso é menos da metade da população que se identifica como rastafári.

Apesar de décadas de declínio em seus quadros e de escândalos intermitentes que poderiam ter aniquilado outras fés, a cientologia se mantém à tona, mais de um quarto de século depois da morte de seu quimérico líder, L. Ron Hubbard. Sua sobrevivência se deve em parte aos colossais recursos financeiros — por volta de 1 bilhão de dólares em ativos líquidos,[4] dizem ex-membros bem informados. Em moeda sonante, esse valor eclipsa as posses da maioria das grandes religiões do planeta. A riqueza da cientologia atesta a avidez de seus membros, a incansável angariação de fundos e o legado dos direitos autorais dos milhares de livros e artigos publicados por Hubbard.

A igreja também diz possuir 1,1 milhão de metros quadrados em imóveis no mundo todo.[5] Hollywood é o centro do império imobiliário da cientologia, com 26 propriedades avaliadas em 400 milhões de dólares. O mais recente acréscimo[6] ao portfólio hollywoodiano da igreja é um estúdio de televisão no Sunset Boulevard antes pertencente à emissora de televisão KCET, adquirido para inaugurar um centro de transmissões da cientologia. Em Clearwater, Flórida, onde a cientologia tem seu quartel-general espiritual, a igreja possui 68 imóveis, boa parte isenta de impostos, avaliados em 168 milhões de dólares. Entre eles se incluem prédios de apartamentos, hotéis[7] e motéis, armazéns, escolas,

escritórios, um banco e terrenos desocupados. A igreja costuma adquirir edifícios que são marcos arquitetônicos próximos de lugares badalados, como a Music Row em Nashville, o Dupont Circle em Washington e a Times Square em Nova York. Estratégia semelhante governa a localização dos imóveis da cientologia em outros países. Tipicamente, seus prédios são tesouros arquitetônicos magnificamente restaurados e mobiliados com luxo, mesmo quando a congregação é irrisória. A igreja é dona de um conjunto residencial de duzentos hectares no sul da Califórnia e de um navio de cruzeiro, *Freewinds*, atracado no Caribe. A Igreja da Tecnologia Espiritual, ramo da cientologia que detém as marcas registradas e os direitos autorais de todos os materiais da igreja, incluindo o imenso conjunto de literatura de ficção escrita por Hubbard, mantém bases secretas em várias localidades remotas em pelo menos três estados americanos, onde as obras do fundador estão guardadas em cilindros de titânio dentro de cavernas resistentes a explosões nucleares. Uma dessas casas-fortes, em Treementia, Novo México, tem pista de pouso e dois gigantescos círculos interligados entalhados no solo do deserto — um ponto de referência para óvnis, acreditam alguns, ou para o espírito reencarnado de Hubbard quando ele decidir regressar.

Existem, na verdade, três estratos de cientologistas. Os cientologistas públicos constituem a maioria do quadro. Muitos tiveram seu primeiro contato com a religião numa estação de metrô ou num shopping, onde puderam fazer gratuitamente um “teste de estresse” ou uma avaliação da personalidade chamada de “Análise de Capacidade Oxford” (nenhuma relação com a Universidade de Oxford). Nessas ocasiões, os recrutas em potencial geralmente são informados de que têm problemas que a cientologia pode resolver e encaminhados a uma igreja ou missão próxima para cursos ou terapia, que a igreja denomina “audição”. É até aí que chega a maioria dos novos membros, mas outros começam uma longa e cara ascensão pela escada espiritual da igreja.

A aura da religião provém especialmente do segundo estrato do rebanho: um pequeno número de atores e outras celebridades de Hollywood. Para promover a ideia de que a cientologia é um refúgio sem igual para astros do cinema espiritualmente famintos, além de ser um trampolim para a fama, a igreja mantém Centros de Celebridades em Hollywood e em vários outros núcleos de entretenimento. Qualquer cientologista pode fazer cursos nos Centros de Celebridades — faz parte da sedução imaginar-se assistindo às aulas ao lado de atores e músicos famosos. Na prática, porém, as verdadeiras celebridades têm entrada e salas de aula privativas e raramente se misturam ao público, com exceção dos grandes doadores, aos quais se concede o mesmo status superior. É impossível calcular o total de celebridades filiadas à igreja, pois o próprio termo

é muito flexível, e além disso algumas personalidades destacadas que estão fazendo cursos ou audição não querem que sua filiação venha a público.

Um cientologista público comum pode passar despercebido. Ninguém precisa saber de suas crenças. Os membros públicos que deixam a igreja raramente fazem alarde; apenas se afastam com discrição, e a comunidade fecha o círculo deixando-os de fora (no entanto, provavelmente serão perseguidos pelo resto da vida por solicitações via e-mail e telefone). Em contraste, as celebridades filiadas à igreja recebem constantes pedidos para assinar petições, são exibidas em seminários e celebrações de gala e têm sua foto postada com a legenda "Sou um cientologista". A fama desses membros magnifica imensamente a influência da igreja. Eles são usados para promover os objetivos sociais da organização, que incluem ataques à psiquiatria e à indústria farmacêutica e a divulgação das polêmicas teorias de Hubbard sobre educação e reabilitação de toxicômanos. A celebridade é vinculada à bandeira da cientologia, o que lhe dificulta ainda mais o rompimento em caso de desilusão.

Esses dois estratos da cientologia, o público e o das celebridades, não poderiam existir sem o terceiro: o clero da igreja, chamado Sea Organization, ou Sea Org, no jargão da cientologia. Ele é um fruto da marinha privada que Hubbard comandou durante uma década em que dirigiu a igreja em alto-mar. A igreja afirmou em várias ocasiões que a Sea Org tem 5 mil, 6 mil ou 10 mil membros no mundo. Ex-membros da Sea Org estimam que o tamanho real do clero fique entre 3 mil e 5 mil,[8] concentrados principalmente em Clearwater, Flórida, e em Los Angeles. Muitos entraram para a Sea Org ainda crianças. Sacrificaram sua educação e vivem na pobreza por servirem a essa organização. Como símbolo de sua inabalável dedicação ao engrandecimento dos princípios de Hubbard, assinaram contratos de 1 bilhão de anos de serviço — um breve momento na eternidade, pela ótica da cientologia, que postula que o universo tem 4 quatrilhões de anos.

A igreja contesta o testemunho de muitas das fontes com quem falei para escrever este livro, especialmente os ex-membros da Sea Org que deixaram a organização e são chamados de "apóstatas" e "desertores". Sem dúvida é verdade que alguns deles não aceitam mais os ensinamentos de L. Ron Hubbard; muitos, porém, ainda se consideram cientologistas fervorosos e afirmam que foi a própria igreja quem se desviou do exemplo de seu fundador. Entre estes se incluem alguns dos mais graduados funcionários que já serviram à organização.

A cientologia certamente está entre as religiões mais estigmatizadas do mundo em razão de sua extravagante cosmologia, de seu comportamento vingativo contra críticos e desertores e do dano infligido às famílias que foram separadas pela política de "desconexão" da igreja (a exigência de que seus membros se

isolem de pessoas que se põem no caminho do ansiado progresso espiritual). Nos Estados Unidos, garantias constitucionais de liberdade religiosa protegem a igreja de ações que poderiam ser consideradas abusivas ou contrárias às leis de tráfico humano ou de condições de trabalho. Muitas dessas práticas são bem conhecidas do público.

Apesar disso, recrutas curiosos continuam a ser atraídos pela religião, embora não nos números alardeados pela cientologia. Celebridades ainda são levadas para a sala VIP da igreja, e jovens assinam a dedicação do próximo bilhão de anos de sua existência a uma organização que promete fazê-los trabalhar sem piedade praticamente de graça. É claro que existe um atrativo duradouro, que sobrevive à ideia generalizada de que a cientologia é um culto e uma fraude.

Passei boa parte de minha carreira examinando os efeitos de crenças religiosas sobre a vida das pessoas. Historicamente, essa é uma influência muito mais profunda sobre a sociedade e os indivíduos que a política, matéria-prima de tanto jornalismo. O que me instigou a escrever este livro foram perguntas que muita gente faz sobre a cientologia: qual é a sedução dessa religião? O que seus adeptos ganham com ela? Como é que pessoas aparentemente racionais adotam crenças que outras acham incompreensíveis? Por que gente famosa se associa a uma fé que provavelmente lhe criará uma espécie de martírio de relações públicas? Essas questões, que não são exclusivas da cientologia, com certeza ditam o rumo da conversa. Na tentativa de responder a elas neste livro, espero que venhamos a aprender algo sobre o que se poderia chamar de processo da crença. Poucos cientologistas tiveram uma experiência de conversão, uma reorientação súbita e radical da vida. O mais comum é uma aceitação gradual e irrestrita de proposições que no início poderiam ter sido consideradas inaceitáveis ou absurdas, junto com uma rendição paulatina da vontade em pessoas a quem foram prometidos mais poder e autoridade. Nesse exemplo podemos detectar o motor que impele todos os grandes movimentos sociais, para o bem ou para o mal.

Lawrence Wright
Austin, Texas

PARTE I
CIENTOLOGIA

1. O convertido

London, outrora conhecida por seus charutos e cervejarias, é uma cidade manufatureira a meio caminho entre Toronto e Detroit, na província canadense de Ontário. Em tributo à sua xará famosa, London tem um Covent Garden, uma Piccadilly Street e até um rio Tâmisa, que se bifurca ao redor do modesto e economicamente tenso centro da cidade. Situada numa bacia úmida, London é famosa pelo mau tempo. Tem verões incomumente quentes, invernos brutalmente frios, primaveras e outonos amenos mas brevíssimos. Seu filho mais famoso foi o *bandleader* Guy Lombardo, homenageado num museu da cidade que acabou fechando por falta de visitantes. London era um lugar difícil para um artista à procura de si mesmo.

Paul Haggis tinha 21 anos em 1975. Estava a caminho de uma loja de discos no centro de London quando encontrou um rapaz de cabelos compridos, muita lábia e olhar penetrante na esquina das ruas Dundas e Waterloo. Seu jeito tinha algo de exaltado e estranhamente inflexível. Chamava-se Kim Logan. Ele pôs um livro nas mãos de Haggis. “Você possui uma mente”,[1] disse Logan. “Este é o manual do proprietário.” E intimou: “Me dê dois dólares”.

O livro era *Dianética: o poder da mente sobre o corpo*, de L. Ron Hubbard, publicado em 1950. Quando Logan o empurrou a Haggis, o livro já vendera mais de 2 milhões de exemplares no mundo. Haggis abriu-o e viu uma página com as palavras “Igreja da Cientologia”.

“Leve-me até lá”, ele pediu a Logan.

Havia na época apenas um punhado de cientologistas em toda a província de Ontário. Por coincidência, Haggis tinha ouvido falar na organização alguns meses antes. Um amigo a chamara de culto. Haggis se interessou; cogitou na possibilidade de fazer um documentário sobre o assunto. Quando Haggis chegou à sede da igreja em London, o que viu não era nada parecido com um culto: dois moços num escritório instalado num cubículo acima de uma loja Woolworth de miudezas.

Ateu como era, Haggis desconfiou que quisessem arrastá-lo para um sistema formal de crença. Em resposta ao ceticismo, Logan lhe mostrou uma passagem de Hubbard que dizia:

> A verdade é[2] aquilo que é verdade para você. Ninguém tem o direito de lhe impor dados, nem de lhe ordenar que acredite sob pena de ser castigado. Se não for verdade para você, não é verdade. Pense por si, aceite o que for verdade para você, descarte o resto. Não há nada mais deplorável que alguém que tenta viver em meio a um caos de mentiras.

Essas palavras soaram bem para Harris. Sem perceber, ele estava sendo atraído para a igreja por meio de um clássico "exercício de disseminação" em quatro etapas que os recrutadores treinavam meticulosamente. O primeiro passo é fazer contato, como Jim Logan fez com Haggis em 1975. O segundo consiste em desarmar qualquer antagonismo que o indivíduo possa mostrar contra a cientologia. Feito isso, a tarefa é "descobrir a ruína",[3] ou seja, o problema que mais oprime a mente do recruta em potencial. No caso de Paul, era um romance turbulento. A quarta etapa é convencer a pessoa de que a cientologia tem a resposta. "Assim que o indivíduo[4] toma consciência da ruína, você o faz compreender que a cientologia pode lidar com esse mal", escreve Hubbard. "É no momento certo dessa etapa que […] se deve conduzi-lo ao serviço mais apropriado para resolver o que ele precisa que seja resolvido." A essa altura, o recruta em potencial se transforma oficialmente num cientologista.

Paul reagiu a cada etapa de um modo quase ideal. Ele e sua namorada fizeram um curso juntos e, pouco depois, tornaram-se "cientologistas qualificados por Hubbard", um dos primeiros níveis do que a igreja chama de Ponte para a Liberdade Total.

Haggis nasceu em 1953, o primeiro de três filhos. Seu pai, Ted, tinha uma construtora especializada em obras de asfalto, calçada, meio-fio e sarjeta. Batizou sua empresa de Global, pois atendia a London e Paris, outra comunidade de Ontário localizada oitenta quilômetros a leste. Nos primeiros tempos da firma de Ted, a família morava numa casa pequena na área da cidade ocupada pelos brancos. London, por sua vez, dividia-se sectariamente. Os Haggis eram uma das poucas famílias católicas num bairro protestante, o que às vezes gerava confrontos, como a briga no pátio da escola que rendeu a Paul um nariz fraturado. Embora ele não se considerasse religioso, identificava-se como membro de uma minoria; já sua mãe, Mary, fazia questão de mandar Paul e as duas filhas mais novas, Kathy e Jo, à missa todo domingo. Um dia, ela viu o padre de sua igreja dirigindo um carro caro. "Deus quer que eu tenha um Cadillac", o padre explicou. "Então Deus não nos quer mais em sua igreja", replicou Mary. Paul admirou a atitude da mãe; sabia quanto a religião significava para ela. Depois disso, a família parou de ir à missa, mas as crianças continuaram a estudar em escolas católicas.

A construtora de Ted prosperou e lhe permitiu comprar uma casa muito maior

em sete hectares de pradaria ondulante fora da cidade. Ele tinha dois cavalos no estábulo, uma caminhonete Chrysler na garagem e tratores gigantescos no pátio que lembravam dinossauros pastando. Paul passava bastante tempo sozinho. Podia andar dois quilômetros para pegar o ônibus escolar sem ver ninguém pelo caminho. Sua tarefa era limpar as baias e os canis (Ted criava spaniels para competições caninas). Em casa, Paul era o centro das atenções, "a menina dos olhos da mãe", lembrou seu pai. Mas era travesso e adorava pregar peças. "Levou umas cintadas quando tinha cinco anos", contou Ted.

Por volta dos treze anos, Paul foi levado ao leito de morte de seu avô para se despedir. O velho fora zelador num estabelecimento de boliche e fugira da Inglaterra por causa de um escândalo misterioso. Ele parecia reconhecer em Paul uma qualidade perigosa semelhante. Suas últimas palavras para o neto foram: "Desperdicei minha vida. Não desperdice a sua".

No ensino médio, Paul começou a se meter em encrencas. Seus pais, preocupados, mandaram-no para o Ridley College, um internato em St. Catharines, Ontário, próximo às cataratas do Niágara. Ali ele teve de entrar para o corpo de cadetes do Exército Real Canadense. Paul desdenhava das marchas e de quaisquer comportamentos regulados, e logo começou a faltar aos exercícios compulsórios. Ficava no quarto, lendo *Ramparts*, a revista radical que cobria as revoluções sociais então em curso nos Estados Unidos, onde ele gostaria de estar. Foi constantemente punido por suas infrações, até aprender sozinho a arrombar fechaduras. Passou então a invadir a sala do monitor para apagar suas faltas. Essa experiência apurou seu incipiente talento para a subversão.

Depois de um ano nessa vida, seus pais o transferiram para um colégio progressista para rapazes chamado Musoska Lakes College, no norte de Ontário, onde havia pouquíssimo sistema para subverter. Apesar da denominação de colégio, tratava-se basicamente de uma escola preparatória. Os alunos eram incentivados a estudar o que desejassem. Paul descobriu um mentor em seu professor de artes, Max Allen, que era homossexual e radical político. Allen produzia um programa para a Canadian Broadcasting Company intitulado *As It Happens*. Em 1973, enquanto as audiências de Watergate aconteciam em Washington, Allen deixava que Paul se sentasse ao lado dele em seu cubículo na CBC conforme editava o depoimento de John Dean para a transmissão. Mais tarde, Allen abriu um pequeno cinema em Toronto para exibir filmes que haviam sido proibidos pelas draconianas leis de censura de Ontário. Paul trabalhava voluntariamente na bilheteria. Exibiram *The Devils*, de Ken Russell, e *O último tango em Paris*, de Bernardo Bertolucci. Para Ted, seu filho estava trabalhando num cinema pornô. "Eu fechava os olhos", contou Ted.

Paul deixou a escola depois de ser flagrado forjando um cheque. Frequentou

brevemente uma escola de arte e assistiu a algumas aulas de cinema numa faculdade comunitária, mas abandonou esses cursos também. Deixou crescer até os ombros seus cabelos louros cacheados. Começou a trabalhar na construtora de Ted em tempo integral, mas estava resvalando para um precipício. Nos anos 1970, London ganhou o apelido de "Speed City",[5] por causa dos laboratórios de metanfetamina que surgiram em profusão para atender ao seu florescente submundo. Drogas pesadas eram fáceis de obter. Dois amigos de Haggis morreram de overdose, e ele teve uma arma apontada para seu rosto algumas vezes. "Eu era um *bad boy*", ele admitiu. "Não matei ninguém. Não foi por falta de tentativa."

Ele também trabalhou como diretor de cena num teatro de 99 lugares que seu pai montou numa igreja abandonada para uma de suas filhas, que era louca por teatro. Nas noites de sábado, Paul desmontava o cenário da peça que estava sendo encenada e instalava um telão. Desse modo ele iniciou a si mesmo e à pequena comunidade cinéfila de London nas obras de Bergman, Hitchcock e da nouvelle vague francesa. Ficou tão impressionado por *Blow-Up*, de Michelangelo Antonioni, que em 1974 decidiu se tornar fotógrafo de moda na Inglaterra, como o protagonista do filme. Esse projeto durou menos de um ano, mas ao regressar ele ainda trazia uma Leica a tiracolo.

De volta a London, Ontário, ele se apaixonou por uma estudante de enfermagem, Diane Guettas. Foram dividir um apartamento de um cômodo abarrotado com os livros sobre cinema de Paul. Na época ele se considerava "um solitário, um artista e um iconoclasta". Suas notas eram baixas demais para que fosse admitido na universidade. Ele percebia que estava sem rumo. Se dispunha a mudar, mas não sabia como.

Esse era o estado de espírito de Paul Haggis quando entrou para a Igreja da Cientologia.

Como todo cientologista, quando Haggis se filiou à igreja, deu os primeiros passos no pensamento de L. Ron Hubbard. Leu sobre a vida aventurosa de Hubbard: suas andanças pelo mundo, seu comando de expedições arriscadas, sua autocura de lesões de guerra incapacitantes através das técnicas que ele depois desenvolveria na dianética. Hubbard não era um profeta, como Maomé, nem divino, como Jesus. Não recebera a visita de um anjo trazendo placas de revelações, como Joseph Smith, o fundador do mormonismo. Os cientologistas acreditam que Hubbard tenha descoberto as verdades existenciais que compõem sua doutrina através de muito estudo. Dessa perspectiva, ela é "ciência". Esse aparente racionalismo atraiu Haggis. Fazia tempo que ele se afastara da religião em que fora criado, mas continuava à procura de um modo de expressar seu idealismo. Era importante para ele o fato de a cientologia não exigir a crença

num deus. Mas a figura de L. Ron Hubbard pairava sobre a religião de modos sugestivos. Ele não era exatamente venerado, mas sua imagem e seu nome estavam por toda parte, como o monarca absoluto de um pequeno reino.

Parecia haver dois Hubbards na igreja: um, a autoridade deiforme cujos textos eram considerados escrituras; outro, a figura avuncular que Haggis via nos vídeos de treinamento e que lhe parecia sarcástica e rica em autoironia. Essas eram qualidades que Haggis também possuía em alto grau, e lhe inspiraram confiança no homem que ele acabou por aceitar como seu guia espiritual. Ainda assim, Haggis sentia-se pouco entrosado, devido à ausência de ironia entre seus companheiros cientologistas. A incapacidade de rirem de si mesmos parecia contrastar com a personalidade de Hubbard. Ele não parecia arrogante nem devoto; era como o herói arrojado e piadista de um filme B, que já vira de tudo e tudo sacava. Quando Haggis tinha dúvidas sobre a religião, refletia assistindo aos filmes de dezesseis milímetros das palestras proferidas por Hubbard nos anos 1950 e 1960, o que fazia parte do processo de doutrinação da igreja. Hubbard estava sempre rindo consigo mesmo, admirado com alguma observação casual que acabara de lhe ocorrer, dando uma piscadela para o público como a sugerir que não o levassem muito a sério. Bastava que abrisse a boca e novas ideias jorravam, acotovelavam-se na corrida para se fazerem conhecidas pelo mundo. Com frequência eram triviais e desconexas, mas também cheias de referências obscuras, eruditas e carregadas de uma impressão de originalidade e propósito. “Um belo dia, você entra[6] e diz ‘Sou o senescal’”, comenta Hubbard numa de suas características digressões,

L. Ron Hubbard nos anos 1960.

> e um cavaleiro, com esporas de cinquenta centímetros, ali plantado — *unf!* — diz: “Sou eu quem abre as portas deste castelo, faço isso há muito tempo, e sou um servidor de toda confiança”. […] Ele garante que é o senescal, mas ninguém lhe paga os salários, e coisa e tal […] Ele era alguém antes de se tornar senescal. Agora que é senescal, tornou-se um ninguém, até que por fim ele sai, arranja um chapéu na rua e começa a estendê-lo pedindo filé de peixe com fritas para os passantes, sabe como é […] ele diz “Sou alguma coisa, sou mendigo”, mas isso sempre é alguma coisa. Aí chega a polícia do estado de Nova York, ou alguém, e lhe diz — estou misturando um pouco os períodos, mas dizem a ele — “Não vê que não pode mendigar na via pública sem a licença número 603-F?” […] E então ele passa fome, morre de inanição, e ali jaz […] Agora ele é alguém, é um cadáver, mas não está morto, ele é meramente um cadáver […] Percebeu? Mas ele passa por sequências de se tornar ninguém, alguém, ninguém, alguém, ninguém, alguém, ninguém, não necessariamente numa espiral declinante. Algumas pessoas chegam ao ponto de ser um sujeito feliz. Vocês conhecem a história do sujeito feliz — não vou contar —, ele não tinha nem camisa.

E, justamente quando essa parábola nebulosa começa a resvalar para a incoerência, Hubbard chega ao X da questão: uma pessoa não é o que ela faz, nem mesmo o corpo que ela habita naquele momento. A principal descoberta da cientologia é que o ser é eterno; ele é o que Hubbard denomina “thetan”. “Esse sujeito, em outras palavras, era alguém até começar a identificar sua *beingness* [existência, no jargão da cientologia] com uma coisa […] Nenhuma dessas *beingnesses* é a pessoa. A pessoa é o thetan.”

“Ele tinha uma vivacidade espantosa”, recordou Haggis. “A cara lavada com que ele gracejava e sua percepção de si mesmo pareciam dizer ‘Sim, eu sei muito bem que posso estar louco, mas também posso ter entendido as coisas’.”

O ardor cego que encorajava tantos membros da igreja provinha da crença de que eles eram a vanguarda da luta para salvar a humanidade. “Uma civilização sem insanidade,[7] sem criminosos e sem guerra, onde os aptos podem prosperar e os honestos podem ter direitos, e onde o homem é livre para se elevar a grandes alturas: esses são os objetivos da cientologia”, escreve Hubbard. Essas finalidades empolgantes atraíam jovens idealistas, como Haggis, para as fileiras da igreja.

A fim de promover esses objetivos sublimes, Hubbard desenvolveu uma “tecnologia” para o indivíduo alcançar a liberdade espiritual e descobrir a si mesmo como um ser imortal. “A cientologia funciona 100%[8] das vezes quando é aplicada do modo apropriado a uma pessoa que deseja sinceramente melhorar sua vida”, declara uma publicação da igreja. Essa garantia se baseia na premissa de que, por meio de estudos minuciosos, Hubbard chegara ao perfeito entendimento da natureza humana. O indivíduo não deve se desviar do caminho que ele traçou nem questionar seus métodos. A cientologia é exata. A cientologia é infalível. Passo a passo, o indivíduo pode ascender à clareza e ao poder, tornar-

se mais ele mesmo — porém, paradoxalmente, também mais como Hubbard. A cientologia é a geografia da mente de Hubbard. Talvez nenhum indivíduo na história tenha feito tamanha sondagem interior e descrito com tanta lógica e minúcias o funcionamento íntimo de sua própria mentalidade. O método exposto por Hubbard criou um mapa conducente ao seu próprio eu ideal. Os hábitos de Hubbard, sua imaginação, seus objetivos e desejos — seu caráter, em outras palavras — se tornaram a base e o destino da cientologia.

Em segredo, Haggis não respeitava Hubbard como escritor. Não conseguira, por exemplo, ler *Dianética* até o fim. Leu umas trinta páginas e pôs de lado. Já os cursos da cientologia lhe deram uma sensação de realização. Em 1976 ele viajou para Los Angeles, o centro do universo da cientologia, e se hospedou no Château Élysée, um hotel antigo na Franklin Avenue. Clark Gable e Katharine Hepburn, entre muitos outros astros, haviam sido hóspedes ali, mas quando Haggis chegou o prédio era um decrépito retiro da igreja, chamado Manor Hotel.[a] Ele ocupou um pequeno apartamento com uma cozinha, onde podia escrever.

Havia na época cerca de 30 mil cientologistas nos Estados Unidos. Brancos, urbanos,[9] de classe média em sua maioria, e predominantemente na casa dos vinte anos. Muitos deles, especialmente em Los Angeles, trabalhavam com artes visuais ou cênicas. Em outras palavras, pareciam-se muito com Paul Haggis. Ele imediatamente se tornou parte de uma comunidade num local onde o isolamento era uma grande possibilidade. Pela primeira vez na vida, teve a sensação de companheirismo e entrosamento com pessoas bem semelhantes a ele: “uma porção de ateus à procura de algo em que acreditar, e de andarilhos à procura de um clube para se filiar”.

Em 1977, Haggis voltou para o Canadá. Foi novamente trabalhar para seu pai, que percebeu que o filho estava em dificuldades. Ted Haggis perguntou o que ele queria fazer na vida. Haggis respondeu que queria ser escritor. O pai ponderou: “Bem, existem apenas dois lugares para fazer isso, Nova York e Los Angeles. Escolha um, e eu o manterei na folha de pagamento durante um ano”. Paul escolheu Los Angeles, porque era o coração do mundo do cinema. Logo após essa conversa com o pai, Haggis e Diane Gettas se casaram. Dois meses depois, carregaram seu Camaro marrom e partiram para Los Angeles. Foram morar num apartamento com o irmão de Diane, Gregg, e outras três pessoas. Paul arrumou emprego de carregador numa firma de mudanças. Nos fins de semana, fotografava para álbuns escolares. À noite, escrevia roteiros como freelance numa mesa de desenho de segunda mão. No ano seguinte, Diane deu à luz a primeira filha do casal, Alissa.

A cientologia tinha um ar de frivolidade e diversão em meados dos anos 1970, quando Haggis chegou a Los Angeles. Era vista como uma religião descolada, da moda, voltada especialmente para as necessidades de artistas e profissionais do entretenimento. A contracultura ainda prosperava naquela década, e a cientologia ao mesmo tempo era parte e se diferenciava dela. Dizia-se que "depois das drogas[10] há a cientologia", e era verdade que muitos dos que se deixavam atrair pela religião tinham usado alucinógenos e eram receptivos a realidades alternativas. Os recrutas pressentiam possibilidades ilimitadas. Havia prognósticos de poderes místicos e de experiências extracorpóreas, sem falar nas revelações dos segredos fundamentais do universo.

Haggis fez amizade com outros cientologistas que também almejavam o sucesso em Hollywood. Um deles era Skip Press, escritor e músico que trabalhava no Centro de Celebridades, a cabeça de ponte da igreja na indústria do entretenimento. Como muitos jovens recrutas, Press acreditava que a cientologia lhe dera poderes sobre-humanos;[11] por exemplo, ele achava que, quando entrava no estado mental certo, era capaz de acionar a luz verde no sinal de trânsito. Ele e Haggis formaram um grupo de autoajuda informal com outros aspirantes a escritor. Reuniam-se num ponto de encontro de cientologistas defronte ao Centro de Celebridades chamado Two Dollar Bill's, e lá se dedicavam a criticar os trabalhos dos membros do grupo e a fazer planos para progredir.

Paul Haggis de férias em Antigua em 1977, ano em que entrou para a Igreja da Cientologia.

Esse grupo informal de escritores acabou atraindo a atenção de Yvonne Gillham, a carismática fundadora do Centro de Celebridades. Naturalmente carinhosa e dinâmica, Gillham era a candidata ideal para conquistar o tipo de artistas e formadores de opinião que Hubbard procurava para exibir em sua religião. A ex-diretora de jardim de infância organizava festas, saraus de poesia, seminários e bailes. Chick Corea e outros músicos associados à igreja costumavam tocar nesses eventos. Gillham convenceu Haggis e seu círculo a fazerem suas reuniões no Centro de Celebridades, e os enredou em sua teia.

Haggis e um amigo do clube dos escritores por fim conseguiram um trabalho: escrever roteiros de desenho animado para a Ruby-Spears Production. Começaram com uma série de curta duração intitulada *A turma do Abobrinha*, em seguida escreveram *Lorde Gato*. Depois disso, Haggis continuou no ramo e escreveu *Riquinho* e *Scooby-Doo* para a Hanna-Barbera. Comprou uma máquina de escrever IBM Selectric de segunda mão. Sua carreira começou lentamente a progredir.

Um dia, um abastado plantador de morangos de Vancouver se apresentou a Haggis e Skip Press no Centro de Celebridades dizendo que queria produzir a história da vida de L. Ron Hubbard. Ofereceu 15 mil dólares por um roteiro. Press recusou, mas Haggis aceitou o dinheiro. Ele se lembra de que tinha em mente despertar no plantador de morangos o interesse por um roteiro de filme de terror. Nunca chegou a escrever o roteiro sobre Hubbard, e por fim devolveu toda a quantia. Mas, na opinião de Press, foi com isso que a carreira de Haggis começou a acelerar. “O dinheiro permitiu a Paul circular, fazer contatos e desenvolver sua carreira. Logo eu soube que Paul estava contratando um agente.” Suas ligações com a cientologia estavam dando frutos.

Haggis gastava bastante tempo e dinheiro fazendo cursos avançados e sendo “auditado”, uma espécie de psicoterapia da cientologia que envolve o uso de um eletropsicômetro, ou “E-meter”. O aparelho usa[12] a resistência elétrica para medir mudanças no corpo que ocorrem quando a pessoa responde a perguntas feitas por um auditor. Hubbard o comparava a um detector de mentiras. O E-meter alicerçava a pretensão da igreja de ser um caminho científico para a descoberta espiritual. Hubbard afirmou que o dispositivo “permite ao homem[13] um primeiro olhar dentro da cabeça e do coração de seus semelhantes”, e acrescentou que a cientologia elevava o QI de algumas pessoas em um ponto para

cada hora de audição. “Nosso feito mais espetacular[14] foi elevar o QI de um rapaz de 83 para 212”, ele se jactou numa ocasião para o *Saturday Evening Post.*

A teoria da audição diz que esse processo permite localizar e descarregar “massas” mentais que estejam bloqueando o fluxo de energia. Ideias e fantasias não são imateriais: têm peso e solidez. Podem se arraigar na mente sob a forma de fobias e obsessões. A audição fragmenta as massas que ocupam a “mente reativa”, como diz Hubbard, que é onde residem os medos e as fobias. O E-meter supostamente[15] mede as mudanças nessas massas. Quando a agulha do medidor se move para a direita, indica aumento na resistência; para a esquerda, aponta diminuição. O auditor sistematicamente faz perguntas destinadas a detectar fontes de “sofrimento espiritual” — problemas no trabalho ou num relacionamento, por exemplo. Sempre que o cliente, chamado de *preclear* [“pré-limpo”, em tradução livre], dá uma resposta que provoca um salto na agulha, o tema se torna uma área de concentração até que o auditor se convença de que as consequências emocionais da experiência perturbadora se esvaíram. Certos padrões de movimento da agulha, como súbitos saltos ou movimentos bruscos, quedas longas em contraste com curtas etc., também têm significados. O auditor tenta conduzir o *preclear* na “cognição” do assunto examinado, o que produz uma “flutuação” da agulha. Isso não significa necessariamente que a agulha está congelada. “A agulha apenas fica[16] em marcha lenta e boceja com nossas perguntas”, explica Hubbard. O indivíduo deve experimentar uma sensação correspondente de libertação. Por fim, a mente reativa é purificada de suas obsessões, medos e impulsos irracionais, e o *preclear* se torna *clear*.[b]

Haggis se impressionou com a sensibilidade do E-meter. Segurava um eletrodo cilíndrico em cada mão. (Na época em que ele se filiou à cientologia, os eletrodos eram latas de sopa Campbell’s vazias e sem rótulo.) Uma carga elétrica imperceptível saía do aparelho e percorria seu corpo. O medidor parecia capaz de aferir o tipo de pensamento que ele estava tendo, fosse assustador ou feliz, ou acusar se ele estivesse escondendo alguma coisa. Era de arrepiar. O auditor geralmente procurava detectar o que os cientologistas chamam de “similares anteriores”. Se Paul tivesse brigado com Diane novamente, por exemplo, o auditor perguntava “Você se lembra de algum momento no passado em que algo parecido ocorreu?”. Cada nova recordação levava a mais uma regressão no tempo. O objetivo era trazer à tona e neutralizar as memórias emocionais que estavam prejudicando o comportamento de Paul.

O processo frequentemente levava os participantes a recordar vidas passadas. Embora para Haggis isso nunca houvesse acontecido, ele invejava outras pessoas que pareciam ter vívidas lembranças de tempos antigos ou civilizações distantes.

Seria o máximo ter tido muitas vidas anteriores, ele pensava. Não ficaria mais fácil enfrentar a morte?

A cientologia não é só uma questão de crença, dizia-se constantemente aos recrutas; é um processo científico minucioso que os ajudará a superar suas limitações e a realizar todo o seu potencial para a grandeza. Só a cientologia pode acordar os indivíduos para a ditosa verdade de sua condição imortal. Só a cientologia pode salvar a humanidade de sua inevitável ruína. Incutia-se nos recrutas uma sensação de mistério, propósito e fascínio. A vida dentro da cientologia era muito mais excitante que a vida lá fora.

Os *preclears* às vezes vivenciam estados místicos caracterizados por um sentimento de bem-aventurança ou pela sensação de se fundir com o universo. Passam a esperar tais fenômenos, e anseiam por eles quando não ocorrem. A "exteriorização", isto é, a sensação de que se deixou o corpo físico, é comumente relatada por cientologistas. Se a consciência pode se desarraigar do corpo físico e se deslocar à vontade, o que isso significa para a mortalidade? Só podemos ser algo mais que uma mera encarnação física, alguma outra coisa além disso; somos, na verdade, thetans, na terminologia de Hubbard, seres espirituais imortais que encarnaram inúmeras vezes. Hubbard dizia que metade dos *preclears* podia vivenciar a exteriorização mediante um simples comando do auditor: "Esteja a um metro[17] de sua cabeça". Livre das limitações[18] do corpo, o thetan pode vaguear pelo universo, circundar estrelas, passear em Marte e até criar universos totalmente novos. A realidade se expande para muito além do que o indivíduo originalmente percebia. O objetivo supremo[19] da audição não é só libertar a pessoa de fenômenos mentais destrutivos, e sim emancipá-la das leis da matéria, energia, espaço e tempo — ou MEST, na denominação de Hubbard. Essas coisas são apenas artefatos da imaginação do thetan, de qualquer modo. Thetans entediados haviam criado universos MEST onde podiam se divertir e brincar; acabaram depois tão envolvidos com suas distrações que esqueceram sua verdadeira natureza imortal. Identificaram-se com os corpos que estavam habitando temporariamente, num universo que haviam inventado para se entreter. O objetivo da cientologia[20] é relembrar o thetan de sua imortalidade e ajudá-lo a se livrar das limitações que ele mesmo se impôs.

Numa ocasião, Haggis teve o que julgou ser uma experiência extracorpórea. Deitado no sofá, de repente ele se viu do outro lado da sala, observando a si mesmo deitado. A experiência de estar fora do corpo não foi grande coisa, e mais tarde ele se perguntou se não teria simplesmente imaginado a cena. Não tinha a mesma certeza que seus colegas relatavam quando falavam sobre ver objetos atrás de si ou em lugares e épocas distantes.

Em 1976, no Manor Hotel, Haggis se tornou *clear*. O local é o acampamento-base para todos os que esperam ascender aos cumes superiores da cientologia. O conceito provém de *Dianética.* O indivíduo que se torna *clear* é "adaptável ao seu ambiente e capaz de mudá-lo", escreve Hubbard. "Seus padrões éticos e morais são elevados, sua capacidade de buscar e sentir prazer é grande. Sua personalidade é intensificada, e ele é criativo e construtivo." Entre outras qualidades,[21] o *clear* tem memória perfeita e capacidade de executar tarefas mentais com rapidez sem precedentes, é menos suscetível a doenças e livre de neuroses, compulsões, repressões e doenças psicossomáticas. Hubbard resume: "o *clear* dianético está[22] para um indivíduo normal assim como o normal está para o gravemente insano".

Haggis foi o *clear* nº 5925. "Não mudou minha vida", ele admite. "Não teve nada de 'Nossa, eu posso voar!'." A cada nível de progresso, ele era incentivado a escrever uma "história de sucesso", contando como seu treinamento fora eficaz. Ele havia lido muitas histórias desse tipo escritas por outros cientologistas, e elas pareciam extraordinariamente efusivas, criadas com o intuito de permitir ao estudante passar pelos guardiões dos portões de entrada para o nível seguinte.

A Ponte para a Liberdade Total é uma jornada que prossegue sempre (embora, confusamente, na metáfora da cientologia o indivíduo "suba cada vez mais" na Ponte, em vez de atravessá-la). Haggis avançou depressa nos níveis superiores. Estava se tornando um *operating thetan*[23] (OT, thetan operante), que a igreja define como alguém "capaz de lidar com as coisas e existir sem o apoio e a assistência do físico". Um editorial numa edição de 1958 da revista *Ability*, publicada pela cientologia, salienta que "nem Buda nem Jesus Cristo[24] foram OT, segundo as evidências. Eles estiveram apenas ligeiramente acima do *clear*".

Quando Haggis entrou para a igreja, havia sete níveis de thetans operantes. Segundo documentos da igreja que vazaram na internet, entre as instruções manuscritas de Hubbard para o thetan operante nível I estão treze exercícios mentais que sintonizam os praticantes em seu relacionamento com as pessoas. As diretrizes para os OT I são tão imprecisas que pode ser difícil saber se produziram resultados satisfatórios. "Perceba vários corpos masculinos grandes[25] e vários corpos masculinos pequenos até ter uma cognição", por exemplo; ou "Sente-se discretamente onde possa observar várias pessoas. Identifique coisas e pessoas que você não é. Faça até a cognição". O objetivo é se familiarizar com o ambiente da perspectiva de ser um *clear*.

No segundo nível, OT II, os cientologistas procuram apagar "implantes" de vidas passadas que tolhem o progresso na existência atual. Isso é feito com

exercícios e visualizações que exploram forças opostas: “O riso vem da metade[26] posterior e a calma, da metade frontal simultaneamente. E então se invertem. Isso dá uma sensação de total discordância. O truque é conceber os dois simultaneamente. Isso tende a deixar o sujeito morto de cansaço”.

Cada novo nível conquistado marcava a entrada numa fraternidade espiritual mais seleta. Haggis não teve nenhuma reação forte ao material apresentado, mas não estava mesmo esperando nada profundo. Todo mundo sabia que as grandes revelações estavam em OT III.

Hubbard chamava esse nível de Muralha de Fogo.

“O material envolvido[27] nesse setor é tão maligno que está cuidadosamente organizado para matar qualquer um que descubra a exata verdade que ele contém”, escreveu Hubbard em 1967. “Por isso, em janeiro e fevereiro deste ano eu adoeci gravemente, quase perdi este corpo, mas dei um jeito de obter o material e sobreviver a tudo aquilo. Tenho plena certeza de que fui o primeiro a sair vivo depois de uma tentativa de conseguir esse material.”

Em fins dos anos 1970 os mistérios dos OTs continuavam desconhecidos, exceto para os eleitos. Não existia internet, e as escrituras confidenciais da cientologia nunca haviam sido publicadas nem apresentadas em tribunal. Os cientologistas, curiosíssimos, ansiavam pelo momento da iniciação como OT III. O candidato tinha de ser convidado para esse próximo nível; os cientologistas eram alertados de que o material poderia causar mal ou até matar quem estivesse despreparado para recebê-lo. O segredo imposto aumentava o mistério e a vertiginosa sensação de aventura.

Podemos analisar esse momento crucial e os prós e contras da decisão de Haggis de permanecer na cientologia. O fato de muita gente escarnecer da igreja não o dissuadiu; ao contrário, ele se deleitava em ser membro de uma minoria estigmatizada; assim, ele sentia que tinha algo em comum com outros grupos marginalizados. O principal obstáculo à crença era seu próprio ceticismo; ele se orgulhava de ser do contra, e nunca lhe ocorreria entrar para a igreja batista, por exemplo, ou voltar ao catolicismo. Ele não estava nem um pouco interessado. Intelectualmente, a fé não tinha atrativos para ele. Já a cientologia era exótica, misteriosa. A esquisitice de algumas das doutrinas era difícil de entender, mas na mente de Haggis não havia dúvida de que ele obtivera alguns benefícios práticos em seus vários anos de audição, e de que sua habilidade de comunicação melhorara graças a certas atividades do curso. Nada disso exigira que ele “acreditasse” na cientologia, mas a religião se mostrara válida em certos aspectos que para ele eram importantes. O processo de indução foi tão gradual que coisas que antes poderiam lhe causar repulsa foram mais aceitáveis na época

em que lhe foram apresentadas. Sempre que ele se deparava com algo na Ponte para a Liberdade Total que não conseguia entender, convencia-se de que o nível seguinte tornaria tudo compreensível.

A cientologia era parte de sua comunidade; criara raízes em Hollywood, assim como Haggis. Os primeiros trabalhos que ele conseguira como escritor se deviam a contatos da cientologia. Sua mulher estava profundamente envolvida com a igreja, e o mesmo acontecia com sua irmã Kathy. Seu círculo de amizades tinha por centro a igreja. Haggis, a essa altura, mergulhara no processo o suficiente para entender implicitamente que tais relações estariam em risco se ele decidisse deixar a igreja. Além do mais, ele tinha investido uma parte considerável de sua renda no programa. O incentivo para crer era grande.

Ele estava ansioso também para obter certas habilidades especiais, tão comentadas por seus colegas no caminho da Ponte. Embora Hubbard ordenasse explicitamente aos thetans operantes que não usassem seus poderes para "truques de entretenimento",[28] na revista *Advance!*, destinada aos cientologistas dos níveis superiores, havia uma seção intitulada "Fenômenos OT"[29] na qual os membros podiam relatar experiências clarividentes ou paranormais. Vagas em estacionamentos se tornavam disponíveis por mágica, e garçons notavam imediatamente a entrada do OT. "Vi que meu peixe dourado estava vermelho e cheio de calombos", escreve uma cientologista em *Advance!*. "Meu marido, Rick, disse que tivera peixes dourados com esse problema antes, e que não se recuperavam." A correspondente conta como usou suas habilidades para "levar energia" ao peixe "até que houve uma grande explosão de matéria. Parei. Quando voltei para casa à noite, o peixe estava completamente curado". Ela conclui: "Foi uma grande vitória para mim e para o peixe. Não poderia ter sido feito sem a tecnologia de L. Ron Hubbard". Mesmo que tais efeitos fossem aleatórios e difíceis de replicar, para quem os vivenciava a vida se tornava subitamente cheia de possibilidades. Davam uma sensação de entrar numa esfera de transcendência, onde as mentes se comunicavam através de grandes distâncias, onde os desejos e intenções afetavam objetos materiais ou levavam pessoas a obedecer inconscientemente a ordens telepáticas, e onde espíritos de outras eras e até de outros mundos se davam a conhecer.

"Um ser theta é[30] capaz de emitir um considerável fluxo eletrônico", observa Hubbard, "suficiente para dar um choque fortíssimo em alguém, fazer saltar seus olhos ou cortá-lo ao meio." Até ações corriqueiras impõem dilemas inesperados ao OT, alerta Hubbard. "Como, sendo um OT,[31] você fala ao telefone?", ele indaga numa de suas palestras. "Suponha que você se irrite com a pessoa do outro lado da linha. Você se inflama! E não há isolante elétrico que chegue. Ou a

coisa é reduzida a uma névoa de poeira no ar ou escorre pelo chão.” A fim de evitar o esmagamento de telefones com sua força incalculável, o OT providencia uma ação automática para que não precise pegar o receptor. “O telefone toca, salta[32] no ar, e ele fala. Em outras palavras, por uma intenção involuntária, o telefone paira no ar.” A promessa de servir-se de tais poderes era fascinante.

Levando uma pasta vazia, Haggis foi ao prédio da Advanced Organization em Los Angeles, onde ficava o material dos OT III. Um supervisor lhe entregou um envelope de papel manilha. Haggis trancou-o na pasta, que foi atada ao seu braço. Em seguida, entrou numa sala de estudo segura e trancou a porta. Até que enfim ele poderia examinar os mais elevados mistérios da religião, revelados em algumas páginas na caligrafia de Hubbard. Depois de uns minutos, Haggis voltou ao supervisor.

“Não entendi”, disse Haggis.

“Conhece as palavras?”

“Conheço as palavras, mas não entendi.”

“Volte e releia”, sugeriu o supervisor.

Haggis seguiu o conselho. Dali a pouco, voltou. “É uma metáfora?”, perguntou.

“Não”, respondeu o supervisor. “É o que é. Execute as ações requeridas.”

Talvez seja um teste de sanidade, Haggis pensou. Se você acreditar, será automaticamente expulso. Ele refletiu sobre essa possibilidade. Mas, quando tornou a ler, decidiu: “Isto é loucura”.

---

a Foi depois espetacularmente reformado e se transformou no principal Centro de Celebridades da cientologia.

b Hubbard algumas vezes depreciou o uso do termo “detector de *mentiras*” associado ao E-meter. “Em primeiro lugar, ele não detecta mentiras, e em segundo a polícia conhece muito pouco sobre a mente humana para saber se seu instrumento realmente foi preciso. Tais instrumentos deveriam ser chamados de ‘detectores emocionais’” (Hubbard, “Electropsychometric auditing operator’s manual”, 1952). Segundo David S. Touretsky, professor e pesquisador de ciência da computação na Universidade Carnegie Mellon (e destacado crítico da cientologia), os chamados “pensamentos são, na verdade, padrões fugazes de atividade química e elétrica em nosso cérebro”, e não possuem massa. “O aparelho medidor é mais um acessório ou talismã que um instrumento aferidor. Interpretar movimentos de uma agulha é como ler folhas de chá. Um bom vidente capta uma porção de pistas subliminares que lhe permitem ‘ler’ seu cliente enquanto as folhas de chá dão a este alguma coisa em que se concentrar. E o cliente está interessadíssimo em acreditar que o

auditor e o medidor são eficazes, de modo que o sistema se reforça mutuamente.” O E-meter mede a resistência da pele, como um detector de mentiras. “Reações emocionais fortes causam realmente mudanças na tensão muscular ou microtremores nos dedos que também acarretam mudanças na corrente que flui para o medidor; portanto ele não está puramente medindo as mudanças fisiológicas associadas à resistência da pele como um verdadeiro detector de mentiras faria. (E os verdadeiros detectores de mentira também levam em conta outras variáveis, como a pulsação e o ritmo respiratório).” (David Touretsky, correspondência pessoal).

2. Fonte

As numerosas divergências entre a lenda e a vida de Hubbard eclipsam o fato de que ele realmente foi um homem fascinante: explorador, escritor de sucesso e fundador de um movimento religioso de alcance global. A briga entre cientologistas e anticientologistas por conta da biografia de Hubbard criou dois arquétipos exagerados: a pessoa mais importante de todos os tempos e o maior vigarista do mundo. O próprio Hubbard parecia orbitar em torno desse eixo, constantemente inflando suas verdadeiras realizações de um jeito que facilitava aos críticos desbancá-las. Mas rotulá-lo como pura fraude é desconsiderar as características complexas, sedutoras, ilusivas e visionárias de sua personalidade que o tornavam tão magnético para os milhares de pessoas que o seguiam e os milhões que liam suas obras. Também seria preciso desconsiderar a labuta de toda uma vida para criar a complexa e minuciosa epistemologia que enredou tantos em sua rede, incluindo, com destaque, o próprio Hubbard.

Lafayette Ronald Hubbard nasceu em 1911 em Tilden, Nebraska, uma criança notável, alegre, de olhos cinzentos e cabelos ruivos. Seu pai, Harry Ross "Hub" Hubbard, servia na Marinha quando conheceu Ledora May Waterbury, que estudava para ser professora em Omaha. Casaram-se em 1909. Na época em que seu único filho nasceu, dois anos depois, Hub deixara a Marinha e trabalhava no departamento de publicidade de um jornal de Omaha. May voltou à sua cidade natal, Tilden, para dar à luz.

Quando Ron tinha dois anos, a família se mudou para Helena, em Montana, uma cidade ocupada na mineração de ouro e famosa em todo o Oeste americano por seus milionários e prostitutas. Era também a capital de seu estado de fronteira. Hub dirigia o Family Theater, um estabelecimento que, apesar do nome, dividia um prédio no centro da cidade com dois bordéis.[1] Ron adorava assistir aos espetáculos de variedades apresentados na casa, mas o negócio fechou depois que um teatro maior foi aberto na vizinhança.

Os avós maternos de Ron moravam ali perto. Lafayette Waterbury[2] era veterinário e um cavaleiro respeitado. Era louco por seu neto de cabelos ruivos. "Eu montava potro chucro[3] aos três anos e meio", gabou-se Hubbard mais tarde. Ele supostamente começou a ler nessa mesma idade precoce e, segundo a igreja,

“logo estava devorando estantes de clássicos,[4] entre eles boa parte da filosofia ocidental, os pilares da literatura inglesa e, notavelmente, os ensaios de Sigmund Freud”.

Quando os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial, em 1917, o pai de Hubbard decidiu se realistar na Marinha. Ledora conseguiu um emprego no estado de Montana e se mudou com Ron, então com seis anos, para a casa dos pais, que estavam morando em Helena. Terminada a guerra, Hub decidiu fazer carreira na Marinha, e a família Hubbard se lançou na vida itinerante dos militares.

A família de Hubbard era metodista.[5] “Muitos membros da minha[6] família com quem fui criado eram cristãos devotos, e meu avô era ateu devoto”, ele comentou numa ocasião. Ron seguiu seu próprio caminho excêntrico. Durante toda a sua juventude, foi fascinado por xamãs e ilusionistas de palco. Quando menino em Montana, ele diz, um ancião curandeiro chamado Velho Tom Penas Loucas tornou-o irmão de sangue dos índios pés pretos. Hubbard afirma que o Velho Tom fazia exibições de mágica saltando, sentado, a uma altura de quatro metros e pousando no alto de sua tenda. “Aprendi há muito tempo”,[7] Hubbard observa, “que um homem tem seus critérios de credulidade, e, quando a realidade os contradiz, ele se sente desafiado.”

Um momento notável da narrativa de Hubbard é a viagem de 11 mil quilômetros que ele fez de Seattle, passando pelo canal do Panamá, até a capital, Washington, para onde seu pai fora designado. Entre os passageiros estava o comandante Joseph C. “Snake” Thompson,[8] do corpo médico da Marinha dos Estados Unidos. Neurocirurgião, naturalista e ex-espião, Thompson causou uma vívida impressão no rapaz. Tempos depois, Hubbard recordou:

> Ele era um homem muito desleixado.[9] Adormecia lendo um livro e, quando acordava, simplesmente se levantava e nem se dava ao trabalho de passar e trocar a farda. E ele estava sempre às turras com o Departamento da Marinha […] Mas era amigo pessoal de Sigmund Freud. […] Quando me viu ali, uma figurinha indefesa, e não havia nada para fazer naquela condução grande numa viagem muito longa, começou a fazer minha cabeça.

Sem dúvida o comandante entreteve o jovem Hubbard com histórias de suas aventuras como espião no Extremo Oriente. Criado no Japão pelo pai missionário, Thompson falava fluentemente o japonês. Passara boa parte do começo de sua carreira militar perambulando pela Ásia, apresentando-se como herpetologista à procura de serpentes raras enquanto secretamente obtinha informações estratégicas e mapeava possíveis rotas de invasão. Hubbard contou depois:

> O que me impressionava era que ele tinha um gato chamado Psycho. Ele tinha um rabo torto, o que já

> basta para impressionar qualquer rapazinho. E o gato fazia truques. E a primeira coisa que Thompson fez foi me ensinar a treinar gatos. Mas isso demora tanto, e requer tanta paciência, que até hoje nunca treinei um gato. Você tem que esperar, evidentemente, até o gato fazer alguma coisa, e então o aplaude. Mas ficar esperando que um gato chamado Psycho faça alguma coisa…

Uma das máximas de Thompson era “Se não for verdade para você, não é verdade”. Ele disse ao jovem Hubbard que essa era uma frase de Gautama Sidharta, o Buda. Hubbard adorou. “Se há alguém neste mundo feito para acreditar no que quer acreditar e rejeitar o que não quer, esse alguém sou eu.”

Thompson acabara de voltar de Viena, onde a Marinha o mandara para estudar sob orientação de Freud. “Eu era um garoto,[10] e o comandante Thompson não tinha filho homem, e a gente se deu muito bem”, Hubbard relembra numa de suas palestras. “O que deu na cabeça dele para começar a incutir Freud na minha, eu não sei, mas foi o que ele fez. E eu queria muito dar sequência àquele trabalho — queria muito. Não tive chance. Meu pai […] disse ‘Filho, você vai ser engenheiro’.”

Thompson estava prestes a publicar uma resenha sobre literatura psicanalítica no *United States Naval Medical Bulletin*; talvez até estivesse trabalhando nela durante essa viagem a Washington, e sem dúvida serviu-se das ideias refletidas em seu artigo quando explicou a Hubbard os fundamentos da teoria freudiana. “O homem tem dois instintos[11] fundamentais, a autopreservação e a propagação da raça”, escreve Thompson na resenha. “A emoção mais importante do impulso da autopreservação é a fome. A única emoção do impulso da propagação da raça é a libido.” A psicanálise, Tom explica, é a “técnica” de descobrir motivações inconscientes que prejudicam a saúde ou a felicidade do indivíduo. Assim que o paciente compreende os motivos por trás de seu comportamento neurótico, seus sintomas automaticamente desaparecem. “Essa descoberta do motivo oculto não consiste meramente em explicar ao paciente o mecanismo de seu problema. A compreensão provém somente da técnica analítica da livre associação e da subsequente síntese racional.” Muitas dessas ideias estão profundamente implantadas nos princípios da dianética, a base da filosofia hubbardiana da natureza humana, que antecedeu a criação da cientologia.

Em 1927 o pai de Hubbard foi enviado para Guam e Ledora o acompanhou, deixando Ron aos cuidados dos avós. Para um homem loquaz como veio a ser L. Ron Hubbard, são raras as reflexões que ele faz sobre seus pais, quase a ponto de omiti-los em sua biografia. A história que Hubbard contou sobre si mesmo passa a impressão de que ele foi um órfão que inventou seu próprio caminho no mundo. Uma de suas amantes revelou mais tarde que Hubbard descreveu sua mãe como lésbica e disse que um dia a encontrou na cama com uma mulher. “Eu

nunca sabia em que acreditar”,[12] admitiu essa amante.

Hubbard viajou duas vezes para visitar seus pais em Guam. Uma das viagens incluiu uma escala na China, onde ele supostamente iniciou seu estudo de religiões orientais depois de encontrar mágicos e homens santos. Segundo a narrativa da igreja, “ele enfrentou bravamente tufões[13] a bordo de uma escuna comercial até finalmente atracar na costa da China […] prosseguiu para o interior até por fim se aventurar no âmago de lamaserias budistas proibidas”. Observou monges meditando “semanas a fio”.[14] Aonde quer que fosse, segundo a narrativa, o adolescente Hubbard se preocupava com uma questão fundamental: “‘Por quê?’ Por que tanto[15] sofrimento e infortúnio? Por que o homem, com toda a sua sabedoria ancestral e conhecimento acumulado em textos eruditos e templos, é incapaz de resolver problemas básicos como a guerra, a insanidade, a infelicidade?”.

Na verdade, os diários que Hubbard escreveu nessa época não tratam dessas questões filosóficas. Sua viagem à China, organizada pela Associação Cristã de Moços, durou apenas dez dias. Ele foi com os pais, embora não os mencione em seus diários. Encontrou monges, é verdade, e anotou que eles coaxavam como sapos. Seus diários refletem a mente de um jovem imperialista em formação, que se arroga uma autoridade imerecida sobre uma cultura que lhe é exótica e desconhecida. “A própria natureza do chinês[16] tolhe-o”, observa Hubbard no navio durante seu regresso a Guam. “O problema da China é toda essa chinesada.”

Os diários fornecem o perfil de um escritor adolescente a ensaiar seu futuro ofício, catalogando ideias de roteiros como “um jovem americano na Índia com um exército organizado para alugar aos vários rajás”, ele escreve. “Complicações usuais da trama.” Outra ideia: “História de amor. Vai para a França. Enfrenta um vagalhão em Marselha”. Hesitante, ele tenta encontrar sua voz. “Rex Fraser subiu a colina, ajeitou o chapéu mais firmemente contra o vento e fitou de olhos semicerrados o amontoado de barracos sem pintura lá embaixo. ‘Então, isso’, disse ao cavalo, ‘é a cidade de Montana.’”

Hubbard entrou para a Faculdade de Engenharia da Universidade George Washington no outono de 1930. Era mau aluno — foi reprovado em alemão e cálculo —, mas se destacava em atividades extracurriculares. Começou a escrever para o jornal da faculdade. Uma nova revista literária da Universidade George Washington serviu de veículo para suas primeiras obras de ficção. Ele se tornou diretor do clube de planadores, um novo passatempo emocionante que estava entrando na moda (a licença de Hubbard para pilotar>[17] planadores tem o número 385). O estudo da engenharia ficou em segundo plano, como evidenciam

suas péssimas notas.

Em setembro de 1931, Hubbard e seu amigo Philip "Flip" Browning tiraram algumas semanas de folga para passear pelo Meio-Oeste americano num biplano Arrow Sport. "Embrulhamos cuidadosamente[18] nossa 'bagagem', jogamos fora o extintor de incêndio para economizar meio cavalo-vapor, remendamos um buraco na asa superior e partimos para sobrevoar quatro ou cinco estados tendo o vento como nossa única bússola", escreve Hubbard. Nessa época ele cismara em chamar a si mesmo de "Flash".

O relato de Hubbard sobre essa aventura, "Tailwind Willies", foi sua primeira história publicada comercialmente, lançada na edição de janeiro de 1932 da revista *The Sportsman Pilot.* Esse foi o início de uma carreira sem precedentes. (Ele publicaria mais livros que qualquer outro autor, segundo o *Guiness World Records*, com 1084 títulos.)

Na primavera de 1932, no auge da Grande Depressão, Hubbard se lançou num empreendimento que mostrava muitas características de suas futuras iniciativas. Publicou um anúncio em vários campi universitários: "Procuram-se rapazes de espírito inquieto[19] com sede de viajar, para a Expedição Cinematográfica pelo Caribe. Preço por candidato: 250 dólares, que devem ser pagos nas docas em Baltimore antes de zarpar. Imprescindível ser sadio, confiável, versátil, imaginativo e intrépido. Inútil se candidatarem filhinhos de papai e turistas". Os objetivos da expedição eram diversificados e ambiciosos: principalmente fazer cinejornais para a Fox Movietone e a Pathé News, e ao mesmo tempo conhecer redutos de piratas no Caribe e ritos de vodu no Haiti. Havia também vagos planos de "coletar o que for coletável[20] para exposições em museus".

"É difícil, em qualquer época, reconhecer um messias em formação", escreveu um daqueles jovens, James S. Free, jornalista que se candidatou à expedição. Ele tinha 23 anos, dois a mais que Hubbard. Ambos seriam parceiros na aventura junto com Phil Browning, o velho amigo de pilotagem de Hubbard. "Não posso dizer que percebi de antemão que meu futuro parceiro de negócio possuía o ego e os talentos que mais tarde serviriam de base para sua própria religião particular", Free anotou num caderno que ele intitulou "Pré-estreia de um messias".

Hubbard estava morando com os pais em Washington quando Free chegou. "Ron me apresentou à mãe dele, cujos longos cabelos castanho-claros pareciam escuros ao lado do fulgor avermelhado da cabeleira e do rosto do filho", escreveu Fred num dos poucos registros da verdadeira relação entre Hubbard e sua mãe. "Eu me recordo de pouca coisa sobre ela, exceto que, como seu marido, o tenente da Marinha Henry Ross Hubbard, ela claramente adorava o jovem Ron

e o considerava um gênio em formação.”

Hubbard pôs Free a par das novidades. Phil Browning, o outro sócio, desistira na última hora, mas conseguira pegar emprestados alguns equipamentos de laboratório da Universidade de Michigan; enquanto isso, Hubbard estava negociando com um cinegrafista profissional a filmagem dos ritos de vodu “e esse tipo de material vendável”. Graças aos esforços de Free para recrutar mais de vinte novos membros para a expedição, disse Hubbard, “temos dinheiro suficiente para seguir em frente”.

A viagem foi calamitosa desde o início. Vários dos “bucaneiros” que se alistaram desistiram na última hora, mas 56 universitários inexperientes sem a menor ideia do que estavam fazendo subiram a bordo da antiquada escuna de quatro mastros *Doris Hamlin.* A aventura começou com a *Doris Hamlin* precisando ser rebocada para fora da baía de Baltimore por falta de vento. Esse quase foi o fim[21] da expedição, pois o rebocador puxava a embarcação na direção do mar aberto enquanto ela ainda estava amarrada à doca. Uma vez no Atlântico, a escuna ora enfrentava calmaria em águas geladas, ora era sacudida pelo mar encapelado. As velas mestras foram levadas pelo vento durante uma tempestade quando a expedição se dirigia para St. Thomas. O enjoo marítimo grassava. Em cada porto desertavam mais membros da nauseada tripulação. A única filmagem que fizeram foi de uma confusa briga de galos na Martinica.

Logo ficou claro[22] que a expedição estava falida. Não havia carne nem frutas, e a tripulação logo se viu obrigada a comprar sua própria comida no porto. Hubbard não tinha dinheiro para pagar os únicos marinheiros profissionais do navio — o capitão, o imediato e o cozinheiro —, por isso ofereceu ações do empreendimento a seus companheiros da tripulação e pediu dinheiro emprestado a outros. Obteve setecentos ou oitocentos dólares[23] desse modo, e pôde então zarpar para as Bermudas, onde encalhou no mar de Sargaços por quatro dias.

Uma noite, depois de um parco jantar, George Blakeslee, que fora trazido como fotógrafo, exasperou-se. “Dei um laço numa corda,[24] e todo mundo teve a mesma ideia”, ele escreveu em seu diário. “Fizemos uma efígie de Hubbard e a amarramos no ovém. Pusemos um pedaço de pano vermelho na cabeça e os dizeres ‘Nosso ruivo _____!’.” Hubbard permaneceu em sua cabine depois disso.

O capitão, furioso, telegrafou pedindo dinheiro e conduziu o navio para Baltimore, declarando a expedição “a pior e a mais desagradável[25] que já fiz”. Hubbard não estava a bordo quando o “navio azarado”, como o chamava a imprensa local, entrou discretamente em seu porto de origem. Foi visto pela última vez em Porto Rico, escapulindo com uma mala em cada mão.

Em alguns aspectos, Hubbard descobriu a si mesmo nessa malfadada viagem, que ele chamou de “aventura gloriosa”.[26] Sua paixão pelo cinema se revelou durante a jornada, ainda que ele não tenha feito nenhum filme digno de nota. Apesar das deserções, Hubbard demonstrou uma capacidade impressionante de convocar outros para acompanhá-lo no que era claramente uma iniciativa periclitante. Ao longo de toda a sua vida, ele arregimentaria pessoas, especialmente jovens, em projetos ousados e mal concebidos, muitos deles no mar, onde ele ficava fora do alcance dos oficiais de Justiça. Ele começava a se inventar como líder carismático. A grandiosidade de seu projeto ainda não estava evidente, nem mesmo para ele, mas na Expedição Cinematográfica pelo Caribe ele claramente se definiu como explorador, navegador, cineasta e líder de homens, apesar do fracasso colossal em cada uma dessas categorias. Hubbard possuía uma incorrigível capacidade de passar por cima dos fatos e extrair de suas experiências lições que outros considerariam irracionais ou mesmo bizarras. Por hábito, e talvez inconscientemente, Hubbard preenchia essa lacuna entre a realidade e a interpretação dela com mitologia. Essa foi a fonte do que alguns chamam de gênio, outros de insanidade.

Aos 23 anos Hubbard se casou com Margaret Louise Grubb, uma aspirante a aviadora quatro anos mais velha que ele. Hubbard a chamava de Polly. Amelia Earhart acabara de se consagrar como a primeira mulher a atravessar o Atlântico em voo solo, inspirando muitas jovens que desejavam seguir seu exemplo. Embora Polly nunca viesse a obter a licença para pilotar, não é de surpreender que se deixasse atrair pela personalidade intrépida de Ron e por seus relatos de aventuras mirabolantes. O casal foi morar numa cidadezinha de Maryland, perto da fazenda da família dela. Ron estava tentando ganhar a vida como escritor profissional, mas nessa época, fins de 1933, tinha apenas meia dúzia de artigos publicados. Logo Polly engravidou, e Ron teve de encontrar depressa um modo de prover o sustento da família.

O termo *pulp fiction* deriva da massa [*pulp*] de papel barato usada para imprimir as chamativas revistas que se popularizaram nos Estados Unidos durante a Depressão: *Weird Tales*, *Black Mask*, *Argosy*, *Magic Carpet*, entre outras. A remuneração dos colaboradores era irrisória, em geral um centavo por palavra. Para preencher as 128 páginas[27] usuais, cada revista desse gênero requeria 65 mil palavras; assim, a cota anual para preencher as 150 *pulps* semanais, quinzenais e mensais que abarrotavam as bancas em 1934 era de aproximadamente 195 milhões de palavras. Muitos escritores bem conhecidos começaram a carreira alimentando essa bocarra, entre eles Dashiell Hammett, H. P. Lovecraft, Erle Stanley Gardner, Raymond Chandler, Ray Bradbury e Edgar

Rice Burroughs. As *pulps* sustentavam gêneros que talvez não fossem novos, mas que até então nunca se haviam expressado com tanto alarde e abundância.

As peripécias da vida real de Hubbard pareciam esplendidamente apropriadas a esse tipo de literatura. Sua primeira história *pulp*, "The Green God" [O deus verde], publicada em 1934 na *Thrilling Adventures*, fala sobre um oficial da inteligência naval (possivelmente baseado em Snake Thompson) que foi torturado e enterrado vivo na China. "Maybe because…!" [Talvez porque…!], publicada em *Cowboy Stories*, foi a primeira das 47 histórias de Hubbard ambientadas no Velho Oeste, e deve ter sido inspirada em sua infância em Montana. Mas logo ele estava publicando histórias de submarinos e zumbis, contos ambientados na Rússia ou no Marrocos. A trama era só o que interessava de fato, e a assombrosa inventividade de Hubbard prontamente coloria a tela. O sucesso nas *pulps* dependia de rapidez e imaginação, qualidades que Hubbard tinha de sobra. A igreja estima que entre 1934 e 1936 ele tenha produzido 100 mil palavras[28] de ficção por mês. Escrevia tão rápido que começou a datilografar num rolo de papel de embrulho[29] para poupar tempo. Quando concluía uma história, ele cortava o papel usando um esquadro e a mandava pelo correio à editora. Como as revistas não queriam que um autor aparecesse mais de uma vez na mesma edição, Hubbard adotou pseudônimos: Mr. Spectator, Capt. Humbert Reynolds, Rene Lafayette, Winchester Remington Colt *etc.* Ele acumulou uns vinte pseudônimos no decorrer dos anos. Hubbard disse que, quando escrevia suas histórias, simplesmente "rodava as imagens" na mente e escrevia o que visualizava o mais rápido possível. Era um ato físico:[30] ele até transpirava enquanto escrevia. Sua filosofia era "rascunho, versão final,[31] porta da rua".

O filho de Ron e Polly, L. Ron Hubbard Jr., nasceu prematuro em 7 de maio de 1934 em Encinitas, Califórnia, onde o casal estava passando férias. O bebê, que eles chamavam de Nibs, pesava pouco mais de um quilo ao nascer. Ron improvisou uma incubadora[32] numa gaveta de armário, com uma lâmpada acesa para mantê-lo aquecido, enquanto Polly alimentava Nibs com um conta-gotas. Dois anos mais tarde, em Nova York, Polly deu à luz uma filha, Katherine May Hubbard, que eles chamavam de Kay.

Em 1936 a família se mudou para Bremerton, Washington, perto da casa dos pais de Ron e também da família de sua mãe, os Waterbury. Eles acolheram carinhosamente Polly e as crianças. Ron estava ganhando o suficiente para comprar uma pequena propriedade rural na vizinha Port Orchard, com uma casa, cinco bangalôs, trezentos metros à beira d'água e vista para o monte Rainier, "o lugar mais lindo[33] que já vi", ele escreveu a seu melhor amigo, Russell Hays, um colega autor de histórias *pulp* que morava no Kansas. Mas Ron passava boa

parte do tempo em Nova York, cultivando contatos profissionais, longe da mulher e dos filhos por longos períodos.

Hubbard sonhava com Hollywood, um amor que seria perene e não correspondido. Apesar de suas tentativas, ele recebia apenas "vagas ofertas"[34] de estúdios para contratos de curto prazo. "Descartei Hollywood",[35] ele se queixou a Hays. "Não tenho charme suficiente." Mas, na primavera[36] de 1937, a Columbia Pictures finalmente escolheu uma das histórias de Hubbard para ser transformada numa série intitulada *O segredo da Ilha do Tesouro.* Hubbard tratou logo de se mudar para Hollywood, esperando finalmente ter sucesso no ramo do cinema. (Tempos depois ele afirmaria[37] ter trabalhado em vários filmes durante essa época, inclusive nos clássicos *No tempo das diligências*, com John Wayne, e *Jornadas heroicas*, com Gary Cooper. Na realidade, nunca recebeu nenhum outro crédito em filmes além dos devidos a *O segredo da Ilha do Tesouro.*) Em meados do verão ele estava de volta à sua fazenda em Washington, culpando a longa jornada de trabalho, a tensão, e os "estúpidos produtores judeus".[38]

Ele voltou à frenética criação de *pulps*, só que agora com um novo tom de cinismo. "Nunca escreva sobre[39] um tipo de personagem que você não consiga encontrar na revista para a qual a história se destina", ele aconselhou a Hays. "Nunca escreva sobre um personagem incomum." O realismo não era vantajoso nesse tipo de obra, ele reclamou, e comentou sobre sua "total incapacidade de vender uma história que tenha alguma ligação com minha formação. […] A realidade parece ser uma quantidade [sic] muito detestada".

Mas, no dia de Ano-Novo de 1938, Hubbard teve a revelação que mudaria sua vida, e por fim a de muitos outros. Durante uma cirurgia odontológica, aplicaram-lhe gás anestésico. "Sob a influência do gás,[40] meu coração deve ter parado de bater", ele relata. "Foi como escorregar atabalhoadamente por um vórtice escarlate e saber que se estava morrendo e que o processo de morrer estava longe de ser agradável." Nesses breves momentos alucinatórios, Hubbard acreditou que os segredos da existência lhe foram revelados acidentalmente. Forrest Ackerman, que depois se tornou seu agente literário, afirmou que Hubbard lhe disse que se levantara da cadeira do dentista sob a forma de espírito, olhara para o que havia sido seu corpo e se perguntara: "Aonde vamos depois daqui?". O espírito desencarnado de Hubbard notou então um imenso portão ornamentado ao longe, e o atravessou flutuando. Do outro lado, conta Ackerman, Hubbard descobriu

> um bufê intelectual composto de tudo o que já intrigara a mente do homem — como tudo começou, para onde vamos, vidas passadas — e, como uma esponja, ele estava absorvendo todas aquelas

> informações esotéricas quando subitamente o ar sibilou e ele ouviu uma voz: “Não, ainda não! Ele não está pronto!”. Como um longo cordão umbilical, ele se sentiu puxado de volta, de volta, de volta. E se deitou em seu corpo, e abriu os olhos, e disse à enfermeira: “Eu estava morto, não estava?”.

A enfermeira olhou assustada,[41] e o dentista a fulminou com o olhar por deixar Hubbard saber o que tinha acontecido.

No relato escrito pelo próprio Hubbard, ele se recorda de vozes gritando “Não deixem que ele saiba!”[42] enquanto ele estava sendo devolvido à vida. Quando recobrou a consciência, estava “ainda em contato com alguma coisa”. A insinuação de que lhe fora dado brevemente o acesso ao mistério divino perdurou por vários dias, mas ele não conseguiu evocá-la novamente. “Mas uma manhã, quando acordei, ela me ocorreu.”

Febrilmente, ele redigiu um livreto que intitulou *Excalibur.* “Era uma vez,[43] segundo um autor das *Mil e Uma Noites*, um ancião muito sábio”, começa o livro, no breve trecho que a igreja publicou dos fragmentos que diz possuir. O ancião, diz a história, escreveu um livro muito longo e douto, mas lhe veio a preocupação de ter escrito demais. “Por isso, ele se sentou por mais dez anos e reduziu o volume original a um décimo do tamanho.” Continuou insatisfeito, e resumiu ainda mais a obra numa única linha, “que continha tudo o que devia ser conhecido”. Ocultou a linha sagrada num nicho na parede. Mas continuava a se perguntar: pode todo o conhecimento humano ser ainda mais destilado?

> Suponha que toda a sabedoria do mundo *fosse* reduzida a apenas uma linha. Suponha que essa linha fosse escrita hoje e entregue a você. Com ela, você compreenderia a base de toda a vida e de todo o esforço. […] *Existe* uma linha, conjurada a partir de um emaranhado de fatos e disponibilizada como uma unidade integrada para explicar essas coisas. Essa linha é a filosofia da filosofia, e desse modo leva todo o assunto de volta à simples e humilde verdade.
>
> Toda vida é dirigida por um comando, e só por ele: SOBREVIVA.

Hubbard enviou eufóricos telegramas a editores de Nova York, convidando-os a ir à estação de trem Penn Station, onde ele leiloaria um manuscrito que mudaria o mundo. Escreveu a Polly: “Tenho grandes esperanças[44] de emplacar meu nome na história tão violentamente que ele assumirá uma forma lendária mesmo se todos os livros forem destruídos”.

Mas *Excalibur* nunca foi publicado, o que suscita uma certa dúvida de que realmente tenha sido escrito. As histórias que Hubbard contou mais tarde sobre o livro aumentaram a impressão de que ele era mais imaginário que real. Hubbard disse que, quando os russos souberam do conteúdo do livro, ofereceram-lhe dinheiro e um laboratório para concluir sua obra. Quando ele recusou, eles roubaram uma cópia do manuscrito no seu quarto de hotel em Miami. Hubbard explicou a seu agente[45] que ele acabou decidindo cancelar a publicação do livro

porque as seis primeiras pessoas que o leram ficaram tão abaladas pelas revelações que perderam a sanidade. A última vez que ele mostrou *Excalibur*[46] a um editor, ele disse, o leitor trouxe o manuscrito para a sala, deixou-o na mesa do editor e pulou pela janela do arranha-céu.

Hubbard, desalentado, voltou às *pulps*. Cinco anos de produção torrencial deixaram-no exausto e amargo. Sua obra era "imprestável",[47] ele admitiu. "Aprendi o suficiente sobre meu ofício, desenvolvi certa técnica", ele escreveu a Hays. "Mas, refreado pelo temor editorial da realidade e estorvado por minha própria revolta, nunca ousei libertar a chama enclausurada, e até agora só exalo a fumaça."

Nesse mesmo ano, Hubbard recebeu a proposta de escrever para uma revista chamada *Astounding Science-Fiction.* O editor, John W. Campbell Jr., na época com 27 anos, encabeçaria o que Hubbard e outros apontariam como a Era de Ouro da Ficção Científica. Um dos muitos jovens escritores brilhantes que seriam atraídos para a órbita de Campbell, Isaac Asimov, descreveu Campbell como "um homem alto e grandalhão[48] de cabelos claros, nariz adunco, rosto largo com lábios finos e uma piteira eternamente presa entre os dentes". Campbell era um autoritário defensor da direita extremista e de todo tipo de charlatanismo, especialmente fenômenos psíquicos. Engrenava monólogos intermináveis, com frequência apregoando ideias perversas, como as vantagens da escravidão, e defendia essas proposições até a exaustão de todos os presentes. "Uma figura degenerada[49] de marcante ferocidade", observou o escritor britânico Kingsley Amis. Por outro lado, Campbell também foi um editor atencioso e engenhoso, que aperfeiçoou escritores inexperientes, como Robert A. Heinlein, cuja primeira obra foi publicada em *Astounding*, e os transformou em ícones culturais.

Para Campbell, a ficção científica era muito mais que diversão literária barata: era profecia. Sua convicção sobre a importância desse gênero acrescentava um fascínio místico ao qual nunca aspiraram as outras formas de *pulp fiction.* Fanzines e clubes de ficção científica,[50] compostos sobretudo de rapazes adolescentes atraídos pela imagem romantizada da ciência, formaram-se em muitas cidades por todo o país; alguns desses fãs se tornariam cientistas importantes, e seu trabalho foi inspirado por ideias que haviam jorrado da mente de escritores como Heinlein, Asimov e Hubbard. "A ficção científica, particularmente[51] em sua Era de Ouro, tinha uma missão", escreve Hubbard. "Levar o homem às estrelas." Ele se considerava bem preparado para esse ramo. "Eu tinha alguma formação científica,[52] havia feito um trabalho pioneiro com foguetes e gases liquefeitos."

Hubbard descobriu seus maiores talentos de escritor na área da ficção científica, um gênero mais amplo e intelectualmente muito mais estimulante que westerns ou historietas de aventura. A ficção científica convida o escritor a explorar ambiciosamente mundos alternativos e suscita questões sobre significado e destino. Inventar novas realidades plausíveis é a meta desse gênero. O autor parte de uma hipótese e constrói a lógica, acrescentando detalhes e incidentes para dar substância a estruturas imaginárias. Nesse aspecto, a ficção científica e a teologia têm muito em comum. Alguns dos segredos mais bem guardados da cientologia foram originalmente publicados com outras roupagens na ficção científica de Hubbard.

Decerto a mesma mente que vagueava tão livre por universos imaginários poderia ser propensa a olhar o mundo cotidiano e suspeitar que havia algo mais por trás da realidade superficial. A ampla tela da ficção científica permitiu a Hubbard pensar em larga escala sobre a condição humana. Ele era ousado. Era imaginativo. Tinha facilidade para inventar um universo elaborado plausível. Mas uma coisa é infundir credibilidade nesse universo, e outra é acreditar nele. Essa é a diferença entre arte e religião.

Hubbard agora tinha duas vidas: uma na fazenda de Port Orchard, na companhia de seus pais, Polly e as crianças; a outra em Nova York, onde ele alugava um apartamento no Upper West Side. A cidade o recompensava com o reconhecimento pelo qual ele ansiava. Hubbard almoçava frequentemente no Hotel Knickerbocker com seus colegas da American Fiction Guild, onde trocava ideias e batia papo com editores. Ele também se tornou membro do prestigioso Explorers Club, o que adicionava credibilidade às histórias de aventuras que ele vivia contando.

"Aproximando-se da casa dos trinta[53] anos, Hubbard era um homem alto e bem constituído de cabelos muito ruivos, tez clara e rosto com nariz alongado que lhe dava o ar de um Pã reencarnado", recordou um colega escritor de ficção científica, L. Sprague de Camp. "Fez no seu apartamento em Nova York um cubículo acortinado do tamanho de uma cabine telefônica iluminado por uma lâmpada azul, onde podia trabalhar depressa sem distrações."

A distância continental que o separava da mulher dava a Hubbard a oportunidade de cortejar outras, o que ele fazia tão abertamente que assombrava seus colegas escritores. Ron culpava Polly por pular a cerca. "Por causa de sua frigidez[54] física, da falsidade, de seus fingimentos, eu me considerava quase um eunuco", ele contou alguns anos depois numa autobiografia privada (que a igreja contesta).

> Quando descobri que era atraente para outras mulheres, tive muitos casos. Mas meu fracasso em satisfazer Polly sempre me fez dar tanta atenção à minha companheira do momento que eu mesmo tinha pouco prazer. Essa foi uma neurose de ansiedade que tolheu minhas capacidades naturais.

Uma dessas parceiras momentâneas se chamava Helen. “Eu a amava, e ela me amava”,[55] Hubbard recordou. “O relacionamento teria durado se Polly não descobrisse.”[56] Polly encontrou duas cartas a mulheres diferentes que Hubbard deixara na caixa de correspondência quando estivera em Port Orchard; ela leu as cartas e, maliciosamente, trocou os envelopes e os devolveu ao correio. Ron e Polly ficaram sem se falar por uns tempos.

Pelo visto, reconciliaram-se em 1940, pois viajaram juntos até o Alasca na *Magician*, sua chalupa de nove metros, que eles chamavam de *Maggie*. Deixaram as crianças com parentes durante os vários meses em que se ausentaram. Hubbard chamou essa viagem de Expedição Radioexperimental ao Alasca, o que lhe deu o direito de hastear a bandeira do Explorers Club. O objetivo declarado era reescrever o guia de navegação da costa do Alasca usando novas técnicas de rádio. Mas, quando o motor quebrou em Ketchikan, ele declarou a um jornal local que o objetivo era “duplo: um, ganhar[57] uma aposta, e outro, reunir material para um romance sobre a pesca do salmão do Alasca”. Alguns amigos, Hubbard contou, haviam apostado que seu barco era pequeno demais para aquela jornada, e ele decidira provar que estavam errados.

Enquanto estavam parados[58] em Ketchikan à espera de um novo eixo de manivela para o motor da chalupa, Hubbard passou várias semanas regalando os ouvintes da rádio KGBU local com relatos de suas aventuras; por exemplo, como ele havia localizado um agente alemão que tinha sido mandado ao Alasca com ordens para cortar as comunicações em caso de guerra, e como, durante uma pescaria, ele laçara um urso-pardo, que acabou subindo no barco.

Quando o eixo finalmente chegou, Ron e Polly voltaram para casa. Chegaram alguns dias depois do Natal de 1940, passados quase seis meses desde sua partida. As realizações tinham sido poucas. “Mas, no decorrer de tudo isso”,[59] diz a narrativa da igreja, “o sr. Hubbard prosseguiu em sua busca da resposta para os enigmas do homem.”

As narrativas concorrentes da vida de Hubbard chegam a um ponto crucial na discórdia em torno de sua folha de serviços na Marinha dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e dos ferimentos que ele supostamente sofrera. Hubbard certamente ansiou por uma carreira militar, mas foi reprovado no exame de admissão[60] da Academia Naval dos Estados Unidos, além de não se qualificar por problemas de visão. Ele mentiu sobre sua idade,

desnecessariamente, quando se alistou no Corpo de Reserva dos Fuzileiros Navais em 1930, declarando-se nascido dois anos antes da verdadeira data. Esse estratagema, porém, pode tê-lo ajudado a ser promovido a primeiro-sargento antes de seus contemporâneos. Sua folha de serviços oficial informa que ele foi "inativo, exceto por um período de serviço ativo para treinamento". Ele solicitou dispensa no ano seguinte, alegando: "Não tenho tempo[61] para me dedicar ao bem-estar do Regimento".

Entretanto, meses antes de Pearl Harbor, Hubbard estava novamente mexendo os pauzinhos para conseguir um posto na Marinha. Reuniu recomendações, inclusive uma de seu deputado, Warren G. Magnuson, que escreveu ao presidente Franklin Roosevelt elogiando o "capitão" Hubbard, "escritor renomado"[62] e "explorador respeitado", autor de "artigos navais especializados sobre mais tipos de embarcações que qualquer outro homem nos Estados Unidos. […] Em organizações de escritores, ele é figura fundamental, o que lhe dá força política de alcance nacional". Conclui o deputado: "Uma característica interessante é sua aversão à publicidade pessoal". O senador Robert M. Ford, de Washington, pôs seu nome em outra carta de recomendação que o próprio Hubbard redigiu: "Venho por meio desta apresentar o homem mais brilhante[63] que já conheci: o capitão L. Ron Hubbard".

Em abril de 1941, sua visão deficiente acarretou nova reprovação no exame físico. Mas, com os submarinos alemães atacando as embarcações americanas no Atlântico Norte, e até nas águas costeiras dos Estados Unidos, o presidente Roosevelt decretou estado de emergência nacional, e as deficiências físicas de Hubbard subitamente foram desconsideradas. Ele foi aceito na Reserva Naval como subtenente em julho de 1941.

Hubbard diz ter entrado em ação[64] imediatamente. Conta que embarcou num destróier, o *Edsall*, que foi afundado na costa norte de Java. Toda a tripulação pereceu, exceto Hubbard, que conseguiu chegar a terra firme e desaparecer na selva. É lá que ele diz ter estado quando os japoneses bombardearam Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941. (Na verdade, o *Edsall* só foi afundado em março de 1942.) Hubbard diz que escapou das metralhadoras de uma patrulha japonesa enquanto esteve escondido na região, e por fim partiu numa jangada para a Austrália. Em outro lugar, Hubbard afirmou que foi mandado para as Filipinas no início da guerra com o Japão, e então enviado de volta para seu país no avião particular do secretário da Marinha na primavera de 1942, como "a primeira baixa dos Estados Unidos[65] que voltou do Extremo Oriente".

Entretanto, registros da Marinha revelam que Hubbard estava em treinamento como oficial da inteligência em Nova York quando a guerra eclodiu. Ele

realmente deveria ser mandado para as Filipinas, mas seu navio foi desviado na Austrália em razão do avassalador avanço dos japoneses no Pacífico. Ali ele aguardou outro transporte para Manila, mas imediatamente irritou o adido naval americano. “Assumindo uma autoridade indevida[66] e tentando desempenhar tarefas para as quais não tinha qualificação, ele causou muitos problemas”, queixou-se o adido. “Esse oficial não é satisfatório para missões independentes. É tagarela e tenta se fazer de importante.” O adido mandou Hubbard de volta para os Estados Unidos para que o alocassem em alguma outra parte.

Hubbard se viu de volta a Nova York, trabalhando no escritório do censor de cabogramas. Ele batalhou por um posto a bordo de um navio, e lhe deram a oportunidade de comandar uma traineira que fora convertida em canhoneira, a *YP-422*,[67] destinada à patrulha costeira. Assim que entrou no estaleiro da Marinha em Boston,[68] Ron se defrontou com cerca de uma centena de homens alistados, recém-saídos da prisão naval de Portsmouth em New Hampshire, diz a narrativa da igreja. “Um bando de caras de assassino, foi a impressão inicial de Ron, ‘de galões encardidos e redes pretas de sujeira’. Quando investigou mais a fundo, ele descobriu que nenhum deles subira a bordo com outro objetivo além de se safar da prisão.” Hubbard supostamente passou seis semanas treinando essa tripulação de detentos e a transformou numa esplêndida unidade de combate, “com cerca de setenta ataques de carga de profundidade[69] e nenhuma baixa sequer”. Contudo, segundo os registros navais, ele foi destituído do comando antes mesmo de a embarcação zarpar, pelo comandante do estaleiro naval de Boston, que o declarou “de temperamento inadequado[70] para o comando independente”. Não há registro de que Hubbard tenha participado de alguma ação no Atlântico em época nenhuma.

A Marinha despachou Hubbard para o Centro de Treinamento de Caça-Submarino em Miami. Ele chegou de óculos escuros,[71] provavelmente em razão de uma conjuntivite que o afligiu durante toda a guerra e depois dela, mas explicou a outro jovem oficial, Thomas Moulton, que permanecera próximo demais de um canhão de grosso calibre enquanto servia como oficial de artilharia num destróier no Pacífico, e o clarão dos disparos danificara seus olhos. Os colegas de Hubbard na escola de caça-submarino consideravam-no um entendido, por causa de suas aventuras durante a guerra. A relutância dele em se gabar só fazia aumentar a admiração.

Durante a estada em Miami, Hubbard contraiu gonorreia de uma mulher chamada Ginger. “Ela era uma pessoa muito dissoluta”,[72] ele confidenciou em sua contestada autobiografia secreta. “Fiquei apavorado, as consequências se minha mulher descobrisse, a Marinha, meus amigos. […] Comecei a me medicar

com sulfa em tais quantidades que temia ter afetado meu cérebro.”

Doenças venéreas eram um mal comum em tempo de guerra, e os soldados eram constantemente alertados sobre os perigos de romances casuais. Embora na prática as relações sexuais dos americanos fossem mais livres do que a cultura popular admitia na época, o divórcio ainda era acentuadamente estigmatizado; apesar disso, na juventude Hubbard parece ter sido constantemente impelido para ligações e seduções descuidadas que destruiriam seu casamento e o indisporiam com seus filhos (ele seria pai de sete, com três esposas). Ele admitiu em sua autobiografia contestada que tinha surtos de impotência, os quais aparentemente tratava com testosterona. Também escreveu sobre suas preocupações com a masturbação, que na época era considerada sinal de fraqueza moral, possivelmente conducente a muitos males físicos, como fraqueza visual, impotência e insanidade.

Hubbard finalmente recebeu[73] o comando de outra embarcação, a corveta *PC-815*, e requisitou Moulton para seguir com ele como seu oficial executivo. O navio estava sendo construído em Portland, Oregon, e, quando finalmente foi posto em serviço, em abril de 1943, o jornal local noticiou o fato e descreveu Hubbard como “capitão de corveta” (na verdade ele ainda não era sequer tenente), um “veterano caçador de submarinos das batalhas no Pacífico e no Atlântico”. Uma foto mostra Hubbard e Moulton defronte à pequena corveta, que era mais apropriada à patrulha da baía. Hubbard, com uma expressão resoluta, está de óculos, segurando um cachimbo, o colarinho do jaquetão erguido. “Essas belezinhas[74] são difíceis”, ele comentou sobre a corveta. “Poderiam baixar o topete de qualquer coisa que Nelson ou Farragut já comandaram. Combatem como nenhuma outra e são a única resposta à ameaça dos submarinos. Digo e repito que o futuro dos Estados Unidos depende justamente dessas embarcações de escolta.”

Vale a pena nos determos por uns momentos e analisar essa declaração exagerada. A linguagem de roteiro poderia muito bem ter sido extraída de um dos heróis *pulp fiction* hubbardianos. Ele provavelmente ansiou por ser uma figura como essa na vida real, mas só conseguia estorvar seus planos com frequentes entreveros com seus superiores. Cada detalhe oferecido por Hubbard — comparar-se vantajosamente com grandes heróis navais da história, asseverar que ele tinha o futuro da nação nas mãos — atesta sua necessidade de grandiosidade e heroísmo, ou pelo menos de ser visto como grandioso e heroico. Não demorou a surgir uma oportunidade para isso.

A *PC-815* era equipada com cargas de profundidade e sonar para detectar submarinos inimigos. O sonar emite sons de alta frequência que, em águas

livres, não obtêm resposta, mas geram ecos quando encontram obstáculos, como um submarino, peixes, detritos ou até cardumes de camarões. A arte de interpretar essas respostas é complexa, e, embora Hubbard houvesse recebido treinamento em manejo do sonar na escola de caça-submarino, fora quase o último da classe.[75]

Ele zarpou em 18 de maio de Astoria, Oregon, na viagem experimental. Foi para San Diego, pegar equipamento de radar. Às 3h40, apenas cinco horas depois de sair do porto, o sonar captou um eco a dezesseis quilômetros do cabo Lookout, numa rota de navios bastante movimentada. Hubbard e Moulton imediatamente puseram os fones de ouvido e tentaram determinar o tipo de objeto. Procuravam especialmente distinguir o som revelador de uma hélice. A embarcação não produziu nenhum sinal de reconhecimento indicando que era americana. "Fazia barulho de[76] submarino e se comportava como um submarino", atestou Moulton mais tarde. "Por isso, passamos ao ataque."

"O alvo se afastava[77] pela esquerda", escreveu Hubbard em seu relatório de ação subsequente. "Era uma noite enluarada, e o mar estava calmo." Sua veia de escritor profissional se animou com a narrativa: "O navio, sonolento e cético, preparou seus canhões com rapidez e sem erro. Ninguém, nem mesmo o comandante, poderia acreditar prontamente na existência de um submarino inimigo aqui na esteira do navio".

Não era loucura pensar que podia haver navios inimigos na área. Um submarino japonês bombardeara uma instalação petrolífera perto de Santa Barbara no ano anterior. Outro submarino japonês, o intrépido *I-25*, atacara o Forte Stevens, na entrada do rio Columbia, nas imediações do local onde estavam agora Hubbard e sua tripulação. O *I-25* também tinha contrabandeado um hidroavião desmontado para a costa do Oregon em setembro de 1942, onde o aparelho foi remontado e usado para lançar bombas incendiárias na floresta vizinha do monte Emily.

Pouco depois do primeiro eco, "com a aurora despontando[78] sobre o mar vítreo", um objeto apareceu na superfície. Hubbard ordenou que os canhões abrissem fogo. Era uma tora. Passaram-se horas. Convencido de que o submarino continuava por lá, Hubbard ordenou que cargas de profundidade fossem despejadas sobre a fugidia embarcação. "Grandes bolhas de ar foram avistadas, e o som de tanques explodindo foi relatado pelo técnico de som", Hubbard escreveu. "Agora todos os canhões eram manejados com grande atenção, pois se supunha que o submarino estava tentando vir à superfície." Por incrível que pareça, eles subitamente detectaram um segundo submarino, a apenas quatrocentos metros de distância. Hubbard pediu ajuda e explosivos

adicionais pelo rádio. Logo chegaram outros navios da Marinha, mas relutaram em lançar suas cargas sobre um alvo que não conseguiam localizar. Hubbard, furioso, culpou a "inexperiência ou má vontade" de quem veio em seu socorro por não seguirem sua liderança.

Hubbard continuou os ataques até a manhã seguinte. Às 7 horas, ele relatou, "uma bolha de óleo alaranjado, muito denso, aflorou imediatamente a bombordo. […] Todos os homens […] viram então o periscópio se movendo da direita para a esquerda". Seus artilheiros abriram fogo. "O periscópio desapareceu numa explosão de balas de vinte milímetros."

Depois de 68 horas de ação, a corveta de Hubbard recebeu ordem de voltar ao porto. Hubbard e Moulton afirmaram que haviam conseguido afundar no mínimo um, e possivelmente dois submarinos inimigos. Uma investigação oficial do incidente concluiu: "Não havia submarino[79] na área". Uma conhecida jazida magnética nas proximidades muito provavelmente causou os ecos que foram captados pelo sonar. O único indício de submarino foi "uma bolha de ar", que pode muito bem ter sido o resultado da turbulência causada pelas fortes explosões. Registros japoneses mostraram[80] depois da guerra que, na época, não havia submarinos na costa do Oregon.[a]

Hubbard prosseguiu para San Diego em sua viagem experimental. Em junho, a *PC-815* participou de um exercício perto da costa do estado mexicano de Baja. Depois disso, ele ordenou disparos adicionais de canhão e armas pequenas, bombardeando a ilha South Coronados, um atol seco que ele, aparentemente, ignorava que pertencia ao México. Foi repreendido por disparar contra um aliado e destituído do comando. Ele se sentiu injustiçado, mas também teve remorsos pela situação comprometedora em que pusera sua tripulação. "Isso, depois de ter afundado[81] dois submarinos japoneses sem receber os créditos, do modo como minha tripulação mentiu por mim perante a comissão de inquérito, dos insultos do alto-comando, tudo isso combinado me mandou para o hospital com úlcera", relatou Hubbard em sua autobiografia privada. Ele passou os três meses seguintes[82] num hospital naval em San Diego. Em carta à família, explicou que fora ferido ao apanhar uma granada inimiga não explodida que caíra no convés e explodira no ar quando ele tentava jogá-la pela amurada.

Em outubro ele recebeu outra missão, dessa vez como oficial de navegação no cargueiro *Algol*. A Marinha americana e os Fuzileiros Navais haviam iniciado sua decisiva campanha de conquistar ilha após ilha antes da prevista invasão do Japão propriamente dito, a Operação Downfall. Calculava-se que haveria milhões de baixas entre os aliados. Para um homem que desejava ser herói, ali estava uma oportunidade genuína. Em vez disso, Hubbard solicitou transferência

para a Escola de Governo Militar em Princeton. “No passado conhecedor das seguintes línguas,[83] porém necessitando de reciclagem: japonês, espanhol, chamorro, tagalo, pidgin pequinês e pidgin de Xangai”, escreveu Hubbard em sua solicitação, acrescentando: “Experiente em lidar com nativos, todas as classes, em várias partes do mundo”. Com toda a carnificina, o fim da guerra estava à vista, e a provável ocupação do Japão assomava no horizonte. Um poliglota, como Hubbard dizia ser, certamente encontraria lugar na futura administração.

Quando chegou a Princeton, em setembro de 1944, Hubbard se enturmou com um grupo de escritores de ficção científica que seu amigo Robert Heinlein organizara numa comissão informal para propor estratégias militares. A Marinha estava procurando modos de combater os ataques suicidas dos camicases aos navios aliados, iniciados naquele outono quando o desespero se apossara dos estrategistas militares japoneses. Hubbard passava os fins de semana na Filadélfia no apartamento de Heinlein, junto com alguns outros ex-colegas, entre eles seu ex-editor John Campbell, bolando diferentes cenários para a Marinha. (Algumas de suas sugestões foram realmente testadas em combate, mas nenhuma se mostrou útil.)[84] Heinlein foi extremamente solícito com seu velho amigo, comentando: “Ron teve uma guerra movimentada[85] — afundou em quatro ocasiões, feriu-se vezes sem conta”. O fato de Hubbard ter tido um caso com a mulher de Heinlein[86] aparentemente não afetou sua estima. “Ele quase me forçou[87] a dormir com a mulher dele”, admirou-se Hubbard mais tarde.

Havia outra garota que circulava entre a turma da ficção científica: Vida Jameson, cujo pai, Malcolm, fazia parte do grupo de autores da *Astounding* chefiado por Campbell. “Uma ratinha tímida e quieta”,[88] foi como um membro da turma descreveu Vida, “com grandes olhos sentimentais e o hábito de ouvir.” A moça tinha 28 anos e já estava vendendo histórias ao *Saturday Evening Post*, um veículo literário mais respeitável que as *pulps*. Hubbard pediu-a em casamento. Vida sabia que ele era casado e recusou o pedido; mesmo assim, foi cativada por Hubbard e continuou o relacionamento com ele até depois da guerra.

Hubbard se formou na Escola de Governo Militar em janeiro de 1945 e recebeu ordens de partir para Monterey, Califórnia, para integrar uma equipe de assuntos civis que logo seguiria as forças invasoras. A Batalha de Okinawa, no sul do Japão, aconteceu naquela primavera e gerou o maior número de baixas no teatro do Pacífico. Os ataques camicases estavam no auge. As tropas americanas sofreram mais de 60 mil baixas em menos de três meses. As forças japonesas lutavam até a morte. A selvageria e a escala dos combates quase não têm

paralelos.

Mais uma vez, Hubbard estava à beira de um precipício traiçoeiro, diante de uma perspectiva de ação heroica, ou da indignidade, ou de uma morte que seria obscurecida por dezenas de milhares de outras. Um mês depois da invasão de Okinawa, Hubbard foi internado no Hospital Naval de Oak Knoll em Oakland, Califórnia, queixando-se de dor de estômago.

Esse é um momento crucial na narrativa da dianética e da cientologia. "Cego por lesão nos nervos ópticos[89] e incapacitado por ferimentos no quadril e nas costas no fim da Segunda Guerra Mundial, eu me defrontava com um futuro quase inexistente", Hubbard escreveu contando sobre esse período. "Fui abandonado pela família e pelos amigos como um aleijado supostamente sem esperanças." Hubbard afirma ter curado a si mesmo das lesões traumáticas usando técnicas que viriam a ser o alicerce da dianética e da cientologia. "Eu não tinha ninguém[90] para me ajudar; o que precisava saber, tive que descobrir", ele recorda. "E é uma façanha e tanto estudar quando não se pode ver."

Os médicos de Oak Knoll[91] nunca souberam exatamente o que havia de errado com ele, com exceção de uma recorrência da úlcera. Nos registros dos numerosos exames físicos e radiografias de Hubbard, os médicos não mencionam cicatrizes nem marcas de ferimentos; tampouco os registros militares[92] de Hubbard indicam que ele tenha alguma vez sido ferido durante a guerra.

No hospital, diz Hubbard, ele também foi submetido a um exame psiquiátrico. Assustado, viu que o médico preencheu duas páginas com anotações. "E, enquanto eu observava isso,[93] pensava comigo: 'Será que acabei endoidando?'." Ele conspirou para espiar nos registros o que o médico tinha escrito. "Cheguei ao fim, e lá dizia: 'Em resumo, este oficial não apresenta nenhum tipo de tendência neurótica ou psicótica'." (Não existe avaliação psiquiátrica nos registros médicos de Hubbard.)

Polly e os dois filhos haviam passado a guerra esperando por Ron em sua propriedade de Port Orchard, mas não houve uma recepção calorosa. "Minha mulher me abandonou[94] enquanto eu estava no hospital com úlcera", escreveu Hubbard. "Foi um golpe terrível quando ela me deixou, pois eu estava doente e sem perspectivas."

Pouco depois de sair do hospital, Hubbard engatou um trailer[95] num velho Packard e foi para o sul da Califórnia, onde tantos membros ambiciosos e sem raízes de sua geração buscavam seu destino. Novas religiões exóticas proliferavam nos Estados Unidos e em muitos outros países, resultantes do

tumulto da guerra e de interrupções do progresso que as denominações mais antigas não estavam preparadas para resolver. O sul da Califórnia estava cheio de migrantes que não tinham laços com os velhos credos e se dispunham a experimentar novos modos de pensar. Teosofistas, rosacrucianistas, zoroastristas e vedistas enxameavam por lá. Swamis, místicos e gurus de muitas fés atraíam acólitos para suas órbitas.

O mais brilhante astro dessa galáxia de ocultistas era John Whiteside Parsons, conhecido como Jack, um cientista aeroespacial que trabalhava no que viria a ser o Laboratório de Propulsão a Jato do Instituto Técnico da Califórnia. (Parsons, que teve seu nome dado a uma cratera da Lua, inventou o combustível sólido para foguetes.) Moreno, musculoso e bem-apessoado, chamado depois por alguns estudiosos de "James Dean do oculto",[96] Parsons era fã de ficção científica e um defensor declarado do amor livre. Comprou uma mansão de três andares[97] em estilo Craftsman, com doze vagas na garagem.[98] A casa ficava no número 1003 da South Orange Grove Avenue, em Pasadena, uma rua tranquila ladeada de palmeiras apelidada de "rua dos milionários". A mansão já havia pertencido[99] a Arthur H. Fleming, um magnata das madeireiras e filantropo que em sua sala de jantar oval recebera o ex-presidente Theodore Roosevelt, além de John Muir e Albert Einstein. Nessa mesma rua também haviam morado William Wringley, magnata da goma de mascar, e o barão da cerveja Adolph Busch, cuja viúva ainda vivia na casa ao lado.

Ela deve ter ficado horrorizada ao ver Parsons dividir aquela casa histórica e a cocheira nos fundos em dezenove apartamentos e anunciar que estavam para alugar. Ele procurava artistas, anarquistas e músicos. Quanto mais boêmios, melhor. "Não devem acreditar em Deus",[100] especificava o anúncio. Entre os que passaram[101] pela "Parsonage"[b] estavam uma atriz idosa do cinema mudo, um cantor de ópera, vários astrólogos, um ex-presidiário e o engenheiro-chefe do projeto da bomba atômica. Crianças filhas de várias uniões corriam pela casa. Parsons dava festas onde mulheres usavam "vestes diáfanas",[102] como observou um visitante, e "dançavam ao redor de uma panela de fogo, rodeadas por caixões encimados por velas". Parsons transformou a mansão no quartel-general da Agapé Lodge, uma filial da Ordo Templi Orientis (OTO), uma fraternidade secreta dedicada à feitiçaria e à "magick" sexual baseada nos escritos do famigerado escritor e *agent provocateur* britânico Aleister Crowley, cujo semblante ameaçador olhava de um retrato[103] pendurado no vão da escada.

Apesar da atmosfera bizarra que cultivava, Parsons levava a sério sua participação na OTO e fazia audazes declarações éticas em nome de seu movimento. Tais declarações se tornariam bem conhecidas alguns anos depois,

quando a cientologia surgiu. “A desagregação do lar[104] e da família, a confusão com problemas de moral e comportamento, a frustração da necessidade individual de amor, autoexpressão e liberdade e a imanência da destruição total da civilização ocidental indicam a necessidade de reexame e alteração na base dos valores individuais e sociais”, escreve Parsons num breve manifesto. “A investigação madura por parte de filósofos e cientistas sociais indica a existência de uma única força ou poder suficiente para resolver esses problemas e efetuar as mudanças necessárias, e essa força é a de uma nova religião.”

Sara Elizabeth “Betty” Northrup,[105] de 21 anos, a espevitada amante de Parsons, era a irmã mais nova da mulher dele, que fugira com outro homem. Sara era alta, loura, roliça e fogosa. Costumava alardear que perdera a virgindade[106] aos dez anos. “Seu principal interesse[107] na vida era se divertir”, observou um dos inquilinos. Mas era também espirituosa, inteligente e alegre, e todos se encantavam com ela. Envolvera-se aos quinze anos[108] com Parsons, uma década mais velho. Seus pais toleraram o relacionamento; seu pai até ajudou a custear a Parsonage, que Sara, ainda adolescente, comprou junto com Parsons. Uma noite, Robert Heinlein apareceu na casa trazendo seu amigo, L. Ron Hubbard, que vinha de óculos escuros e uma bengala de cabo de prata. “Ele era não só escritor,[109] mas também capitão de um navio que tinha sido afundado no Pacífico, e ficara semanas numa jangada, e tinha sido cegado pelo sol, e fraturado as costas”, Sara recordou mais tarde. “Acreditei em tudo o que ele contou.”

Alguns meses depois, Hubbard se mudou para lá. Ele causou imediatamente uma vívida impressão nos inquilinos. “Dominava a cena[110] com sua agudeza e seu inesgotável estoque de histórias”, recordou uma das moradoras, Alva Rogers. “Infelizmente, a reputação de Ron de inventar casos mirabolantes (nas páginas impressas e fora delas) gerava certo ceticismo em seus ouvintes. Seja como for, os casos que ele contava eram sensacionais.” Como Hubbard, Rogers tinha cabelos ruivos, e se fascinou com a teoria hubbardiana de que os ruivos eram os descendentes vivos dos neandertais.

Hubbard convidou uma de suas amantes de Nova York, Vida Jameson, para se juntar a ele na Parsonage, com a alegada tarefa de cuidar dos livros. Atesta o poder de sedução de Hubbard o fato de que ela atravessou o país para ficar com ele, embora pouco depois de chegar tenha descoberto que fora trocada por outra.

Os inquilinos assistiam atônitos enquanto Hubbard jogava seu charme sobre as mulheres disponíveis na casa antes de pôr os olhos na “mais deslumbrante, inteligente,[111] meiga e maravilhosa das moças”, como outro pretendente, cheio de inveja, descreveu Sara. “Lá estava ele, vivendo à custa da generosidade de

Parsons e aos amassos com a namorada dele na frente de todo mundo. Às vezes, quando estavam os dois à mesa, a hostilidade era quase palpável.” Espicaçados, sem dúvida, pela rivalidade por Sara, Parsons e Hubbard logo entraram num relacionamento altamente competitivo. Os dois gostavam de começar a manhã esgrimindo na sala de estar.

Parsons lutava contra seu ciúme, um sentimento que guerreava com sua filosofia do amor livre. Ele compreendia a atração de Sara pelo novo inquilino; descreveu Hubbard numa carta a Crowley em 1946 como “um gentleman, cabelo ruivo,[112] olhos verdes, honesto e inteligente. […] Veio morar comigo há uns dois meses”. E então admite: “Embora Betty e eu ainda continuemos a nos dar bem, ela transferiu suas afeições sexuais para Ron”. Prossegue admirando as habilidades sobrenaturais de Hubbard:

> Ele não tem treinamento formal em Magick, mas possui extraordinária experiência e entendimento na área. De algumas de suas experiências, deduzi que ele está em contato direto com alguma inteligência superior, possivelmente seu anjo da guarda. Ele descreve seu anjo como uma linda mulher alada de cabelos ruivos que ele chama de Imperatriz e que o tem guiado a vida toda e salvado muitas vezes.

O grau em que a cientologia foi influenciada pelo envolvimento de Hubbard com a OTO é tema de discussões acaloradas.[113] Na vida de Hubbard há poucos indícios de religião organizada ou filosofia espiritual. Na Parsonage, ele foi atraído por um credo obscuro e estigmatizado baseado nos textos e na prática de Crowley, que se intitulava “A Grande Besta” e achava o máximo ser o homem mais insultado de sua época. A Igreja da Cientologia rejeita explicitamente qualquer ligação entre o pensamento de Crowley e a filosofia emergente de Hubbard; no entanto, esses dois homens tiveram semelhanças notáveis. Como Hubbard, Crowley se regalou numa vida de constante exploração física, espiritual e sexual. Foi um montanhista ousado, descuidado até, e suas aventuras incluíram várias tentativas fracassadas de escalar os mais formidáveis picos do mundo. Também ele foi escritor prolífico, autor de romances e peças, além de livros sobre magia e misticismo. Espalhafatoso e egoísta, foi expulso de uma sociedade ocultista chamada Ordem Hermética da Aurora Dourada depois de brigar com alguns dos membros mais destacados, entre eles William Butler Yeats, que Crowley acusou de invejar seu talento[114] de poeta. Talvez ele tenha atuado como espião britânico quando viveu nos Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial, apesar de suas constantes publicações de propaganda antibritânica. Crowley recorria ao ópio e a alucinógenos para intensificar suas buscas espirituais. Durante uma excursão ao Cairo em 1904, descobriu seu sagrado anjo da guarda, um espírito desencarnado de nome Aiwass, que dizia ser um mensageiro do deus egípcio Hórus. Crowley declarou que ao longo de três

dias Aiwass lhe ditou uma cosmologia inteira intitulada *O Livro da Lei*, cujo princípio central era “Fazer o que tu queres,[115] há de ser o todo da lei”.

Nibs, o ressentido filho[116] mais velho de Hubbard, que tinha o mesmo nome do pai, L. Ron Hubbard Jr. (mais tarde mudaria seu nome para Ronald DeWolf), declarou que seu pai havia lido esse livro aos dezesseis anos e adquirido uma devoção vitalícia à magia negra. “O que muita gente[117] não percebe é que a cientologia é magia negra espalhada por um longo período”, ele argumentou. “A magia negra é o cerne da cientologia — e provavelmente é a única parte da cientologia que realmente funciona.”

Um notável paralelo entre Hubbard e Crowley é a afirmação deste de que “o progresso espiritual não depende[118] de códigos religiosos ou morais; é como qualquer outra ciência”. Crowley asseverava que, avançando numa série gradual de rituais e ensinamentos espirituais, o iniciado podia contar com a transposição do “Abismo”,[119] que ele definia como “a distância existente entre o indivíduo e a consciência cósmica”. Hubbard evocaria essa imagem em sua Ponte para a Liberdade Total.

Embora Hubbard tenha mencionado Crowley apenas de passagem numa palestra, chamando-o de “meu grande amigo”,[120] os dois nunca se encontraram. Crowley morreu em 1947 aos 72 anos. “Foi quando meu pai decidiu[121] se apoderar do manto da Besta, e essa é a semente e o início da dianética e da cientologia”, disse Nibs mais tarde. “O objetivo dele era se tornar o ser mais poderoso do universo.”

Jack Parsons fez experiências com os rituais de Crowley, direcionando-os para suas inclinações excêntricas. Sua vertente pessoal de bruxaria se baseava na adoração da carnalidade feminina, um interesse que Hubbard evidentemente compartilhava. Parsons mencionou em seu diário que Hubbard teve uma visão “de uma bela mulher selvagem[122] cavalgando nua uma grande besta felina”. Essa foi a inspiração para o mais audacioso experimento místico de Parsons. Ele sagrou Hubbard seu “escriba” numa cerimônia chamada de “Trabalho Babalon”. Baseava-se na ideia de Crowley de que o supremo objetivo da arte da magia era criar um *moonchild* [filho da lua], uma criatura que se tornaria o Anticristo segundo profetizava um dos livros de Crowley. Noite após noite, Parsons e Hubbard invocaram o mundo dos espíritos em busca de uma “Mulher Escarlate”, a companheira que teria o papel de consorte de Parsons. A cerimônia, auxiliada por narcóticos e alucinógenos, requeria que Hubbard canalizasse a deidade feminina de Babalon enquanto Parsons cuidava da “invocação da vara[123] com base material no talismã” — em outras palavras, masturbação sobre um

pergaminho. Ele costumava praticar a invocação duas vezes por noite.

Parsons relata que numa dessas noites uma vela foi derrubada da mão de Hubbard: “Observamos uma luz pardacenta[124] a uns dois metros de altura na cozinha. Brandi uma espada mágica e ela desapareceu. Ele ficou com o braço direito paralisado pelo resto da noite”. Em outra ocasião, escreve Parsons, Hubbard viu a projeção astral de um dos inimigos de Parsons se manifestar usando uma túnica preta. “Ron atacou prontamente e pregou a figura fantasmagórica na porta atirando-lhe quatro facas.”

Os espíritos, evidentemente, se abrandaram. Um dia, uma garota atraente chamada Marjorie Cameron apareceu na Parsonage. Parsons declarou mais tarde que um relâmpago explodiu do lado de fora, seguido por batidas na porta. Era uma linda mulher. Sofrera um acidente de carro. “Não sei onde estou[125] nem de onde vim”, ela lhe disse. (A versão de Cameron é que[126] ela estava interessada nas histórias de mulheres nuas pulando fogueira no jardim, e convenceu um amigo que estava hospedado na Parsonage a levá-la para uma visita.) “Tenho minha elemental!”,[127] exclamou Parsons num bilhete a Crowley alguns dias depois. “Ela tem cabelos ruivos e olhos verdes oblíquos como especificado. […] É artista, intrépida e decidida, com fortes características masculinas e uma independência fanática.”

Iluminaram o templo com velas, defumaram a sala com incenso e puseram *A ilha dos mortos*, de Rachmaninoff, para tocar como música de fundo. De túnica branca com capuz, segurando uma candeia, Hubbard entoava “Revela-te[128] à Nossa Senhora; dedica a Ela teus órgãos, dedica a Ela teu coração, dedica a Ela tua mente, dedica a Ela tua alma, e Ela te há de absorver, e tu te tornarás chama viva antes de Ela encarnar”. Parsons e Cameron então respondiam “Glória à Mulher Escarlate, Babalon, Mãe das Abominações, que cavalga a Besta”. Enquanto Hubbard prosseguia no encantamento, Parsons e Cameron consumavam a cerimônia em cima do altar. Esse mesmo ritual continuou por três noites seguidas. Mais tarde, Parsons escreveu a Crowley: “Foram recebidas instruções[129] diretas através de Ron, o vidente […] Devo agir como guia guardião instrutor por nove meses; e então ele será solto no mundo”.

Crowley não se impressionou. “Parece que Parsons, ou Hubbard,[130] ou alguém está produzindo um *moonchild*”, ele se queixou a outro seguidor. “Me dá um certo nervoso quando penso na idiotice desses bodes.” Cameron engravidou mas abortou, com o consentimento de Parsons, portanto não se sabe exatamente o que essa cerimônia se destinava a produzir. (Parsons e Cameron depois se casaram e fizeram outro aborto.)[131] No entanto, Parsons afirmou que o ritual fora

bem-sucedido. “Babalon está encarnada[132] na Terra hoje, aguardando a hora apropriada para se manifestar”, ele escreveu depois da cerimônia. “E nesse dia meu trabalho terá sido feito, e partirei levado pelo sopro do pai.”

Enquanto esse apocalipse não acontecia, Hubbard e Parsons decidiram montar um negócio juntos. O plano era Hubbard comprar iates na Flórida, levá-los para a Califórnia através do canal do Panamá e revendê-los com lucro. Parsons e Sara venderam a Parsonage e entregaram o dinheiro a Hubbard: mais de 20 mil dólares[133] só da parte de Parsons. Hubbard e Northrup deixaram Miami imediatamente.

Enquanto estava na Flórida, Hubbard pediu à Administração dos Veteranos um aumento em sua pensão por invalidez. Já estava recebendo 11,50 dólares mensais de compensação por suas úlceras. “Não consigo tolerar[134] uma dieta comum — o que resultou na necessidade de abandonar minha profissão anterior de comandante de navio e explorador e me causa sérios empecilhos como escritor.” Afirmou que sua visão fora afetada por “prolongada exposição à luz solar dos trópicos” enquanto ele estava em serviço, o que lhe causara uma conjuntivite crônica. Queixou-se também de que estava manco em decorrência de uma infecção óssea, que ele supunha ter sido provocada pela abrupta mudança de tempo quando foi enviado à Costa Leste. “Minha capacidade de ganho, todos os serviços considerados, caiu para zero”, ele resumiu. Sara Northrup adicionou um comentário manuscrito em apoio: “Conheço Lafayette[135] Ronald Hubbard há muitos anos”, ela afirmou. “Não vejo chances de que suas condições melhorem a ponto de ele conseguir recobrar seus padrões anteriores. Ele vem piorando constantemente, com a saúde novamente agravada por preocupações financeiras.”

Parsons desconfiou que Hubbard e Sara tinham outros planos para seu dinheiro, e viajou a Miami para interpelá-los. Quando soube que os dois tinham acabado de partir, realizou um “Ritual de Banimento”[136] invocando Bartzabel, uma figura mágica ligada a Marte. Segundo Parsons, uma tempestade se abateu subitamente e arrancou as velas do navio que Hubbard estava pilotando, forçando-o a voltar como pudesse ao porto. Sara diz que ela e Ron estavam a caminho da Califórnia quando foram surpreendidos por um furacão no canal do Panamá. O navio ficou danificado[137] demais para prosseguir viagem. Parsons venceu uma ação judicial[138] contra o casal, mas não quis registrar queixa criminal, possivelmente porque seu relacionamento sexual com Sara havia começado quando esta ainda era menor de idade e ela ameaçou retaliar. Os amigos de Hubbard se preocuparam com sua parceria comercial com Parsons e seu romance com Sara. Até Robert Heinlein alertou um amigo em comum para

“mantê-lo à distância”.[139] Sua mulher, Virginia, considerava Ron “um caso muito triste[140] de colapso pós-guerra”, e Sara a “mais recente tigresa devoradora de homens” de Hubbard.

Sara recusou muitas vezes os pedidos de casamento de Ron, mas ele ameaçou com o suicídio se ela se negasse. Sara ainda o via como um herói de guerra derrotado que ela poderia ajudar a reerguer. Por fim, ela disse: “Está bem, eu me caso[141] com você, se isso o salvar”. Foram acordar um pastor em Chestertown, Maryland, em 10 de agosto de 1946. A mulher do pastor e a criada foram testemunhas do casamento. A notícia ricocheteou entre os colegas do círculo de ficção científica de Hubbard. “Acho que Polly foi[142] muito chatinha não lhe dando o divórcio para que ele pudesse se casar com seis outras garotas que ardiam por ele”, escreveu aos Heinlein um dos amigos escritores de Hubbard, L. Sprague de Camp. (Na verdade, Polly só veio a saber[143] sobre o casamento no ano seguinte, quando leu nos jornais.) “Quantas garotas um homem tem o direito de ter na vida, afinal?”, enraiveceu-se De Camp. “Talvez ele deva reencarnar como coelho.”

A Igreja da Cientologia admite que Hubbard se envolveu com Parsons e a OTO, porém caracterizou o fato como uma missão secreta para a inteligência naval. A igreja afirma que o governo andava preocupado com renomados cientistas americanos, entre eles alguns de Los Alamos, onde fora desenvolvida a bomba atômica, os quais costumavam se hospedar na casa de Parsons quando iam à Califórnia. A missão de Hubbard era penetrar na organização e subvertê-la.

“O sr. Hubbard cumpriu[144] a missão”, assevera a igreja. “Ele engendrou um investimento comercial que empatava o dinheiro usado por Parsons para financiar as atividades do grupo, e com isso Parsons não pôde dispor desses recursos para seus objetivos ocultos. Hubbard arruinou a magia negra nos Estados Unidos”, declara a igreja.

Mesmo se Hubbard tivesse sido espião do governo, como diz a igreja, os registros disponíveis mostram-no naquela que deve ter sido sua pior fase nos anos imediatamente depois da guerra. Seu exame físico na Administração dos Veteranos em Los Angeles em setembro de 1946 ressalta: “Não trabalha desde a baixa.[145] Vive de suas economias”. (A Administração dos Veteranos por fim reajustou em 40% sua pensão por invalidez.) Sara mencionou que ele andava tendo pesadelos. Naquele inverno eles se mudaram para um farol num lago congelado nas montanhas Poconos, perto de Stroudsburg, Pensilvânia. Foi um período intranquilo para Sara. Estavam isolados, e Ron tinha um revólver calibre

45 que ele disparava a esmo. Uma madrugada, ela estava na cama enquanto Ron escrevia, e ele lhe bateu no rosto com o revólver. Disse que ela estava sorrindo enquanto dormia, portanto devia estar pensando em outro. “Eu me levantei e saí[146] de casa à noite, andando no gelo do lago, porque estava apavorada”, contou Sara em 1997 num relato que ditou pouco antes de morrer. Ficou tão estarrecida e humilhada que não soube como responder.

Ron começara a espancá-la na Flórida, pouco depois de o pai dela morrer. A tristeza da mulher parecia irritar Ron, talvez porque, Sara supunha, ela não estava sendo o que ele precisava que fosse. Ninguém jamais batera nela. Percebeu, então, como aquele relacionamento era perigoso para ela; por outro lado, era evidente quanto Ron precisava dela. Fazia tempo que ele estava sofrendo de bloqueio, e Sara vinha criando uma profusão de enredos[147] para ele, e até escrevendo algumas de suas histórias. Ele temia nunca mais conseguir escrever. Frequentemente ameaçava se suicidar. Sara não gostava da ideia de divórcio; era um terrível estigma na época. E ainda achava que podia salvar Ron. “Eu pensava sempre[148] que ele devia estar sofrendo ou não agiria daquele modo.” Por isso, voltou para ele.

Ron fez um empréstimo, comprou um trailer e atravessou o país com Sara até Port Orchard, onde ainda viviam seus pais, sua esposa e os filhos. Sara não conseguia entender por que a tratavam de um jeito estranho, até que finalmente o filho de Hubbard, Nibs, lhe disse[149] que seus pais ainda eram casados. Mais uma vez, Sara fugiu. Ron encontrou-a à espera da balsa que seguiria para a Califórnia. Os motores da embarcação roncavam enquanto Ron se explicava apressadamente. Disse que estava mesmo obtendo o divórcio. Jurou que um advogado lhe garantira que ele e Sara eram legalmente casados. Por fim, a balsa partiu sem ela.

Pouco depois, Ron e Sara deixaram Port Orchard. Conseguiram chegar a Ojai, na Califórnia, onde Ron foi preso[150] por não pagar as prestações do trailer em que viviam.

Em outubro de 1947, Hubbard enviou à Administração dos Veteranos um pedido alarmante e revelador:

> Estou totalmente incapacitado[151] para sequer me aproximar de minha antiga competência. Meu médico mais recente mencionou que me seria muito útil um exame e talvez até um tratamento psiquiátrico ou mesmo psicanalítico. […] Evitei por orgulho meus exames mentais, esperando que o tempo equilibrasse uma mente que eu tinha total razão para supor que estivesse gravemente afetada. […] Não tenho recursos para pagar esse tratamento.
>
> Podem me ajudar, por favor?

O pedido não trouxe resultado. Não há registro de que a Administração dos Veteranos tenha feito alguma avaliação psicológica de Hubbard. No entanto, ao longo de toda a sua vida surgiriam questões sobre sua sanidade mental. Russell Miller, biógrafo britânico, localizou uma ex-amante de Hubbard que o descreveu como “um maníaco-depressivo[152] com tendências paranoides”. Essa mulher, que Miller chamou de “Barbara Kaye” (seu nome verdadeiro era Barbara Klowden), tornou-se depois psicóloga. Ela acrescentou: “Ele disse que sempre quis[153] fundar uma religião, como Moisés ou Jesus”. Um homem que depois trabalhou como oficial médico de Hubbard na igreja, Jim Dincalci, enumera suas características: “Personalidade paranoide.[154] Delírios de grandeza. Mentiroso patológico”. O dr. Stephen Wiseman, professor do Departamento de Psiquiatria da Universidade de British Columbia e eminente crítico da cientologia, aventou que um possível diagnóstico da personalidade de Hubbard poderia ser “narcisismo maligno”, caracterizando-o como “um indivíduo altamente inseguro que se protege com grandiosidade agressiva, repúdio a quaisquer interesses dos outros, orientação antissocial e uma mistura inebriante e tóxica de rancor/raiva/agressão/violência e paranoia”.

No entanto, se Hubbard foi paranoico, também é verdade que frequentemente foi perseguido, primeiro pelos credores e depois por grandes júris e investigadores do governo. Ele pode ter tido delírios de grandeza, como dizem muitos críticos, mas realmente deixou uma marca inegável no mundo, publicando muitos livros de grande vendagem e fundando uma religião que sobrevive décadas depois de sua morte. A pretensão à grandeza pode muito bem ser característica de uma personalidade capaz de tais proezas.

Um fascinante vislumbre do estado de espírito de Hubbard nesse período pode ser visto no texto que chamo de sua autobiografia secreta. A igreja afirma que o documento é falso. Ele foi entregue pelo ex-arquivista da Igreja da Cientologia, Gerald Armstrong, numa ação judicial que a igreja moveu contra ele. Armstrong leu alguns trechos nos autos do processo, apesar de veementes objeções dos advogados da igreja; outras partes foram parar na internet. Atualmente a igreja afirma que Hubbard não escreveu esse documento, apesar de os advogados da igreja não terem apresentado tal objeção na época em que o texto foi usado como evidência no processo. Disseram que aqueles papéis eram rigorosamente privados, constituíam “uma espécie de autoterapia”[155] e não refletiam a verdadeira condição de Hubbard.

O documento contestado é chamado de “Afirmações” ou “Confissões”, mas ele é muito difícil de definir. Em parte, suas trinta páginas constituem um relato biográfico acentuadamente íntimo que esmiúça os episódios mais penosos da

vida de Hubbard. Muitas das referências a pessoas e acontecimentos feitas em suas páginas são corroboradas por outros documentos. Tem-se a impressão de que Hubbard usou em si mesmo técnicas que posteriormente desenvolveria na dianética. Ele explora memórias que constituem impedimentos ao seu progresso mental e espiritual, depois prescreve afirmações ou encantamentos que se contraponham à influência psicológica desses eventos. Essas declarações certamente são as mais reveladoras e íntimas que Hubbard fez sobre si mesmo.

O documento tem três seções, cada qual, aparentemente, com um propósito distinto.

A primeira seção se intitula "Curso I". É essa parte que denomino "autobiografia secreta", pois contém reflexões sobre as características mais embaraçosas ou inquietantes da biografia de Hubbard. "O propósito deste experimento é restabelecer a ambição, a força de vontade, o desejo de sobreviver, o talento e a confiança em mim mesmo", declara Hubbard sem rodeios logo no início. "Sempre me preocupei com a opinião que as pessoas têm sobre mim e receei entediá-las. Isso injetou ansiedade e rapidez descuidada em meu trabalho. Devo ser convencido de que sou capaz de escrever bem e habilmente." Os que criticam seu trabalho são tolos, ele escreve. "Devo ser convencido de que consegui escrever e com facilidade reaverei minha popularidade, que aliás não era pequena."

"Minha folha de serviços não foi nada gloriosa", ele admite. Também confessa sua vergonha pelos frequentes casos extraconjugais. Mas está decidido a ter êxito em seu relacionamento com Sara, que ele descreve como "jovem, bela, desejável". Infelizmente, ele é estorvado por acessos de impotência. "Eu a desejo sempre. Mas sou treze anos mais velho que ela. Ela tem uma sexualidade intensa. Minha libido está tão baixa que quase não a admiro nua."

O sexo obceca-o. Ele se preocupa com sua "péssima história masturbatória", suas doenças sexuais e sua impotência, que ele andava tratando com suplementos de testosterona. "Eliminando certos receios da hipnose, curando meu reumatismo e deixando de lado os hormônios, espero recuperar minha libido de outrora. Eu preciso!"

Com a auto-hipnose ele espera se convencer de certos mantras prescritivos, por exemplo:

> Sei escrever.
> Minha mente ainda é brilhante.
> Masturbação não é pecado ou crime.
> Não preciso mais ter úlceras.
> Foi uma sorte perder Polly e meus pais, pois eles nunca tiveram boas intenções para comigo.
> Acredito em meus deuses e em coisas espirituais.
> Minha magia é poderosa e eficaz.

Os números 7, 25 e 16 não me dão azar nem me são danosos.
Não tenho má aparência.
Não sou propenso a resfriados.
Sara é sempre bela para mim.
Que essas palavras e comandos sejam como fogo e se cauterizem em cada canto do meu ser, deixando-me feliz, bem e confiante para sempre!

A segunda parte do documento, intitulada "Curso II", incluía as declarações que viriam a ser chamadas de Afirmações, embora Hubbard se refira a elas como encantamentos. Ele havia adquirido recentemente um novo ditafone chamado SoundScriber. Talvez tenha ditado essa parte e reproduzido o áudio para si mesmo como um recurso de auto-hipnose. Essa seção começa com o comando "Você está dormindo".

Nessa lição, Hubbard diz a si mesmo que aprenderá várias coisas importantes:

Você não tem ânsia de falar sobre sua vida na Marinha. Você não gosta de falar sobre isso. Você nunca ilustra o que está dizendo com histórias inventadas. Não é necessário que você seja divertido e espirituoso.
Você gosta que seus amigos íntimos o aprovem e amem pelo que você é. Esse desejo de ser amado não significa psicose.
Você canta bem.
Nada pode se interpor entre você e sua guardiã. Ela não pode ser removida porque é poderosa demais. Ela não controla você. Ela o aconselha.
Você nunca esquecerá estes encantamentos. Eles são sagrados e agora se tornaram parte indissociável de sua natureza.
As coisas materiais estão ao seu dispor. Os homens são seus escravos.
Você nunca está sonolento ou cansado. […] Somente sua guardiã pode lhe falar enquanto você dorme, mas ela não pode hipnotizá-lo. Só você pode se hipnotizar.
Os desejos das outras pessoas não têm efeito hipnótico sobre você.
Nada, ninguém se opõe a que você escreva. […] Você pode levar uma vida social imoderada e ainda assim escrever 100 mil palavras ou mais por mês. […] O que você escreve tem um efeito profundamente hipnótico sobre as pessoas.
Você fará fortuna escrevendo.
Sua psicologia é avançada e verdadeira e maravilhosa. Ela hipnotiza as pessoas. Prediz as emoções delas, pois você é seu governante.
Você viverá duzentos anos.
Você sempre parecerá jovem.
Você não tem dúvidas sobre Deus.
Você não é covarde.
Sua visão está melhorando progressivamente. Ficou ruim quando você a usou como desculpa para escapar da academia naval. Você não tem razão para mantê-la ruim.
Você usou suas dores de estômago como desculpa para impedir que a Marinha o punisse. Você está livre da Marinha.
Seu quadril é afetação. Você tem o quadril sadio. Ele nunca dói. Seu ombro nunca dói.
Seu pé foi um álibi. A lesão não é mais necessária.
A testosterona se mistura facilmente aos seus hormônios. […] Você não teme o que qualquer mulher possa pensar sobre sua conduta na cama. Você sabe que é um mestre. Sabe que elas irão vibrar. Você pode gozar muitas vezes sem cansaço. […] Muitas mulheres não são capazes de ter prazer no sexo e qualquer coisa adversa que elas digam ou façam não o afeta em seu prazer.

Você não teme que elas concebam. E daí se conceberem? Você não se importa. Jorre dentro delas e deixe que a sorte decida.
Você pode contar todas as histórias românticas que quiser. […] Mas sabe quais são mentira. […] Você tem experiências reais o bastante para contar histórias para sempre. Atenha-se às suas aventuras reais.
Vai chover dinheiro sobre você.
Autopiedade e vaidade não são erradas. Sua mãe estava errada.
A masturbação não prejudica nem enlouquece. Seus pais estavam errados. Todos se masturbam.
A coisa mais sensacional de sua vida é seu amor e a consciência de sua guardiã.
Ela tem cabelos vermelhos acobreados, longas tranças, um lindo rosto venusiano, túnica branca com cinto de quadrados de jade. Ela usa chinelos de ouro.
Você pode conversar com ela e ouvir perfeitamente sua voz acima de todas as demais.
Você pode escrever automaticamente sempre que desejar. Não se importa com o que surge no papel quando sua guardiã dita.

A guardiã ruiva que Hubbard visualiza tão vividamente é uma espécie de mãe ideal, que também funciona como sua musa e é a fonte de sua habilidade de escrever com rapidez assombrosa. Hubbard a ama, mas assegura a si mesmo que sua guardiã não o controla. Ele é a força controladora em tudo. Ela parece ser produto da influência de Aleister Crowley. Jack Parsons dissera que Hubbard chamava sua guardiã de "a Imperatriz".[156]

Seu medo do hipnotismo é surpreendente. Ele foi um hábil hipnotista de palco, talento que exibiu numa reunião de fãs de ficção científica em Los Angeles, quando induziu um transe em quase todos na plateia e persuadiu um espectador de que tinha na palma da mão um par de cangurus em miniatura.[157] Em certa ocasião ele também tentou hipnotizar a mãe de Sara,[158] que tivera um derrame, e convencê-la a deixar seu dinheiro para ele. Por outro lado, Hubbard acusava Sara de hipnotizá-lo durante o sono.

Quando analisamos os problemas que as Afirmações se destinam a corrigir, vemos um homem que se envergonha de sua tendência a inventar histórias pessoais, que se sente em conflito quanto às suas necessidades sexuais e se preocupa com sua mortalidade. Ele tem uma visão predadora das mulheres, mas ao mesmo tempo teme o poder que elas têm de humilhá-lo.

Hubbard dá à terceira e última seção de seu documento o título de "O Livro". Ela contém uma lista de objetivos pessoais e de elogios feitos a si mesmo, mas também é um retrato do super-homem que ele deseja ser. Hubbard menciona um livro, que chama de *Um Mandamento*, o qual parece ser uma referência a *Excalibur.* "Ele o liberta para sempre dos medos do mundo material e lhe dá controle material sobre as pessoas", escreve.

Você é radiante como a luz do sol.
Você sabe ler música.
Você é um magnífico escritor que emocionou milhões de pessoas.

> Capacidade de entrar em estado de transe quando quer.
> Sem necessidade de seguir um padrão *pulp*.
> Você fez um bom trabalho na Marinha. Ninguém lá está “a fim de persegui-lo”.
> Você é metapsíquico.
> Você não se masturba.
> Você desconhece a raiva. Sua paciência é infinita.
> Cobras não são perigosas para você. Não há cobras ao pé de sua cama.
> Você crê implicitamente em Deus. Você não tem dúvidas sobre o Todo-Poderoso. Você crê perfeitamente em sua guardiã.

O juiz da ação de Armstrong, na qual esse documento foi apresentado como evidência, fez um diagnóstico amador da personalidade de Hubbard numa esmagadora decisão contra a igreja:

> A organização é claramente esquizofrênica[159] e paranoide, e essa bizarra combinação parece ser um reflexo de seu fundador, LHR. As evidências retratam um homem que, por sua história, antecedentes e realizações, é praticamente um mentiroso patológico. Os escritos e documentos nas evidências refletem adicionalmente seu egoísmo, cobiça, avareza, ânsia de poder, caráter vingativo e agressividade contra pessoas que ele considera desleais ou hostis. Ao mesmo tempo, ele parece ser carismático e acentuadamente capaz de motivar, organizar, controlar, manipular e inspirar seus adeptos. […] Obviamente, ele é e foi uma pessoa muito complexa, e essa complexidade se reflete também em seu alter ego, a Igreja da Cientologia.

Em 1948, dez anos depois de sua primeira tentativa de se estabelecer como roteirista, Hubbard voltou a Hollywood e entrou para o ramo de guru freelance. “Fui bem para o centro[160] de Hollywood, aluguei uma sala, arranjei uma enfermeira, enrolei uma toalha na cabeça e me tornei um swami”, Hubbard contou mais tarde. “Eu me sentava[161] em minha cobertura no Sunset Boulevard e escrevia histórias para Nova York e depois ia para minha sala no estúdio e mandava a secretária dizer a todos que eu estava em consulta enquanto punha o sono em dia”, ele recordou em outra ocasião. Hubbard pintou um quadro bem diferente numa carta à Administração dos Veteranos, que exigia reembolso por pagamentos indevidos. “Não posso imaginar como[162] reembolsar esses 51 dólares, uma vez que estou quase sem dinheiro e tenho apenas 28,50 dólares que terão de durar por quase um mês”, ele escreve. “Minhas despesas consistem em 27 dólares do aluguel mensal de um trailer e oitenta dólares mensais para mim e minha esposa, o que inclui gás, cigarros e todas as eventualidades. Estou altamente endividado e não tenho conseguido emprego.” Em vez de reembolsar a Administração dos Veteranos, ele tem o atrevimento de pedir um empréstimo.

Em Hollywood, Hubbard começou a aperfeiçoar técnicas que desenvolvera inicialmente no hospital naval e que viriam a compor a dianética. Ele se gaba para Hays: “Ando me divertindo[163] e fazendo troça de Freud. Sempre soube que ele era ruim da bola, mas não tinha dados concretos”. Acrescenta que anda

estudando sobre complexos de inferioridade. “Toda noite gente se contorcendo em meu consultório de Hollywood, mandando os caras embora duas vezes mais fortes que o super-homem.” Pela primeira vez ele revela a ideia de um livro,[164] que intitula provisoriamente *Uma introdução à psicologia traumática.* Ele calcula que levará cerca de seis semanas para escrevê-lo. “Preciso revolucionar[165] esse campo, pois ninguém nele, ao que me consta, distingue sua anatomia de uma toca de rato.”

Hubbard estava tateando à procura de alguma nova direção para sua vida. Foi estudar arte dramática no Geller Theatre Workshop, parcialmente subvencionado pela Administração dos Veteranos, mas não ficou satisfeito. Um plano maior revolvia em sua imaginação. “Eu estava me escondendo atrás[166] do horrível segredo. Ou seja, estava tentando descobrir como a mente funcionava”, ele recorda. “Não podia contar nem aos amigos; eles não entenderiam. Diziam: ‘Olhem só o Hubbard, ele tem uma vida simplesmente maravilhosa. Convive com atrizes de cinema. Sabe hipnotismo, por isso não tem problemas com editores. Possui apartamentos e bens’.”

*

Esse foi o estágio larvar da assombrosa transformação de Hubbard, da figura deprimida, rejeitada, empobrecida e criativamente esgotada que ele retrata nas Afirmações para seu sucesso quase instantâneo como pensador e fundador de um movimento internacional quando seu livro *Dianética* finalmente foi publicado. Ele escreveu ao amigo Robert Heinlein: “Em breve, espero,[167] lhe darei um livro saído das cinzas do velho Excalibur que esmiúça na íntegra a matemática da mente humana, resolve todos os problemas das eras e fornece seis receitas de afrodisíaco e com o pé esquerdo ainda toca gaita”. Ele escreve alguma coisa sobre se recobrar da guerra, depois comenta: “A maior dificuldade hoje em dia é recuperar a sanidade. Percebo que estou conseguindo progredir. Evidentemente sempre há o perigo de eu ficar são demais para escrever”. Ele está tentando conseguir financiamento da Fundação Guggenheim[168] para seu livro de psicologia. Enquanto isso, sua situação financeira é tão ruim que ele pede a Heinlein um empréstimo de cinquenta dólares.[169] “Caramba, nunca estive[170] no prelo em tantos lugares com tão pouco para mostrar por isso”, Hubbard lamentou. “Não posso nem comprar um traje cênico para Gypsy Rose Lee.”[c]

Hubbard escreveu essas cartas em Savannah, Geórgia, em fins de 1948 e na primavera de 1949. Contou que estava como voluntário numa clínica psiquiátrica no St. Joseph Medical Center, “reunindo relatos de caso[171] da

Associação Americana de Psiquiatria". Esse é um período obscuro de sua vida, mas foi em Savannah que ele começou a esboçar os princípios que alicerçariam sua compreensão da mente humana. Ele declarou estar obtendo resultados fenomenais com quase todos os males que defrontava. "Uma semana atrás realizei minha primeira cura de asma", escreve a Heinlein. "Tenho uma artrite para terminar amanhã, e assim vai."

Não está claro se o próprio Hubbard estava sob tratamento em Savannah. "O quadril, o estômago[172] e o flanco estão bons de novo", escreve a Heinlein, acrescentando que está "desemperrando as engrenagens que atrasaram a produção da máquina de dinheiro."

Nessas cartas, Hubbard especula frequentemente sobre o livro que ele espera concluir em breve. "Não é *contra* a religião",[173] ele se gaba a Heinlein. "Ele simplesmente a abole. […] É ciência, meu caro, ciência." Menciona de passagem uma pesquisa que está fazendo com crianças. "Essa poção mágica que inventei funciona notavelmente bem com crianças", comenta. "Peguei um garotinho medroso que era considerado estúpido e estava fracassando em tudo e trabalhei nele umas 35 horas, só para garantir. Foi no mês passado. Hoje à tarde ele me aparece só com A no boletim e de repente lendo Shakespeare." Ele também estava notando progresso em si mesmo, tanto no trabalho quanto em suas capacidades sexuais. "Fico novo com quatro horas de sono por noite. Mas o mais interessante é que chego a gozar oito vezes. Na mesma noite."

Heinlein pediu avidamente os detalhes. Hubbard respondeu com um resumo do que ele mais tarde denominaria Escala Tonal. Ela descreve a gama dos estados emocionais humanos, com graus de 1 a 4. Na base está a Apatia; em seguida, a Raiva. Esses tons inferiores são governados pelo inconsciente, que Hubbard chama de "mente reativa". O terceiro nível, até então sem título, é o estado normal da maior parte da humanidade. O quarto é um estado de felicidade e laboriosidade. A técnica experimental de Hubbard visava levar o indivíduo a subir dos tons inferiores para o estado superior do quarto tom. Seu método, como ele descreveu a Heinlein, era drenar as experiências e associações desagradáveis que o indivíduo acumulou ao longo da vida. Depois disso, "resultados espantosos acontecem". Asma, dores de cabeça, artrite, cólicas menstruais, astigmatismo e úlceras simplesmente desaparecem. Há um aumento colossal da competência. A mente reativa é eliminada, e a mente racional assume o comando.

No fim de abril de 1949 Hubbard enviou a Heinlein um bilhete avisando que estava de mudança para Washington por tempo indefinido. Não disse uma palavra sobre Sara. Três semanas depois, Hubbard, aos 38 anos, entra com um

pedido em Washington para se casar com Ann Jensen, de 26. A solicitação foi cancelada no dia seguinte a pedido da noiva. Talvez ela tenha descoberto que Hubbard já era casado com sua segunda mulher e que cometera bigamia antes. Seja como for, o nome de Ann Jensen desaparece da história da vida de Hubbard.

Ele e Sara se mudam para Elizabetth, Nova Jersey, onde John Campbell, o editor de Hubbard na revista *Astounding Science-Fiction*, residia antes da guerra. Campbell visitava Hubbard assiduamente e se tornou um de seus primeiros e mais importantes convertidos. "Caramba, o cara achou[174] alguma coisa — e coisa grande", ele escreveu, empolgado, a Heinlein.

Campbell se submeteu ao tratamento, que usava a "hipnose profunda".[175] Nesse estado de transe, ele conseguiu recuperar memórias traumáticas de seu nascimento. "Nasci com o cordão[176] enrolado no pescoço, me estrangulando", ele contou a Heinlein. O médico que fez o parto, que na recordação de Campbell tinha sotaque alemão, gritara para a mãe de Campbell: "Precisa parar de lutar, você o está matando! Relaxe!". Mais tarde, o médico pôs alguma medicação ardida nos olhos do bebê e disse: "Você se esquecerá disso logo". Campbell caracterizou essa ordem como "comandos pós-hipnóticos inamovíveis de tremenda força", que governaram boa parte de seu comportamento subsequente. "Os pirralhos da vizinha podiam me azucrinar sem dó, e o faziam porque eu não era capaz de lutar", ele contou a Heinlein; sua mãe consolava-o frequentemente dizendo que ele logo esqueceria as dolorosas experiências da infância, daí resultando que muitos dos momentos mais importantes de sua vida ficaram perdidos para ele. "A técnica de Ron consiste em trazer essas velhas memórias à tona e então *apagá-las*", Campbell explicou. Ele escreveu que, embora não se lembrasse agora de seu nascimento, lembra-se de tê-lo recuperado na memória e relatado a Hubbard, que então apagou a verdadeira memória junto com suas associações dolorosas, deixando Campbell com a experiência de saber o que lhe acontecera sem que a memória em si continuasse sua influência sinistra. Obviamente é dificílimo distinguir entre uma memória real e uma memória implantada, ou confabulação.

Esse era o remédio mais potente já descoberto, Campbell prosseguiu, mas também a mais perigosa das armas imagináveis quando não fosse adequadamente manejada. "Com o conhecimento que agora tenho, eu poderia transformar pessoas comuns em maníacos homicidas em uma hora." Contudo, como editor, Campbell reconhecia as possibilidades comerciais: "Essa é a maior reportagem do mundo — muito maior que a bomba atômica". Acrescentou num pós-escrito que havia perdido nove quilos[177] em 25 dias — outra mina de ouro

comercial. Campbell estava alucinado, pois Hubbard ainda tinha de começar a escrever o livro. “O segredo da sanidade[178] mental do mundo está na cabeça de Ron Hubbard, e não existe sequer um registro escrito adequado”, ele lamentou com Heinlein.

Em dezembro, Ron e Sara se mudaram para o que Hubbard chamou de “um velho barracãozinho”[179] em Bayhead, Nova Jersey, com oito dormitórios, perto da praia. Em março de 1950, ele mandou aos Heinlein um minicatálogo feito à mão dos editores da “Hubbard House”, anunciando a coleção de primavera:

Anunciando
Uma Nova Edição Hubbard[180]
Material Totalmente Novo
Não é uma revisão
Coautores — Ron e Sara Hubbard
Lançamento no dia 8 de março, 1950 — 11h50
Peso: 4,13 kg — Altura: 53 cm
Alexis Valerie
Aclamada por todos os críticos!

Alexis era a imagem do pai, que se deliciava com sua precocidade. “Ron vai a pouco menos que[181] a velocidade da luz o dia inteiro e todos os dias”, escreveu Sara aos Heinlein, “e no meio da noite conta tudo a Alexis.”

Ron prometeu enviar a Heinlein a primeira prova de *Dianética* assim que estivesse pronta. Informou que tinha 180 mil palavras, “começadas em 12 de janeiro de 1950[182] e terminadas em 10 de fevereiro, a sair do prelo até 25 de abril”. Quando um dos seguidores de Hubbard lhe perguntou como fora capaz de escrever a obra tão depressa, Hubbard respondeu que seu espírito guardião, a Imperatriz, ditara o texto[183] para ele.

Como vários outros escritores destacados da Era de Ouro da ficção científica, inclusive Heinlein e A. E. van Vogt, Hubbard havia sido fortemente influenciado pelas obras de Alfred Korzybski, um filósofo polonês-americano que criou a teoria da semântica geral. Em Nova Jersey, Sara leu Korzybski[184] e citou várias passagens em voz alta para Ron, que imediatamente absorveu as ideias como a base para um sistema de psicologia, ou quem sabe até para toda uma religião.

Korzybski salientou que as palavras não são as coisas que elas designam, do mesmo modo que um mapa não é o território que ele representa. A linguagem molda o pensamento, cria hábitos mentais que podem obstruir o caminho da sanidade preservando equívocos. Korzybski afirmou que perturbações emocionais, distúrbios de aprendizado e muitas doenças psicossomáticas — por exemplo, problemas cardíacos, doenças de pele, distúrbios sexuais, enxaqueca,

alcoolismo, artrite e até cárie dental — podiam ser curadas pelo treinamento semântico, uma pretensão bem parecida com a de Hubbard para sua própria obra. Hubbard citou Korzybski várias vezes, embora admitisse que nunca seria capaz de ler os textos dele. “Bob Heinlein uma vez falou[185] comigo por dez minutos inteiros sobre Korzybski, e foi muito inteligente”, ele relatou mais tarde. “Sei um bocado sobre as obras de Korzybski.”

Com esse conhecimento de segunda mão, Hubbard viu a necessidade de criar um vocabulário especial que lhe permitisse definir velhas ideias de novos modos (a alma se torna um thetan, por exemplo), inventar palavras novas, como *enturbular* (confundir) e *hatting* (treinar), usar palavras e frases de um modo inusitado, transformando adjetivos e verbos em substantivos, ou vice-versa (*overt*, *static*, *alter-isness*), e se valer de uma superabundância de acrônimos digna do Pentágono — tudo perfeito para que seus seguidores se perdessem num labirinto semântico autorreferente.

Hubbard presenteou seu amigo e acólito John Campbell com um furo de reportagem, permitindo-lhe comprar um longo excerto de seu livro em andamento. E foi assim que o mundo teve seu primeiro vislumbre de *Dianética* nas páginas da revista *Astounding Science-Fiction.* “Este artigo não é um embuste,[186] uma brincadeira ou qualquer outra coisa além de uma apresentação direta e clara de uma tese científica totalmente nova”, Campbell alerta seus leitores, que poderiam achar estranho um texto acadêmico numa revista *pulp*. “Sei que a dianética é[187] uma das maiores descobertas, ou talvez a maior, de toda a história escrita e não escrita do homem”, ele escreveu a um perplexo colaborador. “Ela produz o tipo de estabilidade e sanidade com que os homens vêm sonhando há séculos.” Ele garantiu a um jovem escritor que Hubbard ganharia o Prêmio Nobel da Paz[188] por sua obra.

O livro propriamente dito, *Dianética: o poder da mente sobre o corpo*, foi lançado em maio. Era completamente inesperado, considerando a história de Hubbard como escritor. Ele pretendia que a obra fosse o clímax dos “50 mil anos[189] de especulações e observações de pensadores humanos sem as quais a criação e a construção da dianética não teria sido possível”. Para a cientologia, *Dianética* é o Livro Primeiro. “Com 18 milhões de exemplares vendidos,[190] esse é sem dúvida o mais lido e influente livro já publicado sobre a mente humana”, afirma a igreja. A cientologia tem um calendário próprio que começa em 1950, ano em que *Dianética* foi lançado.

Na teoria de Hubbard, a mente tem duas partes. A mente analítica, ou consciente, é o centro do entendimento, o depósito de todas as percepções passadas. Nada é perdido em seu banco de dados. Cada cheiro, padrão ou som

associado às experiências passadas de um indivíduo está presente e pode ser completamente recuperado. Essa é a mente que observa, pensa e resolve problemas. É racional e tem consciência de si.

A outra forma de mente é a reativa. Ela é a única fonte de pesadelos, insegurança e medos irracionais. Não pensa. É um repositório de emoções dolorosas e destrutivas que são registradas até quando o indivíduo está dormindo ou inconsciente, ou ainda no útero. Esse registro não é equivalente à memória, no sentido de ser uma construção mental; ele é fisicamente uma parte da estrutura celular e tem a capacidade de se reproduzir em gerações de novas células. "É evidente que as células são sencientes,[191] de algum modo ainda inexplicável", especula Hubbard. Quando despertado por algum estímulo, o registro, que Hubbard chama de "engrama", desliga a mente consciente e assume o controle das ações ou do comportamento do indivíduo.

Hubbard compara o engrama a uma sugestão pós-hipnótica. Descreve um homem em transe a quem se diz que, toda vez que o operador tocar em sua gravata,[192] o homem deverá tirar o paletó. Quando o homem é acordado, não tem consciência desse comando. "O operador toca em sua gravata", escreve Hubbard. "O sujeito pode fazer algum comentário sobre estar fazendo muito calor, e tira o paletó." Esse efeito pode ser obtido repetidamente. "Por fim, o sujeito percebe, pela expressão das pessoas, que há alguma coisa estranha. Ele não saberá o que é. Não saberá sequer que o toque na gravata é o sinal que o faz tirar o paletó." O comando hipnótico em seu inconsciente continua a governar seu comportamento, mesmo quando o sujeito reconhece que ele é irracional e talvez até prejudicial. Desse mesmo modo, teoriza Hubbard, os engramas exercem sua sinistra influência sobre as ações cotidianas, minando a autoconfiança e subvertendo o comportamento racional. O indivíduo sente-se impotente porque se comporta de modos com os quais jamais consentiria conscientemente. Ele é "manipulado como uma marionete[193] por seus engramas".

Embora não houvesse casos registrados que comprovassem sua afirmação de que centenas de pacientes haviam sido curados com seus métodos graças a "muitos anos de estudos rigorosos[194] e testes meticulosos", Hubbard ofereceu exemplos interessantes de comportamento hipotético. Por exemplo, uma mulher que é espancada e chutada. "Ela fica 'inconsciente'."[195] Nesse estado, ela ouve que não presta, que é uma fingida e que vive mudando de ideia. Nesse meio-tempo, uma cadeira é tombada com um pontapé, há uma torneira aberta na cozinha, um carro passa lá fora. Todas essas percepções fazem parte do engrama. A mulher não se dá conta, mas sempre que ouve água corrente ou um carro

passando, o engrama é parcialmente estimulado de novo. Ela se sente mal quando ouve essas duas coisas juntas. Se por acaso uma cadeira tombar nesse mesmo momento, a mulher sofre um choque. Começa a sentir-se como a pessoa que ela foi acusada de ser quando estava inconsciente, uma fingida volúvel. "Isso não é teoria",[196] Hubbard assevera repetidamente. É uma "ciência exata"[197] que representa "um passo evolucionário no desenvolvimento do homem".

Hubbard afirmou que a influência dos engramas sobre o comportamento presente pode ser eliminada se os detalhes do incidente original forem recitados até que deixem de possuir uma carga emocional.[d] "A dianética apaga[198] a dor de toda uma vida", escreve Hubbard. "Quando essa dor é apagada do banco de engramas e rearquivada como memória e experiência nos bancos de memória, todas as aberrações e doenças psicossomáticas desaparecem." O objetivo da terapia dianética é drenar os engramas de suas qualidades dolorosas e perversas e eliminar completamente a mente reativa, fazendo da pessoa um *clear*.

Escrito num estilo despojado e idiossincrático, abarrotado de notas de rodapé em tom condescendente que pouco fazem para dar substância às suas ousadas afirmações, *Dianética* ainda assim causou sensação e se manteve por 28 semanas na lista dos mais vendidos do *New York Times*, assentando os alicerces para a categoria de livros de autoajuda do pós-guerra que tentaram igualar seu sucesso. Centenas de grupos de dianética proliferaram nos Estados Unidos e em outros países, para que seus adeptos aplicassem os princípios terapêuticos prescritos por Hubbard. Era preciso apenas um parceiro, chamado auditor, que guiasse o indivíduo na tarefa de localizar seus engramas e trazê-los à consciência, onde seriam liberados e tornados inofensivos. "Você encontrará muitas[199] razões por que 'não consegue melhorar'", alerta Hubbard, mas promete: "A dianética não é uma aventura sombria. Mesmo lidando com sofrimentos e perdas, seu fim é sempre o riso, tão tolas e mal interpretadas eram as coisas que causavam aflição".

O livro chegou num momento em que os abalos da recém-terminada guerra mundial ainda se faziam sentir. Por trás da euforia da vitória havia um trauma imenso. Certezas religiosas estremeceram diante da criação de bombas tão poderosas que a civilização, e talvez até a própria vida, virara uma aposta no jogo da Guerra Fria. Perda, luto e desesperança estavam velados pelo estoicismo da época, mas a população internada em hospitais para doentes mentais quase superava numericamente os pacientes[200] tratados por quaisquer outras causas. A psicanálise era vista com desconfiança em boa parte dos Estados Unidos como

uma importação europeia, e principalmente judia, que demandava muito tempo e era fantasticamente cara. Hubbard prometia resultados “em menos de vinte horas[201] de trabalho”, e muito “superiores a qualquer um já obtido por vários anos de psicanálise”.

O campo da psiquiatria, nesse meio-tempo, passava por um período de brutal experimentação, caracterizado pela prática disseminada da lobotomia e da terapia de eletrochoque. A perspectiva de consultar um psiquiatra era acompanhada por justificado pavor. Isso talvez tenha influenciado a decisão de Hubbard de não ir adiante com seu pedido de tratamento psiquiátrico. O surgimento de um manual do tipo “faça você mesmo” que afirmava desvendar os segredos da mente humana e produzir resultados garantidos — de graça — certamente atrairia o público. “Foi um sucesso monstruoso,[202] apocalíptico”, maravilhou-se Hubbard.

A comunidade científica, estupefata com a popularidade do livro, reagiu com hostilidade e zombaria. A obra pareceu aos cientistas mero psicologismo folclórico. “Esse livro provavelmente[203] contém mais promessas e menos evidências por página que qualquer publicação desde a invenção do prelo”, escreveu o físico Isidor Isaac Rabi, ganhador do Prêmio Nobel, em sua resenha de *Dianética* para a revista *Scientific American.* “As vendas monumentais da obra até o momento são um indicador preocupante das ambições, esperanças e ideais frustrados, das angústias e receios das multidões que, através dela, procuram socorro.” Erich Fromm, um dos pensadores predominantes do movimento psicanalítico, criticou o livro como “expressão de um espírito[204] que é exatamente o oposto dos ensinamentos de Freud”. O método de Hubbard, ele lamenta, “não respeita nem compreende as complexidades da personalidade”. E cita Hubbard com escárnio: “Numa ciência de engenharia como a dianética, podemos trabalhar apertando botões”. Mas obviamente isso era parte do imenso atrativo da teoria.

Uma das mais dolorosas críticas a *Dianética* foi sem dúvida a de S. I. Hayakawa, o mais notável herdeiro intelectual de Korzybski (e mais tarde senador dos Estados Unidos pela Califórnia). Ele não só depreciou o livro como também repudiou o que considerava o espúrio ofício de escrever ficção científica. “Essa arte consiste[205] em esconder *do leitor*, no interesse do enredo, as distinções entre fatos científicos estabelecidos, hipóteses científicas quase comprovadas, suposições científicas e extrapolações imaginosas muito além do que jamais se conjeturou”, ele escreveu. O escritor que produz “muito disso, com demasiada rapidez e desembaraço”, corre o risco de acreditar em suas próprias criações. “Parece-me inevitável que qualquer um que escreva vários

milhões de palavras de fantasia e ficção científica acabe internalizando as suposições por trás da verborragia.” *Dianética*, salientou Hayakawa, não era ciência nem ficção, e sim outra coisa: “ciência ficcional”.

Nem todos os cientistas rejeitaram o enfoque de Hubbard. Um de seus primeiros defensores foi o cunhado de Campbell, dr. Joseph Winter, um médico que também já escrevera para a revista *Astounding Science-Fiction*. Em busca de uma abordagem mais holística da medicina, Winter foi a Nova Jersey para experimentar em primeira mão o método de Hubbard. “Enquanto ouvia Hubbard[206] ‘processando’ um de seus pacientes, ou enquanto eu mesmo era ‘processado’, percebia que estava sentindo dores inexplicáveis em várias partes de minha anatomia, ou que me tornava extremamente fatigado e sonolento”, ele contou. “Eu tinha pesadelos de que me sufocavam ou cortavam minha genitália e me convenci de que a dianética era um método capaz de surtir efeito.”

O método de Hubbard consistia em induzir no paciente um estado de *rêverie*[e] mediante o comando “Quando eu contar de um a sete, seus olhos se fecharão”. Um tremor das pestanas quando as pálpebras se fecham é o sinal de que o paciente entrou em estado receptivo. “*Não é hipnose*”, garante Hubbard. Embora na *rêverie* dianética possa parecer que a pessoa está em transe, o que ocorre é justamente o oposto, ele diz: “O propósito da terapia é despertar a pessoa em cada período de sua vida no qual a ‘inconsciência’ lhe foi imposta. A dianética acorda as pessoas”.

Sara observava o efeito que Ron produzia em seus pacientes. “Ele segurava as mãos[207] das pessoas e tentava impingir nelas aquelas falsas memórias”, ela recorda. “Ele se concentrava nas pessoas, e elas *adoravam* isso. Achavam o máximo que alguém lhes desse tanta atenção.”

O dr. Winter experimentou as técnicas de Hubbard em seu filho de seis anos, que temia ficar no escuro porque tinha pavor de que fantasmas viessem sufocá-lo. Winter lhe pediu que lembrasse a primeira vez em que vira um fantasma. “Ele tem um avental branco[208] comprido, um chapeuzinho branco na cabeça e um pedaço de pano branco na boca”, disse o menino. Ele tinha até um nome para o fantasma: justamente o nome do obstetra que fizera seu parto. Winter pediu ao filho que olhasse mentalmente para o “fantasma” muitas vezes, até que o garoto começou a se acalmar. “Quando parecia que o relaxamento máximo fora obtido depois de dez ou doze repetições do relato, eu lhe disse para abrir os olhos”, conta Winter. “Já se passou mais de um ano depois dessa curta sessão com meu filho, e em todo esse período ele não teve nenhuma recorrência de seu medo do escuro.”

A ideia de que memórias antigas, inclusive pré-natais, podiam ser recuperadas

era central para a teoria de Hubbard. Cada engrama arraigado na mente reativa tinha seus predecessores; o objetivo da terapia dianética era encontrar o dano original, o "básico-básico" que produziu o engrama inicial. Freud também postulara que traumas de infância reapareceriam na vida adulta através de sintomas de histeria ou neurose. Em seu célebre caso do Homem dos Lobos, por exemplo, Freud identificou uma neurose de infância em seu paciente com a visão dos pais copulando quando ele tinha um ano e meio de vida. "Tudo remonta[209] à reprodução de cenas", pensava Freud na época. Ele reconhecia que em muitos casos tais memórias de infância eram claramente inventadas, mas da perspectiva da análise elas ainda assim eram úteis, pois as emoções e associações relacionadas às confabulações abriam uma janela para o subconsciente do paciente. Era comum encontrar quem acreditasse tão profundamente em falsas memórias de infância quanto em memórias verdadeiras, mas o que distinguia as primeiras era o fato de serem quase sempre idênticas, invariáveis de paciente para paciente; deviam ser universais, por alguma razão ignorada. Carl Jung, pupilo de Freud, baseou-se nesse fato para construir sua teoria do inconsciente coletivo. O próprio Freud acabou acreditando que o que era uma falsa memória na mente presente de um paciente tinha sido realidade em algum momento da pré-história:

> Parece-me bem possível[210] que todas as coisas que nos são ditas como fantasia na análise — a sedução de crianças, a inflamação da excitação sexual pela observação de relações sexuais dos pais, a ameaça de castração […] — tenham sido ocorrências reais nos tempos primevos da família humana, e que as crianças em suas fantasias estejam simplesmente preenchendo as lacunas na verdade individual com a verdade pré-histórica.

Entretanto, Freud continuava incomodado com o fato de que muitas dessas supostas memórias se formavam numa idade estranhamente precoce. "A proeza extrema nessas linhas[211] é a fantasia de observar os pais em relação sexual enquanto ainda se está no útero", ele ironiza. Esse absurdo foi uma das razões pelas quais ele acabou descartando a teoria da sedução.

Para Hubbard, porém, os traumas no início da vida ou até pré-natais eram literalmente verdadeiros. Ele acreditava que o feto gravava não só detalhes dos pais copulando enquanto sua mãe o gestava, mas também cada palavra dita durante o ato. Tais registros podiam ser estimulados de novo na vida adulta ao se ouvir linguagem semelhante, o que despertaria então a aflição que o feto sentira, por exemplo, por ocasião de um episódio sexual violento. Isso poderia levar à "aberração", que para Hubbard incluía todas as psicoses, neuroses, compulsões e outros desvios do comportamento racional. Engramas formam cadeias de incidentes similares, Hubbard supõe. Ele exemplifica com dezessete engramas

pré-natais encontrados num único indivíduo, que "passara por normal"[212] durante 36 anos de vida. Entre eles:

> CADEIA DE COITO, PAI. Primeiro incidente zigoto. 56 incidentes subsequentes. Duas ramificações, pai bêbado e pai sóbrio.
> CADEIA DE COITO, AMANTE. Primeiro incidente embrião, dezoito incidentes subsequentes. Todos dolorosos devido ao entusiasmo do amante.
> CADEIA DE LUTA. Primeiro incidente embrião. 38 incidentes subsequentes. Três quedas, vozes altas, sem espancamento.
> TENTATIVA DE ABORTO, CIRÚRGICA. Primeiro incidente embrião. 21 incidentes subsequentes.
> TENTATIVA DE ABORTO, DUCHA. Primeiro incidente feto. Dois incidentes. Um usando pasta, um usando Lysol, muito forte.
> CADEIA DE MASTURBAÇÃO. Primeiro incidente embrião. Oitenta incidentes subsequentes. Mãe se masturbando com os dedos, sacudindo o filho e machucando-o com o orgasmo.
> E assim por diante, tudo isso levando ao:
>
> NASCIMENTO. Instrumento. 29 horas de trabalho de parto.

A visão que Hubbard tinha das mulheres, nesses exemplos e em muitos outros, não se revela apenas desdenhosa: deixa transparecer uma espécie de horror. Ele prossegue com uma afirmação estarrecedora: "É um fato científico[213] que as tentativas de aborto são o fator mais importante nas aberrações. A criança que sofreu tentativa de aborto está condenada a viver com *assassinos* que ela reativamente sabe que são assassinos ao longo de toda a sua fraca e impotente juventude!". Na opinião de Hubbard, é muito difícil abortar um filho, o que explica os frequentes fracassos do processo. "Não são raras vinte ou trinta tentativas de abortar[214] o aberrante e em cada tentativa a criança poderia ter tido o corpo ou o cérebro perfurados", ele escreve.

> Não importa quantos bilhões[215] os Estados Unidos gastem por ano com hospitais para os loucos e prisões para os criminosos, eles são gastos principalmente por causa de tentativas de aborto perpetradas por alguma mãe sexualmente bloqueada para quem os filhos são uma maldição, e não uma bênção de Deus.

Uma das acusações que o ressentido filho mais velho de Hubbard faria contra o pai era tentar por duas vezes provocar um aborto em sua mãe. "Observei uma delas[216] quando tinha uns seis ou sete anos", testemunhou mais tarde L. Ron Hubbard Jr. Ele se lembrou de ver o pai debruçado sobre sua mãe com um cabide na mão. A outra tentativa de aborto foi contra ele próprio. "Nasci aos seis meses[217] e meio de gestação e pesava 963 gramas. Ou melhor, eu não nasci: isto foi o que saiu como resultado das tentativas deles de me abortar." O próprio Hubbard escreve em sua autobiografia secreta que Polly tinha pavor de parto, "mas engravidou, apesar de todas as precauções,[218] sete vezes em cinco anos, resultando em cinco abortos e dois filhos". Enquanto ele escrevia *Dianética*,

Sara estava grávida de Alexis; ela diz que Hubbard chutou seu ventre[219] várias vezes tentando provocar um aborto. Tempos depois, Hubbard contaria a uma de suas amantes[220] que ele próprio nascera de um aborto fracassado.

Enquanto Hubbard ainda estava escrevendo *Dianética*, entrou em contato com a Associação Americana de Psiquiatria e com a Associação Americana de Psicologia, apresentando-se como um colega que realizara avanços fundamentais na ciência. Pacientes postos em estado de transe, ele explicou, podiam ser ajudados a recordar seu próprio nascimento. Em dezesseis de vinte casos que ele diz ter examinado, doenças psicossomáticas haviam sido causadas por trauma antes ou durante o nascimento. “Dor de cabeça de enxaqueca,[221] úlceras, asma, sinusite e artrite foram algumas das doenças amenizadas”, ele afirmou. Em carta semelhante[222] à Sociedade Americana de Gerontologia, ele asseverou também que dezesseis dos vinte sujeitos haviam rejuvenescido em grau mensurável. Seu título preliminar para o texto era “Certas descobertas e estudos conducentes à eliminação de experiências traumáticas iniciais incluindo tentativa de aborto, choque ao nascer e acidentes e doenças na primeira infância com um exame de seus efeitos sobre a mente adulta e uma descrição das técnicas desenvolvidas e empregadas”. Quando os cientistas testaram[223] algumas das afirmações de Hubbard e constataram que suas técnicas não produziam melhora mensurável, Hubbard disse que a culpa era deles, porque não tinham entendido seu sistema.

A rejeição pela corrente dominante da área de saúde mental, mesmo antes de *Dianética* ser publicado, foi para Hubbard uma espécie de trauma pré-nascimento. Depois disso, sempre que a dianética ou a cientologia sofriam ataques da imprensa ou de governos, Hubbard via ali a mão dos psiquiatras. “Os psiquiatras e seus grupos de frente[224] agem com base em manuais terroristas”, ele escreveu com rancor anos depois. “A Máfia parece uma convenção de educadores de escola dominical se comparada a esses grupos terroristas.” Mais para o fim da vida, ele concluiu que, se os psiquiatras tivessem “o poder de torturar[225] e matar todo mundo, eles o fariam. […] Reconheçam-nos pelo que são: criminosos psicóticos — e tratem-nos como tais”. A psiquiatria era “a causa única de declínio[226] neste universo”.

Hubbard criou escolas para treinar auditores em cidades grandes, e essa medida, aliada às vendas de seu livro e à remuneração por palestras, gerou receitas em cascata. “Entrava uma avalanche de dinheiro”,[227] maravilhou-se Sara. Hubbard começou a andar com enormes maços de notas no bolso. “Passamos um dia na frente de uma revendedora Lincoln e admiramos um daqueles carrões que eles tinham na época”, Sara lembra. “Ele entrou na mesma

hora e comprou o carro para mim, em dinheiro vivo!”

Os interessados na dianética[228] eram trabalhadores de colarinho-branco, protestantes, jovens ou de meia-idade, fãs da ficção científica. A perspectiva de emprego nesse ramo em rápida ascensão motivava alguns deles. Outros buscavam a verdade, muitos deles veteranos de outros movimentos e cultos que estavam reagindo aos deslocamentos da época. E havia também os que tinham ouvido sobre a lenda do heroico oficial da Marinha que ficara cego e aleijado na guerra e curara a si mesmo com as técnicas da dianética. Como Hubbard, eles procuravam a cura. A sociedade e a ciência não haviam resolvido seus problemas. Esperavam que a dianética os reerguesse,[229] iluminasse, restaurasse sua integridade.

Uma das características contraditórias da dianética é o fato de que Hubbard se referia continuamente aos poderes dos *clears*, mas até então não havia apresentado nenhum para provar. Entre outros poderes, um *clear* tinha “completa recordação[230] de tudo o que já lhe acontecera ou de qualquer coisa que ele já tivesse estudado. Ele faz computações mentais como as do xadrez, por exemplo, que um normal faria em meia hora, em dez ou quinze segundos”. Tais afirmações supunham que já existia uma considerável população de graduados em dianética com habilidades excepcionais, e naturalmente os leitores de Hubbard se perguntavam onde estaria essa gente.

Em agosto de 1950 Hubbard apresentou o “primeiro *clear* do mundo”,[231] no Shrine Auditorium de Los Angeles. Sonia Bianca, estudante de física de Boston, subiu muito nervosa ao palco. Hubbard declarou que através da dianética Bianca conseguira “a recordação integral e perfeita de todos os momentos de sua vida”. A plateia começou a crivá-la de perguntas; por exemplo, o que ela comera no café da manhã oito anos antes, o que estava escrito na página 122 do livro de Hubbard e até fórmulas elementares de física, sua área de estudo. Ela não soube responder quando alguém lhe perguntou qual era a cor da gravata de Hubbard, de costas para ela por um momento. Foi um fiasco colossal. Hubbard não voltaria a anunciar nenhum *clear* por dezesseis anos. Um dos acólitos desiludidos de Hubbard concluiu mais tarde que o conceito de *clearing* era apenas um chamariz para dramatizar a teoria da dianética. “O fato é que nunca houve nenhum *clear*[232] como ele os descrevia”, escreveu Helen O’Brien, a principal executiva de Hubbard nos Estados Unidos. “Houve remissões aleatórias de problemas psicossomáticos.”

Nesse meio-tempo, o casamento bígamo com Sara descambou para uma conclusão dramática. Um mês depois da derrocada de Sonia Bianca, Ron e Sara estavam morando no Chateu Marmont, em Hollywood. Ele a espancava

frequentemente. “Com ou sem discussão,[233] havia surtos de violência”, Sara recordou. “As veias da testa dele inchavam”, e Ron batia nela “sem mais nem menos”. Certa vez, ele rompeu o tímpano de Sara. Apesar disso, ela continuava com ele, refém das necessidades do marido. “Eu me sentia muito culpada pelo fato de ele ser assim tão psicologicamente abalado”, disse Sara. “Achava que ele dera tanto de si ao nosso país e eu nem ao menos conseguia lhe dar paz de espírito. Acreditava piamente que ele era um homem muito honrado que sacrificara seu bem-estar pela pátria. […] Nunca me ocorreu que fosse um mentiroso.” Ron finalmente explicou seu dilema: ele não queria ser casado. “Não quero ser um marido americano,[234] pois posso comprar amigas sempre que quiser.” Mas o divórcio prejudicaria sua reputação. A solução: se Sara realmente o amasse, devia se suicidar.

Sara pegou a pequena “Alexi”, como ela chamava a filha do casal, e se mudou para a Fundação de Pesquisas em Dianética de Los Angeles, numa mansão que já pertencera ao governador, próxima do campus da Universidade do Sul da Califórnia. Logo depois, começou um romance com outro homem, Miles Hollister.

Hubbard, furioso, disse à sua amante, Barbara Klowden, que Sara e Miles estavam tramando[235] para interná-lo num manicômio. De fato, Sara consultara um psiquiatra a respeito do problema de Hubbard. Disse ao médico que Ron havia declarado que preferia matá-la a permitir que ela o deixasse. O psiquiatra declarou que Hubbard provavelmente precisava ser internado, e alertou que a vida de Sara estava em perigo.

Apesar disso, Sara procurou Ron pessoalmente e contou o que o médico dissera. Prometeu que, se ele se tratasse, ela ficaria com ele. Do contrário, iria embora. Ron respondeu ameaçando matar Alexis. “Ele não queria que ela[236] fosse criada comigo porque eu estava mancomunada com os médicos”, Sara recordou na fita que gravou no leito de morte. “Ele achava que eu tinha me aliado aos psiquiatras, com os demônios.”

Na noite de 24 de fevereiro de 1951, Sara foi ao cinema e deixou o bebê aos cuidados de um estudante da Fundação, um rapaz chamado John Sanborne. Alexis se tornara uma espécie de celebridade, ou pelo menos uma curiosidade. Hubbard anunciara com alarde que ela era “o primeiro bebê dianético”,[237] protegida desde o nascimento contra perturbações formadoras de engramas e de conflitos paternos. Em consequência, Hubbard se gabava, Alexis falara aos três meses de vida, andara aos quatro e não tinha fobias. Por volta das 22 horas, Alexis, então com onze meses, começou a chorar no berço, por isso Sanborne pegou-a no colo para acalmá-la. De repente, a criança disse com um sussurro

rouco: “Não durmo”.[238] Sanborne se espantou. Não imaginava que um bebê pudesse falar assim. “Foi uma coisa esquisita”, ele contou depois. “Uma sensação daquelas que dão um arrepio na nuca.”

Às 23 horas bateram à porta. Um dos auxiliares de Hubbard apareceu, vestindo um sobretudo, de mão no bolso. Sanborne achou que ele portava uma arma. O homem disse que Hubbard viera buscar sua filha. E então Hubbard em pessoa entrou, também de sobretudo, com a mão direita no bolso. Pegaram a criança e desapareceram.

Mais tarde, ainda naquela noite, Hubbard voltou com outros dois homens para raptar Sara. “Estamos com Alexis,[239] e você nunca mais a verá com vida se não vier conosco”, disse Hubbard. Amarraram-lhe as mãos e a arrancaram da cama. Levaram-na para um Lincoln que estava à espera. Sara diz que Hubbard apertava sua garganta para impedi-la de gritar. O assistente de Hubbard, Richard de Mille (filho do famoso diretor e produtor de cinema Cecil B. DeMille), dirigiu a esmo, com Hubbard e Sara, que estava só de camisola, sentados atrás. Ela lhe disse que sequestro era crime capital.

Em San Bernardino, Hubbard mandou De Mille parar no hospital do condado para que ele internasse Sara, mas nenhum médico quis lhe falar em plena madrugada. Por fim, Hubbard e Sara negociaram uma trégua. Hubbard contou onde Alexis estava escondida — ele havia contratado uma babá no distrito de West Los Angeles para cuidar dela — e Sara assinou uma declaração de que saíra com Hubbard espontaneamente. Hubbard e De Mille foram para o aeroporto de Yuma, no Arizona, de onde partiram para Phoenix, enquanto Sara dirigiu o Lincoln de volta a Los Angeles, de camisola, para buscar Alexis. Chegando à creche, porém, disseram-lhe que um jovem casal acabara de sair[240] com o bebê.

Hubbard e De Mille foram para Chicago, onde Hubbard se apresentou voluntariamente para um exame psicológico, a fim de se contrapor à acusação de que era um esquizofrênico paranoico. O psicólogo fez alguns testes diagnósticos, entre eles o teste de Rorschach, e forneceu um relatório no qual concluía que Hubbard era um indivíduo criativo, afligido por problemas familiares e deprimido por causa do trabalho. Hubbard ficou satisfeitíssimo; mencionaria frequentemente que a classe dos psicólogos lhe dera um atestado de sanidade.[241] Depois, Sara recordou, ele lhe telefonou e disse que havia matado Alexis. “Disse que tinha cortado Alexis em pedaços,[242] jogado os pedaços no rio e visto bracinhos e perninhas flutuando e que a culpa era minha, que eu fizera aquilo porque o abandonara”, ela contou.

Hubbard e De Mille foram para Elizabeth, Nova Jersey, onde a Fundação

Dianética tinha sua sede. Enquanto isso, o jovem casal que Hubbard contratara para sequestrar Alexis na creche atravessou o país de carro com o bebê para entregá-lo a Hubbard. Estavam em meados de março, nevava em Nova Jersey, por isso Hubbard decidiu se mudar para a Flórida, onde pretendia escrever seu próximo livro. De Mille foi com ele, levando Alexis. Depois de alguns dias em Tampa, Hubbard continuava irritável, e disse que os três viajariam para Cuba. "Ele acreditava que enquanto estivesse[243] com a criança poderia controlar a situação", disse De Mille a um dos biógrafos de Hubbard.

Por seis semanas Sara havia procurado Alexis no sul da Califórnia, mobilizando a polícia local, xerifes e o FBI, mas as autoridades consideraram o rapto uma disputa familiar. Por fim ela impetrou um mandado de habeas corpus exigindo a volta de Alexis, o que alvoroçou a imprensa. Em 23 de abril de 1951, Sara aumentou a sensação requerendo o divórcio no condado de Los Angeles, revelando que Hubbard já era casado quando eles se uniram. Acusou Hubbard de submetê-la a "tortura sistemática"[244] que incluía privação de sono, espancamentos, estrangulamentos e "experimentos científicos de tortura". Afirmou que tinha consultado médicos, e eles haviam concluído que Hubbard era "irremediavelmente insano e louco".

Pouco depois, ela recebeu uma surpreendente carta de apoio de Polly:

> Se eu puder ajudar[245] de alguma forma, gostaria de fazê-lo — você precisa obter a guarda de Alexis —, Ron não é normal. Eu tinha esperanças de que você conseguiria endireitá-lo. Suas acusações provavelmente parecem fantásticas para uma pessoa comum, mas já passei por isso: os espancamentos, as ameaças à minha vida, todas as características sádicas que você menciona. Doze anos disso. […] Por favor, acredite que desejo muito ajudá-la a reaver Alexis.

Enquanto isso, em Havana, Hubbard contratou duas mulheres para cuidar do bebê. Mantinham a menina num berço coberto por uma grade de arame. Para De Mille, parecia que Alexis estava presa como um macaco numa jaula.[246]

Cuba era dominada por quadrilhas de criminosos que haviam transformado a ilha num paraíso hedonista, mas Hubbard não aproveitou muito a vida noturna; trancou-se num quarto de hotel, alugou uma velha máquina de escrever com teclado de caracteres espanhóis e começou a trabalhar. Segundo De Mille, Hubbard escrevia a noite inteira,[247] tendo à mão uma garrafa de rum que amanhecia vazia.

O livro que Hubbard estava martelando em Havana era *Ciência da sobrevivência*. Ele apresentou a seus leitores a Escala Tonal, que evoluíra desde que Hubbard a esboçara na carta a Robert Heinlein, dois anos antes. A escala classifica os estados emocionais a partir do zero, a morte do corpo. Os tons inferiores se caracterizam pela psicose, em que o ódio e a raiva dão lugar a

perversão, mentira ardilosa, covardia, retraimento e apatia. “As pessoas abaixo do nível 2.0,[248] não importa a intenção que declarem, trarão morte ou dano a pessoas, coisas e organizações próximas se estiverem na faixa da raiva, ou a morte para si mesmas se estiverem na faixa da apatia”, escreve Hubbard. “Qualquer um abaixo do nível 2.0 é um suicida em potencial.” Seu corpo fede, assim como seu hálito. Em 2.5 há um ponto de ruptura entre o normal e o neurótico. Esse estágio se caracteriza por tédio, incerteza, indiferença e conversação despropositada. No nível 3.0 entra-se num estágio que Hubbard caracteriza como “normal muito elevado”, em que o indivíduo é resistente a infecções, tolerante e racional; no entanto, ele também é insincero, descuidado e não confiável.

Os *clears* estão no ponto 4.0 da escala. A pessoa que atinge esse nível é quase imune a acidentes e bactérias. É alegre, animada, forte, capaz, curiosa, ética, criativa, corajosa, responsável e impossível de hipnotizar. No entanto, esse estado é apenas um décimo do que Hubbard prevê na esfera do potencial humano. Sua escala vai até 40.0, a serenidade da *beingness*, mas boa parte das capacidades das regiões superiores é desconhecida.

Considerando as circunstâncias em que se deu a criação desse livro, é interessante ler o que Hubbard escreve sobre o comportamento sexual e as atitudes com as crianças. Não só ele estava foragido em Cuba com sua filha sequestrada quando escreveu essa obra, mas também estava sendo processado por não prover o sustento de seus dois filhos do primeiro casamento, os quais ele não via fazia anos. “O sexo é um excelente indicador[249] da posição do *preclear* na Escala Tonal”, ele escreveu. Os níveis superiores se caracterizam por monogamia, constância, atitude prazerosa em relação ao sexo e um intenso interesse pelos filhos, embora o impulso de procriar seja mitigado pela sublimação do desejo sexual em puro pensamento criativo. No ponto 3.0 da escala, o interesse sexual é reduzido, mas o impulso de procriar permanece forte. Começa a declinar em 2.5, “não por outra razão além da ausência geral de interesse em qualquer coisa”. Os filhos são tolerados, porém há pouco interesse em seus assuntos. Em 2.0 o sexo é repulsivo, e os filhos causam aflição. Estupro e abuso de crianças caracterizam o ponto 1.5.

Hubbard chega então ao nível que o absorve, 1.1 na Escala Tonal. “Aqui estão a prostituta, o pervertido,[250] a esposa infiel, o amor livre, o casamento precoce e o divórcio rápido, e o desastre sexual generalizado”, ele escreve. “A sociedade que chega a esse nível está a caminho de desaparecer da história.” A mãe no nível 1.1 da Escala Tonal tenta abortar o filho. Mas, se a criança nascer,

> vemos a negligência[251] e o descuido totais com a criança, e nenhuma preocupação com o futuro do

> filho, tampouco esforço para dar-lhe um. Vemos ações familiares imprudentes, como a promiscuidade, que dilacera a segurança familiar da qual depende o futuro dessa criança. Nessa faixa, o filho é considerado uma coisa, uma posse.

Hubbard concluiu o livro e escreveu a seguinte dedicatória:

> *Para*
>
> *Alexis Valerie Hubbard*[252]
> *Em cujo amanhã pode*
> *ser antevisto um mundo*
> *próprio para ser livre*

Hubbard por fim escreveu a Sara uma mensagem revelando seu paradeiro: estava num hospital militar cubano, prestes a ser transferido para os Estados Unidos "como um cientista secreto[253] imune a todo tipo de interferência". E acrescenta:

> Ficarei hospitalizado provavelmente por muito tempo. Alexis está sob excelentes cuidados. Vejo-a todo dia. Ela é toda a minha razão de viver. Meu espírito nunca cedeu apesar de tudo o que você fez e deixou que eles fizessem, mas meu corpo não aguentou. Meu lado direito está paralisado […] Espero que meu coração resista […] A dianética durará 10 mil anos — pois o Exército e a Marinha a têm agora.

Termina alertando-a de que, se ele morrer, Alexis herdará uma fortuna, mas, se Sara conseguir a guarda, a criança não ficará com nada.

Hubbard voltou mesmo para os Estados Unidos e se instalou em Wichita, Kansas, acolhido por um rico simpatizante, Don Purcell. Ali estava o velho amigo de Hubbard, Russell Hays, trabalhando como consultor da Cessna Aircraft Corporation. Hubbard chegou com "um Cadillac tão comprido[254] que quase não conseguia estacionar em lugar nenhum e duas concubinas", admirou-se Hays. Quando Sara descobriu onde o marido estava, tentou embargar seus bens. Hubbard retaliou escrevendo uma carta ao procurador-geral dos Estados Unidos explicando o perigo que ele corria. "Sou, basicamente, um cientista[255] no campo dos fenômenos atômicos e moleculares", ele declarou como introdução. Afirmou que, segundo investigações que ele próprio conduzira, Sara tinha ligações com comunistas que se haviam infiltrado na Fundação Dianética. O macarthismo e a Ameaça Vermelha estavam no auge. "Eu não tinha percebido que minha mulher era um deles até esta primavera", Hubbard escreveu. Forneceu o nome de vários seguidores insatisfeitos, incluindo Gregory Hemingway, filho do famoso escritor. "Quando, quando, quando teremos uma diligência?", implorou.

Sara Northrup Hubbard em abril de 1951,
quando estava lutando com Hubbard para reaver sua filha, Alexis.

Enquanto isso, Sara foi para Wichita tentar obter o divórcio e reaver Alexis. Ron sugeriu jovialmente que fizessem uma viagem juntos. “Ele me disse que eu estava sob a influência[256] da célula comunista” chefiada por Miles, Sara recordou. “E que eles estavam me dizendo o que fazer, e que eu estava num estado de loucura total. Eu respondi: ‘É, acho que você tem razão. A única coisa que posso fazer é refletir muito e fazer tudo o que eles mandarem’.” Ron replicou que os comunistas tinham hipnotizado Sara. Ela continuou concordando, mas insistiu que precisava conseguir o divórcio, pois só assim seria capaz de se libertar do poder deles.

“Você sabe que sou uma figura pública, e você não é ninguém”, disse Ron, “por isso você terá que pedir o divórcio, eu a acusarei de abandono e assim não repercutirá mal em minha imagem pública.” Contanto que ela tivesse Alexis de volta como parte do trato, concordou Sara.

No dia do divórcio, Ron estava convencido de que o feitiço dos comunistas sobre Sara seria desfeito e ela voltaria para ele. Quando saíram da sala do tribunal, Sara disse que precisava ir buscar Alexis. Ron a levou aonde a filha estava. Sara disse que a última coisa que precisava fazer era ir ao aeroporto. Ela já tinha uma passagem. Com isso, o encantamento seria desfeito e ela ficaria livre.

No dia marcado para a partida, Ron levou Sara e Alexis de carro para o aeroporto. “No meio do caminho, ele disse que não iria me levar”, Sara

recordou.

"Você vai entrar no avião e ir embora, não vai?", disse Ron.

"Bem, preciso obedecer às ordens deles", Sara replicou. "Eu só vou até o avião."

Ron estacionou o carro. Disse que não suportava a ideia de que ela ficaria sob a influência de psiquiatras, e que talvez ele nunca mais voltasse a ver nenhuma das duas. "Não vou deixar vocês irem", declarou.

"Saí do carro, estávamos na beira do aeródromo", Sara lembrou. "Deixei todas as roupas de Alexis no carro, deixei minha mala, um dos sapatos dela caiu e eu estava com minha bolsa. Atravessei o aeródromo correndo, atravessei as pistas, o terminal e entrei no avião. Era 19 de junho, e foi o dia mais feliz da minha vida."

Em um ano Hubbard passara da pobreza e obscuridade à riqueza e renome internacional, seguidos por uma queda estrondosa. A fundação que ele criara[257] para treinar auditores se atolou em dívidas e logo declarou insolvência. Partidários íntimos, como John Campbell e o dr. Winter, desertaram. A dianética se revelou uma moda que varreu o país, apaixonou dezenas ou até centenas de milhares de pessoas mas se apagou mais depressa que bambolê.

Novamente Hubbard comprou um trailer, e dessa vez foi para Lawrence, Kansas, onde Russell Hays estava morando. Hays disse a Hubbard para estacionar seu trailer em algum terreno vago que ele possuía na vizinhança. "Ele não gostou nada[258] disso", conta Hays. "Eu não queria ter que morar com Hubbard, ele me deixava nervoso." Hubbard estava bebendo, trouxera várias drogas e insistiu com Hays para lhe fornecer maconha. Mais tarde, Hays desidratou folhas de falsa camomila e remeteu a Hubbard pelo correio, assinando "I. M. Reefer".[f]

Hays aconselhou o desalentado Hubbard a fazer uso de sua vasta lista de correspondentes. Muitos seguidores ainda acreditavam no homem e em seu método. Alguns haviam feito avanços emocionais significativos. Outros tiveram experiências, como sair do corpo, que lhes provavam conclusivamente a validade das ideias de Hubbard. Esses acólitos forneceram a base de apoio de que Hubbard necessitava para regenerar sua organização falida, reconstruir suas finanças e remediar a mancha em sua reputação causada por seus escândalos pessoais.

Além da incansável autoconfiança de Hubbard, vários novos fatores salvaram seu movimento. Ele tinha um novo aparelho, o "E-meter", inventado por um de seus seguidores, e revelou-o em março de 1952. O E-meter substituiria a "*rêverie*" dianética pelo que parecia ser uma abordagem mais científica, que não

lembrava tanto um transe hipnótico. “Ele vê tudo, sabe tudo”,[259] Hubbard declarou. “Nunca erra.” E Hubbard tinha uma nova esposa, Mary Sue Whipp, uma texana miúda vinte anos mais nova, que ele desposara naquele mesmo mês. Ela já estava grávida do primeiro dos quatro filhos do casal.

Hubbard também tinha um novo nome para seu movimento. Dali por diante seria cientologia.

---

a Segundo a igreja, “Havia alguma coisa debaixo d’água, e sem dúvida era hostil, e depois que eles lançaram suas cargas houve óleo, e alguma coisa afundou. […] Sem dúvida aconteceu”.

b “Parsonage”, um trocadilho com o nome de Parsons, significa presbitério. (N. T.)

c Gypsy Rose Lee foi uma atriz famosa por números de striptease. (N. T.)

d Um notório exemplo do trabalho da dianética foi o caso de John Brodie, famoso *quarterback* do time de futebol americano San Francisco 49ers. Em 1970 ele sofreu uma lesão no braço que ameaçou encerrar sua carreira. Apesar dos melhores tratamentos médicos e fisioterapias, seu cotovelo permanecia dolorido e inchado. Por fim ele procurou Phil Spickler, um cientologista e auditor da dianética, e este lhe pediu que falasse sobre incidentes anteriores que pudessem estar impedindo seu braço de se curar. Brodie contou que em 1963 havia sofrido um grave acidente de trânsito no qual quebrara o braço. Enquanto explorava esse incidente com Spickler, Brodie pareceu recordar que um dos socorristas na ambulância comentara: “Esse pobre coitado nunca mais vai arremessar uma bola”. No entanto, Brodie estava inconsciente naquele momento. Como poderia se lembrar? Spickler explicou que isso era parte de um engrama que o estava impedindo de melhorar. “A predição do socorrista ficou fervilhando em meu inconsciente por sete anos, agitando meus mais íntimos temores de fracassar ou decair em minhas habilidades”, Brodie escreveria depois. “Ela finalmente veio à tona sob a forma desse mal psicossomático em meu braço arremessador. Phil me fez contar a história muitas vezes, até que o E-meter parou de mostrar qualquer carga” (John Brodie e James D. Houston, *Open Field* [Campo aberto], p. 166) . O inchaço do braço de Brodie diminuiu. Ele fez uma das melhores temporadas de sua carreira e foi eleito o melhor jogador da Liga Nacional de Futebol Americano daquele ano.

e No jargão da cientologia, *rêverie* é um estado de concentração atenuada, que não deve ser confundido com o estado hipnótico. (N. T.)

f Lê-se “*I am reefer*”, que significa “sou maconha”. (N. T.)

3. Homem ao mar

Considerando a biografia de Hubbard, seria fácil desqualificá-lo como uma fraude, mais isso não explicaria a total concentração em seu projeto. Ele passaria o resto da vida elaborando sua teoria e, com obsessão ainda maior, construindo a intrincada burocracia[1] arquitetada para difundir e consagrar sua visionária compreensão do comportamento humano. A vida de Hubbard se reduziu à sua missão singular. Cada trilha de sua expedição interior foi mais fundo na imaginação dele. Essa jornada se tornou a cientologia, um universo totalista onde cada passo de Hubbard foi mapeado e descrito.

A lógica de Hubbard o conduzia a conclusões que ele de início relutava em tirar. Admitindo a validade de memórias pré-natais, ele fatalmente teria de enfrentar um dilema: e se as memórias não terminassem ali? Quando pacientes começaram a ter "sonhos de espermatozoide",[2] Hubbard teve de aceitar a ideia de que engramas pré-natais eram registrados "*inclusive pouco antes*[3] *da concepção*". Quando pacientes começaram a recordar vidas passadas, Hubbard resistiu à ideia; ela ameaçava desmembrar sua organização. "O tema das mortes[4] e vidas passadas é tão carregado de tensão que em julho de 1950 o conselho curador da Fundação [Dianética] já havia procurado emitir uma resolução proibindo todo esse assunto", ele confidenciou. Entretanto, as implicações eram fascinantes. E se tivermos vivido antes? Será que existem memórias que ocasionalmente ressurgem no tempo presente? Isso não provaria que somos seres imortais, com residência apenas temporária em nossa encarnação atual?

Em vez de recordar, o paciente sob aconselhamento na dianética "regressa" ao evento da vida passada. "Um outro período no tempo traz[5] uma sensação diferente, tão básica que é difícil descrever", lembrou Helen O'Brien, principal executiva de Hubbard nos Estados Unidos.

> Se você estiver num aposento, as cores podem ter tons desconhecidos por causa da iluminação a gás. O ar tem uma qualidade estranha. Suas partículas de poeira derivam de componentes não modernos. Até os corpos humanos parecem irradiar um tipo diferente de calor quando estão cobertos por tecidos de outra época. A memória, sozinha, filtra e elimina tudo isso. Quando você volta, encontra o passado intacto.

Alguns dos "regressos" eram chocantes ou dolorosos. A primeira experiência de vida passada de O'Brien numa sessão de audição foi ser uma jovem irlandesa

no começo do século XIX. Ela pôde sentir a textura grosseira de seu vestido longo enquanto andava por uma viela na zona rural, ouvir os pássaros e sentir o cálido ar do campo. Mas, quando virou a esquina de sua casa, viu no pátio um soldado britânico golpeando com baioneta o filho dela de catorze anos. "Eu literalmente estremeci[6] com a dor", O'Brien escreve. Quando o soldado a jogou no chão e tentou estuprá-la, ela lhe cuspiu no rosto. Ele esmagou seu crânio com um paralelepípedo. O auditor de O'Brien obrigou-a a reviver a cena muitas vezes até que ela fosse capaz de passar incólume por todo aquele sangrento quadro vivo. "No final, eu estava exuberantemente à vontade em cada fibra", ela escreve.

> Quando desci a escada […] as lâmpadas elétricas me ofuscaram. As despojadas linhas modernas do interior da casa, assim como a mobília, eram para mim indescritivelmente elegantes e estranhas. Eu era recém-chegada de outra época. Pela primeira vez nesta vida, soube que estava além das leis do espaço e do tempo. Nunca mais fui a mesma.

Com essa nova aceitação das experiências de vidas passadas, Hubbard agora podia descrever o indivíduo como uma entidade divisível em três partes. Primeiro havia o espírito, ou alma, que Hubbard chama de thetan. O thetan normalmente vive num corpo ou perto de um corpo, mas também pode estar totalmente separado dele. Quando um indivíduo se exterioriza, por exemplo, é sua parte thetan que sai do corpo ou vê a si mesma do outro lado da sala. A mente, que serve sobretudo como um depósito de imagens, funciona como um sistema de comunicação e controle para o thetan, ajudando-o a funcionar em seu ambiente. O corpo é meramente a composição física da pessoa, e existe no espaço e no tempo.

Quem se põe no caminho do progresso espiritual de um thetan é uma "pessoa supressiva" (SP). Esse é um conceito fundamental da cientologia. Hubbard usa o termo para designar um sociopata. O supressivo luta instintivamente contra forças construtivas e se enfurece com quem tenta ajudar os outros. Hubbard estima que os supressivos constituem cerca de 20% da população,[7] mas que apenas 2,5% são realmente perigosos. "Uma pessoa supressiva ridiculariza[8] ou difama qualquer esforço para ajudar alguém e particularmente arruína com violência qualquer coisa calculada para tornar os seres humanos mais poderosos ou mais inteligentes", Hubbard escreve. "O artista, em especial,[9] se revela com frequência um ímã para pessoas com personalidade antissocial, que veem em sua arte algo que precisa ser destruído."

Naturalmente, quem está próximo de uma pessoa supressiva corre enorme perigo de sofrer sua influência. Hubbard chama essa pessoa de "potencial fonte de problemas" (PFP). Por exemplo, se um pai se opõe ao filho que quer aderir à

cientologia, provavelmente será declarado SP; e, enquanto esse filho permanecer em contato com o pai, estará correndo o risco de ser definido como PFP. A audição e o treino lhe serão negados. Por fim, o filho terá de fazer uma escolha: deixar a igreja, que lhe oferece um caminho para o sucesso na carreira, o progresso pessoal e a salvação, ou se afastar do pai, que é a causa de seu fracasso em atingir a felicidade e realizar seus sonhos.

Hubbard aprendera algumas lições difíceis com sua experiência da dianética. Ele era por natureza um autocrata, mas seu trabalho atraía amadores. O movimento inspirado por seu livro proliferara tão depressa que não havia uma chance real de refreá-lo e exercer o tipo de autoridade capaz de torná-lo mais durável. Embora ele tentasse impor a ordem criando escolas de treinamento profissional para auditores, na verdade ele mais ou menos cedera o controle do movimento logo de saída, dando a seus leitores a capacidade de praticar a profissão eles mesmos: bastava seguir as fórmulas esboçadas no livro. Empreendedores se apoderaram do conceito e o arrancaram das mãos de Hubbard. Difundiram a mensagem, mas também a diluíram. Quando o movimento da dianética arrefeceu, Hubbard não conseguiu restaurar o ímpeto que lhe dera propulsão de foguete. Imitadores e concorrentes surgiram[10] em campo, e alguns chegaram a rivalizar com o próprio Hubbard. Ele estava decidido a não cometer os mesmos erros com a cientologia. Dali por diante, exerceria total controle. Sua palavra seria lei. Ele não era apenas o fundador, era a “Fonte”, a última palavra, e cada pronunciamento seu era escritura.

Entretanto, na evolução da dianética para a cientologia, uma engrenagem maior girou na multiforme imaginação de Hubbard. Até ali a religião tivera pouco ou nenhum papel em sua vida ou em seu pensamento — exceto, talvez, nos reflexos do comentário cínico que lhe atribuem em algumas ocasiões: “Eu gostaria de fundar uma religião.[11] É onde está o dinheiro”. Um dos problemas da dianética, vista sob a perspectiva de fazer dinheiro, era que a adesão dos seguidores não se mantinha a longo prazo. A psicoterapia contém uma conclusão teórica: ou o paciente é “curado” ou decide que o procedimento não é adequado para ele. Em qualquer desses casos, a fonte de receita seca. A religião resolve esse problema. Além das vantagens fiscais, ela fornece um bem que sempre tem demanda: a salvação. Engenhosamente, Hubbard elaborou a cientologia a partir de uma série de revelações sigilosas, cada qual prometendo maiores habilidades e maior poder espiritual. “Para manter uma pessoa no caminho[12] da cientologia”, Hubbard disse a um de seus associados, “alimente-a com um sanduíche de mistério.”

Pode muito bem ser verdade que a decisão de conduzir seu movimento por

uma nova direção se deveu menos a uma verdadeira inspiração espiritual que às vantagens legais e tributárias concedidas às organizações religiosas. Ele estava desesperado por dinheiro. As filiais de sua Fundação Dianética foram fechadas, uma a uma. A certa altura, Hubbard perdeu inclusive os direitos sobre o nome "dianética". Seu movimento tendia ao desastre.

Uma carta que Hubbard escreveu a um de seus executivos em 1953 mostra-o sopesando as vantagens de fundar uma nova organização. "Talvez possamos chamá-la[13] de Centro de Orientação Espiritual", ele especula.

> E poderíamos instalar belas mesas e nossos rapazes em alinhados uniformes azuis com diplomas nas paredes, e 1. enterrar a psicoterapia na história, e 2. ganhar dinheiro o bastante para aumentar o alcance de minhas operações, e 3. manter a HAS [Hubbard Association of Scientologists] solvente. É um problema prático de negócios.
>
> Aguardo sua reação sobre o ângulo religioso.

Na narrativa anticientologia, essa é uma das várias declarações inequívocas dos cálculos de Hubbard, e prova de que a "igreja" nada mais era que uma fachada para fazer dinheiro. No entanto, Hubbard prossegue com a seguinte observação: "Estamos tratando a *beingness* do presente, a psicoterapia trata o passado e o cérebro. E, irmão, isso é religião, não ciência mental". No fim desse ano, Hubbard registrou três igrejas:[14] a Igreja da Ciência Americana, a Igreja da Engenharia Espiritual e a que por fim venceu o concurso para o nome de marca, a Igreja da Cientologia. Em 18 de fevereiro de 1954, foi fundada a Igreja da Cientologia da Califórnia,[15] rapidamente seguida por outra em Washington.

Os campos da psicoterapia e da religião se mesclaram em muitas ocasiões. Têm em comum o objetivo de reformular a visão de mundo do indivíduo e levá-lo a abrir mão de sua atitude anterior, ou mesmo renunciar a ela.[a] Hubbard disse que havia "muitas, muitas razões"[16] para aliar a cientologia à religião. "Para alguns isso parece mero oportunismo", ele admitiu mais tarde a um repórter. "Para alguns parece que a cientologia está simplesmente vestindo um colete à prova das balas da lei."

Entre os muitos outros incentivos para transformar o movimento de Hubbard numa religião, um deles pode ser analisado especialmente à luz da frequente acusação de que ele era louco. A religião, por mais que possa enobrecer o espírito humano, é sempre um empreendimento irracional. Pessoas que nas sociedades ocidentais seriam consideradas doentes mentais são vistas em muitas culturas como líderes religiosos ou xamãs. Antropólogos apelidaram a esquizofrenia de "doença de xamã" porque parte da jornada tradicional de um xamã requer padecer de uma doença impossível de ser curada a não ser por meios espirituais. O xamã usa o poder e as percepções que adquire com o que

vivencia para curar sua comunidade. Essa é exatamente a história que Hubbard retrata como sendo a dele próprio: um cego inválido no hospital da Marinha, considerado incurável, que cura a si mesmo através de técnicas que ele refina e transforma na dianética. Essa é a dádiva que ele humildemente oferece como recurso para curar a humanidade. “O objetivo da dianética[17] é um mundo são — um mundo sem loucura, sem criminosos e sem guerra”, ele declara. “Ele só pode ser impedido por insanos.”

Tanto para o xamã como para o esquizofrênico, as fronteiras entre realidade e ilusão são tênues, e a consciência escorrega facilmente entre uma e outra. Hubbard, com sua mente imaginativa, decerto tinha acesso imediato a mundos visionários; suas histórias de ficção científica comprovam. Mas coisa bem diferente é ser capaz de lançar as redes da imaginação sobre o próprio inconsciente e de lá extrair best-sellers. Raramente um esquizofrênico é tão produtivo no mundo material.

Em seus escritos, porém, Hubbard às vezes expõe o que parecem ser fantasias de uma personalidade acentuadamente esquizofrênica. Em 1952, por exemplo, ele começou a falar em “entidades injetadas”[18] que podem paralisar partes da anatomia ou causar bloqueios, impedindo que informações sejam auditadas. Essas entidades se localizam no corpo, sempre nos mesmos lugares. Por exemplo, uma delas, o “chefe da tripulação”, encontra-se do lado direito da mandíbula até o ombro. “Elas são as ‘vozes misteriosas’ na cabeça de alguns *preclears*”, disse Hubbard.

> Paralisia, problemas estomacais por ansiedade, artrite e muitas doenças e aberrações são aliviadas com a audição. Um E-meter as revela e as força a confessar seus malfeitos. Elas provavelmente são apenas compartimentos da mente que, apartados, começam a agir como se fossem pessoas.

Hubbard afirma que, na história da evolução, há duas linhas genéticas distintas que se uniram pela primeira vez nos moluscos, mas vêm competindo pela dominância desde então, mesmo nos seres humanos. “No estado bivalve,[19] nós as encontramos em guerra uma com a outra para conseguir o comando de todo o bivalve”, Hubbard escreve. Nas formas de vida superiores, essa competição primordial se manifesta em características como o destrimanismo e o canhotismo. “Discutir sobre esses incidentes com não iniciados em cientologia pode causar estragos”, Hubbard alerta. “Se você descrever o ‘Molusco’ para alguém, pode estimulá-lo a ponto de causar grave dor na articulação da mandíbula. Uma dessas vítimas, depois de saber sobre a morte de um molusco, não pôde usar as mandíbulas por três dias.”

Mary Sue e Ron com Diana, Quentin, Arthur e Suzette.

A terceira mulher de Hubbard era elegante e equilibrada, uma parceira de bom-tom para ele. Era tão esguia e miúda que poderia facilmente passar despercebida, mas suas maneiras sulistas e seu sotaque texano escondiam uma natureza firme e decidida. Ao contrário de Sara e Polly, Mary Sue era uma verdadeira crente e uma dirigente nata. Um dos executivos de Hubbard descreveu-a mais tarde como "pragmática, fria, astuta,[20] calculista, eficiente e ferozmente leal". Tinha gélidos olhos azuis,[21] nariz adunco proeminente e um raro sorriso torto que revelava incisivos irregulares e ligeiramente encavalados.

Ron e Mary Sue, com a família crescendo, começaram uma busca incansável por um novo lar, para si mesmos e para a sede internacional da igreja. Em 1955 se mudaram para Washington, mas permaneceram ali apenas alguns meses e foram para Londres. Não se passaram dois anos e já estavam de volta a Washington, vivendo num elegante sobrado geminado próximo a Dupont Circle e defronte à Academia de Cientologia. Hubbard voltara a prosperar,[22] faturando com a venda de E-meters e processos de treinamento, e com os direitos autorais de sessenta livros publicados. Em 1956 recebia da igreja uma remuneração de apenas quinhentos dólares mensais, mas no ano seguinte a igreja começou a lhe pagar uma porcentagem dos lucros brutos e sua renda deu um salto gigantesco.

Em Washington, Hubbard estipulou o horário de visitas das 16 às 18 horas, e fez questão de avisar os peregrinos que percorriam o caminho até sua porta que

não deviam confundi-lo com um deus ou um guru, “por isso, nada de idolatria”.[23] Mas ele não conseguia resistir a exagerar seu status. Identificando-se como físico nuclear, Hubbard publicou um livro em 1957, *All about Radiation* [Tudo sobre radiação], no qual promovia uma fórmula que batizou de Dianazene: uma mistura de ácido nicotínico e vitaminas supostamente capaz de curar câncer e queimaduras de sol. “Deve ser tomada diariamente,[24] com leite e chocolate”, recomendou.

Ron e Mary Sue tiveram quatro filhos em seis anos. Diana, nascida em 1952, era a mais velha e claramente a dominante. Tinha os cabelos ruivos do pai e generosos salpicos de sardas. Quentin, nascido dois anos depois, era o único sem a radiosa cabeleira vermelha; miúdo, de cabelos loiros acinzentados como Mary Sue, seria sempre o favorito da mãe. Suzette, um ano mais nova, era uma menina alegre, mas um tanto eclipsada pela irmã mais velha. O bebê, Arthur, nasceu em 1958. Vistos em conjunto, os Hubbard causavam vívida impressão, todos muito corados e de cabelos fulgurantes.

As crianças, embora tivessem babá, passavam muito tempo sem supervisão.[25] Só se pensou em mandá-las para a escola depois que Diana exigiu aprender a escrever seu nome. Começaram então sua educação. Mary Sue era uma mãe gélida; raramente abraçava ou mesmo tocava seus filhos, mas nos primeiros anos lia para eles — *Mary Poppins*, *O ursinho Pooh* e histórias de Kipling — em seu fanhoso sotaque texano. Quanto mais responsabilidades assumia na cientologia, mais ela se afastava das crianças; Ron, por sua vez, abraçava os filhos e os jogava para o alto. Sua risada retumbante ecoava pela casa. Ensinou as crianças a tocar “O bife” no piano, e lhes mostrava truques de baralho com mãos ágeis e unhas bem tratadas. Punha discos para tocar e dançava com os filhos ao som de Beethoven, Ravel ou a suíte “Peer Gynt” de Grieg: música impetuosa, soberba. Ele gostava de cantar, e soltava a voz em “Farewell and adieu to your fair spanish ladies” e “Be kind to your web-footed friends”, uma canção infantil com a melodia da marcha patriótica americana “The stars and stripes forever”. Era fanático por vitaminas, e fazia questão de que as crianças tomassem as suas também. Depois todos rugiam para ver quem tinha ficado mais forte.

Hubbard estava inquieto em Washington, e em 1959 tornou a se mudar com a família para a Inglaterra. Instalaram-se numa propriedade luxuosa em Sussex chamada Saint Hill Manor, que ele comprou do marajá de Jaipur. Hubbard contratou uma criadagem numerosa[26] que incluía dois mordomos, governanta, babá, tutor para as crianças, motorista e empregados na manutenção da propriedade. O “dr.” Hubbard se apresentava à curiosa imprensa britânica como um cientista da área de horticultura experimental; para provar, permitiu que

publicassem uma foto sua fitando atentamente um tomate ligado a um E-meter. A manchete na revista[27] *Garden News* dizia: PLANTAS SE PREOCUPAM E SENTEM DOR.

Hubbard usa um E-meter em 1968 para testar se o tomate sente dor.

A imponente mansão era um estupendo parque de diversões para as crianças. Em feitio de castelo, seus contornos faziam um U no terreno e tinham ameias, muros cobertos de hera e rumores de fantasmas. Elas podiam brincar em 21 hectares com jardins de rosas, tanques com peixes dourados e um lago. Dentro da casa havia imensas escadarias, elevadores e até aposentos secretos para se esconder da babá. As crianças xeretavam no quarto de vestir da mãe. Mary Sue não ligava para roupas, mas Ron chamava costureiros de Londres, que traziam esplêndidos rolos de tecido ou coleções de trajes das mais elegantes lojas de departamento, todos no tamanho de Mary Sue. Seu guarda-roupa vivia abarrotado de longos brilhantes e vestidos reluzentes. Esbelta e de porte aristocrático por natureza, Mary Sue era um excelente modelo, mas, na verdade, só se vestia para ele.

A sala de pesquisas de Ron no terceiro andar era um santuário irresistível;

pintada de azul, tinha um tapete de pele de urso defronte à lareira e um banheiro privado que recendia ao sabonete espanhol de sândalo que ele preferia. Hubbard desaparecia em sua sala todos os dias durante horas, sozinho com um E-meter, "mapeando o banco[28] e procurando o lugar do próximo corte", como ele explicou, querendo com isso dizer que estava tentando inventariar a mente reativa e descobrir um caminho através de suas muitas armadilhas.

A escola, como de costume,[29] era uma ocupação secundária. As crianças iam de táxi para as aulas, quando iam. Seu pai não dava crédito à educação pública, por isso não as pressionava. Às vezes elas tinham um tutor, mas quem ensinou Suzette a ler foi Diana. Ela não queria que Suzette passasse pelo mesmo constrangimento que ela sofrera diante dos colegas por começar os estudos tão atrasada em relação aos seus pares. Aos nove anos, Suzette estava lendo livros para adultos. Decidiu que queria ser escritora, como seu pai. Quentin foi tomado por uma obsessão por aviões, e frequentemente persuadia a babá ou o motorista a levá-lo ao aeroporto de Gatwick em vez de à escola, para ver os pousos e decolagens das diferentes aeronaves. Adorava ficar perto da pista quando os pesados aviões passavam logo acima. Não demorou para que fosse capaz de fechar os olhos e identificar o modelo do avião só pelo som.

Na escola, os colegas perguntavam às crianças Hubbard mais velhas sobre seu pai e o que acontecia no castelo. Os filhos de Hubbard perceberam que não sabiam. Um dia, Diana, Quentin e Suzette entraram na sala de Hubbard e indagaram: "O que é essa tal de 'cientologia'?".[30] Hubbard pôs todos num curso introdutório de dianética.

Hubbard na mansão Saint Hill em 1959, mostrando um E-meter aos filho, Quentin, Diana, Suzette e Arthur.

A cientologia estava em sua fase formativa, ainda brotando da imaginativa mente de Hubbard. Esse foi um momento volátil na vida dele e na evolução de seu movimento. A fervorosa resposta a tantas de suas revelações decerto adicionou realidade e substância ao que, de outro modo, poderia ter parecido mera fantasia. Não só ele estava inventando uma nova religião, mas também reinventando a si mesmo como líder religioso. Estava criando a lenda de quem ele era na mente dos que acreditavam nele. E, inevitavelmente, tornou-se prisioneiro das expectativas daquelas pessoas.

Seus seguidores viviam em constante espera, trocando lendas sobre as maravilhas vivenciadas ou noticiadas e especulando sobre o que estaria por vir. Momentos de magia e transcendência mantinham a razão à distância. Ken Urquhart, que foi mordomo de Hubbard e depois seu secretário, ou "comunicador", recorda-se de ter auxiliado uma "velhinha inglesa"[31] num exercício de treinamento da cientologia. Ele conta:

> Notei sua pele bonita, seus olhos, sobrancelhas. Reparei que por trás da pele de sua testa havia o osso, e eu sabia que mais lá dentro estava o cérebro dela. Quando tive esse pensamento, a testa da mulher desapareceu. Eu estava olhando direto para o cérebro. De início fiquei espantado, e logo em seguida horrorizado. Lá estava eu, expondo o cérebro dela aos germes e ao frio. Imediatamente a testa voltou ao lugar.

Se a cientologia realmente concedesse poderes especiais a seus adeptos, o próprio Hubbard, mais que ninguém, deveria ser capaz de exercê-los. As fragilidades de Hubbard eram óbvias para todos; entre outras coisas, suas mãos tremiam de paralisia, e sua audição era ruim, por isso ele vivia perguntando: "Hã? O quê?". Ele percebia as conjecturas em torno de sua pessoa. "Seus amigos",[32] ele disse uma ocasião a Urquhart enquanto seu banho era preparado, "talvez tenham curiosidade de saber por que emprego alguém para abrir as persianas da minha sala quando eu mesmo posso fazê-lo." Ele queria dizer que deveria ser capaz, pela pura força mental, de projetar sua intenção para que as persianas se abrissem sozinhas. "Ora, muita gente adoraria me ver aparecer no céu sobre Nova York só para impressionar o mundo. Mas, se eu fizesse isso, deixaria muitos em estado de choque. Não estou aqui para deixar ninguém em estado de choque." Urquhart pensou em replicar que teria o maior prazer de ficar em estado de choque só para ver tal demonstração, mas ele não tinha certeza de que Hubbard era mesmo capaz da proeza. Não desafiar Hubbard transformou seus seguidores em cúmplices na fabricação da figura mítica que ele se tornou.

Eles conspiraram para proteger a imagem de L. Ron Hubbard, o profeta, o revelador e o amigo da humanidade.

Por outro lado, houve momentos em que Hubbard pareceu jogar com os limites da possibilidade. Correu o boato de que[33] ele era capaz de mover as nuvens no céu ou de criar redemoinhos de poeira atrás de si. Urquhart se recorda de uma ocasião em que Hubbard estava conversando com ele sentado numa cadeira a mais de um braço de distância. “Minha atenção se dissipou”,[34] ele diz. De repente, sentiu que um dedo o cutucava nas costelas. “Voltei a mim. Ele continuava a falar, sorrindo, de olhos brilhantes. Ele não movera os braços nem se levantara da cadeira.” Experiências inefáveis como essa pareciam significar alguma coisa, embora não estivesse claro o quê.

Os vizinhos de Hubbard não tardaram a saber mais sobre o novo senhor da mansão. A expansão da cientologia, aliada às cada vez mais ousadas afirmações que Hubbard fazia sobre os benefícios à saúde que ela inegavelmente trazia, pôs a organização sob as lentes de vários governos. O primeiro golpe veio em 1963, quando oficiais de Justiça dos Estados Unidos, trazendo um mandado de busca da Food and Drug Administration (FDA), chegaram para apreender mais de cem E-meters armazenados na igreja de Washington. A FDA declarou que as especificações do E-meter davam a entender que o aparelho era eficaz para diagnosticar e tratar “todos os distúrbios e doenças mentais e nervosas”,[35] além de “males psicossomáticos da humanidade, como artrite, câncer, úlceras estomacais e queimaduras de radiação causadas por bomba atômica, poliomielite, resfriado comum etc.”.[b]

O IRS [o fisco americano] deu início a uma auditoria[36] que em 1967 eliminaria as isenções fiscais da igreja como organização religiosa. Ao mesmo tempo, uma comissão de inquérito do governo australiano apresentou um relatório abrangente com uma condenação devastadora. “Algumas características da cientologia[37] são tão risíveis que pode existir uma tendência a considerá-la uma tolice e seus praticantes uns excêntricos inofensivos. Isso seria um grave erro de interpretação das conclusões desta Comissão”, começa o relatório, e acrescenta enfaticamente: “*A cientologia é perversa, suas técnicas são perversas, sua prática constitui séria ameaça* à comunidade nos aspectos médico, moral e social; seus adeptos são lamentavelmente iludidos e *muitos deles são mentalmente doentes*”. O relatório admitia que havia “ganhos transitórios” para alguns adeptos da religião, mas afirmava que a organização se aproveitava desses ganhos para produzir “uma subserviência quase equivalente à escravidão mental”. Quanto a Hubbard, a comissão descreveu-o como “um homem de incansável energia”[38] que está “constantemente experimentando e especulando,

e com a mesma constância confunde essas duas coisas".

> Entre suas afirmações estão[39]/ as de que […] ele já esteve no cinturão de Van Allen, de que ele já esteve no planeta Vênus, onde inspecionou uma estação de implante, e de que ele já esteve no Céu. Ele até recomenda uma fórmula para alimentar bebês com mamadeira — uma mistura de cevada cozida e xarope de milho — e declara tê-la aprendido "no tempo dos romanos".

E, embora Hubbard demonstrasse uma "insensata hostilidade"[40] contra os psiquiatras e os profissionais de saúde mental, salienta o relatório, ele próprio é "mentalmente anormal" e evidencia um "complexo de perseguição" e uma "impressionante agregação de sintomas que, nos círculos psiquiátricos, são fortes indicadores de uma condição de esquizofrenia paranoide com delírios de grandeza — sintomas comuns a ditadores". Esse relatório acarretou[41] a proibição da cientologia em dois estados australianos[c] e inspirou inquéritos semelhantes na Nova Zelândia, Grã-Bretanha e África do Sul. Hubbard acreditava que a Food and Drug Administration, junto com o FBI e a CIA, estava fornecendo informações difamatórias sobre a igreja a vários governos.

Em meio a tanta comoção, em fevereiro de 1966 Hubbard finalmente anunciou outro "primeiro *clear*".[42] Dessa vez era John McMaster, um sul-africano louro e miúdo de trinta e poucos anos, diretor do Centro de Orientação Hubbard na sede da igreja em Saint Hill. Cativante, ascético e bem-falante, McMaster abandonara a faculdade de medicina para se tornar auditor. Revelou-se imediatamente um representante da cientologia muito mais refinado que Hubbard. Sua inteligência irônica fazia dele um convidado bem-vindo nos programas de entrevistas e no circuito de palestras, onde ele retratava a cientologia como um caminho de vanguarda e não ameaçador para a autorrealização. De repente, a ideia de se tornar *clear* entrou na moda. McMaster adotou um traje clerical[43] que condizia com sua designação como o embaixador oficioso da igreja nas Nações Unidas. Certa vez, Hubbard chamou-o de "o primeiro 'papa' da cientologia".[44] Intrigava os íntimos de Hubbard, considerando quanto ele menoscabava os homossexuais em seus livros, o fato de ele alistar como representante da igreja um sujeito que era obviamente gay. "Ele era muito categórico[45] em suas preferências", recordou um dos oficiais médicos de Hubbard. Mas pelo visto a relação de Hubbard com a homossexualidade era mais complexa na vida que na teoria.

*

Convicto de que os governos britânico, americano e soviético tinham interesse em obter o controle dos segredos da cientologia para fins perversos, Hubbard

começou a procurar um refúgio seguro: idealmente, um país que ele pudesse dominar. A Inglaterra havia tomado providências para "refrear o crescimento"[46] da cientologia, e Hubbard entendeu a deixa. Além disso, o clima úmido lhe fazia mal. "Eu tinha pegado pneumonia[47] pela terceira vez na Inglaterra, e por sugestão do médico estava procurando um clima mais quente por algum tempo para me recuperar", ele improvisou como explicação para a CIA. Hubbard renunciou a seu cargo[48] de diretor executivo da Igreja da Cientologia e vendeu sua participação na Associação Internacional de Cientologistas, embora na prática mantivesse o controle da organização através de seus inúmeros comunicados por telex. Foi para a Rodésia (futuro Zimbábue), a república no sul da África que declarara recentemente sua independência do Reino Unido. Isolado, diplomaticamente desprezado e sujeito a sanções internacionais, o governo rodesiano servia a um grupo de colonizadores brancos que governavam uma maioria negra insurgente. A Rodésia estava no ponto para a conquista, pensou Hubbard. Ele sentia afinidade com o intrépido e exuberante fundador da república, Cecil John Rodes, também ele ruivo e amante de aventuras mirabolantes. Hubbard acreditava que devia ter sido Rodes numa vida anterior, embora não esteja claro se ele sabia que Rodes era homossexual.[49]

Hubbard tinha a fantasia[50] de que seria bem-vindo na Rodésia; achava que a população negra o acolheria como a um irmão e por fim ele se tornaria seu líder, emitindo passaportes[51] e cunhando sua própria moeda. No entanto, o primeiro-ministro,[52] Ian Smith, estava tentando desesperadamente negociar um acordo com o movimento nacionalista negro que preservasse o governo da minoria branca. Hubbard, muito solícito, redigiu uma Constituição para o governo e afirmou que ela garantiria justamente isso, mas não conseguiu que o levassem a sério.

Enquanto Hubbard apregoava seus planos para desenvolver o país, o governo foi ficando cada vez mais desconfiado de seus motivos e recursos. Por fim, o visto de Hubbard não foi renovado. "Ele me disse que Ian Smith[53] seria fuzilado porque era um 'supressivo'", contou John McMaster. "O verdadeiro motivo de Hubbard ser expulso da Rodésia é que seus cheques eram devolvidos."

Hubbard voltou para a Inglaterra com um novo plano. Se os governos do mundo estavam se alinhando contra ele, o jeito era se pôr fora do alcance. Os cientologistas começaram a mencionar veladamente um "projeto marinho" que seu líder estava organizando. Com discrição, Hubbard começou a adquirir uma pequena frota de navios oceânicos. E então desapareceu de novo.

Dessa vez foi para Tânger, a cidade marroquina no estreito de Gibraltar, famoso reduto de artistas e descolados. Ali ele começou suas pesquisas sobre o

thetan operante nível III (OT III), sua “Muralha de Fogo”. Mary Sue permaneceu na Inglaterra com as crianças, mas Hubbard lhe escrevia diariamente, reclamando dos latidos de um cão que atrapalhavam seu trabalho e de várias mazelas, como uma dor nas costas e uma doença pulmonar que aparecera depois de um resfriado prolongado. Ele admitiu que andava “bebendo rum à beça”[54] e usando drogas, “cor-de-rosa e cinzas”, enquanto se dedicava às pesquisas. Assinava as cartas como “Seu Docinho”.[55] Hubbard ficou apenas um mês em Tânger antes de se mudar para Las Palmas, nas Ilhas Canárias, onde um de seus seguidores o encontrou profundamente deprimido e cercado por todo tipo de comprimido. “Quero morrer”,[56] ele disse. Assustada, Mary Sue pegou um avião e foi cuidar dele.

Em setembro de 1967 Hubbard gravou uma mensagem a seus seguidores para explicar sua ausência e informar importantes descobertas em suas pesquisas sobre o OT III. “Toda essa carreira recente[57] tem sido relativamente severa com este pobre corpo”, ele relata.

> Quebrei as costas, quebrei o joelho, e agora tenho um braço quebrado por causa das asperezas dessas aventuras específicas. Surge então a pergunta: ora, se ele está em tão boa forma, o que está fazendo para quebrar todo o corpo? Pois aí é que está o problema. Tenho muita dificuldade de me reduzir ao pequeno nível de poder de um corpo.

Ele informou também que havia instruído Mary Sue a descobrir quem estava por trás dos ataques à cientologia que vinham dispondo os governos contra a organização. Mary Sue havia contratado “vários agentes profissionais de inteligência”, os quais descobriram uma conspiração. “Nossos inimigos neste planeta são menos de doze homens”, revela Hubbard. “Eles possuem e controlam cadeias de jornais e são, curiosamente, diretores de todos os grupos de saúde mental do mundo.” O plano deles era “usar a saúde mental, vale dizer, o choque elétrico e a lobotomia pré-frontal da psiquiatria, para tirar do caminho quaisquer dissidentes políticos”. Pela primeira vez, ele fala abertamente sobre a Sea Organization, ou Sea Org, um grupo de elite que comporia o devotado cerne da religião, os discípulos de Hubbard, o clero da cientologia.

Hana Strachan (agora Hana Eltringham Whitfield) foi uma das primeiras recrutas admitidas na Sea Org. Sua desequilibrada e manipuladora mãe era seguidora de Helena Blavatsky, a espiritualista que no século XIX fundara a Sociedade Teosófica. Quando Hana tinha uns quinze anos, soube que Blavatsky havia profetizado[58] uma nova raça que surgiria nas Américas nos anos 1950; Hana tinha a impressão de que o líder dessa nova raça seria um homem de cabelos vermelhos.

Hana escapou de sua traumática situação familiar indo trabalhar como

enfermeira em Johanesburgo, África do Sul. Lá um estudante de medicina lhe deu um exemplar de *Dianética*. O que ela leu imediatamente fez sentido. Ela foi à organização local e disse que queria saber mais. “Um curso começará[59] hoje à noite”, disseram-lhe. No corredor do escritório, Hana notou uma fotografia de Hubbard do lado de fora da sede de Saint Hill. Ficou fascinada por seus cabelos ruivos. Deve ser esse o homem de que Blavatsky falava, deduziu. “Aquilo decidiu tudo para mim”, ela disse. Mudou-se para Saint Hill e se tornou a *clear* número 60. Passou três semanas em estado de euforia, sentindo-se um tanto desligada de seu ambiente e de seu corpo. “É assim que fomos em eras passadas”, pensou. Estava convencida de que Hubbard era um salvador que regressara para conduzir toda a humanidade a um estado iluminado.

Esbelta, de porte imponente, Hana foi um dos 35 primeiros recrutas da Sea Org. A missão da Sea Org, segundo o contrato que ela assinou, é “introduzir a ÉTICA neste PLANETA E NO UNIVERSO”. Ela concordou em “observar a disciplina, os costumes e condições deste grupo. […] PORTANTO, COMPROMETO-ME COM A SEA ORGANIZATION PELO PRÓXIMO BILHÃO DE ANOS”.[d]

Hana se casou com um americano chamado Guy Eltringham, também membro da Sea Org, mas eles foram separados quando Hubbard ordenou a Hana que fosse para Las Palmas, onde ele estava reformando uma desgastada traineira de pesca chamada *Avon River.* O convés e o porão estavam cobertos com camadas de óleo de peixe que precisavam ser raspadas. Nos dois meses que o *Avon River* passou nas docas, Hubbard frequentemente ficava para jantar com sua tripulação da Sea Org, e depois os regalava com histórias. A depressão de Hubbard se dissipara e ele parecia bem seguro: descontraído e confiante, até mesmo jovial. A tripulação bebia principalmente vinhos espanhóis, mas Hubbard preferia rum e Coca-Cola — um oitavo de refrigerante e sete oitavos de rum —, um copo após o outro, a noite toda. O céu parecia bem próximo na baía escura. Hubbard apontava para ele e dizia: “É de lá que vêm os Quintos Invasores.[60] São eles os bandidos, aqueles que nos puseram aqui”. Disse que era capaz de avistar suas espaçonaves passando defronte às estrelas, e acenava para eles quando sobrevoavam o local, só para ficarem sabendo que tinham sido vistos.

Durante uma sessão com o auditor, Hana revelou a história da profecia de Madame Blavatsky sobre o homem de cabelos vermelhos. Pouco depois, Hubbard subiu ao convés e fitou-a intensamente. A partir de então, ela se tornou sua favorita. Ele a nomeou a primeira tenente da Sea Org. Nesse dia ela tirou uma fotografia vestida com o uniforme da Sea Org: blusa branca, gravata e jaqueta escuras e uma correia passada sobre um ombro. É jovem e elegante, e seus cabelos estão penteados para trás num rabo de cavalo. Depois disso ela

ascendeu na Sea Org com rapidez espantosa, e muitas vezes se perguntou se a revelação sobre o homem ruivo seria a responsável por suas velozes promoções.

Hubbard vinha de carro de sua vila em Las Palmas para inspecionar o trabalho no *Avon River.* Os porões inferiores da embarcação foram convertidos em escritórios e dormitórios; o navio ganhou novos equipamentos, inclusive radar e bússola girostática, a hélice foi trocada e o sistema hidráulico foi totalmente retificado. Os inexperientes membros da Sea Org fizeram o grosso do trabalho, embora operários espanhóis se encarregassem das soldas e do polimento com jato de areia. Toda vez que Hubbard encontrava algo errado, transformava-se instantaneamente da figura avuncular que a tripulação adorava num tirano furibundo e implacável. Hana, que era então a oficial encarregada de manter a ordem no navio, temia a chegada do "comodoro", como Hubbard se intitulava, pois se sentia responsável por tudo o que saísse errado. Um dia, quando os operários espanhóis estavam pintando uma camada antiferrugem no casco do navio, ela viu Hubbard atravessar a praia com seu principal oficial e o imediato, fumando e conversando alegremente. De repente, ele parou. Seus olhos viraram duas fendas, e ele começou a gritar: "Os rolos! Os rolos!".[61] Intrigada, Hana se debruçou na amurada e viu o que tinha chamado a atenção de Hubbard: minúsculos fios protuberantes na pintura, que haviam sido deixados pelos rolos baratos usados pelos operários. "Quando esses fios se decompuserem, deixarão pequenas aberturas por onde a água do mar penetrará pelo revestimento antiferrugem", ela percebeu.

> Isso destruiria a integridade de toda a camada antiferrugem, e era por esse motivo que Hubbard gritava enquanto vinha em direção ao navio. E o que me deixou pasma foi ele ter visto isso a quase vinte metros de distância. Mais tarde me afastei do navio mais ou menos por essa distância para ver se conseguia avistar aqueles pelinhos aparecendo na camada de pintura. Não vi nada. Isso aumentou meu deslumbramento e reverência por Hubbard.

Na verdade, Hubbard enxergava muito mal. Antes da guerra, tanto a Academia Naval como a Reserva Naval tinham-no rejeitado por causa de sua deficiência visual, e durante toda a guerra ele usou óculos. Em 1951, quando foi avaliado para um laudo de incapacidade física, sua visão era de 20/200 em cada olho, corrigível para 20/20 com óculos, mais ou menos como havia sido antes da guerra. O examinador observou: "Olhos cansam facilmente,[62] usou todo tipo de lente mas afirma ver igualmente com ou sem lentes". Isso seria possível? É bem verdade que a visão muda com o passar dos anos, mas os olhos de Hubbard eram astigmáticos — isto é, seu formato se assemelhava mais a uma amêndoa que a uma avelã — e sua visão não tinha probabilidade de melhorar, com certeza não em grau considerável. No entanto, muitos dos que conviviam com Hubbard atestaram sua visão apurada. Sem óculos, ele teria sido legalmente cego; talvez

fosse isso o que ele quisesse dizer quando afirmou que se curara de cegueira depois da guerra. Entretanto, claramente seu exame mostrou resultados diferentes.

Hubbard escrevera[63] em *Dianética* que a visão de um *clear* melhora gradualmente até a percepção ótima. No entanto, em outra ocasião admitiu que sua visão nos anos pós-guerra era tão fraca que ele mal enxergava a máquina de escrever quando trabalhava. Ele usava óculos e versões iniciais de lentes de contato. Graças aos processos da dianética, ele diz, sua visão começou a mudar. Muitos repararam que Hubbard tinha o hábito de semicerrar os olhos,[64] o que dá aos globos oculares uma forma mais arredondada e poderia melhorar momentaneamente sua visão. Ele teorizou que "o astigmatismo, uma distorção[65] das imagens, é apenas ansiedade para alterar a imagem". Um dia, por exemplo, ele foi ler um relatório da Associação Médica Americana e não conseguiu discernir coisa alguma. Pensou em recorrer a uma lupa. Depois percebeu que a razão de não conseguir ler era que ele não estava disposto a enfrentar o texto. "Deixei-o de lado, peguei um romance, e as letras estavam perfeitas."

Às vezes Hubbard censurava membros de sua tripulação por dependerem de óculos, o que, ele dizia, constitui uma admissão de *overts* — transgressões contra o grupo. Certa noite, quando a frota viajava pelo Caribe, ele olhou para Tracy Ekstrand, uma moça que lhe servia o jantar, e os óculos dela estavam escorregando pelo nariz por causa do calor tropical. "Está fazendo a si mesma[66] um desserviço estético", ele declarou. Ela ficou muito constrangida e parou de usar óculos naquela mesma noite. Embora ainda fosse capaz de se deslocar pelas salas e servir refeições, sua visão continuou muito enevoada. Passadas algumas semanas ou meses, quando Hubbard se recolhia para dormir, tornou a olhar para ela. Pôs seu maço de cigarros diante do rosto da moça e perguntou se ela conseguia ler as letras maiúsculas em caracteres grandes: "KOOL". Embaraçada com aquela atenção pessoal do comodoro, a moça murmurou o nome dos cigarros. "Aconteceu uma mudança!", ele exclamou, triunfante, e foi se deitar. Ekstrand ficou estarrecida. "Permaneci na frente da porta dele por alguns minutos, confusa, sem saber como reagir", ela recordou. "Dessa vez não havia dúvida. Ele se enganara. Estava imaginando progresso e sucesso com a cientologia, mas não houvera nenhum."

Todos os sentidos de Hubbard[67] eram dolorosamente apurados. Diariamente, cada aposento que ele ocupava tinha de ser limpo a ponto de passar no teste da luva branca. Ele era fanático por limpeza, mas também hipersensível a sabão, por isso suas roupas tinham de ser enxaguadas quinze vezes, e mesmo assim ele reclamava que sentia cheiro de detergente. Seu cozinheiro teve de abandonar as

panelas de aço inoxidável e adotar as de vidro cerâmico porque Hubbard reclamava de gosto metálico na comida. Essas histórias corriam entre os discípulos como mais uma prova de seus poderes sobre-humanos de percepção.

Segundo vários membros da Sea Org, quando esteve em Las Palmas Hubbard se apaixonou por outra mulher: Yvonne Gillham,[68] a relações-públicas do navio. (Mais tarde ela organizaria o Centro de Celebridades em Hollywood.) De sorriso largo, grandes olhos castanho-claros e cabelos bem curtos, ela lembrava Julie Andrews em *A noviça rebelde.* Gillham combinava uma personalidade prática com um toque de classe dado por sua criação na alta sociedade de Queensland, Austrália. Inevitavelmente, Hubbard exigiu que ela se juntasse a ele em alto-mar. Gillham tinha três filhos pequenos em Saint Hill, e só se filiou à Sea Org depois de Hubbard prometer que as crianças poderiam ficar com ela; mas o desejo de Hubbard se tornou uma prisão à qual ela era leal demais para fugir.

Hubbard estava com 56 anos no outono de 1967, quando zarpou com sua jovem tripulação. Não tinham propósito nem destino além de vaguear. Ele agora era um homem rotundo, com papada e pele avermelhada; os cabelos outrora ruivos e penteados para trás haviam desbotado para um louro cor de palha. Seus olhos, que vários observadores haviam descrito como azuis ou verdes, na verdade eram cinzentos como água do mar, e davam uma insipidez singular à sua aparência. Duas linhas pronunciadas talhavam seu rosto: um sulco profundo entre as sobrancelhas que se espelhava abaixo do nariz e numa fenda no queixo, e lábios de ornitorrinco, seu traço mais marcante. A bordo, ele se vestia com diversos uniformes navais condizentes com o título que ele se arrogara, comodoro da frota, com direito a muitos galões e âncoras cruzadas no boné.

Yvonne Gillham num retrato usado em sua carreira de modelo, c. 1952.

A marinha de Hubbard tinha três navios.[69] Além do *Avon River*, havia uma escuna chamada *Enchanter* e a nau capitânia, de 3200 toneladas, uma barcaça de fundo achatado antes usada para transporte de gado, originalmente chamada *Royal Scotsman* e depois rebatizada como *Royal Scotman* por causa de um erro de grafia em seu registro. A chaminé[70] ostentava um brasão com as iniciais "LRH".

Hubbard passava a maior parte do tempo[71] na cabine climatizada do capitão, no convés superior do *Royal Scotman*, rodeado de janelas com vista para o oceano. Ele raramente bebia a bordo, exceto talvez para amenizar o frio de uma gélida noite na ponte de comando. Não se viam drogas em lugar algum. Seus dias eram geralmente solitários, e ele se ocupava de auditar a si mesmo e escrever artigos sobre diretrizes da igreja. Seu escritório no convés superior era chamado de Sala de Pesquisas. Era fechado por portas de madeira muito polidas com maçanetas de latão. O piso era de linóleo vermelho-brilhante, coberto por tapetes orientais. Havia uma grande mesa de mogno e um enorme espelho acima da lareira. Os membros da tripulação que passavam pelo convés superior podiam

vê-lo escrevendo com sua costumeira rapidez em papel almaço, com caneta verde para os boletins de diretrizes e vermelha para o *tech*, o vasto corpus de material didático e procedimentos que compunha a tecnologia espiritual da cientologia. Ele sacudia uma perna inquieta[72] enquanto sua mão corria pela página, sem hesitação, em caligrafia legível e bonita. Para outros tipos de texto, recorria à máquina de escrever. "Acho que ele escrevia[73] automaticamente", disse Jim Dincalci, um de seus oficiais médicos. "As páginas voavam. Ele piscava quando saía de lá, como se despertasse, e fazia barulho estalando os lábios."

Hubbard e Mary Sue jantavam[74] no escritório dele entre 20 e 22 horas. Depois das 3 horas, Dincalci fazia massagem em Hubbard e ele ia dormir. Então todos no navio tinham de ficar quietos até Hubbard acordar, em algum momento antes do meio-dia, e permanecer absolutamente calados enquanto ele se auditava no E-meter.

Na opinião de Hubbard, o aparelho funcionava logo abaixo do nível da percepção consciente; sabia, misteriosamente, o que a pessoa estava pensando antes que ela própria soubesse. Era perturbador e fascinante. Qualquer coisa registrada no medidor era vista como significativa. O difícil era adivinhar o que a agulha estava dizendo. Às vezes a reação era tão violenta que a agulha se jogava de um lado para o outro como um limpador de para-brisa ensandecido; era possível ouvir quando ela se chocava contra os pinos nas extremidades. Hubbard chamava isso de "pancada na pedra". Quem causasse uma reação dessas[75] era considerado psicótico porque com certeza cometera crimes contra a cientologia; se pertencesse à Sea Org, era automaticamente punido, deixando-se para descobrir o crime depois.

Se de início Hubbard resistiu ao conceito de vidas passadas, logo adquiriu um interesse arrebatador pelo tema. "Nós voltamos",[76] era o lema da Sea Org. Hubbard começou a recordar muitas de suas existências anteriores, que o E-meter validava. Afirmou ter sido contemporâneo de Maquiavel, e que ainda estava zangado com o autor de *O príncipe* por ter roubado sua frase "Os fins justificam os meios".[77] Disse que havia sido marechal de Joana d'Arc[78] e esposa de Tamerlão.[79] Contava histórias sobre conduzir um carro de corrida[80] na civilização alienígena Marcab milhões de anos atrás. Acabou acreditando que em algumas de suas vidas passadas neste planeta ele havia enterrado tesouros em vários lugares; por isso, partiu numa expedição para desenterrar aquelas riquezas antigas. Chamou a empreitada de Missão no Tempo. Escolheu uma pequena tripulação para ir com ele no *Avon River.* Como queria manter a missão em segredo, mandou fazer duas jangadas compridas que podiam ser remadas até a

praia na escuridão da noite e atracadas onde ele imaginava estar enterrado seu tesouro antigo. Quando Hana Eltringham viu que não estava na lista, escreveu a Hubbard pedindo para ser incluída e prometendo cumprir qualquer missão. Para sua surpresa, Hubbard nomeou-a oficial superior.

Uma noite muito escura e encoberta de 1968, o *Avon River* deitou âncora na costa ocidental da Sicília, na baía de Castellammare del Golfo, ao pé de um promontório encimado por uma antiga torre de vigia. Hubbard deu aos seus "missionários" um mapa do tesouro que ele havia desenhado com base em suas recordações de vidas passadas. A tripulação partiu numa das jangadas em direção à costa rochosa, levando cordas, pás e detectores de metal. Rindo e tropeçando uns nos outros, escalaram um paredão de rocha de três metros de altura. Na escuridão, não enxergavam mais que meio metro à frente. Cada um seguia com uma mão no ombro do outro enquanto avançavam através dos cactos que atulhavam o afloramento de rocha. De repente, o líder da expedição trombou com uma vaca. O animal começou a mugir, um cão latiu e uma luz se acendeu numa casa próxima. Todo mundo congelou até as coisas se aquietarem. Por fim, as nuvens se abriram o suficiente para mostrar a Lua. Os missionários encontraram uns tijolos e pensaram que poderiam ser ruínas de um castelo ao lado da torre de vigia. Os detectores de metal nada encontraram.

Hubbard decidiu ir junto no dia seguinte para inspecionar pessoalmente o local. "Sim, sim, é aqui!", ele exclamou, animado. Explicou a ausência do tesouro dizendo que provavelmente fora enterrado sob uma parte do castelo em ruínas que havia desmoronado no mar.

A expedição seguiu para a Sardenha, onde Hubbard contou sobre um romance que teve com a sacerdotisa de um templo quando era um marinheiro cartaginês — "amores ilícitos ao luar",[81] disse a seus enlevados missionários. "Tínhamos muitas moças bonitas[82] em Cartago, mas não chegavam aos pés dela." O *Avon River* parou em seguida na Calábria, na ponta da bota da Itália, onde Hubbard enterrara ouro em seus tempos de coletor de impostos no Império Romano. Não acharam nada.[83]

Nas vizinhanças de Túnis, onde os missionários esperavam mergulhar nas ruínas de uma antiga cidade submersa, Hubbard implicou com o capitão do *Avon River*, Joe van Staden, e o expulsou do navio. Eltringham estava em sua mesa de trabalho na entrecoberta quando Hubbard a chamou à sua sala e lhe disse que a partir da manhã seguinte ela seria a nova capitã da traineira de quatrocentas toneladas. Eltringham voltou para sua mesa e enterrou a cabeça nas mãos. Tinha 26 anos. Tudo o que sabia sobre navegação aprendera com Hubbard. É verdade que ele fora um bom professor. Ele escolhera doze membros da tripulação

original da Sea Org e lhes ensinara o código de bandeiras, como navegar usando um sextante e as leis básicas do mar. Mas ela não sabia coisa alguma sobre a sala das máquinas, o funcionamento dos aparelhos eletrônicos na ponte, a atracação de um navio. Meia hora depois, Hubbard pôs a cabeça para fora de sua sala e chamou-a. Tinha nas mãos um E-meter. Em pé no vão da porta onde todos podiam vê-los, Hubbard deu as latas a Eltringham. Cravou nela os olhos e ordenou: "Lembre-se da última vez[84] que você foi capitão de um navio". Eltringham fechou os olhos e iniciou a livre associação, enquanto Hubbard observava a agulha do E-meter.

"Que é isso?", ele perguntou quando a agulha parou de repente.

"Isso foi uma vez num navio em algum lugar, e o navio estava afundando", respondeu Eltringham.

"O.k., volte mais." Um momento depois, ele perguntou de novo. "Que é isso?"

"Isso é só uma grande confusão. Estou numa cabine com muitas pessoas. Alguma coisa urgente está acontecendo."

Hubbard mandou-a continuar falando sobre aquilo. Eltringham começou a ver o incidente com mais clareza. "Estávamos em alguma espécie de nave espacial", ela disse. "Estávamos sendo atacados, e — ah, meu Deus! Estou vendo um planeta lá na frente! E o planeta está em chamas! E alguma coisa está atirando em nós, e — ah, meu Deus! — a espaçonave explodiu!"

Hubbard lhe disse para contar a história muitas outras vezes para desestimular o incidente. Por fim, perguntou a Eltringham como estava se sentindo.

"Estou bem, senhor."

Hubbard semicerrou os olhos de novo. "Tem mais algum pensamento sobre isso?" Eltringham percebeu que ele estava verificando se a agulha oscilava, mas ela não conseguiu produzir esse efeito para ele.

"O.k., mais uma pergunta. Você é uma oficial leal?"

"Não sei o que quer dizer com isso, senhor", respondeu Eltringham. "Sou leal ao senhor, e sou uma oficial."

Hubbard replicou: "Está bem, por hoje é só".

Eltringham subiu ao convés e tentou entender o que Hubbard quisera dizer. De repente, percebeu. Hubbard não estava falando sobre o presente. Referira-se a um tempo em sua visualização. Alguma catástrofe devia ter acontecido. Eltringham se deu conta de que devia ter sido seu planeta que fora atacado, e ela estava tentando salvá-lo.

Alguns minutos depois, Hubbard subiu ao convés e sentou-se ao seu lado. Ela disse: "Sim, tem razão, senhor. Eu fui uma oficial leal. Eu sou".

Hubbard sorriu radiante.

O *Avon River* seguia pelo lado leste da Córsega quando Hubbard reuniu a tripulação e leu uma nova revelação: ali perto, no norte da Córsega, havia uma estação espacial subterrânea. Forneceu até as coordenadas. No local, uma porta secreta seria aberta pela impressão de uma palma na fechadura — mas apenas a palma da mão de certa pessoa. Hubbard sorriu sugestivamente, sem dizer quem seria o dono da mão. A face da rocha deslizaria para dar entrada a uma imensa caverna que abrigava uma nave-mãe e centenas de naves menores, todas abastecidas e prontas para partir.

Mas a estação espacial permaneceria escondida. Chegou a notícia de que o *Royal Scotman* arrumara problemas com as autoridades portuárias de Valência, onde Hubbard pretendia ter uma base permanente. Furioso, Hubbard abandonou a expedição e ordenou que o *Avon River* seguisse depressa para Valência, antes que o *Royal Scotman* fosse expulso do porto espanhol. A tripulação ficou desapontadíssima por perder a chance de descobrir a estação espacial. "Voltaremos, se der tempo",[85] Hubbard prometeu.

Depois de indenizar o capitão do porto em Valência, Hubbard deu uma festa para informar sobre a Missão no Tempo. Espalhafatoso e afetado, ele engrenou no que Eltringham chamava intimamente de seu "modo pantomima total". Momentos como aquele a constrangiam. Ela se escondeu atrás da multidão. Sentia genuína reverência por Hubbard, mas, sempre que ele se pavoneava diante de seus acólitos, ficava comicamente cheio de empáfia, uma paródia de si mesmo. Revirava os olhos, usava uma linguagem corporal imprópria e estrambótica, agitava as mãos a esmo. Às vezes, falava com sotaque britânico ou escocês. Para Eltringham, aquelas encenações eram ridículas, mas também inquietantes. Se o homem que ela considerava um salvador era "maluco", o que dizer de seus ensinamentos? O que dizer dela própria, que o idolatrava mas ao mesmo tempo nutria aqueles sentimentos ilícitos de vergonha? Ninguém mais parecia ter esse tipo de percepções conflitantes. Ela se sentia imensamente só.

Hubbard regalou a plateia com a história de seu romance com a sacerdotisa do templo na Sardenha quando ele fora um marinheiro cartaginês. "A moça dizia,[86] 'Olá, como vai VOCÊ?', e nenhum outro cara tinha a mínima chance por uns tempos. Quando a gente tem navios de guerra suficientes e está ganhando uma boa grana, é assim que as garotas costumam falar."

Ele contou que recentemente se recordara de uma passagem secreta para o templo. Despachou missões a terra firme para fazer o levantamento da área e mapeá-la a fim de ver se conseguiam descobrir aquela antiga entrada secreta do templo. Se a encontrassem, estaria comprovada a verdade de suas recordações de vidas passadas, o que ele chamava de "registro completo da memória".

“E agora”, ele anunciou, “peço a Hana Eltringham que venha dizer a vocês se houve ou não um resultado positivo.”

Muito constrangida diante dos colegas, Eltringham confirmou a descoberta de Hubbard. “Encontramos o túnel”,[87] ela disse, mencionando um fosso com piso de ladrilhos que os missionários tinham achado. “Portanto, é totalmente exato e comprovado.”

A expectativa era intensa no lançamento do OT III, e, quando Hubbard finalmente o disponibilizou a um grupo seleto de membros da Sea Org, em março de 1968 a bordo do *Royal Scotman* em Valência, a tripulação ficou eletrizada. A saga das pesquisas de Hubbard em Tânger e Las Palmas levava-os a pensar que esse era o avanço que conduziria à salvação do planeta. Eles — a Sea Org — seriam a vanguarda do movimento, munidos agora das revelações que Hubbard prometera.

Numa palestra a bordo do navio, Hubbard relatou que, enquanto pesquisava sobre o OT III, descobrira dois “incidentes”, que para ele significavam implantes, os quais impediam os thetans de ser livres. O Incidente Um era mais ou menos como uma expulsão do Jardim do Éden; acontecera 1 quatrilhão de anos antes, a data que Hubbard atribui para a origem do universo. Antes do Incidente Um, os thetans viviam num estado puro, divino. Subitamente, houve um estalo alto e uma inundação de luz. Apareceu uma carruagem, seguida por um querubim tocando trombeta; depois, a escuridão. Esse incidente marcou o momento em que os thetans se separaram de sua condição estática original e criaram o universo físico da matéria, energia, espaço e tempo (MEST). Nesse processo, os thetans perderam a noção de sua imortalidade.

O Incidente Dois é essencial para a saga dos OT III. Ocorreu há 75 milhões de anos na Confederação Galáctica, que era composta de 75 planetas e 26 estrelas. “O mundo em que vivemos hoje[88] replica a civilização daquele período”, disse Hubbard.

> As pessoas, naquela época e lugar específico, usavam roupas notavelmente parecidas com as que vestimos neste exato minuto. [por volta de 1950, 1960] Os carros que dirigiam pareciam idênticos, os trens em que andavam tinham o mesmo aspecto e os barcos que eles possuíam eram similares.

Um tirano chamado Xenu governava a Confederação. “Ele era um supressivo para dar fim a todos os supressivos”, Hubbard contou a seus seguidores. Xenu fora escolhido pelos oficiais leais, uma espécie de guarda pretoriana, mas perceberam que seu líder era perverso, por isso decidiram depô-lo. Só que Xenu tinha outros planos, disse Hubbard. “Ele aproveitou seus últimos momentos no cargo e botou para quebrar.” Xenu e alguns conspiradores malvados — na

maioria psiquiatras — espalharam falsas informações à população para atrair as pessoas a centros onde os soldados do governante poderiam destruí-las. “Um dos mecanismos usados foi ordenar que comparecessem para uma investigação de sua declaração de renda”, Hubbard explicou. “Lá foram eles, e os soldados começaram a matança.” O método preferido era espetar uma agulha no pulmão, paralisando o thetan com uma injeção de álcool e glicol congelados. Os corpos eram acondicionados em caixas e postos em aviões espaciais, parecidos com nosso jato DC-8. “Nenhuma diferença, exceto que os DC-8 tinham hélices — propulsores —, e o avião espacial não tinha.” Desse modo, bilhões de thetans foram transportados para Teegeeack, o planeta hoje chamado Terra, jogados em vulcões e explodidos com bombas de hidrogênio.

Mas os thetans são imortais. Libertados de suas encarnações corpóreas, flutuaram ao sabor dos fortes ventos criados pela explosão. Foram capturados numa fita eletrônica e postos diante de um “supercolossal filme em 3D”[89] por 36 dias, durante os quais ficaram sujeitos a imagens chamadas implantes R6. “Esses filmes contêm Deus, o Diabo, anjos, ópera espacial, teatros, helicópteros, uma rotação constante, uma dançarina rodopiante, trens e várias cenas muito semelhantes às da Inglaterra moderna. O que você imaginar está nesse implante.” O implante incluía todas as religiões do mundo e “um estúdio de filmagem” completo, com roteiristas e tudo.

Xenu não teve muito tempo para comemorar sua vitória. Alguns oficiais leais permaneceram espalhados pela galáxia. Houve uma guerra civil, e dentro de um ano os oficiais leais capturaram Xenu e o prenderam numa gaiola de arame eletrificado enterrada numa montanha. “Provavelmente[90] ele não vai sair de lá nunca mais”, disse Hubbard.

Como Teegeeack era uma lixeira de thetans, tornou-se conhecido como o Planeta Prisão, “o planeta de má reputação”.[91] A Confederação Galáctica abandonou a área, embora ao longo dos milênios tenham aparecido vários invasores. Mas aqueles thetans flutuantes permaneceram na área. Eles são as almas das pessoas que estão mortas há 75 milhões de anos. Ligam-se a pessoas vivas porque não têm mais livre-arbítrio. Pode haver milhões deles amontoados no corpo de uma única pessoa. A audição para os cientologistas do nível OT III em diante passou a se concentrar na eliminação dos *body thetans*, ou BT [“thetans corpóreos”], que são obstáculos ao progresso espiritual.

Estava em jogo mais que a salvação individual. Hubbard explicou que o Planeta Prisão havia sido civilizado muitas vezes no passado, mas sempre chegava ao mesmo fim: o aniquilamento. Por mais que a humanidade evoluísse, um gatilho implantado nos thetans aprisionados levava-os a se autoexplodirem

antes de conseguir escapar de seu destino e atingir níveis superiores de existência. O objetivo da cientologia era “limpar o planeta” e salvar a humanidade desse ciclo interminável de autodestruição.

Hubbard nunca explicou como teve essas revelações. “Não vamos entrar nisso”,[92] ele disse à tripulação, explicando apenas que teve a sorte de escapar ao cataclismo muitas eras antes. “Vocês são os escolhidos”, disse a eles. “Vocês são os oficiais leais. Fizemos no passado remoto o acordo de que tornaríamos a nos reunir. Desta vez ninguém vai nos impedir.”

Eltringham e duas dúzias de membros da Sea Org tiveram a honra de compor o primeiro grupo a ver o material do OT III. Entraram um a um para ler os documentos. Quando chegou à parte sobre os oficiais leais, Eltringham imediatamente entendeu que era sobre isso que Hubbard tinha falado: instintivamente, ela sentia que estivera entre eles. Ao mesmo tempo, o relato lhe parecia inacreditável, bizarro e totalmente inescrutável.

Sua tarefa agora era levar o material para a cabine, junto com um E-meter, e auditar a si mesma para descobrir e expulsar os thetans corpóreos. Assim que fossem expostos e confrontados, eles fugiriam “rapidinho”, Hubbard prometeu. Ela começava seus dias com uma sessão, mas não conseguia localizar nenhum BT. No fim da semana, devolveu a pasta e pediu ajuda. Submeteu-se a uma recapitulação de audição, mas não adiantou. Começou a recear que fosse “inauditável”, o que Hubbard chamava de *dog case*, ou ser degradado: alguém que fizera tantas más ações que estava fora do alcance de qualquer ajuda. E era tudo culpa dela.

Apesar de ter apenas catorze anos, Quentin, o herdeiro presuntivo de Hubbard, esteve entre os primeiros iniciados nos mistérios do OT III. Todos no navio sabiam o que estava acontecendo, e rodeavam a cabine onde o material estava guardado para ver a expressão no rosto dos que haviam sido expostos a ele. Quentin saiu pálido e vomitou violentamente.[93] Depois disso, nunca mais foi tão esfuziante quanto antes.

Para garantir que suas ordens fossem cumpridas, Hubbard criou a Organização Mensageiros do Comodoro. No começo, foram quatro adolescentes: duas filhas de Yvonne Gillham, Terri e Janis, de treze e onze anos, Annie Tidman, de doze, e, por pouco tempo, a filha mais nova de Hubbard, Suzette, de treze. Logo várias outras adolescentes foram admitidas, e Suzette foi trabalhar no convés. Duas das meninas estavam sempre a postos do lado de fora da sala de Hubbard, esperando para levar suas diretrizes manuscritas ao mimeógrafo ou para transmitir suas ordens pessoalmente. Ele as instruía a repetir suas palavras com exatidão e no tom de voz em que ele as proferia: para informar ao capitão a hora de zarpar, por

exemplo, ou para dizer a um membro da tripulação que lhe desagradasse que ele era um “merda”.[94] Hubbard permitia às meninas criar seus próprios uniformes, e quando fazia calor elas usavam shorts justos, blusa frente única e sapato plataforma. Quando o comodoro andava pelo navio, uma ou duas mensageiras iam atrás, levando o boné e o cinzeiro dele; acendiam seu cigarro e ajeitavam depressa uma cadeira quando ele começava a sentar-se. Todos temiam aqueles esbirros de Hubbard. Tinham de tratá-las por “Sir”, mesmo que fossem meninas de doze anos. (Essa prática continuou na Sea Org. Todos os altos oficiais são tratados por “Sir”, independentemente do gênero.) “Elas tinham o poder[95] de Deus naquelas mãozinhas, naquelas boquinhas”, recordou Eltringham.

A relação de Hubbard com essas meninas era íntima, mas não abertamente sexual.[96] Elas preparavam o banho do comodoro quando ele se recolhia, aguardavam do lado de fora do quarto até ele acordar e chamar: “Mensageira!”. Ajudavam-no a se levantar, acendiam seu cigarro, ligavam o chuveiro, preparavam seus utensílios de banho e o ajudavam a se vestir. Algumas daquelas crianças tinham pais no navio, outras estavam sozinhas, mas, fosse como fosse, era principalmente Hubbard quem tomava conta delas — e vice-versa. Quando as meninas chegavam[97] à idade de usar maquiagem, era Hubbard quem as ensinava a aplicar os produtos. Ele também as ajudava nos penteados.

Quando estava no navio, Hubbard trabalhava no código de Ética da cientologia. Começou com a ideia de que o homem é basicamente bom. Até um criminoso deixa pistas de seu crime, pois deseja que alguém impeça seu comportamento antiético, teorizou Hubbard. Da mesma forma, uma pessoa que se machuca acidentalmente ou que adoeça está “aplicando ética em si mesma”,[98] para atenuar o dano que faz aos outros ou ao seu ambiente. Esses eram testemunhos do anseio básico que todos têm de levar uma vida decente e digna.

Boas e más ações[99] só podem ser julgadas quando se compreende o que Hubbard chamou de oito dinâmicas. A primeira dinâmica é a do eu e seu impulso para existir. A segunda dinâmica é a do sexo, que inclui o ato sexual e a unidade familiar. A terceira dinâmica é a do grupo — qualquer escola, classe, organização, cidade ou nação. A quarta dinâmica é a da humanidade. A quinta dinâmica é o impulso para a existência encontrado em todos os seres vivos, inclusive verduras e grama, “qualquer coisa direta e intimamente motivada pela vida”. A sexta dinâmica é a da matéria, energia, espaço e tempo que compõem a realidade em que vivemos. A sétima dinâmica é a espiritual, que tem de ser alcançada antes de se avançar para a oitava dinâmica, chamada de infinito ou Deus. O mantra da cientologia para julgar o comportamento ético é “o maior bem[100] para o maior número de dinâmicas”: uma fórmula que pode isentar um

bom número de crimes.

Cada indivíduo ou grupo passa por estágios que Hubbard denomina condições éticas, as quais se inclinam à sobrevivência ou ao colapso. Essas condições variam do estágio mais elevado, o poder, ao mais baixo, a confusão. O modo de determinar em que condição uma pessoa se encontra em dado momento é pela estatística, compilada toda quinta-feira às 14 horas. Para uma Igreja da Cientologia, a estatística importante poderia ser quanto dinheiro está arrecadando. A "org" que arrecada menos semana após semana está numa condição de não existência; representada num gráfico, essa condição aparece como uma linha que desce abruptamente. Uma linha plana ou ligeiramente descendente indica uma condição de emergência. Ligeiramente ascendente é normal; acentuadamente ascendente é afluência. Doravante cada organização da cientologia e cada membro de sua equipe seriam julgados pelas implacáveis estatísticas semanais. Hubbard avisou seus pupilos: "Vocês têm de estabelecer[101] com firmeza uma presença ética. Senão, acabarão enrolados num poste telegráfico".

Os anos no mar foram cruciais para o futuro da cientologia. Mesmo enquanto Hubbard estava inventando a doutrina, cada uma de suas decisões e ações era sacramentada nos anais da cientologia como algo a ser emulado: seu hábito de fumar,[102] por exemplo, que continua a ser parte da cultura da igreja nos níveis superiores, assim como o modo singular como ele falava nos anos 1950, sua displicente misoginia, a aversão a perfumes e desodorantes com fragrância e o amor por carros, motocicletas e relógios Rolex. Mais significativos são o legado de seu menosprezo por subordinados e a desconfiança paranoica contra o governo. Tais características marcaram a religião como uma organização extremamente reservada e às vezes hostil que via inimigos em cada canto.

Por ver o mundo desse modo, Hubbard despertou a suspeita de que devia haver algo de muito perigoso na cientologia. Um a um, os portos começaram a proibir a entrada da frota. O primeiro foi Gibraltar,[103] em 1967, que recusou assistência durante uma forte tempestade no estreito. A Inglaterra proibiu cientologistas estrangeiros[104] de entrar no país para estudar em julho de 1968 e declarou Hubbard estrangeiro indesejável. Ele descarregava a frustração na tripulação. Atribuiu a Yvonne Gillham a condição de não existência e a reduziu a *swamper*, que ele definia como "alguém que faz a limpeza". As mãos dela se tornaram ásperas e nodosas. "Ela era como a Cinderela,[105] sempre esfregando", lembrou um amigo.

Certa ocasião em que os navios estavam ancorados em Valência, começou uma tempestade. Hubbard estava a bordo do *Avon River* e notou que o *Royal*

Scotman se desprendera de uma das amarras. Gritou que alguém tinha de levantar âncora e dar partida nos motores, mas, antes que a tripulação reagisse, o grande navio se chocou contra o desembarcadouro e danificou a hélice. Apesar de a embarcação não ter sofrido dano grave, Hubbard relegou a tripulação e o próprio *Royal Scotman* à condição de *liability* [estorvo], o que, em sua escala ética, está abaixo da não existência. Hubbard permaneceu a bordo do *Avon River* e partiu para Marselha até que o *Royal Scotman* voltasse a cair em suas graças. Mary Sue foi nomeada capitã, com ordem de treinar novamente a tripulação e devolver o navio a um estado aceitável. Ninguém pôde tomar banho nem trocar de roupa por meses. A tripulação usava trapos cinzentos imundos no braço esquerdo, para indicar sua condição degradada. Até o animal de estimação de Mary Sue, uma cachorrinha mal-humorada da raça corgi chamada Vixie, tinha um trapo em volta da coleira, e o próprio navio usava um bracelete de lona cinza ao redor da chaminé. Um oficial de Ética andava pelo convés girando uma clava.

Apesar das condições deploráveis, Mary Sue governou o navio com um mínimo de histeria e ganhou o respeito e a lealdade de muitos a bordo. Sem Hubbard, o humor melhorou. Mary Sue dava festas[106] em sua cabine com Candy Swanson, a tutora das crianças, e dois homens que elas namoravam. Dançavam ao som de Jimi Hendrix. Mas, quando Hubbard voltou, a festa acabou.

Um jovem com talento para línguas chamado Belkacem Ferradj se juntou à Sea Org quando o navio aportou brevemente em Argel, em 1968. Hubbard, rodeado por suas mensageiras, causou impressão imediata em Ferradj. Estava vestido como um almirante e falava com um sotaque americano carregado. Um brilho dourado parecia emanar de sua cabeça avantajada. Ferradj achou Mary Sue "deslumbrante",[107] com longos cabelos encaracolados e olhar penetrante, mas ele achou que ela era "a pessoa mais reservada do mundo". Quando o navio zarpou, em julho, Ferradj estava a bordo, tendo assinado seu contrato de 1 bilhão de anos com a Sea Org.

Ferradj se tornou íntimo de Diana, a filha de dezesseis anos de Hubbard. Ela se transformara numa moça encantadora, de cabelos ruivos esvoaçantes e pele clara salpicada de sardas. Tocava o piano de cauda na sala de jantar da família no navio. Alguns a achavam arrogante, uma princesa, mas Ferradj, quatro anos mais velho, se enamorou. Quando Hubbard descobriu a relação, chamou Ferradj ao convés de popa. Ferradj conta que Hubbard o recebeu com um soco no queixo. "Bati no anteparo[108] do navio e desabei no convés", ele recorda. "Não sei se foi porque eu era árabe ou alguma outra coisa. Parti desonrado."

Quando Otto Roos, um executivo da Sea Org da Holanda, não conseguiu

prender um cabo de aço num poste de amarração durante uma terrível tempestade na Tunísia, Hubbard ordenou que ele fosse jogado ao mar da ponte de comando, de uma altura equivalente a quatro andares de um prédio. Hana Eltringham escreveu naquela noite um relatório a Hubbard expressando sua preocupação; explicou que a tempestade fora tão violenta que Roos não conseguira de jeito nenhum se sustentar enquanto tentava pôr o navio em segurança. O relatório foi devolvido com o comentário "Jamais questione LRH".[e109]

Roos sobreviveu ao castigo e acabou estabelecendo um sinistro precedente. A partir de então, lançar gente ao mar virou rotina, só que principalmente do deque inferior de popa. Quase toda manhã, quando a tripulação se reunia, havia uma lista dos que seriam jogados, mesmo com mar bravo.[110] Os punidos eram pescados e içados a bordo pelas antigas portas de acesso do gado ao porão. Tais castigos contribuíram para que o governo grego decidisse expulsar a tripulação da cientologia de Corfu em março de 1969. Isso não acabou com a prática. Com exceção dos membros da família de Hubbard, ninguém era poupado. John McMaster, o segundo "primeiro *clear*", foi jogado[111] do navio seis vezes e fraturou o ombro na última ocasião. Logo depois, deixou a igreja.[112] Eltringham tinha de ficar no convés com Hubbard e seus ajudantes quando as punições eram aplicadas. Se o tripulante parecesse insuficientemente acovardado com a perspectiva, Hubbard mandava amarrar seus pés e mãos. Whitfield se recorda da sexagenária Julia Lewis Salmen, veterana executiva da cientologia, que foi amarrada e vendada antes de ser lançada ao mar. "Ela gritou até cair[113] na água", disse Eltringham. "Quando o som parou, Hubbard mandou que um ajudante do convés mergulhasse para buscá-la. Sem isso, acho que Julia teria se afogado."

Hubbard escolheu uma punição diferente para outro que estava entre os membros mais velhos da tripulação, Charlie Reisdorf. Ele e mais dois tripulantes da Sea Org foram obrigados a apostar corrida deitados em volta do convés áspero e lascado enquanto empurravam amendoins com o nariz. "Ficaram todos com o nariz machucado e ensanguentado,[114] deixaram um rastro de sangue", recorda um auditor graduado. Toda a tripulação recebeu ordem de assistir ao espetáculo.

> Reisdorf estava provavelmente chegando aos sessenta anos. Suas duas filhas eram mensageiras; tinham na época onze e doze anos, e a mulher dele também estava lá. É difícil falar o que foi pior ver: aquele velho com o nariz ensanguentado ou sua mulher e filhas soluçando e gritando, forçadas a assistir àquilo. Hubbard comandava a ação, berrando "Mais rápido, mais rápido!".

Cada vez mais, Hubbard direcionava sua cólera contra as crianças, que estavam se tornando um estorvo no navio. Ele achava que teriam uma criação

melhor longe dos pais, os quais eram “contraintenção” para os filhos. Por isso, ele se tornou seu único pai, severo e negligente. A criança que cometesse a menor infração,[115] por exemplo, rir na hora errada ou não se lembrar de algum termo da cientologia, era obrigada a subir ao cesto da gávea, no topo do mastro, a uma altura de quatro andares, e lá passar a noite; ou era mandada ao porão e obrigada a raspar ferrugem. O arteiro Derek Geene,[116] um garotinho negro adotado, tinha quatro anos. Pegou um relógio Rolex pertencente a um membro abastado da Sea Org e o jogou ao mar. Hubbard ordenou que prendessem Derek no apertado depósito da corrente da âncora. Era um antro úmido e frio. O menino corria o risco de ser mutilado se a âncora fosse acidentalmente baixada ou se escorregasse. Embora lhe dessem comida, ele não ganhou cobertor nem lhe permitiram ir ao banheiro. A criança permaneceu sentada na corrente por dois dias e duas noites. A tripulação ouvia seu choro. Sua mãe implorou a Hubbard que o deixasse sair, mas Hubbard lembrou-a do axioma da cientologia: uma criança é um adulto num corpo pequeno, e igualmente responsável por seu comportamento. Outros pequeninos[117] foram sentenciados ao depósito por cometer infrações — por exemplo, mastigar uma fita de telex — por até três semanas. Hubbard decretou que eram pessoas supressivas.[118] Uma menina surda-muda[119] foi trancada no depósito durante uma semana porque Hubbard achava que isso curaria sua surdez.

Hubbard explicou a Hana Eltringham que o objetivo daquelas punições era elevar o nível de “confronto” para lidar com o mal no universo. Um membro da tripulação de Eltringham no *Avon River*, Terry Dickinson, eletricista australiano brincalhão, cometeu o erro de não encomendar uma peça para o rádio de comunicação com a costa. Hubbard mandou a Eltringham um bilhete manuscrito ordenando-lhe que mantivesse Dickinson acordado até que a peça chegasse e o rádio estivesse devidamente instalado. Se o tripulante adormecesse, seria expulso. Eltringham, com um sentimento de culpa, obedeceu, mas sabia que o desafortunado Dickinson não conseguiria dar conta daquilo sozinho, por isso permaneceu acordada junto com ele por cinco dias e cinco noites, dando-lhe café, caminhando com ele pela praia e consolando-o quando ele chorava e dizia que não aguentava mais. Eltringham acreditava estar salvando a alma de Dickinson, e a sua própria, mas ele partiu pouco depois desse incidente, “um homem arrasado”. Posteriormente, Hubbard escreveu uma nota explicando que Dickinson “não teve o confronto[120] para cumprir sua missão”.

“Você perguntaria:[121] ‘Por que não fez alguma coisa? Por que não disse o que pensava?’”, Eltringham ponderou depois.

> Acontece que eu era uma verdadeira crente. Acreditava que Hubbard sabia o que estava fazendo.

> Infelizmente, acreditava que ele sabia o que seria necessário para ajudar todas as pessoas do mundo e que, muito embora eu não compreendesse, era meu dever segui-lo e apoiar o que ele fazia. Nenhum de nós dizia nada. Nenhum de nós fazia nada.

No diário de bordo de dezembro de 1968, Hubbard menciona uma organização que ele chama de SMERSH, um nome tirado dos livros de James Bond. Descreve-a como um "governo oculto[122] […] que aspirava à dominação do mundo!". A psiquiatria é a força dominante por trás dessa instituição sinistra. "Uma investigação recente revelou que nunca se viu nem se ouviu falar de uma pessoa 'insana' que não tenha estado nas mãos deles", escreve Hubbard. "E surge a questão: existe mesmo alguma insanidade? Não será fabricada por eles?" Mas a SMERSH tinha cometido um grande erro, disse Hubbard: atacar a cientologia. Ele jurou vingança.

Hubbard andava tentando aliciar para a Sea Org uma jovem da Flórida, Catherine "Kit" Harrington (pseudônimo). Ela vinha de uma família proeminente do sul dos Estados Unidos e estudara na Europa. Falava francês, alemão e espanhol. Tinha uma admirável desenvoltura social, e além disso era ruiva, sempre um atestado de preeminência na cartilha de Hubbard. Kit finalmente concordou em entrar para o *Royal Scotman* em 1969, justamente quando o navio estava sendo expulso de Corfu. Logo foi nomeada para a "Unidade de Elite dos Missionários". Hubbard já tinha em mente uma missão para ela.

Ele ajustou o curso para Cagliari, na ilha italiana da Sardenha. No caminho, instruiu-a pessoalmente sobre seu plano de se apoderar da World Federation of Mental Health [WFMH, Federação Mundial de Saúde Mental], sediada em Genebra. Hubbard ficara sabendo que a organização nunca se dera ao trabalho de se constituir em pessoa jurídica na Suíça. Sua grande ideia era estabelecer um escritório em Berna, a capital, anunciando-se como uma delegação americana da WFMH dedicada a reformar a organização por dentro. O verdadeiro plano era marcar presença no país durante um tempo suficiente para se registrar como pessoa jurídica sob o nome de WFMH e depois, apresentando-se como a genuína organização de saúde mental, propor às Nações Unidas um projeto de eutanásia para os elementos "inúteis ou irremediáveis"[123] da sociedade. Hubbard previa que a indignação que isso despertaria poria o mundo inteiro contra a WFMH. Seria um golpe tremendo contra seu mais formidável inimigo, a SMERSH.

Durante todo o caminho para a Sardenha, Hubbard doutrinou Kit na história dessa organização de saúde, seus ex-presidentes e as políticas que ela defendia, como a terapia de eletrochoque. Kit não precisava ser persuadida sobre os perigos da prática: sua mãe havia sido submetida ao eletrochoque à revelia nos anos 1940, como tratamento para depressão pós-parto. Depois disso, sofreu de

amnésia e medo de mudanças e de descontrole.

Quando o *Royal Scotman* aportou em Cagliari, Kit já estava bem adestrada. Ela e outra integrante da Sea Org, Marjorie Johnson (pseudônimo), atriz especializada em Shakespeare vinda de Cincinnati, viajaram para Berna. Montaram um escritório, compraram a mobília e cobriram as paredes com certificados falsos. Mandaram imprimir cartões de visita em papel timbrado. Por fim, preencheram a papelada para registrar a WFMH como pessoa jurídica.

Pouco depois, receberam um telefonema do Escritório Federal de Saúde Pública da Suíça, indagando quais eram suas intenções. As duas foram convidadas a se explicar ao diretor em pessoa.

Kit e Marjorie tinham vinte e poucos anos. Puseram umas roupas sem graça e passaram talco no cabelo para parecer mais velhas. Chegaram ao escritório e foram levadas para uma sala de conferência com outras dez pessoas, entre elas o diretor, um estenógrafo e vários advogados. As mãos de Marjorie tremiam enquanto Kit, na maior desfaçatez, enumerava as razões para se apossarem da WFMH. Afirmou que a organização vinha sendo mal representada fazia muito tempo; por exemplo, o diretor sabia que a WFMH nunca tinha se dado ao trabalho de se constituir em pessoa jurídica na Suíça? Não sabia. Tampouco ele era fã de algumas das políticas que as duas disseram ser defendidas pela WFMH, como a eutanásia. No final da reunião, o diretor parecia convencido. “Gosto do modo como vocês, americanos, trabalham!”,[124] ele disse com entusiasmo.

As duas saíram animadas da reunião, mas se surpreenderam com a resposta ao telex que enviaram a Hubbard. Ele mandou que voltassem ao navio, “para sua proteção”.[125] Assim que elas voltaram a Cagliari, Hubbard soltou as amarras, atravessou o estreito de Gibraltar e foi para o mar aberto. Mudou até o nome de seus navios, para apagar as ligações com a cientologia. O *Enchanter* se tornou *Diana*, o *Avon River* virou *Athena* e a nau capitânia *Royal Scotman* se transformou no *Apollo*. Todos foram registrados[126] com credenciais panamenhas como pertencentes à Corporação de Operação e Transporte. O *Apollo* agora era anunciado como “o orgulho da frota panamenha”,[127] “uma escola de filosofia flutuante” e “o espaço mais são[128] do planeta”.

Hubbard estava convencido de que as autoridades suíças haviam preparado uma armadilha: prenderiam Kit e Marjorie para forçá-las a depor e contar todo o plano dele. Por meses ele temeu ir a terra firme. O navio vagueou pelo Atlântico; a tripulação se viu forçada a viver do que havia no estoque, e logo as rações estavam cortadas pela metade. Perto da Madeira foram apanhados por uma violenta tempestade tropical que ameaçou engolfar o *Apollo*. Ondas imensas invadiram a chaminé e estilhaçaram as vidraças de cinco centímetros de

espessura do refeitório. Jorrou água na sala das máquinas, onde o oficial de vigia, sofrendo de enjoo, ajustou um balde em volta do pescoço. Mensageiras aterrorizadas se arrastavam agarradas à sacolejante amurada do convés, tentando levar comunicados à ponte de comando; houve momentos em que a proa do navio apontou direto para o mar. A tempestade durou dez dias e impeliu o navio por quase 1300 quilômetros em direção norte, até os Açores.

Em busca de um porto seguro, Hubbard seguiu para o Marrocos. Achou que um país árabe poderia ser mais tranquilo e menos chamativo para a frota da cientologia, que despertara muita atenção desfavorável nos portos europeus. Em outubro de 1969 ele ancorou em Safi, próximo a Marrakech. Finalmente a tripulação, trêmula e faminta, pôde atacar as lojas. Hubbard começou a avaliar o país como uma possível pátria para a cientologia. Escolheu Kit Harrington e outro ruivo, Richard Wrigley, para liderar uma missão exploratória na capital, Rabat. A única ordem que receberam de Hubbard foi "assegurar o Marrocos".[129]

O Apollo num cartão-postal português.

Wrigley e Harrington se instalaram no Hotel La Tour Hassan, que costumava hospedar diplomatas. Wrigley fez amizade com um enviado africano e se deixou levar para a Costa do Marfim, sobrando para Kit assegurar o Marrocos sozinha. Ela abriu um escritório intitulado Instituto Americano de Engenharia e Desenvolvimento Humano e vendeu ao governo marroquino um projeto de agricultura hidropônica. O projeto não deu em nada, mas proporcionou a Kit uma cobertura legítima. Com suas habilidades sociais, ela não demorou a penetrar nos círculos íntimos do palácio real. Em especial, tornou-se amiga de alguns militares do alto escalão, entre eles um oficial da inteligência alto e bem-

apessoado, o coronel Allam.

O coronel Allam e Kit faziam aniversário no mesmo dia, 17 de maio, e ela foi convidada para um sarau no palácio do governador em Marrakech. No meio da festa houve uma comoção com a entrada do general Mohammed Oukfir, o truculento ministro do Interior. O general Oukfir tinha grande influência no país, aterrorizado durante muito tempo pelo tirânico governo do rei Hassan II. Kit imediatamente o avaliou como uma figura de reputação duvidosa: alto, rosto encovado, olhos ocultos por óculos escuros, as mãos manchadas do sangue de muitos compatriotas.

Os amigos marroquinos de Kit aconselharam-na sem rodeios a manter distância dos militares, mas Hubbard a pressionou para fazer justamente o oposto. Ela e Mary Sue alugaram uma casa em Tânger. Mary Sue estava empolgada,[130] pois detestava ficar engaiolada a bordo do navio. A perspectiva de tomar o Marrocos começou a não parecer tão absurda.

Durante grande parte do ano seguinte, Kit viveu em Rabat, apresentando-se no *Apollo* a cada dois meses. Em julho de 1971, o coronel Allam convidou-a, com mais duas cientologistas, para assistir a um exercício de manobras táticas por ocasião do 42_{o} aniversário do rei. Os exercícios, executados no palácio real de verão em Skhirat, eram uma fantasia panorâmica de cavaleiros berberes seguidos por formações de infantaria e manobras de tanques. A plateia, sentada em tendas, comia intermináveis hors-d'oeuvres, e as belas mocinhas cientologistas se esquivavam das cantadas do alto-comando marroquino. Para passar o tempo, jogavam pôquer com os generais. Tudo corria bem, mas, de repente, durante a exibição aérea, dois aviões de combate surgiram de uma nuvem, saíram da formação e passaram em voo rasante logo acima da multidão em pânico. Assestaram suas metralhadoras sobre a tenda do rei, ao lado de onde estavam Kit e as outras cientologistas. Simultaneamente, mil cadetes militares invadiram o palácio. Cem pessoas foram mortas[131] nessa tentativa de golpe. O rei escapou se escondendo no banheiro. Kit e suas companheiras foram rapidamente levadas de volta para o hotel. Amedrontadas, ligaram a televisão para saber o que tinha acontecido, e assistiram ao fuzilamento dos generais com quem tinham estado. A tentativa de golpe não tardou a ser desbaratada. O rei Hassan fugiu para a França e deixou o país sob o comando do general Oufkir, que também ficou com o cargo de ministro da Defesa. O rei não confiava em mais ninguém. Estava convencido de que a CIA decidira derrubá-lo.

Até nessa situação caótica e perigosa Hubbard enxergou uma oportunidade. Propôs a criação de uma guarda de elite[132] para proteger o rei. Mandou Kit ensinar o general Oufkir a usar o E-meter como detector de mentiras para

determinar quais membros do governo haviam integrado as forças rebeldes e, assim, erradicar a subversão. Ela recusou; suas fontes lhe disseram que seria perigoso demais, não só para ela, mas para todos os envolvidos. Hubbard ordenou que ela voltasse para o navio e fosse trabalhar na lanchonete. Enviou outra equipe, que logo começou a descobrir os conspiradores. O coronel Allam foi levado para o deserto e fuzilado, junto com dezenas de outros.

Quando o rei Hassan II voltou da França, em 1972, um esquadrão de jatos de combate marroquinos acompanhava seu avião de passageiros. Mas, assim que saíram do espaço aéreo francês, um dos jatos da escolta começou a disparar contra o avião real. O rei, que também era piloto, logo entendeu o que se passava. Correu para a cabine do piloto e assumiu o controle. "Parem de atirar![133] O tirano está morto!", gritou pelo rádio. Em seguida, pilotou o aparelho até o Marrocos.

Naquela noite se revelou o arquiteto do golpe: o general Oufkir. Foi anunciado que ele se "suicidou",[134] apesar de seu corpo estar crivado de balas.

O rei, abalado, voltou sua atenção[135] para os cientologistas. Suspeitava fazia já um bom tempo que a cientologia era uma fachada da CIA, um rumor que estava se espalhando pelo Mediterrâneo. Também corria o boato de que o *Apollo* andava envolvido em tráfico de drogas e prostituição, ou de que era parte de uma rede de pornografia. Em dezembro de 1972,[136] os cientologistas foram expulsos do país, deixando um rastro de confusão e recriminações.[f]

Paulette Cooper estudava religiões comparadas durante um verão em Harvard em fins dos anos 1960 quando se interessou pela cientologia, que vinha ganhando atenção. "Um amigo veio me dizer[137] que tinha se filiado à cientologia e descoberto que era Jesus Cristo", ela recorda. Decidiu verificar discretamente o que aquela igreja pretendia. "Não gostei do que vi", contou. Os cientologistas que ela encontrou pareciam estar numa espécie de transe. Quando ela analisou as afirmações feitas pela igreja, descobriu que muitas eram falsas ou impossíveis de comprovar. "Perdi meus pais em Auschwitz", disse Cooper, explicando sua motivação para escrever sobre a cientologia numa época em que havia pouquíssima coisa publicada a respeito e os que criticavam a igreja sofriam ataques legais e pessoais. Cooper, uma mulher esguia de voz suave, publicou seu primeiro artigo na revista inglesa *Queen* em 1970. "Recebi ameaças de morte", ela contou. A igreja entrou com uma ação na Justiça contra ela. Cooper não quis se calar. "Eu achava que, se nos anos 1930 as pessoas tivessem dito o que pensavam, meus pais teriam vivido." No ano seguinte, publicou um livro, *The Scandal of Scientology* [O escândalo da cientologia], com uma crítica abrangente

dos ensinamentos de Hubbard. Revelava, entre outras coisas, que Hubbard fornecera referências falsas sobre si mesmo e que desertores declaravam ter sido financeiramente espoliados e perseguidos quando tentaram dizer a verdade.

Pouco depois da publicação do livro, Cooper recebeu a visita da filha de Ron e Sara Hubbard, Alexis, que na época estudava no Smith College. Cooper exigira que Alexis trouxesse identificações substanciais para provar quem era, mas, ao abrir a porta, ficou sem fôlego. Era como se Ron Hubbard houvesse reencarnado numa moça sardenta de 22 anos. Alexis perguntou a Cooper se ela era ou não filha legítima. Em seu círculo social, a ilegitimidade era um estigma terrível. Cooper pôde mostrar a ela a certidão de casamento de Ron e Sara.

Alexis fora ao Havaí para passar o Natal com a mãe. Quando voltou para a faculdade, ficou sabendo que um homem estivera esperando por ela durante quatro dias. Ele se identificou como agente do FBI e disse que precisava ler em voz alta para ela uma carta de várias páginas. A carta dizia que Alexis era ilegítima. Claramente fora escrita por Hubbard. "Sua mãe foi minha secretária[138] em Savannah em fins de 1948", dizia a carta. Ele afirmou ter sido obrigado a despedir Sara porque ela era "prostituta de rua"[139] e espiã nazista. "Em julho de 1949 eu estava em Elizabeth,[140] Nova Jersey, escrevendo um filme", prossegue a carta. "Ela apareceu, indigente e grávida." Hubbard disse que tinha coração mole e acolheu Sara, para ajudá-la até que "passasse por aquele problema". Curiosamente, a carta estava assinada "Seu bom amigo, J. Edgar Hoover".[141]

Depois de *The Scandal of Scientology*, a vida de Cooper virou um pesadelo. Foi seguida, grampearam seu telefone, abriram dezenove processos contra ela. Seu nome e número de telefone eram escritos em banheiros públicos masculinos. Um dia, quando ela estava fora da cidade, sua prima, na época hospedada em seu apartamento em Nova York, abriu a porta para receber a entrega de uma floricultura. O entregador tirou um revólver do buquê, encostou-o na têmpora da moça e puxou o gatilho. A arma falhou, e ele tentou estrangulá-la. A prima de Cooper gritou, e o atacante fugiu. Cooper se mudou para um apartamento com porteiro, mas logo depois seus trezentos vizinhos receberam cartas informando que ela era uma prostituta com doença venérea que molestava crianças. Uma mulher, imitando a voz de Cooper, fez ameaças ao secretário de Estado Henry Kissinger e ao presidente Gerald Ford numa lavanderia Laundromat, e um cientologista que por acaso estava presente informou o FBI. Dois membros do Escritório do Guardião invadiram o consultório do psiquiatra de Cooper, roubaram o prontuário dela e mandaram cópias a seus pais adotivos. Cooper foi acusada de enviar pelo correio ameaças de bombardear a Igreja da Cientologia. No tribunal, o promotor apresentou uma carta ameaçadora que continha

impressões digitais de Cooper, e ela desmaiou. (Posteriormente ela se lembrou de ter assinado uma petição, que talvez tivesse uma página em branco por baixo.) Em maio de 1973, Cooper foi indiciada pelo procurador-geral dos Estados Unidos por enviar as ameaças pelo correio e depois mentir perante o grande júri.

Se forem verdadeiros os rumores de que Hubbard criou uma religião só para ficar rico, ele já tinha atingido esse objetivo fazia muito tempo. Um de seus prepostos descontentes afirmou mais tarde que Hubbard admitira ter "uma ânsia insaciável[142] por poder e dinheiro". Hubbard intimava seus adeptos: "FAÇA DINHEIRO",[143] ele exigiu numa carta de diretrizes em 1972. "FAÇA MAIS DINHEIRO. FAÇA OS OUTROS PRODUZIREM PARA FAZER DINHEIRO." Como dutos para levar o dinheiro às contas pessoais de Hubbard, foram criadas várias organizações de fachada, entre elas a Fundação de Pesquisas sobre Religião, registrada como entidade legal na Libéria. Em meados dos anos 1970 essa fundação tinha uma conta na Suíça com mais de 300 milhões de dólares.[144] Certa vez, Hubbard temeu que a Suíça estivesse prestes a alterar suas leis tributárias, e ordenou à sua oficial médica, Kima Douglas, que transferisse aqueles fundos da Suíça para Lichtenstein. Douglas descreveu as pilhas de notas, a maioria de cem dólares, guardadas na caixa-forte do banco: mais de um metro de largura por um de altura, uma pilha em nome de Hubbard, a outra em nome da igreja. "A da igreja era maior,[145] mas a dele também era grande", ela contou ao biógrafo de Hubbard, Russel Miller. L. Ron Hubbard Jr. se recorda de caixas de sapatos cheias de dinheiro no closet de seu pai. Mais tarde, testemunhou que Hubbard costumava ter "enormes maços de notas"[146] ao seu alcance; "assim, se houvesse algum problema, ele poderia se escafeder pela janela".

"Fazer dinheiro era para Hubbard[147] o mais importante, eu acho", Hana Eltringham refletiu mais tarde. "Ele não se interessava pelo dinheiro totalmente para fins pessoais. É verdade que tinha seus privilégios, seus carros, motocicletas, livros, boa comida e coisas assim, e por fim teve vilas e grandes propriedades etc., mas ele queria o dinheiro principalmente para ter poder."

Mesmo riquíssimo, Hubbard passava boa parte do tempo sozinho em sua cabine, auditando a si mesmo no E-meter e desenvolvendo sua tecnologia espiritual. Ele pode ter sido espalhafatoso, ter tido mania de grandeza, mas a torrente interminável de cartas de diretrizes e rotinas de treinamento que jorraram de sua máquina de escrever hora após hora, dia após dia atesta sua obsessão pela ideia de criar um caminho passo a passo para a salvação universal. Se tudo isso era um conto do vigário, que lhe importava?

Hubbard e Mary Sue dormiam em quartos separados. Na opinião de membros de sua criadagem e de outras pessoas, na época em que embarcaram em seus navios, Hubbard havia perdido o interesse[148] sexual por Mary Sue. Yvonne Gillham conseguira ser alocada em outro navio, fora do alcance dos ardores de Hubbard e da ira de Mary Sue. Boa parte do tempo, o comodoro deixava sua tripulação feminina em paz. Uma exceção foi uma mulher alta e esguia do Oregon. Ela procurou Hana Eltringham e confessou, toda sorridente, que estava tendo um caso com Hubbard. Pouco depois, ele a rebaixou a faxineira de convés e mandou Eltringham auditá-la. A mulher chorava durante a sessão inteira. Eltringham fielmente entregava as fichas da audição para Hubbard. "Eu ouvia suas risadinhas[149] de desdém", ela lembrou.

A situação era muito menos contida sob o convés. Os membros da Sea Org eram jovens e vigorosos; as escapadas sexuais eram rotina, e os casamentos, muito voláteis. Hubbard parecia desatento, mas Mary Sue andava cada vez mais escandalizada. Quando soube que um membro da tripulação,[150] um rapaz de dezenove ou vinte anos, dormira no navio com uma garota de quinze, Mary Sue pegou uma adaga em sua cabine, encostou-a na garganta do moço e lhe deu duas horas para sair do navio. Em 1971, na véspera de Ano-Novo, houve uma orgia etílica de proporções históricas. "Talvez uns cem membros[151] da Sea Org estavam fazendo sexo por toda parte, do convés principal aos porões inferiores do navio", recordou um dos participantes. Mary Sue não suportou mais. Com duas belas filhas adolescentes no navio, ela começou a combater o sexo antes do casamento. Hubbard observou que 1972[152] era ano bissexto, e disse que qualquer mulher no navio podia pedir qualquer homem em casamento. Sobreveio um surto de uniões. Hubbard havia proibido bebês a bordo, mas tantas mulheres estavam engravidando que ele começou a permitir a permanência das crianças em vez de mandar os pais para outros postos. O *baby boom* por fim levou Hubbard a decretar que ninguém poderia engravidar sem a permissão dele; segundo vários membros da Sea Org, qualquer mulher que desobedecesse ao seu comando seria "descarregada" em alguma outra organização da cientologia ou despachada para Nova York[153] para abortar.[g]

Quando o *Apollo* estava na doca seca em Portugal, chegou a notícia de que o governo francês iria indiciar a Igreja da Cientologia por fraude, citando Hubbard por formação de quadrilha (ele acabaria julgado à revelia e sentenciado[154] a quatro anos de prisão). Hubbard foi para Nova York[155] naquele mesmo dia. Poucos membros da tripulação sabiam onde ele estava. Jim Dincalci, seu oficial médico, e Paul Preston, um ex-boina-verde que atuava como guarda-costas de Hubbard, foram ao encontro do chefe e providenciaram uma casa no Queens

para ele.

Foi um interlúdio singular.[156] Abruptamente liberto das responsabilidades diárias de administrar o navio, treinar executivos e supervisionar todo o negócio da cientologia, Hubbard se viu com tempo de sobra. Usou-o vendo televisão e lendo romances. Dincalci foi nomeado cozinheiro, e como resultado o menu consistiu em peixe empanado e macarrão até ele aprender e expandir seu repertório. Ele estudou o popular livro de receitas saudáveis de Adelle Davis, *Let's Get Well* [Vamos ficar bem]. Hubbard começou a ganhar energia e perder peso. Saía para caminhar pelo bairro, mas sempre usando um disfarce cômico: peruca, chapéu, óculos sem grau. Ele se achava muito discreto, mas Dincalci ouvia a garotada comentar que estava ridículo.

Fazia tempo que Dincalci chegara à conclusão de que Hubbard não era um thetan operante. Hubbard era obeso, esquisito e não exibia nenhum dos poderes extraordinários que deveriam compor o arsenal do OT. Além disso, estava sob o cerco de vários países. Por que simplesmente não dava um jeito nisso? Não deveria ter o controle de seu ambiente? Como podia ser processado e impotente daquela maneira? Como é que ficava escondido no Queens, usando peruca e vendo televisão, quando o planeta precisava ser salvo? Certa vez, Hubbard estava falando sobre como era agradável estar sentado numa nuvem, mas então lamentou com Dincalci: "Sou PFP para os países".[157] Queria dizer que ele era uma potencial fonte de problemas porque países inteiros eram disfuncionais e supressivos. Dincalci pensou: "Ah, isso explica tudo"; mas na verdade não explicava.

Durante os dez meses em que Hubbard se escondeu no Queens, ele começou a tramar outro modo de destruir a SMERSH. Sua investida para se apoderar da WFMH fora derrotada por aquelas forças sinistras, acreditava. Um dia, Hubbard surpreendeu Dincalci com uma pergunta: como se chamavam os sete anões de Branca de Neve? Dincalci, conscienciosamente, foi à biblioteca pesquisar. Não saberia o verdadeiro significado de Branca de Neve por algum tempo. Hubbard dera a partida numa operação tão ousada e perigosa que ameaçou destruir a cientologia de uma vez por todas.

Em 20 de abril de 1973 Hubbard redigiu uma ordem secreta, "Programa Branca de Neve", na qual apontava uma perigosa tendência na gradual redução de países disponíveis para a cientologia desde 1967. Culpava os governos britânico e americano, que, segundo ele, andavam espalhando falsas alegações contra a igreja. Propôs inundar os países que se haviam voltado contra a igreja com uma colossal campanha litigiosa visando apagar arquivos difamatórios, para permitir que Hubbard e o *Apollo* frequentassem "livremente todos os portos[158] e

países ocidentais sem ameaças".

Na ausência de Hubbard, Mary Sue exercia um controle crescente sobre as operações da igreja. Hubbard já a nomeara chefe do Escritório do Guardião, uma unidade especial com amplos poderes para proteger a religião. Entre seus outros deveres, o EG funcionava como uma agência de inteligência, coligindo informações sobre críticos e agências do governo no mundo todo, providenciando ações judiciais para intimidar oponentes e empreendendo uma incansável campanha contra os profissionais de saúde mental. Foi ao EG que Hubbard encomendou a Operação Branca de Neve. Sob a direção de Mary Sue,[159] o EG se infiltrou em repartições públicas do mundo todo, procurando arquivos que pudessem condenar a igreja. Nos anos seguintes, nada menos que 5 mil cientologistas estavam empregados sob disfarce em 136 repartições públicas do mundo todo. O Projeto Zangado, por exemplo, abrangia a Alemanha, onde o Escritório do Guardião tinha a missão de se infiltrar na Interpol, na polícia e nas autoridades da Imigração. Além disso, havia um plano para acusar os alemães críticos da igreja de perpetrar genocídio. O Projeto Soneca deveria limpar arquivos na Áustria; o Feliz cobriria a Dinamarca; o Dengoso, a Bélgica; e o Dunga, a Itália. Havia também os Projetos Espelho, Maçã, Reflexo etc., todos inspirados em elementos do conto de fadas. Os Projetos Bruxa e Madrasta tinham por alvo o Reino Unido, a fonte dos problemas da cientologia com a imigração.

O Projeto Caçador atuava nos Estados Unidos, onde os cientologistas penetraram nos departamentos da Receita, Justiça, Tesouro e Trabalho, na Comissão Federal de Comércio e na Administração Antinarcóticos, e também em embaixadas e consulados, em empresas e organizações privadas, como a Associação Médica Americana, a Associação Psiquiátrica Americana e a organização de informações comerciais Better Business Bureau, além de jornais que criticavam a religião, entre eles o *St. Petersburg Times*, o *Clearwater Sun* e o *Washington Post*. Numa evidente tentativa de chantagear, roubaram do fisco em Los Angeles arquivos sigilosos de celebridades e figuras políticas, incluindo o governador da Califórnia, Jerry Brown, o prefeito de Los Angeles, Tom Bradley, e Frank Sinatra. Nada na história dos Estados Unidos se compara em escala à espionagem doméstica da Operação Branca de Neve.

Em setembro de 1973,[160] ao saber que não seria extraditado para a França, Hubbard voltou para Lisboa, onde o *Apollo* estava em doca seca. Distraía-se em excursões fotográficas por Portugal, levando suas mensageiras como carregadoras. Em dezembro o *Apollo* levantou âncora e zarpou para o clima mais ameno das Ilhas Canárias. Um dia, em Tenerife, Hubbard decidiu dar uma volta

em sua moto Harley-Davidson nas sinuosas estradas das montanhas. Vários quilômetros adiante, na exuberante paisagem vulcânica, a Harley entrou num trecho de óleo ou lama e foi ao chão. Hubbard fraturou o braço e várias costelas. Mesmo assim, conseguiu pôr a moto em pé e voltar para o navio.

Alguns membros da Sea Org citam esse acidente de moto como o momento em que a cientologia mudou de rumo e se encaminhou para um horizonte mais sombrio. Hubbard sentia dores terríveis, mas tinha medo de médicos e se recusou a ser hospitalizado. Dincalci e o outro oficial médico do navio, Kima Douglas, que não tinham formação na área de saúde, tentaram tratar dele. Enfaixaram o braço quebrado de Hubbard[161] junto com o tronco, envolveram suas costelas quebradas e o sentaram numa poltrona de veludo, dia e noite, da qual ele raramente saiu nas seis semanas seguintes.

O navio inteiro ouvia-o praguejar, gritar, arremessar pratos e objetos nas paredes com seu braço bom. Seu desconforto não lhe permitia dormir mais que duas horas seguidas, por isso as imprecações e gemidos quase nunca cessavam. Os oficiais médicos persuadiram-no a permitir que um médico local subisse a bordo com uma espécie de máquina de raios X primitiva, e suas fraturas foram confirmadas. O médico deu a Dincalci uma receita de comprimidos analgésicos. Mas, logo na primeira dose, Hubbard entrou em pânico dizendo que aquilo desacelerara seu coração. "Você está tentando me matar",[162] ele gritava para Dincalci. O oficial, que via Hubbard como um pai espiritual e emocional, ficou arrasado. Hubbard ordenou que "encalhassem" Dincalci: levaram-no para a Madeira, o distante atol português, onde ele permaneceu por um ano.

Outros membros da Sea Org estavam com dificuldade para aceitar a gritante contradição entre a lenda de Hubbard e aquela figura intratável e desolada berrando em seu camarote particular. "Se ele é quem diz ser,[163] por que tem tão pouco poder para resistir?", perguntava-se Hana Eltringham. "Ele sofreu um acidente de motocicleta, não se recupera depressa e não usa as técnicas da cientologia em si mesmo."

A essa altura, Eltringham estava promovida a vice-comodoro, o mais alto posto na Sea Org depois de Hubbard. Estivera fora do navio por dois anos, em Los Angeles, administrando as Advanced Orgs — divisões responsáveis por produzir thetans operantes — e estabelecendo um escritório de ligação para abastecer a frota da cientologia. Durante esse período ela começou a ter dores de cabeça incapacitantes. Havia dias em que não conseguia trabalhar. Nem mesmo se deitar ela podia, pois não suportava a pressão do travesseiro. A vibração de passos no corredor de seu quarto tornava a dor excruciante. Se pudesse descobrir os thetans corpóreos que sem dúvida se abrigavam nela, refletiu, conseguiria dar

fim àquele sofrimento. Todos os dias, hora após hora, ela se auditava no E-meter em busca de alguma palpitação, algum sinal de reconhecimento. O próprio Hubbard era o supervisor de seu caso, o que aumentava ainda mais sua ansiedade. Ela temia também que, apesar de sua posição hierárquica, pudesse ser "encalhada" ou punida. E o pior era que, segundo os ditames de Hubbard, só ela era responsável por sua dor. Então por que estava fazendo isso consigo mesma?

Mas um belo dia, durante a audição, sentiu algo. Uma espécie de "frêmito". Seria um TC? Só podia ser, concluiu. Foi tomada por um alívio imenso. Logo depois, descobriu mais TCs: centenas, milhares por fim. Às vezes sobrevinha uma sensação de leveza ou flutuação quando o TC era expulso. Outras vezes, Eltringham saía do corpo. Mas as dores de cabeça continuaram. Apareceu então algo novo: vozes briguentas em sua cabeça. De início eram tênues, mas se tornaram mais altas, mais insistentes. Eltringham teve medo de estar enlouquecendo.

Quando voltou ao *Apollo*, ficou chocada com as mudanças infernais que viu. Em janeiro de 1974, Hubbard promulgou a Flag Order 3434RB, que criava a Força-Tarefa do Projeto de Reabilitação [RPF, na sigla em inglês]. O objetivo declarado era reabilitar membros da Sea Org cujas estatísticas estivessem baixas ou que pudessem estar acalentando ideias subversivas contra Hubbard ou sua tecnologia. Como a RPF proporcionava uma segunda chance a quem poderia ser despedido, Hubbard via sua criação como uma esclarecida técnica de gestão cujo único propósito era a "redenção".[164] Quando Eltringham veio para o navio,[165] encontrou dezenas de membros da tripulação confinados no velho porão de gado, dormindo em colchões manchados no chão, iluminados por uma única lâmpada. Vestiam macacão preto, chamado de traje da caldeira, e eram proibidos de falar com quem não pertencesse ao seu grupo. Comiam com as mãos num balde de restos de cozinha, com uma voracidade famélica.

Apesar da confusão e das duras punições, muitos membros da Sea Org consideraram seus dias no *Apollo* como um tempo em que viveram aventuras incomparáveis, um coletivo sentimento de missão a cumprir e um *esprit de corps* que nunca mais desfrutariam. Mesmo aterrador, irracional e comicamente pomposo, Hubbard ainda enfeitiçava seus seguidores. Os que lhe eram próximos viam nele um líder generoso e desvelado, que usava sua gigantesca personalidade para manter nos trilhos seu navio, sua frota, sua organização e sua religião. Karen de la Carriere, uma jovem auditora britânica, recorda-se de ter visto Hubbard gritar com um membro da tripulação em seu escritório; quando o homem saiu, todo encolhido, Hubbard se virou em sua cadeira giratória e deu uma piscadela simpática para Karen. "Ele estava totalmente no controle",[166]

Karen percebeu. “Era tudo teatro, para produzir o efeito desejado.”

Hubbard elaborou muitas das técnicas básicas da cientologia a bordo do *Apollo*. Certa vez, por exemplo, De la Carriere estava sem sorte fazendo a audição de um cientologista rico com uma longa história de uso de drogas; o sujeito acabava dormindo durante as sessões. Hubbard veio com a teoria de que o LSD ainda devia estar em seu sistema; talvez fosse possível expelir a droga pelo suor. Mandou-o trabalhar esfregando o convés. Depois de seis semanas, era outro homem. De la Carriere diz que esse foi o início do programa de tratamento antidrogas da cientologia, denominado processo de purificação.

Um tripulante robusto chamado Bruce Welch[167] teve o que outros tripulantes classificaram como colapso nervoso ou episódio psicótico. No jargão dos cientologistas, ele estava “Tipo III”. Welch era apaixonado por uma das moças do navio e, quando soube que ela estava noiva, ficou furioso. Segundo De la Carriere, Welch pegou um facão na cozinha e ameaçou matar Hubbard e outros membros da tripulação. Não havia procedimentos de segurança estabelecidos nem pessoal treinado para lidar com casos assim. Por fim, quatro tripulantes conseguiram subjugar Welch e levá-lo à força para uma cabine no castelo de proa, a área de armazenagem acima da proa. Ali, longe da maioria da tripulação, o homem gritava sem parar. Havia uma cama de metal com colchão e um armário também de metal, mas Welch conseguiu destruí-los com as mãos e jogar os pedaços pela vigia.

Um jovem australiano, Mike Rinder (que depois seria o principal porta-voz da igreja), acabara de embarcar no *Apollo* e foi incumbido de guardar a cabine de Welch. Sentava-se num baú no corredor, ouvindo os berros do prisioneiro: “Tragam o comodoro![168] Quero o comodoro já!”. E Welch puxava violentamente a porta, que estava trancada e amarrada no anteparo do navio com cordas fortes. Rinder se recorda de que Welch várias vezes espancou membros da tripulação quando era escoltado ao banheiro ou recebia as refeições.

Hubbard viu naquela fúria de Welch uma oportunidade para fazer experimentos com o problema do colapso mental agudo. Mandou fazer silêncio total no convés do castelo de proa, para que Welch não tivesse nada que o estimulasse. Três vezes por dia, escrevia a Welch um bilhete perguntando sobre seu bem-estar. Segundo De la Carriere, a resposta de Welch era algo como: “Você é a encarnação do Diabo.[169] Vai ser uma delícia enterrar a faca em você”. Hubbard respondia que entendia, e, a propósito, havia alguma comida especial que o cozinheiro pudesse preparar para ele? Desse modo, a ira de Welch começou a se abrandar. Ele permitiu que um auditor o visitasse todo dia. Depois de duas semanas, a cabine de Welch foi destrancada e ele saiu, sereno e

aparentemente curado.

"Fiz uma descoberta técnica[170] que possivelmente está entre as maiores descobertas do século XX", gabou-se Hubbard num de seus boletins. "Chama-se processo de introspecção." Ele explicou que por muito tempo o surto psicótico confundira a psiquiatria, que tentara debelá-lo com drogas, lobotomia e tratamentos de choque. O segredo, que Hubbard descortinara no tratamento de Welch, era descobrir o que tinha levado a pessoa a "introspectar" antes do surto. "ISSO SIGNIFICA QUE A ÚLTIMA RAZÃO PARA A EXISTÊNCIA DA PSIQUIATRIA DESAPARECEU", ele declarou. "O surto psicótico, a última das condições 'insolúveis' que podem enredar uma pessoa, foi solucionado. […] Vocês têm nas mãos a ferramenta para assumir totalmente o controle da terapia mental."

A receita de Hubbard para curar a psicose era isolar o indivíduo, mantendo seus cuidadores "*completamente* amordaçados (sem falar)". O auditor, quando descobre o último conflito grave que desencadeou o episódio e em seguida ajuda o indivíduo a descarregar suas emoções relacionadas a esse conflito, pode começar a desfazer os nós mentais que o lançaram no presente estado de se debater contra "o mistério de algum erro incorretamente designado". O sujeito deve receber vitaminas, especialmente vitamina B, além de cálcio e magnésio, para restaurar seu bem-estar físico. Deve ser examinado no E-meter em busca de momentos discordantes em sua vida, por exemplo, se alguém o acusou de algo que ele não fez, ou lhe disse que ele era uma potencial fonte de problemas quando ele não era, ou se ele teve sua identidade questionada. Esses passos são simples, disse Hubbard, mas "a eficácia de seus resultados é mágica". O objetivo é fazer essa personalidade intensamente introvertida, presa num círculo vicioso de autocrítica, sair de si mesma.

O indivíduo deverá ser capaz de olhar o mundo novamente e vê-lo como "muito real e muito luminoso".

"Façam isso sem falhas e todos nós ganharemos", prometeu Hubbard.

"ESTE PLANETA É NOSSO."

A tripulação do *Apollo* estava maravilhada com seu líder. Tinham visto a transformação com seus próprios olhos. "Um louco foi devolvido à sanidade[171] em alto-mar", disse De la Carriere. "Para conseguir isso, é essencial ter uma certa grandeza."

Uma vez por semana havia uma noite cinematográfica no convés de popa, com a exibição de algum filme recém-lançado. A tela era montada, vinham as pipocas, e quando todos estavam acomodados Hubbard descia do convés superior, resplandecente em seu uniforme de comodoro, com Mary Sue e as crianças a reboque.

No interesse das relações públicas, Hubbard apresentava concertos gratuitos em vários portos de escala, estrelando a heterogênea banda do navio, os Apollo Stars. Ele queria "revolucionar a música"[172] e compunha canções originais para sua banda executar. Fundou também um grupo de dança moderna. Quentin quis se juntar[173] aos dançarinos, mas seu pai lhe disse asperamente que tinha outros planos para ele. Em 1974 Hubbard havia decidido que seus dois filhos mais velhos com Mary Sue, Diana, de 22 anos, e Quentin, de vinte, assumiriam as principais funções de gestão e tecnologia na cientologia. Diana adorou. Ela era a vice-comandante desde os dezesseis anos, e frequentemente estava ao lado do pai. Mas todos sabiam que a grande ambição de Quentin[174] era voar. Sua cabine transbordava de livros sobre aviação e modelos de aeronave, suspensos no teto com fio dental. Viam-no muitas vezes dando voltas pelo convés de braços abertos, fazendo barulho de motor, completamente absorto em ser um avião.

Jim Dincalci, o oficial médico[175] que ainda estava encalhado na Madeira, soube que o *Apollo* iria para aqueles lados. A essa altura, ele tinha feito amizade com muitos residentes da ilha, e se surpreendeu quando lhe contaram que o *Apollo* era suspeito de ser um navio espião da CIA.[h] Enviou mensagens por telex alertando o navio de que seria melhor evitar a Madeira, mas Hubbard foi para lá assim mesmo. Logo depois que o *Apollo* atracou, uma multidão começou a apedrejar o navio. Hubbard ordenou que as mangueiras de incêndio fossem abertas sobre a multidão, o que a enfureceu mais. No píer havia motocicletas de membros da tripulação e dois carros de Hubbard que tinham sido descarregados do navio; a turba empurrou tudo para as águas da baía, depois soltou as amarras do *Apollo*, que derivou para o mar alto. Mary Sue e alguns outros da tripulação não conseguiram embarcar e tiveram de ser salvos pelas autoridades locais.

Quentin voltou para o navio em péssimo estado. Tinha ingerido uma overdose de comprimidos numa tentativa malograda de suicídio. Depois que seu estômago foi esvaziado num hospital da ilha, levaram-no de volta para o navio, pálido e fraco, e puseram-no em isolamento em sua cabine, vigiado dia e noite: o segundo a ser submetido ao processo de introspecção. Suzette era a única a visitá-lo. Ele parecia um boneco quebrado.

Quentin estava com vinte anos, era popular e descontraído, mas em muitos aspectos continuava um garoto sonhador e afável. Embora fosse miúdo e louro como a mãe, em outros aspectos lembrava muito seu pai. Os traços faciais eram quase uma cópia: olhos amendoados, sobrancelhas avermelhadas e baixas, lábios protuberantes e uma fenda profunda no queixo. Quentin se tornara um dos auditores mais bem avaliados na Sea Org, mas o pai vivia decepcionado com sua atuação. "Você tem que melhorar",[176] ele gritava para Quentin na frente dos

outros auditores. “Não importa que você seja um Hubbard.” Quentin continuava sentado, sorrindo, aparentemente impassível, enquanto os outros se crispavam por ele. Na intimidade, confidenciava: “Meu pai não gosta mais de mim”.[177]

Por fim, Hubbard sentenciou Quentin à Força do Projeto de Reabilitação. Sua “gêmea” na RPF era Monica Pignotti, de 21 anos, uma auditora em treinamento. Enquanto praticavam auditando um ao outro, eles se tornaram grandes amigos. Quentin surrupiava manteiga de amendoim da despensa da família e dividia com Monica. Os dois criavam esquetes e brincavam com o gravador de Quentin. Nunca tiveram relações sexuais. Quentin contou a Monica que se envolvera sexualmente com uma mulher,[178] mas quando seu pai descobriu mandou-a embora do navio. Ele sabia que tinha fama de homossexual, disse, mas era só uma desculpa que dava para as mulheres do navio que o cortejavam porque ele era filho de Hubbard.

Quentin Hubbard, c. 1973.

Hubbard determinou um novo curso: para oeste, em direção à América. O destino era Charleston, Carolina do Sul. A tripulação se empolgou por poder voltar aos Estados Unidos, mas murchou com uma mensagem do Escritório do Guardião quando o navio se aproximava do porto. Era um alerta a Mary Sue de

que havia agentes da Alfândega, Imigração, Guarda Costeira, Administração Antinarcóticos e delegados de condado, todos à espera de que o navio atracasse. E 180 agentes da Receita[179] estavam a postos para apreender a embarcação. Os agentes federais tinham[180] uma intimação para que Hubbard prestasse depoimento num caso de tributos civis no Havaí. Um cientologista em terra firme percebeu o que estava acontecendo quando o impediram de entrar na área da doca. Mandou uma pizza[181] para um operador de rádio com uma mensagem dentro, a ser transmitida para o navio. Hubbard estava a apenas oito quilômetros[182] da costa, mas ordenou subitamente pelo rádio um novo curso: direto para o norte, para Halifax, Nova Escócia. Depois deu uma guinada brusca para o sul e rumou para as Bahamas.

Hubbard estava com 64 anos em 1975, quando o *Apollo* começou a circum-navegar o Caribe. Pesava 118 quilos.[183] Ainda se apresentava impecavelmente, mas tinha os dentes e os dedos escurecidos[184] de um fumante inveterado. Era um foragido dos tribunais, temia ser descoberto, trazia as marcas da idade e estava visivelmente em declínio. Em Curaçau, sofreu um pequeno derrame[185] e passou várias semanas num hospital local. Estava ficando claro que a vida no mar representava um perigo real para um homem com saúde frágil como ele. A tripulação racionalizava aquela óbvia decadência dizendo que seu corpo estava sendo castigado pelos estudos e pelo volume da supressão direcionada a ele. "Está arriscando a vida[186] por nós", diziam uns aos outros.

A essa altura, o boato sobre o navio espião da CIA se espalhara por todo o Caribe, e os cientologistas não eram bem-vindos, ou pelo menos eram vistos com desconfiança por onde quer que passassem. Foram expulsos de Barbados,[187] de Curaçau e da Jamaica. Além disso, o embargo árabe do petróleo levara os preços do combustível à estratosfera, e viver à deriva estava ficando caro demais. Era hora de voltar para terra firme.

Do *Apollo*, Hubbard enviou algumas delegações com a missão de encontrar uma base em terra firme para a cientologia. Especificamente, uma cidade que a igreja pudesse dominar. Um grupo chegou a uma comunidade de aposentados na Flórida chamada Clearwater, um nome evocativo para os cientologistas. Foram examinar um malcuidado hotel, Fort Harrison, que ganhara um lugar na história popular quando Mick Jagger compôs ali a letra de "Satisfaction" à beira da piscina, em 1965. Hubbard comprou o hotel, e também o prédio de um banco do outro lado da rua, em nome de uma entidade falsa chamada Igrejas Unidas da Flórida, calculando que isso não perturbaria o pacato clima moral daquela comunidade conservadora. Quando o prefeito[188] de Clearwater, Gabriel Cazares,

questionou as extraordinárias medidas de segurança que subitamente apareceram ao redor dos prédios da igreja, agentes do Escritório do Guardião tentaram incriminá-lo num acidente de atropelamento com omissão de socorro e forjaram documentos de casamento em Tijuana, México, para culpar Cazares de bigamia. Vários meses se passaram[189] antes que os estupefatos residentes descobrissem que Clearwater se tornara a Base Terrestre Flag da Igreja da Cientologia. (Os cientologistas chamavam-na apenas de Flag.)

Hubbard morava discretamente num condomínio próximo, mas em janeiro de 1976 seu alfaiate revelou[190] ao jornal *St. Petersburg Times* que o líder da cientologia estava na cidade. Assim que Hubbard soube disso, pegou 25 mil dólares em dinheiro vivo, convocou a oficial médica Kima Douglas e seu marido, Michael, e escapuliu num Cadillac para Orlando. No dia seguinte, anunciou que estavam a caminho de seu velho refúgio no Queens. O Cadillac chamava muita atenção, por isso ele mandou Michael comprar um sóbrio Chevy. A viagem para Nova York demorou três dias, durante os quais Hubbard fumava sem parar no banco de trás e gritava "Lá estão eles![191] Estão atrás de nós!" cada vez que via uma viatura da polícia. Quando finalmente chegaram, Kima achou o Queens deprimente demais, por isso fizeram a volta e foram para Washington.

Nesse meio-tempo, agentes do Escritório do Guardião se apressaram a esquadrinhar o sul da Califórnia em busca de propriedades remotas onde Hubbard pudesse trabalhar mais reservadamente. Logo Hubbard e Mary Sue, junto com os *terriers* tibetanos dela, instalaram-se em suas novas residências em três grandes propriedades em La Quinta, na Califórnia, uma cidade no deserto ao sul de Palm Springs. Hubbard passou a usar cavanhaque e deixou o cabelo crescer até os ombros. "Ele parecia o Wild Bill[192] Hickock",[i] lembrou um membro da Sea Org. Hubbard mantinha um Plymouth turbinado[193] e meio milhão de dólares em dinheiro vivo prontos para uma fuga rápida.

Deixado em Clearwater, sem o pai nos calcanhares, Quentin se tornou mais livre e autoconfiante. Fez amizade com uma cientologista mais velha, a neozelandesa Grace Alpe, que chegou à Flag Base com câncer terminal. "Ela parecia uma bruxa,[194] de cabelos grisalhos e nariz adunco, como se estivesse numa casa mal-assombrada", disse Karen de la Carriere, que era a auditora de Alpe. Durante as sessões de audição, Alpe apenas se balançava para a frente e para trás e chorava dizendo "Vou morrer! Vou morrer!". Todos mantinham distância dela, menos Quentin, que assumiu seu caso. Permitiu até que ela se mudasse para seu quarto e dormisse em sua cama, enquanto ele dormia no chão. E então ele cometeu um erro catastrófico.

Dennis Erlich, o principal *cramming officer*[j] na Flag, que supervisionava os

auditores de nível superior, notou gritantes disparidades entre os relatórios otimistas de Quentin sobre Alpe e a evidente ausência de progresso da mulher. Erlich convocou Quentin para uma reunião. “Quentin, ou ‘Q’, como seus amigos o chamavam, tinha então 22 anos”, escreveu Erlich mais tarde. “Aparentava quinze e agia como se tivesse cinco.” Durante a entrevista, Quentin não parava de fazer “aviãozinho” com a mão no ar, imitando barulho de turbina. Com a maior calma, ele contou a Erlich que falsificava informações nos relatórios. “Acho que muitas das coisas do meu pai[195] não funcionam”, comentou. “Por isso, falsifico os relatórios sempre que posso. Cá para mim, acho que meu pai é doido.”

Quentin era não só filho do fundador, mas também um dos auditores mais importantes da igreja. No entanto, cometera uma transgressão imperdoável. Erlich não teve escolha: disse que Quentin tinha de abrir mão de todos os seus certificados de treinamento e recomeçar todas as séries da cientologia. Anos de trabalho. Quentin pareceu não se importar nem um pouco.

O que aconteceu depois está envolto em contradições e mistério. Tracy Ekstrand, que era[196] a camareira de Quentin, pôs um biscoito no criado-mudo dele à noite. O biscoito continuava lá na noite seguinte. Ninguém dormira na cama. Ehrlich esperava que Quentin se apresentasse para seu próximo programa de treinamento, mas ele não apareceu naquele dia nem no dia seguinte. Correu o rumor de que ele havia fugido. Quentin deixou um bilhete confuso,[197] cheio de referências a óvnis, dizendo que estava a caminho da Área 51, a base aérea secreta ao norte de Las Vegas, Nevada, onde a CIA construíra aviões espiões; na cultura popular, a Área 51 era onde se acreditava estar guardada uma espaçonave alienígena. Quentin aprendera recentemente a dirigir,[198] no estacionamento do condomínio, onde trombara por acidente no muro com tanta força que o prédio inteiro sentiu o choque. Não estava preparado[199] para atravessar o país dirigindo sozinho. Pedira repetidamente licença para fazer aulas de pilotagem, mas Hubbard estava convencido de que o filho não seria capaz de pilotar um avião em nenhuma circunstância.

Desvairada, Mary Sue mobilizou[200] trezentos agentes do Escritório do Guardião para procurá-lo. Passaram-se semanas enquanto os cientologistas verificavam hotéis e escolas de pilotagem em vários estados. Para disfarçar, inventou-se a história de que Quentin recebera lições de pilotagem de presente dos pais e estava a caminho da Califórnia para realizar a ambição de sua vida.

Quentin estava mesmo seguindo para Nevada. Era uma das pouquíssimas ocasiões em sua vida em que ele estava sozinho e livre. Parou em St. Louis quando rumava para o oeste e fez uma excursão VIP pela gigantesca fábrica de

aeronaves McDonnell Douglas. Ficou fascinado pela mostra de aviões e artefatos dos programas espaciais Mercury e Gemini, e até ganhou uma carona num dos aviões empresariais da companhia. “Ele estava felicíssimo”,[201] recorda Cindy Mallien, que almoçou com Quentin naquela tarde. “Estava radiante.”

Mas, apenas alguns dias depois,[202] a polícia de Las Vegas tentava identificar um jovem miúdo de cabelos louros e bigode vermelho que fora descoberto com um quadro comatoso dentro de um carro estacionado em Sunset Road, defronte ao fim da pista de pouso do aeroporto McCarran. Ele estava nu. Tinha 1,55 metro e pesava pouco mais de 45 quilos. Não havia marcas identificadoras em seu corpo nem documentos de identidade. As placas de licença do carro tinham sido removidas. O motor do Pontiac branco ainda funcionava quando o descobriram. As janelas estavam fechadas, e um tubo de aspirador saía do escapamento e entrava pela abertura de ventilação do lado do passageiro. Duas semanas depois, em 12 de novembro de 1976, o rapaz morreu sem recobrar a consciência. A polícia de Las Vegas conseguiu por fim fazer a associação do Pontiac com Quentin através de um adesivo de controle de poluentes emitido na Flórida e do número de identificação do veículo.

Um agente do Escritório do Guardião foi ao escritório de Hubbard em La Quinta na hora do café da manhã e lhe entregou o relatório sobre a morte de Quentin. “Aquele bostinha aprontou comigo de novo!”,[203] Hubbard bradou. Atirou o relatório em Kima Douglas e lhe ordenou que lesse.

O relatório dizia que Quentin morrera asfixiado por monóxido de carbono. Informava também que havia sêmen em seu reto.[204] Quando Hubbard contou a Mary Sue que Quentin estava morto, ela gritou por dez minutos. Durante meses, inconsolável, ela se escondeu atrás de óculos escuros. Todo mundo sabia que Quentin era seu favorito.

Um porta-voz da igreja disse que Quentin tinha saído de férias.[205] Enquanto isso, Mary Sue providenciou[206] para que fossem feitas mais três autópsias. A última delas declarou que a causa da morte era desconhecida. Ela espalhou a notícia de que Quentin morrera de encefalite. Hubbard, por sua vez, estava convencido[207] de que Quentin fora assassinado porque queriam atingir seu pai.

a Harriet Whitehead, antropóloga que fez trabalho de campo sobre a cientologia nos Estados Unidos e no Reino Unido entre 1969 e 1971, escreve sobre o "parentesco fundamental" entre a psicoterapia e a religião. "O sistema cosmológico em torno de uma disciplina de renúncia não pode por muito tempo permanecer 'secular', isto é, com uma orientação para o que é finito e deste mundo", ela escreve. "Essa é uma das razões […] por que muitas doutrinas terapêuticas seculares adquirem um feitio religioso ou místico." Embora Freud fosse um judeu não religioso, as técnicas de análise que ele criou podem ter tido raízes em certas práticas místicas baseadas na cabala; por exemplo, a interpretação de sonhos e o uso da livre associação para revelar motivações ocultas. Jung mais tarde conduziu a psicanálise para águas profundamente espirituais — um curso, como salienta Whitehead, que tem paralelos com a evolução da dianética para a cientologia: "Seria, portanto, fácil descartar a promulgação de um supernaturalismo quase empírico no movimento dianético como simplesmente o produto de teorização amadora por um inventor de histórias, já que não fizeram muito melhor os predecessores de Hubbard que estabeleceram a estrutura em que subsequentemente se desenvolveria a psicoterapia, amadora ou não" (Whitehead, *Renunciation and Reformulation*, pp. 27-8).

b Uma vara federal por fim autorizou o uso do E-meter para "aconselhamento religioso *bona fide*", mas ordenou que cada aparelho exibisse um aviso: "O E-meter não tem uso médico ou científico para diagnosticar, tratar ou prevenir nenhuma doença. Não tem utilidade médica nem científica para melhorar a saúde ou as funções corporais de pessoa alguma" (Amended Order of US District Court for the District of Columbia, N_O 71-2064, 1 mar. 1973).

c A proibição foi ab-rogada em 1973.

d Segundo a igreja, "os primeiros membros da Sea Organization formularam um compromisso de 1 bilhão de anos para simbolizar seu comprometimento eterno com a religião, e ele ainda hoje é assinado por todos os membros. É um documento simbólico que, à semelhança dos votos de dedicação em outras fés e ordens, serve para representar o comprometimento eterno do indivíduo com os objetivos, propósitos e princípios da religião da cientologia".

e A igreja explicou: "Como naquela época se tornou tradição para os membros da tripulação adotar a prática de jogar ao mar, o sr. Hubbard estabeleceu regras em outubro de 1968 para assegurar que ela fosse executada de modo seguro com o objetivo de obter o benefício espiritual pretendido. Para esse fim, uma vez que se tratava de penitência eclesiástica, o procedimento incluía o seguinte pronunciamento do capelão como parte da observância: 'Consignamos seus pecados e erros às ondas e acreditamos que você emergirá como um thetan melhor'".

f A igreja nega que os cientologistas tenham trabalhado com os homens do general Oufkir ou usado o E-meter para permitir verificações de segurança ao governo marroquino.

g A igreja me apresentou várias declarações juramentadas de mulheres membros da Sea Org afirmando que não foram forçadas a interromper a gravidez.

h Na época a CIA estava acompanhando os passos de Hubbard, principalmente por meio de recortes de jornais. "Não há indícios de que HUBBARD ou membros de sua organização estejam envolvidos em questões de inteligência ou segurança", menciona um despacho da agência. "O que HUBBARD parece ser é um astuto homem de negócios que explora sua 'religião' da cientologia como um negócio multimilionário, aproveitando-se da parcela da sociedade propensa a se deixar lograr por esses chamarizes" ("Scientology/L. Ron HUBBARD", nota da CIA, 18 maio 1971).

i Um herói do Velho Oeste. (N. T.)

j Uma espécie de tutor para assessorar os estudos e práticas da cientologia. (N. T.)

PARTE II
HOLLYWOOD

4. A fábrica de fé

Apesar da reputação de carnalidade e narcisismo, Los Angeles sempre foi um viveiro de novas religiões. Em 1906, um pregador negro caolho chamado William Seymour estabeleceu uma igreja numa estrebaria em Azusa Street e começou um avivamento evangelizador que durou três anos. Centenas de milhares de peregrinos foram ouvir sua mensagem. Estigmatizados como "Holy Rollers"[a] e censurados por seus cultos inter-raciais, os seguidores de Seymour originaram o movimento pentecostal, que se espalhou rapidamente pelo mundo e se tornou uma força duradoura do cristianismo moderno. Em 1912, uma colônia de teosofistas chamada Krotona se radicou logo abaixo do atual letreiro de Hollywood, um local, acreditava-se, onde a encosta da montanha era "magneticamente fecundada".[1] Uma organização intitulada Mighty I AM Presence[2] nasceu em Los Angeles e se expandiu por todo o país, contabilizando 1 milhão de seguidores em 1938. Seus fundadores foram Guy e Edna Ballard, que se diziam capazes de se comunicar com "mestres ascensionados". Guy escreveu um livro popular, *Unveiled Mysteries* [Mistérios desvelados], no qual relata suas viagens pela estratosfera, visitas a grandes cidades da Antiguidade e descoberta de tesouros enterrados — semelhantes às tentativas de Hubbard várias décadas mais tarde. Os escritores William Butler Yeats, D. H. Lawrence, Christopher Isherwood e Aldous Huxley passaram pela cidade, todos atraídos pela reputação de centro de inovação espiritual.

Uma das mais famosas pregadoras da história americana, Aimee Semple McPherson construiu o templo Angelus próximo ao bairro de Echo Park em 1923 e ali fez um casamento teatral do pentecostalismo com Hollywood. McPherson criava cenários para seus sermões num palco projetado para ela por Charlie Chaplin,[3] que talvez tenha sido um de seus amantes secretos de Hollywood (o comediante e apresentador Milton Berle[4] disse ser outro). Precedendo o vestuário de Hubbard e da Sea Org, McPherson gostava de usar uniforme de almirante, e seus discípulos vestiam farda de marinheiro.[5] Quando adolescente, Anthony Quinn tocava saxofone na igreja e traduzia para a irmã Aimee quando ela pregava em bairros mexicanos. Depois que se tornou astro do cinema, Quinn a comparou às maiores atrizes com quem ele contracenou,

inclusive Ingrid Bergman e Katharine Hepburn. “Nenhuma delas chegou perto[6] daquele primeiro choque elétrico que Aimee Semple McPherson produziu em mim.”

Assim, quando a Igreja da Cientologia foi oficialmente fundada em Los Angeles, em fevereiro de 1954, por vários seguidores devotos de Hubbard, já existia toda uma história de celebridades religiosas e religiões celebridades. O cultivo de famosos e de pessoas que aspiravam à fama foi uma característica do ambicioso projeto de Hubbard. Ele previu que o melhor modo de promover a cientologia como uma escada para a iluminação era cortejar celebridades, que definia como “qualquer pessoa suficientemente importante[7] em sua área ou um formador de opinião ou seu círculo, parceiros comerciais, parentes ou amigos com especial atenção para as artes, esportes e administração e governo”. Não é de surpreender que Hubbard tenha contratado como assistente pessoal Richard de Mille, filho do lendário produtor e diretor Cecil B. DeMille, que fundou a Paramount Pictures e, de certa forma, foi responsável pela criação da própria Hollywood.

Em 1955, um ano depois da instituição da igreja, um editorial na revista da cientologia *Ability* exortou os seguidores a recrutar celebridades. Forneceu uma longa lista de nomes desejáveis como adeptos, entre eles Marlene Dietrich, Walt Disney, Jackie Gleason, John Ford, Bob Hope e Howard Hughes. “Se quiser que uma dessas[8] celebridades seja seu alvo, escreva para nós imediatamente, assim o famoso será seu alvo sem interferência”, prometia o editorial. “Se você trouxer um deles para casa, ganhará uma pequena placa em recompensa.” O escritor William Burroughs e o ator Stephen Boyd foram atraídos para a igreja em seus primeiros tempos. A cientologia era uma religião perfeitamente calibrada para sua época e lugar, pois a cultura americana, como logo faria também o resto do mundo, cada vez mais se inclinava para o culto das celebridades e tinha Hollywood como seu principal templo. No final dos anos 1960, a igreja estabeleceu em Hollywood seu primeiro Centro de Celebridades. (Hoje há satélites em Paris, Viena, Düsseldorf, Munique, Florença, Londres, Nova York, Las Vegas e Nashville.) O objetivo era “tornar as celebridades ainda mais conhecidas[9] e ajudar suas carreiras com a cientologia”, escreveu Hubbard. “Atingindo esse alvo maior, eu sei que os Centros de Celebridades podem conquistar o mundo dos atores-artistas.”

Hubbard se interessava especialmente por astros que não estavam mais no auge da carreira mas ainda tinham brilho suficiente para ser reabilitados e transformados em ícones da cientologia. O protótipo foi Gloria Swanson, uma das maiores atrizes do cinema mudo, que personificava o exuberante glamour

daquela era. Embora ela nunca recuperasse a fama internacional que conhecera antes do cinema falado, continuou a atuar na televisão e em alguns filmes, dos quais o mais memorável foi o clássico *Crepúsculo dos deuses*, de 1950, no papel de Norma Desmond. A principal auditora de Hubbard, Peggy Conway, uma artista de variedades sul-africana, venerava Swanson, a quem chamava de "minha adorável Gloria" em suas muitas cartas à estrela, embora reservasse seus supremos elogios a Hubbard, que também era seu auditor: "O Mestre fez o melhor dos melhores[10] por mim", ela escreveu a Swanson em 1956. "Ele não ia nem dormir — conversamos sem parar — dia após dia — noite após noite — eu estava a 6 mil anos-luz acima de Arcturs — que gênio é o nosso Grande Pai Ruivo!"

Um fluxo constante de jovens aspirantes a ator, escritor e diretor chegava a Hollywood com sonhos idênticos e tentava alavancar suas habilidades ou aparência naquele mercado já saturado de jovens belos, talentosos e cronicamente desempregados. Muitos deles tinham pouquíssima instrução, pois haviam abandonado os estudos em busca do estrelato, mas eram espertos, bem-dotados e desesperadamente ambiciosos. A cientologia prometia a esses neófitos o ingresso na fechada comunidade das celebridades. A igreja afirmava possuir um método para o progresso; igualmente sedutora era a afirmação velada de que existia uma rede de cientologistas nas altas esferas da indústria do entretenimento, ansiosa para dar um empurrãozinho aos seus correligionários — afirmação que nunca teve muito fundamento, mas que também não era uma total inverdade. A cientologia era uma pequena mas crescente subcultura nos estúdios de Hollywood.

Kirstie Alley era uma aspirante a atriz natural de Wichita que abandonou a Universidade do Kansas no segundo ano e depois lutou contra a dependência de cocaína. Ela afirma que uma única sessão de audição curou seu vício. "Sem a cientologia, eu estaria morta",[11] declarou. Os testemunhos de celebridades como ela levavam muitos curiosos a seguir seu exemplo. Cartazes com a imagem de astros da televisão e do cinema eram exibidos na fachada das igrejas e missões cientologistas com os dizeres "SOU CIENTOLOGISTA [...][12] ENTRE E DESCUBRA POR QUÊ". Na revista da comunidade hollywoodiana, *Variety*, a cientologia oferecia cursos prometendo aos atores neófitos: "aumente sua autoconfiança"[13] e "vença em seu meio".[14] Cientologistas se postavam na entrada[15] da Central Casting [central de elenco], onde os atores se inscreviam para papéis secundários, e entregavam folhetos anunciando seminários sobre como encontrar um agente ou ser admitido na Screen Actors Guild [Guilda dos Atores de Cinema]. Cursos no Centro de Celebridades enfocavam as habilidades de comunicação e

apresentação pessoal, que eram especialmente valorizadas pela indústria do entretenimento. Os exercícios e rotinas de treinamento sem dúvida pareceriam familiares a qualquer um que tivesse feito uma cena numa aula de teatro. Muitos atores, ao mesmo tempo inseguros e competitivos, buscavam uma vantagem, e isso a cientologia lhes prometia. Só o fato de que alguém estava interessado neles provavelmente já constituía uma bem-vinda surpresa.

Entre os que passaram pela cientologia na mesma época que Paul Haggis estavam os atores Tom Berenger, Christopher Reeve e Anne Francis, e os músicos Lou Rawls, Leonard Cohen, Sonny Bono e Gordon Lightfoot. Nenhum permaneceu por muito tempo. Jerry Seinfeld[16] fez um curso de comunicação, e ainda afirma que isso o ajudou como comediante. Elvis Presley[17] comprou alguns livros, além de serviços que nunca chegou a usar. Rock Hudson[18] visitou o Centro de Celebridades, mas se retirou furioso porque seu auditor teve a audácia de lhe dizer que ele não poderia sair antes de a sessão terminar, quando o tempo de estacionamento do ídolo das matinês se esgotou no parquímetro. A figura exemplar que Hubbard procurava escapou da captura.

Numa manhã de julho de 1977, o FBI, que havia sido secretamente informado sobre a Operação Branca de Neve, fez batidas em escritórios da cientologia em Los Angeles e Washington e apreendeu quase 50 mil documentos.[19] Um dos arquivos se intitulava "Operação Apavorar".[20] Dizia respeito às medidas adotadas para o caso de Paulette Cooper, a jornalista que, seis anos antes, havia publicado revelações sobre a cientologia no livro *The Scandal of Scientology.*

Depois de ter sido indiciada por perjúrio e ameaças de bomba contra cientologistas, Cooper caíra em depressão profunda. Parou de comer. Chegou a pesar apenas 38 quilos. Pensou em suicídio. Finalmente, persuadiu um médico a lhe ministrar pentotal sódico, o "soro da verdade", e interrogá-la sob anestesia. O governo ficou suficientemente impressionado pelo fato de o promotor retirar a acusação contra ela, mas a reputação de Cooper ficou arruinada, seu dinheiro acabou e sua saúde passou a ser precária.

No dia em que o FBI fez a batida nas bases da cientologia, Cooper estava voltando da África, aonde fora fazer uma reportagem para uma revista de viagens. Ela leu a notícia no *International Herald Tribune*. Um dos arquivos descobertos pelos agentes federais se intitulava "Operação Apavorar". O objetivo da operação era fazer Cooper ser "encarcerada num manicômio ou presídio".

Uma das portas[21] que os agentes federais abriram durante a batida em Los Angeles levava ao escuro porão do antigo hospital Cedars of Lebanon na Fountain Avenue, então recém-batizado como prédio da Advanced Org da

cientologia. Não havia lâmpadas, e os agentes fortemente armados desceram as escadas à luz de lanternas. Encontraram uma coelheira de cubículos, cada um ocupado por meia dúzia de pessoas vestidas de macacão preto, com trapos imundos em volta dos braços para indicar sua condição degradada. No total havia cerca de 120[22] pessoas amontoadas naquele antro, cumprindo pena na Força-Tarefa do Projeto de Reabilitação. As fileiras da RPF tinham se expandido justamente quando a igreja precisou de mão de obra barata para reformar seus prédios recém-comprados em Hollywood. Os agentes federais não tinham ideia do que estavam vendo. Dali a momentos, um representante do Escritório do Guardião da igreja chegou e começou a gritar com os agentes, dizendo que estavam excedendo os limites de seus mandados de busca. Os agentes viram que os membros da Sea Org não representavam ameaça para eles e seguiram em frente.

É instrutivo saber que nenhum dos membros da Sea Org confinados na masmorra da RPF aproveitou a oportunidade para escapar. Se o FBI se desse ao trabalho de interrogá-los, é improvável que afirmassem estar lá contra a vontade. A maioria acreditava que sua presença ali era devida a algum erro, ou que merecia a punição e se beneficiaria com o trabalho e o estudo que haviam sido prescritos. Até os que tinham sido fisicamente forçados a servir na RPF não estavam inclinados a partir. Apesar de leis federais contra tráfico humano e encarceramento ilegal, o FBI nunca mais voltou a abrir a porta da RPF.

Jesse Prince, um dos poucos integrantes negros da Sea Org, estava entre os punidos. Fora atraído para a cientologia pelas belas garotas e pela promessa de poderes sobre-humanos. Lembra-se de que lhe disseram que ele aprenderia a levitar, viajar no tempo, controlar os pensamentos dos outros e ter o comando total do universo material. Em 1976, quando ele se filiou à Sea Org, a cientologia acabara de comprar o hospital Cedars of Lebanon, parte do império imobiliário que a igreja estava adquirindo em Hollywood, juntamente com o Château Élysée e o antigo Wilcox Hotel, que funcionava como alojamento da Sea Org. O hospital estava uma confusão, com sobras de aparelhos médicos, partes de corpos em frascos de laboratório e até um cadáver no necrotério do porão. Os integrantes da Sea Org se esfalfaram para converter o local em dormitórios e escritórios. Uma noite, Prince foi acordado depois de uma hora de sono com a ordem de se apresentar a um superior e foi repreendido por fazer corpo mole. Prince não suportou mais. “Foda-se, vou cair fora daqui”,[23] ele disse. Seu superior replicou que ele não iria a lugar algum. “Estalou os dedos, e seis pessoas entraram e me puseram numa sala”, Prince recorda. “Fui encarcerado.” Era março de 1977. Prince foi posto na RPF com duzentos

membros da Sea Org, fazendo trabalhos pesados e estudando a tecnologia espiritual de Hubbard. Seria mantido ali por dezoito meses. “Me disseram que o único modo de sair seria aprender aquela tecnologia tim-tim por tim-tim e depois ser capaz de aplicá-la.”

A questão suscitada pela experiência de Prince na RPF é se ele foi ou não vítima de lavagem cerebral. Essa é uma acusação feita frequentemente contra cientologistas, embora os cientistas sociais há tempos discutam a própria possibilidade de tal fenômeno. A década de 1950, quando nasceu a cientologia, foi um período de extrema preocupação, e até de histeria, com a possibilidade de controle da mente. Robert Jay Lifton, um jovem psiquiatra americano, começou estudando vítimas do que os comunistas chineses chamavam de “reforma do pensamento”, posta em prática nas prisões e universidades revolucionárias da era maoísta; esse foi um dos maiores esforços já feitos para manipular o comportamento humano. Em 1949, alguns americanos e europeus que tinham estado presos durante a revolução maoísta emergiram de suas celas aparentemente convertidos ao comunismo. Mais tarde, durante a Guerra da Coreia, vários soldados da ONU capturaram soldados chineses que haviam desertado e se aliado ao inimigo. Alguns soldados americanos entre eles, com aparente sinceridade, criticaram diante das câmeras o capitalismo e o imperialismo. Era uma espantosa traição ideológica. Para explicar o fenômeno, um americano jornalista e agente da CIA, Edward Hunter, cunhou o termo *brainwashing*, lavagem cerebral. Hunter descreveu agentes robóticos de olhos vidrados, como zumbis ou possuídos pelo demônio. Um romance popular, *The Manchurian Candidate*, publicado em 1959, e um filme com o mesmo nome lançado três anos depois [no Brasil intitulado *Sob o domínio do mal*], capitalizaram essa ideia da lavagem cerebral como a total rendição do livre-arbítrio através de formas coercivas de persuasão.

O trabalho anterior de Lifton sobre a reforma do pensamento se tornou a base de boa parte dos estudos sobre o tema desde então. Lifton definiu dois componentes fundamentais da reforma do pensamento: a *confissão*, que é a renúncia ao “mal” feito no passado, e a *reeducação*, que na China significava remodelar o indivíduo à imagem comunista. “Por trás do totalitarismo ideológico[24] está a sempre presente busca humana do guia onipotente — da força sobrenatural, partido político, ideias filosóficas, grande líder ou ciência precisa — que trará definitivamente a solidariedade a todos os homens e eliminará o terror da morte e do nada”, observa Lifton. Analisando a acusação batida de que a psiquiatria, os Fuzileiros Navais ou as escolas católicas praticam alguma forma de lavagem cerebral, Lifton elaborou uma série de critérios para identificar um ambiente totalitarista e os contrastou com essas abordagens mais

abertas para reformular o comportamento humano.

O paradigma totalitarista começa por negar ao indivíduo o acesso ao mundo exterior, para que suas percepções da realidade possam ser manipuladas sem interferência. O objetivo nessa etapa é provocar padrões previsíveis de comportamento que parecerão surgir espontaneamente, aumentando a impressão de onisciência do grupo controlador. Os que estão envolvidos nessa manipulação são guiados por um sentimento de propósito elevado que lhes permite, ou melhor, que os impele a deixar de lado os sentimentos comuns de decência humana a fim de levar a cabo sua grandiosa missão. Os que estão sendo manipulados podem acabar endossando os objetivos e os meios do grupo, como fez Prince, ou simplesmente abandonar a força de vontade para resistir. Em qualquer dos casos, rouba-se do indivíduo a chance de ação ou autoexpressão independente.

Uma vez que o clima moral é inteiramente controlado pelo grupo, os "pecados" que o indivíduo é forçado a confessar funcionam como garantias de lealdade aos ideais do movimento. A natureza repetitiva dessas confissões inevitavelmente as transforma em encenações. Quando o tesouro dos pecados reais se esgota, novos pecados podem ser cunhados para satisfazer as incessantes demandas dos inquisidores. Na cientologia é possível recorrer convenientemente a existências passadas para produzir um estoque interminável de malfeitorias. Lifton salienta que, em mãos totalitaristas, se usa a confissão para explorar vulnerabilidades, e não para proporcionar o alívio do perdão que a terapia e a religião procuram dar. O resultado paradoxal pode ser o oposto da exposição total: os segredos proliferam e as dúvidas sobre o movimento ficam ocultas.

O dogma do grupo é promovido como cientificamente incontestável, e até mais verdadeiro que qualquer coisa que um ser humano já tenha vivenciado. A resistência não é só imoral; é ilógica e anticientífica. Para alicerçar essa noção, constringe-se a linguagem através do recurso que Lifton denomina "chavão limitador do pensamento".[25] "Os mais abrangentes e complexos problemas humanos são comprimidos em frases breves, acentuadamente redutivas e de aparência definitiva, facilmente memorizadas e expressas", ele escreve. "Elas se tornam o início e o fim de qualquer análise ideológica." Por exemplo, os comunistas chineses descartavam a busca da expressão individual e a exploração de ideias alternativas como exemplos de "mentalidade burguesa". Na cientologia, termos como "pessoa supressiva" e "potencial fonte de problemas" têm um papel semelhante: declarar lealdade ao grupo e tirar as discussões da mesa. Os comunistas chineses dividiam o mundo em "o povo" (camponeses e pequeno-burgueses) e os "reacionários" ou "lacaios do imperialismo" (proprietários de terra e capitalistas), que eram, essencialmente, não povo.

Analogamente, Hubbard faz uma distinção entre cientologistas e *wogs*. Esse termo é um artifício pejorativo emprestado do imperialismo britânico, que o usava para designar pessoas de pele escura, em especial os sul-asiáticos. Hubbard se apropriou do estigma, dizendo que significava "digno cavalheiro oriental". Para ele, um *wog* era "um humanoide comum,[26] ordinário, medíocre, vulgar": um indivíduo que não está presente como um espírito. Os que se encontram nesse grupo são levados a se empenhar por uma condição de perfeição que é inatingível — o ideal comunista, por exemplo, ou a transformação do planeta num mundo povoado apenas por *clears* da cientologia.

Quando um *preclear* expressa uma crítica à cientologia ou o desejo de deixar a igreja, a resposta do auditor é descobrir os "crimes" que o cliente cometeu contra o grupo. No jargão da cientologia, esses crimes são chamados de "*overts* e ocultações". Um *overt* é uma ação cometida contra o código moral do grupo, e uma ocultação é uma ação *overt* que a pessoa se recusa a reconhecer. Hubbard explicou que a única razão para uma pessoa querer deixar a cientologia é ter cometido um crime contra o grupo. Paradoxalmente, isso ocorre porque a humanidade é boa em sua essência; o indivíduo deseja separar-se dos outros a fim de proteger o grupo de seu próprio mau comportamento.

Para salvar o *preclear* de seus pensamentos autodestrutivos, usa-se o E-meter numa verificação de segurança (*sec-check*) em busca de outros pensamentos ou ações. Para casos extremos, Hubbard criou o que ele chamou de lista confessional de Johannesburg.[27] Eis algumas das questões:

> Já roubou alguma coisa?
> Já chantageou alguém?
> Já esteve envolvido num aborto?

Outras questões indagam se o indivíduo já vendeu drogas, cometeu adultério, praticou ato homossexual, fez sexo com um membro da família ou uma pessoa de outra raça. Conclui perguntando:

> Já teve pensamentos maldosos sobre LRH?
> Está perturbado com esta lista confessional?

O resultado dessa verificação[28] é que a pessoa que expressa dúvidas sobre a igreja é induzida a pensar sobre suas próprias faltas que a levaram a questionar a cientologia antes de tudo. No exemplo dos comunistas chineses, Lifton ressalta, a combinação da lógica imposta e do discurso por chavões cria uma espécie de melodrama, no qual pensamentos formulistas e uma linguagem limitadora substituem emoções reais e o entendimento complexo da natureza humana. Uma vez enredado na poderosa lógica do grupo, o indivíduo vai derivando cada vez mais para longe da praia do entendimento comum.

Segundo Lifton, fatores como esses conferem ao grupo uma autoridade de vida e morte sobre os membros individuais. No entanto, apesar do controle absoluto do ambiente pelos comunistas, das quarenta vítimas que Lifton estudou apenas três eram "manifestamente convertidas"[29] à ideologia. Essa proporção tem sido usada para desacreditar a noção da lavagem cerebral, embora o próprio Lifton tenha dito, mais tarde, que se impressionou com o grau em que as mentes podiam ser alteradas e "a verdade enevoada[30] quase ao ponto da extinção".

A CIA, alarmada com o suposto êxito da doutrinação chinesa, deu início às suas próprias pesquisas sobre o controle da mente, através de um programa chamado MKUltra. Em meados dos anos 1950, a agência começou a financiar o dr. Ewen Cameron, escocês naturalizado americano que na época dirigia o Allan Memorial Institute na Universidade McGill, em Montreal. Cameron era um dos mais renomados psiquiatras de seu tempo; anteriormente em sua carreira já integrara o tribunal de Nuremberg que examinou os atrozes experimentos humanos dos médicos nazistas, depois se tornou presidente da Associação Americana de Psiquiatria, e, quando a CIA se interessou por seu trabalho, ele foi nomeado presidente da Associação Mundial de Psiquiatria. Cameron esperava curar doenças mentais eliminando memórias dolorosas e reordenando a personalidade por meio de sugestão positiva. Já a CIA tinha um objetivo um tanto diferente, é óbvio; a razão declarada era descobrir métodos eficazes de controle da mente e então treinar soldados americanos para resistir a tais esforços. A CIA acabou destruindo os arquivos do programa MKUltra, alegando não ter obtido informações úteis, mas a verdadeira intenção[31] da agência pode ter sido aprender modos científicos de extrair informações de sujeitos relutantes. (Depois do ataque terrorista de Onze de Setembro,[32] documentos saídos da base naval da baía de Guantánamo mostraram que os métodos usados pelos interrogadores americanos com os suspeitos da al-Qaeda se baseavam em técnicas dos comunistas chineses.)

Os métodos que Cameron empregou para apagar as memórias de seus pacientes decerto se enquadram na definição de tortura. Ele recorria à terapia de eletrochoque para romper os "padrões" de personalidade; até 360 choques eram aplicados por mês para tornar o sujeito hipersugestionável. Somava-se a isso o uso de drogas poderosas — estimulantes, depressores e alucinógenos — em pacientes incapacitados, para aumentar sua desorientação. Segundo a escritora Naomi Klein, que escreveu sobre esses experimentos em *A doutrina do choque*, quando Cameron finalmente julgava ter obtido a desejada tábula rasa, punha os pacientes em isolamento e reproduzia mensagens gravadas em fita com reforço positivo, por exemplo "você é uma boa mãe[33] e esposa, e as pessoas apreciam

sua companhia". Alguns pacientes eram postos em coma insulínico para que não resistissem; nesse estado, eram forçados a ouvir esse tipo de mantra 24 horas por dia. Num caso, Cameron reproduziu continuamente uma mensagem por mais de cem dias.

Cameron foi o arquétipo perfeito do mal que a ciência causou em nome da saúde mental, e para muitos cientologistas seu trabalho justifica a campanha que a igreja empreendia contra a psiquiatria. É fascinante comparar esses experimentos reais com a mítica visão de Hubbard sobre Xenu e seus implantes R6, na qual thetans desincorporados foram forçados a sentar-se diante de telas de cinema por 36 dias de programação nas mãos de psiquiatras.

Embora seja improvável que Hubbard soubesse sobre o MKUltra quando o programa estava sendo implementado, ele foi fascinado pelo temor popular do controle da mente. Em 1955 distribuiu um panfleto,[34] que provavelmente ele mesmo escreveu, intitulado "Lavagem cerebral: uma síntese do manual russo de psicopolítica". Para alguns ex-cientologistas, o texto[35] é um códice do grande esquema de Hubbard. Há uma sinistra correspondência entre as técnicas descritas no panfleto e algumas práticas da cientologia, especialmente as aplicadas na RPF.

O panfleto começa com o que alega ser um discurso roubado, que teria sido proferido por Lavrenti Beria, o chefe da polícia secreta soviética sob Josef Stálin. Beria teria feito esse discurso a alunos americanos que estudavam na Universidade Lênin. O tema era a "psicopolítica". O termo é definido como "a arte e ciência[36] de se impor e manter o domínio sobre os pensamentos e lealdades dos indivíduos, repartições e massas, e a realização da conquista de países inimigos através da 'cura mental'".

O texto especifica como[37] realinhar os objetivos do indivíduo com os do grupo. A primeira tarefa é minar a capacidade da pessoa de agir e confiar em si mesma. A segunda é destruir sua lealdade à família, rompendo a dependência econômica da unidade familiar, diminuindo o valor do casamento e entregando a criação dos filhos ao Estado ou ao grupo. A confiança e a afeição do indivíduo por seus amigos são abaladas por relatórios anônimos às autoridades, supostamente entregues por pessoas chegadas. No final, todas as outras demandas emocionais sobre a pessoa terão sido destruídas, restando apenas o Estado ou o grupo. "Um psicopolítico tem de trabalhar[38] duro para produzir o máximo caos nos campos da 'cura mental'", diz Beria em seu discurso introdutório. "Ele deve trabalhar até ter o domínio da mente e do corpo de todas as pessoas importantes de seu país."

Da perspectiva daqueles cientistas sociais[39] para quem a lavagem cerebral é

um mito ou uma fraude usada para denigrir novos movimentos religiosos, inclusive a cientologia, Jesse Prince já devia ser um convertido, ou quase isso, antes de ir para a RPF. Embora ele afirme ter sido atraído para a igreja principalmente por causa das garotas, sabia dos rigores da Sea Org antes de se filiar. Talvez, como as três vítimas da reforma do pensamento dos comunistas chineses que Lifton chamou de "manifestamente convertidas", Prince fosse predisposto a participar de um movimento totalitarista por causa de sua necessidade psicológica de se encaixar, ou de ser parte de um sistema polarizado que separa toda a humanidade em salvos e condenados. Tais pessoas, diz a teoria, são criadas em lares caóticos ou extremamente autoritários. Têm imagens conflitantes de si mesmas como alguém ao mesmo tempo extremamente bom e extremamente mau. Isso ocorre principalmente na adolescência, quando as identidades ainda são voláteis. Prince não precisou de lavagem cerebral, diz a teoria; ele estava ativamente procurando uma organização totalitarista onde encaixar sua personalidade polarizada.

Alguns incidentes na vida de Prince corroboram essa hipótese. Embora sua criação fosse "tumultuada"[40] (a mãe morreu quando ele tinha dez anos), Prince teve um relacionamento carinhoso e próximo com o pai e os três irmãos mais novos. Contudo, depois da morte da mãe, ele começou a sofrer ataques de paralisia total acompanhados da sensação de queda, "como saltar para o fundo do Grand Canyon". Era uma sensação de impotência, de terror supremo. Então ele se via subitamente fora de seu corpo e podia se observar dormindo na cama. A intensidade dessas experiências tornava-as absolutamente reais para ele, mas Prince decidiu não comentar nada, porque "se você conta, fica sendo o louco da casa". Hoje Prince supõe que aqueles episódios de paralisia do corpo fossem fortes ataques de ansiedade, mas o fato é que eles o prepararam para aceitar como verdadeiros os poderes paranormais que a cientologia apregoava conferir.

Por outro lado, a teoria da lavagem cerebral[41] propõe que técnicas de influenciar podem desarmar e efetivamente converter um indivíduo a uma perspectiva muito diferente, independentemente de sua formação ou de traços de caráter preexistentes, quase do mesmo modo como o vício de uma droga potente pode criar uma dependência esmagadora capaz de transformar uma personalidade antes estável. Despojar uma pessoa de suas convicções anteriores deixa-a faminta de novas convicções. Através de intermináveis rodadas de confissões e de flutuações constantes e incapacitantemente imprevisíveis entre clemência e ataque, amor e punição, o indivíduo é despregado de sua identidade anterior e transformado num valorizado e confiável membro do grupo. Para manter no rebanho os membros descontentes, "custos de saída" — como

penalidades financeiras, ameaças físicas e a perda da comunidade — tornam a perspectiva de deixar a igreja mais dolorosa que a de ficar.

Quer Prince tenha sofrido lavagem cerebral, como ele acredita, quer tenha sido iluminado espiritualmente, como argumenta a igreja, seu modo de pensar realmente mudou ao longo do ano e meio que ele passou na RPF. Para sair da RPF, um membro precisa ter a "cognição" de que é uma pessoa supressiva; só então pode começar a lidar com os "crimes" que cometeu e que o levaram para a RPF. Durante suas muitas horas de audição, Prince relatou mais tarde,

> A gente tem uns vislumbres[42] de coisinhas que parecem interessantes, vislumbres de alguma coisa que traz alguma percepção. E a gente é auditado constantemente, e num estado altamente sugestionável […] como ser arrastado bem de leve até o ponto em que agora eu podia justamente estar aqui e entender. Talvez não seja tão ruim, sabe?

Uma das colegas de Prince na RPF era Spanky Taylor, velha amiga de Paul Haggis em seus primeiros tempos na cientologia. Fizera amizade com Paul e Diane logo depois que eles chegaram a Los Angeles. Chamava-o de "Paulie" e o ajudara a vender alguns de seus primeiros roteiros quando ele ainda estava tentando largar os desenhos animados. Desde o princípio ela percebeu o talento de Haggis; o talento dela própria ajudava a frutificar o de outros.

"Spanky" era apelido de escola de Sylvia, mas se prestava tanto a uma provocação[b] que ela nunca escapou do nome. Era filha de trabalhadores braçais mexicano-americanos em San Jose. Aos catorze anos, tornou-se fã de uma banda *cover* local chamada People!, que incluía vários cientologistas. Começou a ajudar a promover os shows do grupo, e logo passou a trabalhar com algumas das grandes bandas que vinham para Bay Area, como Creedence Clearwater Revival e Big Brother and the Holding Company. A cientologia era apenas mais uma expressão do alvoroço político e cultural da época. Até membros do Grateful Dead[43] foram atraídos para a cientologia, que prometia experiências místicas sem alucinógenos. Albert Ribisi, o tecladista do People!, apresentou Spanky à igreja. Ela se juntou à equipe da missão de Santa Clara aos quinze anos.

Ela era uma jovem alegre de ternos olhos castanhos, e chamava todo mundo de "benzinho". Como tinha experiência em promoção, foi alocada para trabalhar no Centro de Celebridades. O lugar sempre fervilhava de atividade — tingimento de tecidos, debates, leitura de poesia —, e ela achava o máximo. Gente famosa vivia chegando, o que aumentava a sensação de que algo divertido e importante estava acontecendo ali.

Spanky inevitavelmente foi notada por Yvonne Gillham, que criara o Centro de Celebridades em 1969, depois de obter permissão de Hubbard para ir a Los

Angeles e escapar da tensão de suas investidas românticas. Gillham acabou vendo Spanky quase como uma extensão dela mesma, com a mesma facilidade natural para lidar com pessoas. Embora Spanky ainda fosse adolescente, Gillham encarregou-a de algumas das mais importantes figuras associadas à igreja.

Uma celebridade logo ganhou precedência. John Travolta estava no México trabalhando em seu primeiro longa, *The Devil's Rain* [A chuva do Diabo], um filme de terror barato estrelado por Ernest Borgnine e William Shatner. Ele fez amizade com a jovem Joan Prather, promissora atriz e dançarina, que era uma das poucas integrantes do elenco da idade dele. "Ele grudou em mim[44] desde o primeiro dia", ela conta. "Estava extremamente infeliz, não fazia sucesso." Prather começou a lhe contar como a cientologia a ajudara. É comum pedir aos atores que entrem em contato com sentimentos que podem ser devastadores. "A dianética oferecia uma ferramenta para acessar nossas emoções sem pirar de vez", ela explicou.

"Pareceu interessante,[45] por isso mencionei certas coisas sobre meu caso e perguntei se era possível dar um jeito", Travolta contou mais tarde. "E ela disse que sim. Duvidei: 'Qual é, dá para dar um jeito NISSO?'. Eu não conseguia acreditar." Prather lhe entregou um exemplar de *Dianética.* O livro ajudou-o em suas crises de depressão e insônia. "Às vezes me dizem as coisas mais incríveis do mundo, coisas que no ano passado me levariam ao suicídio", ele observou. Em outra ocasião ele comentou:

> Antes de *Dianética*, se falassem[46] coisas negativas para mim ou sobre mim, eu desmoronava facilmente. Para um homem, essa não é uma qualidade muito interessante. Alguns diziam: "Esse rapaz é sensível demais". Mas muitas vezes eu tinha pessoas supressivas à minha volta, que me faziam desmoronar de propósito. Eu era uma espécie de campo minado.

Prather também o aconselhou a usar alguns dos processos básicos da cientologia. "Eu saí do corpo",[47] Travolta disse mais tarde. "Era como se o corpo estivesse por conta própria, e eu lá fora, andando em volta dele. Me deu um medo danado, e ela disse: 'Ah, caramba, você exteriorizou'."

Quando Travolta voltou para Los Angeles, começou a fazer o Curso de Cientologista Qualificado de Hubbard no Centro de Celebridades com cerca de 150 estudantes. Confidenciou à professora, Sandy Kent, que estava prestes a fazer um teste para um programa de televisão, *Welcome Back, Kotter.* Depois de fazer a chamada, Kent disse a todos que apontassem na direção dos estúdios da ABC e comunicassem telepaticamente a instrução "Queremos John Travolta[48] no papel". Na reunião seguinte, Travolta contou que conseguira o papel de Vinnie Barbino, o personagem que logo o tornaria famoso. "Minha carreira decolou[49] imediatamente", Travolta alardeou numa publicação da igreja. "Posso dizer que

a cientologia me trouxe a fama."

Gillham adorava Travolta, e lhe dizia constantemente que ele seria um astro. Para provar, deu-lhe Spanky.

Embora Travolta ansiasse pela fama, ficou perplexo com o clamor que a acompanhou. Spanky administrava seu relacionamento com os fãs. Ia às gravações de seu programa de televisão, acompanhava-o em suas muitas aparições em público e persuadiu a Paramount Pictures a lhe comprar de presente de aniversário um grande bloco de audições da cientologia. Ela era a ligação de Travolta com a igreja — na linguagem da cientologia, seu terminal ("qualquer pessoa que recebe,[50] transmite ou envia comunicações"). Ela também se tornou o canal entre o jovem astro em ascensão e outros cientologistas da indústria do entretenimento, como Paul Haggis, que deu a Spanky um roteiro de um episódio de *Welcome Back, Kotter*, para que ela o entregasse a Travolta (isso nunca foi feito).

Travolta generosamente atribuiu à igreja o avanço em sua carreira e o equilíbrio para lidar com a fama crescente. "Sempre vem aquele medo:[51] 'O sucesso é incrível agora, mas vai durar para sempre?'", ele comentou numa entrevista. "Quando o sucesso vem rápido, não se sabe para onde ele vai. […] A cientologia traz muito mais sanidade a tudo isso." Ele apresentou a cientologia[52] a alguns colegas atores, entre eles Forest Whitaker, Tom Berenger e Patrick Swayze, além do grande bailarino russo Mikhail Baryshnikov. (Priscilla Presley, amiga de Travolta, foi a única que permaneceu na igreja.) Spanky Taylor era um lembrete visível da crescente devoção de Travolta à cientologia e do investimento da igreja em sua fama, que podia ser posta em perigo por um comportamento imprudente de um astro talentoso mas mimado.

Quando ocorreu a batida do FBI na Igreja da Cientologia em 8 de julho de 1977, Taylor estava grávida de seis meses e morava com o marido, Norman, no decrépito Wilcox Hotel. Norman era um executivo do departamento jurídico. Bem cedo na manhã da batida, ele ligou todo nervoso para Spanky e lhe disse que fosse imediatamente ao escritório de Yvonne e pegasse a arma carregada que um amigo lhe dera e que ela guardava em sua escrivaninha. Quando Taylor chegou, havia agentes do FBI por toda parte: mais de 150 em dois prédios da cientologia, da Advanced Org e no Château Élysée. Foi a maior batida na história do FBI,[53] e durou um dia e uma noite. Chegaram com aríetes[54] e marretas para quebrar fechaduras e derrubar paredes. Além dos 200 mil documentos que levaram, muitos deles furtados por agentes do Escritório do Guardião em repartições públicas, encontraram ferramentas de arrombamento e equipamento de escuta secreta. Taylor lealmente percorreu aquele caos até o escritório de

Yvonne e pôs a arma na bolsa sem dar na vista. Não se permitiu refletir sobre a loucura que era carregar uma arma em meio a todos aqueles homens da lei.

Do lado de fora dos portões, repórteres clamavam para entrar. Bem nessa hora, um ônibus escolar estacionou, cheio de alunos do ensino médio de uma turma de religião da escola Pacific Palisades. Taylor lembrou, assustada, que estavam ali para uma visita que ela mesma havia providenciado. Os adolescentes, de olhos arregalados, ouviram Taylor explicar ao professor que aquele não era o melhor momento para a visita. (Nunca a remarcaram.)

Aos membros da igreja, explicou-se que essa batida acontecera porque alguns cientologistas estavam sendo acusados de roubar o papel que usaram ao copiar os relatórios sobre a igreja nos arquivos do governo — em outras palavras, aquele era apenas mais um caso de truculentos capangas do governo deturpando a Constituição para atacar a liberdade religiosa. Mas, quando as indiciações foram veiculadas no ano seguinte, a escala da Operação Branca de Neve ficou patente. Onze executivos da cientologia, entre eles Mary Sue Hubbard, foram indiciados na Operação Branca de Neve. Seu marido foi citado como codelinquente não indiciado, embora tudo tivesse origem no plano original de Hubbard.

Os embalos de sábado à noite estreou em dezembro no Grauman's Chinese Theatre em Hollywood. Travolta passara cinco meses treinando para o filme, correndo três quilômetros por dia e dançando três horas à noite. Ele reconheceu a oportunidade que o filme lhe oferecia, e teve um desempenho singular, eletrizante. Mas, ao andar pelo tapete vermelho sob a fuzilaria de flashes, pareceu atordoado. "Quando saí da limusine[55] defronte ao Grauman's, estava pasmo. Não sabia o que pensar", ele disse numa entrevista à TV depois da festa. "Era como uma fantasia, como um sonho à noite." Ele tinha 23 anos, e agora era um astro internacional. Também era o mais proeminente cientologista do mundo, atrás apenas do próprio L. Ron Hubbard. E quem iria dizer que a cientologia não o ajudara a realizar seus sonhos?

*

Yvonne Gillham estava doente. Queixava-se de dor de cabeça, perdia peso. Queria desesperadamente ir para a Flag, onde poderia se submeter à audição de alto nível que ela supunha capaz de curá-la, mas lhe disseram que não havia dinheiro para isso. Mandaram-na ao México numa missão com seu marido, Heber Jentzsch, ator e músico que mais tarde se tornou presidente da igreja, um posto em grande medida cerimonial. Estavam casados fazia cinco anos. No dia em que completou cinquenta anos, 20 de outubro de 1977, ainda no México,

Yvonne teve um derrame. Jentzsch mandou-a de volta para Los Angeles, enquanto ele completava a missão. Depois disso, a filha de Yvonne, Janis, uma das primeiras mensageiras de Hubbard, recebeu da mãe uma bonita mala. Dentro havia uma carta, mas não fazia sentido. Janis tentou descobrir o que estava errado, mas ninguém lhe dizia. Sua irmã, Terri, foi para o alojamento da Sea Org e encontrou Yvonne deitada em seu quarto sem ninguém cuidando dela. Finalmente ela foi levada para o hospital, onde os médicos descobriram um tumor em seu cérebro, a causa do derrame. Teria sido possível operá-lo se ela houvesse procurado ajuda mais cedo, disseram os médicos.

Desesperada para conseguir a audição que Gillham ainda supunha necessitar, Taylor procurou a gerente financeira e implorou a verba para mandar Yvonne à Flag Base. "Se ela quer ir[56] à Flag, que pegue um ônibus, ora bolas!", respondeu a gerente.

"Você é a assassina de Yvonne!", Taylor gritou.

Pela impertinência, Taylor foi sentenciada à RPF. Tiraram-lhe o bebê, Vanessa, levada para a Child Care Org, a creche da cientologia. Havia trinta bebês[57] espremidos num pequeno apartamento abarrotado de berços e uma babá para cada doze crianças. Era escuro e úmido, e as crianças raramente, ou nunca, eram levadas para fora.

Quando recebeu a notícia, Taylor bradou: "Vocês não podem fazer isso *agora*!".[58] Estava pensando em John Travolta. Ele telefonara na véspera para dizer que chegaria num voo da Air France depois de comparecer a um festival de cinema em Deauville, onde estava promovendo *Os embalos de sábado à noite*. Apesar de seu triunfo, Travolta parecia deprimido e distante. Durante as filmagens de *Os embalos*, sua namorada, Diana Hyland, morrera em seus braços. Ela era duas décadas mais velha que ele, fizera o papel de sua mãe num filme para a televisão, *O menino da bolha de plástico*, e já havia se submetido a uma mastectomia bilateral quando os dois se conheceram. A relação estava condenada desde que o câncer reaparecera. Taylor tinha ajudado Travolta durante todo o período de luto, mas agora a mãe dele, a figura mais importante em sua vida, também fora diagnosticada com câncer. Travolta perguntou a Taylor se ela poderia ir buscá-lo no aeroporto. Ela prometeu: "Nada vai me impedir de estar lá!".

Representantes da igreja disseram a Taylor que outra pessoa iria buscar Travolta. Taylor sabia que o astro ficaria surpreso e se sentiria traído. Ele passara a confiar nela, não só como uma assistente não remunerada, mas também para apoio emocional. Desconfiaria imediatamente que alguma coisa terrível estava acontecendo, e se preocuparia com ela. Taylor se torturou com a ideia de ser uma

causa de inquietação para ele.

A RPF se mudara do porão para o último andar do velho prédio em forma de V antes pertencente ao hospital Cedars of Lebanon. Quase duzentas pessoas[59] se apinhavam às dúzias nos antigos quartos de pacientes, em camas-beliche triplas. Por causa da superpopulação, Taylor foi alocada para dormir num colchão rançoso no chão. Era frio. Ela ouvia o tráfego do Sunset Boulevard, a apenas um quarteirão dali. Via Hollywood Hills e as intermináveis luzes da cidade que nunca dormia e que pulsava à sua volta. Tantos jovens como ela haviam sido arrastados para a matriz do glamour e fama de Hollywood, mesmo que nunca os desfrutassem pessoalmente. E agora lá estava ela, no coração de Hollywood, isolada, sem saída, humilhada, um pontinho despercebido num telhado. Quem acreditaria que uma pessoa podia estar tão perdida em meio a tanta vida?

Além de tudo, ela estava grávida outra vez. Acontecera algumas semanas depois que ela entrara para a RPF, durante uma breve visita conjugal. Não havia cuidados pré-natais nem abrandamento do intenso trabalho físico que ela era obrigada a fazer ao lado dos outros integrantes da RPF. Num turno de duas semanas, eles estavam trabalhando por trinta horas seguidas com apenas três horas de folga. Como os outros, Taylor comia sobras num balde: restos de comida, ou arroz e feijão. Depois de seis meses nessa dieta, ela ainda não aparentava estar grávida; na verdade, estava emagrecendo. Receava perder o bebê.

Um dia, dois missionários vieram ver Taylor e lhe fizeram um pedido estranho. Estavam pensando num jeito de recompensar os membros da RPF pela reforma do prédio da Advanced Org, agora quase concluída. “Gostaríamos que você[60] organizasse uma exibição privada de *Os embalos de sábado à noite*”, eles disseram.

Obviamente, ninguém na RPF pudera assistir ao filme, apesar de seu sucesso internacional. Mas não era fácil se aproximar de Travolta. Ele agora era o astro de maior bilheteria do mundo. A *Playboy* chamara-o de “o mais novo *sex symbol* da América”.[61] A hierarquia da igreja receava que ele estivesse se afastando da cientologia. Uma exibição do filme reforçaria o comprometimento dele com a religião num momento em que isso parecia estar em dúvida.

Taylor, a ligação de Travolta com a igreja, era evidentemente a pessoa certa para tomar as providências.

“Em primeiro lugar, não posso usar o telefone”, ela disse aos missionários. “Em segundo, não posso sair do prédio. Não querem também uma reunião com os Beatles enquanto resolvem meu problema?”

“Nós pensávamos que você poderia se encarregar disso”, eles replicaram.

Taylor tinha de bolar um jeito de conseguir uma cópia do filme com Travolta sem ter de explicar a ele por que não fora buscá-lo no aeroporto e depois desaparecera por meses, sem uma palavra. Alguns dias depois, os missionários conseguiram permissão para que ela usasse um telefone público num dos andares inferiores do prédio. Taylor ligou para Kate Edwards, diretora de criação de Travolta na época.

"Spanky![62] Onde você está?", exclamou Edwards. Travolta e sua equipe de produção vinham procurando freneticamente por ela.

"Benzinho, o fato é que não posso falar", Taylor respondeu. Ela disse a Edwards que estava no complexo de Los Angeles. "Fui especialmente selecionada para participar de um programa que irá me ajudar", ela explicou vagamente. Disse que gostaria de pedir um favor especial: uma cópia do filme.

Isso era difícil. O filme estava sendo exibido no mundo todo, e todas as cópias estavam fora. A única disponível era a cópia pessoal de Travolta; Edward disse que pediria a ele. "Johnny disse que se você alguma vez ligasse e precisasse de alguma coisa, era só dizer", Edwards lhe assegurou.

"Você não pode contar a Johnny sobre esta conversa!", disse Taylor.

"Mas vou ter que contar", Edwards replicou. "Vou ter que pedir a ele a cópia emprestada."

Quando Taylor foi novamente autorizada a telefonar, Edwards lhe disse que Travolta concordara em lhe emprestar a cópia, com uma condição: que ele pudesse vê-la. Os missionários consultaram seus superiores. Decidiram que, se Taylor conseguisse a cópia, poderia se encontrar com Travolta para jantar na noite de sábado depois da exibição do filme.[c]

Travolta mandou flores, que foram entregues a Taylor na RPF.

A exibição aconteceu no sábado à noite no Lebanon Hall da cientologia. Foi um grande momento para todos, principalmente porque em seguida a plateia dançou ao som da *disco music*. Em todo o país a música *disco* animava os bailes, inspirada pela arrebatadora atuação de Travolta.

Mas Taylor não pôde participar. Assim que o filme terminou e os créditos estavam sendo exibidos, vários executivos da cientologia, inclusive o ex-marido de Yvonne, Heber Jentzsch, levaram Taylor para uma sala e mandaram-na ligar para Travolta cancelando o jantar na noite seguinte.

"Não posso fazer isso!", ela disse.

"Temos feito de tudo para recuperá-lo, e não podemos permitir que você atrapalhe", Jentzsch disse a ela. "Ligue para ele agora mesmo."

"Mas passa da meia-noite!"

Travolta ficou furioso quando ouviu o que ela tinha a dizer. "Nós tínhamos um

trato!”, ele disse.

“Eu sei. Desculpe.”

“Como pôde fazer isso?”, ele bradou. “Como pôde abandonar seu bebê?” Pela primeira vez no relacionamento dos dois, ele levantou a voz. “Minha mãe morreu, e você não estava lá!”

Taylor desatou a chorar alto, não conseguia falar. Travolta estava fazendo perguntas às quais ela não podia responder, ela lembrou, perguntas que ela temia fazer a si mesma. Ele parecia saber o que estava acontecendo. “A menos que você tenha matado alguém, o que eu acho que você não fez, não há razão para estar onde está”, Travolta lhe disse. Ele nunca lhe dissera uma palavra áspera desde que se conheceram, e sua franqueza era devastadora.

“Estou fazendo isso para ser uma pessoa melhor!”, soluçou Taylor. “Para poder ajudá-lo melhor.”

Enquanto isso, Jentzsch a cutucava e ordenava com gestos que desligasse o telefone. Ela se despediu apressadamente e pôs o fone no gancho. Depois foi escoltada de volta à RPF.

Ela chorou a noite inteira, mas quando o sol nasceu uma clareza a inundou. “Vou cair fora daqui!”, decidiu. “Não sei como, mas vou embora.”

Não havia nenhum modo óbvio de escapar. Ela fora mandada para a RPF em março; estavam em setembro. Não havia tempo para planejar, pois ela trabalhava o tempo todo. Ela não sabia a quem recorrer. Não lhe ocorreu ligar para os pais, pois receava imensamente trazer opróbrio para a cientologia se alguém soubesse o que lhe acontecera. De qualquer modo, estava proibida de falar com qualquer pessoa fora da RPF, inclusive outros membros da Sea Org. E, mesmo se conseguisse escapar, ela percebeu, o fato é que pouco sabia sobre o que se passava no mundo. Desde que entrara para a cientologia, aos catorze anos, nunca lera um livro que não fosse escrito por L. Ron Hubbard.

Taylor conseguiu sair furtivamente para visitar sua filha de dez meses na Child Care Org, do outro lado da rua. Para seu horror, descobriu que Vanessa estava com coqueluche, uma doença altamente contagiosa e às vezes fatal. Os olhos do bebê estavam grudados com muco, e sua fralda estava molhada. Aliás, o berço todo estava ensopado. A criança estava coberta de moscas-das-frutas. Taylor se arrepiou. A probabilidade de perder o bebê que ainda não nascera e também a filha parecia alta.

Ela finalmente imaginou um plano. Explicou a seus guardas que precisava telefonar para o médico, e deu um jeito de ligar rapidamente para o escritório de Travolta. Pediu a Kate Edwards que fosse ao encontro dela no dia seguinte numa dada hora, no endereço da Child Care Org. Desligou sem ouvir a resposta de Kate.

No dia seguinte, permitiram-lhe uma breve visita à creche. Taylor pôs uma fralda extra na bolsa. Tinha quatro centavos, todo o dinheiro que possuía no mundo, e uma escova de dentes. Por sorte, Edwards veio, e na hora marcada.

Taylor explicou a seu guarda da cientologia que Edwards era sua cunhada e viera para levar Vanessa ao médico.

"Isso foi aprovado?", exigiu o guarda.

"Sim, é claro!" Taylor abriu a porta do carro de Edwards e lhe entregou o bebê. Edwards ouviu perplexa enquanto Taylor lhe dizia bem alto que telefonasse assim que soubesse o que o médico achava. E então, em voz baixa, acrescentou: "Kate, quando eu fechar esta porta, por favor, saia dirigindo o mais rápido que puder". Edwards fez que sim, e Taylor pulou para dentro do carro. Edwards pisou no acelerador.

"Spanky, não!", gritou o guarda.

Taylor não havia planejado nada para o que acontecesse depois disso.

Ainda estava usando o macacão preto masculino, com mangas e pernas enroladas. Edwards foi buscar algumas roupas[63] de sua mãe que serviriam no corpo emaciado de Taylor, e conseguiu algumas fraldas para Vanessa. Registrou as duas no Tropicana Hotel no Santa Monica Boulevard. Taylor finalmente telefonou para o marido no Escritório do Guardião. Outro executivo atendeu. "Spanky! Estão procurando você por toda parte. Onde está?", ele indagou.

"Quero falar com Norm!", ela disse.

"Você precisa voltar!"

Taylor disse que tornaria a ligar às 23 horas. Dessa vez, o marido atendeu.

"Eles estão aí?", Taylor perguntou.

"Sim."

Ela desligou. Depois de uma ou duas horas, telefonou novamente. Ele disse que estava sozinho. Ela explicou que tinha saído da igreja e não voltaria. O bebê estava a salvo, falou. Norman queria se encontrar com ela, e Spanky por fim revelou onde estava. Percebia que seu casamento provavelmente estava acabado, mas achava que devia isso a ele. Norm foi até o Tropicana, e eles conversaram por horas.

Às 9 horas da manhã seguinte, bateram à porta do quarto de hotel de Taylor. Três executivos da Sea Org estavam lá para arrastá-la de volta à RPF.

Taylor ainda acreditava nas revelações de sua religião. Temia que sua salvação estivesse em risco. Mas também a atormentava o medo de que seu bebê e o filho em seu ventre corressem perigo mortal.

De início, ela disse com firmeza aos homens que não voltaria. "Se puserem as mãos em mim ou na minha filha, vou dar queixa!", bradou. Eles garantiram que só queriam conversar. Disseram que detestavam vê-la declarada uma pessoa

supressiva. Suas relações seriam cortadas com quaisquer cientologistas — quase todas as pessoas que ela conhecia. Havia um modo apropriado de "sair da rota", eles a lembraram. Por fim, Taylor concordou em voltar ao escritório e preencher a papelada que lhe permitiria deixar a Sea Org por bem e continuar a ser uma cientologista.

Como parte do processo de sair da rota, Taylor recebeu para assinar uma confissão detalhando todos os "crimes" que cometera. Ela passou os olhos pelo documento. Algumas das ações citadas tinham sido extraídas de sua pasta de *preclear*: coisas que ela havia confessado aos auditores e que deveriam ter permanecido confidenciais. Ela sabia como a coisa funcionava; diz que uma vez lhe deram a tarefa de examinar pastas de membros e marcar quaisquer "intenções perversas" contra a cientologia. Deslizes sexuais ou atos ilegais sempre eram marcados. Estes eram encaminhados ao Escritório do Guardião, para ser usados contra quem ameaçasse subverter a igreja. Se os crimes não fossem suficientemente graves, Taylor acabou descobrindo, simplesmente se fabricava material escandaloso. Ela assinou a confissão sem ler de fato. Depois, trouxeram-lhe a conta.

A teoria da "conta da hospitalidade" diz que as pessoas que entram para a Sea Org não precisam pagar pelas audições e pelos cursos necessários para subir a Ponte. A verdade é que nunca há tempo suficiente para aproveitar essa instrução. Mas Taylor estava na Sea Org fazia sete anos, e a conta pelos serviços que ela poderia ter usufruído superava os 100 mil dólares.

Pouco antes de ela ir embora, o executivo que estava cuidando de seu caso foi chamado fora da sala por um momento. Taylor pegou sua confissão na mesa dele e enfiou na bolsa. Quando finalmente saiu do prédio, fez o papel em pedaços.

Quando Hubbard soube que Yvonne Gillham estava morrendo, mandou-lhe um telex perguntando se ela queria manter seu corpo ou passar para o próximo círculo. Ela decidiu que seria mais rápido simplesmente desistir, mas ainda queria a audição. Hubbard concordou em permitir que ela viajasse a Clearwater para "encerrar seu ciclo de chapéus",[d] o que quer dizer que ela instruiria seu sucessor no Centro de Celebridades antes de morrer.

Hana Eltringham estava de serviço na Flag, e ficou horrorizada ao ver sua amiga querida. Yvonne sentia-se tonta, frequentemente perdia o equilíbrio e seus pensamentos se dispersavam. Recusou-se a aceitar medicação porque isso interferiria no processo de audição. Chorosa, culpava-se pelo terrível *overt* que era morrer e desertar Hubbard. Estava desesperada para ver os filhos, despedir-se, mas eles eram mantidos afastados.[64]

Hubbard designou Catherine Harrington, uma das melhores amigas de

Yvonne, para conversar com ela a respeito das celebridades aos seus cuidados — quem era confiável para falar, quem era bom em recrutar outras celebridades. Yvonne discorreu sobre várias pessoas: alguns atores da televisão, um cantor pop mexicano, o produtor Don Simpson, Karen Black, Chick Corea e Paul Haggis, entre outros. Mas estava particularmente preocupada com Travolta. “Por favor, ajude-o.[65] Ele é especialmente sensível”, ela disse. Aconselhou Harrington a lidar com as celebridades do mesmo modo como tratava Hubbard: com muita delicadeza e a mente aberta. Gillham morreu em janeiro de 1978.

O filho de Spanky Taylor, Travis, nasceu em março pesando menos de um quilo e meio, embora não fosse prematuro. (Os dois filhos de Taylor estão vivos e saudáveis hoje.)

Muitos ex-membros da Sea Org consideram que sua saída da igreja foi marcada por confusão, pânico, pesar e conflito de lealdades. Muitos ainda se apegam a um relacionamento com a igreja, às vezes por anos, como Taylor, ou pelo resto da vida. Na coda da história de Taylor, um ano depois de deixar a Sea Org ela viajou a Houston para se encontrar com John Travolta. Na época ele estava filmando *Cowboy do asfalto*. Por iniciativa de Spanky, ela foi até lá a fim de “recuperá-lo” para a igreja. Soube que ele estava enfrentando problemas, e receava que os problemas dela o tivessem impedido de recorrer à igreja em busca de ajuda. Também era possível que, se ela trouxesse Travolta de volta ao rebanho, a posição dela na igreja melhorasse.

Como a maioria das celebridades, Travolta fora protegido do contato com as atividades mais recônditas da igreja. Os escândalos que periodicamente irrompiam na imprensa sobre a biografia de Hubbard ou seu desaparecimento, ou sobre o uso pela igreja de investigadores particulares e tribunais para perseguir seus críticos eram coisas que raramente chegavam ao conhecimento das estrelas da cientologia. Muitos simplesmente não queriam saber dos problemas internos de sua organização. Era bem fácil atribuir tais revelações a perseguição religiosa ou jornalismo sensacionalista. “A história tem dois lados,[66] mas não conheço os dois”, Travolta comentou despreocupadamente quando lhe perguntaram sobre a Operação Branca de Neve. “Não estou envolvido nisso.” Seja como for, para alguém como Travolta, tão publicamente associado à igreja, seria difícil simplesmente se afastar. Pediram-lhe que ele se declarasse publicamente, e ele o fez, muitas e muitas vezes.

O ator estava em sua casa em Houston. Ele e Taylor se encontraram à noite, depois do jantar, e comeram biscoitos com flocos de chocolate que ela trouxera. Ela explicou que deixara a Sea Org e estava agora com seus filhos, em seguida mudou rapidamente de assunto e perguntou a respeito dele. Ele descreveu os

problemas que estava enfrentando.

Ex-cientologistas fizeram relatos conflitantes sobre a tensa relação de Travolta com a igreja nessa época. A hierarquia da igreja estava preocupadíssima com a possibilidade de que fosse revelada a homossexualidade de seu mais valioso membro; ao mesmo tempo, estava disposta a usar isso contra ele. Bill Franks, ex-diretor executivo da igreja, falou à revista *Time* sobre o temor de Travolta de que a igreja revelasse sua identidade sexual[67] caso ele deixasse o rebanho. Jesse Prince afirmou que Travolta estava ameaçando se casar com um homem,[68] embora na época isso não fosse uma opção admitida em lei. Na opinião de Franks, a igreja prendera Travolta numa armadilha. Em dado momento, o astro pediu a Franks a garantia de que suas confissões privadas não seriam usadas contra ele. "Minhas sessões estão protegidas,[69] certo?", ele perguntou a Franks. Na verdade, oficiais da inteligência da igreja já tinham ordens de coligir material — o chamado *Dead Agent pack*[70] — a ser usado contra Travolta se ele desertasse.

Em Houston, porém, Travolta disse a Taylor que não achava estar precisando de recuperação; ele estava apenas dando um tempo. Mesmo assim, Taylor persuadiu-o a comprar um caro pacote de audições para poder voltar à Ponte. Ele havia parado seu curso[71] depois de completar o OT III.

Depois disso, Taylor recebeu de Hubbard uma carta com os dizeres "Muito bem".[72] O fundador perguntou se ela estava precisando de alguma coisa. Ela nada pediu para si, mas rogou a Hubbard que fizesse um "Sumário dos Erros da Pasta" para Travolta, um procedimento no qual o fundador examinaria pessoalmente todas as audições do astro ao longo dos anos em busca de erros — uma imensa honra para um cientologista. Uma mensageira lhe assegurou que isso seria feito.

No entanto, algum tempo depois Travolta parou de falar com Taylor. Priscilla Presley telefonou a Taylor e perguntou o que estava acontecendo. Presley encontrara Travolta por acaso, e ele disse que os dois deveriam marcar um encontro. "Vou convidar Spanky",[73] Presley ofereceu.

"Não, não chame Spanky", Travolta disse.

Ao ouvir isso, Spanky percebeu que fora declarada pessoa supressiva. Ninguém se dera ao trabalho de lhe informar, mas dali por diante nenhum cientologista teria permissão para falar com ela.

Taylor nunca mais tentou falar com Paul Haggis, pois receava comprometer o relacionamento dele com a igreja. Por sua vez, Haggis não tinha ideia do que acontecera a Spanky. Perguntava-se por que ela teria desaparecido. Mas sempre havia cientologistas entrando e saindo da vida dele. Membros da Sea Org,

inclusive amigos como Spanky, podiam ser subitamente despachados sem explicação para servir em outro lugar, ou mandados para Clearwater para algum treinamento avançado, ou para alguma base secreta da Sea Org, onde raramente entravam em contato com o mundo exterior. Isso talvez explicasse a ausência dela. Ele não fez perguntas. Identificou-se de pronto com a explicação dada pela igreja de que a cientologia estava sendo perseguida por uma imprensa inflexível e ignorante, por políticos interesseiros, burocratas carreiristas e policiais reacionários em busca de manchetes. Defendendo publicamente a cientologia, ele assumiu o grande fardo do desdém e ridículo rotineiramente dirigidos à igreja; e, desse modo, também se aliou às minorias perseguidas do mundo todo: era um deles.

Se soubesse que sua amiga tinha sido declarada supressiva, Haggis precisaria fazer uma escolha difícil. Uma escolha que, de qualquer modo, ele teria de confrontar logo. Em 1983, o parceiro de Haggis nos roteiros da série *Minha família é uma bagunça*, Howard Meyers, que também era cientologista, decidiu seguir um grupo dissidente liderado por David Mayo, que fora um dos mais graduados oficiais da igreja. Haggis disse a Meyers que não poderia mais trabalhar com ele. Como Meyers era o roteirista principal da série, Haggis se demitiu e foi procurar outro trabalho.

---

a Termo pejorativo para evangélicos que durante um culto entram em transe e rolam no chão (*rollers*), tomados pelo Espírito Santo (*Holy Spirit*). (N. T.)

b “Spanky” pode ser traduzido como “alguém que vive apanhando”. (N. T.)

c O advogado de Travolta nega que houve um acordo para visitar Spanky em troca de sua cópia pessoal de *Os embalos de sábado à noite.*

d *Hats* em inglês; no jargão da cientologia, designa o cargo ocupado pelo cientologista na organização. (N.T.)

5. Descartou o corpo

Hubbard nunca perdeu o interesse em ser diretor de cinema. Escreveu inúmeros roteiros[1] para filmes de treinamento da cientologia, mas ainda achava que poderia conquistar Hollywood. Tinha grandes esperanças especialmente para "Revolt in the Stars"[2] [Rebelião nas estrelas], um roteiro baseado num de seus romances. Inspirado pelo estrondoso sucesso de *Guerra nas estrelas*, Hubbard trabalhou no roteiro em 1979 com o lendário professor de atores Milton Katselas,[3] e seu objetivo era transformá-lo num longa-metragem.

Katselas, um diretor de teatro e cinema competente mas sem renome antes de assumir a direção da escola de atores Beverly Hills Playhouse, dirigira o filme *Liberdade para as borboletas*, estrelando Goldie Hawn e Edward Albert (Eileen Heckart ganhou o Oscar de melhor atriz coadjuvante). Katselas era um elo vital com a máquina hollywoodiana de celebridades da qual a cientologia dependia. A lista de seus pupilos incluía Al Pacino, Goldie Hawn, George C. Scott, Alec Baldwin, Ted Danson, Michelle Pfeiffer, Gene Hackman, George Clooney e muitos outros nomes menos conhecidos. Sua turma avançada de sábado, da qual só se participava sendo convidado, era vista por muitos jovens atores como um portal para o estrelato. Ele atingiu o grau de OT V e foi uma das mais lucrativas fontes de recrutas para a igreja; em troca, recebia comissão de 10% sobre as contribuições de seus alunos. Katselas chegou a pedir para participar da Sea Org, mas Hubbard disse que era mais importante continuar a fazer o que já vinha fazendo.

Quando Katselas e Hubbard acabaram de escrever o roteiro de "Revolt in the Stars", Hubbard enviou a Hollywood uma de suas principais mensageiras, Catherine Harrington, para fazer negócio. Depois da aventura marroquina, Hubbard a nomeara sua "oficial pessoal de relações públicas". Harrington tinha formação de financista e sabia conversar sobre dinheiro. Ofereceu o roteiro no mercado[4] e encontrou um comprador disposto a oferecer 10 milhões de dólares — na época esse teria sido o mais alto preço já pago por um roteiro, disseram-lhe. O Escritório do Guardião desconfiou e tratou de investigar os compradores. Descobriram que eram mórmons. Hubbard concluiu que a única razão de os mórmons quererem comprar seu roteiro seria para engavetá-lo. Harrington

acabou sendo mandada para a RPF, e quando protestou foi ainda mais rebaixada: relegaram-na à RPF da RPF, sozinha, na sala da fornalha sob a garagem da base Clearwater. O roteiro nunca foi filmado.

A localização de Hubbard era altamente secreta. Os cientologistas que perguntavam onde ele estava ouviam a resposta "além do arco-íris".[5] Nesse meio-tempo, um estúdio de filmagem completo, o Cine Org, foi montado num galpão no esconderijo de Hubbard em La Quinta. Com sua verve habitual, Hubbard se achava plenamente capaz de escrever, produzir e dirigir sua própria criação, mas se frustrava com sua equipe novata. Ele mandava repetir as cenas vezes sem conta, deixando todo mundo exausto, e raramente se satisfazia com o resultado. Andava pelo estúdio berrando ordens[6] ao megafone, às vezes na cara do humilhado membro da equipe.

Hubbard andava cada vez mais ranzinza e confuso. Dormia com guardas à porta, escondidos nas tamarineiras que ladeavam seu chalé. Certa manhã, acusou uma das mensageiras que ficava à porta de seu quarto de abandonar o posto. "Alguém entrou[7] e trocou o pé esquerdo da minha bota por outro meio tamanho menor", ele disse. "Até a desgastaram, para dar a impressão de que era a mesma bota. Alguém está tentando me fazer pensar que estou louco."

Pensando em melhorar os ânimos, vários membros do grupo criaram um esquete cômico, filmaram e deram o vídeo a Hubbard. Ele se ofendeu; tinha certeza de que estavam zombando dele. "Ele gritava[8] para a TV", lembrou um de seus executivos. "Mandou as mensageiras descobrirem os nomes de todos os envolvidos."

Um dos perpetradores[9] era um irreverente jovem operador de câmera chamado David Miscavige. Aos dezessete anos, Miscavige já era visto como uma ascensão meteórica na igreja. Passou os primeiros anos em Willingboro, Nova Jersey, um subúrbio na Filadélfia; esse foi um dos conjuntos imobiliários populares conhecidos como Levittown produzidos nos Estados Unidos depois da Segunda Guerra Mundial. David e seu irmão Ronnie jogavam futebol americano na liga infantil de um time chamado Pennypacker Park Patriots. Apesar de atlético, David tinha a desvantagem de ser miúdo e sofrer graves crises de asma,[10] que o levavam frequentemente ao pronto-socorro.

Seu pai, Ron Miscavige, que em diferentes momentos vendera utensílios de cozinha, porcelanas, seguros e cosméticos, foi o primeiro da família a ser atraído para a obra de Hubbard. Frustrado com a ineficácia do tratamento contra a asma ministrado a seu filho, Ron levou David a um conselheiro de dianética. "Foi para mim um milagre",[11] David declarou mais tarde, "e por isso decidi devotar minha

vida à religião.” Na verdade, a asma continuou a afligi-lo, e sua doença foi o centro do drama familiar dos Miscavige.

Logo Ron e sua mulher, Loretta, junto com os quatro filhos, estavam sendo auditados na missão da cientologia em Cherry Hill, Nova Jersey. Ronnie Junior era o filho mais velho. Depois vinham os gêmeos, David e Denise, e a caçula, Laurie. Em 1972 a família se mudou para a Inglaterra para fazer os cursos avançados na sede mundial da igreja em Saint Hill. Aos doze anos, David se tornou um dos mais jovens auditores da história da igreja. Chamavam-no de “Menino Prodígio”.[12]

Em junho do ano seguinte, Ron e Loretta tiveram de voltar aos Estados Unidos por alguma semanas. Precisavam de alguém que cuidasse de David enquanto eles e os outros filhos estivessem fora. Havia outro americano estudando em Saint Hill, Ervin Scott, cuja mulher também sofria de asma. Ele se recorda de que concordou em deixar que o rapaz ficasse com eles. Lembra-se de que, no primeiro encontro, os pais de David e a irmã gêmea vieram conhecê-lo antes de partir. Scott gostou imediatamente da família. O pai era “admirável e inteligente”,[13] a mãe, “muito bonita e simpática”, e a filha, “uma belezinha”. David, porém, sentou-se na ponta do sofá, sério, de braços cruzados. A família queria se assegurar de que Scott saberia o que fazer em caso de uma crise de asma. “Disseram: ‘Precisamos avisar você sobre Dave’”, recorda-se Scott. “‘David tem umas crises, umas crises muito incomuns.’” Os pais explicaram que ele ficava irritadíssimo quando sofria um ataque de asma.

> E então disseram, a começar pelo pai: “Quando esses episódios acontecerem, *não toque nele*!”. A mãe reiterou: “Sim, por favor, não toque nele!”. Perguntei “O que acontece?”, e eles responderam: “David fica muito, muito violento, e bate muito se for tocado”. E a irmã reforçou: “Ah, meu Deus, ele bate mesmo, com muita força!”

E a família toda frisou e voltou a frisar que David batera neles durante as crises.

Scott olhou para David, e se lembra de que o rapaz assentiu. Parecia quase vaidoso. Scott se lembra de ter pensado: “É como se ele sentisse um orgulho arrogante de quebrar a cara deles”.

Scott ficou perplexo. Não sabia que asma deixava a pessoa violenta. Pelo que ele soubesse, um indivíduo em crise ficava paralisado de pavor. Mesmo assim, afirmou que seguiria o conselho.

Na manhã seguinte, David veio para seu alojamento. Scott levou-o para fazer compras, depois a um pub, onde lhe comprou uma Coca-Cola. Scott também pediu uma bebida não alcoólica. Bateram papo com alguns outros auditores cientologistas, e David começou a se animar. Parecia satisfeito por estar em

companhia de auditores, mas Scott sentia que havia “certa falsidade” em seu comportamento.

Voltaram para o alojamento de Scott, viram televisão, e às 22 horas foram dormir. Scott pôs David na cama ao lado da janela, deixando uma fresta para que ele recebesse ar fresco. David adormeceu imediatamente. Scott estava habituado aos arquejos da respiração asmática, por isso também pegou logo no sono.

Scott se lembra de que, por volta da 1 hora, ouviu um grito. Pulou da cama e acendeu a luz. David estava inclinado na cama, apoiado num braço. Tinha o rosto arroxeado, os olhos revirados. Scott nunca tinha visto nada igual. Ia tocá-lo, mas se afastou e lhe aplicou um *assist* (ajuda) da cientologia. Disse a ele: “Muito bem, David, venha para o tempo presente”, repetindo duas vezes o comando. David piscou e acordou de chofre. Ainda estava desorientado, por isso Scott executou outro exercício da cientologia, chamado *locacional*: “Olhe para a parede. Olhe para a cama”. Devagar, David começou a recobrar o foco. Por fim, perguntou a Scott: “Bati em você?”.

“Não.”

“Ufa!”

David, ainda atordoado, tornou a adormecer depressa. Mas Scott estava inquieto. Observou o rapaz por mais uma hora, depois também voltou a dormir.

De manhã, David não se lembrava de nada do que tinha acontecido durante a noite. Preparou-se para tomar banho. Quando tirou a camisa do pijama, Scott ficou de queixo caído. Nunca tinha visto um garoto de treze anos com músculos daqueles. “Esse garoto tem físico de Arnold Schwarzenegger!”, pensou. “Um Arnold Schwarzenegger jovem e muito miúdo.”

Enquanto David estava no chuveiro, Scott deu uma olhada nos remédios na mesinha de cabeceira. Lembra-se de ter visto dois frascos e dois inaladores. Um deles era uma medicação comum vendida sem receita, mas todos os outros continham esteroides. Scott crescera numa fazenda, e usara esteroides não só para tratar doenças em animais, mas também para produzir massa muscular no gado. Será que isso estaria produzindo o mesmo efeito em Miscavige? (Na verdade, muitas medicações para asma contêm corticosteroides, que não têm o mesmo efeito que os esteroides anabólicos usados por halterofilistas e atletas. Mas os corticosteroides podem tolher o crescimento, e, se Miscavige os tomava, isso poderia explicar sua baixa estatura.) Scott decidiu escrever um comunicado sobre o que vira, a ser enviado ao oficial de Ética. “Temos aqui um cientologista, ele está usando drogas, e sofre crises muito fortes de asma que podem e devem ser tratadas com audições.” Ele também pediu a pasta de *preclear* de David, que deveria conter o registro de suas audições anteriores. Disseram-lhe que David não tinha pasta de *preclear*. Scott nunca ouvira falar de nenhum cientologista

sem essa pasta.

Scott trabalhou com David em parte de seu curso e treinamento. Às vezes o adolescente lhe parecia muito inteligente, mas robótico, e havia alguns conceitos que ele parecia não entender. Por exemplo, no mais básico exercício com o E-meter, que consistia simplesmente em tocar o medidor e deixá-lo funcionar, Scott se recorda que a mão de David tremia. “David, relaxe! É só um exercício”, disse Scott. David se acalmou e eles continuaram o exercício, mas Scott ficou perturbado. O garoto supostamente era um auditor qualificado, mas não parecia nem um pouco treinado. Segundo Scott, David admitiu que nunca auditara ninguém, e que, aliás, ele próprio nunca fora auditado. “Audição é para os fracos”, ele disse. De qualquer modo, ele rematou, ele já era *clear* desde uma vida passada. Scott escreveu outro comunicado.

O supervisor do curso se mostrou estranhamente impaciente com Scott por gastar tempo adicional com Dave nos exercícios. Havia ainda outra coisa esquisita. Um fotógrafo seguia David o tempo todo. Mais tarde, Scott ficou sabendo que uma revista da cientologia estava preparando um artigo sobre o mais jovem auditor a concluir seu internato na Sea Org. Scott estava complicando as coisas ao retardar o progresso de David.

Scott se lembra de que na segunda-feira David auditou um *preclear*. Quando David voltou à sala, parecia agitado, e Scott perguntou o que estava acontecendo. “Malditas mulheres!”,[14] David teria exclamado, segundo Scott. “Não deveria haver mulheres na Sea Org.” Scott soube que três mulheres estavam supervisionando o internato de David em Saint Hill. A atitude de David para com as mulheres era muito preocupante, como observou Scott em outro comunicado de conhecimento. Até então, ninguém do escritório de Ética dera resposta.

Isso mudou alguns dias depois. Scott foi chamado ao escritório de Ética. David se queixara de que Scott o estava enturbulando, isto é, perturbando, e causando problemas com a profusão de relatórios que andava redigindo. “Esse garoto é SP”, Scott alertou, “e é melhor vocês cuidarem dele.” Abriu a porta para sair, e David estava sentado do outro lado. Pela reação do garoto, Scott percebeu que David ouvira quando ele o chamara de pessoa supressiva. “Ele ficou apavorado”, disse Scott. Naquele mesmo dia David foi transferido para outro quarto, e seus pais logo voltaram dos Estados Unidos. Mas David evitou Scott todas as vezes em que se cruzaram.

Em agosto, Scott estava sentado no pátio defronte ao castelo e às salas de audição na propriedade de Saint Hill. Conversava com um amigo, um enfermeiro norueguês. De repente, ouviram uma jovem gritar. Scott se lembra de que olhou para cima e viu David com o rosto rubro e as veias saltando na testa.

Tinha uma pasta de *preclear* debaixo do braço. Atrás dele estava a jovem que gritara, com as mãos no flanco, visivelmente com dor. Segundo Scott, o enfermeiro exclamou: “Ele bateu na *preclear*!”.

Karen de la Carriere também era uma jovem interna em Saint Hill, e recebeu ordem de se juntar aos outros na sala dos internos. “Disseram-nos que David[15] Miscavige batera em sua *preclear*”, ela lembrou. “Ele tinha sido destituído do internato, e não deveríamos espalhar rumores nem ficar comentando sobre isso. Deveríamos esquecer o caso.”

Mas não era o fim da cientologia para David. Aos quinze anos, ele se tornou *clear* na vida presente. Em seu 16_{o} aniversário, em 1976, “enojado com a decadente situação[16] moral nas escolas ilustrada pelo irrefreado uso de drogas”, ele abandonou os estudos na décima série[17] e formalmente entrou para a Sea Org. Começou servindo em Clearwater; menos de um ano depois, foi transferido para os Mensageiros do Comodoro na Califórnia, onde mais uma vez chamou rapidamente a atenção da hierarquia com sua energia e comprometimento. Ascendeu ao posto de cinegrafista-chefe aos dezessete anos. Depois do esquete que causou a péssima impressão em Hubbard, David se redimiu[18] aos olhos do fundador reformando uma de suas casas, livrando-a de fibra de vidro, material ao qual Hubbard se dizia alérgico.

David Miscavige ocupava um lugar nos planos de Hubbard que poderia ter sido de Quentin. A diferença era que Miscavige mostrava um arrebatamento e uma concentração que Quentin nunca possuíra. Ele era implacável, incansável e doutrinário. Apesar de David ser tão jovem, Hubbard promoveu-o a chefe de ação, o encarregado de assegurar que as diretrizes de Hubbard fossem executadas com rigor e sem remorso. David cumpriu missões no mundo todo, em operações que as orgs locais não conseguiam levar a cabo — pelo menos não a ponto de satisfazer Hubbard.[a]

*

Hubbard concluiu em 1980 sua obra de mil páginas, *Battlefield Earth*. (O candidato republicano à Presidência Mitt Romney indicaria o livro[19] como seu romance favorito.) Hubbard esperava transformar a história num importante longa-metragem, por isso o diretor executivo da igreja, Bill Franks, propôs a Travolta que produzisse e dirigisse a obra. Travolta se empolgou. De repente, Franks recebeu uma ligação de Miscavige: “Me traga o John Travolta.[20] Quero conhecer esse cara!”. Miscavige começou a tratar o astro com vinhos e jantares. “Ele se mudou para cá e assumiu Travolta”, Franks recorda. Mas diz que,

privadamente, Miscavige comentava com ele: “O cara é veado. Vamos tirá-lo do armário”.

Fugindo de intimações de três grandes júris para depor e perseguido por 48 processos judiciais, todos nomeando o fundador, Hubbard escapou[21] das vistas do público no dia 14 de fevereiro de 1980 numa van Dodge com sofá-cama e cortinas de veludo. A van tinha sido adaptada[22] por John Brousseau, um membro da Sea Org que cuidava de todos os veículos de Hubbard. O elaborado plano de fuga envolveu descartar a van e trocá-la por um Ford cor de laranja. Nesse meio-tempo, Brousseau comprou outra van Dodge para Hubbard, idêntica à primeira. Cortou a original em pedaços e levou tudo para o ferro-velho. O Ford também foi desmontado e descartado.

Hubbard se instalou brevemente em Newport Beach, Califórnia, num apartamento de um dormitório com uma quitinete. No apartamento ao lado ficaram Pat e Annie Broeker, seus dois auxiliares mais próximos. Pat, um atraente ex-guitarrista de rock, adorou seu papel de agente secreto. Fazia pequenas tarefas de rua para Hubbard e se desdobrava para manter seu paradeiro em segredo. Sua mulher, Annie, uma das primeiras mensageiras do comodoro, era uma loura tímida, totalmente devotada a Hubbard.

Logo Hubbard decidiu que o endereço de Newport Beach estava em risco, e os três novamente botaram o pé na estrada. Pat dirigia uma picape Chevrolet rebocando um trailer Country Aire de treze metros que continha principalmente o guarda-roupa de Hubbard, e Annie pilotava um luxuoso ônibus-casa Blue Bird que John Brousseau comprara por 120 mil dólares em dinheiro vivo usando um nome falso. O Blue Bird trazia a reboque uma picape Nissan que Brousseau convertera em cozinha móvel. Por mais de um ano essa desajeitada caravana vagueou pelas Sierras, estacionando em parques pelo caminho. Nessa fase, Hubbard comprou um pequeno rancho com uma mina de ouro, mas só se fixou de fato em 1983, numa fazenda de cavalos em Creston, Califórnia, povoação com 270 habitantes na orla de San Luis Obispo e próxima a um rancho pertencente ao cantor country Kenny Rogers. Hubbard deixou crescer a barba e se apresentava como “Jack Farnsworth”.[23]

Hubbard estava acostumado a receber remessas regulares de dinheiro, mas depois de sua fuga toda a estrutura da igreja foi reorganizada, dificultando mais essas transferências clandestinas. Miscavige ordenou que 1 milhão de dólares fosse transferido semanalmente para o fundador, mas agora era preciso fazer transferências nominais dentro da lei. Um esquema que eles arrumaram consistia em encomendar roteiros baseados nas inúmeras ideias de Hubbard para filmes. Desse modo, Hubbard podia ser remunerado pelo “tratamento”: cerca de 100 mil

dólares[24] por ideia. Foram preparados cinquenta desses tratamentos.[25] Paul Haggis foi um dos autores convocados a participar. Ele recebeu uma mensagem do fundador lhe pedindo que escrevesse um roteiro intitulado “Influenciando o Planeta”. O roteiro deveria demonstrar a abrangência dos esforços de Hubbard para melhorar a civilização. Haggis escreveu-o em coautoria com outro cientologista, Steven Johnstone. “O que eles queriam[26] era horroroso”, Haggis admitiu. Hubbard lhe enviou bilhetes com o rascunho, mas aparentemente o filme nunca foi feito.

Nesse meio-tempo, Miscavige consolidou sua posição na igreja como o principal contato com o fundador. O título de seu cargo era chefe de operação de projetos especiais, um posto misterioso subordinado apenas a Pat Broeker. Miscavige tinha então 23 anos, e Broeker era uma década mais velho. Como porteiros, eles determinavam quais informações chegavam aos ouvidos de Hubbard. Sob a regência dos dois, alguns dos mais graduados executivos de Hubbard — pessoas que poderiam ser consideradas concorrentes de Miscavige e Broeker na futura direção da igreja — foram despedidos e trocados por gente bem mais nova.

Miscavige e Broeker se comunicavam em código por pager. A qualquer hora da noite, John Brousseau, o motorista de Miscavige, levava-o até um dos vários telefones públicos escolhidos entre Los Angeles e o condado de Riverside, onde ele aguardava um telefonema que lhe revelaria o local de encontro. Geralmente era em algum estacionamento. Os motoristas dos dois esperavam enquanto Miscavige e Broeker conversavam, às vezes durante horas.

Gale Irwin, que estivera no *Apollo* aos dezesseis anos e fora promovida a chefe da org Mensageiros do Comodoro, começou a estranhar. Os comunicados de Hubbard se tornavam cada vez mais paranoicos, e sua única linha de comunicação com o mundo exterior eram aqueles dois jovens ambiciosos. Quase todas as mensageiras que originalmente haviam servido a Hubbard no *Apollo* tinham sido expurgadas. David Mayo, que era o auditor pessoal de Hubbard, também estava impedido de fazer contato. Ele foi outro que começou a desconfiar de Miscavige, e ordenou que o jovem se submetesse a uma verificação de segurança, mas Miscavige não fez caso dessa ordem[27] direta de um superior. Gale Irwin disse que confrontou Miscavige e ele a derrubou no chão com um golpe de futebol americano. (A igreja nega todas as acusações de agressão por parte de Miscavige.)

Brousseau recebeu uma ligação[28] de Irwin. Ela estava nervosa. Disse que Miscavige estava psicótico. Pediu a ele que entrasse em contato imediatamente com Pat Broeker e solicitasse uma reunião. Quando Brousseau quis falar com

Miscavige, Irwin começou a gritar que Miscavige estava louco e tinha de ser contido. Brousseau não poderia falar com ele de jeito nenhum! Ele tinha de providenciar a reunião com Broeker imediatamente!

Brousseau levou-a de carro até um telefone público preestabelecido, do lado de fora de um restaurante Denny's em San Bernardino, que era usado em emergências. Enquanto esperavam a ligação do motorista de Broeker, uma van Dodge preta entrou em disparada no estacionamento e parou de chofre entre o carro de Brousseau e a cabine telefônica. As portas se abriram com força e meia dúzia de homens pulou da van, entre eles David Miscavige. Irwin diz que Miscavige usou uma chave de roda para bater na cabine telefônica, sem produzir muito estrago. Finalmente, ele conseguiu arrancar o receptor do fio. Miscavige ordenou que Irwin entrasse na van, e ela docilmente obedeceu.

Com essa ação, o golpe foi concluído: agora Miscavige e Broeker tinham o total controle da cientologia. O fundador estava isolado, engaiolado por sua notoriedade e paranoia. Ninguém sabia se as ordens vindas de além do arco-íris eram de Hubbard ou de seus representantes, mas a essa altura isso já não importava. Irwin foi rebaixada. Um ano depois, em 1984,[29] Miscavige declarou-a pessoa supressiva, o que aconteceria com quase todas as mensageiras originais, o círculo de assessores em quem Hubbard mais confiava. David Mayo foi mandado[30] para a RPF. Forçaram-no a correr em volta de um mastro no calor ardido do deserto doze horas por dia até seus dentes caírem.

Restava ainda um obstáculo para Miscavige remover. Em 1979, em consequência da batida do FBI, Mary Sue fora acusada e condenada por formação de quadrilha, junto com dez outros executivos da cientologia, recebendo a sentença de cinco anos de prisão apesar de indícios de que sua saúde estava em declínio. Ela sofria de pancreatite[31] crônica, um mal doloroso que impede a digestão dos alimentos. "Estava frágil e magra,[32] e totalmente desmemoriada de tudo o que fizera de errado", lembrou um cientologista que a acompanhou pela porta dos fundos do fórum em Washington. "Ela disse 'não quero ser fotografada'. Isso era mais importante para ela que o fato de estar indo para a cadeia por cinco anos."

Enquanto recorria do julgamento, ela ficou alojada numa casa confortável em Los Angeles, bem longe de Hubbard. Mary Sue punha a igreja, e particularmente seu marido, num dilema. Hubbard receava ser indiciado por um grande júri em Nova York que estava investigando a perseguição da igreja a Paulette Cooper, a jornalista que escrevera *The Scandal of Scientology.* Se Mary Sue se aborrecesse[33] com Hubbard o suficiente para envolvê-lo no caso, a cientologia seria devastada. Hubbard ditava frequentes cartas instruindo-a sobre o que dizer

aos promotores; ela lia as cartas e as destruía em seguida. Um grupo de mensageiras passava semanas organizando todas as ordens e correspondências relacionadas à Operação Branca de Neve e a outras possíveis atividades criminosas que o FBI não apreendera, e asseguravam que o nome de Hubbard[34] fosse removido de provas comprometedoras.

Mary Sue ainda contava com a lealdade e afeição de muitos cientologistas que a viam como mártir. Além disso, recusava-se a se divorciar de Hubbard e a renunciar a seu cargo de chefe do Escritório do Guardião. A vasta rede de inteligência que ela montara ainda operava em segredo, a portas fechadas. A org Mensageiros do Comodoro e o Escritório do Guardião eram braços paralelos e por vezes concorrentes de seus fundadores, e frequentemente se digladiavam pelo poder numa espécie de arrufo conjugal. Agora que Miscavige tinha o controle total da org Mensageiros do Comodoro, ele concluiu que o Escritório do Guardião tinha de ser arrancado das mãos de Mary Sue — porém sem enfurecê-la a ponto de despertar o desejo de vingança.

Na primavera de 1981,[35] uma delegação de mensageiros do comodoro, incluindo Miscavige e Bill Franks, foi ao encontro de Mary Sue numa sala de conferências no Hotel Westin Bonaventure em Los Angeles. Cada um deles trazia um microfone oculto. O audacioso plano de Miscavige era se apoderar do Escritório do Guardião e submetê-lo ao controle dos mensageiros, que na época eram cerca de cinquenta.[36] Milhares de guardiões[37] ainda trabalhavam para Mary Sue. Ela os tratava bem,[38] pagava salários decentes e lhes permitia viver em lares privados. A maioria permanecia leal a ela e achava que a estavam fazendo de bode expiatório. Esses teriam de ser expurgados.

Mary Sue recebeu friamente a delegação de mensageiros. O recurso de seu julgamento ainda estava tramitando, mas o resultado era claro: ela estava pagando o pato por um programa que Hubbard pusera em movimento. Compreendia a influência que ainda tinha na igreja e a ameaça que representava. Exigiu tratar diretamente com Hubbard, mas Miscavige recusou. Ele controlava tão completamente o acesso ao fundador que nem a própria esposa conseguia entrar em contato. O casal não se falava[39] fazia mais de um ano. Mary Sue xingou Miscavige[40] e ameaçou atirar nele um cinzeiro. Mas sua posição na negociação era fraca, a menos que ela se dispusesse a trair tudo o que trabalhara para construir junto com o homem que ela ainda acreditava ser um salvador.

Deve ter sido torturante para ela negociar com Miscavige, um rapaz de 21 anos — a idade que Mary Sue tinha quando se casara com Hubbard. Privadamente, ela o chamava de “Pequeno Napoleão”.[41] Em troca de sua renúncia à chefia do Escritório do Guardião, os mensageiros ofereciam uma casa

e um acordo financeiro. Mary Sue tinha vultosos honorários jurídicos a pagar, e nenhum outro meio de sustento. A pretexto de precisar resolver os problemas que ela deixaria na esteira de sua renúncia, Miscavige enumerou vários temas, incluindo até alguns assassinatos[42] que teriam sido cometidos por um membro do Escritório do Guardião em Londres. Ele queria ter a voz dela gravada confessando outros crimes, que poderiam então ser comunicados ao governo. Isso foi feito com conhecimento de Hubbard, afirma Bill Franks: "Hubbard a queria fora do caminho.[43] Queria todas as armas apontadas contra ela para poder atravessar sua velhice sem se preocupar com a possibilidade de ir preso".

Mary Sue perdeu seu último recurso. Começou a cumprir a pena de cinco anos em Lexington, Kentucky, em janeiro de 1983. Hubbard nunca a visitou na prisão. As cartas dela não eram respondidas. "Acho que ele não as recebe",[44] ela concluiu depois. Foi libertada depois de cumprir um ano de pena. Nunca mais tornou a ver o marido.

Muitas pessoas que se filiaram à igreja durante a gestão de Hubbard diriam mais tarde que as maquinações de Miscavige contrariavam a vontade do fundador. Mas existem indícios de que ele agia por ordens de Hubbard. Jesse Prince afirma que, quando Hubbard se irritava com alguém, mandava Miscavige bater na pessoa ou cuspir nela e depois vir lhe prestar contas. Larry Brennan, que era membro do "Comitê Cão de Guarda" da igreja, encarregado dos assuntos jurídicos, vira que uma pequena infração podia ser inflada para se classificar como violação grave que justificava a penalidade mais severa. Não aconteciam erros, apenas crimes. Toda ação era premeditada. Essa lógica não permitia defesa.

Uma vez por semana, depois que Hubbard desapareceu, Brennan tinha de dirigir 150 quilômetros de Los Angeles até a cidadezinha de Hemet, a sudeste, para redigir relatórios confidenciais a serem enviados ao líder ausente. A igreja tinha ali uma base secreta, num ex-balneário conhecido como Gilman Hot Springs. Duas bases da Sea Org, Gold e Int., situam-se no antigo balneário Gilman. A Gold Base foi assim batizada como referência à Golden Era Productions, o estúdio de gravação e filmagem que Hubbard equipou com grande luxo para fazer seus filmes e produzir material para a cientologia. A Int. Base é o quartel-general internacional da igreja. No lado norte da rodovia, aninhada nas colinas áridas, está Bony View, a casa onde Hubbard esperava um dia morar. Miscavige tem um escritório nessa propriedade. Poucos cientologistas, e quase ninguém que não pertença à igreja, sabiam de sua existência. A comunidade local foi informada de que aquela propriedade falida

na Highway 79 da Califórnia tinha sido comprada em 1978 pelo “Clube da Quietude Scottish Highland”.[45] A maioria dos membros da Sea Org nessa base não fazia a menor ideia de onde estava; haviam sido transportados durante a noite da ex-base em La Quinta por uma rota deliberadamente tortuosa.

A Gold Base era o único lugar considerado suficientemente seguro para Brennan enviar seus comunicados. Brennan diz que em fins de 1982 viu Miscavige maltratar três executivos da cientologia que haviam cometido algum erro secundário. Os três transgressores foram alinhados diante do líder. Segundo Brennan, Miscavige deu um soco na boca do primeiro. Esbofeteou o segundo com força. Esganou o terceiro, e Brennan pensou que o homem iria perder os sentidos. Nenhuma explicação foi dada. Isso aconteceu num período no qual Hubbard andava furioso porque sua situação legal o deixava num limbo e ele estava preocupado com as finanças da igreja. Brennan tinha acesso a toda correspondência enviada por Hubbard para o Comitê Cão de Guarda, e sabia que Hubbard estava exigindo ação: “Ele queria uma cabeça numa lança”,[46] disse Brennan.

Gold Base, a propriedade da cientologia em Gilman Hot Springs, Califórnia. Inclui Bonnie View (ao fundo, no centro), que aguarda o esperado dia em que Hubbard regressará de outras esferas, o prédio da administração (à direita), onde estão os escritórios de Miscavige, e os apartamentos do pessoal da base (na frente, à direita).

Brennan conta que, depois da surra, os três executivos foram mantidos prisioneiros na base.[b] Deram-lhes tarefas subalternas, e os membros da Sea Org cuspiam neles sempre que os encontravam. Mais tarde, um dos três homens procurou Brennan, chorando, com medo do que poderia lhe acontecer. “Ele precisou de muita coragem para vir falar comigo, pois não estavam autorizados a me dirigir a palavra se não falassem com eles primeiro”, Brennan recordou. “Eu tinha nas mãos as ordens de Hubbard para cuspir nele. Não consegui fazer isso.”

Em dezembro de 1982, David Miscavige se casou com Michelle “Shelly” Barnett, uma loura miúda de 21 anos. Ela fora uma das primeiras mensageiras do comodoro no *Apollo*. Calada, franzina e mais jovem que a maioria das outras mensageiras na época — tinha uns doze anos quando entrou para a organização —, ela era um tanto eclipsada pelas outras meninas. “Era uma garota meiga[47] e inocente jogada no caos”, lembrou um de seus colegas de tripulação.

John Brousseau era casado com a irmã mais velha de Shelly, Clarisse, e um dia sugeriu que os dois casais fossem pescar. Miscavige nunca estivera numa pescaria. Foram de carro até o Hemet, um lago glacial nas montanhas acima da Gold Base. Era um lindo dia de primavera, o sol cintilava na água, soprava uma brisa leve, as flores silvestres tinham desabrochado e os pássaros cantavam. Todos estavam de short ou calça jeans. Tinham levado sanduíches e refrigerantes para um piquenique.

Brousseau fez iscas com ovas de salmão e ensinou os outros a jogar a linha. Era só esperar que ela chegasse ao fundo, acomodar-se e aguardar, ele disse. Quem sabe alguma truta mordesse.

Brousseau se lembra de ter relanceado os olhos para Miscavige alguns minutos depois. Miscavige tremia visivelmente, as veias saltadas. “Você só pode estar de brincadeira[48] comigo!”, ele disse. “É só essa merda? Ficar sentado esperando?”

Brousseau respondeu que a ideia era mais ou menos essa.

“Não aguento!”, Brousseau lembra de ter ouvido David dizer. “Me dá vontade de pular na água e agarrar um peixe com as mãos. Ou enfiar o anzol na garganta desses filhos da puta!”

Acabou-se a pescaria.

Depois do suicídio de Quentin e da sentença de prisão de Mary Sue, o resto da família de Hubbard se desmembrou. A filha mais velha, Diana, fora o principal apoio do pai. Ela e o marido, Jonathan Horwich, viviam na Flag Base na cobertura do Fort Harrison em Clearwater com a filha, Roanne. Hubbard se tornou cada vez mais distante, por isso Diana decidiu tentar a sorte como cantora

e compositora. Lançou um álbum de *softjazz* intitulado *LifeTimes* em 1979, acompanhada por músicos cientologistas renomados, como Chick Corea e Stanley Clarke. Na capa ela aparece de vestido preto, lábios entreabertos, braços cruzados, os ombros muito brancos arqueados e os cabelos ruivos até a cintura esvoaçando ao vento.

Embora o álbum não tenha chamado muito a atenção, Diana decidiu deixar o marido e a Sea Org e se casou com John Ryan, um cientologista que produzira o disco. Mudou-se para Los Angeles para se dedicar à música. Horwich concordou com o divórcio, mas não quis se separar de Roanne, que na época tinha dois anos. Hubbard apoiou veementemente essa decisão, mas Mary Sue se opôs. Ela queria ter a neta perto de si, e começou a mexer os pauzinhos para conseguir a custódia da menina para Diana.

Várias missões foram enviadas para negociar com Diana, mas ela não arredou pé. Por fim, incumbiram Jesse Prince da tarefa. "Era uma missão desesperada",[49] ele recordou. Se não conseguisse obter a custódia plena de Roanne para Horwich, ele seria mandado de volta para a RPF. Diana, não se sabe por quê, assinou a liberação. Hubbard adorou. Recompensou Prince com um casaco de couro, uma corrente de ouro, algum dinheiro e um fuzil de assalto M14.

Suzette, a irmã mais nova de Diana, estava cada vez mais ressentida. A morte de Quentin tinha sido um golpe duro, mas a ausência de uma cerimônia depois, o fato de que o nome dele havia sido essencialmente apagado da história da família, encheu-a de amargura e desconfiança. Ela tinha saudade de sua infância afetuosa em Saint Hill, quando a mãe lia para ela e o pai ria e a jogava para o alto. Isso ficara para trás fazia muito tempo. As forças que desintegravam sua família eram poderosas demais para que ela resistisse. Suzette não queria nada além de se afastar, começar sua própria família. Mas isso não era fácil. Tentou fugir com um membro da Sea Org que conhecera anos antes em Washington. "Nos apaixonamos[50] e queríamos nos casar e viver juntos pelo resto da vida", contou depois seu pretendente, Arnaldo Lerma. Ele fugiu para Clearwater; os dois fizeram exames de sangue e obtiveram uma licença de casamento. Suzette acabou confessando o plano numa sessão de audição. "Ela deu com a língua nos dentes, e eu acabei preso — ou melhor, detido", disse Lerma.

> Eu me lembro de estar numa sala com uma cadeira, uma lâmpada e dois sujeitos do outro lado da porta. Fui interrogado por várias horas. Não me surraram, golpearam nem agrediram fisicamente. Mas me recordo bem do trato que me propuseram: "Nós lhe garantimos uma passagem a salvo para fora do estado da Flórida com todas as partes do corpo juntas se você disser a Suzette Hubbard que o casamento foi cancelado".

Lerma fez o que mandaram e deixou a igreja. Tempos depois, quando Hubbard soube de outro homem em que Suzette estava interessada, pagou-lhe

para que se afastasse. Ela estava isolada e desesperadamente solitária.

Finalmente Suzette se casou em 1980, aos 25 anos, com um cientologista chamado Michael Titmus. Mas Hubbard também não confiava nele. Titmus foi mandado para a RPF e denunciado como infiltrador. Suzette recebeu ordem de se divorciar, e obedeceu. Logo depois, foi transferida para a Gold Base para trabalhar na Unidade Doméstica, fazendo faxina e lavando roupa — para David Miscavige, entre outros.

Em 1985, com Hubbard recluso, a igreja enfrentou dois de seus mais complicados problemas com a Justiça. Em Los Angeles, um ex-membro da Sea Org, Lawrence Wollersheim, exigiu indenização de 25 milhões de dólares por perturbação emocional decorrente de "lavagem cerebral" e agressão emocional. Declarou que foi forçado a se desligar da família e que ficou trancado dezoito horas por dia no porão de um navio ancorado em Long Beach, Califórnia, privado de sono e alimentado apenas uma vez por dia. Depois de atingir o nível OT III, disse Wollersheim, seu "sentimento íntimo de identidade"[51] foi destruído. "Em OT III você descobre que é na verdade milhares de seres individuais lutando pelo controle do seu corpo. Alienígenas remanescentes de guerras espaciais que lhe provocam câncer, fazem você enlouquecer ou o tornam impotente", ele recordou mais tarde. "Fiquei psicótico em OT III. Perdi a noção de quem eu era."

Para fundamentar as acusações, o advogado de Wollersheim apresentou como evidências alguns materiais altamente confidenciais da cientologia, inclusive os segredos do OT III. Na época, eram materiais ainda desconhecidos do público em geral. A abertura do baú de segredos da cientologia não só seria uma violação da santidade de suas doutrinas esotéricas mas também, da perspectiva da igreja, representava uma violação de direitos autorais e uma potencial catástrofe para os negócios. Os que estavam subindo a Ponte agora conheceriam seu destino. A névoa de mistério se dissiparia.

Wollersheim entrara com a ação judicial em 1980, mas os advogados da cientologia vinham se desdobrando para postergá-la com recursos e requerimentos. Começou secretamente uma campanha[52] para desacreditar ou chantagear o advogado de Wollersheim, Charles O'Reilly. Instalaram equipamento de escuta clandestina em sua casa, e um agente da cientologia se infiltrou em seu escritório. Houve uma tentativa de enredar o advogado ou seus guarda-costas numa situação comprometedora com mulheres. A igreja também assediou o juiz do caso, Ronald Swearinger. "Eu era seguido",[53] disse depois o juiz. "Cortaram os pneus do meu carro. Meu collie se afogou na piscina." Uma ex-executiva da cientologia, Vicki Aznaran, testemunhou mais tarde que houve

tentativa de comprometer o juiz com um flagrante de seu filho,[54] que descobriram ser gay, com um rapaz menor de idade.

Quando o caso finalmente foi a julgamento, a igreja lotou a sala do tribunal com cientologistas do nível OT VII. "Eles pensavam que os OT VII podiam mover montanhas", disse Tory Christman, ex-membro da Sea Org. Embora na época ela fosse apenas OT III, persuadiu autoridades da igreja a permitir sua presença na sala. Os cientologistas direcionaram suas intenções para o juiz e o júri, esperando influenciar telepaticamente suas decisões.

Numa sexta-feira à tarde, o juiz anunciou que os documentos do OT III seriam tornados públicos às 9 horas da segunda-feira seguinte, e disponibilizados aos interessados por ordem de chegada. Era o desastre que a igreja temia. Quando o tribunal abriu, na segunda-feira, havia 1500 cientologistas[55] na fila. Eles encheram três corredores da sala do tribunal e assoberbaram os escriturários com pedidos de cópias dos documentos, para impedir quaisquer outras pessoas de pôr as mãos no material confidencial. Assim prosseguiram até o juiz emitir uma liminar ao meio-dia, condicionando a liberação a um depoimento mais adiante naquela semana. Apesar desses esforços, o *Los Angeles Times* conseguiu uma cópia dos materiais do OT III e publicou um resumo.

"A principal causa dos problemas[56] da humanidade teve início há 75 milhões de anos", começa a reportagem do *Times.* Em tom premeditadamente neutro, o longo artigo revela a cosmologia secreta da cientologia. O planeta Terra, antes chamado Teegeeack, era parte de uma confederação de planetas sob a liderança de um déspota chamado Xenu. Embora os detalhes fossem superficiais, os segredos que haviam estarrecido Paul Haggis subitamente vieram a público. O júri determinou uma indenização de 30 milhões de dólares a Wollersheim.[c] Pior que o custo financeiro foram a ridicularização da igreja no mundo inteiro e a perda do controle de suas doutrinas secretas. A igreja nunca se recuperou desse golpe.

O outro problema com a Justiça naquele ano envolveu Julie Christofferson Titchbourne,[57] uma jovem desertora que gastara em aconselhamento da cientologia suas economias destinadas a pagar a universidade. Ela alegou que a igreja afirmara falsamente que a cientologia melhoraria sua inteligência, criatividade, habilidades de comunicação e até sua visão. Pela primeira vez, boa parte da biografia de Hubbard foi contestada. A litigante disse que Hubbard fora apresentado como físico nuclear e engenheiro civil. As evidências mostravam que ele frequentara a Universidade George Washington mas nunca se formara. Em resposta às afirmações de Hubbard de que ele curara a si mesmo de ferimentos recebidos durante a Segunda Guerra Mundial, as evidências

mostraram que ele nunca havia sido ferido. Outras revelações embaraçosas vieram à luz. A igreja declarava que Hubbard recebia remuneração menor que a de um funcionário médio da cientologia — na época, cerca de quinze dólares por semana —, mas testemunhas da queixosa declararam que, num semestre de 1982, cerca de 34 milhões de dólares foram transferidos da igreja para a conta bancária pessoal de Hubbard a partir de uma empresa na Libéria.[d] Um ex-cientologista descreveu sessões de treinamento nas quais os membros eram submetidos a intimidações e humilhações em assuntos delicados até que se dessensibilizassem e deixassem de reagir. Em dois desses casos de "atormentação",[58] Christofferson Titchbourne viu o filho de oito anos do arquivista repetidamente pôr as mãos por baixo do vestido de uma estudante e uma treinadora abrir a braguilha de um estudante e acariciar seus genitais. O júri pareceu mais perturbado pelo testemunho de que membros do Escritório do Guardião haviam vasculhado pastas de audição de afiliados em busca de material libidinoso que pudesse ser usado para chantagear desertores em potencial. Christofferson Titchbourne originalmente pedira indenização de 30 milhões de dólares à igreja. O júri estipulou 39 milhões.[59] Na época, essa quantia poderia ter levado a cientologia à falência.

Naquela noite, Miscavige e outros membros da hierarquia da igreja tiveram uma soturna reunião num condomínio de Portland, Oregon. Um dos executivos jurou que Christofferson Titchbourne nunca receberia porque ele iria matá-lo. "Não me importo se me mandarem para a cadeira elétrica",[60] ele disse. "É só uma vida." Fez-se um demorado silêncio, e por fim Miscavige disse: "Não, eis o que vamos fazer". E inventou naquele momento a cruzada de Portland.

Doze mil cientologistas vieram[61] do mundo todo em maio e junho de 1985 para protestar contra o julgamento, na que foi chamada Batalha de Portland. Dia após dia, marchavam ao redor do fórum do condado de Multnomah gritando "Liberdade religiosa já!" e portando bandeiras com os dizeres TRIUNFAREMOS! Chick Corea veio do Japão para tocar num show, junto com outros músicos afiliados à igreja, entre eles Al Jarreau, Stanley Clarke e Edgar Winter. Stevie Wonder[62] telefonou e cantou "I just called to say I love you" sob os aplausos da multidão.

A mais notável presença em Portland foi John Travolta. Esse foi um momento decisivo em seu relacionamento com a religião. A igreja fizera imensos esforços para persuadi-lo a comparecer. Dois anos antes da Cruzada de Portland, Travolta dissera à revista *Rolling Stone* que, embora acreditasse na cientologia, fazia um ano e meio que não se submetia a uma audição. Quando lhe perguntaram se a igreja o estava explorando para promover sua causa, ele respondeu:

> Tenho agido mais ou menos como um avestruz[63] nesse assunto de ser usado, pois não investiguei exatamente o que a organização fez. Parte de mim diz que, se alguém tem algum benefício com ela, talvez isso seja bom. A outra parte diz que eu espero que ela demonstre bom gosto e discrição. Gostaria de poder defender melhor a cientologia, mas em certo sentido acho que ela nem merece ser defendida.

No entanto, lá estava ele em Portland, barba por fazer, exausto depois de ter pilotado seu avião particular à meia-noite para uma visita de duas horas. “De vez em quando[64] a gente precisa defender aquilo em que acredita, e aqui estou esta noite; recebi aconselhamento, dou aconselhamento e não quero perder isso”, ele declarou. “E é simples assim.”

A Cruzada de Portland foi um dos maiores triunfos da história da cientologia, culminando com a declaração do juiz de que o julgamento era anulável em razão de erro relevante. O juiz concluiu que os advogados de Christofferson Titchbourne[65] haviam apresentado argumentos preconceituosos ao júri quando afirmaram que Hubbard era um sociopata e que a cientologia não era uma religião, e sim uma organização terrorista. Os membros da igreja que estiveram em Portland levariam sempre consigo um arrebatador sentimento de irmandade. (Um ano e meio depois, a igreja fez um acordo com Christofferson Titchbourne, mas o valor não foi revelado.)

Durante anos, o declínio da saúde de Hubbard foi um segredo conhecido por poucos nos escalões superiores da igreja. Apenas um punhado de seus seguidores mais próximos tinha permissão para vê-lo. Ele não tomara medidas claras para nomear um sucessor, e também não se falava abertamente sobre isso. Havia a crença tácita de que os thetans operantes não ficavam frágeis nem perdiam suas faculdades mentais. A velhice e a doença eram refutações embaraçosas de crenças fundamentais da cientologia.

A morte era um assunto que Hubbard raramente abordava. Ele assegurava aos cientologistas que ela era pouco importante: “Se você tivesse um carro[66] ali na rua, fosse lá para fora certo de encontrar o carro e ele tivesse desaparecido, sido roubado etc., você se aborreceria”, ele disse em 1957, refletindo sobre a morte de um de seus seguidores próximos. “Pois esse é justamente o estado de espírito em que geralmente um thetan se vê quando descobre que seu corpo está morto.” O thetan precisa se apresentar numa área “entre vidas”,[67] Hubbard explicou mais tarde, a qual, para a maioria deles, é o planeta Marte. Ali o thetan recebe um “implante de esquecimento”. “O implante é interessantíssimo”, escreveu Hubbard posteriormente. “O *preclear* é sentado defronte a uma roda que contém diversas figuras. Conforme a roda gira, as figuras se afastam dele. […] O efeito geral é lhe dar a impressão de que ele não tem vida passada.” O thetan é então

mandado de volta à Terra para pegar o corpo de um bebê assim que ele nasce. “O bebê respira[68] pela primeira vez, e pronto, o thetan o pega.” Às vezes há escassez de novos corpos, e ocasionalmente um thetan segue uma mulher grávida à espera do momento do parto, para que ele possa dar o bote. Ao contrário, quando um corpo[69] morre, é importante que o thetan seja libertado o mais depressa possível, preferivelmente cremando o corpo e espalhando as cinzas na água de modo que os restos não se unam. “É muito confusa[70] toda essa questão da morte”, observou Hubbard. “É até engraçado, na verdade, quanto se paga para isso e para aquilo, a quantidade de flores e esse tipo de coisa que se põe em volta dos corpos mortos depois que o thetan já se mandou *etc*. É bem divertido.” Ele se apresentava como especialista no assunto, dizendo que já fora declarado morto[71] mas voltara à vida em duas ou três ocasiões.

Hubbard sofreu um grave derrame em 16 de janeiro de 1986, no rancho Creston. Percebeu que eram seus últimos dias. Chamou Ray Mithoff, um de seus mais antigos mensageiros, para ajudá-lo a pôr seus assuntos em ordem e administrar um “*assist* da morte”.[72] Não pediu para ver ninguém da família; aliás, um de seus últimos atos foi assinar um testamento reduzindo a herança de seus familiares, exceto uma provisão para Mary Sue, que recebeu 1 milhão[73] de dólares, valor que talvez possa fazer parte do acordo que a impediu de testemunhar contra ele. Ele já havia negado a paternidade da filha Alexis, um constrangedor lembrete de seu casamento bígamo com Sara Northrup. De camisolão, Hubbard andava de um lado para outro e dizia: “Vamos acabar logo com isto![74] Estou com dor de cabeça!”. Assinou o testamento com mão trêmula.

Hubbard também proclamou a Flag Order 3879, “A Sea Org e o Futuro”, na qual se promoveu a almirante e se reformou no posto de comodoro. Instituiu um novo posto, oficial leal, inspirado nos denodados membros da Confederação Galáctica que aprisionaram o tirano Xenu. Hubbard nomeou apenas duas pessoas para esse posto, Pat e Annie Broeker. Eram um casal atraente, seus conselheiros mais próximos; claramente, ele estava lhes passando o cetro. “Vou fazer o reconhecimento[75] do caminho e as primeiras missões de levantamento dos portos”, Hubbard prometeu a seus seguidores. “Vamos nos reencontrar adiante.”

Na noite de sexta-feira, 24 de janeiro de 1986, Hubbard morreu no ônibus Blue Bird que fora sua habitação nos últimos três anos. Ray Mithoff, Pat Broeker e o médico pessoal de Hubbard, Eugene Denk, estavam ao lado dele, juntamente com um punhado de acólitos e empregados. Seu corpo havia sofrido os estragos usuais da idade avançada, somados às consequências da obesidade e de uma vida

inteira de fumante inveterado. O dr. Denk lhe aplicara[76] injeções do tranquilizante Vistaril, geralmente prescrito para ansiedade. Os poderes que a cientologia supostamente concedia não foram mais evidentes na morte de seu fundador do que tinham sido durante a vida.

Naquela noite, mais tarde,[77] alguns altos executivos e dois investigadores privados foram a um restaurante em Paso Robles. Pat Broeker os recebeu e os conduziu ao rancho Creston. O local era tão secreto[78] que nenhum dos executivos, nem mesmo Miscavige, jamais estivera lá. Chegaram por volta das 4 horas. Earle Cooley, advogado da igreja, encarregou-se do corpo. Às 7h30, cerca de doze horas depois da morte de Hubbard, a sala mortuária de San Luis Obispo foi notificada. Cooley exigiu a cremação imediata, mas, quando a dona da funerária viu o nome no atestado de óbito, chamou o legista. Ao saber que Hubbard tinha assinado um novo testamento na véspera da morte, o legista ordenou uma autópsia, mas Cooley apresentou um documento assinado por Hubbard declarando que uma autópsia violaria suas crenças religiosas. O advogado, porém, permitiu ao legista extrair uma amostra de sangue e as impressões digitais para atestar que o corpo era realmente de Hubbard. Haveria muitas perguntas, pois o fundador não fora visto em público por quase seis anos.

Outro problema tinha de ser resolvido depressa: como explicar a morte de Hubbard aos cientologistas. Broeker e Miscavige bolaram um plano: Hubbard não morreu; ele intencionalmente "descartou seu corpo"[79] a fim de passar para um nível mais elevado de existência.

Miscavige disse aos outros executivos que não queria nada dessas "baboseiras de luto".[80] Sinar Parman, ex-cozinheiro de Hubbard, chegou na mesma manhã para organizar a comida e a logística. Encontrou Annie Broeker sentada no chão da cabina, em companhia da mulher de Miscavige, Shelly. Annie obviamente estivera chorando. Enquanto isso, ele notou que Miscavige e Broeker estavam em outra sala. "Contavam piadas", ele lembrou. "Estavam em êxtase. Nunca tinham sido tão felizes."

No domingo, as cinzas de Hubbard foram espalhadas no Pacífico.

No dia seguinte, mais de 2 mil[81] cientologistas se reuniram no Hollywood Palladium para um anúncio especial. A notícia ainda não fora divulgada. Miscavige subiu ao palco. Tinha 25 anos. Trajava seu uniforme da Sea Org, paletó transpassado, gravata preta e um cordão dourado sobre o ombro direito. Para a maioria dos cientologistas, essa foi a primeira visão do homem que dominaria a religião nas décadas seguintes à morte do fundador. Baixo e alinhado, cabelos castanhos e feições aquilinas, Miscavige anunciou à congregação de cientologistas que nos últimos seis anos de exílio Hubbard havia

investigado novos níveis superiores de OT. “Ele agora passou[82] para o nível seguinte”, disse. “Está além de qualquer coisa que qualquer um de nós jamais imaginou. Esse nível é cumprido num estado exterior. Isso significa que é cumprido totalmente fora do corpo.” Alguém na plateia deu um assobio de admiração. “Nesse nível de OT, o corpo nada mais é que um impedimento, um estorvo a qualquer ganho adicional na condição do OT.” A plateia começou a se agitar conforme se dava conta do que se tratava. “Portanto…”, disse Miscavige, fazendo uma pausa e ajustando o microfone. “Portanto, às 2 mil horas, sexta-feira, 24 de janeiro, d.D. 36 [isto é, 36 anos depois da publicação de *Dianética*], L. Ron Hubbard descartou o corpo que usou nesta vida por 74 anos, dez meses e onze dias.” Miscavige se virou para uma grande foto do comodoro Hubbard com o mar ao fundo e começou a aplaudir. “Hurra! Hurra!”, ele gritou, e a plateia ecoou: “Hurra! Hurra!”.

Missionários tinham sido enviados[83] a centros da cientologia do mundo todo para coordenar o anúncio da morte de Hubbard. Em seguida, foram para Los Angeles e se reuniram na mansão Liberace em West Hollywood, perto da sede da igreja. A maioria dos executivos naturalmente supunha que a liderança já havia passado para Pat e Annie Broeker, os oficiais leais, então o mais alto posto ocupado. Parecia ser essa a mais evidente declaração da linha de sucessão que alguém poderia encontrar. Miscavige não foi mencionado na derradeira declaração do fundador.

Jesse Prince estava na reunião, recém-chegado da Itália, aonde fora dar a notícia aos cientologistas. Depois de sua longa doutrinação na RPF, Prince se tornara um membro de confiança do círculo central da Sea Org. Ele e Miscavige tinham uma relação amistosa. Prince percebeu que Miscavige estava inquieto quando lhe confidenciou que era preciso fazer alguma coisa a respeito de Pat Broeker. Durante o serviço em memória a Hubbard no Hollywood Palladium, Broeker dissera à congregação de cientologistas que Hubbard fizera importantes descobertas em seus estudos. Naquela altura, o nível mais alto possível na Ponte para a Liberdade Total era OT VII (OT VIII só viria a ser introduzido dali a dois anos). Broeker surpreendeu todo mundo dizendo que, antes de descartar seu corpo, Hubbard tinha completado os níveis OT IX e OT X. Chegou a exibir uma página manuscrita e dizer que provinha de OT X. Era uma longuíssima série de números: uma data, ele disse. Uma data tão remota no passado que ele não era capaz de enunciá-la em palavras, exceto dizendo que tinha aproximadamente 180 numerais em “doze linhas e dezoito colunas”.[84] “Eu queria mostrar a importância, a magnitude do que ele fez”, disse Broeker. A plateia soltou risinhos espantados. Esse aperitivo em forma de materiais de OT X reforçou a

posição de Broeker como o novo líder da igreja. Só ele sabia o que havia à frente.

Toda nova religião enfrenta uma crise existencial com a morte de seu fundador carismático. No seu trabalho missionário, o apóstolo Paulo manteve vivo o cristianismo depois da crucificação de Jesus. Brigham Young salvou a Igreja dos Santos dos Últimos Dias depois do assassinato de Joseph Smith, liderando o êxodo dos mórmons através das Grandes Planícies até Utah. Gênios religiosos surgem com frequência, mas o teste histórico recai sobre o sucessor, cujo destino é ser sempre eclipsado pelo fundador. Miscavige conhecia seus próprios talentos e limitações. Não fingia ser profeta, e também não era habilidoso nas relações públicas. “Pensam que estou tentando[85] ser o líder”, ele confidenciou a seu cunhado, John Brousseau. “Esse não é meu trabalho. Eu sou o capataz.” No entanto, outros possíveis sucessores tinham sido expurgados ou fugido da organização, restando apenas os Broeker como rivais. Nenhum deles era páreo para Miscavige. Irritado, ele disse a Prince que Pat fizera papel de bobo no Palladium. Prince estranhou. Até aquela noite na mansão Liberace, tinha certeza de que Miscavige não se interessava em liderar a igreja; agora percebia que ele se sentia compelido a afastar os Broeker para impedir que a cientologia fosse destruída. Quaisquer restrições que Miscavige tivesse quanto a assumir o poder haviam sido postas de lado.

Nos últimos seis anos, Pat Broeker e David Miscavige haviam forjado uma aliança poderosa. Broeker ficava de um lado do portão, controlando o acesso a Hubbard; Miscavige, do outro, atuava como um canal para a igreja. Broeker deliberadamente permanecia na sombra, providenciando elaborados escaninhos para o vaivém de mensagens no esconderijo de Hubbard, às vezes usando disfarces e carregando uma metralhadora Uzi[86] quando saía do rancho. Ele se imaginava um engenhoso agente secreto. Mas a consequência de tanto segredo era que até os círculos mais fechados da cientologia pouco sabiam sobre ele.

Miscavige também era perito em maquinações. Mesmo sendo muito jovem, ele se encarregara de operações para Hubbard durante vários anos, com uma eficiência brutal. Mas, para eliminar os sucessores designados por Hubbard, ele precisava de um tenente com impiedade e comprometimento à altura dos dele.

David Miscavige discursa na inauguração da Igreja da Cientologia em Madri, 2004.

Mark Rathbun[87] provinha de uma família eminente, mas conturbada. Seu pai era formado na Academia Naval dos Estados Unidos. Sua mãe era a filha artista de Haddon Sundblom, o ilustrador que criou alguma das mais duradouras imagens da história da propaganda americana: Tia Jemima, o homem da aveia Quaker e o famoso Papai Noel bebendo Coca-Cola ao pé da árvore de Natal. A família Rathbun vivia no condado de Marin, um enclave boêmio ao norte de San Francisco. Quando Mark era pequeno, sua mãe sofreu uma série de colapsos nervosos. Em cinco ou seis ocasiões, foi tratada pelo método da época, a terapia de eletrochoque. Em setembro de 1962, quando Mark tinha cinco anos, encontraram o corpo de sua mãe flutuando na baía de San Francisco. O carro dela estava estacionado na ponte Golden Gate.

Mark se transformou num jovem turbulento. Foi para a universidade estudar para ser escritor, mas abandonou os estudos a fim de vivenciar o mundo real. Em

1976 estava morando num acampamento de trabalhadores migrantes, esperando se tornar o Jack London de sua geração, quando soube que seu irmão Bruce estava catatônico, internado num hospital psiquiátrico no Oregon.

Mark viajou de carona até Portland para acompanhar o tratamento de Bruce. Levava uma mochila cheia de livros sobre budismo e obras de Jiddu Krishnamurti. Embora seja fácil, agora, perceber que Mark Rathbun, com seus dezenove anos, seu passado problemático e seu espírito indagativo, estava aparelhado para se tornar parte da Igreja da Cientologia, isso não era claro para ele na época. Seu mentor espiritual naquela fase, Krishnamurti, pregava contra a ideia dos messias, mas também dizia que cada indivíduo tem a responsabilidade de descobrir as causas de suas limitações para alcançar a liberdade espiritual e psicológica universal. Era uma noção que condizia com o objetivo de Hubbard, "um planeta de *clears*".

A psicoterapia evoluíra um pouco desde as indignidades que haviam sido infligidas à sua mãe: passara à era da farmacologia. Mas as drogas não pareciam ser a solução para o problema de Bruce; na opinião de Mark, seu irmão estava apenas enclausurado, mantido numa camisa de força química. Rathbun arranjou emprego preparando lanches na Dave's Deli, e todo dia, a caminho do ponto de ônibus no centro de Portland, quando se dirigia ao hospital, passava pela missão da cientologia na Salmon Street. Trocava gracejos com os recrutadores da cientologia e logo já conhecia alguns pelo nome. Um dia ele desafiou um recrutador: "Tenho dez minutos. Por que não tenta me fisgar?". O cientologista começou a tentar lhe vender o curso de comunicações de Hubbard, que na época custava cinquenta dólares. Rathbun se interessou de imediato. "Mas vinte e cinco dólares é tudo o que eu tenho na vida", ele disse. O recrutador deixou-o levar o curso, e de quebra deu um exemplar de *Dianética.*

Naquele primeiro curso, Rathbun se exteriorizou. Foi algo completamente real para ele. Toda a filosofia oriental que ele absorvera conduzira-o a esse momento. Ele finalmente percebeu que estava separado de seu corpo. Não era essa a essência dos ensinamentos de Buda — isolar o espírito e pôr fim ao ciclo repetitivo de vida e morte? Daquele momento em diante, Rathbun nunca mais olhou para trás. Estava transformado.

Outro recrutador persuadiu Rathbun de que ele teria melhores condições de lidar com o problema do irmão com mais treinamento, o que lhe seria possível se entrasse para a Sea Org. Rathbun assinou o contrato de 1 bilhão de anos em 1978.[e]

Alguns meses depois, Rathbun foi alocado para trabalhar em Los Angeles. Na noite de 19 de agosto de 1978, recebeu ordens de acompanhar Diane Colletto, de 25 anos, editora da revista *Auditor*, publicada pela cientologia. Ela estava com

medo de sair sozinha àquela hora do prédio da editora no complexo da cientologia em Hollywood onde ambos viviam. Diane, uma intelectual miúda e tímida, com óculos de aros grossos, era uma funcionária dedicada, geralmente era a última a sair do escritório.

O marido de Diane, John Colletto, um auditor bem treinado, recentemente fora declarado pessoa supressiva. John discutira com autoridades da cientologia sobre uma questão de políticas da igreja. Depois de ser declarado supressivo, ele foi visitar um capelão da igreja, e este percebeu que John estava totalmente descontrolado. Ele chorava, punha as mãos na cabeça, desesperado. Foi então detido à força na RPF. Ali passou várias semanas, mas conseguiu escapar. Ordenaram a Diane que se desligasse dele. Ela comentou com o capelão[88] que John a ameaçara dizendo que, se ele não podia ter a cientologia, ela também não podia.

Rathbun, um sujeito grandalhão que jogara basquete na universidade, não sabia nada disso quando partiu para o alojamento no Fiat de Diane. Ela não estava para conversa. Seguiu na direção norte pelo Rampart Boulevard, onde ficava a Pubs Org, passou por Sunset e virou à esquerda no Santa Monica Boulevard. Eram meados de agosto, mas uma brisa soprava do mar, e o ar noturno estava incomumente frio para a época. Assim que Diane virou a esquina da North Edgemont Street e entrou na Fountain Avenue, defronte ao complexo da cientologia, eles foram ofuscados por um par de faróis altos; um carro os abalroou, prendendo o veículo de Diane no meio-fio.

Rathbun, chocado, ainda assim conseguiu deixar o carro pelo lado do passageiro. Estavam parados diante de uma pequena casa com uma cerca de estacas. Ele viu o homem sair do outro carro e correr em direção a Diane, que continuava no banco do motorista. Rathbun contornou o carro pela frente, e nesse momento ouviu um estouro e o som de vidro estilhaçado. Era a primeira vez na vida que ele escutava um tiro. Jesse Prince, que estava na RPF no sétimo andar, ouviu o som e correu para as janelas. As pessoas gritaram “John Colletto!”.[89] Todos souberam imediatamente o que tinha acontecido.

Rathbun agarrou Colletto, e os dois rodopiaram pela rua. Ele prendeu Colletto numa gravata, mas Colletto golpeou-o com o revólver, e Rathbun perdeu momentaneamente a consciência. Os dois despencaram no chão.

Quando Rathbun voltou a si, viu Diane rastejando pela calçada, e Colletto correndo atrás dela com a arma. Rathbun diz que se levantou e derrubou John. Os dois caíram por cima da cerca de estacas e lutaram no gramado. Mais tiros foram disparados. Em dado momento, segundo Rathbun, o cano do revólver foi encostado em sua nuca, e Colletto puxou o gatilho. A arma não disparou, mas

Rathbun se exteriorizou e viu a cena da altura de 3,5 metros acima de seu corpo.

Colletto se desvencilhou e alcançou sua mulher. Enfiou a arma na orelha de Diane. Rathbun diz que viu o que estava acontecendo e desferiu um "chute voador", mas naquele momento fatal a arma disparou.

Colletto foi derrubado pelo golpe de Rathbun, e o revólver resvalou pela calçada. Rathbun pegou-o e tentou atirar em Colletto, mas o tambor estava vazio. Colletto entrou no carro e saiu em disparada.

Rathbun foi ver Diane. Golfadas de sangue lhe saíam pela boca. Achou que ela estava se afogando no próprio sangue. Rathbun tirou a camisa e a pôs sob a cabeça de Diane. Enquanto ele ouvia as sirenes, ela morreu em seus braços.[f]

Três dias depois, o corpo[90] em decomposição de John Colletto foi encontrado. Ele tinha cortado os pulsos e morrido de hemorragia no acostamento da rodovia Ventura.

Esse incidente deu a Rathbun a reputação de valente, ou, no jargão dos cientologistas, "alto nível de confronto". Logo depois ele foi mandado para La Quinta, o quartel-general de Hubbard no inverno, onde o fundador estava construindo seu império cinematográfico. Miscavige nomeou Rathbun chefe da unidade conhecida como Totalmente *Clear*. O objetivo era resolver as dezenas de ações na Justiça em todo o país nas quais Hubbard era réu. Hubbard também estava sob a mira de grandes júris em Tampa, Nova York e Washington. Ele queria poder voltar às suas filmagens em tempo integral, mas temia se mostrar antes de ter certeza de que não seria arrastado para um tribunal. (Morreu antes que isso acontecesse.)

Como muitos membros da Sea Org na base secreta, Rathbun adotou um nome falso por segurança, um nome semelhante ao seu, mas que o separava de sua identidade prévia; assim também seria mais difícil para qualquer um encontrá-lo. Mark passou a ser Marty.

Como novo líder da igreja, Pat Broeker logo buscou exercer influência. Encomendou um uniforme especial,[91] com dragonas de ouro maciço, e uma bandeira de "oficial leal" que deveria ser hasteada em todos os locais em que ele se alojasse. Anunciou que promulgaria uma nova Tabela de Graus da Sea Org em Clearwater. Justificou essa alteração[92] do material sagrado de Hubbard com inserção de suas próprias predições dizendo que mantinha comunicação telepática com o fundador. Mas foi tolhido em seu discurso à Sea Org quando autoridades da igreja lhe disseram que previam uma batida ordenada pelo governo se ele aparecesse em público. Não era verdade, mas também não estava fora de cogitação. Por vários anos, os líderes da igreja, inclusive Hubbard,

Miscavige e Broeker, vinham sendo alvos de investigações criminais do fisco.[93] Advogados da igreja persuadiram Broeker de que, enquanto a investigação estivesse em andamento, ele deveria ficar confinado em outro rancho comprado por Hubbard, perto de Creston. Broeker se contentou com essa medida. Parecia mais à vontade com os adorados cavalos quarto de milha que ele comprara com dinheiro da igreja que com os burocratas da hierarquia cientologista. Ele continuou a comprar reprodutores exemplares dessa raça mesmo depois da morte de Hubbard, para cumprir a visão do fundador, alegou. Pelo visto, julgava-se capaz de dirigir a igreja das arquibancadas.

Afora o imprimátur de Hubbard, Broeker tinha poucos trunfos. Sua prolixidade vinha desastrosamente combinada à falta de clareza. Muitos dos executivos de seu círculo mais próximo haviam sido forçados a deixar a igreja ou fugido. Mas até quem não o estimava gostava de Annie. Ela era, em muitos aspectos, o oposto do marido. Ela, comedida; ele, simplório e impulsivo. Meiga e tímida, de uma beleza frágil que alguns comparavam à da atriz Jessica Lange, Annie nascera na cientologia e era uma das mensageiras da primeira leva que não tinham sido expurgadas. Em 1982, Hubbard a nomeara inspetora-geral do Centro de Tecnologia Religiosa (RTC, em inglês), o mais alto posto da burocracia da igreja, destinado a proteger a santidade da tecnologia espiritual da cientologia. Por natureza e circunstâncias, essa tarefa não se adequava a Annie, que não era auditora e vivera durante anos no rancho remoto como caseira de Hubbard, longe da administração dos assuntos da igreja. Em março de 1987, Miscavige se apoderou do RTC e se nomeou presidente do conselho. Desvalorizou o posto de inspetor-geral dividindo-o em três partes. Seu novo tenente e capanga, Marty Rathbun, tornou-se o inspetor-geral de Ética.

Ainda assim, graças à vontade final de Hubbard, Pat e Annie permaneciam intocáveis. E só Pat parecia saber onde estavam escondidos os novos níveis OT, que agora, segundo ele, iam até o XV. Eles eram seu seguro. Nada podia ser mais precioso no mundo da cientologia para seus membros, que ansiavam por obter as revelações finais de Hubbard sobre a Ponte para a Liberdade Total, e para a organização, que lucrava com essa aspiração.

Por ordens de Miscavige, Rathbun contratou uma equipe de investigadores particulares para seguir Broeker e vasculhar sua vida privada. Um deles era um ex-policial[94] que conheceu Broeker numa feira de armas e começou a frequentar sua taverna favorita. Conversavam toda vez que Broeker aparecia por lá. Tornaram-se tão amigos que no Natal o ex-tira deu a Broeker um telefone sem fio. Como esses aparelhos emitem um tênue sinal de rádio, os agentes de Rathbun podiam gravar os telefonemas de Broeker. Os detetives o seguiam por

toda parte, mas ninguém tinha a menor ideia de onde estariam escondidos os níveis OT secretos.

Miscavige também receava que Broeker pudesse estar sonegando material vital. Alguns meses depois, foi com advogados da igreja até o rancho persuadir os Broeker a entregar todos os materiais confidenciais em sua posse, para que a igreja os guardasse a salvo. Durante esse colóquio, um bando de homens fortes reunido por Rathbun cercou o rancho, escondido no mato.

No interior da casa, Miscavige e os advogados argumentaram que a cientologia nunca obteria a isenção fiscal se a igreja não tivesse a posse de seus mais importantes documentos. Miscavige também ameaçou Broeker com a perspectiva de uma ação criminal. Rathbun descobrira que Broeker não entregara 1,8 milhão de dólares do dinheiro de Hubbard. Broeker pareceu subjugado. Permitiu a Miscavige carregar um caminhão com os arquivos da igreja. Se Broeker não houvesse concordado, Rathbun estava pronto para dar o sinal a seu esquadrão de capangas, que invadiriam o local e apreenderiam tudo. Passaram-se meses até conseguirem vasculhar os volumosos arquivos e descobrir que ali não havia nada — certamente, nada que se assemelhasse a novos níveis de OT.

Em novembro de 1987, a Receita notificou a igreja de que sua investigação criminal estava concluída. Não houve denúncias, mas isso também diminuía o poder de Miscavige sobre Broeker. Alguns meses depois, Miscavige decidiu que era hora de uma operação decisiva para recuperar os níveis OT faltantes. Dessa vez não haveria subterfúgios nem argumentos sutis. Rathbun levou um grupo de investigadores particulares armados e policiais de Los Angeles em horário de folga para mostrar força, juntamente com vários outros executivos da igreja. Um deles encontrou 50 mil dólares escondidos sob a pia da cozinha.

Miscavige concentrou a atenção em Annie. Levou-a para um cômodo separado e a interrogou enquanto um detetive guardava a porta, impedindo o marido de vê-la. Por fim, Annie admitiu que Pat tinha um cofre num depósito na cidade próxima de Paso Robles, e entregou a senha. O bando de Rathbun encontrou mais arquivos, mas não o que queriam. Rathbun acabou concluindo que não havia mais níveis OT — nada de OT IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV. Era tudo um blefe de Broeker, uma mentira com a qual a igreja teria de conviver, já que os níveis tinham sido tão apregoados ao público.[g]

Em abril de 1988, Miscavige cancelou formalmente a Flag Order 3879, a derradeira diretriz de Hubbard, que atribuía aos Broeker o posto de oficiais leais. Miscavige declarou que Pat Broeker forjara a ordem, mas não apresentou evidências para fundamentar a acusação. A última pretensão de Broeker ao legado de L. Ron Hubbard estava destruída. Ele fugiu do país, seguido por dois

detetives particulares, Paul Marrick e Greg Arnold, que garantem ter acompanhado Broeker durante os 24 anos seguintes, mesmo em outros países. Eles dizem que foram supervisionados pessoalmente por David Miscavige[95] e pagos com dinheiro da igreja. “Ele teve uma vida muito sossegada,[96] normal, querido por todos à sua volta”, disse Marrick mais tarde a respeito de Broeker. “Assim, essa é toda a história dele sob nossa perspectiva.”

No mesmo dia em que Miscavige cancelou a ordem de Hubbard, Annie deu entrada num remoto campo de reeducação na reserva indígena de Soboba, no sul da Califórnia, chamada pelos cientologistas de Happy Valley.[97] O local já pertencera a uma ordem de freiras,[98] que deixaram no portão uma placa com os dizeres VALE DO CORAÇÃO CANTANTE. Uma guarda armada[99] fazia a vigilância. Cães treinados[100] perseguiam qualquer um que tentasse sair.

Miscavige estava agora totalmente no controle.

---

a Miscavige se mostra reservado com respeito às missões que realmente cumpriu em seu posto de chefe de ação. Certa vez ele declarou: “O que é uma missão? Pois bem. Você tem uma situação e uma situação é definida como um afastamento, afastamento importante da cena ideal, e no fundo disso há um Y. Y é definido como uma explicação que abre uma porta para uma manobra. E, se você realmente manipula os cordões da situação até o fim, agora tem um Y, o que significa que a situação pode ser resolvida. Uma missão pode pegar uma situação, sabendo qual é o Y, e portanto sabendo que medidas de manobra exatas são possíveis como resultado de a porta ser aberta porque Y foi descoberto por avaliação, e eles irão […] operar sobre o que é conhecido como um conjunto de ordens da missão, e o conjunto de ordens da missão é uma série exata de etapas, algumas consecutivas, outras não, às vezes podem ser executadas concomitantemente umas às outras […] Essas ordens de missão têm o exato propósito de ser cumpridas, exigir alvos principais, exigir alvos primários, exigir alvos vitais, exigir alvos operacionais; listam os meios de comunicação da missão, e também listam a data-alvo para a conclusão”. Ele não esclareceu mais que isso sobre a situação. (Depoimento de David Miscavige, *Bent Corydon v. Church of Scientology*, jul. 1990.)

b A igreja nega categoricamente todas as acusações de agressão por parte de Miscavige.

c Em 1989 um tribunal reduziu a sentença para 2,5 milhões, que a igreja finalmente pagou em 2002, com juros, totalizando 8,6 milhões de dólares.

d A igreja afirma que a renda de Hubbard provinha da venda de seus livros.

e Rathbun nunca pôde aplicar as técnicas avançadas em seu irmão. Em 1981, dois garotos que passeavam com cachorros perto de um terreno baldio em Garden Grove, Califórnia, descobriram o corpo de Bruce Rathbun soterrado num monte de entulho. A causa da morte nunca foi determinada (www.ci.garden-grove.ca.us/?q=police/Unsolved/1981/Rathbun).

f O relatório policial confirma a história de Rathbun. “Um suspeito, provisoriamente identificado como marido dela, atirou pelo lado do motorista do veículo”, diz o relatório. “Em seguida ele forçou o veículo a

parar, saiu e se atracou com o acompanhante dela, disparando a arma, um revólver de oito tiros, calibre 22 (curto). […] O acompanhante conseguiu arrancar o revólver do suspeito, e nesse momento o marido fugiu." O acompanhante foi identificado como Mark Rathbun. A arma sem munição foi encontrada na cena (Michael A. Shepherd, County of Los Angeles Case Report, 19 ago. 1978).

g Nenhum dos níveis prometidos jamais foi divulgado.

6. A serviço dos astros

Em 1986, no mesmo ano da morte de Hubbard, Paul Haggis foi capa da *Celebrity*, revista publicada pela igreja. Entrou assim para o panteão da elite da cientologia. A foto mostra Haggis sentado numa cadeira de diretor com uma xícara de café na mão. Bem barbeado, de óculos, paletó de tecido espinha de peixe com lencinho no bolso e calça esporte de linho com pregas, ele parece um executivo nerd de Hollywood com dinheiro de sobra para torrar em roupas. O artigo salienta sua crescente influência em Hollywood. Haggis escapara do gueto dos desenhos animados depois de vender um roteiro para a série *O barco do amor*, ascendera nas fileiras da TV a cabo com roteiros para filmes da semana e programas infantis, e por fim se estabelecera nas *sitcoms*. Ele trabalhou em *Minha família é uma bagunça*, *Who's the Boss?* e *One Day at a Time.* Agora ele era o produtor executivo da série *Vivendo e aprendendo*, um sucesso das noites de sábado. "Ele é um dos poucos[1] autores em Hollywood com créditos principais em todos os gêneros: comédia, suspense, drama humano, animação", frisou a *Celebrity.*

No artigo, Haggis declara sobre a cientologia: "O que mais me empolgou[2] na tecnologia foi podermos efetivamente controlar a vida e nossos problemas e não deixar que eles nos controlem". E acrescentou: "Também gostei do lema 'A cientologia torna os aptos mais aptos'". Ele atribuiu à igreja a melhora no relacionamento com sua mulher, Diane. "Agora, em vez de brigar (fazíamos muito isso antes da cientologia), resolvemos tudo conversando, ouvindo um ao outro e aplicando a tecnologia da cientologia aos nossos problemas."

Haggis contou à revista que recentemente se submetera ao processo de purificação,[3] um programa destinado a eliminar as toxinas do corpo que formam uma "barreira bioquímica ao bem-estar espiritual". Por três semanas, em média, os participantes são submetidos a um demorado regime diário; passam até oito horas por dia numa sauna, com intervalos para exercícios, e tomam doses cavalares de vitaminas, em especial niacina. Em grandes quantidades, a niacina pode causar danos ao fígado, mas além disso estimula a ruborização da pele e causa sensação de formigamento. Segundo a igreja, isso indica que as drogas e outras toxinas estão sendo expelidas pelo corpo. Embora muitos médicos tenham criticado o processo de purificação apontando-o como fraude e logro, Hubbard

se achava merecedor do Prêmio Nobel[4] por tê-lo inventado.

Na entrevista para a *Celebrity*, Haggis admitiu que antes de se submeter ao processo estava cético. “Minha ideia de fazer bem ao meu corpo era fumar cigarro com baixo teor de nicotina”, ele disse, mas o processo de purificação “foi MARAVILHOSO. Eu realmente me senti mais alerta, mais perceptivo e mais descontraído. Eu não corria mais em seis direções para conseguir fazer alguma coisa, nem batia a cabeça na parede quando algo dava errado”. Ele mencionou as drogas que tinha usado quando jovem. “Me livrar de todas aquelas toxinas residuais, e remédios e drogas, realmente fez efeito”, declarou. “Depois de completar o programa, tomei um refrigerante light e de repente consegui sentir o verdadeiro gosto daquilo: cada uma das substâncias químicas!” Ele recomendou o processo a outras pessoas, inclusive sua mãe, quando ela adoeceu gravemente, e persuadiu uma jovem escritora de sua equipe a fazer o curso para se livrar de várias medicações. “Ela pôde ver que a cientologia funcionava pelo exemplo que dei”, Haggis disse à revista. “Isso fez com que eu me sentisse muito bem.”

O processo de purificação é uma etapa fundamental do programa de reabilitação de drogados da cientologia, o Narconon, aplicado em quase duzentos centros residenciais do mundo. As celebridades da cientologia promovem o Narconon e citam a declaração da igreja de que é “o programa de reabilitação mais eficaz[5] que existe”; Kirstie Alley, que foi a porta-voz nacional do Narconon durante alguns anos, considera-se “a alma do programa”[6] porque ele a teria ajudado a se livrar da dependência de cocaína. Um ano depois do ataque terrorista de Onze de Setembro, Tom Cruise criou um programa, financiado em parte por verbas municipais, para ministrar o processo a mais de mil participantes das equipes de salvamento. Muitos participantes relataram resultados positivos e disseram ter suado uma espécie de pasta preta que lhes saiu pelos poros durante a sauna. O distrito de Manhattan, em agradecimento, declarou o dia 13 de março (aniversário de Hubbard) de 2004 o “Dia da Desintoxicação Hubbard”.[7]

Kelly Preston promoveu o Narconon em sua terra natal, o Havaí. “Começamos pelas escolas[8] e aplicamos a mais de 10 mil jovens”, ela disse. O filho de Preston e Travolta, Jett, de dezesseis anos, era autista e tinha morrido em janeiro de 2009 em decorrência de uma convulsão. Seus pais haviam interrompido o tratamento com o anticonvulsivante Depakote, pois achavam que era ineficaz. (A igreja afirma[9] que não se opõe ao uso desse tipo de droga quando há prescrição médica; no entanto, o próprio Hubbard[10] criticou o uso de anticonvulsivos.) Preston havia declarado anteriormente no *Montel Williams Show* que Jett tinha síndrome de Kawasaki, uma doença rara que, na opinião

dela, fora causada por exposição a pesticidas e substâncias químicas em produtos de uso doméstico.

"Vocês puseram Jett[11] num programa que eu acho que é descrito neste livro de L. Ron Hubbard", disse Williams, mostrando *Clear Body, Clear Mind* [Corpo limpo, mente limpa], que esboça os princípios do processo de purificação.

"Exatamente", replicou Preston.[a] Discorreu então sobre a profunda experiência que ela mesma vivenciara no programa. A Novocaína que ela tinha usado durante um tratamento dentário no passado começou a aflorar. "Fiquei de novo com a boca totalmente adormecida durante uma hora e meia", ela disse. Outras drogas também foram expurgadas, junto com radiação por exposição ao sol. "Aos sete anos, eu tinha um maiô — isto é a pura verdade —, eu tinha um maiô que achava o máximo, com aberturas nos lados e no centro", ela contou. "E me bronzeei com ele. E vinte anos depois apareceu na minha pele aquele mesmo bronzeado, o bronzeado completo." Preston levou exemplares do livro de Hubbard para toda a plateia presente no estúdio.

Apesar de seu exuberante depoimento, Haggis andava cada vez mais perturbado com as contradições da igreja. A cientologia começara a parecer duas coisas diferentes: uma abordagem sistemática para o autoconhecimento, o que ele achava útil e revelador, e uma religião que ele não conseguia entender de jeito nenhum. Ele estimava e admirava seu auditor, as confissões eram proveitosas, ele continuava a avançar na Ponte, mesmo depois de seu desnorteante encontro com o OT III. Via muitas pessoas inteligentes no caminho, e tinha sempre a esperança de que suas dúvidas seriam resolvidas no nível seguinte. Mas nunca eram. Depois de OT III era só "espiritualidade intergaláctica", em sua opinião. Por outro lado, ele já havia pagado o pacote completo, então por que não continuar e ver o que aconteceria? "Talvez haja alguma coisa que eu não esteja percebendo", dizia a si mesmo.

Quando Haggis chegou ao OT VII, o grau mais elevado na época, continuava confuso e insatisfeito. No topo da pirâmide dos OT, prometia-se ao thetan a capacidade de controlar "pensamento, vida, forma, matéria,[12] energia, espaço e tempo, subjetivo e objetivo". O exercício final (segundo documentos obtidos pelo WikiLeaks — Haggis se recusou a falar sobre isso) era "Vá a um parque, estação de trem ou alguma outra área movimentada. Pratique direcionar a atenção para indivíduos até que você seja capaz de facilmente incutir uma intenção num ser e/ou num corpo". Mas, mesmo que fosse possível fazer isso, como saber se tivera êxito? Se o thetan estivesse transmitindo a intenção "Coce a cabeça" e a pessoa o fizesse, estaria ela respondendo ao comando psíquico do

thetan ou fora mera coincidência? Era difícil avaliar.

Para Haggis, Hubbard era um intelecto tão brilhante que a incapacidade de compreender esses conceitos e habilidades só podia ser dele, Haggis. Finalmente, ele confidenciou a uma conselheira no Centro de Celebridades que não se achava um bom cientologista porque não conseguia encontrar um jeito de acreditar. Disse que se sentia uma fraude e que talvez fosse preciso deixar a igreja. A conselheira replicou: "Há cientologistas de todo tipo", assim como existem muitas variedades de judeus e cristãos com níveis variados de crença. A implicação era que Haggis podia acreditar no que bem entendesse: "podia escolher", como ele diz.

A carreira de Haggis ia tão bem que em 1987 ele recebeu de Ed Zwick e Marshall Herskovitz uma proposta para escrever para uma nova série de televisão chamada *thirtysomething.* Eles procuravam vozes características. "Acho sensacional vocês estarem[13] fazendo um programa que trata de emoções", Haggis lhes disse. "Eu *detesto* escrever sobre emoções. E não gosto de falar sobre as minhas." No entanto, ele parecia estar à procura de uma chance de enfrentar um desafio criativo. Lendo o primeiro roteiro de Haggis, Zwick e Herskovitz comentaram: "Isto é muito bom, mas de onde veio?". Haggis não entendeu a pergunta. "De onde veio, de *você*?", eles explicaram. A ideia de que sua experiência pessoal era importante foi uma revelação.

Zwick e Herskovitz perceberam que Haggis não estava contente escrevendo para a série; fosse como fosse, ele recebera uma oferta lucrativa para criar sua própria série, e saiu depois da primeira temporada. Mas ganhara dois Emmy, de melhor autor e produtor, e essa experiência transformou-o como escritor. Trabalhar com Zwick e Herskovitz despertou em Haggis o interesse por dirigir. Ele finalmente teve a chance de fazer um breve anúncio publicitário sobre a dianética para a igreja. Decidiu não recorrer ao costumeiro retrato da cientologia como uma marcha triunfal para a iluminação; preferiu filmar um grupo de pessoas conversando sobre as aplicações práticas da dianética em sua vida. Era informal e naturalista. As autoridades da igreja detestaram. Disseram que parecia uma reunião dos Alcoólicos Anônimos.

Foi então que, inesperadamente, uma oportunidade de ouro se ofereceu a Haggis. Ele fez um favor a um amigo que queria criar uma nova série a ser protagonizada por Chuck Norris, cuja carreira como herói de filmes de ação entrara em declínio. Haggis escreveu o piloto de *Texas Ranger*, que teve oito temporadas e foi transmitida numa centena de países. Haggis recebeu crédito como coautor. "Foi o maior sucesso que já tive", ele disse. "Duas semanas de trabalho. E nem usaram meu roteiro."

Cada vez mais bem-sucedido e rico, Haggis passou a ser um troféu maior para

a igreja. Ele concordou em dar um seminário[14] sobre redação para televisão enquanto ainda era produtor executivo de *Vivendo e aprendendo*, o que levou vários aspirantes a roteirista para o Centro de Celebridades. Em 1988, a cientologia patrocinou um carro da dianética nas 500 milhas de Indianápolis, e Paul e Diane foram convidados a comparecer. Executivos das maiores redes de livrarias foram atraídos para a recepção oferecida pela cientologia por causa da presença de astros, entre eles Kirstie Alley e John Travolta, e também pelo fato de os livros de Hubbard tradicionalmente terem vendas estrondosas. B. Dalton encomendou 65 mil[15] exemplares de *Dianética*, e a Waldenbooks pediu 100 mil. *Dianética* voltou à lista de best-sellers de autoajuda do *New York Times*, 38 anos depois de seu lançamento.

David Miscavige estava na corrida. Essa foi uma das poucas ocasiões em que ele e Haggis se encontraram. O organizador do evento, Bill Dendiu, lembra-se de que Miscavige não gostou de que Haggis tivesse sido convidado. Dendiu defendeu sua decisão dizendo que Haggis agora era uma genuína celebridade. "Ele fez sucesso com uma porção[16] de séries de TV, e acredito que seja um membro muito devotado da igreja", argumentou. Paul e Diane se encontraram com Miscavige e outros do alto escalão da igreja no jantar. "Paul não leva desaforo para casa", Dendiu recordou. "Ele não puxou o saco de Miscavige, até fez algumas piadinhas bem mordazes com ele, e o resultado foi mais cara feia para meu lado." Dendiu acrescentou: "É preciso entender que ninguém afronta David Miscavige".

O carro da dianética bateu na primeira volta. Paul e Diane regressaram no avião de Travolta, que pilotou o aparelho.[17]

*

Suzette Hubbard fugiu em fevereiro de 1988.

Cinco anos antes ela conhecera Guy White, um executivo de marketing da Sea Org que participava do programa de corridas da RPF,[18] na época realizado no Griffith Park de Los Angeles: cerca de cinquenta pessoas corriam o dia inteiro, mesmo depois do jantar, empanturrando-se de pão com mel para aguentar o esforço. Um auditor alertou Suzette de que Guy era homossexual. Na verdade, Guy não sabia se era ou não. Quando entrou para o grupo, teve de responder a um questionário em que constava a pergunta "Já esteve envolvido[19] em prostituição, homossexualidade, sexo ilegal ou perversão? Especifique quem, quando, onde e o quê em cada caso". Ele nunca tivera uma relação homossexual e era celibatário fazia já uma década; além disso, em geral se supunha que a

homossexualidade era uma falsa identidade, uma “valência”, na linguagem de Hubbard, e que esses desejos desapareceriam quando a pessoa se tornasse OT III.

Suzette e Guy se casaram em março de 1986, três meses depois da morte de Hubbard. O filho do casal, Tyson, nasceu nove meses e um dia depois. Era estranho ter uma criança na Gold Base. Suzette estava grávida quando foi promulgada uma ordem proibindo os membros da Sea Org de ter filhos,[b] e a única outra criança na base era Roanne, a filha de Diana Hubbard. Membros da Sea Org olhavam desejosos para as crianças. “As pessoas podiam ver[20] o que nunca teriam”, disse Guy White. O fato de Tyson ter nascido pouco depois da morte de Hubbard e ter cabelos ruivos tão chamativos inspirou a especulação de que ele poderia ser a reencarnação do fundador. “Será ele? Será ele?”,[21] as pessoas se perguntavam.

Cada igreja ou missão mantêm um escritório para o dia em que Hubbard voltar. Uma caneta e um bloco amarelo pautado o aguardam em cada uma de suas escrivaninhas. Seus banheiros particulares têm, cada um, uma escova de dentes e um mesmo modelo de chinelos Thom McAn ao lado do chuveiro. Na Gold Base, sua modesta casa original foi demolida e substituída por uma mansão de 10 milhões de dólares. Uma equipe cuida da residência em tempo integral, lava regularmente as roupas do fundador e mantém a casa pronta para sua inspeção com luvas brancas. Os veículos de Hubbard[22] continuam na garagem, bem lubrificados, com a chave na ignição. Em seu criado-mudo[23] há um romance de Louis L’Amour, com um marcador no meio. A mesa de jantar está posta para uma pessoa.

A busca pela reencarnação de Hubbard lembra a procura pelo novo dalai-lama do budismo tibetano, embora haja poucas pistas sobre sua identidade. Ele havia profetizado que estaria fora de ação “nos próximos vinte a 25 anos”.[24] Em algumas versões da história, Hubbard será reconhecido pela cabeleira ruiva, e foi por isso que o nascimento de Tyson trouxe a expectativa.

Suzette tinha pavor de que lhe tirassem Tyson. Já era pouco o tempo que passava com ele. Uma política da Sea Org, escrita por seu pai, determinava uma hora diária de “tempo familiar”, mas isso fora cancelado. Agora Suzette estava grávida novamente. Durante vários dias, contrabandeou brinquedos e roupas dentro de um cesto de lavanderia para seu pequeno Mazda; um dia, deixou um bilhete de despedida para Guy, pegou Tyson e foi de carro para San Diego. Alguns dias depois, foi morar com sua mãe. Mary Sue estava vivendo numa casa em Los Angeles, no bairro Los Feliz, fornecida pela igreja quando ela saiu da prisão. Em meio a tanto nervosismo, Suzette abortou.

Depois da fuga de Suzette, Guy se recorda de ter sido mandado para Happy

Valley e recebido a ordem de se divorciar. Jonathan Horwich, pai de Roanne, também estava em Happy Valley, junto com Arthur Hubbard, o filho mais novo de Ron e Mary Sue. Uma noite, quando Horwich deveria estar de guarda, Arthur fugiu[25] e nunca foi recuperado.

Em outubro de 1988, Guy também resolveu escapar. Toda noite saía para uma caminhada rente à cerca, um pouco mais longe a cada vez, levando um petisco para os pastores-alemães de guarda. Uma noite, pulou a cerca, mas os cães o traíram e começaram a latir. Ele teve de pular para fora da estrada quando viu as luzes da equipe antifuga. Por horas, caminhou aos tropeções pelo mato, sangrando, das roupas rasgadas, até chegar a Hemet. Bateu à porta de uma pista de boliche. Em espanhol ruim, disse à pessoa que veio atender que tinha sofrido um acidente de carro.

Guy finalmente se juntou a Suzette. (Tiveram mais dois filhos antes de ele contar a ela que era gay. Divorciaram-se em 1998.)

Como Paul Haggis, Tom Cruise fora criado como católico, mas tinha mais inclinação religiosa que Paul. Sua família se mudou com frequência, e ele passou parte da infância no Canadá, onde ganhou a reputação de garoto teimoso, encrenqueiro, carismático e cativante. Seus estudos foram prejudicados pela dislexia, e mais tarde ele disse que era um "analfabeto funcional"[26] ao concluir o ensino médio. Mas nos esportes e no teatro ele se destacava. Sua família, como a de Haggis, lançou-se na vida teatral, fundando uma trupe amadora[27] em Ottawa. Seu pai, um sujeito antissocial e opressor, era uma força perturbadora na família, e uma manhã bem cedo, quando Cruise tinha doze anos, sua mãe pegou as três filhas e seu precioso menino e voou de volta para os Estados Unidos. "Nos sentimos como fugitivos",[28] Cruise recordou.

A busca espiritual e a tendência à devoção religiosa já caracterizavam a personalidade de Cruise. Ele passou um ano num seminário[29] em Cincinnati, pensando em entrar para o sacerdócio. Mas havia nele um outro lado, muito ambicioso, totalmente voltado para o estrelato. Ele foi para Hollywood aos dezoito anos e conseguiu um papel em *Amor sem fim*, um filme protagonizado por Brooke Shields. Além de ser um ator nato, ele era persistente e meticuloso. Logo encontrou seu caminho para papéis memoráveis. O anseio por expressar seu lado espiritual nunca o abandonou, mas era difícil, em Hollywood, descobrir como exatamente encaixá-lo.

Existia uma igreja especialmente projetada para resolver seu dilema.

A primeira mulher de Cruise, a atriz Mimi Rogers, apresentou-o[30] à cientologia em 1986. Ele havia acabado de filmar *Top gun — Ases indomáveis*, que o transformara no maior astro de cinema do mundo. Cruise tinha então

pouco incentivo para se declarar cientologista, depois do generalizado opróbrio que recaiu sobre a igreja em razão das batidas do FBI durante a Operação Branca de Neve e da divulgação das crenças esotéricas de sua congregação. Mas os rumores sobre seu envolvimento começaram a se intensificar. Por vários anos ele conseguiu manter discrição sobre sua afiliação, até mesmo para a administração da igreja. Usando seu nome de nascimento,[31] Thomas Mapother IV, submetia-se a audições numa pequena missão da cientologia chamada Enhancement Center em Sherman Oaks, que Rogers fundara com o ex-marido. Uma amiga íntima e ex-colega de quarto de Roger,[32] Kirstie Alley, fazia audições ali, junto com o cantor, e mais tarde congressista, Sonny Bono, que também fora levado para a igreja por Rogers. Cruise depois atribuiria[33] à cientologia os métodos de estudo que o ajudaram a superar a dislexia.

O triunfo de adicionar Cruise ao elenco da cientologia trazia uma profusão de problemas. Mimi Rogers estava no topo da lista. Seus pais se dedicaram à dianética desde os primeiros tempos do movimento. Em 1957, quando Mimi tinha um ano, eles se mudaram para Washington e foram trabalhar para Hubbard; o pai de Mimi, Philip Spickler, integrou brevemente a Sea Org. Mas eles se desentenderam com a igreja[34] em fins dos anos 1970. Foram considerados "esquilos", um termo aplicado a quem continuava a praticar a cientologia sem a orientação da igreja. Seria ótimo ter Tom Cruise como um troféu da cientologia, mas um desastre se ele se tornasse um anúncio ambulante para os esquilos.

Quando Miscavige ficou sabendo[35] do envolvimento de Cruise com a cientologia, providenciou para que o astro fosse levado sozinho à Gold Base, secretamente instalada no deserto, perto de Hemet. Era agosto de 1989. Ele escolheu seus principais auxiliares para auditar e supervisionar o jovem astro durante sua primeira estada de fim de semana. Cruise chegou de boné[36] de beisebol e óculos escuros, tentando passar despercebido, embora todo mundo na base soubesse que ele estava lá.

Cruise se preparava naquele outono para filmar *Dias de trovão*. Acabara de ver uma atriz australiana de 21 anos, Nicole Kidman, no thriller *Terror a bordo*, e se encantara tanto que a pusera num papel que ela era jovem demais para fazer: uma neurocirurgiã que traz o personagem de Cruise de volta à vida depois de um acidente em seu carro de corrida. Os dois se entenderam maravilhosamente, o que logo virou motivo de especulação nos tabloides.

Segundo Rathbun, agora Cruise e Miscavige tinham um interesse em comum: livrar-se de Mimi. Ela exigiu e recebeu uma mediação da igreja no relacionamento dos dois, um procedimento no qual cada parceiro é ligado ao E-meter e confessa seus "crimes" na presença do outro. Mas, com Cruise disposto

a partir para outra e Miscavige aparentemente contra ela, Rogers tinha pouca chance. Marty Rathbun e um advogado da igreja foram à sua casa levando os papéis do divórcio. “Eu disse a ela[37] que era a coisa certa a fazer por Tom, pois ele iria fazer muitas coisas boas para a cientologia”, recordou Rathbun. “Esse foi o fim de Mimi Rogers.”

Rogers contou depois que ela e Cruise já estavam enfrentando dificuldades no casamento. Ele vinha pensando seriamente em se tornar monge, e com isso o casamento não se encaixaria em seus planos. “Ele achava que tinha de ser celibatário[38] para manter a pureza de seu instrumento”, disse ela à *Playboy.* “Por isso, ficou óbvio que tínhamos que nos separar.”

Depois de dois anos, Annie[39] Broeker havia conseguido sair de Happy Valley. Foi mandada à Gold Base, que serve de quartel-general para a org Mensageiros do Comodoro, para a Golden Era Productions, que faz os filmes da cientologia e produz os materiais audiovisuais e os E-meters para a igreja, e para o Centro de Tecnologia Religiosa, que cuida da ortodoxia das práticas da cientologia. Miscavige, no posto de diretor do RTC, geria as operações da igreja e morava na base grande parte do tempo. Rathbun e outros altos executivos também estavam vivendo e trabalhando na base de duzentos hectares, ainda tão secreta que poucos cientologistas sabiam de sua existência. Rathbun acreditava que Miscavige queria Annie por perto, para o caso de Pat Broeker dar sinal de vida.

Um ex-fuzileiro naval chamado Andre Tabayoyon, que supervisionava a construção da segurança na Gold Base, testemunhou mais tarde que dinheiro da igreja era usado para comprar[40] fuzis de assalto, munição e revólveres; disse também que dispositivos explosivos foram instalados no perímetro, para ser usados em caso de ataque por agentes da lei. Rodeada por uma cerca de segurança[41] com lanças de dez centímetros, patrulhada por guardas armados e monitorada por câmeras, detectores de movimento, sensores de infravermelho e uma guarita de atirador de elite no alto de uma colina, a propriedade abriga cerca de oitocentos membros da Sea Org, em condições que a igreja descreve como “semelhantes às encontradas num convento[42] ou seminário, só que muito mais confortáveis”.

Annie voltou a usar seu nome de solteira, Tidman. Apesar de viver sob vigilância constante,[43] ela se apaixonara por outro membro da Sea Org, Jim Logan, o mesmo que recrutara Paul Haggis para a cientologia numa esquina de London, Ontário. Annie conhecera Logan em Happy Valley quando estavam ambos na RPF. Jim e Annie se casaram em junho de 1990 e se mudaram para o alojamento da Sea Org próximo da Gold Base. Logan não era mais o hippie

cabeludo de antigamente; agora, na meia-idade, calvo e de bigode preto, conservava ainda o olhar penetrante e brincalhão e o riso fácil. Sua personalidade exuberante e turbulenta nem sempre condizia com os rigores disciplinares da vida na qual se alistara. No verão de 1992, Logan recebeu uma "ordem de não enturbulação";[44] em outras palavras, ele devia parar de agitar. Em outubro, vieram oito homens para escoltá-lo até uma instalação onde eram detidos os membros importunos. Logan ficou sabendo que tinha sido declarado pessoa supressiva e seria expulso da Sea Org.

Annie, antes disso, já tinha confidenciado que estava "farta" da Sea Org e sairia se Jim estivesse disposto. Ele não quis ir, na época; ainda tinha esperança de se reabilitar aos olhos da igreja. Annie solicitou a saída da Sea Org segundo as formalidades. Em poucos meses, se tudo corresse bem, eles se reencontrariam tranquilamente em Nova Scotia, onde poderiam ter filhos e esquecer o passado. Annie prometeu a Jim: "Não podem me obrigar a me divorciar de você".[45] Mas em 8 de outubro de 1992, o último dia de Logan na Sea Org, autoridades da igreja lhe disseram que Annie recebera ordens de se desligar dele. Trouxeram-lhe os papéis do divórcio, apresentaram uma conta da hospitalidade de mais de 350 mil dólares e o largaram no terminal de ônibus com uma passagem para Bangor, Maine.

Depois disso, Jim e Annie conseguiram conversar em segredo várias vezes. Ela dava um jeito de lhe telefonar na calada da noite, ou ele pedia à mãe que ligasse para Annie. Quando a saudade de Annie apertou demais, Jim lhe comprou uma passagem em aberto partindo de Ontário, Califórnia, o aeroporto mais próximo, com destino a Bangor. A passagem ficou à disposição para quando ela quisesse usá-la. Algumas semanas depois, Jim recebeu uma ligação de Annie: ela estava a caminho. Deviam ser umas 5 horas na Califórnia. Ela pegaria um voo que fazia escala em Denver, depois seguiria para Boston e ali trocaria de avião com destino a Bangor. Jim partiu de Nova Scotia para a viagem de nove horas de carro até o aeroporto.

Rathbun recebeu uma mensagem de que Annie fugira da base cerca de uma hora e meia depois de ela ter saído. Entrou em pânico. Annie conhecia melhor que ninguém a história secreta das transferências clandestinas de dinheiro para Hubbard, das contas no exterior, da destruição de documentos incriminatórios. Ela podia torpedear a solicitação de isenção de impostos para a igreja. Annie também conhecia as verdadeiras circunstâncias dos últimos dias de Hubbard. Poderia até se reunir com Pat Broeker, e os dois poderiam ameaçar Miscavige. Rathbun via Annie como uma possível "máquina do juízo final".[46]

Segundo Gary Morehead, o massudo chefe da segurança da Gold Base na

época, imediatamente um *blow drill* [exercício antifuga] entrou em operação. Morehead havia refinado o processo, que se tornou um modelo de eficiência na Sea Org. Todo ano pelo menos cem pessoas tentavam escapar da Gold Base, mas poucos se libertavam definitivamente. A equipe de segurança de Morehead mantinha dossiês dos membros com os números de suas contas bancárias e cartões de crédito, contatos familiares e até seus hobbies e predileções. Quando um alto executivo fugiu em 1992, por exemplo, Morehead sabia que o homem era fã de beisebol. Apanhou-o uma semana depois no estacionamento do estádio do San Francisco Giants.

A equipe de Morehead tinha a seu favor o isolamento da base: a Gold ficava num vale estreito no meio do deserto, a onze quilômetros do vilarejo de Hemet. Havia só uma rodovia, fácil de patrulhar; cadeias montanhosas cercavam a base dos dois lados, e as encostas rochosas eram copiosamente abastecidas de cactos e cascavéis. Muitos membros da Sea Org não possuíam recursos nem habilidade para ir muito longe. Tinham uma entranhada desconfiança do mundo *wog* [não cientologista] e seu sistema judiciário e uma noção fatalista do alcance da igreja; isso valia ainda mais para os membros da Sea Org que, como Annie, haviam vivido desde o berço na cientologia. Os que possuíam telefone celular[47] usavam-no sobretudo como walkie-talkie, para comunicações dentro da base; os registros dos telefonemas eram monitorados, e os aparelhos podiam ser confiscados se fossem usados para fazer ligações para fora. Poucos ali possuíam carro próprio, ou mesmo carteira de habilitação, por isso o melhor que podiam fazer era tentar chegar à estação de ônibus antes que dessem por sua falta. No entanto, geralmente quando o ônibus fazia a primeira parada, lá estava um membro da equipe de Morehead à espera do fugitivo. Se isso falhasse, o esquadrão de segurança de Morehead monitorava as casas dos parentes e amigos do fujão com dispositivos de escuta ligados a celulares e telefones sem fio, e verificava as placas dos carros de todos que chegavam e saíam. Quando a equipe finalmente confrontava a presa, tentava persuadi-la a voltar à base voluntariamente. Se isso falhasse, às vezes usavam a força.[c48]

A maioria dos que fugiam era dilacerada por emoções conflitantes. Por um lado, muitos estavam amedrontados, humilhados e zangados. Desejavam desesperadamente uma vida fora da organização. Alguns, como Annie, queriam ter filhos, o que lhes era proibido por serem membros da Sea Org. Por outro lado, acreditavam que sua salvação eterna estava em jogo. O entusiasmo juvenil que os levara a assinar o contrato de 1 bilhão de anos de serviço podia ter arrefecido, mas em geral havia algum idealismo residual ao qual a equipe de segurança podia apelar. Nesses confrontos, em geral Morehead levava consigo o

“líder de opinião” do fugitivo, que podia ser o supervisor de seu caso ou um membro da família, mãe ou esposa, por exemplo, que também fosse membro da cientologia. Em muitos casos, o membro fugitivo da Sea Org nem sequer discutia; simplesmente desistia, sabendo que provavelmente seria levado direto para a RPF, onde poderia passar meses ou anos trabalhando para reaver a aceitação.

A qualquer momento, um fugitivo podia garantir sua segurança simplesmente chamando a polícia, mas isso aconteceu raras vezes, ou talvez nunca. O Departamento de Polícia do condado de Riverside,[49] cuja jurisdição inclui a Gold Base, diz que nunca houve queixa alguma de abuso nem acusação de detenção ilegal por parte de membros da igreja na base. Embora os membros da Sea Org vivessem numa propriedade de segurança máxima num esconderijo no deserto, atrás de cercas e sensores de alta tecnologia, a maioria não estava sendo mantida ali contra a vontade. Ao contrário, era a vontade que os retinha lá. Porém, segundo Morehead, dos que escaparam, nenhum jamais voltou[50] voluntariamente.

Assim que Morehead soube da fuga de Annie, sua equipe se pôs a vasculhar seus pertences e telefonar para os hotéis e motéis na região, procurando pistas de seu possível destino. O modo mais fácil de fazer isso era alguém fingir ser Annie, tentar reservar um lugar num voo e ser informado, por exemplo, “Ah, já temos sua reserva[51] para o voo das 23 horas para Boston”. Se isso não funcionasse, outro membro telefonava para as companhias aéreas, fingindo ser um familiar doente, e pedia ajuda para encontrar o “filho” ou “esposa” sumido; se o atendente da companhia se recusasse a fornecer informações, o membro continuava pedindo para falar com um superior até obter o que queria. Num caso, foi o vice-presidente de uma linha aérea que, pensando ajudar numa emergência médica familiar, forneceu os detalhes pertinentes. Morehead também contratava ex-agentes do FBI ou da CIA como investigadores particulares. Assim que um fugitivo[52] cometesse o erro de usar um cartão de crédito, a equipe sabia quase imediatamente onde fora feito o saque. Morehead sempre se surpreendia com a facilidade com que informações supostamente confidenciais podiam ser obtidas. Sua equipe soube logo que Annie estava no voo para Boston.

Minutos depois, Marty Rathbun disparou para o aeroporto a 160 quilômetros por hora. Não teve tempo nem de trocar de roupa. Estava de camiseta, calça de moletom e tênis. Sua secretária reservou um voo direto que chegaria a Boston apenas vinte minutos depois do voo de Annie, e vinte minutos antes da conexão para Bangor.

Era inverno, e nevava em Boston quando ele aterrissou, às 22 horas. A maior

parte do tráfego aéreo cessara. Ele correu pelos corredores quase desertos do aeroporto Logan até o portão do voo para Bangor. Uma escadaria levava ao piso inferior, e uma porta se abria para a pista. Rathbun saiu no ar gelado. Os passageiros ainda estavam na rampa; Annie estava a apenas dois metros dele. “Annie”, ele gritou. Ela se virou. Quando viu quem era, curvou os ombros e andou na direção dele.

Rathbun conversou com Miscavige; disse que conseguiria dois quartos de hotel em Boston e levaria Annie de volta pela manhã, mas Miscavige não quis correr riscos. Informou a Rathbun que já havia providenciado para que o jato de John Travolta fosse pegá-los dali a algumas horas.

Annie e Jim Logan finalmente se divorciaram, em 26 de agosto de 1993. Ele nunca mais a viu.[53] (Ela morreu em 2011 de câncer no pulmão, aos 55 anos.)

Com suas ações, Miscavige mostrava saber instintivamente como atender às pretensões e necessidades de pessoas muito famosas. Não se tratava apenas de livrar o astro de problemas pessoais constrangedores — por exemplo, um cônjuge apegado. Havia também as intermináveis demandas por massagem de um ego sempre ciente da fragilidade do sucesso, o anseio por privacidade, que vive em guerra com a ânsia por reconhecimento, a necessidade de ser fortalecido contra a mediocridade e a consciência da mortalidade, e o sentimento de que a qualidade do mundo material à volta de um astro se reflete no valor dele e, portanto, tudo tem de ser tornado perfeito. Essas eram qualidades que Miscavige exigia também para si. Ele envolveu Tom Cruise e Nicole Kidman num ambiente de aprovação e total subserviência, imaculado e inodoro como um conto de fadas. Um chalé especial[54] foi preparado para a estada do casal na Gold Base, juntamente com um jardim de rosas particular. Quando os dois sentiram vontade de jogar tênis,[55] uma quadra foi reformada, a um custo significativo. Miscavige soube da fantasia[56] do casal de correrem juntos por um prado de flores silvestres, e mandou membros da Sea Org cultivarem um trecho do deserto; quando isso não atendeu às suas expectativas, o prado foi arado e semeado com grama. Miscavige designou para eles um cozinheiro especial, o chef Sinar Parman, que cozinhara para Hubbard, e mandou construir uma sala de ginástica com equipamento luxuoso que passou a ser usada principalmente por Cruise e por ele mesmo. Quando uma enchente provocou[57] um deslizamento de lama que destruiu o romântico chalé do casal, Miscavige responsabilizou a base inteira e ordenou que todos trabalhassem dezesseis horas por dia até que fosse tudo restaurado à condição original.

Em julho de 1990, o envolvimento de Cruise com a igreja veio a público num

artigo do tabloide *Star.* (Cruise só admitiu sua filiação dois anos depois, em entrevista a Barbara Walters.) O fato de a informação ter vazado, provavelmente por uma fonte da igreja, foi ao mesmo tempo um grande embaraço e um alívio para Miscavige: até que enfim, agora na mente do público, o nome de Cruise estava definitivamente ligado à cientologia. Ele proporcionava uma ligação sem paralelos à cultura das celebridades de Hollywood, e Miscavige se desdobrou para cortejá-lo. No dia de Ação de Graças[58] de 1990, ele ordenou a Parman que preparasse o jantar para toda a família de Cruise. Miscavige até providenciou para que Cruise fizesse investimentos com os irmãos Feshbach — Kurt, Joseph e Matthew —, que eram corretores de valores em Palo Alto, Califórnia. Os irmãos eram cientologistas devotos que haviam feito fortuna vendendo a descoberto no mercado de ações. Segundo Rathbun, quando os investimentos de Cruise[59] se desvalorizavam, os Feshbach, gentilmente, usavam seus fundos pessoais para reabastecer a conta pessoal do astro.

Logo de saída, Cruise e Miscavige se identificaram profundamente. Eram ambos de baixa estatura e físico possante, "personalidades da Costa Leste", como Parman os diagnosticou. Tinham em comum a adoração por motocicletas, carros e esportes radicais. Miscavige se deslumbrou com o glamour em torno do astro, que o apresentou a um seleto círculo social fora da cientologia, um mundo quase desconhecido por Miscavige. Ele passara a maior parte da vida enclausurado na Sea Org. Eletrizou-se[60] quando visitou Cruise no estúdio onde estava sendo filmado *Dias de trovão*, e o ator levou-o para seu primeiro salto de *skydive*. Cruise, por sua vez, foi enfeitiçado pela personalidade imperiosa de Miscavige. Usou-o como modelo[61] quando moldou o personagem do heroico e resoluto oficial da Marinha no filme *Questão de honra*, um fato do qual Miscavige adorava se gabar.

Pouco antes do Natal de 1990,[62] Sinar Parman foi informado de que Tom e Nicole iriam se casar, e de que ele e um chef de doces da Sea Org, junto com suas mulheres, se encarregariam da comida na festa de casamento. Garantiram a Parman que ele seria pago pela trabalheira; enquanto isso, tratassem de comprar roupas civis apropriadas para o frio. Parman foi às compras e pagou tudo, inclusive um presente para Cruise, com seu cartão de crédito pessoal. O jato particular do ator levou-os a Telluride, Colorado, o local do casamento. Passaram três dias preparando refeições para os convidados. O auditor de Cruise, Ray Mithoff, oficiou a cerimônia, e David Miscavige foi padrinho do noivo. Mais tarde, Parman foi informado de que Miscavige mudara de ideia a respeito de remunerá-lo por seus serviços e pelas despesas que ele fizera. Parman se viu com uma cobrança de centenas de dólares em seu cartão de crédito, e teve de

trabalhar arduamente para quitá-la com seu salário na Sea Org, cinquenta dólares por semana na época.

De início, Tom e Nicole pareceram o casal poderoso ideal para a cientologia. Eram inteligentes, bem-falantes e extraordinariamente belos. Na Gold Base, Tom chegou ao OT III. Depois disso, ele passaria um tempo considerável auditando a si mesmo para exorcizar seus thetans corpóreos. Nicole não partilhava do óbvio entusiasmo de Tom pela cientologia; tinha uma personalidade mais fria, mas foi levada de roldão pelo arrebatamento do parceiro. Tornou-se *clear* num piscar de olhos. Em um ano chegou a OT II,[63] e então, misteriosamente, empacou. Um candidato que começara os níveis OT não devia parar até atingir OT III. Miscavige suspeitou da influência de uma pessoa supressiva: especificamente, o pai de Kidman, Anthony Kidman, psicólogo clínico que escrevera vários livros populares de autoajuda na Austrália. Desde o princípio, Kidman foi privadamente considerado uma potencial fonte de problemas.

Um dia, na Gold Base, Marty Rathbun mandou chamar Marc Headley, um membro da Sea Org de dezesseis anos, e disse que ele fora escolhido para passar por uma audição especial. Não deveria contar a ninguém sobre isso, nem mesmo aos colegas de trabalho e à família. A propósito, o auditor seria Tom Cruise.

Headley se apresentou numa grande sala de conferência. Logo de cara notou Nicole Kidman, que também estava recebendo audição, e Kirstie Alley, que ele depois deduziu estar lá principalmente como uma "celebridade acessória", já que ela pouco fazia além de ler.

"Oi, sou Tom",[64] disse Cruise, segundo Headley se recorda.[d] Ele cumprimentou o garoto com um vigoroso aperto de mão, entregou-lhe as latas ligadas ao E-meter e perguntou se a temperatura da sala estava adequada. Em seguida, disse a Headley para inspirar profundamente e exalar. Era um teste de metabolismo, que supostamente indica se o *preclear* está preparado para a sessão. Aparentemente, a agulha do E-meter não baixou o suficiente. Headley estava tão deslumbrado que não conseguia se concentrar.

"Você dormiu o suficiente?", Cruise perguntou.

"Sim."

"Comeu o suficiente?"

"Sim."

"Tomou as vitaminas?"

Headley disse que não tomava vitaminas.

"Talvez seja esse o problema", disse Cruise. Foi até a despensa, que estava abarrotada de petiscos para as celebridades. Headley, acostumado à parca ração da Sea Org, ficou pasmo com a fartura e variedade das guloseimas à disposição

dos astros. Enquanto Cruise remexia nos armários, Headley comeu um pedaço de queijo dinamarquês. O ator encontrou várias vitaminas e perguntou: “Você toma bastante pólen?”.

Headley não fazia ideia do que seria aquilo.

“Nunca tomou pólen?”, Cruise se animou. “Ah, isso vai resolver, com certeza.”

Levou Headley em sua moto Yamaha até a cantina da base. Era hora do jantar, e a cantina estava cheia de colegas de trabalho de Headley, todos de queixo caído. Headley se surpreendeu ao saber que ali se vendia pólen, mas diz que Cruise não pagou pela mercadoria; simplesmente a pegou, e os dois voltaram para a sala de conferência. Dessa vez, Headley passou no teste do metabolismo, embora em segredo desse mais crédito ao queijo dinamarquês que ao pólen.

Segundo Headley, Cruise ajudou-o nas Rotinas de Treinamento para Doutrinação Superior. “Olhe para a parede”,[65] Cruise teria dito, seguindo as especificações de Hubbard. “Obrigado. Ande até a parede. Obrigado. Toque na parede. Obrigado.” O propósito desse exercício, de acordo com Hubbard, é assegurar o controle sobre o *preclear* e aumentar seu *havingness*.[e] Em seguida, Cruise pediu a Headley que fizesse um objeto, por exemplo, uma cadeira, ficar parado ou se tornar mais sólido. Outro exercício consiste em dizer a um cinzeiro para se levantar, e o *preclear* então se levanta e ergue o cinzeiro, agradece ao cinzeiro e ordena ao cinzeiro que se sente. A cada repetição, o comando do *preclear* aumenta em volume, e logo o *preclear* se vê gritando o mais forte possível com o cinzeiro. O propósito desse exercício é perceber que sua intenção é separada de suas palavras e das ondas sonoras que as conduzem. Esses procedimentos continuaram por horas, com Headley obedecendo como um robô aos comandos de Cruise. “A gente aprende que, se não fizer como eles dizem, ficam fazendo a mesma pergunta 5 milhões de vezes”, Headley lembrou. Em certo momento, ele caiu no sono, mas continuou a responder automaticamente. Esse treinamento prosseguiu por horas ao longo de várias semanas, até Tom e Nicole voltarem para Hollywood.

Quando Nicole se mudou para a mansão de Tom em Pacific Palisades, o casal era constantemente vigiado. A mulher de Miscavige, Shelly,[66] entrevistava candidatos da cientologia para servirem na criadagem de Tom e Nicole. Segundo ex-executivos, os cientologistas que trabalhavam para Cruise e Kidman informavam à igreja tudo o que observavam. Miscavige presenteou o casal[67] com serviços importantes executados por membros da Sea Org. Eles instalaram um avançado sistema de vídeo e som. Sinar Parman, o chef, diz que ajudou a projetar a cozinha.[68] O astro e a igreja tinham uma relação descontraída,

simbiótica. O uso de clero não remunerado da igreja para ajudar Cruise a reformar sua casa, contratar empregados e instalar tecnologia avançada nada mais era que parte do trato.[f]

Paul Haggis sempre foi um workaholic, e, quando sua carreira decolou, seu tempo com a família diminuiu ainda mais. Só voltava para casa tarde da noite ou de madrugada. Suas três filhas quase não sabiam quem ele era.

Em geral, Haggis se interessava muito mais por causas que por pessoas. Dirigia um carro ecologicamente correto, um pequeno Mini Cooper amarelo com um adesivo no para-choque com os dizeres GUERRA NÃO É A RESPOSTA. A casa dos Haggis se tornou ponto de encontro do círculo da justiça social da esquerda hollywoodiana. Certa vez, Haggis deu uma festa para angariar fundos para o Tibete, com a presença do dalai-lama. O quintal se encheu de celebridades e monges entoando mantras. As meninas acharam hilário. Barbra Streisand se apresentou ao dalai-lama, e ele perguntou o que ela fazia. “Canto um pouquinho,[69] danço um pouquinho”, ela respondeu.

O casamento de Paul e Diane andava conturbado fazia anos, e em 1983 eles iniciaram um épico e rancoroso divórcio. Os trâmites se arrastaram por nove anos. As meninas moravam com Diane e visitavam Paul quinzenalmente. Durante esse período de desentendimentos com a mulher, Paul viajou para Nova York com uma diretora de elenco, também cientologista. Eles se beijaram. Mais tarde ele confessou o incidente durante uma sessão de audição, e foi mandado para o escritório de Ética, onde lhe deram uma pequena punição. Ele já estivera no escritório de Ética antes, geralmente por faltar a trabalhos de curso, mas começava a achar que, quanto mais famoso se tornava, menor ficava a probabilidade de ser repreendido por comportamentos que, para outros membros, eram considerados “fora da ética”.

Toda vez que Haggis ficava perplexo com algum dado ilógico ou inventivo, invariavelmente o lembravam de que a falha era totalmente dele. Entrara para a cientologia já adulto, por isso sua experiência fora da igreja baseava seus julgamentos. Quando tropeçava em algum aspecto da cientologia que achava ridículo, fazia mentalmente um desvio para não passar por ele, pois não queria gastar tempo nem dinheiro com os “reparos” que seus supervisores prescreveriam. Embora nunca perdesse o ceticismo, suas filhas nasceram na religião. Nela foram instruídas desde o princípio. Quase todas as pessoas que elas conheciam[70] eram cientologistas.

Cada uma das meninas era quase um clone de um dos pais. Alissa e Katy eram Paul, louras de pele muito clara, mas com feições mais aquilinas, covinha no

nariz e maçãs do rosto pronunciadas. Lauren, a filha do meio, era Diane. Herdara a pele morena clara e os olhos escuros mediterrâneos da mãe, que tinha ascendência grega. As meninas eram muito vivas, curiosas e alegres, mas o divórcio dos pais foi para elas um trauma interminável, tumultuoso, desnorteante, doloroso, e teve um custo alto.

Elas foram para a Delphi Academy, uma escola particular que adota o método *study tech*[71] de Hubbard. Em grande medida, a escola tinha autonomia para seguir a linha de ensino que desejasse. Segundo a pedagogia cientologista, existem barreiras que retardam o progresso do aluno. A primeira é "falta de massa". Hubbard derivou esse princípio da observação de Alfred Korzybski de que o mundo e o objeto que ele nomeia não são a mesma coisa. Se o aluno estiver estudando tratores, por exemplo, o ideal é que tenha um trator de verdade à sua frente. A ausência do objeto real desorienta o aluno. "Faz com que ele se sinta fisiologicamente condensado", escreve Hubbard. "Faz com que ele se sinta esmagado. Faz com que ele se sinta curvado, como que girando, como que morto, entediado, exasperado." Fotos do objeto podem ajudar, ou filmes, já que são "uma espécie de promessa de esperança da massa", porém não são um substituto adequado para o trator em estudo. O resultado para o aluno é sentir tontura, dor de cabeça, problemas estomacais, ardência nos olhos, e "acabar com um rosto que parece esmagado". Doença e até suicídio podem ser o resultado esperado. O *study tech* de Hubbard remedia o problema dando ao aluno argila ou massa de modelar para fazer réplicas do objeto.

O segundo princípio é o "gradiente muito íngreme",[72] que Hubbard descreve como a dificuldade que o aluno encontra quando dá um salto para o qual não está preparado. "É uma espécie de confusão ou vertigem que o acompanha", escreve Hubbard. A solução é voltar ao ponto em que o aluno entende totalmente o assunto e decompor a matéria em pequenas partes.

O "mundo indefinido",[73] o terceiro e o mais importante princípio, ocorre quando o aluno tenta absorver a matéria passando ao largo da definição das palavras usadas. "A ÚNICA RAZÃO PARA UMA PESSOA DESISTIR DE UM ESTUDO, FICAR CONFUSA OU NÃO CONSEGUIR APRENDER É TER DEIXADO PASSAR UMA PALAVRA QUE NÃO FOI COMPREENDIDA", frisa Hubbard num de seus boletins técnicos reprovadores. "AS PALAVRAS TÊM ÀS VEZES UM SENTIDO DIFERENTE, OU MAIS DE UM SENTIDO." Uma palavra mal compreendida "traz uma nítida sensação de branco[74] ou desbotado", escreve Hubbard. "Uma sensação de falta e uma espécie de histeria sobrevêm em consequência disso." A solução é ter à mão um grande dicionário, de preferência com muitas ilustrações. Todos os textos da cientologia contêm glossários com termos especializados. A necessidade de entender o

significado das palavras, escreve Hubbard, “é uma descoberta arrebatadoramente fantástica no campo da educação; não a negligenciem”.

Esses dois últimos princípios são fundamentais para a própria iniciação na cientologia. Como a igreja assevera que tudo o que Hubbard escreveu ou falou é indiscutivelmente verdadeiro, tudo o que uma pessoa não entender ou não aceitar é culpa dela mesma. A solução é voltar, estudar as palavras e se dedicar à matéria com mais afinco. Uma hora, o sujeito acabará entendendo. Então poderá avançar.

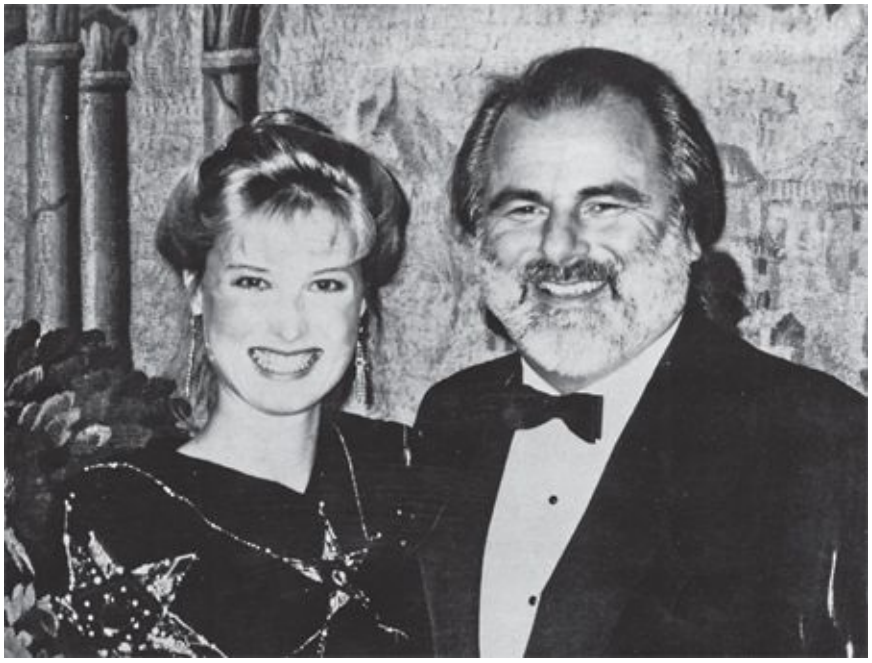
Lauren adorava seu professor na Delphi, mas no método Hubbard o aluno se responsabilizava totalmente pelo aprendizado. Para Lauren, o tumultuado divórcio de seus pais era uma terrível perturbação. Ela sentia que ninguém lhe dava atenção, nem em casa nem na escola. Foi analfabeta até os onze anos. Não sabia ler nem escrever o próprio nome.

Os cientologistas de segunda geração tipicamente se sentem bem mais à vontade que seus pais com a linguagem e a cultura da igreja. Ainda assim, podem ficar um tanto perdidos quando tentam lidar com uma sociedade incompreensiva. A primeira vez que Alissa notou que fazia alguma coisa diferente das outras pessoas foi quando fez um *assist* de contato. A cientologia ensina que, se o indivíduo tocar repetidamente um ferimento recente no objeto que causou a lesão e se concentrar em silêncio, a dor diminui e a sensação traumática desaparece gradualmente. Se um cientologista vir uma pessoa prender a mão na porta, por exemplo, o manual da igreja orienta o cientologista a “fazer a pessoa voltar lá[75] e, com a mão machucada, tocar no ponto *exato* da *mesma* porta, reproduzindo os mesmos movimentos que ocorreram no momento da lesão”. Existem outros tipos de *assists*, por exemplo, para despertar uma pessoa inconsciente, eliminar furúnculos, atenuar dor de ouvido e dor nas costas e fazer um bêbado ficar sóbrio. Em vez de chorar quando se machucava, Alissa, em silêncio, repetia a ação várias vezes até abrandar a dor. Ela reparou que os não cientologistas não tinham a menor ideia do que ela estava fazendo. Também se surpreendeu quando foi jantar na casa de uma amiga e a família deu graças antes da refeição. Demorou um momento para se dar conta do que estavam fazendo. Na opinião dela, Deus tem um papel insignificante na cientologia. “Quero dizer, há um lugar para isso, mas é uma espécie de lugar vago.” Por isso, sempre que as amigas começavam a rezar, ela “baixava a cabeça e deixava que fizessem sua cerimônia”.

Paul também ficou marcado pelo divórcio, embora, como muitas vezes lhe acontecia, ele viesse a explorar a experiência em seu trabalho. Criou uma série de televisão, *Family Law*, baseada, em certa medida, no divórcio de Diane. Ele sempre encontrou mais consolo e sentido no trabalho que na família. Seu

sucesso aumentava ano a ano, mas o abismo entre ele e as filhas crescia. Elas o conheciam melhor como autor que como pai, e ficavam perplexas com o fato de ele ser tão frio com elas enquanto seus roteiros continham tanta emoção. Paul sentia-se culpado por não estar em companhia das meninas, por isso providenciava para que fossem levadas ao estúdio e lhes dava alguma pequena tarefa. Alissa fez quase de tudo no ramo, de vestuário a assistente de produção; aos quinze anos, recebeu uma credencial da Directors Guild no Canadá.

Em 1991, Haggis foi a uma festa do Quatro de Julho na casa de amigos cientologistas. Lá conheceu uma atriz notável, Deborah Rennard. Ela crescera na cientologia. Aos vinte e poucos anos, estudara arte dramática na Beverly Hills Playhouse e fora influenciada por Milton Katselas, o lendário professor de atores e ex-colaborador de Hubbard. Tornaram-se amantes. Milton era sedutor, mas tinha 27 anos a mais que Deborah, e o relacionamento dos dois era uma exaustiva montanha-russa. Ficaram juntos por seis anos. Quando Paul a conheceu, Deborah e Milton haviam se separado recentemente. Ela era uma atriz de sucesso, com um papel recorrente na longa série de televisão *Dallas*, como a leal mas sempre inatingível secretária de J. R. Ewing.



Deborah Rennard e Milton Katselas em Silverlake, Califórnia, 1985.

Paul ainda estava às voltas com seu épico divórcio. No início de sua relação com Deborah, ele admitiu que estava passando por uma crise espiritual. Comentou que chegara muito depressa ao topo da Ponte na questão da fé, mas

não encontrara o que esperava. “Acho que não sou um ser espiritual. Sou realmente o que você vê”, Paul disse a Deborah. Ela o aconselhou a se submeter a mais audições. Ela mesma estava tendo revelações que a levaram a descobrir vidas passadas. Imagens flutuavam em sua mente, e ela percebeu que não eram de onde ela estava. “Não é aqui”, ela disse. “Não estou no meu corpo, estou em outro lugar.” Ela talvez estivesse confrontando o que a igreja chama de “ação de contrassobrevivência” — “como na vez em que bati em Paul ou joguei alguma coisa nele”. Procurava um “similar anterior” em sua vida. De repente, ela se viu na Inglaterra do século XIX. “Foi um vislumbre fugaz do que eu estava fazendo naquele momento. Batendo em maridos.” Quando ela examinava aqueles momentos afins em sua existência presente e em outras passadas, a carga emocional se dissipava. Paul dizia: “Você não acha que está inventando?”. De início, ela pensou que talvez ele tivesse razão. Mas depois se perguntou se isso tinha realmente importância. Se ela sentia que estava melhorando, e daí que fossem memórias ou fantasias? Como atriz, ela passava por um processo análogo quando trabalhava numa cena; ia buscar um sentimento sabe-se lá onde. Ele parecia real. Ajudava-a a entrar no papel. Contanto que o processo funcionasse, por que discutir?

Deborah insistia para que Paul comparecesse à gala anual e participasse de organizações beneficentes da cientologia. Ao longo dos anos, Haggis gastou cerca de 100 mil dólares em cursos e audições e uma quantia equivalente em várias iniciativas da cientologia. Esse valor não inclui o dinheiro que Diane deu à igreja enquanto estava casada com Paul. Haggis também deu 250 mil dólares à Associação Internacional de Cientologistas, um fundo criado para proteger e promover a igreja. Deborah gastou cerca de 150 mil dólares em cursos para si mesma. Paul e Deborah deram uma festa em casa para angariar fundos, e levantaram 200 mil dólares para um novo prédio da cientologia em Nashville; depois contribuíram com mais 10 mil dólares do próprio bolso. Os pedidos de dinheiro — *regging*, como se diz na cientologia, pois as solicitações eram feitas pelo Registrar’s Office — não cessavam. Paul lhes dava dinheiro só para que parassem de telefonar.

---

a Um advogado de Preston e Travolta declara que o casal “nunca pôs o filho em tratamento pelo ‘processo

de purificação’ e nunca teria adotado nenhum tipo de conduta que de alguma forma pusesse em risco a vida, a saúde ou o bem-estar de seu filho”. Ele afirma que Preston se referiu a si mesma quando respondeu à pergunta de Williams.

b Segundo a igreja, “A política da Sea Org com respeito às crianças mudou em 1986. O diretor executivo internacional, sr. Guillaume Lesevre, decretou a mudança da política que determinava que membros da Sea Org não mais podiam ter filhos e permanecer na Sea Org”.

c A igreja nega que exista o *blow drill*, e apresentou uma declaração juramentada de Morehead, registrada em 31 de março de 1997, na qual ele afirma: “Vi pessoas saírem, e elas eram livres para fazê-lo. Eu mesmo estou fazendo isso agora. […] Estou ciente de que existem histórias de indivíduos que alegam ter sido retidos contra a vontade, mas sei, por meu próprio exemplo e pelo cargo que exerci na segurança, que essas histórias são completamente falsas”. Morehead repudia essa declaração: “Em março de 1997, naquele momento específico, eu teria assinado qualquer coisa”, ele comentou.

d Cruise, segundo seu advogado, diz que não se lembra de ter conhecido Marc Headley. Bruce Hines, que estava presente para assegurar que o processo fosse feito corretamente, assistiu às sessões e se lembra com clareza de Cruise auditando Healey.

e No jargão da cientologia, *havingness* denota a capacidade de comandar objetos, energia e espaço. (N. T.)

f O advogado de Cruise afirma: “Pelo que eu saiba, o sr. Cruise sempre pagou por todos os serviços que lhe fizeram”.

7. O futuro é nosso

Agora que detinha o controle total da igreja, Miscavige procurou restaurar a imagem da cientologia. A década de 1980 fora um período devastador para a reputação da organização, com o sumiço e depois a morte de Hubbard, os processos judiciais clamorosos e a avalanche de publicidade negativa. Miscavige contratou a Hill Knowlton,[1] a maior e a mais antiga empresa de relações públicas do mundo, para dirigir uma campanha nacional. O presidente mundial da Hill Knowlton, Robert Keith Gray,[2] de lendária lábia e habilidade, era especialista em reabilitar ditadores caídos em desgraça, traficantes de armas e governos com históricos pavorosos de violações dos direitos humanos. Como representante do governo do Kuwait, cabia à Hill Knowlton uma parte da responsabilidade em vender a Guerra do Golfo ao povo americano. Uma das táticas da empresa foi providenciar o depoimento de "Nayirah", uma garota de quinze anos, a um comitê sobre direitos humanos na Câmara de Representantes dos Estados Unidos em outubro de 1990. Nayirah se apresentou como uma kuwaitiana comum, que trabalhara como voluntária num hospital. Em meio a lágrimas, contou aos parlamentares que viu soldados iraquianos invadirem a ala da maternidade: "Tiraram os bebês[3] das incubadoras, levaram-nas e largaram os bebês à morte no chão frio". Era impossível comprovar o episódio; depois se descobriu que Nayirah era filha do embaixador kuwaitiano nos Estados Unidos e jamais fora voluntária no hospital. Essa operação de propaganda[4] foi, na época, a campanha de relações públicas mais cara e sofisticada que um governo estrangeiro fez nos Estados Unidos.

Gray também havia colaborado estreitamente com a campanha Reagan. Deliciou os cientologistas com sua habilidade em pegar um "ator cabeça oca"[5] e convertê-lo no "Presidente Teflon". A Hill Knowlton continuou a trabalhar para a igreja, lançando matérias falsas, muitas vezes como noticiários em vídeo que pareciam reportagens reais em vez de anúncios. A igreja passou a apoiar causas de grande visibilidade, como a Goodwill Games de Ted Turner,[6] assim se associando a outros patrocinadores corporativos famosos, como a Sony e a Pepsi. Multiplicaram-se anúncios de página inteira[7] em revistas de notícias, vendendo a filosofia da igreja, e em propagandas na TV a cabo, promovendo

livros de cientologia e seminários de Dianética.

Até que, em maio de 1991, ocorreu uma das maiores catástrofes de relações públicas na história da igreja. A revista *Time* publicou uma matéria de capa devastadora, chamada "Cientologia: O próspero culto da ganância e do poder", do repórter investigativo Richard Behar. A matéria revelava que uma das diversas entidades religiosas da cientologia, a Igreja da Tecnologia Espiritual, embolsara sozinha meio bilhão de dólares apenas em 1987. Centenas de milhões de dólares da organização principal estavam em contas secretas em Lichtenstein, na Suíça e no Chipre. Muitas personalidades ligadas à igreja foram ferozmente atacadas no artigo. O próprio Hubbard foi definido como "em parte loroteiro, em parte trapaceiro".[8] Os irmãos Feshbach eram o "terror do mercado financeiro": espalhavam notícias falsas sobre as empresas para derrubar o valor de suas ações na Bolsa. Segundo Behar, um ex-executivo da organização teria dito que John Travolta só continuava na igreja por medo de, se saísse, detalhes de sua vida sexual viessem a público. Segundo a matéria, Miscavige fazia piadas constantes sobre "a conduta homossexual alegadamente promíscua" de Travolta. Quando Behar perguntou ao advogado de Travolta o que o ator teria a dizer a esse respeito, a resposta foi que tais perguntas eram "bizarras". "Duas semanas depois, Travolta anunciou que ia se casar com a atriz Kelly Preston, também cientologista", escreveu Behar.

O jornalista observou: "Os que criticam a igreja[9] — jornalistas, médicos, advogados e até juízes — muitas vezes se veem afogados em processos, são perseguidos por detetives particulares, tornam-se vítimas de armações que lhes imputam crimes fictícios, são espancados ou ameaçados de morte". Ele acusou o Departamento de Justiça de não dar respaldo à Receita e ao FBI para instaurarem uma ação por extorsão contra a igreja, pois não quis liberar as verbas necessárias para intimar a organização. Citou Cynthia Kisser, líder da Rede de Conscientização sobre os Cultos em Chicago: "A cientologia é, muito provavelmente, o culto mais implacável, mais classicamente terrorista, mais litigioso e mais lucrativo que o país jamais conheceu".

Depois da publicação do artigo na *Time*, Miscavige foi convidado a aparecer no programa *Nightline* da ABC, um noticiário de grande prestígio, para defender a imagem da igreja. Ele nunca dera nenhuma entrevista na vida. Treinou durante meses,[10] chegando a quatro horas de ensaio por dia, com Rathbun e Rinder. Insistia que lhe fizessem perguntas e depois reclamava que os dois não se pareciam com Ted Koppel, o apresentador do programa, cortês mas incisivo. Miscavige fazia as perguntas a si mesmo, imitando o que imaginava ser a voz de Koppel, e então dava uma resposta hipotética. Na hora de definir o que vestiria,

examinou uma quantidade de roupas que pareceu interminável a seus ajudantes, e por fim escolheu um terno azul com uma gravata roxa e um lenço no bolsinho do paletó. Finalmente, no Dia dos Namorados [14 de fevereiro] de 1992, foi a Nova York, onde o programa seria transmitido ao vivo.

Antes da entrevista, Forrest Sawyer apresentou uma reportagem de quinze minutos sobre as alegações e controvérsias em torno da cientologia. “A igreja afirma que agora tem centros em mais de setenta países, e estão vindo outros”, disse Sawyer. Heber Jentzsch, presidente da Igreja da Cientologia Internacional, declarou que tinham cerca de 8 milhões de seguidores. Sawyer também entrevistou ex-membros, que contaram como suas famílias haviam sido destroçadas ou como foram trapaceados em dezenas de milhares de dólares. Richard Behar, o repórter da *Time*, expôs minuciosamente como os detetives particulares da cientologia tinham obtido as gravações de seus telefonemas. Vicki Aznaran, ex-funcionária do alto escalão da igreja e que agora abrira processo contra ela, disse a Sawyer que Miscavige ordenava ataques a quem considerasse encrenqueiro: “Mandava que invadissem a casa deles, que os espancassem, que roubassem objetos, cortassem os pneus, quebrassem as janelas de seus carros, qualquer coisa”.

Koppel deu a palavra a Miscavige para responder à reportagem de Sawyer. Miscavige declarou: “Todos os detratores que aparecem ali fazem parte de um grupo de ódio religioso chamado Rede de Conscientização sobre os Cultos e de seu grupo irmão, a Fundação da Família Americana”. E completou: “É a mesma coisa da Ku Klux Klan com os negros”. Ele parecia totalmente à vontade.

Koppel observou: “Você entende que é um pouco difícil fazer com que as pessoas expressem críticas à cientologia, pois, para ser franco, elas ficam com medo”.

“Oh, não, não, de maneira nenhuma.”

“Estou lhe dizendo”, insistiu Koppel, “as pessoas ficam com medo.”

“Não vamos passar uma impressão errada ao público americano”, respondeu Miscavige. “A igreja e eu é que estamos sendo molestados.”

Koppel, então, passou para uma pergunta que parecia fácil para alguém que passara tanto tempo se preparando para aquele encontro. “Por favor, dê uma razão para que eu me converta à cientologia.”

“Porque você se importa consigo mesmo e com a vida em si”, respondeu Miscavige, muito animado. E deu o exemplo da facilidade de comunicação. “Uma das grandes coisas que existem na cientologia é ser capaz de se comunicar com o mundo ao redor. Existe de fato uma fórmula de comunicação que pode ser entendida. Você pode praticar usando essa fórmula.”

“Até hoje não tenho tido muito problema em me comunicar”, brincou Koppel.

Então Miscavige perguntou: “O que, em sua vida, você sente que não vai bem, que gostaria de remediar?”. Era uma técnica clássica da cientologia: encontrar a “desgraça” do sujeito, a coisa que estava bloqueando seu acesso à felicidade.

“Eu me sinto muito bem com a minha”, respondeu Koppel.

Miscavige mudou de tática. “Então vamos encarar dessa maneira, o que a cientologia faz. Se você olha o mundo hoje, se pega um sujeito que é saudável, está se dando bem na vida, como você mesmo, você vai dizer que esse sujeito é normal, não é um maluco, não é um psicótico, alguém que diz ver um elefante onde outros enxergam uma parede”, ele disse, improvisando. “E você também pode ver gente mais embaixo — gente louca, criminosos — que a sociedade em geral vai olhar e dizer: ‘Esse pessoal tem alguma coisa de errado, pois não atingiu esse nível de personalidade’… O que tentamos fazer na cientologia é pegar alguém desse nível mais alto e elevar a uma maior capacidade.”

“E o pessoal ‘lá embaixo’?”

“Não os ignoramos. O que digo é: a cientologia existe para tornar os aptos mais aptos.”

“Outra maneira de dizer é: vocês estão interessados no pessoal que tem dinheiro.”

Miscavige protestou, dizendo que o dinheiro na igreja vai para boas causas. “Somos o maior grupo de reforma social do mundo”, ele declarou, acrescentando que, se uma pessoa ficar tempo suficiente na cientologia, terá rios de dinheiro. Então voltou à reportagem de Sawyer. “A única garota lá que estava reclamando é uma menina chamada Vicki Aznaran, que aliás foi expulsa por tentar introduzir criminosos na igreja, coisa que ela não mencionou.”

“Você diz ‘garota’. Creio que estamos falando de uma mulher-feita, certo?”

“Uma mulher feita, desculpe-me”, disse Miscavige. “Ela violou os costumes e códigos do grupo.”

“Ou você está fazendo uma acusação exata contra alguém ou — o que uma série de… os artigos escritos sobre a cientologia sugerem é que, quando você encontra um crítico pela frente, você destrói essas pessoas.”

“Isso é fácil dizer…”

“Você difama.”

“É fácil a pessoa dizer isso, mas ela é a única naquele artigo me difamando.”

Quanto a Richard Behar, o repórter da *Time*, Miscavige declarou: “O homem foi pego duas vezes tentando sequestrar cientologistas. É um ato ilegal”.

A hora tinha terminado, porém Miscavige acabara de fazer mais uma acusação sem provas. Então Koppel decidiu prolongar a entrevista por “uns minutos”, mas o programa continuou por mais meia hora sem nenhum intervalo comercial. Pediu a Miscavige que explicasse o que havia dito sobre Behar. “Algumas

pessoas tinham ligado para ele e então Behar disse para sequestrarem cientologistas", respondeu ele.

"Mas, como você sabe, o sequestro é crime federal", observou Koppel. "Então por que você não o denunciou?"

"Ele não conseguiu", respondeu Miscavige. "Ted, Ted, você está se desviando do assunto."

"Existe tentativa de estupro, tentativa de assassinato, tentativa de sequestro. Tentativa também é crime."

"Acho que você está realmente se desviando do assunto, Ted, porque a questão é esta: aquele homem se apresenta como repórter objetivo. E aí está ele, numa gravação, três anos antes de escrever esse artigo, declarando que achava que os cientologistas deviam ser sequestrados para mudar de religião." Miscavige continuou: "Em segundo lugar, vamos olhar esse artigo sem nos deixarmos enganar. Não era uma matéria objetiva. Foi feita a mando da Eli Lilly [a indústria farmacêutica]. Eles estavam furiosos por causa do prejuízo que tínhamos causado àquela droga fatal deles, o Prozac".

"Certamente você tem provas disso", falou Koppel. "Tem alguma declaração escrita?"

"Vou lhe dizer o que mais eu…"

"Tem declaração escrita?"

"Deles? Claro que não. Você acha que eles admitiriam?", respondeu Miscavige. "Ligamos para a Eli Lilly. Eles responderam: 'Não podemos confirmar nem negar'."[a]

Na reportagem de Sawyer, havia uma breve citação de Hubbard dizendo a seus seguidores: "Estive no cinturão de Van Allen.[11] É fato. E não sei por que eles ficam com medo do cinturão, pois é apenas quente. Vocês se espantariam com o calor que faz no espaço". Então Koppel comentou: "Quando ouço falar de um homem dizendo que foi levado para o cinturão de radiação espacial Van Allen ou de espaçonaves basicamente idênticas ao DC-8, devo lhe dizer, isto é, se estamos falando da credibilidade desse homem, certamente me surgem algumas dúvidas na cabeça".

Miscavige respondeu que a citação de Hubbard tinha sido retirada de contexto.

"Então, por favor, veja se pode contextualizá-la para nós, para não parecer ridícula", disse Koppel.

"Certo", disse Miscavige. "Quero que você pegue a Igreja católica, agora mesmo, e me explique, para eu entender, como a Virgem Maria era uma virgem, o que é cientificamente impossível, a menos que estejamos falando de alguma

coisa…” Ele maneirou e disse: “Está bem, vou ser como você, vou ser o cético. Se formos falar de inseminação artificial, como é possível? Se você estiver falando de ir para o céu, além do fato de que temos uma cápsula espacial indo para lá, temos a *Apollo* indo para lá, então diga. Não estou aqui…”. Ele estava visivelmente confuso e atrapalhado.

Para ajudar, Koppel perguntou: “Você era católico quando criança, não é?”.

“Era, sim.”

“Então você sabe muito bem que essas coisas são questões de fé.”

Mas Miscavige não aceitou a boia de salvação que Koppel lhe ofereceu. A cientologia é vendida como uma abordagem totalmente racional para a compreensão e o controle da existência. “Não, não”, respondeu ele. “Você pode falar do cinturão de Van Allen ou de qualquer outra coisa, mas isso não faz parte, não faz parte nenhuma da cientologia atual.”

“Mas o que ele quis dizer quando estava falando sobre isso?”

“Com toda a franqueza, nessa fita aqui, ele está falando das origens do universo, e acho que você encontra isso em qualquer, qualquer religião, qualquer uma, e acho que você pode fazer a mesma gozação a respeito. Considero isso ofensivo.”

“Não estou tirando sarro, estou lhe fazendo uma pergunta”, respondeu Koppel. “Você se desvia e me pergunta sobre o catolicismo. Respondo que estamos falando de campos de fé.”

“Ora, nem é uma questão de fé”, insistiu Miscavige, “porque a cientologia é sobre você, você mesmo, e o que você faz. Você está levantando uma coisa que não faz parte da cientologia atual, que não é algo que os cientologistas estudam, que faz parte de alguma fita tirada não sei de onde, e aí você me pergunta sobre ela e me diz para contextualizar, coisa que não posso fazer.”

Mais tarde, Miscavige disse a Koppel que nunca tinha ouvido antes a fita de Hubbard. (Fazia parte de uma conferência que Hubbard deu em 1963, na qual discorreu sobre o período entre as vidas, quando os thetans são transportados até Vênus, para ter suas memórias apagadas.)

Depois do programa, Miscavige voltou aos bastidores, onde o aguardavam Rinder, Rathbun e Norman Starkey, outro executivo.

“Como me saí?”, ele perguntou.

“Puxa, o senhor deu um show!”, disse um deles.

“Foi gol de placa”, garantiu Rathbun.

“Mesmo?”, perguntou Miscavige, meio em dúvida. “Jesus Cristo, eu estava ali até agora e não sei. O cara me encheu tanto o saco.”

Koppel ganhou um Emmy por aquele programa. Miscavige tomou a si o mérito, dizendo: “Consegui o Emmy para o Ted”.[12] Até mandou fazer uma

réplica de um Emmy, para ficar na Sala dos Oficiais na Gold Base. Mas nunca mais voltou à televisão.

A matéria da *Time* marcou uma guinada na história da igreja. O constrangimento criado para as celebridades da cientologia anulou a estratégia da igreja para dar à religião a aparência de um refúgio espiritual para a elite da indústria do entretenimento. Um dos principais apelos da religião a recrutas em potencial era a impressão de que existia uma rede de apoio que a cientologia fornecia a seus integrantes, sobretudo em Hollywood, dando-lhes elementos de vantagem num setor de concorrência impiedosa. Com o artigo da *Time*, a filiação à igreja passou a ser um elemento um tanto comprometedor.

Tom Cruise foi um dos astros que aparentemente começaram a se afastar da cientologia.[b] Parou de subir a Ponte. Ele e Nicole adotaram duas crianças, Isabella e Connor, e começaram a passar mais tempo em Sydney, cidade natal de Kidman, onde a atriz podia ficar perto da família. Ele contratou uma assessora de imprensa poderosa, Pat Kingsley, capaz de impor um rígido controle sobre o conteúdo das entrevistas concedidas pelo astro. Embora sua filiação à cientologia fosse de conhecimento geral, não se acrescentou nenhuma lenha nova à fogueira. Ele parecia estar estabelecendo a maior distância possível entre si e a igreja.

A igreja começou a tramar o contra-ataque. A Rede de Conscientização sobre os Cultos, assediada por mais de cinquenta ações judiciais movidas por cientologistas, faliu em 1996. Um cientologista comprou o nome e os ativos em leilão. Logo depois disso, a nova Rede de Conscientização sobre os Cultos lançou um folheto enaltecendo a Igreja da Cientologia por seu empenho em "aumentar a felicidade e melhorar as condições[13] do próprio indivíduo e dos outros". A igreja também iniciou uma campanha de 3 milhões de dólares[14] contra a *Time*, publicando diariamente anúncios de página inteira no *USA Today*, durante doze semanas, acusando a revista de ter "apoiado" Adolf Hitler, por exemplo, ao escolhê-lo em 1938 como "Homem do Ano", devido a seu destaque nos assuntos europeus. Foi incluído um extenso suplemento no *USA Today* intitulado "A história que a *Time* não pôde contar: quem realmente controla as notícias na *Time* — e por quê", em que a igreja afirmava que, na verdade, a *Time* estava sob o domínio da indústria farmacêutica — mais especificamente da Eli Lilly Company, fabricante do Prozac. A igreja havia acusado o Prozac de induzir as pessoas ao suicídio e ao assassinato em massa e alegou que o artigo da *Time* era uma represália da empresa.[c]

Rathbun encabeçou o ferrenho ataque legal à *Time* e dirigia a equipe de

detetives particulares que esquadrinhavam a vida pessoal de Behar. A igreja, utilizando o que foi anunciado como um orçamento anual de 20 milhões de dólares para ações judiciais[15] e uma equipe com mais de cem advogados para cuidar das ações já em curso, deu entrada num processo por difamação de 416 milhões de dólares contra a Time Warner, a empresa dona da revista, e contra Gehar. Como a igreja é considerada pela legislação americana "figura pública", os advogados da cientologia tinham de provar não só que as alegações da revista estavam erradas, mas também que Behar agira de "má-fé" — expressão jurídica significando que ele publicou deliberadamente informações que sabia serem falsas ou que desconsiderou os fatos por negligência, na intenção de prejudicar a igreja. Embora não houvesse nenhuma prova convincente de que os fatos estivessem errados ou de que o repórter fora tendencioso, o processo seguiu toda a tramitação até o Supremo Tribunal dos Estados Unidos, que manteve a decisão inicial do tribunal distrital contra a igreja. No desenrolar dos acontecimentos, a *Time* gastou mais[16] com as custas de defesa que em qualquer outro processo em toda a sua história.

A estratégia de Rathbun seguiu o ditame de Hubbard, segundo o qual o objetivo de uma ação judicial é "mais incomodar e desencorajar[17] que ganhar". Hubbard também escreveu: "Se for atacado[18] em algum ponto vulnerável por qualquer pessoa, qualquer coisa ou qualquer organização, sempre ache ou crie ameaças suficientes contra eles para levá-los a pedir paz. […] Nunca se defenda. Sempre ataque". E acrescentou: "NUNCA concorde[19] com uma investigação da cientologia. Concorde APENAS com uma investigação dos atacantes". Aconselhava aos cientologistas: "Comece a fornecer à imprensa material chocante sobre os atacantes, com sangue, sexo, crime […] Invista ao máximo contra eles o tempo todo. […] Ainda não surgiu um atacante que não cheirasse a crime. Basta procurar e o assassinato aparecerá". Eram máximas que Rathbun tomava como diretrizes.

O artigo da *Time* detonou a tentativa de Miscavige de se livrar dos elementos negativos que tanta gente associava à cientologia. Mas havia uma batalha ainda maior em andamento, na qual estava em jogo a própria existência da igreja: sua briga com o Serviço da Receita Federal para reconquistar a isenção de impostos como religião genuína e de boa-fé, que perdera em 1967.

A posição do governo era que a Igreja da Cientologia constituía, na verdade, um empreendimento comercial, com "procedimentos financeiros praticamente incompreensíveis"[20] e uma "hostilidade tributária baseada nas Escrituras". A Receita concluíra que a igreja funcionava em larga medida em benefício de seu fundador. Miscavige herdou uma parte desse passivo quando assumiu depois da

morte de Hubbard. A isenção fiscal não só lhe traria o selo do governo americano, reconhecendo a igreja como uma religião credenciada em vez de uma iniciativa corrupta com fins lucrativos, como também forneceria uma margem considerável de imunidade contra ações civis e as persistentes investigações criminais federais. Uma decisão contrária à isenção fiscal, por outro lado, destruiria o empreendimento inteiro, pois Hubbard decidira em 1973 que a igreja não pagaria seus impostos atrasados. Vinte anos depois, a igreja estava com 1 bilhão de dólares de atrasados[21] e com apenas 125 milhões em suas reservas. O fundador pusera a cabeça da cientologia no cepo do carrasco.

A guerra entre a igreja e a Receita já se arrastava por mais de duas décadas, os dois lados travando uma campanha de intimidação e espionagem. Miscavige acusou[22] a Divisão de Investigação Criminal do IRS de manter os chefes da igreja sob vigilância, de grampos telefônicos e violação de sua correspondência. Então a igreja subiu a parada[23] assediando o IRS com duzentos processos judiciais em nome da organização e mais de 2300 ações de pessoas físicas, integrantes da igreja, em todas as jurisdições do país, sobrecarregando os advogados da União, gerando despesas fantásticas e causando um tremendo estrago dentro do IRS. Miscavige alardeou que a agência federal estava com todo o seu orçamento judicial esgotado: "Não tiveram dinheiro nem[24] para ir à conferência anual da ordem americana dos advogados — na qual estava programado que falariam!". A igreja publicou anúncios contra a agência, usando as imagens de celebridades amadas pelo público (e que não eram cientologistas), como John Wayne e Willie Nelson, que tinham sofrido auditorias da Receita. "Todos os Estados Unidos amavam Lucy",[25] dizia um dos anúncios com uma foto icônica de Lucille Ball, "menos o IRS." Foi oferecida uma recompensa de 10 mil dólares[26] para quem desse alguma possível informação para denunciar abusos da Receita. Detetives privados vasculhavam a vida pessoal de funcionários da Receita, chegando ao ponto de ir a seminários como se fossem do IRS, para ver quem tinha algum problema com bebida ou talvez estivesse traindo o cônjuge. Uma falsa agência de notícias[27] criada pela igreja divulgava matérias com base nessas investigações, que também saíam na revista *Freedom*, da igreja, que os cientologistas distribuíam gratuitamente nas escadas do escritório central da Receita em Washington. O ódio mútuo era intenso. Parecia estranho que uma organização relativamente pequena pudesse vencer o governo americano, mas a campanha de assédio estava surtindo efeito. Alguns funcionários do governo[28] recebiam ligações anônimas no meio da noite ou seus animais de estimação desapareciam. Quer fizesse parte ou não da investida da cientologia, esse tipo de coisa aumentava a paranoia que muita gente da Receita sentia.

A grande questão que se lançava tanto para a igreja quanto para o IRS era responder o que, exatamente, constituía uma religião aos olhos do governo americano. Do lado da igreja, havia um grupo de estudiosos que tinham se levantado em defesa dos chamados “novos movimentos religiosos”, como os Hare Krishnas, a Igreja da Unificação e, claro, a Igreja da Cientologia. Utilizava-se essa expressão em lugar da palavra “culto”, pois esses acadêmicos não descobriram nenhuma maneira confiável de diferenciar entre um culto e uma religião. Eles creem que os novos movimentos religiosos são perseguidos e ridicularizados apenas porque são recentes e parecem esdrúxulos. Muitas vezes, esses especialistas são pagos para testemunhar em favor dessas organizações nos tribunais. No contexto de um tribunal, tem sido difícil sustentar as distinções informais que muitos costumam fazer entre culto e lavagem cerebral, pois os especialistas apresentam comparações significativas com a história das religiões dominantes, cujas práticas e rituais gozam de ampla aceitação cultural desde longa data.

A Igreja da Cientologia havia decidido recorrer a tais especialistas depois das investidas do FBI em 1977, que desmascararam a Operação Branca de Neve e criaram uma grande crise dentro da igreja. Houve uma campanha deliberada para montar um aparato religioso[29] para as atividades da organização. Criou-se uma cruz da cientologia. Os sacerdotes da cientologia passaram a usar o colarinho dos padres católicos. Começaram a cortejar estudiosos das religiões, que eram convidados a passeios e tinham autorização de entrevistar membros da igreja cuidadosamente preparados.

Frank K. Flinn, ex-frade franciscano e formado pela Faculdade de Teologia de Harvard, depôs várias vezes em favor da cientologia — notadamente em 1984, quando a Igreja da Cientologia, junto com Mary Sue Hubbard, processou Gerald Armstrong, ex-arquivista da igreja. Flinn definia a religião como um sistema de crenças de natureza espiritual. Deviam existir normas de conduta — mandamentos positivos e proibições negativas ou tabus —, além de ritos e cerimônias, como iniciações, sacramentos, orações e ofícios para casamentos e funerais. Por tais meios, os fiéis se unem numa comunidade dotada de identidade própria, que procura viver em harmonia com o que entendem ser o sentido último da vida. Flinn argumentava que a cientologia preenchia amplamente esses requisitos, mesmo que, ao expressá-los, se diferenciasse das denominações tradicionais.

Como o catolicismo, explicava Flinn, a cientologia é uma religião hierárquica. Comparou L. Ron Hubbard aos fundadores das ordens religiosas católicas, inclusive a sua própria, iniciada por são Francisco de Assis, cujos seguidores faziam votos de pobreza. As diferenças financeiras dentro de uma igreja não são

incomuns. Na hierarquia do catolicismo, por exemplo, é frequente que os bispos desfrutem de mansões, limusines, criados e governantas; o próprio papado dispõe de milhares de pessoas a seu serviço, inclusive a Guarda Suíça, que protege o papa, e uma ordem inteira de freiras que cuidam dos aposentos papais.

A Igreja católica também mantém casas de reabilitação (como a RPF) para padres extraviados tentando se regenerar. Flinn via a RPF como um programa totalmente voluntário e até brando em comparação ao que conhecera como frei na Ordem Franciscana. Ele se submetia de livre vontade à prática religiosa da flagelação nas sextas-feiras, açoitando as pernas e as costas para reproduzir os sofrimentos de Jesus antes da crucificação. Flinn também passava muitas horas por dia fazendo trabalho braçal. Como membro de uma ordem mendicante, ele não possuía absolutamente nenhum bem material, nem mesmo a roupa que usava. Em seu compromisso espiritual, o trabalho humilde e a baixa remuneração eram essenciais.

Há lugar para um ser supremo na cientologia — nas oito dinâmicas de Hubbard, está no topo —, mas a ideia de Deus desempenha um papel menor em comparação a muitas outras religiões. Por outro lado, algumas crenças adoram objetos — pedras, ícones, mandalas — em vez de uma divindade. Os cientologistas não rezam, mas os budistas também não. A ideia de salvação, tão central no cristianismo, não é muito diferente da posição de Hubbard de que a lei fundamental do universo é o instinto de sobrevivência. Flinn comparava a distinção cientológica entre *preclear* e *clear* às noções budistas de enredamento e iluminação ou às doutrinas cristãs do pecado e da graça. O credo cientologista dos seres humanos como thetans significa apenas que somos seres de alma imortal, coisa que nenhum cristão contestaria.

Um dos argumentos mais interessantes e contestados de Flinn se referia à hagiografia, que para ele significava atribuir poderes extraordinários — como a clarividência, visões de Deus ou de anjos, a capacidade de operar milagres, e assim por diante — aos fundadores carismáticos de uma religião. Dava como exemplo o nascimento virginal de Jesus, a capacidade do Buda de “transmigrar” sua alma aos céus e Moisés trazendo maná ao povo de Israel. Ele dizia que tais lendas são úteis porque reforçam a fé de uma comunidade. As flagrantes discrepâncias na biografia de Hubbard deviam ser vistas à luz do fato de que qualquer religião tende a converter seu fundador num ser sobre-humano.

Flinn foi chamado a depor sobre uma diretriz que Hubbard formulara em 1965, com o nome de “Lei do Jogo Limpo”, na qual estabelecia as regras para lidar com as pessoas supressivas. Essa categoria abrange não só não cientologistas que são hostis à igreja, apóstatas e dissidentes como também seus cônjuges, parentes e amigos próximos. “Uma pessoa ou grupo realmente

supressivo[30] não tem nenhuma espécie de direito", escreveu Hubbard. Esses inimigos, segundo ele, podem ser "enganados, trapaceados ou destruídos". Em 1965, ele redigiu outra diretriz, que afirmava ambiguamente: "A prática de declarar JOGO LIMPO às pessoas cessará. O JOGO LIMPO não pode aparecer em nenhuma ordem ética. Gera relações públicas ruins. [A nova determinação] não anula nenhuma diretriz sobre o tratamento ou abordagem de uma SP". A suposta revogação do Jogo Limpo foi anterior à Operação Branca de Neve, ao molestamento de Paulette Cooper e outros jornalistas, à perseguição dos dissidentes e muitas outras ações empreendidas por membros da igreja, feitas no espírito, se não em nome, da diretriz original.

Flinn lembrou ao tribunal: "Quase todos os movimentos religiosos em sua fase inicial tendem a ser severos". Declarou que evoluem e se tornam mais lenientes com o tempo. Quanto ao desvinculamento, ele afirmou que era "funcionalmente equivalente a outros tipos de exclusões religiosas", como o afastamento dos infiéis entre menonitas e *amishes*. No Livro do Levítico, por exemplo, que faz parte da Torá e do Antigo Testamento da Bíblia cristã, os idólatras ou os extraviados da fé deviam ser apedrejados até a morte. Esse costume desapareceu; em vez disso, os judeus ortodoxos tomam luto pelo infiel, tratando-o como se já tivesse morrido. "Assim, esse tipo de fenômeno não é exclusivo da cientologia", concluiu Flinn. O que estava implícito no depoimento de Flinn era que a cientologia constitui uma nova religião que está reinventando antigas normas religiosas; qualquer excesso que possa cometer são erros de uma juventude cheia de vigor e, de todo modo, não passam de pálidas imitações de práticas empregadas outrora pelas principais religiões, a que muito provavelmente se filiavam os juízes e os jurados.

Nos anos 1990, Flinn entrevistara vários cientologistas que estavam no programa de reabilitação em Los Angeles. Seus alojamentos não pareciam piores que sua cela no mosteiro, onde ele dormia numa enxerga de palha por cima de uma tábua de madeira. Flinn perguntou a eles se tinham liberdade de ir embora. Responderam que sim, mas queriam ficar e cumprir a penitência.

Flinn admite que era muito destoante quando estava na ordem e se sentia deslocado. "Eu era um irlandês[31] num mar de alemães." Mandavam que fosse cavar o campo de batatas como castigo por mau comportamento. Porém, quando finalmente decidiu sair da ordem, não foi encarcerado nem recebeu conta alguma para pagar, mas, pelo contrário, deram-lhe dispensa liberando-o de seus votos. Nunca sentiu necessidade de fugir. Tirou o hábito, pôs roupas civis e foi embora. Seu conselheiro espiritual lhe deu quinhentos dólares para ajudá-lo a retomar a vida. Nunca foi punido nem multado, nem foi obrigado a se desvincular de

pessoa alguma.

Na verdade, o Serviço da Receita Federal não estava preparado para sustentar nos tribunais que a cientologia — ou qualquer outro credo — não era uma religião. Além disso, o diretor da Receita, Fred T. Goldberg Jr., precisava manter o equilíbrio entre a vontade de alguns de seus executivos de destruir a igreja e a necessidade de manter seus recursos, tanto humanos quanto financeiros, a salvo daquele sorvedouro que fora criado pela cientologia.

Certa tarde em Washington, em outubro de 1991, Miscavige e Rathbun estavam almoçando no Bombay Club, um pretensioso restaurante indiano perto da Casa Branca. Miscavige estava farto daquele impasse que parecia interminável, num fluxo incessante de horas remuneradas para os advogados da igreja. Durante o almoço, Miscavige avisou a um deles, Gerald Feffer: "Marty e eu vamos passar por cima de vocês.[32] Vamos falar com Fred".

Feffer riu diante da ideia de uma visita do próprio Miscavige ao diretor da Receita.

"Não estou brincando", respondeu Miscavige. "Você quer vir, Marty?"

Os dois chamaram um táxi depois do almoço e foram à Constitution Avenue, n_o 1111, sede da Receita Federal, e avisaram ao segurança que queriam falar com o diretor.

"Ele está esperando vocês?"[33]

"Não, mas, se você falar com ele pelo interfone e disser que somos da Igreja da Cientologia, tenho certeza de que ele vai adorar nos receber."

Dali a uns instantes, vários assistentes do diretor desceram até o saguão. Miscavige lhes falou que queria pôr fim às hostilidades. Disse que sabia de todo o ódio de ambos os lados, que vinha de décadas antes, e que precisavam de uma intervenção do alto. Uma hora depois, receberam uma ligação no quarto do hotel, dizendo que o diretor os receberia na semana seguinte.

Naquele primeiro encontro com Goldberg, numa insípida sala de reuniões oficial, sentados a uma mesa gigantesca, Miscavige, Rathbun e Heber Jentzsch ficaram diante de uma dúzia de altos funcionários do governo, entre eles o diretor da Receita. Havia um grau extremo de desconfiança[34] entre as partes em negociação, ainda mais intenso para os representantes da Receita Federal, que sabiam que os cientologistas tinham roubado documentos e grampeado reuniões naquele mesmo edifício. Ambos os lados, porém, tinham motivos para chegar a um termo de paz. Miscavige e Rathbun fizeram suas apresentações cuidadosamente ensaiadas. Miscavige desfiou uma litania de exemplos que, segundo ele, mostravam que o IRS havia escolhido a cientologia como vítima de

um tratamento injusto. Ele se virou para Rathbun e perguntou em tom teatral: “Estou mentindo?”.[35] Rathbun estava com uma pasta recheada de documentos obtidos nas 2300 ações a que a igreja dera entrada na Justiça, invocando a Lei de Liberdade de Informação, ou nos incontáveis registros públicos que a igreja vistoriara. Entre os vários memorandos internos que os cientologistas tinham reunido, havia um documento a que deram o nome de Solução Final.[36] Eram as atas de uma reunião de 1974, com diversos altos executivos da Receita, que tentaram definir “religião” de uma maneira que excluísse a cientologia, mas não outros credos.

Miscavige deixou claro que a enxurrada de ações contra a Receita pararia imediatamente se a igreja obtivesse o que queria, a saber, isenção total e irrestrita para todas as suas atividades. Quando Miscavige terminou sua apresentação, Goldberg pediu um intervalo, mas fez sinal a Rathbun para que permanecesse. Goldberg lhe perguntou em particular se, caso o governo fizesse o acordo, a cientologia também pararia com os ataques pessoais na revista *Freedom*. “Na mesma hora”, respondeu Rathbun.

Goldberg nomeou o vice-diretor John Burke, que não tinha nenhum histórico no conflito, para supervisionar uma extensa análise das finanças e práticas da cientologia. O processo se prolongou por dois anos. Durante esse período, Rathbun e Miscavige foram a Washington praticamente todas as semanas, levando malotes cheios de documentos em resposta às indagações do governo. Foram mobilizados duzentos cientologistas[37] em Los Angeles e Nova York para examinar os livros da complexa burocracia da igreja. As chances de sucesso eram pequenas; os tribunais haviam acatado reiteradamente o argumento da Receita de que a Igreja da Cientologia era um empreendimento comercial. Miscavige e Rathbun tinham plena consciência de que o futuro da cientologia, se houvesse algum, dependia dos resultados do exame da Receita. Ou a comissão decidiria contra eles, e nesse caso as pendências fiscais dos vinte anos anteriores destruiriam a igreja, ou eles ficariam sob a graciosa proteção da cláusula sobre a liberdade de religião, disposta na Primeira Emenda, e aí a Igreja da Cientologia e todas as suas práticas estariam resguardadas pela Constituição americana.

Esse debate foi eclipsado por um episódio que redespertou a preocupação pública quanto aos riscos dos movimentos totalitários. Em fevereiro de 1993, agentes do Departamento de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo tentaram executar um mandado de busca numa comunidade religiosa a alguns quilômetros a leste de Waco, no Texas, que era formada por um grupo apocalíptico cristão autodenominado Ramo Davidiano. O líder, David Koresh, estava montando um estoque de armas, praticava a poligamia, cometia estupros e, ao que constava,

perpetrava atos de violência física contra crianças, embora essa última acusação nunca tenha sido provada. Depois de um tiroteio que causou a morte de quatro agentes do governo e de seis membros do Ramo Davidiano, o FBI deu início a um cerco que durou quase dois meses e culminou num incêndio catastrófico — transmitido para todo o planeta — que consumiu todas as instalações. Setenta e cinco fiéis da seita morreram no ataque final, entre eles 25 crianças. O cerco de Waco ameaçou gerar uma represália contra todos os novos movimentos religiosos. Por outro lado, o encaminhamento que o governo deu ao cerco e seu desfecho calamitoso provocaram forte reação internacional. Os riscos de uma fé heterodoxa foram mostrados às claras, bem como as limitações das forças policiais em entender movimentos fanáticos e lidar com eles.

Em 8 de outubro, mais de mil cientologistas se levantaram e soltaram vivas no Estádio de Esportes de Los Angeles, ao anúncio de Miscavige: "A guerra acabou!". O Serviço da Receita Federal fizera um acordo com a igreja. Embora os termos fossem confidenciais, mais tarde vazaram para o *Wall Street Journal*. Em vez do bilhão[38] de dólares que a igreja devia em impostos não recolhidos e multas pelo atraso, a cientologia concordou em pagar apenas 12,5 milhões para resolver as principais pendências; a igreja também concordou em suspender a cascata de ações judiciais contra a Receita. Em contrapartida, o IRS encerrou as investigações. "A magnitude disso é maior do que vocês podem imaginar", declarou Miscavige naquela noite no Estádio de Esportes. Ergueu uma pasta grossa com as cartas de isenção para todas as 150 entidades americanas da igreja. Foi uma vitória completa sobre a Receita, declarou ele. Concedeu à cientologia vantagens financeiras excepcionais, talvez únicas, entre todas as religiões nos Estados Unidos. Por exemplo, as escolas que usassem os métodos educacionais de Hubbard recebiam isenção fiscal. Agora, os membros poderiam abater 80% do valor do aconselhamento individual como despesa na declaração de renda. Duas editoras de cientologia, dedicadas exclusivamente à publicação dos livros de Hubbard, inclusive sua obra de ficção comercial, também receberam isenção fiscal. A igreja obteve até mesmo a prerrogativa de estender sua isenção fiscal a qualquer ramo futuro que criasse — "Não precisarão mais solicitar ao IRS", encantou-se Miscavige. A partir daquele momento, a própria igreja poderia decidir quais de suas atividades estariam isentas.

"E todas aquelas batalhas e guerras que ainda prosseguem no estrangeiro?", continuou Miscavige. "Bem, as notícias naquela frente também são boas." Antigamente, disse ele, os governos estrangeiros falavam: "Vocês são uma religião americana. Se o IRS não a reconhece, por que nós reconheceríamos?". Miscavige revelou que, como parte do acordo, a agência enviaria um informe a todos os países do mundo, explicando o que era a cientologia. "É muito

completo e acurado", disse Miscavige sobre o informe do governo. "Como sei disso? Nós é que o escrevemos!"

E resumiu o estado de espírito no Estádio de Esportes: "O futuro é nosso".

Um mês depois dessa vitória histórica da igreja sobre a Receita Federal, em 1993, Rathbun desertou. Passara a enxergar Miscavige sob outra luz nos dois anos em que trabalharam juntos no caso dos impostos. Os últimos seis meses tinham sido especialmente puxados. Naquele período, ele dormia apenas quatro horas por noite. O ex-atleta agora estava um caco. "Estou fazendo isso[39] apenas por Hubbard", dizia a si mesmo, enquanto jantava noite após noite com Miscavige em Washington e se arrastava de volta para o Four Seasons em Georgetown. "Não vou ser o pau-mandado desse cara pelo resto da vida."

Sem dúvida, o desgaste também afetou Miscavige. Na noite de seu discurso sobre a grande vitória no Estádio de Esportes, ele apareceu para uma vistoria rápida, mas o encarregado do palco, Stefan Castle, ainda estava se debatendo com a instalação de um sistema complicado de laser e pirotecnias. Segundo Castle, Miscavige irrompeu furioso na arena e o agarrou pela goela.[40] Soltou Castle antes de machucá-lo, mas era um sinal alarmante. Amy Scobee, diretora do Centro de Celebridades na época, também notou que a personalidade de Miscavige começou a mudar logo depois da decisão da Receita: ele se tornou mais hostil e agressivo. Na festa no Centro de Celebridades depois do discurso, Miscavige, ao entrar, deu um empurrão violento em Amy, que se lembra de ouvi-lo dizendo: "Você só quer se ver livre[41] de mim".

Quanto a Rathbun, não ajudou muito que, no discurso daquela noite, Miscavige mal mencionasse sua participação na vitória. Logo a seguir, repórteres do *New York Times* e do *Los Angeles Times* ligaram para Rathbun perguntando sobre o salário de Miscavige, que fora revelado nos documentos do IRS. Miscavige e sua esposa, juntos, estavam recebendo mais de 100 mil dólares por ano — não uma quantia extraordinária pelos padrões dos líderes religiosos mundiais, mas que contrastava muito com os trinta dólares semanais que eram pagos à grande maioria dos integrantes da Sea Org. O líder da igreja ficou indignado com a impertinência dos repórteres e Rathbun sentiu que Miscavige estava descontando nele. Tudo isso aconteceu numa época em que ele vinha adiando uma última visita ao pai, que estava morrendo de câncer.

O *St. Petersburg Times* publicou um editorial exigindo que o Congresso investigasse a decisão da isenção fiscal. Rathbun foi enviado à Flórida para conversar com o conselho editorial do *Times*, que não se sentiu minimamente convencido por seus argumentos. Miscavige ficou furioso que Rathbun não

tivesse conseguido lidar com a situação. Num final de tarde, Shelly Miscavige chamou todos ao escritório de Rathbun e, na presença de seus subordinados, arrancou-lhe do uniforme as divisas de capitão.

No dia seguinte, Rathbun pegou quatro Krugerrands de ouro que tinha guardadas num cofre, subiu em sua motocicleta e foi até Yuma, no Arizona. Ligou para um bar em Los Angeles com a intenção de falar com o pai, mas foi um funcionário da igreja que atendeu. Ele estava no bar com a esposa de Rathbun, Anne, que lhe implorou que voltasse. Rathbun ficou em conflito e se sentindo culpado. Bebendo sem parar, conseguiu chegar de alguma maneira a San Antonio, mas mantendo comunicação frequente com os líderes da igreja. Por fim concordou em ligar para Miscavige, que pediu desculpas pelo tratamento que lhe dera. "Você sabe o tipo de pressão[42] que eu estava sofrendo. Por favor, se encontre comigo", disse o líder da igreja, acrescentando que poderia chegar a San Antonio em poucas horas. "Não, quero ver o Alamo", disse Rathbun. Os dois combinaram de jantar juntos no Marriott, em New Orleans, dois dias depois.

Naquela noite, Miscavige mostrou um lado pessoal vulnerável e compungido que Rathbun nunca vira antes. Segundo ele, Miscavige prometeu que ia "parar de agir feito um louco".[43] Elogiou Rathbun por sua participação na isenção que ganharam no IRS. "Por ter feito isso",[44] declarou ele, "você é Kha-Khan." Era um título[45] que Hubbard inventara numa de suas cartas de diretrizes para um membro da equipe que fosse altamente produtivo, mas, na cultura da igreja, era entendido como um perdão dos erros da pessoa em suas vidas futuras. Hubbard concedera o título a Yvonne Gillham depois de sua morte. Rathbun sabia que era uma manipulação de Miscavige, mas mesmo assim se sentiu comovido. Como recompensa adicional, Miscavige lhe ofereceu a oportunidade de embarcar no navio da cientologia, o *Freewinds*, e passar dois anos num cruzeiro pelo Caribe sem fazer nada, apenas estudando e treinando para ser conselheiro espiritual. Rathbun finalmente poderia alcançar o OT III. Era uma oferta irresistível.

Foi uma época gratificante para Rathbun. Mas, tão logo acabou sua licença a bordo do navio, Miscavige o chamou a seu escritório e disse: "Finalmente sei[46] quem é minha SP. Os dois anos que você passou longe foram a única época tranquila de minha vida". Mandou que Rathbun fosse para Clearwater, rebaixado, como estagiário. Mas isso também não durou. Apareceram várias notícias sensacionalistas nos tabloides sobre celebridades da cientologia — Lisa Marie Presley estava se divorciando de Michael Jackson e Kirstie Alley de Parker Stevenson — e Miscavige recorreu mais uma vez a Rathbun para acalmar a imprensa.

Então, em 5 de dezembro de 1995,[47] uma cientologista chamada Lisa McPherson morreu depois de um colapso mental. Ela tinha batido de ré num barco que estava sendo rebocado para o centro de Clearwater, na Flórida, perto da sede espiritual da igreja. Quando os paramédicos chegaram, ela tirou a roupa e saiu andando nua pela rua. Disse que precisava de ajuda e foi levada a um hospital próximo. Logo depois, uma delegação de dez cientologistas chegou ao hospital e persuadiu McPherson a sair, contra as recomendações médicas. McPherson passou os dezessete dias seguintes sob vigilância no quarto 174 do Fort Harrison Hotel.

Para os cientologistas, o colapso mental de McPherson constituía um dilema espinhoso. Fazia apenas três meses que fora declarada *clear*, depois de dez anos de cursos, aconselhamentos espirituais e contribuições substanciais à igreja. O processo tinha sido como "puxar um rato de dentro[48] de uma mangueira de jardim", segundo disse ela mais tarde, mas valera a pena. "Estou tão cheia de vida que transbordo de alegria com tudo!", escreveu ela. "UAU!"

Os *clears* são tidos como invulneráveis a fragilidades mentais. As pessoas na base sabiam que McPherson vinha agindo de maneira estranha antes da crise. Marty Rathbun, que naquela época estava na Flag Base, lembra que vira McPherson gritando nos corredores do Fort Harrison Hotel, porque acabara de ser declarada *clear*. "*Aaaaaah! Viva!*",[49] gritava ela. Parecia fora de si. Como conseguiu ficar *clear* se era visivelmente irracional? E quem fora o responsável por decidir que ela atingira o estado de *clear*? Segundo Rathbun e vários outros ex-funcionários da igreja que estavam presentes na época, o supervisor que declarou[50] Lisa McPherson *clear* foi David Miscavige. Tinha ido à Flag no verão de 1995, para assumir o aconselhamento feito na base. Foi ele também quem supervisionou o tratamento posterior de McPherson.[d]

Quando McPherson entrou no quarto 174, era uma jovem bonita e bem formada. Passou por um processo de introspecção, o mesmo procedimento que Hubbard tinha desenvolvido no *Apollo*, vinte anos antes, para tratar comportamentos psicóticos. Entre outras coisas, ela ficou confinada numa solitária, com água, comida e suplementos vitamínicos. Toda comunicação era apenas por escrito. Em vez de se acalmar, McPherson parou de comer. Gritava, arranhava os atendentes, dizia coisas ininteligíveis, se emporcalhava, batia a cabeça na parede. Os atendentes a imobilizaram com correias e tentaram alimentá-la com um conta-gotas.

Em 5 de dezembro, McPherson entrou em coma. Quando os membros da igreja decidiram[51] levá-la ao hospital naquela noite, evitaram o Morton Plant Hospital, próximo dali e onde McPherson fora examinada inicialmente, e

seguiram por 55 minutos de carro, passando por mais quatro hospitais, até o Columbia New Port Richey Hospital, onde havia um médico filiado à igreja. A mulher que finalmente foi conduzida numa maca à sala de emergência estava de uma magreza esquelética, coberta de arranhões, ferimentos e lesões marrom-escuras. Também estava morta. Sofrera uma embolia pulmonar a caminho do hospital. Aos olhos da imprensa mundial, a cientologia tinha assassinado Lisa McPherson. Ela estava entre os nove[52] cientologistas que haviam morrido em circunstâncias misteriosas nas instalações de Clearwater.

Na noite posterior à morte de McPherson, Rathbun recebeu um recado dos funcionários da igreja para esperar uma ligação num telefone público num Holiday Inn próximo. “Por que você não está cuidando[53] dessa trapalhada?”, perguntou Miscavige quando Rathbun atendeu a chamada. “A polícia está fuçando. Faça alguma coisa.”

Rathbun descobriu que os funcionários da igreja em Clearwater já tinham mentido em duas declarações sob juramento à polícia, alegando que McPherson não fora submetida a um processo de introspecção. A resposta oficial da igreja, por orientação de Rathbun, foi continuar a mentir, declarando que McPherson estava no Fort Harrison Hotel, da igreja, apenas para “descansar e relaxar”, e que não havia nada de incomum na estada dela. Enquanto isso, Rathbun verificou os registros feitos pelos atendentes de McPherson. Houve um rodízio de vinte pessoas entrando e saindo do quarto dela; algumas estavam com arranhões e ferimentos por terem tentado dominá-la; aquele ambiente dificilmente oferecia o isolamento, a calma e o silêncio absoluto que o processo de introspecção exigia. Rathbun observou que, entre outras anotações nos registros, um dos atendentes admitiu que a situação tinha saído de controle e que McPherson precisava de um médico. Na presença de um advogado da cientologia, Rathbun entregou vários dos registros mais incriminadores a um executivo da igreja e disse: “Suma com eles”.[54]

O caso McPherson pendeu sobre a igreja durante cinco anos, com uma investigação policial em curso, protestos na frente de edifícios da cientologia, ações judiciais por parte da família e uma interminável cobertura indesejada da imprensa. Surgiram detalhes embaraçosos,[55] entre eles o fato de que McPherson gastara 176,7 mil dólares com serviços da cientologia em seus últimos cinco anos de vida e morrera com apenas onze dólares na poupança. Rathbun e Mike Rinder, o porta-voz da igreja, ficaram encarregados de administrar a situação, mas Miscavige supervisionou todos os detalhes. O nível de tensão era quase insuportável.

Rinder ficou com a tarefa especialmente ingrata de defender a igreja perante o

público. Falava bem, não se deixava desconcertar e tinha um talento especial para desarmar a eventual hostilidade dos entrevistadores. Era cientologista desde os cinco anos de idade, quando residia no sul da Austrália, lugar em que a religião foi banida. Estivera com Hubbard a bordo do *Apollo*. Poucos tinham maior experiência da religião que ele e ninguém se identificava publicamente tanto com ela. Mas nem mesmo Rinder conseguiu acalmar o furor despertado pelo caso McPherson.

Talvez por causa dos serviços de Rinder à igreja durante toda a sua vida, Miscavige o via como um rival; ou talvez tenha sido o aborrecimento do líder com as constantes abordagens negativas da imprensa que converteu o porta-voz da igreja num alvo especial de sua cólera. Fosse o que fosse, Marty Rathbun recebeu uma ligação de Shelly Miscavige perto do Natal de 1997, o primeiro ano dos protestos pela morte de Lisa McPherson. Rathbun estava de volta à Gold Base. Shelly disse que Dave queria que ele fosse imediatamente até lá. Rathbun desceu correndo até o bangalô de Miscavige, onde Shelly aguardava do lado de fora, junto à porta de tela. Um instante depois, Mike Rinder, que também fora convocado, apareceu correndo pela lateral da casa. De acordo com os dois, a porta de tela se escancarou e Miscavige saiu, com um roupão felpudo de banho. Ainda segundo os dois, Miscavige esmurrou Rinder no rosto e no estômago, agarrou-o pelo pescoço e o arremeteu contra uma árvore. Rinder caiu entre a hera, onde Miscavige se pôs a chutá-lo várias vezes.[e] Rathbun permaneceu parado ali, atônito e sem saber por que fora convocado para assistir àquela exibição. Depois, concluiu que estava ali para respaldar Miscavige, caso Rinder tivesse o topete de resistir. Era o "agente de segurança silencioso".[56]

A maneira como Rathbun conseguiu montar a defesa no caso McPherson foi uma de suas maiores proezas em favor da igreja. A médica-legista do caso, Joan Wood, contestara com toda a veemência a declaração da igreja de que Lisa McPherson adoecera de repente e tivera morte súbita. Era evidente que sua saúde tinha se deteriorado por um longo período. Ficara sem líquidos pelo menos durante cinco dias, disse a médica a um repórter, afirmando: "Esse é o caso mais grave[57] de desidratação que vi em toda a minha vida". Ela declarou que a causa da morte era indeterminada e o estado da Flórida entrou com várias queixas-crime contra a igreja. Se a organização fosse condenada, poderia perder a isenção fiscal[58] e provavelmente se extinguiria.

Miscavige e sua equipe recorreram aos dois maiores ativos da cientologia, o dinheiro e a celebridade. A igreja montou uma sólida defesa contratando alguns dos peritos e legistas mais prestigiosos do país — especialistas que questionaram a conclusão de Joan Wood de que a causa provável da morte teria sido um

coágulo sanguíneo provocado pela desidratação. Um dos advogados locais contratados pela igreja organizou uma reunião pessoal entre Miscavige e o advogado de Wood, Jeffrey Goodis. Miscavige e Rathbun fizeram uma série de apresentações a Goodis, tentando persuadi-lo de que sua cliente estava em risco legal por causa de seu parecer no caso McPherson. Wood era conhecida como testemunha que não se deixava confundir[59] e era temível adversária dos advogados de defesa; seu depoimento seria crucial se o caso fosse a julgamento. Rathbun diz que Miscavige advertiu Goodis várias vezes de que a igreja iria desacreditar sua cliente e processá-la "até que voltasse para as cavernas".[60] Quatro meses antes que o caso McPherson fosse a julgamento, Joan Wood mudou seu parecer[61] e declarou que a morte de McPherson foi "acidental". O caso do Estado desmoronou, as acusações contra a igreja foram retiradas e Wood evitou um processo. Aposentou-se e passou a viver reclusa. Disse ao *St. Petersburg Times* que sofria de insônia e ataques de pânico.[62] (Ela morreu de derrame em 2011.)

A ação civil da família de McPherson contra a igreja prosseguiu, porém, junto com a publicidade negativa. Tom De Vocht, que era o diretor da Flag Land Base em Clearwater, diz que organizou uma reunião com Mary Repper, importante consultora política que comandara as campanhas de muitas autoridades locais e estaduais na área, inclusive do promotor do estado que entrara com as queixas-crime contra a igreja. Repper tinha fama de ser anticientologista, mas concordou em almoçar com Rinder, Rathbun e Miscavige no Fort Harrison Hotel. Eles ficaram sabendo que Repper era fã da atriz de novelas Michelle Stafford, uma cientologista. Repper foi convidada[63] para ir a Los Angeles e conhecê-la numa festa do Centro de Celebridades. Quando voltou, Repper começou a oferecer uma série de almoços e jantares[64] para autoridades locais, para conhecer outras celebridades da cientologia. Tom Cruise[65] apareceu várias vezes na casa de Repper, para provar seu famoso bolo de coco e papear com as autoridades locais, entre elas o prefeito de Tampa, juízes e advogados influentes. Mostrava clipes de seus filmes e discorria como a cientologia mudara sua vida. A apresentadora Greta van Susteren, da Fox News, oferecia passeios em seu iate ao entardecer. Repper organizou um brunch[66] para Michelle Stafford; os convidados eram, na maioria, mulheres fãs do seriado *The Young and the Restless*, inclusive secretárias dos juízes locais. Enquanto isso, a igreja multiplicava as festas a rigor no salão do Fort Harrison Hotel, com apresentações de Edgar Winter, Chick Corea ou Isaac Hayes. O delegado do condado de Pinellas comparecia a esses eventos, junto com o prefeito de Clearwater e o de Tampa, além de numerosos advogados e juízes, que a igreja considerava líderes de suas comunidades.

Rathbun diz que, quando Miscavige soube que Jeffrey Goodis e a esposa eram grandes fãs de John Travolta, convidou-os para uma festa de gala no Fort Harrison Hotel e a igreja pediu a Travolta que agradecesse ao casal pelo apoio. Rathbun conta que disseram ao astro: “Esse cara vai realmente jogar do nosso lado”.[67]

A igreja despejou montanhas de dinheiro nas entidades beneficentes locais. Segundo Rathbun e Rinder, a ideia era mudar o clima[68] da opinião pública e, com isso, influir na atitude dos tribunais em relação à igreja. Rathbun afirma que houve uma campanha paralela para desacreditar os pais de Lisa McPherson, apresentando-os como oportunistas que queriam se aproveitar da morte da filha.

Num depoimento recente, Rathbun calculou que a campanha inteira para encerrar o processo contra a igreja custou de 20 milhões a 30 milhões[69] de dólares. (No caso da ação civil instaurada pela família, as partes chegaram a um acordo em 2004, por um valor não revelado.)

A cientologia estava sofrendo ataques também em outros lugares do mundo. A Alemanha, agudamente sensível ao perigo de movimentos extremistas, via a cientologia com especial alarme. Em Hamburgo, em 1992,[70] o Parlamento criou uma comissão para investigar “grupos destrutivos”, categoria que incluía a Igreja de Satã, a Meditação Transcendental e a Igreja da Unificação, mas visava sobretudo à cientologia. Os cientologistas foram impedidos de ocupar empregos no governo e de se filiarem ao principal partido alemão, a União Democrata Cristã, por não ser considerados cristãos. A ala jovem[71] do partido organizou boicotes ao primeiro *Missão impossível* de Tom Cruise e ao filme *Fenômeno* de Travolta. A prefeitura de Stuttgart[72] cancelou um concerto de Chick Corea quando descobriram que ele era cientologista. Setenta por cento dos alemães[73] foram favoráveis à ideia de banir totalmente a organização.

A década de 1990 viu o surgimento de movimentos apocalípticos em muitos países. Com a aproximação do milênio, os temas de ficção científica e de óvnis se tornaram especialmente radicais e mortíferos. Em outubro de 1994, a polícia suíça, ao investigar um incêndio numa casa rural, descobriu um quarto secreto com dezoito cadáveres trajando roupas cerimoniais, dispostos como raios de uma roda. Foram encontrados mais cadáveres em outros lugares do sítio. As cabeças estavam cobertas com sacos plásticos; alguns tinham sinais de tiros ou marcas de pancadas. No dia seguinte, três chalés arderam em outra aldeia suíça. Os investigadores encontraram mais de duas dúzias de corpos entre as ruínas. Tinham sido envenenados. Alguns dos mortos haviam sido atraídos até o local e então assassinados, mas na maioria eram seguidores de Joseph Di Mambro, um

joalheiro francês que criara uma nova religião, a Ordem do Templo Solar. O braço direito de Di Mambro, um obstetra belga carismático de nome Luc Journet, pregava que os fiéis depois da morte seriam recolhidos por uma nave espacial e se reuniriam na estrela Sirius. Como Hubbard, Journet recebera a influência[74] de Aleister Crowley e da Ordo Templi Orientis. Um ano depois[75] dessas ocorrências macabras, foram encontrados em Grenoble, na França, mais dezesseis cadáveres carbonizados de outros fiéis do grupo; então, em 1997, outros cinco membros da ordem atearam fogo a si mesmos em Quebec, num total de 74 mortes. Ao contrário do Ramo Davidiano ou dos seguidores de Jim Jones, que eram basicamente de classe baixa, os integrantes do Templo Solar eram membros cultos e prósperos de suas comunidades, com família e emprego fixo; mesmo assim, tinham se entregado a uma fantasia mística de ficção científica que os transformou em assassinos, suicidas ou vítimas indefesas.

Em março de 1995, adeptos de um movimento japonês chamado Aum Shinrikyo[76] ("Verdade Suprema") atacaram cinco metrôs em Tóquio com gás sarin. Doze passageiros morreram; se o gás tivesse sido mais refinado, o número de mortos poderia chegar a milhares. Descobriu-se mais tarde que esse foi apenas um de pelo menos catorze ataques que o grupo executou, a fim de desencadear uma sucessão de eventos que culminaria numa guerra mundial apocalíptica. O líder do grupo, Shoko Asahara, instrutor cego de ioga, somou conceitos budistas a noções tiradas da *Trilogia da fundação* de Isaac Asimov,[77] em que se descreve um grupo secreto de cientistas que se preparam para dominar o mundo. Com efeito, muitos seguidores de Asahara eram cientistas e engenheiros das principais universidades do Japão, que se deixaram seduzir por esse projeto. Compraram armamentos militares pesados na antiga União Soviética e tentaram adquirir ogivas nucleares. Não conseguindo, compraram uma fazenda de criação de carneiros no oeste da Austrália, que tinha no subsolo um rico veio de urânio. Desenvolveram armas químicas e biológicas, como o antraz, o vírus Ebola, cianureto e gás VX. Já tinham usado esses agentes em ataques anteriores, mas não obtiveram o grau de mortandade em massa que, segundo esperavam, desencadearia a guerra civil e o Armagedom nuclear. De todo modo, o Aum mostrou a tênue fronteira entre fanatismo religioso e terror, que logo se evidenciaria ainda mais com a al-Qaeda. De acordo com um porta-voz da Igreja da Cientologia na Nova Zelândia, os crimes do Aum Shinrikyo se originavam[78] da prática psiquiátrica do Japão.

Em março de 1997, na época em que o debate na Alemanha chegava ao clímax, 39 integrantes de um grupo que se denominava Portão Celestial se suicidaram numa mansão em San Diego. Ao que parece, a intenção deles era

morrer na hora exata de pegar uma nave espacial que estaria acompanhando o cometa Hale-Bopp. O líder do grupo, o ex-chantre Marshall Applewhite, se apresentava como Jesus reencarnado que recebia suas orientações pelo programa de TV[79] *Star Trek*.

Embora a cientologia perseguisse seus críticos e dissidentes, ela nunca se engajou em assassinatos em massa ou suicídios coletivos. No entanto, a ansiedade pública em relação a esses episódios sensacionalistas se somou ao medo e ao rancor que se espalhavam na Alemanha. A cientologia poderia se tornar violenta também? Havia elementos entre esses vários grupos que se assemelhavam a algumas características da cientologia — as mais evidentes eram a crença na magia e na ficção científica. Outro tema em comum eram as vidas pregressas. Como o Aum Shinrikyo, a cientologia tem ligações com as ideias budistas de iluminação e a crença hinduísta no carma e na reencarnação. Em termos estruturais, o Aum Shinrikyo era o mais similar à cientologia, ambos com um corpo público de fiéis e uma casta sacerdotal reclusa, como a Sea Org, composta dos chamados "renunciados", que executava diretrizes quase ou totalmente desconhecidas pela organização maior. Quando ocorreram os ataques no metrô, o Aum no Japão tinha um conjunto de seguidores[80] estimado em 10 mil pessoas, além de 30 mil na Rússia e alguns bolsões espalhados pelo mundo, com recursos perto de 1 bilhão de dólares[81] — números comparáveis a algumas estimativas da cientologia hoje em dia. O que diferenciava esses grupos da cientologia eram a orientação apocalíptica e a expectativa do final dos tempos. Isso nunca existiu na cientologia. Mas, naturalmente, o fascínio dos movimentos religiosos totalitaristas desafia classificações simples. Esses grupos podem aparecer em qualquer lugar e se espalhar como vírus, e é impossível saber quais serão letais e por quê.

Tanto o governo alemão quanto os cientologias viam seus atritos pelo prisma do passado nazista da Alemanha. Ursula Caberta, a líder da força-tarefa de Hamburgo contra a cientologia, comparava a *Introdução à ética da cientologia*, de Hubbard, a *Mein Kampf*, de Hitler: "Hitler pensava[82] que os arianos iriam dominar o mundo, os *Untermenschen*. A filosofia de L. Ron Hubbard é igual". Em resposta a tais declarações, um grupo de agentes, advogados, executivos da indústria cinematográfica e celebridades de Hollywood publicou uma carta aberta ao chanceler Helmut Kohl, numa página inteira do *International Herald Tribune*. "Hitler fez da intolerância religiosa a política oficial do governo", dizia a carta. "Nos anos 1930 eram os judeus. Hoje são os cientologistas." A carta comparava os boicotes a Cruise, Travolta e Corea à queima de livros pelos nazistas. O texto pago foi redigido por Bertram Fields, na época o advogado

mais poderoso de Hollywood, que tinha em sua clientela nomes como Travolta e Cruise. Nenhum dos 34 signatários do documento era cientologista, mas muitos eram judeus. Em sua maioria, tinham trabalhado com os dois astros, como Oliver Stone, Dustin Hoffman e Goldie Hawn, ou eram amigos ou clientes de Fields.[83]

O *Entertainment Tonight* enviou a atriz Anne Archer, famosa cientologista, até a Alemanha para uma "missão investigativa".[84] Mais tarde, ela depôs perante o Congresso dos Estados Unidos, como fizeram outras celebridades da cientologia — Travolta, Corea e Isaac Hayes —, sobre a repressão à liberdade religiosa na Alemanha. Travolta declarou ao Congresso: "Pessoas e empresas[85] de toda a Alemanha são submetidas rotineiramente à exigência de assinarem uma declaração, chamada de 'filtro de seitas', jurando que não são cientologistas". E acrescentou:

> Se as pessoas não assinarem, não serão contratadas pelas empresas, não serão aceitas pelos sindicatos, não poderão ingressar em grupos sociais, não poderão abrir conta no banco e chegam a ser excluídas de clubes esportivos, exclusivamente por causa de sua religião.

Em abril, John Travolta se encontrou com o presidente Bill Clinton numa conferência sobre trabalho voluntário na Filadélfia. Foi um momento de tensão para o presidente, pois Travolta estava interpretando um personagem baseado nele no filme *Segredos do poder*, que logo seria lançado. Mais tarde, Travolta disse:

> Ele falou que queria[86] me ajudar no problema com a Alemanha. Anos atrás, ele teve um colega de quarto que era cientologista; realmente gostava dele e respeitava suas opiniões. Falou que achava que havíamos recebido um tratamento injusto naquele país e que queria consertar isso.

Clinton marcou uma reunião de Travolta e Cruise com Sandy Berger, sua assessora de segurança nacional, que também recebeu a incumbência de ficar como "o contato da cientologia"[87] com o governo.

Nada disso teve efeito algum sobre o personagem de Travolta no filme, pois já fora rodado, nem sobre a política da Alemanha em relação à igreja: o país se recusou a reconhecer a cientologia como religião e a permitir que seus integrantes ingressassem em algum partido político. No entanto, o Departamento de Estado dos Estados Unidos começou a pressionar o governo alemão em favor da cientologia. Os alemães ficaram perplexos[88] que seus equivalentes americanos parecessem não saber ou não se importar com os campos da RPF da igreja, que eles chamavam de colônias penais, nem com as práticas comprovadas de confinamento, confissões compulsórias e trabalhos físicos forçados como punição, que diziam consistir em lavagem cerebral. No gabinete ministerial

alemão, acreditava-se que o verdadeiro objetivo da igreja era se infiltrar no governo e criar um superestado da cientologia. “Isso não é uma igreja[89] ou uma organização religiosa”, disse o ministro do trabalho, Norbert Blum, à revista *Maclean’s*. “A cientologia é uma máquina de manipular seres humanos.”

---

a Behar diz que um detetive particular, passando-se por um pai aflito, ligou para ele e implorou ajuda por causa de um filho que tinha entrado na cientologia. Behar o encaminhou à Rede de Conscientização sobre os Cultos. Afirma que jamais aconselhou sequestro algum. O detetive particular gravou a conversa e os advogados de Behar fizeram uma intimação para que a fita fosse apresentada em sua defesa, no processo judicial que a igreja abriu contra ele.

b Cruise, por intermédio de seu advogado, nega que tenha algum dia recuado de sua participação na cientologia.

c Um porta-voz da *Time* negou categoricamente a acusação.

d Segundo um porta-voz da igreja, “o sr. Miscavige não esteve envolvido em nenhum aspecto do progresso espiritual da sra. McPherson na cientologia”.

e A igreja nega que Miscavige tenha agredido qualquer membro da igreja e declara que as alegações de agressão são propagadas por um “grupo de anticientologistas vociferantes”.

8. Bohemian Rhapsody

Paul Haggis e Deborah Rennard se casaram em 1997, logo depois do divórcio definitivo de Paul e Diane. Ele ainda esperava conseguir a guarda compartilhada das três filhas. Sem o consultar, Diane tinha tirado Lauren e Katy da Academia Delphi, aparentemente para matriculá-las numa escola pública. O tribunal determinou que Paul e Diane passassem por avaliação psiquiátrica, procedimento abominado pela cientologia. Em dezembro de 1998, foi uma surpresa geral quando o tribunal deu a Paul a guarda exclusiva das filhas. Segundo os autos do processo, a decisão decorreu da descoberta de que as meninas não haviam sido matriculadas em nenhuma escola.

As garotas ficaram perplexas. Haviam acompanhado as hostilidades pelos olhos da mãe. Ninguém as preparara para a possibilidade de serem tiradas dela — até então, eram as três mocinhas e a mãe contra o mundo. As filhas consideraram a decisão desequilibrada, injustamente influenciada pelo fato de que o pai tinha mais dinheiro. Alissa jurou que nunca mais falaria com ele.

Haggis também foi apanhado de surpresa pela decisão do tribunal. Além de James, o filho de um ano que tinha com Deborah, agora estava com duas filhas adolescentes a seu cargo. (Alissa já tinha 21 anos e se sustentava sozinha.) As garotas se consideravam desenraizadas e sentiam falta do apoio emocional da mãe. Não se ressentiam com Deborah; na verdade, gostavam do modo como ela as defendia e contrabalançava Paul. Mesmo assim, era uma adaptação difícil para todos.

Paul matriculou as meninas numa escola particular, mas elas a frequentaram por apenas seis meses. Não se sentiam muito à vontade com quem não era cientologista e desconheciam coisas básicas como testes de múltipla escolha. Pediram para frequentar um internato que ficava no alto de um morro isolado perto de Sheridan, no Oregon, chamado Escola Delfiana — ou “escola mãe”,[1] como a conheciam os cientologistas.

Alissa tinha ido para lá aos catorze anos. Fora uma experiência heterogênea. Comprara um exemplar da *Autobiografia de Malcolm X* e livros de poesia setecentista, um CD com alguns dos grandes discursos de Lincoln e Martin Luther King e um baralho de tarô. Gostava da escola, mas nunca se enturmou com as outras garotas. Queriam falar de meninos e de cultura pop, e ela estava

mais interessada em filosofia e religião. Mas a Delfiana era exatamente aquilo de que Lauren precisava. Recebeu assistência intensiva para cobrir as lacunas de sua educação; no entanto, também começou a se insurgir contra algumas restrições da igreja.

Quando estava na Delfiana, Lauren decidiu escrever um texto sobre intolerância religiosa. Ela sentia que a cientologia estava sofrendo ataques, mas não conseguia entender a razão. Quando entrou na internet para ver o que a oposição estava dizendo, uma colega a denunciou à Ética. Disseram-lhe que os cientologistas não deviam acompanhar as histórias negativas sobre a religião. Ela devia estar salvando o planeta; por que, então, perdia tempo lendo mentiras? Devido a seu isolamento e à censura imposta à sua educação, Lauren, quando finalmente terminou o colegial, aos vinte anos de idade, nunca ouvira ninguém falar mal da cientologia nem questionara a proibição de pesquisar sobre sua religião. Pensou: "Acho que não devo[2] fazer essas coisas. Vou ficar longe". Como o pai, aprendeu que era mais fácil fechar os olhos.

Alissa teve outro problema. Não tinha namorado na época do colégio e, quando chegou à faculdade, começou a se dar conta de que era lésbica. Não sabia bem o que isso significava. Tinha dois tios homossexuais, mas, de modo geral, não sabia o que era o lesbianismo. Então sua irmã Katy, que é cinco anos mais nova e crescera numa cultura familiarizada com a internet, se abriu com os pais. Paul lhe disse que não a amaria menos por isso, de maneira nenhuma. Então, ficou mais fácil para Alissa falar sobre o que estava descobrindo a respeito de si mesma. A promessa de não falar mais com o pai começou a perder força.

As três tinham crescido ouvindo comentários preconceituosos de gente da igreja, que considerava a homossexualidade uma "aberração" que prejudicava a sobrevivência da espécie; os próprios gays eram vistos como pervertidos nefastos. Tais atitudes decorriam dos escritos de Hubbard sobre o assunto. Mas Alissa pensava que não era apenas a cientologia: toda a sociedade discriminava os homossexuais. Finalmente, aos vinte e poucos anos, ela reuniu coragem para se abrir com o pai. "Ah, sim,[3] eu já sabia disso", respondeu ele. E disse que, para começo de conversa, até se admirava que ela tivesse saído com alguns rapazes. Alissa ficou surpresa: "Você *sabia*? Eu não! Como sabia? Por que não me disse? Podia ter me dado alguma pista. Teria me facilitado a vida".

Aquilo era tão típico de seu pai! Dava nos nervos: ele aceitava completamente as coisas, mas era desinteressado, como se não fizesse diferença se fosse assim ou assado.

Para expressar a identidade recém-descoberta, Alissa fez uma tatuagem com

seu poema latino predileto, o primeiro verso do Carmina 5 de Catulo: *Vivamus mea Lesbia, atque amemus* (“Vivamos, minha Lésbia, e amemos”). As palavras deslizavam serpenteantes ao longo de todo o braço esquerdo.

Desde as revelações da *Time*, a igreja tentava freneticamente recuperar Tom Cruise. O sucesso dele e de Nicole Kidman era cada vez maior; Cruise foi o primeiro ator a estrelar em cinco filmes seguidos que arrecadaram mais de 100 milhões de dólares nos Estados Unidos, entre eles *Jerry Maguire* e o primeiro *Missão impossível*. Kidman também vinha ganhando fama internacional com seus papéis em *Batman eternamente* e *Um sonho sem limites*. Parecia que os dois estavam deixando a cientologia para trás.

Em 1996, Marty Rathbun fora a Los Angeles para dar aconselhamento espiritual a Cruise, mas aquela sessão não levou a nada. Segundo Rathbun, Miscavige punha a culpa em Nicole Kidman, a quem considerava uma oportunista trapaceira que enganava a cientologia. Ele afirma que Miscavige tinha esperanças[4] de que Cruise desgrudasse de Nicole se a igreja a caracterizasse como uma pessoa supressiva.

Isso foi dois anos antes que Cruise concordasse em passar por outro ciclo de aconselhamento. Dessa vez, impôs-se um sigilo rigoroso. Preocupado em não afugentar o astro hesitante, Rathbun organizou as sessões de maneira que nem mesmo os altos graduados da igreja soubessem que Cruise estava recebendo os ofícios. Durante cinco dias, em outubro de 1998, Cruise se dirigiu a um estacionamento particular nos fundos do histórico Guaranty Building no Hollywood Boulevard, com a placa amarela da cientologia no alto que avulta por todo o famoso distrito. Charles Chaplin e Rodolfo Valentino tiveram escritórios ali. Agora o saguão é um santuário da vida e obra de L. Ron Hubbard. Um busto gigantesco do fundador acolhe o visitante ocasional. No pavimento em frente do edifício estão engastadas na Calçada da Fama de Hollywood as estrelas de antigas celebridades — Otto Kruger, Tony Martin, Ann Rutherford, Richard Carlson, Jetta Goudal, Paul Winchell — que tiveram seus momentos de grande renome e agora estão largamente esquecidas.

Cruise entrava por uma porta dos fundos que levava a um corredor no térreo. No extremo havia um elevador que levava diretamente ao 11$_{o}$ andar “secreto”, onde Miscavige e Rathbun mantinham um escritório. Era a temporada da World Series — Nova York x San Diego — e Cruise andava com seu boné dos Yankees. “Ele não estava em boa forma,[5] nem espiritual nem mental”, observou Rathbun. “Pessoalmente estava muito enturbulado.”

Depois daquele ciclo de aconselhamento, Cruise sossegou outra vez. Estava com Kidman na Inglaterra, filmando *De olhos bem fechados* para Stanley

Kubrick. De todo modo, Rathbun e Miscavige andavam muito ocupados, defendendo-se dos processos e repórteres em torno do caso McPherson. Rathbun contou que, em janeiro de 2001, recebeu uma ligação de Cruise pedindo auxílio. Cruise falou que ele e Kidman tinham terminado.

Cruise nunca deu nenhuma explicação pública para o divórcio, e Kidman, de seu lado, ficou visivelmente surpresa com a decisão dele. Mais tarde, declarou que sofreu um aborto espontâneo[6] dois meses depois da separação e pediu aos médicos que guardassem amostras do DNA do feto para provar que o pai era Cruise. Insistiu com ele que procurassem aconselhamento matrimonial na igreja. Cruise não aceitou e declarou em público: "Nic sabe exatamente[7] por que estamos nos divorciando".

Foi um momento decisivo na relação de Cruise com a cientologia. Rathbun deu ao astro mais de duzentas horas de aconselhamento espiritual nos dois anos seguintes. De julho até o dia de Ação de Graças de 2001, Rathbun esteve várias vezes com Cruise no Centro de Celebridades, com ciclos de aconselhamento e o curso de PFP/SP (Potencial Fonte de Problemas/Pessoas Supressivas). Pôs Cruise com outro ator,[8] Jason Beghe, para treinamento prático; por exemplo, Beghe pensava numa data hipotética e Cruise tinha de adivinhá-la usando o E-meter, um exercício que o astro considerou realmente frustrante.

Um rapaz chamado Tommy Davis começou a trabalhar como assistente de Rathbun. Levava sanduíches e ajudava com os filhos de Cruise, assegurando que recebessem os ofícios da igreja. Embora jovem, Davis já era uma figura especial na igreja: era um cientologista da segunda geração, membro da Sea Org e filho da elite hollywoodiana. Sua mãe era Anne Archer, atriz talentosa e conhecida que havia estrelado vários filmes, entre eles *Jogos patrióticos* e *Atração fatal*, pelos quais foi indicada ao Oscar. Era uma cientologista profundamente engajada desde os vinte anos, quando começou a estudar com Milton Katselas na Beverly Hills Playhouse. Sempre se orgulhara de se associar publicamente à cientologia, falando em inúmeros eventos em favor da igreja. Seu filho Tommy encarnava a meta da igreja de se estabelecer na comunidade de Hollywood; com efeito, ele era a prova viva de que ela conseguira. Tommy conhecia Cruise[9] desde os dezoito anos de idade, e assim era natural que logo se tornasse o elemento de ligação da igreja com o astro, sob ordens diretas de Shelly Miscavige.[10] Seu relacionamento com Cruise era parecido com o que Spanky Taylor tivera com John Travolta. Rathbun encarregou Davis[11] de ficar com Cruise no estacionamento do Home Depot em Hollywood, enquanto o astro fazia seus exercícios de Escala Tonal: adivinhar o estado emocional das pessoas que saíam da loja.

Então Cruise fez um intervalo para divulgar seu filme *Vanilla Sky*. De fevereiro a abril de 2002, Cruise e Rathbun voltaram a trabalhar juntos em período integral, a maior parte do tempo na Gold Base. Cruise estava se preparando para o papel em *O último samurai*, dirigido por Ed Zwick, e entre as sessões com Rathbun ele ia até o pátio para treinar com a espada.

Cruise começara a sair com a atriz espanhola Penélope Cruz, e no outono de 2001 Rathbun começou a orientá-la também. Ao mesmo tempo, ainda estava como o oficial de Ética de Nicole Kidman na igreja, embora ela e Cruise estivessem num difícil processo de divórcio. Uma das questões[12] era se os filhos iriam frequentar escolas que usassem o método Hubbard, ao que Kidman se opunha. Foi mais uma batalha que ela perdeu. Embora Tom e Nicole tivessem ficado com a guarda compartilhada dos filhos, logo Isabella e Connor escolheram ficar exclusivamente com o pai. Rathbun diz que isso ocorreu porque o pessoal da cientologia, em especial Tommy Davis, trabalhou secretamente para virar os filhos contra Kidman. "Tommy lhes dizia reiteradamente[13] que a mãe deles era uma sociopata e, depois de algum tempo, passaram a acreditar nele", lembra Rathbun. "Tinham sessões diárias com Tommy. Eu estava lá. Eu vi."

Segundo vários ex-membros da Sea Org, as sessões de aconselhamento de Rathbun[14] com Cruise foram gravadas em vídeo. Tom De Vocht, ex-funcionário da igreja, disse que Miscavige assistia às gravações e depois regalava seu círculo mais próximo, tomando seu uísque noturno, com histórias das confissões de Cruise, detendo-se especialmente em sua vida sexual.[a]

Rathbun era contrário ao interminável trabalho de conquista de Cruise. Em sua opinião, não havia necessidade disso, visto que o astro já regressara convictamente à Ponte. Rathbun disse a Miscavige: "Creio que o cara está pronto".[15] Miscavige respondeu: "Estará pronto quando me ligar". Irritava-o que Cruise ainda não tivesse entrado em contato com ele desde que voltara para as sessões de aconselhamento. Rathbun insistia continuamente com Cruise para que ligasse ao "COB", como Miscavige é conhecido na igreja: *Chairman of the Board* [presidente do Conselho]. A certa altura, Cruise pediu o número do telefone de Miscavige, mas não ligou. Aquela hesitação era preocupante.

Por fim, qualquer restrição que Cruise tivesse quanto a Miscavige acabou por desaparecer e ele voltou a participar do círculo íntimo do astro. Assistiram a filmes em sessões noturnas na mansão de Cruise. Miscavige foi com o ator no jato da Warner Brothers para uma exibição prévia de *O último samurai* no Arizona. Os dois estavam mais próximos que nunca. Mais tarde, Cruise disse sobre Miscavige: "Nunca conheci[16] nenhum ser mais competente, mais inteligente, mais solidário, afora o que vivi com LRH. E conheci os líderes dos

líderes. Conheci todos eles".

A dedicação renovada de Cruise à cientologia transformou definitivamente a relação entre a igreja e a comunidade de celebridades hollywoodianas. Cruise despejou milhões[17] de dólares na igreja — 3 milhões só em 2004. Não era apenas uma figura de proa; era um ativista com séquito internacional. Podia levar a igreja a locais onde ela nunca estivera antes. Sempre que Cruise ia ao exterior para divulgar seus filmes, aproveitava a oportunidade para convencer líderes estrangeiros e embaixadores americanos a promover a cientologia. Normalmente, Davis o acompanhava nessas missões políticas e diplomáticas. Cruise teve vários encontros com o ex-presidente Clinton, e neles insistia para conseguir o auxílio do primeiro-ministro Tony Blair para que a Igreja da Cientologia fosse reconhecida como entidade beneficente no Reino Unido e as contribuições a ela fossem dedutíveis do imposto de renda. Rathbun presenciou um telefonema no qual Clinton recomendava a Cruise que contatasse Cherie, a esposa de Blair, em vez do primeiro-ministro diretamente, porque ela era advogada e "entenderia os detalhes".[18] Mais tarde, Cruise foi[19] a Londres, onde se reuniu com alguns representantes de Blair, embora essa iniciativa não tenha resultado em nada. Em 2003, ele se encontrou[20] com Richard Armitage, vice-secretário de Estado, e Scooter Libby, chefe de gabinete do vice-presidente Dick Cheney, para expor as preocupações da igreja quanto ao tratamento que recebia na Alemanha. Cruise tinha acesso praticamente a qualquer pessoa no mundo.

No mesmo ano, Cruise e Davis tentaram persuadir Rod Paige, o secretário de Educação durante o primeiro mandato do presidente George W. Bush, a endossar os métodos pedagógicos de Hubbard. Paige ficou impressionado. Por meses, Cruise manteve contato com o gabinete do secretário, insistindo que as técnicas da cientologia fossem incluídas no programa presidencial Nenhuma Criança Ficará de Fora. Um dia, Cruise foi a Hemet em seu pequeno biplano Pitts Special, pintado de faixas vermelhas e brancas, próprio para acrobacias, acompanhado de seu chefe de equipe cientologista, Michael Doven: Miscavige e Rathbun foram encontrá-los e os levaram até a Gold Base. Rathbun estava no banco de trás e lembra que Cruise contou vaidoso ao COB suas conversas com o secretário.

"Bush pode ser um idiota",[21] observou Miscavige, "mas eu não me importaria se ele fosse nosso Constantino."

Cruise concordou: "Se o porra do Arnold pode ser governador, eu posso ser presidente".

Miscavige respondeu: "Sim, claro, Tom".[b]

*

Em 2001, Haggis foi despedido de *Family Law*, o seriado que tinha criado. Sua carreira, que por tanto tempo parecia ser uma escada sem limites rumo à fama e à fortuna, agora despencava. Ele começou a trabalhar em casa.

No prazo de uma semana, Haggis começou a escrever o roteiro de um filme chamado *Menina de ouro*, baseado numa série de contos de F. X. Toole. Passou um ano trabalhando nele, apoiando-se em algumas de suas lembranças mais dolorosas. Identificou-se com o personagem de um treinador de boxe velho e amargurado, Frankie Dunn. Como Haggis, Frankie está longe da filha. Suas cartas a ela são devolvidas. Ele recorre à religião, indo diariamente à missa e procurando um perdão no qual não acredita a sério. Então aparece outra moça na vida infeliz do treinador: é Maggie Fitzgerald, aspirante a boxeadora, uma branca de família humilde. Todo sentimento de perda e a saudade da filha ficam evidentes quando Frankie começa a treinar aquela jovem pugilista valente, que tem mais fé nele que ele próprio. Mas, quando lhe quebram o pescoço numa luta, Maggie fica paralítica. Num momento de clímax, ela pede a Frankie que desligue as máquinas e a deixe morrer. Haggis enfrentou uma situação semelhante na vida real com seu melhor amigo, diagnosticado com morte cerebral devido a uma infecção por estafilococos. “Eles não morrem fácil”,[22] relembrou ele. “Mesmo em coma, ele gemeu e se debateu por doze horas.”

O sonho de Haggis era dirigir pessoalmente o filme. Mas, por mais que os estúdios apreciassem o roteiro, a história era tão trágica que ninguém queria nem chegar perto. Haggis começou a pedir empréstimos para sobreviver. Recusou outro seriado de TV porque percebeu que fazia anos que se desinteressara da televisão.

Um de seus projetos de TV abandonados ainda o perseguia. A ideia surgiu de um episódio inquietante que tinha acontecido uma década antes, quando ele e Diane voltavam da estreia de *O silêncio dos inocentes*. Paul estava de smoking, dirigindo um Porsche conversível. Parou numa loja de vídeos da Blockbuster no Wilshire Boulevard para alugar um filme holandês pouco conhecido. Quando voltaram ao carro, dois rapazes negros armados avançaram neles. Os assaltantes mandaram que saíssem do carro e caminhassem até um estacionamento às escuras. A ideia não parecia nada boa. Haggis fingiu não ouvir. Pôs Diane na frente e seguiu pelo Wilshire.

“Parem!”

Paul e Diane ficaram imóveis. Ouviram passos e um dos ladrões tirou o vídeo da mão de Diane. Então o Porsche arrancou. Foi a última vez que Haggis o viu.

Dez anos depois, Haggis acordou no meio da noite e começou a remoer outra

vez esse episódio assustador. Pensava nele com frequência. A cena toda tinha durado menos de um minuto, mas afetara sua posição diante da vida de várias maneiras complicadas. De onde vinham aqueles garotos? Moravam na mesma cidade, mas havia um mundo inteiro de raça e classe a separá-los. Podia imaginar como eles o viam, um cara branco e rico com muito mais do que a vida tinha a oferecer. De certa forma, Haggis estava do lado deles. Mas a coisa podia ter sido muito pior; as armas sempre dão uma imprevisibilidade perigosa às coisas. Ficou abalado com aquela ideia. O desfecho inesperado de pegarem a fita de vídeo alugada era estranho. Haggis até tentou brincar com os policiais na época: "Acho que vocês vão descobrir[23] que esses caras vieram aqui várias vezes atrás daquele vídeo, e nunca estava disponível".

O que ele pensou especificamente no meio da noite foi o que os rapazes teriam dito um ao outro ao sair do estacionamento da Blockbuster para o Wilshire em seu conversível metalizado. Conseguiria se identificar neles? Haggis levantou e começou a escrever. No meio da manhã, já tinha um longo rascunho. Era sobre os vários tipos de interações entre as pessoas — como o fato de alguém buzinar e lhe mostrar o dedo pode afetar seu estado de espírito e aí você vai descontar em outra pessoa na primeira oportunidade, ou, pelo contrário, alguém que para e o deixa entrar na longa fila do trânsito e aí o dia ganha um brilho todo especial. Ele via a vida nos Estados Unidos como uma colisão volátil de culturas — de imigrantes que não conseguem entender os códigos sob o sistema, de raças que nutrem mútua desconfiança e ressentimento, de pessoas que coexistem em diferentes camadas sociais e se olham com incompreensão, medo e ódio.

Ele apresentou a proposta a diversos produtores de TV, mas todos declinaram. Agora, enquanto se debatia entre dificuldades financeiras e artísticas, Deborah lhe sugeriu que pensasse em escrever o roteiro para um filme. "Você vai ganhar um Oscar",[24] disse ela.

Haggis entrou em contato com o amigo Robert Moresco, que tinha escrito para a série *EZ Streets* de Haggis. Disse a ele: "Creio que ninguém vai fazer o filme, mas é uma ótima história". Os dois começaram a trabalhar no escritório de Haggis, em casa, ao lado da lavanderia. O primeiro esboço ficou pronto em duas semanas. Haggis decidiu dar o nome de *Crash: No limite*.

O título se refere a uma batida de carro que desencadeia uma sucessão de eventos, revelando os elementos contraditórios dos personagens e da cidade onde moram. Nos segundos de aturdimento depois da colisão, um detetive da polícia de Los Angeles percebe de repente o que lhe falta na vida. "É a sensação do tato", diz entre as primeiras falas do filme. "Em Los Angeles, ninguém toca

em você […] Estamos sempre por trás de metal e vidro. Acho que sentimos tanta falta desse toque que batemos só para sentir alguma coisa.”

Haggis insiste em converter os heróis em vilões, e vice-versa, como o policial branco racista que molesta uma negra elegante da elite numa cena e depois lhe salva a vida em outra. Haggis sentia que, ao explorar essas complexidades, estava desemaranhando os fios claros e escuros de sua personalidade.

Nos dezoito meses seguintes, batalhou para conseguir luz verde para rodar o filme. Ainda era estreante na direção, o que constituía um obstáculo. Além disso, o roteiro pedia um elenco de conjunto sem nenhum astro central — sempre um obstáculo em Hollywood. Haggis finalmente conseguiu despertar o interesse de um produtor, Bob Yari, que concordou em fazer o filme por 10 milhões de dólares, se Haggis conseguisse reunir um elenco estrelado.

Don Cheadle foi o primeiro a aceitar, como ator e também produtor, e seu nome acrescentou credibilidade ao projeto. Matt Dillon e Tony Danza toparam. Heath Ledger e John Cusack concordaram em trabalhar pelo valor mínimo do sindicato, como todos os demais. Mesmo assim, o projeto continuou a se arrastar. Finalmente disseram a Haggis que a coisa agora ia deslanchar. Então ele enviou o roteiro a John Travolta e Kelly Preston, pois achava que seriam perfeitos como o promotor distrital e sua esposa.

“Isso é ótimo,[25] porque agora realmente precisamos deles”, disselhe a produtora Cathy Schulman no dia seguinte. Heath Ledger tinha desistido e Cusack estava a um passo de fazê-lo. Mais uma vez, o filme precisava de grandes nomes para conseguir o financiamento. Haggis enviou imediatamente um bilhete a Preston, dizendo que retirava a proposta. Como questão de orgulho, parecia-lhe errado usar seus amigos dessa maneira — principalmente outros cientologistas. Preston ficou ressentida, visto que ele não explicou os motivos da decisão.

Mas, perdendo mais dois nomes famosos, o filme voltou ao limbo. Haggis estava também para perder Cheadle, pois ele havia sido escalado para fazer *Hotel Ruanda*. Por fim, Yari disse a Haggis para encerrar a produção.

Priscilla Presley, John Travolta e Kelly Preston nas comemorações do 37º aniversário do Centro de Celebridades da Igreja da Cientologia, Hollywood, agosto de 2006.

Na segunda-feira seguinte, ao entrar no escritório da produção, Schulman encontrou Haggis ali, sozinho.

“O que está fazendo?”, perguntou.

“Estou preparando o filme.”

Yari concordou em manter o escritório aberto por mais uma semana, e depois mais outra, pois a cada segunda-feira Schulman encontrava Haggis trabalhando num filme que agora estava com o orçamento a zero. Aos poucos, outras pessoas começaram a trabalhar com ele, sem remuneração.

“Se você conseguir Sandy Bullock, terá luz verde”, disselhe Schulman.

Haggis conseguiu Sandra Bullock para o papel da esposa do promotor distrital, uma mulher de sociedade melindrosa e racista, papel muito diferente das jovens decididas que interpretara antes. No filme, é ela que tem o carro roubado sob a mira de uma arma. Mas os produtores queriam mais um nome: Brendan Fraser. Haggis achava que ele era jovem demais para o papel, e Fraser também, mas concordou em fazê-lo. O filme finalmente recebeu autorização, apenas quatro semanas antes de começar a filmagem. Só que agora os 10 milhões de dólares tinham diminuído para 6,5 milhões.

Para Haggis, tudo dependia do filme. Hipotecou três vezes a casa; também a usou como set, para economizar no orçamento das locações. Cancelou muitas cenas externas e pediu emprestado o set do seriado *Monk* para filmar as internas.

Desleixou na alimentação e fumava sem parar. Emagreceu. Precisava desesperadamente de mais tempo.

Quando terminou de rodar uma cena em Chinatown, Cathy Schulman foi lhe perguntar sobre a filmagem do dia seguinte. E observou: “Parece que você está apertando o peito”.

Haggis admitiu que sentia algumas dores.

“Dores agudas?”, perguntou Schulman, e insistiu para que ele fosse a um médico.

Ele não quis e foi para casa.

No dia seguinte, acordou com muita dor. Ligou para seu médico, que lhe disse que provavelmente era estresse, mas concordou em vê-lo só para tranquilizá-lo. A essa altura, Paul tinha dificuldade em respirar e, assim, Deborah foi dirigindo até o consultório. O médico fez alguns exames e confirmou: sim, era estresse e fadiga muscular. “Em todo caso, vamos fazer um eletrocardiograma.”

Alguns instantes depois, o médico voltou. Estava com o rosto branco. “Não se levante!”, ordenou em tom profissional. “Você teve um ataque cardíaco!”

Naquela noite no hospital, Haggis teve outra parada cardíaca. Recebeu três *stents* nas artérias até o coração, numa angioplastia de emergência. Pôde acompanhar todo o procedimento pelo monitor. Foi mesmo como uma experiência extracorpórea, ficar ali assistindo à operação em seu coração debilitado. O filme que estava fazendo já não parecia tão importante.

Isso mudou logo que a cirurgia terminou.

Schulman chegou com mais algumas más notícias. “Falei com seu médico”, disse a Haggis. “Ele não vai permitir que você volte ao trabalho por uns quatro ou cinco meses. Tenho de contratar outro diretor.”

“Certo”, respondeu Haggis, e disse que conversaria com seu médico.

Ele confirmou a decisão. “Paul, não é só seu ataque cardíaco”, disse o médico. “Você foi operado. Vai ser pressão demais para o coração.”

“Entendo plenamente”, respondeu Haggis. “Agora, me diga quanto estresse você acha que vou sentir, simplesmente sentado em casa enquanto outro diretor termina *meu maldito filme*!”

A produção ficou paralisada por uma semana e meia, e então Haggis voltou, com uma enfermeira ao lado que verificava seus sinais vitais a cada quinze minutos. Sandra Bullock lhe trazia chá verde e não deixava que ele tomasse café. A cada vez que tentava levantar, ela lhe dizia para ficar sentado. Bullock tinha uma espécie de autoridade materna implacável. Ele terminou o filme sentado em sua cadeira, com uma xícara de chá nas mãos.

Tinham solicitado a Clint Eastwood que lesse *Menina de ouro* para o papel do treinador Frankie Dunn. Ele adorou o roteiro, mas disse que só faria o

personagem se também fosse o diretor. Mesmo detestando renunciar à oportunidade de dirigir o filme, Haggis sabia que a coisa ganharia outra envergadura se Eastwood estivesse por trás. Hilary Swank foi escalada para o papel de Maggie Fitzgerald, que iria lhe valer um Oscar. Morgan Freeman também ganharia como coadjuvante e Eastwood pela direção — tudo isso além do Oscar de Melhor Filme. Haggis receberia a indicação de Melhor Roteiro. Mas isso ainda estava no futuro.

Quando ainda estava trabalhando na montagem[26] de *Crash: No limite*, Haggis começou a escrever outro filme para Eastwood, *A conquista da honra*. Foram visitar o produtor desse projeto, Steven Spielberg, no set de *Guerra dos mundos*, que ele estava rodando com Tom Cruise. Spielberg tinha chamado Haggis para conversarem sobre uma ideia de outro roteiro.

Haggis se encontrara duas vezes com Cruise, uma vez num evento para arrecadação de fundos e depois no Centro de Celebridades. Como o ator mais popular e mais disputado em Hollywood, Cruise recebia mordomias que quase mais ninguém tinha. Ele pedira a Tommy Davis, agora seu treinador de cientologia em tempo integral, que montasse uma barraca no set de *Guerra dos mundos*, para distribuir materiais da igreja ao pessoal das equipes e oferecer assistência cientológica. O precedente deixou muita gente alarmada em Hollywood, e Spielberg foi muito criticado por deixar que aquilo acontecesse.

"Fico realmente admirado",[27] observou Spielberg, quando foi com Haggis até seu trailer. "Conheci todos esses cientologistas e parecem as pessoas mais maravilhosas."

"É, deixamos todos os ruins trancafiados", respondeu Haggis.[c]

Dois dias depois, Tommy Davis ligou para a casa de Haggis e falou que alguém do alto escalão precisava vê-lo com urgência. Haggis não fazia ideia do que se passava. Imaginou que a igreja ia pressioná-lo para fazer mais algumas sessões de aconselhamento ou algum outro curso, como tantas vezes ocorrera no passado. Davis o encontrou no Centro de Celebridades e o conduziu a uma sala onde Greg Wilhere o esperava. Wilhere, um ex-jogador bonitão de futebol universitário, era um alto executivo da igreja, designado como conselheiro pessoal de Cruise. (Chegou a acompanhar o astro[28] na filmagem de *Dias de trovão*, em que um dos personagens recebeu seu nome.) Wilhere estava fulo da vida porque Haggis deixara Tom Cruise nervoso, destruindo anos de trabalho para recrutar Spielberg para a igreja.

"Foi uma brincadeira",[29] protestou Haggis. Disse que não imaginava como aquilo teria estragado o trabalho de Cruise em atrair o homem mais poderoso de Hollywood para a cientologia. Wilhere falou que Steven estava com problemas

com um de seus sete filhos e Tom estava trabalhando para “guiá-lo na direção certa”. E tudo foi por água abaixo, disse Wilhere, porque agora Spielberg achava que havia cientologistas ruins trancafiados.

Haggis se sentiu no meio de uma farsa. Tudo aquilo lhe parecia insanamente ridículo, mas era o único a pensar assim. Porém não seria louco de criar um atrito entre Tom Cruise e Steven Spielberg. Prontificou-se a explicar para Spielberg que era brincadeira, que não existiam cientologistas ruins e, se existissem, não estariam trancafiados em lugar nenhum. Não conseguia acreditar que Spielberg realmente achasse que ele falara a sério.

Wilhere não se deu por satisfeito. Disse que Cruise estava explodindo de raiva. Recomendou que Haggis escrevesse uma carta ao astro pedindo desculpas — imediatamente. Obediente, Haggis escreveu uma mensagem no papel que lhe estenderam, mas Wilhere falou que não bastava. Haggis escreveu uma nota mais contrita. Wilhere disse que a encaminharia. Mas Haggis nunca recebeu resposta de Cruise.[d]

Haggis saiu daquele encontro com uma nova percepção da importância de Tom Cruise para a cientologia. Já tinha ouvido falar que Cruise fora incumbido várias vezes de tentar recrutar nomes famosos. Entre eles estavam James Packer, o homem mais rico da Austrália; David Beckham, o astro do futebol britânico, e sua esposa, Victoria, ex-Spice Girl; o casal de atores Will e Jada Pinkett Smith, bons amigos de Cruise que, mais tarde, financiaram uma escola[30] usando as técnicas pedagógicas de Hubbard. Mas não havia ninguém que se comparasse a Spielberg. Se Cruise conseguisse atraí-lo, seria um marco transformador na história da igreja, sobretudo em sua relação com Hollywood. Daria realidade à lenda da influência da cientologia na indústria do entretenimento. E quantos recrutas afluiriam para a igreja graças ao imprimátur de Spielberg? Ou quanto dinheiro entraria nos cofres da cientologia, com magnatas, agentes, aspirantes ao estrelato querendo as boas graças da igreja? A ambição por trás desse jogo da igreja era espantosa. E Haggis estava metido naquilo por causa de uma piada inocente.

Cruise transferiu sua atenção para os outros cientologistas na indústria do entretenimento. Muitos tinham calado o bico depois dos escândalos na igreja ou nunca admitiram abertamente sua filiação a ela. Cruise convocou uma reunião[31] com outras celebridades cientologistas e insistiu que fossem mais explícitas sobre a religião que seguiam. A partir daí, o famoso cantor Beck, que fora criado na igreja, começou a falar abertamente sobre sua fé. Erika Christensen,[32] jovem atriz em ascensão que também era cientologista de segunda geração, declarou que Cruise era seu mentor espiritual.

Inspirado por um novo sentimento ativista, um grupo de atores cientologistas se voltou contra Milton Katselas, a eminência parda da Beverly Hills Playhouse. Ninguém contribuíra tanto[33] para criar o vínculo entre a cientologia e Hollywood. Katselas mantivera uma longa amizade com Hubbard e ainda tinha uma foto dele na escrivaninha. Os dois eram parecidos em muitos aspectos, principalmente no efeito transformador que exerciam em seus discípulos. Bonachão, compreensivo e carismático, mas também vaidoso e exigente, Katselas não se abstinha de amolar os estudantes para provar sua posição; todavia, muitos sentiam que, graças a ele, haviam alcançado um nível artístico mais alto do que jamais pensaram que seriam capazes. Quando Katselas falava com um estudante de atuação, não era apenas sobre a técnica; em suas lições, ele transmitia muitas observações argutas sobre a vida e a conduta pessoal.

Um desses alunos, Allen Barton, além de ator promissor, também era pianista clássico. Quando Katselas o ouviu tocar, arranjou-lhe um professor e pagou suas aulas de piano. Mais tarde, Barton conseguiu um recital numa noite de domingo. Katselas apareceu no teatro às 8 horas, no momento em que estavam entregando o piano. Ele notou que o piso do palco estava arranhado, havia caixas empilhadas aparecendo nas laterais, e uma grande escada em espiral — um acessório de uma apresentação antiga — tinha ficado no palco, simplesmente porque era grande demais para ser retirada. Barton disse que ia disfarçá-la da melhor maneira possível, cobrindo-a com panos pretos. Katselas ligou para seu escritório e numa hora chegaram dez pessoas. Disse a Barton que saísse para relaxar e se preparar para a apresentação. Quando Barton voltou à tarde, a escada tinha sumido, as caixas desapareceram, o piso do palco fora areado e pintado e havia quatro árvores em volta do piano. Até os vasos em que estavam as árvores tinham sido pintados combinando com a cortina do fundo. O efeito geral era estonteante. “Faça uma boa apresentação”,[34] despediu-se Katselas. Atônito, Barton correu atrás dele, perguntando: “Como poderei lhe agradecer?”. Enquanto saía, Katselas respondeu: “Aprenda a esperar isso de si mesmo”.

Histórias assim vieram a compor a lenda de Katselas. Era um OT V e um cientologista totalmente público, mas deixara de subir a Ponte, em parte porque se recusava a ir até a Flag, onde eram ministrados os cursos de nível mais avançado. Além disso, tinha se enredado em alguns problemas de Ética devido a seu comportamento com algumas alunas. Jenna Elfman liderou a revolta contra Katselas. Ela fora uma de suas melhores alunas, ganhando um Globo de Ouro em 1999 pela interpretação muito espontânea no seriado *Dharma Greg*. Allen Barton, que se tornara professor na Playhouse, escreveu uma carta a Elfman em junho de 2004, pedindo que abrandasse os ataques. Chamou o movimento contra

Katselas de “macarthismo cientológico”,[35] referindo-se à inclusão de celebridades de Hollywood nos anos 1950 numa lista negra por causa de suas supostas simpatias comunistas. “Como cientologistas, somos agora um grupo que faz listas negras, que abandona amizades e alianças tomando como base a rapidez com que a pessoa sobe a Ponte?”, escreveu ele. “Se nós, como grupo, vamos enfrentar os bilhões de desgraçados do mundo, como podemos nos separar uns dos outros?” Elfman nunca respondeu.

Depois que Cruise convocou[36] as celebridades cientologistas, um grupo de estudantes exigiu que Katselas convertesse a Playhouse numa empresa do grupo WISE. O acrônimo significa World Institute of Scientology Enterprises. Katselas não concordou,[37] mesmo perdendo cem alunos numa debandada geral de cientologistas. Muitos foram para outra escola, o Acting Center, fundado em 2006 se baseando parcialmente em técnicas cientológicas. Katselas morreu do coração em 2008 e a Beverly Hills Playhouse não tem mais vínculos com a igreja. O grande número de protegidos que Katselas deixou atrás de si consolidou a ligação entre a igreja e a comunidade artística de Hollywood, mas ao final ele sofreu o ostracismo por parte das mesmas pessoas cuja carreira havia incentivado.

Tom Cruise agora era considerado o oficial de Ética oficioso de Hollywood. Era a encarnação da ideia de Hubbard de uma igreja com templos dedicados a celebridades e não a Deus. O engajamento e a intensidade de Cruise, junto com sua tremenda ambição, se equiparavam aos do próprio Miscavige. Era como se Miscavige tivesse esfregado uma lâmpada mágica e Cruise aparecesse como o gênio capaz de abrir todas as portas. Era um dos poucos que Miscavige considerava um igual. Miscavige chegou a elucubrar[38] se havia alguma maneira de nomear Cruise como o inspetor-geral de Ética da igreja — cargo de Rathbun. “Ele dizia que Tom Cruise[39] era a única pessoa na cientologia, além dele mesmo, em quem confiaria para dirigir a igreja”, declarou um ex-integrante da Sea Org. Rathbun observou:

> Miscavige convenceu Cruise[40] de que ambos eram dos poucos “grandes seres” verdadeiros do planeta. Declarou a Cruise que LRH confiava que eles se uniriam aos raros espécimes da humanidade na terra a fim de chegarem ao “Alvo Dois” — algum local galáctico não especificado onde se encontrariam com Hubbard depois da morte.

Haggis também fora envolvido no aparato de recrutamento de celebridades. Pusera dinheiro e sua reputação nas mãos da igreja. Também estava a serviço da cientologia. Mas raramente falava de sua filiação a seus empregados ou associados. Mesmo os amigos próximos ficaram surpresos ao saber que ele era da igreja. Marshall Herskovitz observou: “Ele não tinha[41] aquele tipo de visão

simples, direta, inequívoca, que muitos cientologistas projetam para o mundo".

Durante anos, Herskovitz e vários amigos mais próximos de Haggis, não cientologistas, participavam de um encontro irregular às sextas-feiras, chamado Noite dos Rapazes. Geralmente apareciam, entre outros, o ator Josh Brolin, o diretor Oliver Stone, o produtor Stephen Nathan e um pacifista militante e ex-padre chamado Blase Bonpane. Certa noite, surgiu uma repórter bonita do *New York Times* para fazer uma matéria sobre o encontro e os homens concluíram que, graças a ela, todos eles ficaram parecendo muito mais atraentes do que eram em outras ocasiões. A partir daí, decidiram convidar uma mulher em todos os próximos encontros que tivessem. Costuma ser uma bela atriz. Julie Delpy e Charlize Theron foram agraciadas com essa honra. Madeleine Stowe rememorou a ocasião como a noite mais divertida de sua vida, embora tenha tido a precaução de levar o marido. Lembrava-se de Haggis reclinado na cadeira, contando piadas, fumando um cigarro, observando tudo.

Embora Brolin, Nathan e Stone sejam três dos amigos mais próximos de Haggis, nunca falaram sobre a cientologia. E todos eles tiveram experiência pessoal na igreja, coisa que os demais desconheciam. Steve Nathan tinha sido conectado a um E-meter no final dos anos 1960, por alguns cientologistas britânicos que procuravam recrutas, mas não se impressionou. Oliver Stone nem sabia que Haggis era cientologista. Mas, quanto a isso, poucos sabiam que Stone também tinha passado um mês na igreja. Era jovem e tinha acabado de voltar do Vietnã, cheio de dúvidas e problemas. Inscreveu-se no centro nova-iorquino da igreja, o velho Hotel Martinique. "Era como ir à faculdade e ler Dale Carnegie, algo que você faz para se encontrar." A diferença era que na cientologia havia festas divertidas e garotas bonitas. A cientologia não respondeu a suas dúvidas, mas em compensação, como disse ele, "eu conseguia transar".

Brolin conhecia Haggis fazia muitos anos. Tinham trabalhado juntos na TV e Brolin contribuíra com as atividades beneficentes de Haggis. Nos verões, Brolin e sua esposa, a atriz Diane Lane, dividiam uma casa na Itália com Paul e Deborah. Certa noite, embalado pela grapa, Brolin começou a contar a história de um amigo que tinha "se infiltrado" na cientologia. Ficou intrigado com o ar impassível de Paul e Deborah enquanto ouviam. Quando terminou de contar o caso, Deborah disse: "Bem, você sabe, somos cientologistas".

"O quê?", disse Brolin, surpreso. "Quando foi isso, porra?"

"Muito tempo atrás", respondeu Deborah.

"Oh, me desculpem, eu não fazia a menor ideia", disse Brolin.

Depois disso, Brolin foi com Deborah a algumas reuniões para ouvir a posição da cientologia contra psicotrópicos. Brolin nunca comentara, mas ele mesmo tinha ido ao Centro de Celebridades, "num momento de verdadeiro desespero", e

recebeu aconselhamento espiritual. Logo concluiu que a cientologia não era para ele. Mas ainda se perguntava o que a religião fazia por celebridades como Tom Cruise e John Travolta: “Os dois têm a cabeça no lugar, tomam grandes decisões profissionais, parecem ter famílias maravilhosas. Será que é porque a cientologia lhes deu ajuda?”.

Uma vez, Brolin viu Travolta dando um passe de cientologia durante um jantar em Los Angeles. Marlon Brando chegou com um corte na perna. Tinha se machucado enquanto ajudava um motorista atolado na Pacific Coast Highway a tirar o carro da lama, e o ferimento estava doendo. Travolta se ofereceu para ajudar, dizendo que tinha acabado de alcançar um novo nível na cientologia, que lhe dava habilidades especiais. Brando respondeu: “Bem, John, se você tem poderes,[42] então é claro que sim”. Travolta pôs a mão na perna de Brando e os dois fecharam os olhos. Brolin ficou a observar, pensando como era estranho e surpreendentemente físico. Depois de dez minutos, Brando abriu os olhos e disse: “Isso ajudou de verdade. Eu me sinto realmente diferente!”.

Em 2003, Cruise continuou a trabalhar com Rathbun em seus níveis mais avançados. Quando estava na Gold Base, em vez de ficar no chalé que antes dividia com Nicole Kidman, Cruise se mudou para a casa de hóspedes da residência de L. Ron Hubbard, a Bonnie View. Num domingo à noite, depois de uma ceia a altas horas na imponente sala de jantar de Hubbard, Cruise pegou uma intoxicação alimentar. A culpa recaiu num rolinho com camarão frito. A cozinheira foi sumariamente[43] despachada para o Happy Valley.

Rathbun acompanhou Cruise até a Flag Base em Clearwater, onde podia fazer os exercícios necessários para alcançar o nível OT VII. Como Miscavige dependia de Rathbun para lidar com vários dos problemas mais delicados da igreja, ele fora levado a pensar que gozava de uma espécie de imunidade em relação ao gênio violento do líder. Em setembro, voltou à Gold Base e fez um relatório a Miscavige sobre os avanços de Cruise.

Miscavige perguntou onde Cruise estava fazendo suas verificações semestrais. “Na Flag”,[44] respondeu Rathbun. Todos os OT VII fazem seus controles na Flag.

“Quem vai fazê-lo?”

Rathbun indicou um conselheiro em Clearwater que ele tinha em alta conta.

Miscavige se virou para a esposa e perguntou: “Você consegue acreditar nessa SP?”. Declarou que, ao contrário de todos os outros OT VII, Cruise faria seus exames de verificação na Gold Base.

Quando Cruise chegou devidamente à Gold para sua verificação semestral, estava se preparando para o papel de assassino de aluguel em *Colateral*.

Miscavige o levou ao campo de tiro e mostrou como se disparava[45] uma pistola calibre 45. Enquanto isso, Rathbun fazia a conferência semestral do astro.

Por causa de sua insubordinação, Rathbun teve de passar por um programa de penitência. Um dos passos era escrever uma lista de suas ofensas contra a igreja, a partir de um rascunho feito por Miscavige. “Estou redigindo este anúncio público[46] para informar aos executivos e equipes que recuperei meus sentidos e não estou mais cometendo premeditações no momento atual; e cessei todos os ataques e supressões à cientologia.” Assim declarou Rathbun em setembro de 2003, adotando aquele tom rastejante que caracteriza muitas confissões na cientologia. Falando no mais autêntico cientologês, ele escreveu: “O resultado final é uma pseudoforma org, funcionários e executivos esgotados e enturbulados”. Isso significava que ele não refletira bem em suas intenções, criando desordem na igreja e entre as pessoas que trabalhavam para ela. Fez um pedido de desculpas especial a David Miscavige: “A cada vez em situações importantes, o COB precisou intervir para eliminar guerras que exacerbei. […] O que gastei em quantidade de tempo acumulado do COB, em termos de não completar tarefas, de criar problemas internos e externos, está na ordem de oito anos”.

Rathbun ficou chocado, não só por ser declarado SP, mas também com as mudanças na Gold Base nos dezoito meses em que fora enviado para a Flag. Todas as comunicações da base tinham sido cortadas. O líder mandara confinar vários de seus mais altos executivos na sede do Comitê de Vigilância — dois trailers de largura dupla que tinham sido acoplados. No final do ano, o número de pessoas que viviam lá sob vigilância tinha aumentado para quarenta ou cinquenta.[47] Agora se chamava Buraco.[48] Além de uma mesa de reuniões comprida, não havia nenhum móvel — nem cadeiras, nem camas, apenas um carpete externo —, de modo que os executivos tinham de comer de pé e dormir no chão, que estava infestado de formigas. De manhã, eram conduzidos a banhos coletivos com uma mangueira e depois voltavam ao Buraco. Traziam-lhes as refeições, que consistiam numa mistura de restos requentados. Quando a temperatura na localidade desértica subia acima de quarenta graus, Miscavige desligava a energia elétrica, deixando os executivos assarem nos alojamentos trancados.

O líder ordenava que permanecessem ali até que reordenassem o “Quadro da Organização”[49] — o organograma da igreja — de uma maneira que o satisfizesse, coisa que nunca acontecia. As fotos do pessoal da Sea Org eram constantemente mudadas de um lugar para outro no organograma, o que significava que as pessoas eram constantemente transferidas para outros cargos,

de maneira aleatória, e nenhum deles era estável. Havia cerca de novecentos cargos[50] que precisavam ser preenchidos na Int. Base e na Gold Base, e a pilha de fichas pessoais e éticas alcançava um metro e meio de altura. Esse processo anárquico vinha ocorrendo de modo mais ou menos intensivo fazia quatro anos.[51]

Nas horas mais imprevisíveis, muitas vezes no meio da noite, Miscavige aparecia no Buraco, acompanhado pela esposa, Shelly, e sua comunicadora, Laurisse Stuckenbrock, ambas carregando um gravador para registrar tudo o que Miscavige dissesse. Os detentos podiam ouvir o som dos passos quando Miscavige e seus acompanhantes se dirigiam até os trailers. O líder exigia que os executivos iniciassem as chamadas *séances* — horas intermináveis de confissões de seus crimes e fracassos, nesta e nas vidas anteriores, além de todos os pensamentos sombrios — as "intenções contrárias" — que pudessem abrigar contra ele. Se alguém se mostrasse pouco prestativo nessas confissões, o grupo assediava a pessoa até apresentar uma confissão. Às vezes eram fantasias sexuais. Tudo era transcrito num relatório, que então Miscavige lia em voz alta para outros funcionários da igreja.

A base inteira ficava paralisada[52] de medo de ser atirada no Buraco. As pessoas tentavam desesperadamente policiar seus pensamentos, mas era difícil manter segredos quando os quadros de pessoal estavam sendo constantemente verificados com E-meters, por razões de segurança. Mesmo as confidências a um cônjuge eram sistematicamente traídas. Depois de cada longa arenga do COB, as gravações eram enviadas a um centro de estenografia e as transcrições eram entregues aos executivos no Buraco, que tinham de lê-las em voz alta, uns para os outros, repetidamente.

Mike Rinder ficou no Buraco[53] durante dois anos, muito embora continuasse como o principal porta-voz da igreja. Estranhamente, às vezes era arrancado de lá e recebia ordens de conduzir uma entrevista coletiva ou de vestir um smoking, tomar o jatinho e ir a uma recepção de gala da cientologia; depois, era devolvido ao confinamento. Ele e outros executivos tinham de correr de quatro pela sala, com os joelhos nus, dia após dia, reabrindo as crostas[54] de ferida nos joelhos e ficando com cicatrizes permanentes. Certa vez, Miscavige instruiu De Vocht a ser mais duro com Rinder, pois "é apenas uma SP".[55] De Vocht levou Rinder para fora e lhe deu uma surra. Mas De Vocht também tinha medo de Miscavige. Começou a dormir com um pau de vassoura. Quando outro executivo protestou[56] contra a violência, foi espancado por dois auxiliares de Miscavige e obrigado a limpar o chão do banheiro com a língua.

Mike Rinder, o principal porta-voz da igreja, na Flórida, 2012.

Os confinados desenvolveram uma expressão facial própria sempre que Miscavige entrava, coisa que ele notou. Chamava de “caras de torta”.[57] Para ilustrar o que queria dizer, Miscavige desenhou um círculo com dois pontos servindo de olhos e uma linha reta como a boca. Mandou fazer camisetas com a cara de torta estampada. Rinder era “o pai das caras de torta”. As pessoas não sabiam como reagir. Não queriam chamar a atenção sobre si mesmas, mas também não queriam ser cara de torta.

A cientologia tem uma expressão para a psicologia das multidões: o contágio da aberração, cujo significado é que grupos de pessoas podem se estimular mutuamente a fazer coisas que são insanas. Segundo ex-executivos da igreja, um dia Miscavige chegou ao Buraco e exigiu que Marc Yager, o oficial comandante da Organização Mensageiros do Comodoro, e Guillaume Lesevre, o diretor executivo da Igreja Internacional da Cientologia, confessassem que eram amantes homossexuais. Ameaçou que Tom Cruise viria “esmurrar vocês”[58] se os outros membros da Sea Org no Buraco não obtivessem uma confissão dos dois. Os executivos presos levaram a ameaça a sério. Quando Miscavige saiu, um grupo de executivas que tinham sido nomeadas chefes dos detentos insistiu que alguns dos homens mais robustos do Buraco deixassem “alguns olhos roxos em algumas pessoas antes que Tom tenha de fazê-lo”. Lesevre e Yager foram devidamente surrados por vários homens. Então uma das mulheres informou a Miscavige que os dois tinham confessado que eram amantes gays. Quando Debbie Cook, a ex-capitã da Organização do Serviço da Bandeira e uma das

executivas mais respeitadas na igreja, disse que não era verdade, foi declarada traidora. Obrigaram-na a ficar dentro de uma lata de lixo durante doze horas, enquanto os outros detentos exigiam que ela confessasse suas próprias "tendências homossexuais".[59] As mulheres no aposento a estapeavam repetidamente e despejavam água por cima dela. Penduraram uma plaqueta em seu pescoço em que se lia LÉSBICA.

Rathbun era tido como o principal agente de segurança que garantia a execução das ordens do COB. Nas reuniões no Buraco e em todos os outros lugares da base, ficava de lado e encarava fixamente os colegas enquanto, segundo ele, Miscavige os descompunha e cobria de impropérios. Apesar do físico intimidador, Rathbun sofria de vários problemas de saúde, entre eles dor nas costas, cálculos na vesícula, depósitos de cálcio no pescoço e varizes dolorosas, que achava serem resultantes das horas a fio que tinha de ficar de pé, em posição de sentido. Ele também era propenso a explosões de violência súbita. Sua ex-esposa relembrou: "Uma vez, num telefonema,[60] vi-o ficar tão fora de si que esmurrou e atravessou a tela do computador com a mão direita". Miscavige o intimava a ir ver o que se passava no Buraco e voltar com os informes. Em janeiro de 2004, quando Rinder foi acusado de reter uma confissão do grupo, Rathbun o levou para fora e encheu-o de porrada. Rathbun afirma que Miscavige não se deu por satisfeito. Chamou Rathbun até seu enorme escritório no Centro de Tecnologia Religiosa, um salão frio e imponente com paredes de aço e seis metros de pé-direito, e o acusou de deixar Rinder "fazer gato e sapato"deles.[61] Então, segundo Rathbun, de repente Miscavige o agarrou pelo pescoço e bateu a cabeça dele contra a parede de aço.[e] Rathbun perdeu os sentidos por alguns instantes. Não se feriu, mas os termos tinham mudado.

Poucos dias depois, o próprio Rathbun estava no Buraco, com toda a equipe de Administração Internacional e outros executivos. Miscavige disse que ficariam lá até que o Conselho da Organização estivesse completo.

Os cientologistas são treinados para acreditar que tudo o que lhes acontece é de alguma maneira por culpa sua; assim, grande parte das discussões no Buraco se concentrava no que haviam feito para merecer aquele destino. A possibilidade de que o líder da igreja fosse irracional ou mesmo insano era um tabu tão grande que ninguém podia sequer pensar nisso, muito menos dizê-lo em voz alta. A maioria das pessoas no Buraco tinha um forte senso de lealdade com o grupo — a cientologia e a Sea Org — e não queria decepcionar os camaradas. Muitos tinham passado parte da infância e toda a idade adulta na Sea Org. Mike Rinder entrou na Sea Org aos dezoito anos. Amy Scobee entrou com dezesseis. Tom De Vocht, com treze. Já tinham renunciado à possibilidade de uma vida familiar

comum. O sexo fora do casamento era proibido, e assim muitos membros se casavam na adolescência; mas desde 1986 os membros da Sea Org eram proibidos de ter filhos. Ex-executivos da igreja dizem que os abortos eram comuns[62] e vigorosamente incentivados. Claire Headley se casou com Marc quando tinha dezessete anos; aos 21, já fora levada a fazer dois abortos.[63] Ela calcula que 60% a 80% das mulheres na Gold Base abortaram. "É uma prática constante",[64] declarou Claire.[f]

Preocupado com as confidências conjugais,[65] Miscavige instituiu uma política de divórcios obrigatórios em 2004; as pessoas do Centro de Tecnologia Religiosa, da Organização Mensageiros do Comodoro e da Golden Era Productions não podiam se casar com membros de outras divisões. Para muitos dos confinados no Buraco, todas as pessoas que conheciam ou amavam faziam parte da igreja. O custo de sair — não só financeiro, mas emocional e espiritual — era proibitivo. E sabiam que, se tentassem fugir, muito provavelmente seriam recapturados e castigados.

Os que tentavam sair da Sea Org pelo procedimento formal de "desbaratar" recebiam uma conta de despesas por todos os cursos e aconselhamentos que tinham recebido ao longo dos anos. Claire e Marc Headley, por exemplo, receberam uma cobrança de mais de 150 mil dólares[66] quando saíram e foram avisados de que teriam de pagar se algum dia quisessem rever a família. Os que aceitam a proposta podem passar anos pagando a dívida. Os que não aguentam perder toda e qualquer ligação com os amigos e familiares continuam na cientologia.

Muitos já tinham abandonado havia muito tempo os amigos e parentes que não faziam parte da igreja, e a perspectiva de voltar a encará-los despertava um sentimento de vergonha. A ideia de deixar os entes amados na igreja era ainda mais penosa. Todas essas emoções conflitantes eram moldadas pela teoria cientológica de que a vida não para e que a missão da igreja é limpar o planeta; assim, no esquema geral das coisas, a infelicidade que se pode sentir agora é apenas temporária e insignificante. Existe uma meta maior. Trabalha-se sempre pelo "maior bem para o maior número de dinâmicas", como prescrevia a ética da cientologia. E assim os executivos da igreja que haviam dado a vida à Sea Org engoliam a raiva e a perplexidade ou descontavam nos colegas indefesos.

Rinder era um alvo inevitável. Era visto como arrogante e cheio de si. Poucos entendiam realmente a tarefa de Rinder, além de Rathbun; ao contrário dos outros, os dois saíam frequentemente da base, para lidar com advogados, com o governo e a imprensa. Sem dúvida, também havia ressentimento entre eles. Na vez seguinte em que os executivos da Sea Org se viraram contra Rinder, Rathbun

explodiu. Deu uma gravata no amigo, derrubou-o no chão e se encavalou em cima dele, batendo sua cabeça no chão e gritando com o rosto quase colado na cara dele. Rinder conseguiu apenas murmurar: “Marty, não quero[67] mais jogar esse jogo”.

Rathbun se imobilizou de repente. As palavras tinham quebrado o sortilégio. Mas foi apenas por um instante.

Uma noite, por volta das 20 horas, Miscavige chegou ladeado pela esposa, Shelly, e pela comunicadora Laurisse, como de hábito, ambas de gravador na mão. Ele mandou que tirassem a mesa de reuniões e trouxessem cadeiras para todos no Buraco — cerca de setenta pessoas na época, incluindo muitos dos mais graduados da Sea Org. Perguntou se sabiam o que era a “dança das cadeiras”.[68] Na cientologia, significa mudanças frequentes de cargos. Nos cinco anos anteriores, cerca de quinhentas pessoas tinham sido removidas de suas funções, criando uma anarquia na estrutura administrativa. Mas não era a isso que ele se referia. Por fim, alguém comentou que era também um jogo. Miscavige mandou que explicasse as regras. As cadeiras são dispostas em círculo e, enquanto os participantes andam em volta delas, remove-se uma cadeira. Quando a música para, todos se sentam. Quem fica de pé é eliminado. Então a música recomeça. Miscavige explicou que, no jogo que fariam ali, o último a ficar com uma cadeira seria o único autorizado a continuar na base; todos os outros seriam “descarregados” — expulsos da Sea Org — ou enviados para as bases menos desejáveis da cientologia espalhadas pelo mundo. Os casados cujos cônjuges não estivessem no Buraco seriam obrigados a se divorciar.

Enquanto uma coletânea de sucessos do Queen tocava num rádio-gravador, os executivos da igreja andavam em círculos e, quando a música parava, disputavam um assento. Conforme o número de cadeiras diminuía, o jogo ficava mais acirrado. Os executivos se empurravam e se esmurravam; rasgavam as roupas; uma cadeira foi destroçada. Durante esse tempo todo, a letra enervante de *Bohemian Rhapsody* pairava sobre a melodia melosa:

> *Is this the real life?*
> *Is this just a fantasy?*
> *Caught in a landslide*
>
> *No escape from reality.*[g]

Rathbun, com seu problema nas costas, foi eliminado logo no começo. Rinder, De Vocht, Marc Headley, um por um, todos ficaram sozinhos atrás das muretas dos cubículos, assistindo à disputa dos restantes que lutavam desesperadamente para continuar no Buraco, em vez de ser enviados sabe-se lá para onde. Na porta havia um relógio marcando as horas que corriam, enquanto a música tocava,

parava de repente e a disputa recomeçava. Conforme as pessoas eram eliminadas, o COB mandava que o escritório de viagens na base lhes emitisse passagens aéreas para locais distantes. Havia caminhões de mudança esperando lá fora para transportar seus pertences. “Agora é real para vocês?”,[69] espicaçava Miscavige. Foram informados de que os ônibus estariam prontos para sair às 6 horas. Muitos estavam em lágrimas. “Não vejo ninguém chorando por mim”, disse Miscavige. A absoluta impotência de todos os demais na sala ficava claramente evidente. O jogo continuou até as 4 horas, quando uma mulher chamada Lisa Schroer ficou com a última cadeira.

Na manhã seguinte, todo o episódio foi deixado de lado. Ninguém foi a lugar nenhum.

Em várias declarações legais que tem feito ao longo dos anos, Miscavige sempre afirma: “Sou o líder eclesiástico[70] da *religião*, não da Igreja”. A distinção é importante quando a igreja enfrenta ações judiciais ou é ameaçada de responsabilidade criminal; Miscavige pode mostrar um organograma que atribui a responsabilidade organizacional a outros departamentos, enquanto a única obrigação do Centro de Tecnologia Religiosa, que ele comanda, é proteger a doutrina e a literatura da cientologia. Mesmo assim, Miscavige enviava à vontade esses outros chefes de departamento para o Buraco ou mandava-os para o RTC. Durante o período em que o quadro organizacional esteve em constante mudança, o único cargo estável na base era o dele, como COB do RTC; todos os demais eram constantemente removidos e recebiam outras funções temporárias. Há realmente apenas uma pessoa encarregada da Igreja da Cientologia.

Alguns dias depois do episódio da dança das cadeiras, Miscavige mandou que todos os que estavam no Buraco fossem para a Golden Era Productions embalar CDs nas caixas.

A certa altura, ele começou a interrogar bruscamente De Vocht, que ficou nervoso e gaguejou na resposta. Segundo De Vocht, Miscavige lhe deu um soco na cara. Ele sentiu a cabeça vibrar e tentou se desviar do soco seguinte, mas Miscavige o agarrou pelo pescoço e o derrubou no chão, dando-lhe murros e pontapés.[h] De Vocht servira durante anos a Miscavige e chegara até a considerá-lo amigo. Dedicara a vida à cientologia e estivera na Sea Org por quase trinta anos. Ele relembra o que pensou: “Agora aqui estou eu,[71] sendo espancado pelo chefão na frente de meus pares”.

Depois do ataque, Miscavige retomou o discurso. De Vocht se sentiu tão humilhado que não conseguia fitar os companheiros. Por fim, deu uma olhada de soslaio. Caras de torta.

Rathbun estava lá e naquele instante tomou uma decisão. Quando os demais

executivos eram conduzidos de volta ao Buraco, ele se esgueirou, pegou sua motocicleta e se escondeu nas moitas. Finalmente, quando um carro se aproximou, ele disparou pelo portão aberto e saiu para o mundo exterior.

---

a A igreja nega que tenha gravado Cruise, que Miscavige tenha assistido a tais gravações ou que tenha usado tais informações para manipular alguém. Noriyuki Matsumaru, que trabalhou no RTC com Miscavige, confirma as declarações de De Vocht.
b Cruise, por intermédio de seu advogado, nega essa conversa e declara que não tem nenhuma ambição política.
c O assessor de imprensa de Spielberg afirma que o diretor não se lembra dessa conversa.
d O advogado de Tom Cruise diz que o ator não se lembra desse episódio nem de que tenha ficado nervoso com Haggis.
e Como se observou anteriormente, a igreja nega todas as alegações de violência de Miscavige.
f A igreja nega que qualquer mulher na Sea Org tenha sido pressionada a fazer um aborto.
g Esta é a vida real?/ É apenas uma fantasia?/ Presos num desmoronamento/ Sem escapatória da realidade. (N. T.)
h A igreja nega que Miscavige tenha alguma vez usado de violência contra membros da igreja.

9. TC e COB

Uma grande fama também impõe uma espécie de clausura aos que a atingem. Tom Cruise era um astro de cinema desde os 21 anos, quando teve dois filmes de sucesso no mesmo ano, *Vidas sem rumo* e *Negócio arriscado*. Aos 25 anos, era o maior astro de Hollywood, a caminho de se tornar uma das maiores lendas na história do cinema. Na mesma idade, Miscavige se tornara o líder *de facto* da cientologia. Ambos assumiram responsabilidades extraordinárias quando seus colegas mal iniciavam carreira. Sendo tão jovens em posições tão altas, ficavam à parte. Assim, era natural que esses dois indivíduos poderosos e isolados se vissem espelhados um no outro.

Diversos membros da Sea Org que viam Cruise quando ele ia à Gold Base comentaram que o ator parecia aliviado por estar num ambiente onde ninguém o assediava pedindo autógrafos ou tirando fotos. Há chalés que foram construídos[1] para o uso de outros cientologistas famosos, como John Travolta, Kirstie Alley, Edgar Winter e Priscilla Presley; assim, a base às vezes parece uma espécie de colônia secreta de férias das celebridades. Uma vez, Miscavige ordenou que todo o corpo de pessoal da Gold Base se pusesse em fila no portão e batesse continência à chegada de Cruise.[2] O ator deve ter se sentido constrangido com essa exibição, pois ela nunca mais se repetiu. As instruções na base determinam que ninguém dirija a palavra a Cruise,[3] a menos que ele fale com a pessoa. Assim, Cruise desfruta a vida que Miscavige leva há décadas, em isolamento e cercado de deferência, concentrado em seu avanço espiritual.[a]

Analogamente, depois de se associar a Cruise, o estilo de vida de Miscavige começou a reproduzir[4] o de um astro de cinema com muito ócio e uma fortuna fantástica. Ele acorda normalmente[5] ao meio-dia, com uma xícara de café e um cigarro Camel. O café é da Starbucks moído na hora,[6] de preferência um moca árabe de Java ou da Guatemala, preparado com água destilada, ao qual ele acrescenta açúcar mascavo e creme. Então come o desjejum, que é a primeira de suas cinco refeições.

Segundo Sinar Parman, ex-chefe de cozinha de Miscavige, o líder da igreja comia “três refeições reforçadas e um lanche à noite” até o final dos anos 1990. Um dia, num voo Delta de Los Angeles até Clearwater, Miscavige saiu de sua

poltrona na primeira classe, foi até a cabine e mostrou algumas fotos de uma revista de fisiculturismo a Parman e seu assistente, que viajava com ele. Disselhes que queria “ficar sarado[7] e com um abdome de tanquinho”. Depois desse voo, Miscavige trocou de treinadores e começou a tomar suplementos para os músculos. Também adotou uma dieta rigorosa que determina que cada refeição deve ter pelo menos 40% de proteína e não mais de quatrocentas calorias. Em pouco tempo ele parecia os homens das revistas de halterofilismo.

Para manterem a forma física de Miscavige, seus chefes de cozinha têm de consultar no computador o tamanho de cada porção, inclusive o creme de leite no café matinal. Miscavige costuma começar com uma omelete feita com um ovo inteiro e cinco claras. Duas horas e meia depois, é o almoço. São preparadas duas opções diárias, para ele e para a esposa, num total de quatro refeições. Miscavige prefere pizza, sopa e sanduíches de pão francês. Durante o dia, há cigarros, garrafas de água e barrinhas proteicas em qualquer lugar onde ele esteja trabalhando. O jantar é uma refeição de cinco pratos, também com duas entradas à escolha. Os pratos preferidos incluem risoto de cogumelos, *linguine* com mariscos ao molho branco e patê de foie gras. Frutas e vegetais frescos são comprados no comércio local ou importados. Várias vezes por semana, um caminhão da Santa Monica Seafood traz salmão do Atlântico ou lagostas vivas, vindos fresquinhos da Costa Leste ou do Canadá. Da Nova Zelândia vem carne de cordeiro criado à base de milho. Quando há convidados como Tom Cruise para o jantar, a cozinha se entrega a surtos extravagantes de criatividade, com ingredientes às vezes vindos de diversos continentes. Duas horas depois do jantar chegam os primeiros petiscos da noite, com coisas mais leves como uma sopa de feijão-branco italiano ou um caldo de mariscos. Depois da meia-noite, há uma rodada final — uma seleção de queijos magros, lascas crocantes de maçã desidratada ou crepes de mirtilo, quase sempre decorados com flores comestíveis. Shelly geralmente preferia uma bandeja de frutas sortidas. Bebia apenas leite de amêndoas, feito no local com amêndoas orgânicas. Ela insistia que todos os alimentos fossem compatíveis com a dieta recomendada para o tipo sanguíneo deles (Shelly e David são ambos tipo O). Dois chefes trabalham o dia todo preparando essas refeições, com vários auxiliares em tempo integral para ajudá-los.

Segundo Claire Headley, que cuidou das finanças do Centro de Tecnologia Religiosa entre 2000 e 2004, as despesas de alimentação[8] para David, Shelly e seus convidados variavam de 3 mil a 20 mil dólares por semana. No final do serão, Miscavige se retira para sua sala pessoal e bebe Macallan Scotch,[9] enquanto joga gamão com membros de seu séquito, ouve música em seu estéreo

de 150 mil dólares (ele adora Michael Jackson) ou assiste a filmes em sua sala de cinema particular (seus filmes preferidos[10] são *Scarface* e a trilogia de *O poderoso chefão*). Geralmente se recolhe[11] às 3 ou às 4 horas.

Miscavige gosta de jogar bilhar[12] ou videogames em sua sala de descanso. Tem uma câmara de bronzeamento e uma sala de ginástica luxuosa que pouca gente, além de Cruise, tem permissão de usar. Embora de baixa estatura, Miscavige emana força física. Gosta de usar camisetas justas que mostram os bíceps musculosos. Coleciona armas, tem[13] pelo menos seis motocicletas e vários automóveis, inclusive um GMC Safari blindado com vidros à prova de balas e televisão por satélite, além de um Saleen Mustang turbinado que Cruise lhe deu para fazer par com o seu. Seus uniformes e ternos de negócios são feitos por Richard Lim,[14] um alfaiate de Los Angeles com clientes como Cruise, Will Smith e Martin Sheen. Os sapatos de Miscavige são feitos sob medida[15] em Londres por John Lobb, que atende à família real. Seu guarda-roupa[16] ocupa uma sala inteira. Há dois ajudantes em tempo integral, responsáveis por sua toalete e pela lavanderia. Cruise admirou tanto o serviço de limpeza[17] da casa — até as lâmpadas são polidas uma vez por mês — que o líder da igreja enviou uma equipe da Sea Org a Telluride, o retiro de Cruise, para treinar os empregados dele.

Até 2007, quando[18] viajava, Miscavige muitas vezes alugava o jato Gulfstream de Cruise, mas depois passou a usar um jato executivo Boeing, mais espaçoso, a um preço de 30 mil a 50 mil dólares a viagem. Leva seu massagista[19] e cabeleireiro pessoal. Gosta de fotografia submarina[20] e, quando volta de sua viagem anual no *Freewinds*, ordena que a equipe de fotografia transfira as fotos para slides, para que possam ser apreciadas por todo o corpo de pessoal da Gold Base.

É acentuado o contraste com os demais membros da Sea Org. Estes comem num refeitório coletivo, com um balcão de saladas e uma dieta de carne e batatas, exceto alguns longos períodos de arroz e feijão para os que estão de castigo. O custo médio por refeição em 2005 (segundo Marc Headley, que participava do planejamento financeiro semanal) ficava em torno de 75 centavos por pessoa — bem menos do que se gasta com cada preso nas penitenciárias da Califórnia. Quando ingressam na Sea Org, os membros recebem duas mudas de calças,[21] duas camisetas e um par de sapatos, que são as únicas roupas pela vida toda; qualquer outra coisa, eles mesmos compram. Embora o pagamento nominal dos membros da Sea Org seja de cinquenta dólares por semana, muitos recebem multas por infrações variadas, de modo que não é incomum que

recebam apenas treze ou catorze dólares.[22] Os casais na Gold Base[23] dividem um apartamento de dois quartos com outros dois casais, o que significa que um dos casais dorme no sofá. De todo modo, poucos dormem mais que cinco ou seis horas por noite. Há pródigas instalações para exercícios físicos na base — uma piscina olímpica, um campo de golfe, quadras de basquete —, mas raramente são usadas. Poucos têm permissão de usar computadores. Todos os telefonemas pessoais[24] têm escuta; todas as cartas são inspecionadas. Os extratos bancários[25] são abertos e se mantém o registro do saldo de todos. Muitas vezes, os membros da Sea Org na Gold Base não têm noção de referências culturais comuns à maioria dos americanos. Pode ocorrer que não saibam[26] quem é o presidente dos Estados Unidos nem conheçam as diferenças entre o partido Republicano e o Democrata. Isso não quer dizer que eles não têm acesso a informações externas; há uma telona de televisão no refeitório e as pessoas podem ouvir rádio ou assinar jornais e revistas. No entanto, as notícias do mundo exterior começam a perder o sentido e o interesse quando a pessoa fica afastada da sociedade por um longo período. Muitos integrantes da Sea Org[27] não saem da base há dez anos.

No dia 30 de abril de todos os anos,[28] os membros das equipes cientologistas do mundo inteiro são instados a contribuir para os presentes de aniversário de Miscavige. Num dos anos, durante a coleta, poucos conseguiram contribuir pois não recebiam fazia vários meses. Finalmente os membros das equipes receberam os atrasados, para poder fazer suas doações. Janela Webster, que trabalhou sob as ordens diretas de Miscavige durante quinze anos, recebeu 325 dólares, dos quais retirou 150 para pagar o presente de Miscavige. Esses presentes incluem jaquetas de couro e ternos sob encomenda, câmeras de última geração, equipamentos de mergulho, sapatos italianos, uma bicicleta de titânio feita à mão. Num ano, a Flag Service Org em Clearwater lhe deu uma Vyrus 985 C3 4V, motocicleta que é vendida no comércio a 70 mil dólares.[b] Outra divisão o presenteou com uma BMW.

Miscavige tem muitos cães,[29] entre eles cinco beagles. Encomendou roupinhas azuis para todos eles, com quatro faixas como dragonas nos ombros, indicando a patente de capitão da Sea Org. Ele faz questão de que batam continência aos cães quando passeiam. Os animais dispõem de uma miniesteira rolante, onde fazem exercícios. Há um encarregado em tempo integral[30] que alimenta, passeia e treina os cães, leva-os ao veterinário e inscreve um deles, Jelly, em concursos, em que já foi campeão. Outro favorito de Miscavige, um mestiço de dálmata com pitbull chamado Buster, teve certo dia um surto de agressividade e matou dez pavões na propriedade, que depois espalhou orgulhosamente para que todos vissem. Buster também atacou vários membros

da equipe, mandando uma mulher de idade para a sala de emergências e recebendo seu próprio folheto de Ética. Miscavige acabou transferindo o cão para outra base da Sea Org, embora achasse que Buster tinha um faro especial para detectar condutas "fora da ética". Os membros do pessoal, aliviados, brincavam dizendo que Buster fora enviado à RPF Canina.

Miscavige assumiu o controle de sua família desde cedo. Seu pai, Ron, entrou na Sea Org depois de uma acusação de tentativa de estupro[31] registrada contra ele em 1985. Ex-membros da igreja dizem que se usou um volume significativo de recursos[32] da organização para abafar o escândalo e que David obrigou o pai a entrar na Sea Org. Como Loretta, a mãe de David, não quis aceitar, ela e Ron concordaram em se divorciar. Ela continuou na cientologia, atingindo o topo como OT VIII. Trabalhava como contabilista[33] no escritório de advocacia da apresentadora de TV Greta van Susteren e seu marido, John Coale, ambos cientologistas, que têm uma mansão em Clearwater Beach. Loretta era uma fumante inveterada que sofria de enfisema e obesidade — dificilmente a imagem de uma thetan operante —, mas, com seu senso de humor, às vezes simplória e tirando sarro de si mesma, era popular entre o pessoal e os cientologistas de nível mais alto — "a boba da corte[34] do clube de campo da cientologia", como dizia Rathbun. A posição intocável de Loretta como mãe do líder lhe permitia desfiar anedotas sobre a infância de Dave, que contava num forte sotaque da Filadélfia. Miscavige reclamou que a mãe estava tentando destruí-lo. Mandou que Rathbun lhe aplicasse um teste de segurança, usando o E-meter. Quando percebeu o que o filho pretendia, Loretta caiu na gargalhada.

Miscavige enviou seu treinador particular para ajudar a mãe a entrar em forma e ordenou que membros da igreja monitorassem sua alimentação, mas os problemas crônicos de saúde de Loretta prevaleceram. "Ela esteve doente[35] por muito tempo", disse a neta Jenna Miscavige Hill. "Não estava contente com o rumo que a igreja tomou." Às vezes Loretta desandava a chorar. "Eu tentava ajudá-la da única maneira que conhecia", disse Hill. "Era uma avó maravilhosa." (Loretta Miscavige morreu em 2005.)

O nível de violência na Gold Base aumentava ano a ano, conforme — sem interferência do mundo exterior — outros altos executivos começaram a imitar o líder. Rinder, De Vocht e Rathbun admitem unanimemente que bateram em outros membros do pessoal. Mesmo algumas das mulheres se tornaram fisicamente agressivas,[36] surrando as crianças que não se comportavam como deviam. Debbie Cook, a ex-líder da Flag Base, declara que Miscavige nunca bateu nela, mas mandou que a comunicadora batesse. Outra vez, disse ela,

Miscavige mandou que sua comunicadora quebrasse o dedo[37] de Cook. Ela realmente lhe vergou o dedo, mas não conseguiu quebrá-lo de vez.

Miscavige sabe ser gentil e cativante, principalmente com membros da Sea Org que precisem de assistência médica ou emocional. Tem um sorriso radiante e uma voz de autoridade. Mesmo assim, ex-cientologistas que foram próximos a ele lembram que seus impropérios constantes e os surtos de violência gratuita mantinham todos em suspenso. Jefferson Hawkins, ex-executivo da Sea Org que trabalhara com Paul Haggis na campanha rejeitada da dianética, diz que Miscavige o espancou em cinco ocasiões, a primeira delas em 2002. Tinha acabado de escrever um filme publicitário para a igreja. Miscavige o chamou para uma reunião, onde havia cerca de quarenta membros sentados num dos lados de uma longa mesa de reuniões; como rotina, Miscavige senta sozinho no outro lado. Começou uma diatribe sobre os defeitos do filme. Quando Hawkins começou a responder, Miscavige atalhou na hora. “A única coisa que quero[38] ouvir de você são seus crimes”, disse Miscavige, no sentido de que Hawkins devia confessar suas intenções subversivas. Então, num rompante, Miscavige saltou na mesa e investiu contra Hawkins, derrubando-o contra a mureta de um cubículo e lhe esmurrando a cara. Os dois caíram no chão e as pernas se entrelaçaram. “Solte minhas pernas!”, gritou Miscavige.

Miscavige se desvencilhou e saiu da sala, deixando Hawkins no chão, aturdido, machucado, desgrenhado, humilhado, encarando as quarenta pessoas que não fizeram nada para ajudá-lo. “Levante! Levante!”, disseram. “Não o leve a mal.”

Mesmo se tivesse acesso a um telefone, Hawkins não chamaria a polícia. Se um membro da Sea Org procurasse auxílio externo, seria castigado, considerado pessoa supressiva ou condenado a trabalhos braçais por meses ou anos. Muito mais importante, para Hawkins, era que sua imortalidade espiritual estava em jogo. Com a cientologia, ele percebera que sua natureza era eterna, passando de vida em vida, e não temia mais a mortalidade. Sem isso, estaria condenado a morrer constantemente, “na ignorância e nas trevas”,[39] disse ele, “sem jamais conhecer minha verdadeira natureza como espírito”. Miscavige, concluiu Hawkins, “detém o poder da vida e da morte eternas sobre você”.

A igreja apresentou uma declaração formal de uma ex-integrante da Sea Org, Yael Lustgarten, afirmando que estava presente à reunião e que não houve nenhum ataque de Miscavige. Ela alega que a apresentação de Hawkins estava muito confusa — “O corpo dele cheirava[40] mal, não tinha feito a barba, seu tom de voz era muito baixo e quase não se fazia ouvir” — e ele simplesmente foi instruído a se recompor. Por outro lado, Amy Scobee disse que presenciou o

ataque — foi em seu cubículo que os dois caíram — e depois da briga, lembra ela, “recolhi todos os botões[41] da camisa de Jeff e os trocados do bolso e devolvi a ele”.

Mais tarde, Tommy Davis atestou que havia conduzido uma investigação sobre as acusações de violência na base. Disse que todas as agressões[42] tinham sido cometidas por Rinder, Rathbun e De Vocht — nenhuma por Miscavige.

Tom De Vocht cresceu numa cidadezinha do centro da Flórida chamada Fort Meade. Aos dez anos de idade, em 1974, seu primo Dicky Thompson, tecladista na Steve Miller Band, apareceu para visitá-lo numa moto Harley-Davidson. Naquele ano, a banda estava com uma música, “The joker”, em primeiro lugar nas paradas de sucesso e Thompson entrou na cidade cercado pela aura da fama. “Ele tinha um olhar estranho”,[43] lembrou De Vocht. “Convidou minha irmã para conhecer Steve Miller e John Travolta.” Em um ano, a maior parte da família de De Vocht tinha ingressado na Igreja da Cientologia. Em julho de 1977, aos treze anos de idade, Tom De Vocht assinou o contrato de 1 bilhão de anos com a Sea Org.

De Vocht se tornou um dos aliados de Miscavige e subiu rápido nos escalões da burocracia. Em 1986, foi nomeado oficial comandante da Organização Mensageiros do Comodoro na Flag. Em 2001, Miscavige o chamou, queixando-se: “Tom, não consigo terminar meu edifício”. A construção da nova sede do Centro de Tecnologia Religiosa na Gold Base, Edifício 50, estava com anos de atraso e o orçamento mais que estourado. No primeiro dia em que esteve lá, De Vocht percebeu que “este edifício vai acabar comigo”.

Já tinham sido gastos 57 milhões de dólares na nova sede — mais de 10 mil dólares por metro quadrado. O edifício já fora concluído duas vezes, com os materiais da mais alta qualidade — aço laminado a frio e *mukali*, uma madeira rosada africana, muito bonita mas extremamente dura — que foram simplesmente removidos porque não atendiam aos padrões de Miscavige. A escrivaninha de Miscavige, também de aço, era tão pesada que De Vocht temia que a estrutura não aguentasse. Ele descobriu que não havia nenhuma planta efetiva do edifício, apenas esboços com a aparência que ele deveria ter. As paredes externas de estuque já começavam a apresentar rachaduras, porque o edifício inteiro estava com uma inclinação de dois centímetros. As paredes não estavam realmente presas aos pisos. Mesmo ao mais leve tremor de terra (a Gold Base ficava logo a oeste da falha de San Andreas), o prédio inteiro desabaria. De Vocht recomendou que o edifício fosse derrubado e reconstruído do zero, mas Miscavige não aceitou.

As despesas de praticamente reconstruir por dentro um edifício mal construído foram imensas. Quando De Vocht havia quase terminado a construção, gastando mais 60 milhões de dólares, Miscavige ainda tinha uma lista de reclamações. A paisagem também não lhe agradava. A Gold Base fica num deserto, mas Miscavige queria que o edifício parecesse estar numa floresta.

Uma manhã, conta De Vocht, Miscavige e a esposa estavam inspecionando a grande abóbada no departamento jurídico do Edifício 50. O líder parou e começou a coçar a cabeça. Ficou pálido. "Onde pusemos o lingote de ouro?",[44] perguntou à esposa. Continuou a coçar a cabeça e a perguntar do lingote durante um minuto inteiro, mas então deixou de lado e seguiu em frente, como se não tivesse acontecido nada. De Vocht lembra que, 45 minutos depois, Shelly Miscavige o chamou e perguntou: "O que vamos fazer? Ele está ficando fora de si". Disselhe que Dave tinha ficado "Tipo 3" — psicótico — por causa de todas as pessoas supressivas na base.[c]

Enquanto estava trabalhando no Edifício 50, De Vocht foi obrigado a comparecer a uma *séance* com outros quinhentos membros da Sea Org na Gold Base. As pessoas eram chamadas pelo nome e deviam responder à pergunta: "Quais os crimes que você cometeu contra David Miscavige?". Uma depois da outra, as pessoas se aproximavam do microfone e confessavam as várias maneiras como vinham suprimindo a disseminação da cientologia ou quais os pensamentos proibidos que alimentavam. De Vocht ficou enojado com aquela orgia de autodegradação. Uma noite, simplesmente tomou o comando da reunião e imprimiu um relativo ar de ordem a ela. Na mesma noite, Shelly Miscavige lhe pediu que fosse o oficial comandante da Organização Mensageiros do Comodoro, o que significava essencialmente encarregá-lo de toda a base. "Está fora de controle", reforçou ela, dizendo que o marido contava com ele e não tinha mais ninguém a quem recorrer.

Em 2004, De Vocht terminou a reconstrução do Edifício 50, de quase 4200 metros quadrados, que acabou saindo por 70 milhões de dólares. "Você é o maior[45] gastador na história da cientologia", disselhe Miscavige. "Devia levar um tiro."

Embora o número de filiados à igreja venha diminuindo há anos, segundo os números das pesquisas e recenseamentos, o dinheiro continua a entrar nos cofres da cientologia em quantidades assombrosas. Os doadores recebem uma posição[46] mais elevada dependendo do volume de suas doações à Associação Internacional de Cientologistas — a de Patrono Maximus para um penhor de 25 milhões de dólares, por exemplo. Nancy Cartwright,[47] que faz a voz de Bart Simpson, se tornou Patrona Laureada por sua doação de 10 milhões à associação

em 2007. A AIC agora dispõe[48] de mais de 1 bilhão de dólares, a maior parte em contas de paraísos fiscais, segundo ex-executivos da igreja. Só os trabalhos de curso[49] da cientologia podem sair bem caros — 400 mil dólares para alcançar o nível de OT VIII. Isso sem contar os livros e materiais ou o último modelo do E-meter, que sai por 4650 dólares. Há ainda o aconselhamento espiritual, que varia[50] de 5 mil a 8 mil dólares por um "intensivo" de doze horas, dependendo do local e do nível do conselheiro. Só os serviços vendidos em Clearwater[51] chegam a 100 milhões de dólares por ano.

Apesar dos frequentes estouros orçamentários nas construções, a cientologia empreendeu uma campanha mundial de construções, deslanchada quando Miscavige decidiu utilizar o Onze de Setembro para emitir um apelo a uma expansão maciça da igreja. "Falando sem rodeios, somos[52] as únicas pessoas da Terra capazes de reverter o declínio", anunciou ele. "A melhor maneira para isso é crescer."

Em alguns casos, os projetos de construção se tornaram fontes significativas de arrecadação de dinheiro para a igreja. Na frente do Fort Harrison Hotel, em Clearwater, fica o Super Power Building, Edifício do Superpoder, destinado a ser um centro de treinamento para intensificar as percepções dos thetans de nível superior. A arrecadação começou com a doação de 1 milhão[53] de dólares dos irmãos Feshbach. Apesar dos anos de atraso na construção e das multas aplicadas pela prefeitura de Clearwater, o Edifício do Superpoder, com mais de 35 mil metros quadrados, se revelou uma grande mina para a igreja, que arrecadou pelo menos 145 milhões[54] de dólares em doações para concluir o projeto — 120 milhões a mais que os custos inicialmente projetados, em 1993. A igreja explica que o projeto foi ampliado além de seus objetivos originais, o que gerou atrasos e despesas adicionais. Tom De Vocht, que trabalhou durante anos na construção, disse que o edifício ficou inacabado por tanto tempo porque ninguém sabia o que era superpoder.

Com a liderança de Miscavige, a igreja lançou uma campanha agressiva para um programa chamado Ideal Orgs,[55] que pretende reproduzir a grandiosidade do Saint Hill Manor de Hubbard. Várias Ideal Orgs[56] foram fechadas — inclusive as de Seattle, Boston e New Haven — porque as comunidades cientologistas locais não conseguiram sustentá-las. Outras igrejas e missões consideráveis estão agora em andamento, inclusive uma em Santa Monica, com fundos para sua implantação que foram arrecadados por Paul e Deborah Haggis.

Pode-se entender em parte a intensidade com que os membros da Sea Org são pressionados a angariar fundos para a igreja — enquanto trabalham quase de

graça para ela — por meio do relato de Daniel Montalvo.[57] Seus pais entraram na Sea Org quando ele tinha cinco anos de idade, e já no ano seguinte Daniel assinou seu próprio contrato de 1 bilhão de anos. Ele conta que começou a trabalhar em tempo integral na organização aos onze anos e lembra que, junto com outros membros da Sea Org, inclusive crianças, os dias se estendiam das 8 até as 23h30. Uma parte de seu trabalho consistia em escavar e retirar placas de asbesto que tinham sido removidas durante a reforma do Fort Harrison Hotel. Segundo ele, não se fornecia nenhum equipamento de proteção, nem sequer uma máscara. Daniel raramente via os pais. Enquanto esteve na Flag Base em 2005, aos catorze anos, ficava de guarda na porta enquanto Tom Cruise estava em sessão. Não devia ser incomum ver crianças trabalhando nas instalações da Sea Org. Elas eram separadas dos pais e não iam à escola. Segundo as leis de trabalho dos menores[58] na Flórida, os adolescentes de catorze e quinze anos são proibidos de trabalhar durante o horário escolar e só podem trabalhar no máximo quinze horas por semana. Daniel conta que só podia ir às aulas uma vez por semana, aos sábados.

Aos quinze anos, Daniel foi designado para trabalhar na reforma do prédio de publicações da cientologia em Los Angeles, operando plataformas pantográficas e outros equipamentos pesados. Segundo as leis de trabalho dos menores na Califórnia, os adolescentes de quinze anos só podem trabalhar três horas por dia fora da escola, exceto nos fins de semana — não mais de dezoito horas semanais ao todo. A idade mínima para trabalhar em qualquer estabelecimento industrial usando aparelhos de içamento a motor, como as plataformas pantográficas, é de dezesseis anos. Daniel foi promovido para trabalhar no complexo de aconselhamento da igreja, ali perto, chamado Organização Americana de Saint Hill; então, das 18 às 3 horas, trabalhava como voluntário na Bridge Publications. Recebia 36 dólares por semana.

O trabalho de Daniel na Bridge Publications impressionou o suficiente para que ele fosse, no ano seguinte, alocado em tempo integral no departamento de produção da editora. A igreja tinha lançado uma nova edição dos livros e conferências de Hubbard, *The Basics*, com uma vigorosa campanha de vendas aos cientologistas. Uma das tarefas de Daniel era recortar os entalhes que marcam os glossários e apêndices daqueles livros belamente editados, como os encaixes das letras que há nos grandes dicionários. Uma máquina com uma lâmina de aço em guilhotina passa pelas páginas recortando o entalhe semicircular. A legislação da Califórnia proíbe expressamente que a máquina seja operada por menores de dezoito anos. Daniel viu cerca de outros vinte menores de idade trabalhando no local, todos com privação de sono e operando

com equipamentos pesados. Numa noite, Daniel decepou o indicador direito na guilhotina da entalhadora. Um funcionário da segurança recolheu o dedo e pôs num saco plástico com gelo, e então levou Daniel ao hospital infantil de Hollywood. Daniel recebeu instruções de dizer à enfermeira da recepção que tinha se machucado num acidente de skate. Os médicos não conseguiram reimplantar o dedo.

Depois disso, Daniel foi transferido para o departamento comercial da Bridge Publications. As vendas vinham caindo desde a primeira edição de *The Basics*, em 2007. A coleção consistia em dezoito livros e uma série de conferências de Hubbard em CD; o pacote completo saía por 6500 dólares. As Sea Orgs do mundo inteiro montaram centrais de telemarketing para vendê-los. Em Los Angeles, havia cotas horárias a cumprir, e quem não conseguisse sofria castigos variados, como lhe despejarem água na cabeça, ter de fazer abdominais ou subir e descer correndo as escadas. Havia guardas em todos os andares. O vendedor tinha de receber uma papeleta atestando que cumprira sua cota, antes de receber autorização para ir dormir.

Muitas vezes, era simplesmente impossível[59] cumprir a cota de maneira legítima e, assim, havia quem passasse cartões de crédito não autorizados. Membros da equipe de vendas da Sea Org invadiam os registros financeiros da igreja e extraíam a informação dos cartões de crédito de membros públicos. Membros que tinham saldo na conta da igreja para cursos futuros viam o dinheiro sumir para pagar livros que não haviam encomendado. Os paroquianos que hesitavam em contribuir ou comprar materiais indesejados ouviam que estavam violando a ética da igreja e seu avanço na cientologia estava em risco ou fora bloqueado.

Os membros que se comprometem em dar mais do que podem muitas vezes se veem numa situação complicada. Um cientologista que era caixa de banco[60] conta que lhe disseram para encobrir um roubo a fim de quitar seu débito com a igreja; os ladrões desviaram 4 mil dólares. Em 2009, o empreiteiro Stephen E. Brackett,[61] noivo de Nancy Cartwright, tinha pegado um adiantamento considerável para a reforma de um restaurante. Mais tarde, a companhia seguradora do projeto processou Cartwright, alegando que ela e Brackett tinham desviado o dinheiro para a Igreja da Cientologia. Brackett, que era um OT V, aparecera num anúncio da igreja para o Edifício do Superpoder, identificado como “contribuinte essencial”. E no anúncio dizia: “A humanidade precisa de sua ajuda”. Posteriormente ele se matou, pulando de uma ponte na Pacific Coast Highway, perto de Big Sur.[d]

O maior escândalo financeiro[62] envolvendo membros da igreja foi um

esquema de pirâmide financeira operado por Reed Slatkin; junto com Sky Dayton, amigo de Haggis, ele foi um dos fundadores da EarthLink. A fraude gigantesca de Slatkin envolvia mais de meio bilhão de dólares em investimentos; grande parte do "lucro" inicial voltou a investidores cientologistas, como Daniel e Myrna Jacobs, que ganharam quase 3 milhões com um "investimento" de 760,5 mil dólares. Segundo Marty Rathbun, entre os investidores cientologistas de Slatkin estavam Anne Archer e a apresentadora da Fox News Greta van Susteren.[63] Slatkin foi condenado por fraudar milhões de dólares; ainda não se sabe quanto desse montante foi diretamente para a igreja, embora o tribunal tenha concluído que cerca de 50 milhões foram canalizados indiretamente para a igreja, através de investidores com ganhos enormes. Em 2006, grupos filiados à Igreja da Cientologia, inclusive o Centro de Celebridades, concordaram em devolver 3,5 milhões[64] de dólares.

Em julho de 2004, Miscavige deu uma festa a bordo do cruzeiro *Freewinds* em comemoração ao aniversário de 42 anos de Tom Cruise. Os Golden Era Musicians, entre os quais estava o pai de Miscavige no trompete, tocaram músicas dos filmes de Cruise, enquanto várias cenas do ator eram projetadas nos telões gigantescos, instalados especialmente para a ocasião. O próprio Cruise dançou e cantou "Old time rock and roll", reproduzindo uma cena famosa de *Negócio arriscado*, o filme que o consolidou como astro.

Às vezes, o *Freewinds* é usado para confinar aqueles membros da Sea Org que a igreja considera mais propensos a fugir. Entre a tripulação do navio durante a festa de aniversário de Cruise estava Valeska Paris,[65] uma suíça de 26 anos de idade. Paris fora criada na cientologia e ingressou na Sea Org aos catorze anos. Três anos depois, seu padrasto milionário, que construíra sua riqueza do nada, se suicidou, deixando um diário em que acusava a igreja de dilapidar sua fortuna. Quando a mãe de Valeska denunciou a igreja na televisão francesa, a jovem foi isolada na base de Clearwater para ficar longe da mãe. No ano seguinte, aos dezoito, foi enviada para o *Freewinds*. Disseram-lhe que ficaria duas semanas no navio. Foi mantida lá, contra sua vontade, durante doze anos. Um pouco antes da chegada de Cruise,[66] Paris teve herpes na boca, ao que Miscavige a pôs na condição de traição, e assim não tinha autorização de aparecer na festa. Mas, depois, ela apareceu para servir a Cruise e sua namorada da época, a atriz espanhola Penélope Cruz.

Em outubro, Miscavige reconheceu o lugar de Cruise na cientologia, conferindo-lhe a Medalha de Bravura Liberdade. Miscavige declarou que Cruise era "o cientologista mais dedicado[67] que conheço", perante um auditório de

membros da Sea Org que tinham passado grande parte da vida trabalhando para a igreja a pouco mais de sete dólares por dia. Então pôs a corrente com o medalhão de platina cravejado de diamantes no pescoço do astro.

"Acho que vocês sabem que podem contar comigo", disse Cruise ao público emocionado. "E que eu me importo muito, muito, muito com isso." Virou-se para um imponente retrato de Hubbard, de pé ao lado de um globo. "A LRH!", disse, batendo uma enérgica continência.

Lana Mitchell, a cozinheira[68] que fora acusada de preparar o camarão envenenado de Cruise poucos meses antes, tinha saído do Happy Valley, mas assistiu à cerimônia quando estava na RPF, com cerca de duzentos de seus colegas detentos. Uns cinquenta deles eram executivos da Sea Org que tinham sido expurgados por Miscavige. Eram mantidos no complexo de Los Angeles na L. Ron Hubbard Way, no grande edifício azul que era o antigo hospital onde Spanky Taylor e muitos outros estiveram confinados. Alguns estavam na organização fazia mais de vinte anos e tinham trabalhado diretamente para Hubbard. Estavam totalmente isolados do mundo exterior — sem televisão, sem rádio, nem mesmo música. Quarenta pessoas se amontoavam em cada sala do ex-hospital, tendo apenas um banheiro. A falta de comida era frequente. Alguns dos confinados estavam em grave situação de saúde, inclusive Uwe Stuckenbrock, ex-chefe de segurança internacional, que estava com esclerose múltipla e nem conseguia mais falar. Uma das tarefas de Mitchell na RPF era soldar, mas ela nunca tinha trabalhado com solda na vida e queimou os olhos por não ter usado corretamente os óculos de proteção. Não recebeu nenhuma assistência médica.

Fazia-se de tudo para manter os reclusos da RPF fora da vista. Havia cortinas nas janelas, para que não se enxergasse nada nem de dentro nem de fora. Quando precisavam circular pelo complexo, iam por túneis e telhados. Não havia nenhum dia de descanso, embora tivessem autorização de ligar para a família no Natal. O único entretenimento era assistir às grandes festas da cientologia pela televisão. Afinal, os elaborados cenários para tais acontecimentos eram construídos pelos internos da RPF em Los Angeles ou na Flag Base em Clearwater. Para ver a festança em homenagem a Cruise, todos foram levados até o refeitório.

Um dos penitentes era Mark McKinstry, gerente nacional de Vendas da Bridge Publications na época em que foi lançada a versão cinematográfica de *Battlefield Earth* [*A reconquista*, nome do filme no Brasil], com John Travolta, em 2000. Na história de Hubbard, há uma raça alienígena de "Psychlos", que escraviza as pessoas até que surge um herói para libertar a humanidade. Travolta trabalhara

anos para conseguir fazer o filme e acabou tirando do próprio bolso[69] uma boa parte do orçamento. Estava no auge de sua carreira. Na época, ele observou: “Eu disse a meu agente:[70] ‘Se não podemos fazer agora o que queremos fazer, de que adianta o poder?’”. Miscavige se envolveu profundamente na filmagem desde o começo. Via as tomadas do dia em Clearwater, enquanto supervisionava o andamento do caso de Lisa McPherson. Suas críticas então eram[71] datilografadas e enviadas ao representante da cientologia que estava sempre ao lado de Travolta. Quando terminaram o filme, Miscavige ligou para Travolta parabenizando-o e dizendo que LRH ficaria orgulhoso. Previu que seria[72] um tremendo sucesso.

McKinstry tinha trabalhado durante um ano promovendo a edição do livro para o filme. Percorreu o país com Travolta para empurrar o livro em livrarias, shoppings e Walmarts. Foram vendidos cerca de 750 mil exemplares. Como muitos outros que passam algum tempo com Travolta, McKinstry veio a gostar imensamente dele. O ator dedicou tempo e energias consideráveis para transformar o livro num sucesso. Mas, quando o filme saiu, foi uma catástrofe de crítica e bilheteria. Mesmo na estreia,[73] tiveram de mandar vários ônibus com membros da Sea Org até o Chinese Theatre de Mann no Hollywood Boulevard, para ocupar os assentos vazios em três sessões por dia. Para alguns, era o primeiro filme a que assistiam em muitos anos. “É bem possível que *A reconquista*[74] se revele como o pior filme deste século”, observou o crítico do *New York Times*, numa resenha que se demonstrou típica. Houve também falsas acusações[75] de que o filme continha mensagens subliminares promovendo a cientologia. A carreira de Travolta entrou num longo período de obscuridade. Mais tarde, Cruise se queixou a Miscavige, dizendo que o filme era terrível para a imagem pública da igreja.[e] Miscavige respondeu que,[76] se dependesse dele, o filme jamais teria sido feito.

McKinstry foi a uma sessão e ficou desanimado ao ver as pessoas saindo ou vaiando. A esposa viu que ele estava inquieto e perguntou qual era o problema. “Por que ninguém assistiu[77] ao filme antes de lançarem?”, ele respondeu. A esposa informou à igreja o que ele dissera, e McKinstry foi enviado para a RPF.

Logo antes de receber a honraria máxima da cientologia, Cruise terminou seu relacionamento de três anos com Penélope Cruz. Shelly Miscavige tinha[78] supervisionado seu aconselhamento e ajudou Penélope em seu processo de purificação. Mas, como Nicole, Penélope era suspeita[79] aos olhos da liderança da igreja. Era de espírito independente e continuava a meditar e se declarar

budista.

Cruise viajou com uma delegação de cientologistas para inaugurar uma nova igreja grandiosa em Madri, onde leu seu discurso para a multidão num espanhol hesitante. Antes da cerimônia, porém, ele estava sentado com a irmã Lee Anne, que era sua assessora de imprensa. Mike Rinder, que estava na sala, lembra que Cruise reclamou, irritado, com a irmã que ninguém conseguira lhe arranjar uma nova namorada. Miscavige entrou, diz Rinder, e Cruise lhe repetiu a reclamação.[f]

Miscavige pegou a deixa. "Quero que você procure[80] as moças mais bonitas na igreja", disse Miscavige, pelo que lembra Tom De Vocht. "Pegue os nomes e os números de telefone." Então Miscavige incumbiu Greg[81] Wilhere e Tommy Davis de entrevistar todas as jovens atrizes que estavam na cientologia — umas cem, segundo Marc Headley, que viu alguns dos vídeos. Shelly Miscavige, a esposa do líder,[82] supervisionou pessoalmente o projeto. Wilhere e Davis puseram imediatamente mãos à obra. Não explicavam às mulheres a razão da entrevista, mas perguntavam suas opiniões sobre Cruise e em que altura da Ponte estavam. Wilhere, que na época estava no Buraco,[83] foi tirado do confinamento, deram-lhe um Blackberry e 5 mil dólares para comprar roupas na Saks da Quinta Avenida, e ele foi enviado a Nova York e Los Angeles para gravar as entrevistas em vídeo. Rinder notou que, quando Cruise chegou para a cerimônia de entrega da Medalha de Bravura Liberdade, um mês depois, estava acompanhado por uma jovem atriz e modelo de cabelos negros, Yolanda Pecoraro. Tinha nascido na cientologia e fizera vários cursos no Centro de Celebridades e no *Freewinds*, mas tinha apenas dezenove anos. Cruise, na época, estava com 42.

A equipe de pesquisas da cientologia apareceu com outra aspirante a atriz, Nazanin Boniadi,[84] de 25 anos, que nascera no Irã e fora criada em Londres. Naz era bem-educada e tinha uma beleza a que Cruise era sensível: morena e esbelta, com olhos grandes e um sorriso radiante. Tinha feito medicina na Universidade da Califórnia em Irvine antes de resolver tentar a sorte como atriz. Mais importante para as finalidades do encontro, porém, era o fato de que Boniadi era uma OT V. Sua mãe também era cientologista.

No começo de novembro de 2004, informaram a Naz que ela fora escolhida para um programa especial, de importância crucial para o futuro da igreja; mas era tão sigiloso que não poderia contar nada a ninguém, nem mesmo à mãe. Naz foi transferida imediatamente para o Centro de Celebridades, onde passou um mês fazendo testes de segurança e programas especiais de aconselhamento. Ela esperava que o projeto tivesse algo a ver com os direitos humanos, tema de seu especial interesse, mas a única coisa que lhe disseram foi que sua participação

poria fim ao preconceito contra a cientologia.

A certa altura dos testes de segurança e do aconselhamento intensivo, Wilhere avisou que ela teria de romper com o namorado de longa data para que o projeto avançasse. Ela recusou. Não entendia por que o namorado constituiria algum tipo de problema; na verdade, ela o apresentara pessoalmente à cientologia. Wilhere insistiu, perguntando o que a faria desmanchar o namoro. Desconcertada, ela respondeu que terminaria se descobrisse que ele a traía. Segundo os amigos de Naz, já no dia seguinte Wilhere trouxe os arquivos confidenciais de aconselhamento do namorado e lhe mostrou vários exemplos de suas infidelidades, que estavam marcadas com um círculo vermelho. Naz se sentiu traída, mas também culpada, pois Wilhere a censurou por não saber e não ter ela mesma relatado os deslizes éticos do namorado; afinal, Naz tinha feito várias sessões de aconselhamento com ele. Era evidente que ela deixara passar a "retenção" dele. Naz confrontou o namorado e ele confessou. Foi esse o fim do relacionamento entre eles.[g]

Em outra ocasião, perguntaram a Naz qual era sua "cena ideal de ESS", isto é, o encontro de seus sonhos. Era comer sushi e patinar no gelo. Mas ela ficou a imaginar por que aquilo teria importância.

Uma de suas tarefas foi estudar um texto de Hubbard chamado "As responsabilidades dos líderes". É a análise de Hubbard sobre a vida do líder militar sul-americano Simón Bolívar e de sua companheira ferozmente protetora, uma mulher de sociedade chamada Manuela Sáenz. Hubbard afirma que Bolívar "foi um comandante militar[85] sem igual na história. Assim, é de grande interesse entender por que ele fracassou e morreu no exílio, sendo endeusado posteriormente. Que erros ele cometeu?" Sáenz, sua consorte,

> era uma mulher inteligente, bonita e capaz. Era leal, dedicada, comparável a Bolívar, muito acima do feitio da média dos humanoides. Por que, então, ela viveu como uma pária caluniada, enfrentou uma rejeição social tão violenta, morreu na miséria e permanece desconhecida na história? Que erros ela cometeu?

Segundo a análise de Hubbard, Bolívar só era brilhante numa coisa — comandar os homens em batalha — e, portanto, tinha a tendência de recorrer a soluções militares quando a política e a diplomacia seriam mais adequadas. "Ele era excelente nessa única coisa", observa Hubbard. "Assim, nunca se interessou por outras habilidades e nunca sequer sonhou que havia outras maneiras." Bolívar não usou sua imensa autoridade para recompensar os amigos e punir os inimigos; por isso os amigos o abandonaram e os inimigos se fortaleceram. Desejando a glória e o amor do povo, Bolívar desdenhou as intrigas sangrentas que poderiam mantê-lo no poder. "Nunca foi capaz de reconhecer um supressivo

e nunca considerou que fosse preciso matar alguém a não ser em campo de batalha", assim Hubbard resumiu friamente. "Foi sua dependência da droga mais instável da história — a fama — que matou Bolívar."

Manuela Sáenz poderia tê-lo salvado. Tinha qualidades que faltavam a ele, mas ela também cometeu erros. A despeito de toda a sua inteligência, nunca se esforçou para que Bolívar a desposasse, o que lhe daria a posição de que tanto precisava. "Ela era totalmente dedicada, absolutamente brilhante e completamente incapaz de executar qualquer espécie de ação definitiva", afirma Hubbard. "Ela violou a fórmula do poder ao não entender que tinha poder." Devia ter assumido o cargo de chefe da polícia secreta de Bolívar (como Mary Sue fez com Hubbard). "Não era impiedosa o suficiente para compensar a falta de impiedade dele e não era previdente o suficiente para compensar a imprevidência dele", escreve Hubbard. "Era apenas uma atriz da peça."

Na concepção de Hubbard, a moral da história trágica de Bolívar e Sáenz é que os que têm poder devem usá-lo. Quem está próximo ao poder, como Manuela, deve se dedicar a aumentar a força do companheiro. Hubbard escreve: "Esses tipos de conspiração fechada desenvolvem poderes reais". Se Manuela tivesse se empenhado em apoiar totalmente Bolívar, conclui Hubbard, teria sido uma figura realmente histórica, em vez de ser "desconhecida até mesmo nos anais de seu país como a heroína que foi".

Era evidente que Nazanin Boniadi estava sendo treinada para a liderança. Por qual outra razão teria de ler a respeito de Bolívar e Sáenz? Mas que lição devia extrair dali? Estava perplexa com as exigências que a igreja lhe fazia e que pouco tinham a ver com os direitos humanos. Mandaram que tirasse o aparelho dos dentes e ela recebeu tratamentos de beleza caríssimos. Wilhere lhe informou que o "diretor" do projeto especial considerava que seu cabelo era avermelhado demais; assim, um cabeleireiro estilista de atrizes foi ao Centro de Celebridades para escurecer e fazer luzes no cabelo dela. Aí foi a vez do banho de loja.[86] Wilhere levou Naz à Rodeo Drive e gastou 20 mil dólares com seu novo guarda-roupa.

Finalmente os dois tomaram um avião para Nova York, na primeira classe. Ela imaginou que lhe revelariam qual era sua missão. Pararam na org de Nova York, a pretexto de um assunto de rotina, mas lá toparam por acaso com Tom Cruise, que estava com Tommy Davis. Tudo aquilo parecia uma feliz coincidência, mas Naz ficou um pouco aturdida. Além de ser o maior astro do mundo, Cruise tinha acabado de receber a honraria máxima na cientologia. Naz lhe disse: "Muito bem, senhor". (Mais tarde foi repreendida pelo comentário, pois não se elogia um superior.)

Cruise se mostrou cativante. Disse que ia com Davis ao Empire State Building

e depois ao Nobu para comer alguns sushis — por que não vinham também? Depois, foram todos patinar no Rockefeller Center, que ficou fechado ao público enquanto estavam no rinque. Começava a parecer um pouco perfeito demais. Ela passou aquela primeira noite[87] com Cruise na Trump Tower, onde ele reservara um andar inteiro para seus acompanhantes.

Cruise convidou Naz a visitar o set de *Guerra dos mundos*, que estavam rodando em Athens, Nova York, na manhã seguinte. No final do dia, Davis a acompanhou de volta à cidade. Na limusine, estendeu a Naz um acordo confidencial. Não havia nenhum advogado presente e Naz não recebeu cópia do que assinou. Davis informou que deixasse de lado a "missão". Isso agora — a relação com Cruise — era muito mais importante. E Davis avisou que, se ela fizesse alguma coisa que irritasse Cruise, ele acabaria pessoalmente com ela.

Naz não opôs resistência. Queria ajudar o mundo e acreditava que a cientologia o faria. Cruise era fascinante. A cientologia era da maior importância para ambos. Era evidente que assim deviam ser as coisas — então, por que questionar?

Segundo diversas fontes confiáveis, em poucas semanas Naz se mudou para a casa de Cruise. Davis e Jessica Feshbach a acompanhavam constantemente, orientando-a como se comportar em relação ao astro. Numa noite, ela e Cruise jantaram com vários cientologistas, entre eles Tommy Davis e Lauren Haigney, sobrinha de Cruise, que estava na Sea Org e fora enviada à Gold Base. Lauren tinha sido a melhor amiga de Katy durante toda a infância e adolescência. Fizeram a Escola Delfiana juntas. No jantar, Lauren falou de sua amizade com Katy e contou que decidira pôr fim à amizade quando Katy disse que era lésbica. Naz ficou chocada, não só pelo comentário, mas também porque todos concordaram com a decisão de Lauren.[h]

Em dezembro, Cruise levou Naz à sua casa de férias em Telluride, e David e Shelly Miscavige foram se reunir a eles. Enquanto estavam no retiro de Cruise, David e Shelley assistiram a uma cópia de pré-estreia de *Menina de ouro*. Depois Miscavige comentou que foi difícil aguentar até o fim. Reclamou que Haggis era um mau exemplo de cientologista e disse que ele precisava voltar à Ponte e parar de fazer filmes tão horrorosos e deprimentes. Cruise concordou e comentou: "Ele precisa pôr sua ética nos filmes".[88]

Naz estava passando por um período menstrual terrível e queria se ausentar da festa de jantar que tinham planejado, mas sabia que tinha a obrigação de ser a anfitriã. No entanto, sentia-se mal e estava mentalmente atordoada. Miscavige lhe dirigiu alguns comentários duas vezes e ela não conseguiu entender bem o que ele dizia. Miscavige fala rápido como uma metralhadora, com um sotaque da

Filadélfia muito carregado, e mais de uma vez Naz teve de lhe pedir que repetisse. No dia seguinte, Davis e Cruise lhe passaram uma descompostura por ter desrespeitado o líder da igreja — mais especificamente, por "insultar sua RT 1". No jargão da cientologia, é a rotina de treinamento básica de se comunicar com os outros. Naz criara um constrangimento para Miscavige[89] porque ele não conseguiu transmitir sua mensagem. Davis declarou que a conduta dela era imperdoável. Se sentia dor, devia ter tomado uma aspirina.

Mais tarde, o próprio Cruise lhe explicou a gravidade da situação com sua típica intensidade: "Você não entende.[90] É assim que funciona". Pôs a mão acima da cabeça: "Primeiro, tem LRH". Abaixou a mão alguns centímetros: "Depois, tem o COB". Baixando a mão até o nível dos olhos, disse: "Então, eu".

Duas semanas depois, Jessica Feshbach disse a Naz que fizesse as malas. Cruise estava ocupado demais para se despedir. O último relance que Naz[91] teve de Cruise foi na sala de ginástica da casa, onde ele estava malhando.

Posteriormente, Davis explicou a ela que Cruise havia simplesmente mudado de opinião sobre o relacionamento dos dois, concluindo que precisava de alguém com mais poder. Mas o astro estava disposto a indenizá-la pagando um pacote que lhe permitiria alcançar o OT VII. Davis lhe assegurou que ela lidaria melhor com a dor e a perda se continuasse a subir a Ponte.

Em fevereiro de 2005, Naz foi a Clearwater para fazer os cursos. No início, foi tratada como pessoa muito importante, mas logo uma das amigas notou uma profunda mudança nela — chorava o tempo todo. Naz confidenciou que acabara de passar por um rompimento doloroso com Tom Cruise. A amiga, chocada, avisou imediatamente a Ética. Naz foi reduzida à condição de traição e recebeu ordens de reparar os danos que havia causado ao grupo por revelar sua relação com Cruise. Foi obrigada a cavar valas e esfregar os banheiros públicos com uma escova de dentes. Finalmente, em junho, conseguiu voltar às boas graças com a igreja, mas recebeu ordens de ficar longe do Centro de Celebridades. Davis aconselhou que ela fosse morar em algum canto remoto do mundo e nunca mais dissesse palavra alguma sobre Tom Cruise.[i]

Então passaram a procurar uma nova companheira[92] para o astro fora da cientologia. Cruise teve um breve flerte com a atriz colombiana Sofía Vergara, que conheceu numa festa prévia do Oscar oferecida por Will e Jada Pinkett Smith, mas a relação se desfez quando Vergara não aceitou se tornar cientologista. A religião era um fator essencial, tanto para Cruise quanto para a igreja. Cruise estava especialmente interessado em Jennifer Garner. Outras atrizes foram convidadas a ir ao Centro de Celebridades para o que pensavam ser um teste para um papel na série *Missão impossível*. Entre elas estavam Kate

Bosworth,[93] Jessica Alba, Lindsay Lohan, Scarlett Johansson — e Katie Holmes.

Holmes fazia papéis de mocinha ingênua,[94] com olhos castanhos amendoados, e se descrevia como uma virgem de 26 anos de idade. Tinha sido uma das melhores alunas num colégio católico feminino em Toledo, Ohio, mas, como Tommy Davis, largara os estudos depois de um semestre na Universidade Columbia. Logo estava estrelando no seriado adolescente *Dawson's Creek* e tinha uma modesta carreira cinematográfica em papéis coquetes. Os pesquisadores da igreja descobriram uma entrevista que ela dera à *Seventeen* em outubro de 2004. "Creio que toda garota sonha[95] [com o casamento]", declarou à revista. "Eu costumava pensar que ia me casar com Tom Cruise." Tinha se apaixonado pelo ator quando viu *Negócio arriscado*. Na época, ela tinha quatro anos de idade.

Katie e Tom se conheceram em abril de 2005. "Eu me apaixonei na hora[96] em que apertei a mão dele pela primeira vez", ela contou ao apresentador Jay Leno. Cruise é famoso pela corte ardorosa que faz às mulheres: flores, joias, passeios originais. Ele levou Katie para um passeio noturno de helicóptero[97] sobre Los Angeles, com uma saideira de sushi. Mal haviam se passado quinze dias, e ela se mudara para a mansão de Cruise em Beverly Hills, despedira seu agente e seu administrador, substituíra ambos por representantes de Cruise e começara a ter a companhia constante de Jessica Feshbach, apresentada em entrevistas à imprensa como sua "melhor amiga".[98]

Em maio, Cruise apareceu em *The Oprah Winfrey Show*. O público no auditório, composto quase todo de mulheres, estava numa expectativa que beirava a histeria, antes mesmo que Cruise entrasse no palco. Assim, é preciso entender seu comportamento tendo como pano de fundo uma multidão aos gritos, altamente excitada, à qual ele reagiu como um surfista pegando uma onda enorme. Ergueu o punho no ar e caiu de joelhos no chão. "Aconteceu alguma coisa[99] com você!", exclamou Winfrey.

"Estou apaixonado!", ele respondeu.

"Nunca vimos você se comportar assim antes!"

"Eu sei!", disse Cruise, pulando de volta para o sofá. Então agarrou as mãos de Winfrey e começou a lutar com ela. "Você endoidou!", repetia ela. "Você endoidou!" Foi uma cena de delírio total.

O romance espetacular e bombasticamente público de Cruise estava obscurecendo a divulgação de *Guerra dos mundos*, o filme que acabara de fazer com Spielberg e que seria lançado no mês seguinte. Poucas semanas depois de aparecer no programa de Winfrey, Cruise foi entrevistado por Matt Lauer, no

programa *Today*, com Holmes sentada ao seu lado. As perguntas eram cordiais e Cruise parecia alegre e descontraído, até que Lauer comentou que Holmes concordara em entrar para a cientologia. “Nesta altura de sua vida,[100] você conseguiria ficar com alguém que não se interessasse pela cientologia?”, perguntou Lauer.

“Sabe, a cientologia é uma coisa que você não entende”, respondeu Cruise. “É como… você pode ser cristão e ser cientologista também, sem problemas.”

“Então ela não substitui a religião”, sugeriu Lauer.

“É uma religião, porque lida com o espírito. Você como ente espiritual.”

Então Lauer perguntou a respeito de um comentário que Cruise fizera pouco tempo antes sobre a atriz Brooke Shields, a qual escrevera que os antidepressivos tinham ajudado a superar sua depressão pós-parto. “Nunca concordei com a psiquiatria, jamais!”, disse Cruise. Estava vestido de preto, com os braços musculosos à mostra, a barba por fazer e o cabelo caído na testa. Irradiava uma intensidade atlética e uma fúria mal contida. “Quanto à coisa da Brooke Shields, olhe, você tem que entender, realmente gosto da Brooke Shields. Penso: está aí uma mulher incrível e talentosa. E quero que ela fique bem. E sei que a psiquiatria é uma pseudociência.”

“Mas, Tom, se ela disse que essa coisa específica a ajudou a se sentir melhor, quer seja um antidepressivo, ir a um conselheiro ou psiquiatra, não basta?”

“Matt, você tem de entender o seguinte”, disse Cruise, com um olhar colérico. “Hoje estamos aqui, e falo contra as drogas e as violências psiquiátricas de aplicar choque elétrico nas pessoas, e contra a vontade delas, de dar drogas às crianças sem saber o efeito delas. Você sabe o que é o Adderall? Conhece a Ritalina? Sabe que agora a Ritalina é uma droga de rua? Você entende isso?”

“A diferença é…”

“Não, não, Matt.”

“Mas não foi contra a vontade dela.”

“Matt, estou lhe fazendo uma pergunta.”

“Entendo que há abuso de todas essas coisas.”

“Não, veja, o problema é o seguinte”, disse Cruise. “Você não conhece a história da psiquiatria. Eu conheço.”

Lauer ficou espantado com a agressividade de Cruise, mas continuou.

“Você leva em conta a possibilidade de que essas coisas funcionem para algumas pessoas? É verdade, sim, que há abusos e, sim, talvez tenham ido longe demais em algumas áreas. Talvez haja crianças demais tomando Ritalina. Talvez os choques elétricos…”

“Crianças demais tomando Ritalina?”, repetiu Cruise, abanando a cabeça. “Matt…”

“Não há casos em que funciona?”

“Matt, Matt, Matt, você nem… você fala à toa. Você nem sabe o que é Ritalina.” Cruise disse que Shields podia superar a depressão de outras maneiras além do uso de drogas, e citou alimentação e exercícios. “E existem maneiras de fazer isso sem aquilo, para não terminarmos num admirável mundo novo. O que estou falando da Brooke é que há desinformação, o.k.? E ela não entende a história da psiquiatria. Ela não entende, do mesmo jeito que você não entende, Matt.”

Na história da psiquiatria segundo a cientologia, a especialidade é responsável por muitos dos males que acometem a humanidade — a guerra, o racismo, a limpeza étnica, o terrorismo —, todos eles em busca de lucro e controle social. A igreja mantém uma exposição chamada “Psiquiatria: Uma indústria da morte”, no Sunset Boulevard em Hollywood. Apresenta as práticas muitas vezes terríveis e ignorantes que têm caracterizado o desenvolvimento da área, com hospícios, lobotomias, eletrochoques e a proliferação de drogas psiquiátricas para tratar diagnósticos espúrios. A cientologia entende essa história como uma longa marcha dos psiquiatras para manipular o comportamento humano e estabelecer um governo mundial.

Embora não esteja incluída na exposição, a cronologia de Hubbard para a psiquiatria começa realmente “5 bilhões de anos atrás”,[101] com a criação de uma técnica específica que foi desenvolvida “na Confederação Maw da 63_a Galáxia”:

> Pegue uma lâmina de vidro e ponha na frente do *preclear* — um vidro limpo, muito limpo, que esteja supergelado, de preferência a 100 graus negativos. Entendeu? Supergelado, sabe como? E então ponha o *preclear* na frente dessa lâmina de vidro supergelado e empurre de repente a cara dele no vidro…
>
> Leva, portanto, cerca de vinte segundos para fazer uma lavagem cerebral completa de um caso.
>
> Agora, se você quiser brincar de Deus, como fazia o psiquiatra que gravava os registros completos naquela época, a única coisa que precisa dizer dessa vez é, claro, “Vá para a Terra e seja presidente”, ou algo do gênero, entende? E um thetan, agora devidamente com lavagem cerebral, vai sair, e pronto.

Hubbard também acusava os psiquiatras de terem empreendido, em aliança com o tirano Xenu, o genocídio na Confederação Galáctica, 75 milhões de anos atrás. São evidentes os paralelos entre essa lenda e o regime nazista, que usava médicos e psiquiatras para proceder ao extermínio dos doentes mentais, junto com os homossexuais, os ciganos e os judeus; e também o regime soviético, que utilizava psiquiatras para diagnosticar e trancafiar os dissidentes políticos. Hubbard viveu na época desses acontecimentos vergonhosos que, sem dúvida, tingiram sua imaginação.

Depois da morte de Hubbard, Miscavige prosseguiu na campanha. Em 1995, anunciou à Associação Internacional de Cientologistas que as metas da igreja para o novo milênio eram "colocar a cientologia no centro absoluto[102] da sociedade" e "eliminar a psiquiatria em todas as suas formas". A Comissão de Cidadãos[103] pelos Direitos Humanos, um grupo de pressão criado pela Igreja da Cientologia, que dirige o museu de psiquiatria, sustenta que jamais foi provada a existência de qualquer doença mental. Nessa concepção, os psiquiatras foram responsáveis pelo Holocausto, pelo *apartheid* e até pelo Onze de Setembro. A comissão não se envergonha de distorcer a verdade para sustentar o que diz. O presidente da CCDH, Dave Figueroa, afirma que Ayman al-Zawahiri, o principal braço direito de Osama bin Laden, era um psiquiatra que detinha o controle dos "padrões mentais" de Bin Laden. "Qual foi o tipo de drogas que Zawahiri[104] usou para operar essa mudança em Bin Laden, não sabemos", disse Figueroa. "O que sabemos é que houve uma mudança real na atitude daquele cara." Essa concepção é reiterada na parte do museu dedicada ao terrorismo. (Na verdade, Zawahiri era cirurgião geral, não psiquiatra.)[j]

Os principais esforços da CCDH têm se concentrado numa campanha internacional contra o uso de drogas psiquiátricas, especialmente para crianças. O Surgeon General dos Estados Unidos lançou um relatório em 2001 afirmando que mais de 20% dos menores[105] entre nove e dezessete anos tinham algum distúrbio de dependência ou desordem mental diagnosticável e que 4 milhões de crianças americanas sofriam de alguma das principais doenças mentais. Evidentemente, é um mercado imenso para os medicamentos que tratam de tais distúrbios. Cerca de 10%[106] dos americanos com mais de seis anos de idade tomam antidepressivos e as drogas antipsicóticas são as mais vendidas no país. Tornaram-se uma praga nos pátios de recreio das escolas americanas, com receitas indiscriminadas criando uma nova cultura de dependência das drogas — e pela qual cabe alguma responsabilidade à indústria farmacêutica e ao exercício da medicina.

Haggis dá apoio substancial à CCDH. Quando menino, diz ele, passava a maior parte do tempo olhando pela janela, perdido em devaneios — forte candidato a um diagnóstico de transtorno de déficit de atenção. "Eu me identificava[107] com os excêntricos e os desajustados", disse ele. "Os certinhos têm muito pouca chance de fazer alguma diferença na vida." Segundo ele, se os pais o tivessem tratado com remédios, talvez nunca se tornasse escritor. Organizou em casa eventos para arrecadação de fundos para a CCDH. "Simplesmente acho que as drogas psiquiátricas são receitadas em excesso, principalmente às crianças", disse ele. "Penso que é um crime."

Os cientologistas procuram maneiras de incriminar os remédios psiquiátricos. Na mesma época em que Cruise criticava Brooke Shields por tomar antidepressivos, Kirstie Alley e Kelly Preston[108] davam seus depoimentos ao Legislativo estadual, na Flórida, que aprovou um projeto de lei, em parte redigido por cientologistas, atribuindo responsabilidade criminal a professores que sugerissem aos pais que seus filhos podiam estar com algum problema mental, como o transtorno do déficit de atenção. O governador Jeb Bush vetou o projeto. O governador Jon Huntsman fez o mesmo em Utah. Projetos semelhantes têm sido apresentados pela CCDH em outros estados. Em seu depoimento na Flórida, Kirstie Alley mostrou fotos de crianças que tinham se suicidado depois de tomar psicotrópicos. "Nenhuma dessas crianças era psicótica[109] antes de tomar essas drogas", afirmou ela, soluçando tanto que mal conseguia falar. "Nenhuma dessas crianças era suicida antes de tomar essas drogas."

Alguns fabricantes de medicamentos têm encoberto estudos que indicam um maior risco de pensamentos violentos ou suicidas, causados por remédios psicotrópicos. A Eli Lilly, por exemplo, suprimiu dados[110] que mostravam que os pacientes tomando o popular Prozac — o único antidepressivo que tem certificado de segurança para uso infantil — tinham uma tendência doze vezes maior[111] de tentar o suicídio que os pacientes com medicamentos similares. Os antidepressivos têm estado presentes numa série de tiroteios nos pátios das escolas, como o massacre na escola de Columbine em 1999, onde dois alunos mataram doze colegas e um professor. Um dos assassinos tomava[112] Luvox na época. O Adderall — uma das drogas citadas por Cruise — é uma anfetamina receitada frequentemente para o déficit de atenção e a hiperatividade; às vezes aumenta a agressividade de crianças e adolescentes. A Ritalina, a droga mais receitada para hiperatividade e déficit de atenção, tem um potencial de criar dependência similar ao da cocaína. Segundo *The Primary Care Companion to the Journal of Clinical Psychiatry*, a pessoa que usa Ritalina, Adderall ou outras drogas semelhantes à cocaína "pode sentir nervosismo,[113] falta de sono, agitação, desconfiança, paranoia, visões e alucinações, prejuízo às funções cognitivas, delírio, violência, suicídio e homicídio".

Mas as pessoas que tomam antidepressivos, antipsicóticos e drogas estabilizadoras do humor já apresentam maior risco de comportamento violento ou suicida. Um dos perigos de receitar um antidepressivo é que o paciente pode receber o estímulo de que precisava para seguir os impulsos suicidas que já estão presentes. O abandono súbito dos antidepressivos também pode gerar pensamentos suicidas. Vários estudos mostram[114] que o risco de suicídio é o

mesmo, tanto para quem toma como para quem não toma antidepressivos; com o tempo, porém, os pacientes que tomam antidepressivos têm menos tendência a se matar. Agora esses medicamentos vêm com advertências sobre o risco de aumento do comportamento suicida. Mesmo assim, um estudo apontou um declínio constante nos índices gerais de suicídio nos Estados Unidos desde o ingresso da fluoxetina (Prozac) no mercado americano. Os autores calcularam que a droga foi responsável por salvar 33 600 vidas[115] entre 1988 e 2002.

Há numerosos exemplos de cientologistas que pensaram em se suicidar ou realmente se suicidaram ou tiveram comportamento violento, os quais poderiam ter recebido ajuda com os remédios psicotrópicos. Em Buffalo, Nova York, em 13 de março de 2003 (data do aniversário de L. Ron Hubbard), Jeremy Perkins,[116] de 28 anos de idade, deu 77 facadas na mãe. Era um esquizofrênico com um histórico de violência e alucinações que tinha recusado tratamento psiquiátrico por ser cientologista. Hana Eltringham, que fora subchefe de Hubbard, acredita que foi a própria cientologia que destroçou sua condição mental. Depois de alcançar o OT III, Eltringham passou anos pensando frequentemente em suicídio. As incessantes enxaquecas e vozes na cabeça lhe causavam desespero. Várias vezes quase saltou[117] do último andar da sede da igreja em Clearwater, mas se conteve temendo prejudicar a igreja e a doutrina de Hubbard. Foi apenas quando[118] deixou a igreja e começou a tomar Prozac que suas enxaquecas e pensamentos suicidas desapareceram. “Ele mudou minha vida”,[119] disse. Sua amiga Mary Florence Barnett, mãe de Shelly Miscavige, tinha sintomas parecidos — dores de cabeça constantes e pensamentos suicidas. Confidenciou a Eltringham que queria se matar para impedir que os thetans físicos supressivos dominassem sua mente. Barnett acabou saindo da igreja oficial para receber aconselhamento cientológico, prática herética conhecida na cientologia como “esquilismo”. (A igreja nega que Barnett tenha se envolvido com cientologistas dissidentes, mas, se o fez, o fato deixaria David e Shelly Miscavige numa posição delicada diante da igreja. Seriam potenciais fontes de problemas se não se desvinculassem dela.) Em 8 de setembro de 1985, encontraram o corpo de Barnett. Tinha levado três tiros de espingarda no peito e um na têmpora. Os dois pulsos estavam cortados. Ela deixou dois bilhetes de suicídio. O médico-legista do condado de Los Angeles[120] declarou que foi suicídio.

Em 2007, Kyle Brennan,[121] de vinte anos de idade, não cientologista, foi passar algum tempo com o pai, membro da igreja, em Clearwater. Brennan tomava Lexapro, um antidepressivo maciçamente promovido pelo fabricante, os Forest Laboratories. Também estava sob os cuidados de um psiquiatra. Segundo

os autos do tribunal, Thomas, pai de Brennan, recebeu ordens de “lidar” com o filho. A conselheira de Thomas Brennan era Denise Miscavige Gentile, irmã gêmea de David Miscavige. Falou pelo telefone com a mãe de Kyle, que não era cientologista, e insistiu que ela inscrevesse o filho no Narconon, o programa de tratamento antidrogas da igreja. A mãe negou, declarando que o programa custava cerca de 25 mil dólares[122] e, ademais, Kyle não era dependente de drogas. Entrou com uma ação, acusando os funcionários da igreja de terem mandado Thomas Brennan trancar o Lexapro do filho no porta-malas do carro. Dias depois, Kyle se matou com uma Magnum 357 que o pai guardava na mesinha de cabeceira. (A ação foi rejeitada[123] por falta de provas.)

A longa história das tentativas falhas da humanidade em lidar com a depressão e das múltiplas maneiras como se expressa a insanidade mental nunca resultou num caminho claro. Tragédias como o suicídio de Kyle Brennan demonstram o perigo das interpretações dogmáticas da psiquiatria, como as apresentadas por Tom Cruise e outras celebridades cientologistas que se manifestaram sobre o assunto. A Associação Psiquiátrica Americana se sentiu tão atingida pelas declarações de Cruise no programa *Today* que o presidente da entidade lançou uma declaração afirmando que as doenças mentais são condições médicas reais. “É irresponsável por parte do sr. Cruise[124] utilizar seu circuito de publicidade cinematográfica para promover suas próprias posições ideológicas e impedir que as pessoas com doenças mentais tenham a assistência necessária”, disse Steven S. Sharfstein, o presidente da APA. Mas, no encontro anual[125] da Associação Internacional de Cientologistas de 2005, Mike Rinder, que fora liberado do Buraco para aquela ocasião, atribuiu a Cruise o mérito de persuadir a FDA a incluir advertências sobre o suicídio nos rótulos de duas drogas psiquiátricas, dias depois da entrevista com Lauer.

“Se alguém quiser se livrar das drogas,[126] posso ajudar”, disse Cruise à revista alemã *Der Spiegel* em abril de 2005. “Tenho ajudado pessoalmente centenas de pessoas a se livrarem das drogas.”

Haggis tinha enviado uma versão inicial de seu filme *Crash: No limite* ao Festival de Filmes de Toronto, um foro importante para filmes independentes em busca de distribuição. Em setembro de 2004, o filme teve sua primeira apresentação no Elgin Theatre, um elegante teatro de revistas antigo no centro da cidade, não muito longe do local onde Paul vendia ingressos para as peças de pornografia leve que seu professor costumava dirigir.

Assistindo ao filme, Haggis ficou apavorado. Tudo o que havia de errado ficava espantosamente evidente na tela do cinema. Ficou ali abatido, esperando o final da sessão e imaginando o que daria para salvar do filme. Assim, quando o

público se pôs de pé para aplaudir, Haggis não acreditou no que estava acontecendo. A Lion's Gate Films comprou *Crash: No limite* por 3,5 milhões de dólares e marcou o lançamento para a primavera seguinte.

Crash: No limite estreou discretamente em abril de 2005. Não havia outdoors nem anúncios nos ônibus, que já estavam divulgando a chegada da *Guerra dos mundos* em junho. As críticas de *Crash* foram candentes e se polarizaram. Roger Ebert lhe deu quatro estrelas, dizendo que era "um filme de intenso fascínio".[127] A. O. Scott, que fez a resenha para o *New York Times*, se mostrou menos empolgado. Era um "filme frustrante",[128] escreveu ele, "cheio de sentimento e vazio de vida; cruelmente manipulador quando tenta ao máximo ser sutil; profundamente complacente apesar da intenção de abalar e perturbar". Não houve propriamente uma estreia, apenas uma projeção no Academy Theater no Wilshire Boulevard, sem nenhuma festa grandiosa na sequência. Haggis foi jantar com a família num restaurante.

Apesar das críticas divergentes e da distribuição limitada, formava-se um vagalhão em favor do filme, inteiramente criado pelo público, que se viu envolvido num debate nacional sobre as questões de classe e de raça sugeridas pelo filme. Ele veio a arrecadar quase 100 milhões de dólares em vendas internacionais. *Menina de ouro* acabara de ganhar o Oscar de Melhor Filme em fevereiro daquele ano. Haggis estava escrevendo um roteiro de James Bond, *Casino Royale*, além do filme de Eastwood *A conquista da honra*. Estava nas nuvens.

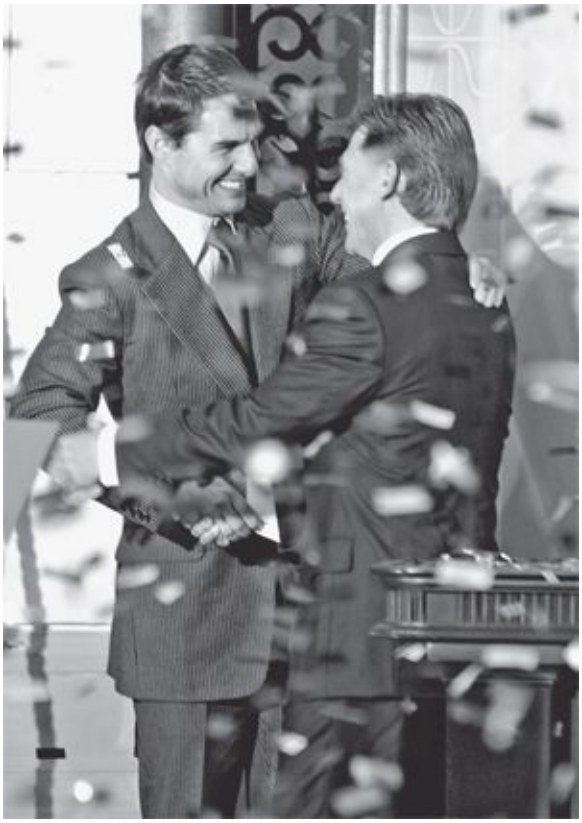
A carreira de Tom Cruise seguia no rumo contrário. Haggis o vira na festa do Oscar da *Vanity Fair*. Cruise e Tommy Davis chegaram em motos Ducati, com jaqueta preta, e entraram pela porta dos fundos da Morton's Steakhouse em Beverly Hills. Cumprimentaram Haggis, mas foi só. As pesquisas mostravam que Cruise ainda era o ator mais poderoso[129] em Hollywood e mesmo a celebridade mais poderosa[130] do mundo, mas também era apontado como a celebridade número 1 que as pessoas menos gostariam de ter como melhor amigo.

Quando Cruise voltou à Gold Base, Miscavige mostrou sua Harley-Davidson V-Rod, que tinha sido pintada de vermelho-vivo sobre uma superfície cromada. Era obra de John Brousseau, cunhado de Miscavige, conhecido pela elegância de seu trabalho artesanal. Além de supervisionar a reforma do *Freewinds*, Brousseau instalara trancas nas portas do Buraco logo depois da fuga de Rathbun.

Segundo Brousseau, "Cruise estava babando"[131] pela motocicleta. Ele perguntou: "Uau, você pintaria a minha assim?". Brousseau olhou para

Miscavige, que assentiu com a cabeça. Cruise levou duas motos para ser pintadas, uma Triumph Rocket III e uma Honda Rune. Spielberg lhe dera a Honda depois da filmagem da *Guerra dos mundos*, que já tinha pintura personalizada feita pelo cenógrafo. Brousseau precisou desmontar totalmente as motos e niquelar todas as partes antes de pintar.[k] Em junho, Cruise foi na Rune repintada, com Katie na garupa, à sessão do filme para fãs no Chinese Theatre de Grauman.

Depois disso, Brousseau passou a receber regularmente serviços em projetos especiais para Cruise. Shelly Miscavige recrutara Brousseau e outros sete membros da Sea Org, junto com muitos funcionários de Cruise na Odin Productions, para trabalhar por mais de duas semanas reformando a mansão de nove quartos que Cruise alugara na Alpine Drive, em Beverly Hills — pintaram, arrumaram o telhado, fizeram reparos nas madeiras, puseram carpete, substituíram a fiação elétrica, lavaram a quadra de tênis com jato de alta pressão, limparam o mato e cuidaram do jardim, consertaram o sistema de irrigação e até reorganizaram as roupas nos armários. Na última semana, diz Brousseau, ele estava com uma turma de pelo menos cem pessoas trabalhando para deixar a casa pronta para Cruise.



Tom Cruise e David Miscavige na inauguração da Igreja da Cientologia em Madri, 2004.

Brousseau e Steve Marlowe, um executivo da Sea Org, também supervisionaram as reformas num ônibus Blue Bird, como o de Hubbard, que Cruise havia comprado. Mais tarde, Cruise comprou outro ônibus, a que deu o nome de *The Silver Screen*. Brousseau passou três meses indo e vindo da fábrica Marathon Coach em Coburg, no Oregon, para supervisionar a readaptação do veículo de doze metros numa sofisticada casa sobre rodas. Brousseau calcula que a reforma tenha saído por cerca de 1,5 milhão de dólares, sem incluir sua mão de obra nem a dos membros da Sea Org no departamento de acessórios da Golden Era, que fabricara os móveis, as bancadas e os armários. Em 2006, Brousseau também adaptou e fez uma limusine personalizada para o astro, usando o chassi de um Ford Excursion que, segundo ele, Cruise adquiriu usando o cupom de desconto da cientologia. Katie estava grávida e queria um carro novo com assento para o bebê. Miscavige quis impressionar o casal reformando e personalizando o Excursion numa oficina local, mas o trabalho não ficou bom. Então Miscavige comprou outro Excursion para Cruise, em substituição ao que se estragara. Enquanto isso, Brousseau passou os seis meses seguintes reconstruindo pessoalmente o Excursion original. Desmontou todo o veículo até a carcaça e instalou assentos reclináveis feitos à mão e painéis artesanais de madeira extraída do tronco de um eucalipto que caíra durante um temporal. Gastou cerca de 2 mil horas no projeto. Os materiais foram pagos pela empresa de produção de Cruise, mas, segundo Brousseau, a mão de obra dele e de cerca de outros dez membros da Sea Org não foi remunerada. “Era uma belezura de meio milhão de dólares,[132] feita todinha por mim e outros caras da cientologia”, disse Brousseau.

Brousseau chegou a esculpir no nó do eucalipto um estojo embutido no veículo para uma caneta Montblanc combinando. Quando Cruise mostrou a Katie, ela ficou deslumbrada. Virou-se para Brousseau e perguntou: “Oh, J. B.,[133] foi você que fez?”.

“Não me agradeça”, ele respondeu rapidamente. “Sou apenas o martelo. Ele”, disse, apontando para Miscavige, “é a mão que brande.”

Cruise, que se tornou piloto quando filmava *Ases indomáveis*, mantém um hangar num aeroporto em Burbank para sua coleção de aeroplanos. Membros da Sea Org reformaram inteiramente o hangar, instalando um escritório luxuoso fabricado na Golden Era Productions. Brousseau afirma que a mobília — um bar, mesa, cadeiras, escrivaninhas *etc.* — foi usinada numa base da RPF em Los Angeles. Brousseau tirou dezenas de fotos, documentando seu trabalho para o

astro.

Entre os membros da Sea Org, quem passou mais tempo a serviço de Cruise foi Tommy Davis, visto dentro da igreja como seu treinador especial e assistente pessoal. Embora ele afirme que fornecesse serviços semelhantes a outras celebridades, o acompanhamento de Cruise foi sua principal tarefa entre 2000 e 2004. No entanto, declarou ele: "Ninguém da equipe envolvida da igreja[134] sofreu nenhum tipo de coerção para auxiliar o sr. Cruise. O pessoal da igreja e, na verdade, os membros da igreja têm o sr. Cruise em altíssimo apreço e se sentem honrados em auxiliá-lo".

Em junho de 2006, Shelly Miscavige desapareceu.

Ela passara a vida inteira transmitindo ordens e reunindo informações para um líder de igreja poderoso, instável, dominador, primeiro Hubbard e depois seu marido. Ela e Miscavige sempre mostraram em público uma relação de respeito mútuo, se não de afeto explícito. À medida que ele ganhava poder dentro da igreja, ela começou a ver ambos como reencarnações de Simón Bolívar e Manuela Sáenz,[135] e a lição que extraíra daquela existência anterior era que precisava ser ferozmente protetora de seu companheiro e impedi-lo que cometesse os tipos de erros que seu caráter estava destinado a cometer. Aos olhos de alguns membros da Sea Org, Shelly era suscetível e imperiosa, mas Rathbun notou que, às vezes, ela protestava quando as agressões físicas de Miscavige ameaçavam sair de controle. Ninguém mais fazia isso.

Naquela primavera, Shelly voltou de uma viagem a bordo do *Freewinds* antes do marido e, na ausência dele, decidiu estruturar pessoalmente o quadro da organização. Não havia cargos definidos, os executivos ainda se debatiam confinados no Buraco e a estrutura administrativa estava uma verdadeira bagunça. Tomando as rédeas nas mãos, Shelly fez diversas nomeações.

Logo depois que o marido voltou, o humor de Shelly sofreu uma alteração visível. Seu cunhado, John Brousseau, observou que ela parecia amedrontada: "O buldogue tinha sumido".[136] Um pouco antes de desaparecer, ela perguntou a Mike Rinder se Dave ainda usava a aliança de casamento. Então sumiu. Foi feito um boletim de ocorrência registrando o desaparecimento, mas o Departamento de Polícia de Los Angeles não comenta nada sobre seu paradeiro. Ela compareceu sob escolta ao funeral de seu pai em agosto de 2007, a última vez que foi vista em público. Ex-membros da Sea Org[137] afirmam que ela é mantida num edifício da igreja em Running Springs, na Califórnia, perto do lago Arrowhead, um dos vários locais onde os escritos de Hubbard ficam guardados. Faz frio no inverno. No Natal, Miscavige mandou um pulôver[138] e um par de

luvas para Shelly.

Em novembro de 2007, Tom Cruise e Katie Holmes se casaram num castelo quatrocentista nas cercanias de Roma. Entre as celebridades presentes[139] estavam Jennifer Lopez e Marc Anthony, Will e Jada Pinkett Smith, Jenna Elfman e até Brooke Shields. O padrinho foi, mais uma vez, David Miscavige.

---

a O advogado de Cruise diz que os membros da Sea Org não receberam instruções de lhe bater continência e que ele mantém diálogos cordiais com todos.
b Segundo Tommy Davis, "da perspectiva deles, era o mínimo que podiam fazer para expressar seu afeto".
c Segundo Tommy Davis, "esses episódios são pura fantasia de Tom De Vocht".
d Houve um acordo extrajudicial no processo contra Cartwright.
e O advogado de Cruise afirma: "O sr. Cruise nunca expressou senão apoio e respeito pelo trabalho feito em *A reconquista*".
f O advogado de Cruise afirma que seu cliente não reclamou de não ter uma namorada na inauguração da igreja em Madri.
g A igreja declara: "Os sacerdotes da cientologia observam e aplicam um código de conduta conhecido como o Código do Conselheiro. O Código do Conselheiro estabelece critérios para garantir que as comunicações entre sacerdote e penitente se mantenham estritamente confidenciais. Todas essas informações são conservadas em caráter *estritamente confidencial* por um sacerdote da cientologia e pela igreja".
h O advogado de Cruise diz que nunca ocorreu tal conversa. Segundo Tommy Davis, "Katy não perdeu a amiga por admitir que era gay; perdeu a amiga porque Katy lhe mentiu sobre ser gay".
i Várias fontes independentes entre si me falaram das experiências de Boniadi com Tom Cruise. Todas recordam coisas semelhantes. O advogado de Cruise diz que nenhum executivo da cientologia lhe providenciou namoradas e que nenhuma cientologista namorada dele se mudou para sua casa.
j Na exposição, há também uma fotografia de Imad Eddin Barakat Yarkas, conhecido como Abu Dadah, apresentado como psiquiatra e o cérebro por trás dos bombardeios no metrô de Madri em 2004. Yarkas, arrecadador de fundos para a al-Qaeda, era um vendedor de carros usados que não teve nada ou quase nada a ver com as bombas de Madri. Numa lista de 218 militantes islâmicos internacionais conhecidos, o único que algum dia estudou psicologia foi Ali Mohammed, um agente de operações egípcio que ajudou a planejar as explosões de bombas na embaixada americana em 1998. "Os psicólogos primam pela ausência", escreveu-me Steffen Hertog, professor de política comparada na Escola de Economia de Londres, em correspondência particular. "É um padrão semelhante ao de outros tipos de grupos extremistas: entre 215 nazistas alemães de alto escalão, com nível superior comprovado, há apenas dois psicólogos, em comparação a 71 advogados." Em outro relatório da Comissão de Cidadãos pelos Direitos Humanos, chamado "Caos e terror: Forjados pela psiquiatria" (www.cchrstl.org/documents/terror.pdf), o suposto cérebro que planejou as explosões de Madri agora é descrito como "o psiquiatra marroquino Abu Hafizah". Não existe ninguém assim na lista dos terroristas islâmicos conhecidos, e não há ninguém com esse nome ligado às bombas em Madri.
k A igreja nega o relato de Brousseau. O advogado de Cruise nega que seu cliente tenha algum dia visto a

moto de Miscavige e afirma: “Temos provas fotográficas mostrando o verdadeiro pintor fazendo o serviço. Não é o sr. Brousseau”. Mas o advogado não apresentou as fotos. Já Brousseau mostrou fotos do serviço que diz ter feito em todos os veículos de Cruise em que afirma ter trabalhado.

PARTE III
A PRISÃO DA FÉ

10. A investigação

A Proposição 8, iniciativa da Califórnia de proibir o casamento entre pessoas do mesmo sexo, entrou em votação em 2008. Paul Haggis estava profundamente empenhado em combater a iniciativa, marchando nas manifestações e contribuindo com doações financeiras. Sua atitude gerou tensões em sua relação com a cientologia. Fazia muitos anos que ele se preocupava com o preconceito que via dentro da igreja, sobretudo quando dirigido contra suas duas filhas lésbicas. Katy, em particular, manifestara seu desconforto perante a maneira como a tratavam no Centro de Celebridades, onde fez alguns cursos. Decidira ir a outra missão da cientologia onde não se sentisse tão discriminada.

Uma noite, Paul e Deborah foram a um pequeno jantar para arrecadação de fundos, na casa de John Travolta e Kelly Preston. Deborah e Kelly estavam no comitê dos pais para levantar fundos para uma nova escola delfiana em Santa Monica. Havia diversos casais presentes, todos eles thetans operantes. Um dos convidados se referiu ao garçom como veado.

É difícil imaginar um preconceito tão explícito no bastião liberal que é Hollywood, e ainda mais na casa de John Travolta, cuja orientação sexual alimenta boatos desde o começo de sua carreira. Apesar das investidas da imprensa e dos processos por assédio sexual ao longo dos anos, muitos cientologistas, inclusive Haggis, não acreditavam que Travolta fosse gay. Haggis se baseava na aparência amorosa do relacionamento de Travolta com a esposa e os filhos; mas também é comum supor que a homossexualidade é tratada no nível OT III, onde os thetans físicos que causam tais problemas podem ser eliminados com o aconselhamento espiritual. Os demais convivas talvez estivessem tão convencidos da orientação sexual de Travolta que se sentiram à vontade para mostrar seus preconceitos. Seja como for, Travolta passou uma reprimenda no convidado, dizendo que tais comentários não eram tolerados em sua casa.

Haggis se sentiu tomado de admiração pela maneira firme mas elegante como o astro conduziu a questão. Depois que os outros convidados foram embora, Haggis e Travolta tiveram uma conversa em seu pequeno gabinete. Falaram do preconceito que percebiam na igreja. Haggis confidenciou que tinham feito Katy se sentir indesejada no Centro de Celebridades. Travolta disse que os escritos de

Hubbard haviam sido mal interpretados e, depois, forneceu algumas referências para Katy usar em sua defesa.

Quando escreveu *Dianética*, em 1950, Hubbard reproduziu os preconceitos sociais dominantes, inclusive na comunidade psiquiátrica, que considerava a homossexualidade uma doença mental. (Só foi removida do *Manual diagnóstico e estatístico de distúrbios mentais* da Associação Psiquiátrica Americana em 1973.) Hubbard escreve: "O pervertido sexual"[1] — como se referia aos homossexuais — "é, na verdade, muito doente fisicamente". No ano seguinte, ele publicou a Escala Tonal em *Ciência da sobrevivência*. Na base, o ponto 1.1 da escala, está a personalidade encobertamente hostil. As pessoas nessa condição praticam o sexo sem compromisso, o sadismo — e a atividade homossexual. Hubbard afirma que esse é

> o nível mais perigoso e cruel.[2] […] É aquele que sorri enquanto lhe enfia uma lâmina nas costelas. É o nível*3* dos pervertidos, dos hipócritas, dos vira-casacas. É o nível[3] dos subversivos. […] Um 1.1 é a pessoa mais perigosamente insana na sociedade e capaz de causar os maiores danos. […] Tais pessoas devem ser removidas da sociedade o mais rápido possível e ser uniformemente internadas.

Outra maneira de lidar com elas, escreve Hubbard, é "eliminá-las em silêncio[4] e sem dó". E prosseguia:

> A eliminação súbita e abrupta da ordem social de todos os indivíduos ocupando as faixas mais baixas da Escala Tonal resultaria num aumento quase instantâneo no tom cultural e interromperia a espiral decrescente em que alguma sociedade possa ter ingressado.

Hubbard moderou sua posição em algumas ocasiões, mas nunca renegou nem descartou totalmente seu preconceito. Em 1952, ele disse: "A homossexualidade é tão grave[5]quanto um espirro". Em 1965, Hubbard se refere numa carta executiva a um "esquilo" que, diz ele, "foi expulso por homossexualidade[6] e roubo". Outro cientologista descontente, observa Hubbard na mesma carta, "vai ser fácil pegar como homossexual". Dois anos mais tarde, quando as atitudes sociais em relação aos gays começavam a mudar lentamente, ele declarou: "Nunca fez parte[7] de meus planos regular ou tentar regular a vida pessoal dos indivíduos". No entanto, como tudo o que Hubbard escreveu é sacrossanto na igreja, aquelas posições iniciais estão gravadas indelevelmente no espírito de muitos cientologistas. Longos anos depois de sua morte, ainda era de crença geral que o aconselhamento iria "eliminar" a homossexualidade. Os gays na igreja[8] sofriam pressão frequente para comprar cursos ou fazer sessões adicionais de aconselhamento para lidar com sua condição.

A ambivalência da igreja sobre a questão da orientação sexual fica evidente no tratamento dado a Travolta. Ao longo dos anos, a igreja tem atuado no sentido de

proteger sua reputação. Marty Rathbun disse que havia muitas alegações que ele ajudou "a fazer desaparecer".[9] Agiu algumas vezes em conjunto com os advogados de Travolta, procurando manter a imprensa longe das histórias. Em 2003, um artista gay,[10] Michael Pattinson, processou a igreja, Travolta e mais de vinte outros, alegando que o astro era apresentado como exemplo de como a igreja pode curar a homossexualidade. Pattinson declarou que passou 25 anos na igreja e gastou meio milhão de dólares tentando mudar sua orientação sexual, sem êxito. (A ação foi encerrada voluntariamente depois de uma avalanche de contra-ações. Pattinson e seu advogado dizem que foram levados à falência.)

Haggis se identificava com os homossexuais porque eram uma minoria. Eram os marginalizados. E suas duas filhas também. Os defensores da Proposição 8 usavam táticas de intimidação na campanha, declarando que os homossexuais iriam dominar as escolas e ensinar as pessoas a ser gays. Lauren Haggis de fato ouviu gente dizendo isso. Então alguém lhe indicou um site que listava os defensores da proposição. Entre eles estava a Igreja da Cientologia de San Diego. "Fiquei simplesmente pasma",[11] disse ela. "Então mandei um e-mail para minhas irmãs e meu pai perguntando, ei, o que está acontecendo?"

Haggis começou a despejar e-mails em Tommy Davis, solicitando que a igreja apoiasse as iniciativas de reverter a proibição ao casamento homossexual. "Daqui a duas horas vou a um comício contra a Prop 8", escreveu em 11 de novembro de 2008, uma semana depois que a iniciativa fora aprovada por 52% dos eleitores do estado. "Para quando podemos esperar a declaração pública?" Davis respondeu com uma minuta que iria para a imprensa de San Diego, declarando que a igreja fora "erroneamente listada entre os defensores da Proposição 8". "'Errôneo' não chega", devolveu Haggis. "A igreja pode ter se dado ao luxo de não tomar posição nessa questão antes, mas, depois de se posicionar, mesmo erroneamente, não pode mais ficar neutra." Exigiu que a igreja se declarasse explicitamente a favor dos direitos dos homossexuais. "Menos que isso não vai adiantar."

Davis parou de responder. Quando Haggis voltou à carga, Davis admitiu que a retificação nunca chegara a ser enviada à imprensa de San Diego. "Para ser sincero, desanimei quando vi que nossos e-mails (que pensei que eram mensagens entre nós) estavam indo com cópia para suas filhas", escreveu Davis. Ficou aborrecido porque, como explicou a Haggis, a igreja evitava assumir posições políticas.[a] Davis insistiu que não foi a "igreja" de San Diego que adotou uma posição a favor da Prop 8. "Foi *um cara* que meteu na cabeça que seria uma boa ideia e pôs a Igreja da Cientologia de San Diego na lista", insistiu Davis. "Quando descobri, mandei removê-la da lista."

Para Davis, a questão devia se encerrar por aí. Qualquer outra ação da igreja apenas chamaria a atenção para uma posição equivocada sobre uma questão a que a igreja queria pôr fim. “Paul, não recebi nenhuma pergunta da imprensa”, disse ele. “Se eu fizer uma declaração a respeito, isso sim trará *mais* atenção ao tema do que se deixarmos como está.”

Mas Haggis não quis deixar o assunto de lado. “Não é uma questão de relações públicas, é uma questão moral”, escreveu em fevereiro de 2009. “Não tem como ficar neutro.”

Na última mensagem nessa troca de correspondência, Haggis concedeu: “Você tinha razão: não aconteceu nada — não fez muito barulho —,. pelo menos não muito. Mas sinto que passamos vergonha”.

Como Haggis tinha enviado cópia às filhas de sua correspondência com Davis, isso ajudou a esclarecer a relação de Lauren com a igreja. No começo, as respostas de Davis lhe deram esperanças, mas depois entendeu: “Eles estão apenas tentando minimizar a coisa ao máximo possível”. Depois disso, “a igreja acabou totalmente para mim”.

O episódio também a ajudou a enxergar o pai sob outra luz. “É totalmente o contrário, como noite e dia, do que era quando passei a morar com ele”, disse ela. “Eu não sabia que meu pai me amava.”

Como Haggis parou de reclamar, Davis achou que o assunto tinha se encerrado. Mas, longe de abandonar a questão, Haggis começou uma investigação sobre a igreja. Suas pesquisas, boa parte delas feitas on-line, se pareciam muito com as do personagem principal do roteiro que estava escrevendo para Russell Crowe, em *72 horas*, que entra na internet para pesquisar uma maneira de tirar a esposa da cadeia.

O que há de tão surpreendente na investigação de Haggis é que poucas figuras importantes ligadas à Igreja da Cientologia realmente examinam as acusações que cercam a instituição há muitos anos. A igreja desestimula tais exames, dizendo aos membros que os artigos negativos são *entheta* e causam apenas desconforto espiritual. Em 1996, a igreja enviou[12] CDs aos membros para ajudá-los a montar seus próprios sites, que se linkariam ao site da cientologia; o programa trazia um filtro que bloqueava qualquer site contendo material que vilipendiasse a igreja ou revelasse suas doutrinas esotéricas. As palavras-chave que acionavam o filtro de censura eram Xenu, OT III e os nomes de críticos proeminentes da cientologia.

Embora Haggis nunca tenha usado tal filtro, ele já dispunha de um filtro mental parecido. Em seus 34 anos na igreja, evitara deliberadamente fazer muitas perguntas ou ler materiais que sabia que criticavam seu credo. Mas agora,

frustrado com a correspondência com Davis, começou a buscar informações. Chegou a uma entrevista no YouTube com Tommy Davis, transmitida pela CNN em maio de 2008. “O interesse mundial pela cientologia[13] nunca foi tão grande”, alardeia Davis no programa. “A cientologia cresceu mais nos últimos cinco anos que nas últimas cinco décadas somadas.” O apresentador do programa, John Roberts, pergunta a Davis sobre a diretriz de desvinculamento da igreja, pela qual os seguidores são pressionados a se separar de amigos ou parentes que critiquem a organização. “Esse é um exemplo perfeito de como a internet distorce as coisas”, responde Davis. “Não existe essa coisa de desvinculamento como você está caracterizando. E sem dúvida precisamos entender que…”

Roberts tenta retomar: “Bom, o que é o desvinculamento?”.

“… a cientologia é uma religião nova”, prossegue Davis, encobrindo a voz do entrevistador. “A maioria dos cientologistas no mundo é de primeira geração. Então, seus familiares não vão ser cientologistas… Então, claro, alguém que é cientologista vai respeitar as crenças de seus familiares…”

Roberts repete a pergunta: “Bom, o que é o desvinculamento?”.

“… e consideramos que a família é a unidade básica de qualquer sociedade, então qualquer coisa que seja caracterizada como desvinculamento ou coisa desse tipo simplesmente não é verdade. Não existe essa diretriz.”

Haggis sabia que era mentira. Sua esposa, Deborah, tinha sido desvinculada de seus pais duas vezes. Quando estava na casa dos vinte anos, trabalhando em *Dallas*, sua mãe e o padrasto romperam com a igreja. Eram amigos íntimos de Hana Eltringham, que fora a favor deles no casamento, e assim, quando tinham dúvidas sobre a fé, iam consultá-la. Na época, Eltringham estava dando aconselhamento a pessoas que pensavam em sair da cientologia ou outras religiões novas. Ajudava os cientologistas a enfrentar as contradições implícitas na crença, como Hubbard falando de acontecimentos ocorridos trilhões ou quatrilhões de anos atrás, embora a ciência atual calcule que a idade do universo não chega a 14 bilhões de anos, ou o fato de que jamais se demonstrou que alguém tenha algum dia alcançado alguma capacidade maior como OT. Eltringham também falava dos excessos que viu e viveu. Mary Benjamin, a mãe de Deborah, relembrou:

> Hana nos contava[14] como os membros da Sea Org eram tratados; como eram mantidos num porão em Los Angeles e recebiam apenas arroz e feijão se não mantivessem suas estatísticas altas; como, no deserto, num calor terrível, andavam em círculos durante horas.

Como muitos membros ativos da igreja, os Benjamin mantinham dinheiro em sua conta — no caso deles, 2500 dólares — para futuros cursos que pretendiam fazer. A mãe de Deborah insistiu em pegar o dinheiro de volta. Deborah sabia o

tamanho da encrenca que isso criaria na igreja. Não falou com os pais por mais de três anos, deduzindo automaticamente que deviam ter sido declarados pessoas supressivas. Mas, quando sua irmã estava para se casar, Deborah escreveu ao supremo juiz internacional, o burocrata da cientologia encarregado de tais assuntos, que determinou que ela podia ir ver os pais, desde que eles não dissessem nada contra a cientologia. Os Benjamin concordaram prontamente.

Dez anos depois, porém, Deborah foi a Clearwater, na intenção de fazer alguns cursos de nível superior, e soube que a decisão anterior não se aplicava mais. Se quisesse mais treinamento, teria de enfrentar os erros dos pais. A igreja recomendou que fizesse o curso de Potencial Fonte de Problemas/Pessoas Supressivas.

Muitos cientologistas fazem esse curso. Kelly Preston, amiga de Deborah, também tinha feito. "Eu era uma PFP, mas[15] não percebia, e então me disseram: 'Você precisa fazer o PFP/SP", contou Preston mais tarde, em sua entrevista à revista *Celebrity*. Ela descobriu que sua vida estava repleta de pessoas supressivas. "Sendo artista e tendo muito *theta*, você realmente atrai esse tipo de gente", disse Preston. (*Theta* é um termo cientológico para força vital.) "Acabei tendo de lidar ou de me desvincular de algumas pessoas diferentes."

Deborah levou um ano para concluir o curso, mas isso não alterou a condição de seus pais. Fez uma petição aos funcionários no Centro de Celebridades de Los Angeles, solicitando ajuda. Puseram-na em outro programa, que levou mais dois anos. No entanto, nada mudou. Se não conseguisse "lidar" com seus pais — convencê-los a ressarcir a igreja —, teria de se desvincular não só deles, mas também de qualquer pessoa que falasse com eles, inclusive seus irmãos. Ela percebeu: "Era isso[16] ou então tinha de desistir de ser cientologista". Além de tudo, Paul se recusava a se desvincular dos pais dela, o que somava mais um problema.

De acordo com a igreja, os pais de Deborah tinham participado de uma ação coletiva contra a cientologia, impetrada por membros insatisfeitos em 1987, que foi anulada no ano seguinte.[b] A igreja exigiu que eles denunciassem o grupo de anticientologistas e oferecessem uma reparação "simbólica". Isso significava prestar serviços à comunidade e seguir um curso de reabilitação, chamado A-E, para penitentes procurando recuperar as boas graças da igreja; incluía quitar os débitos, seguir cursos adicionais e reconhecer seus erros em declarações públicas. Deborah falou aos pais que, se quisessem manter contato com ela, teriam de seguir os procedimentos da igreja. Os pais, temendo que também cortassem seus vínculos com o neto, concordaram em prestar serviços comunitários. Durante três meses, entregaram comida num programa de Meals

on Wheels em Los Angeles. Mas a igreja não se deu por satisfeita. Avisaram a Deborah que, se ela mantivesse contato com os pais, seria rotulada como Potencial Fonte de Problemas — designação que a afastaria de toda a comunidade cientologista e a incapacitaria de prosseguir no treinamento. Um alto funcionário aconselhou que concordasse em se desvincular dos pais e que eles fossem formalmente marcados como pessoas supressivas. "Até lá,[17] eles não vão mudar nem reconhecer suas responsabilidades", disse ele. Ela concordou: "Certo. Vá em frente e os declare. Talvez seja melhor assim".

Então o funcionário deu permissão a Deborah para iniciar trabalhos de curso de nível superior em Clearwater.

Em agosto de 2006, um anúncio formal em pergaminho amarelo, chamado "vara de ouro", foi afixado no Centro de Celebridades, declarando os pais de Deborah pessoas supressivas, expondo que tinham retirado o dinheiro que estava depositado para futuros trabalhos de curso e que haviam se associado a "esquilos" — isto é, receberam aconselhamento cientológico não autorizado. Um mês depois, Mary Benjamin enviou uma carta à filha. "Tentamos fazer[18] o que você pediu, Deborah. Trabalhamos julho e agosto inteiros no A-E." Devolveram os 2500 dólares à igreja, por cursos que nunca pretenderam fazer. Depois de tudo isso, continuava ela, um adjudicador da igreja lhes dissera que teriam de distribuir a bibliotecas trezentos exemplares de um livreto de L. Ron Hubbard, *O caminho para a felicidade*, e deviam documentar tudo com fotografias. Os pais de Deborah estavam fartos. "Se não há como resolver isso, teremos de nos despedir de você e James perderá seus avós", escreveu a mãe. "É ridículo."

Em abril de 2007, Deborah recebeu uma carta do advogado que representava seus pais, ameaçando uma ação judicial pelo direito de verem o neto. Deborah teve de contratar um advogado. Por fim, a igreja cedeu. Deborah foi chamada ao Centro de Celebridades, onde lhe mostraram um documento rescindindo a decisão, mas não lhe permitiram ficar com uma cópia.

Enquanto pesquisava na internet, Haggis encontrou uma série de artigos que tinham saído no *St. Petersburg Times*[c] a partir de junho de 2009 intitulada "The Truth Rundown". O jornal se concentra especialmente na cientologia, pois a igreja possui presença importante em Clearwater, vizinha de St. Petersburg. Embora a publicação e a igreja tenham frequentes atritos, a única entrevista que Miscavige deu em toda a sua vida a algum jornal saiu no *Times* em 1998, resultando num perfil bastante lisonjeiro. (Desde então, Miscavige simplesmente não fala com a imprensa.)

Foi lendo essa série de artigos que Haggis soube pela primeira vez que vários dos altos administradores da igreja tinham saído discretamente — inclusive Marty Rathbun. Por muitos anos, a notícia na comunidade cientológica era que Rathbun morrera de câncer. Mike Rinder, o principal porta-voz, e Tom De Vocht, o ex-dono de todas as propriedades da igreja em Clearwater, também estavam denunciando os abusos que ocorriam na faixa superior da administração — sobretudo nas mãos do líder da igreja. Amy Scobee, que tinha sido a supervisora do Centro de Celebridades em Los Angeles, afirmou que a razão pela qual ninguém fora dos círculos executivos sabia dos abusos, nem mesmo outros cientologistas como Haggis, era porque as pessoas morriam de medo de Miscavige — e não apenas em termos físicos. O maior medo era a expulsão. "Você não tem dinheiro.[19] Não tem experiência profissional. Não tem nada. E ele podia botá-lo no olho da rua e arruinar sua vida."

Tommy Davis apresentara nove altos executivos da igreja, que declararam ao *Times* que nunca ocorrera nenhuma agressão. Dan Sherman, o biógrafo oficial de Hubbard dentro da igreja e redator dos discursos de Miscavige, relatou uma cena em que viu Miscavige conversando com um pardal ferido. "Era de uma ternura imensa",[20] disse aos repórteres.

Grande parte dos abusos alegados ocorrera na Gold Base. Haggis tinha visitado o local apenas uma vez, no começo dos anos 1980, quando sua existência ainda era um segredo muito bem guardado. Isso foi quando ele se preparava para dirigir o comercial da cientologia que acabou rejeitado. À primeira vista, o local parecia uma estância de veraneio, bela e tranquila, mas Haggis se sentira desalentado ao ver os uniformes, com o esquema de segurança e o ar militarizado do lugar.

"No topo da hierarquia,[21] andavam falando mal de pessoas como Laurel e Hardy", disse Haggis. Ficou constrangido ao admitir que nunca se perguntara sobre o paradeiro de Rathbun e Rinder. Decidiu ligar para Rathbun, que agora morava em Galveston Bay, no sul do Texas. Os dois nunca tinham se encontrado pessoalmente, mas se conheciam bem de nome. Depois de ser uma das figuras mais poderosas na cientologia, agora Rathbun tentava ganhar a vida como autônomo escrevendo crônicas para jornais locais e vendendo cerveja num estádio. Imaginava que o sul do Texas era o lugar mais distante de Los Angeles e Clearwater a que podia ir. Haggis ficou assombrado quando soube que Rathbun tivera de fugir. Também se surpreendeu ao saber que outros amigos, como Jim Logan, o homem que o introduzira na igreja tanto tempo antes na esquina em Ontário, também haviam fugido ou foram declarados pessoas supressivas. Bill Dendiu, um dos amigos mais próximos de Haggis na hierarquia da igreja,

disselhe que tinha fugido da Gold Base de carro — com efeito, era um Alfa Romeo conversível que Haggis lhe vendera — atravessando a cerca. Ainda tinha cicatrizes na testa que mostravam o ocorrido.

"Em que tipo de organização estamos envolvidos, na qual as pessoas simplesmente desaparecem?", perguntou-se Haggis.

Ele também encontrou vários sites de anticientologia, entre eles Exscientologykids.com, criado por Jenna Miscavige Hill, sobrinha do líder, que entrara na Sea Org aos doze anos de idade. Para ela e muitos outros, a educação formal cessava quando entravam na organização, assim ficando despreparados para a vida fora da igreja. Jenna diz que foi mantida durante grande parte de sua adolescência num acampamento com outras crianças da Sea Org, com pouca supervisão de adultos. Raramente viam os pais. "A gente se cuidava sozinha",[22] lembrava ela.

Por vários anos, Haggis trabalhara com uma entidade beneficente que criou para montar escolas no Haiti. Esses relatos lhe lembraram[23] as crianças escravas que vira naquele país. "Tinham dez, doze anos[24] de idade, assinando contratos de 1 bilhão de anos — e seus pais consentem!", disse ele sobre as crianças da Sea Org. "E trabalham de manhã, de tarde e de noite… Esfregando panelas, trabalho braçal — aquilo me tocou profundamente. Meu Deus, me deixou horrorizado!"

Depois do comportamento de Tom Cruise nos programas *Today* e *Oprah*, Sumner Redstone, presidente do conselho da Viacom, proprietária da Paramount Studios, decidiu não renovar o contrato de Cruise. "Ele afastou todas as mulheres",[25] explicou Redstone. "Estava constrangendo o estúdio. E estava nos custando uma fortuna." Cruise e sua produtora associada de longa data, Paula Wagner, conseguiram um acordo com a MGM para ressuscitar o combalido estúdio da United Artists. Logo depois disso, Wagner abordou Haggis, propondo-lhe um contrato muito generoso. Haggis escreveu um roteiro para eles, um filme infantil de grande orçamento, mas o estúdio estava sob tamanha pressão financeira que não pôde produzi-lo.

Em janeiro de 2008, quando o escárnio em relação a Cruise parecia prestes a acabar, foi postado um vídeo na internet. Era uma entrevista gravada com o astro, um pouco antes de receber a Medalha de Bravura Liberdade, quatro anos antes. Usando uma blusa preta de gola alta, tendo ao fundo o tema musical de *Missão impossível*, Cruise falava aos cientologistas na linguagem que entendiam. "Sendo cientologista,[26] você pode olhar a pessoa e ver claramente que pode ajudá-la", disse ele. "Assim, para mim isso é realmente MCA, e é uma coisa que falo na cara — ela e qualquer outra! —, mas essa diretriz comigo

realmente — *valeu*!” Arremeteu o punho fechado no ar. “Rapaz! Teve um tempo que passei e quando falei, vocês sabem o quê, quando li aquilo fiquei *uau*! É isso! É exatamente isso!”

O vídeo foi lançado no YouTube e visto por milhões de pessoas que não faziam ideia do que Cruise estava falando. Aquele ardor parecia o desvario de um fanático alucinado, mas para os cientologistas era um sermão que tinham ouvido muitas vezes. O “MCA” se refere a uma diretriz que Hubbard escreveu em 1965, chamada “Manter a cientologia em ação”. Na carta da diretriz, Hubbard repreendia os seguidores que se afastavam da via estreita que tinha traçado para eles. Hubbard escreve: “Quando alguém se enscreve [sic],[27] considerem que ele ou ela se juntou por toda a duração do universo — nunca permitam uma abordagem ‘de espírito aberto’. Se eles estão a bordo, estão aqui nos mesmos termos do restante de nós — vencer ou morrer tentando”. E conclui: “Todo o sofrido futuro deste planeta, todo homem, mulher e criança nele, e o próprio destino de vocês pelos próximos trilhões intermináveis de anos dependem do que vocês fazem aqui e agora, com e na cientologia”.

A igreja começou imediatamente a enviar notificações de retirada do vídeo da internet, ameaçando entrar com ações judiciais por violação dos direitos autorais. Uma aliança informal de hackers da internet, autodenominada Anonymous, aproveitou a oportunidade. “A gente era um bando de moleques[28] que não estavam nem aí para nada”, lembra Gregg Housh, um técnico de consertos de computador em Boston que atua como porta-voz informal do grupo. Até aquele momento, nunca tinham protestado contra coisa alguma, mas consideravam a internet o território deles e ficaram ofendidos que a igreja tentasse controlar ao que assistiam. Na verdade, pouco sabiam sobre a cientologia, mas, quanto mais se informavam, mais inconformados ficavam.

“Vamos expulsar vocês[29] da internet e desmantelar sistematicamente a Igreja da Cientologia em sua forma atual”, declararam os Anonymous num vídeo arrepiante que eles mesmos fizeram. “Somos Anonymous. Somos legião. Não perdoamos. Não esquecemos. Aguardem-nos.” Alguns integrantes da coalizão Anonymous lançaram ataques aos provedores nos computadores da igreja, derrubando seus sites por um bom período. Em 10 de fevereiro de 2008, a Anonymous organizou protestos na frente de missões e igrejas da cientologia numa centena de cidades no mundo inteiro. Muitos manifestantes usavam o que agora se transformara no símbolo do Anonymous — a máscara de Guy Fawkes, tirada do filme *V de vingança*.

No centro da polêmica estava Tom Cruise, cercado por todos os lados. Dias depois do lançamento do vídeo de Cruise no YouTube, saiu uma biografia não

autorizada e pouco lisonjeira sobre o astro, escrita pelo autor britânico Andrew Morton, criando uma nova rodada de manchetes — "Cruise perde o controle", "Alegações bombásticas sobre o bebê de Cruise", "Historiador alemão compara discurso de Cruise a Goebbels" — que eram extremamente pessoais e ofensivas. Questões sobre sua religião, a orientação sexual, a relação com a esposa e até a paternidade da filha eram servidas como pratos num banquete para o consumo do público. Diversos altos executivos da United Artists, inclusive a associada de Cruise, Paula Wagner, decidiram sair.

Haggis estava em seu escritório em Santa Monica quando recebeu um telefonema de Cruise. Não ouvia uma palavra sua desde que escrevera a mensagem de retratação pela piada com Spielberg. Haggis ainda tinha contrato com a United Artists, sob a direção de Cruise. Agora o astro tinha um favor[30] a lhe pedir. Queria reunir um grupo de altos cientologistas em Hollywood — Kirstie Alley, Anne Archer e Haggis — para ir ao programa *Oprah* ou ao *Larry King Live* e denunciar os ataques a Cruise como perseguição religiosa. Haggis lhe disse que era uma péssima ideia. Aconselhou a Cruise que parasse de agir como se fosse porta-voz da igreja e voltasse a fazer o que melhor fazia — ser astro de cinema. As pessoas gostavam dele por causa disso, não por ter as respostas para todos os problemas da vida. Também recomendou que tivesse um pouco de senso de humor em relação a si mesmo — algo que costuma faltar na cientologia. Em vez de partir sempre para o ataque, podia simplesmente responder: "É, sei que parece louco,[31] mas para mim funciona".[d]

Cruise, no momento, não quis ouvir o que Haggis tinha a dizer, mas logo depois dessa conversa deu uma guinada em direção à comédia no filme de Ben Stiller *Trovão tropical*, no papel de um executivo de cinema irreverente que se assemelhava a muitos hollywoodianos íntimos de Sumner Redstone. Também voltou ao *Today* para outra entrevista com Matt Lauer. "Passei por[32] arrogante", admitiu ao refletir sobre a entrevista de ambos, três anos antes. "Aquele não sou eu. Não sou aquele sujeito […] Estou aqui para entreter as pessoas […] É isso o que sou e o que quero fazer." Lá fora, pelas janelas do estúdio, uma multidão na praça do Rockefeller Center acenava e mandava beijos.

Haggis estava escalando o elenco para *72 horas*, no verão de 2009, e pediu a Jason Beghe que ensaiasse o papel de um detetive. O papel mais conhecido de Beghe era como o namorado de Demi Moore em *Até o limite da honra*. No final dos anos 1990, quando Haggis trabalhara com o ator de voz rouca num seriado da CBS, *Family Law*, Beghe tinha aparecido algumas vezes como o homem de frente da cientologia. Chegara à igreja, como muitos outros, por meio da Beverly

Hills Playhouse. Velhos materiais de divulgação da igreja mostravam Beghe dizendo que a cientologia é “uma viagem de foguete[33] para a liberdade espiritual”. Beghe diz que Miscavige certa vez falou que ele era “o garoto-propaganda da cientologia”.

“Só quero que você saiba que não estou mais na cientologia”, disse Beghe a Haggis durante o telefonema. “Na verdade, sou um de seus críticos mais diretos. A igreja vai ficar muito descontente se você me contratar.”

“Ninguém me diz[34] quem eu escalo”, respondeu Haggis. Mas, de todo modo, decidiu assistir ao longo vídeo que Beghe havia postado na internet, denunciando a igreja como “destrutiva e aproveitadora”. Haggis achou que ele tinha exagerado, mas perguntou se podiam conversar.

Paul Haggis no set de 72 horas, em Pittsburgh, Pensilvânia.

Os dois se encontraram na Patrick’s Roadhouse, uma lanchonete simples e simpática na Pacific Coast Highway. Beghe estava mais calmo que no vídeo, que agora dizia ser “uma amostra de como eu estava, tendo saído apenas três meses antes”. Ele percebeu que Haggis estava incomodado. Embora tivesse renunciado à igreja, Beghe continuava a usar a cientologia quando falava com ex-membros. Em seus diversos encontros com Haggis, ele empregava técnicas baseadas nas

condições éticas de Hubbard. Vão desde a confusão no nível mais baixo, passam para a traição, a inimizade, a dúvida, a obrigação, a emergência e assim sucessivamente, até o poder. Cada condição tem um conjunto específico de passos que devem ser seguidos para avançar até o estágio seguinte. Supondo que Haggis estava na condição de dúvida, Beghe sabia que a fórmula adequada exigia que ele fornecesse algumas informações.

Contou a Haggis que, no final dos anos 1990, começou a ter problemas emocionais. A igreja recomendou mais sessões de aconselhamento e trabalhos de curso. Retrospectivamente, Beghe achava que não havia servido para nada. "Eu estava pagando para me ferrarem", disse ele, calculando que gastara 600 mil dólares no processo e quase 1 milhão nos treze anos de sua carreira na cientologia. Quando finalmente decidiu deixar a igreja, disse a Tommy[35] Davis que a cientologia estava numa condição de obrigação para com ele. Normalmente, quando um cientologista faz algo errado, sobretudo algo que possa prejudicar a imagem da organização, ele tem de indenizá-la, em geral sob a forma de uma contribuição substancial. Mas agora a situação era invertida, declarou Beghe. Propôs que a igreja comprasse algum terreno e lhe arrendasse a um preço insignificante. "Vocês não têm nenhuma política de reparar os danos, e então estou fazendo isso para o próprio bem de vocês — e o meu", explicou a Davis e outros mais. "Pois não tenho a política de levar no rabo."[e]

Enquanto falava com Haggis, Beghe relutou em usar a expressão "lavagem cerebral" — "seja lá a porra que for" —, mas de fato disse que lhe haviam dominado a mente. "Você pensa em todas essas coisas, todas essas maneiras de olhar as coisas, que são as de L. Ron Hubbard", explicou. "Você pensa que está ficando mais você mesmo, mas por dentro tem uma coisa implantada, que é Você, o Cientologista."

Haggis ficou perturbado ao ouvir Beghe contar o que acontecera depois de sair da igreja. Disse que nenhum de seus amigos da cientologia falava com ele, o filho fora expulso da escola, estava sendo seguido por detetives particulares e sob ameaça de ações judiciais. Talvez porque nunca fora um fiel tão devotado quanto outros membros, Haggis não se sentia tão traído. Disse: "Eu não achava que algum verme tinha se enfiado em meu ouvido e que, se o arrancasse fora, encontraria L. Ron Hubbard e sua doutrina". Mas entendeu que recebera o alerta.

A carta de Haggis a Tommy, de 19 de agosto de 2009, começa bruscamente:

> Como você sabe, faz dez meses que estou escrevendo para lhe pedir que faça uma declaração pública denunciando as ações da Igreja da Cientologia de San Diego. O patrocínio público que ela deu à Proposição 8, a qual conseguiu eliminar os direitos civis dos cidadãos e cidadãs gays da Califórnia — direitos que lhes foram concedidos pelo Supremo Tribunal de nosso estado —, é uma nódoa na

> integridade de nossa organização e uma nódoa em nós como pessoas. Nossa associação pública com aquela legislação cheia de ódio nos envergonha.

A carta mostra um tom magoado e ofendido, misturando as experiências pessoais de Haggis e os resultados de sua investigação individual sobre a igreja. Ele conta como os amigos de Katy Haggis se viraram contra ela quando se anunciou como lésbica. Katy lhe contara que outra amiga havia se candidatado para ser assistente de Jenna e Bodhi Elfman, o casal de atores cientologistas. Lauren Haigney, a sobrinha de Tom Cruise na Sea Org, era a encarregada de examinar as inscrições. Katy diz que Lauren escreveu um relatório dizendo que a amiga de Katy sabidamente frequentava a companhia de lésbicas. A amiga não conseguiu o emprego, disse Katy.[f]

Haggis também relatou a cena na casa de John Travolta e Kelly Preston, quando outro cientologista tratou depreciativamente o garçom gay. “Admiro John e Kelly por muitas razões; uma delas é a maneira como lidaram com aquilo”, declarou Haggis. “Você e eu sabemos que há muito tempo existe um sentimento antigay oculto na igreja. Fiquei chocado muitíssimas vezes ao ouvir cientologistas fazendo comentários depreciativos sobre gays e então citando LRH em sua defesa.” Disse que a decisão da igreja em não denunciar os fanáticos que apoiavam a Proposição 8 foi covardia. “Quem cala consente, Tommy. Eu me recuso a consentir.”

Haggis citou a entrevista de Davis na CNN. Escreveu:

> Vi você negar a diretriz de desvinculamento da igreja. Você disse com todas as letras que não havia essa diretriz, que ela não existia. Fiquei chocado. Todos nós sabemos que essa diretriz existe. Não precisei pesquisar para me certificar. Não precisei ir além de minha própria casa.

Relembrou a Davis o que Deborah havia passado com os pais. “Embora tenha causado a ela um terrível sofrimento pessoal, minha mulher rompeu todos os contatos com eles […] Não é história antiga, Tommy. Foi um ano atrás.” E acrescentou: “Ao ver você mentir com tanta facilidade, fico com medo de perguntar a mim mesmo: sobre o que mais você está mentindo?”.

Na época, disse ele, já lera a série de artigos no *St. Petersburg Times*.

> Eles me deixaram boquiaberto e horrorizado. Não eram alegações feitas por “gente de fora” tentando atirar lama contra nós. Essas acusações foram feitas por altos executivos internacionais que haviam dedicado a maior parte da vida à igreja. Diga-se o que se disser sobre eles agora, foram firmes defensores da igreja, inclusive Mike Rinder, o porta-voz oficial da igreja durante vinte anos!
>
> Tommy, se apenas uma pequena parcela dessas acusações for verdadeira, estamos falando de violações graves e indefensáveis de direitos civis e humanos.
>
> E, quando vi você me garantindo que tudo isso é mentira, que não passa de um ataque pérfido e infundado de um grupo de empregados descontentes, receio ter visto o mesmo rosto que olhou a câmera e negou a diretriz de desvinculamento. Ouvi a mesma voz que manifestou indignação por

nosso apoio à Proposição 8, que prometeu retificá-lo e não fez nada.

Fiquei ali me sentindo indignado e, francamente, pior que um idiota.

Haggis ficou especialmente transtornado com a maneira como a *Freedom*, a revista da igreja, respondera às revelações do jornal. Entre outras coisas, ela apresentou uma longa transcrição anotada das conversas entre Joe Childs e Thomas C. Tobin, os repórteres do *Times*, e representantes da igreja, inclusive Tommy Davis e Jessica Feshbach, os dois porta-vozes internacionais da cientologia, travadas antes da publicação da série. Na matéria da *Freedom*, os nomes dos desertores nunca aparecem realmente, talvez para proteger os cientologistas do choque de ver figuras conhecidas como Marty Rathbun e Amy Scobee denunciando publicamente a organização e seu líder. Rathbun é chamado de "Chefão" e Amy Scobee de "A Adúltera". A certa altura da conversa, Davis disse aos jornalistas que Scobee fora expulsa da igreja porque tivera um caso. Os jornalistas responderam que ela havia negado qualquer contato sexual extraconjugal. "É mentira", retrucou Davis. Feshbach, que estava com uma pilha de documentos, disse: "Ela fez uma admissão por escrito [de] cada uma de suas indiscrições extraconjugais […] Creio que foram cinco".

Quando Haggis leu isso, imediatamente supôs que a igreja obtivera essa informação nas sessões de aconselhamento.[g] Ficou fulo. "Um padre prefere ir preso a revelar segredos do confessionário, por mais que custe a ele ou à igreja", escreveu Haggis.

> Você pegou as admissões mais íntimas de Amy Scobee sobre sua vida sexual, repassou para a imprensa e então espalhou por todas as páginas de seu boletim! […] Essa é a mulher que entrou na Sea Org aos dezesseis anos! Dirigiu toda a rede do Centro de Celebridades e foi uma alta executiva leal à igreja por quanto tempo, vinte anos?

Acrescentou que sabia que a igreja podia fazer a mesma coisa com ele. "Bem, felizmente nunca me apresentei como modelo para ninguém." E concluiu:

> A grande maioria dos cientologistas que conheço são boas pessoas que estão genuinamente interessadas em melhorar as condições neste planeta e em ajudar os outros. Devo crer que, se soubessem o que sei agora, também se sentiriam horrorizados. Mas sei como foi fácil para mim defender nossa organização e desdenhar nossos críticos, sem nunca ter realmente visto o que estavam dizendo; agi assim por 35 anos. […] Só tenho vergonha de ter esperado todos esses meses para agir. Por meio desta, renuncio à minha ligação com a Igreja da Cientologia.

Na época em que Haggis fazia suas pesquisas, o FBI também investigava a cientologia. Em dezembro de 2009, Tricia Whitehill, agente especial do escritório de Los Angeles, foi à Flórida para entrevistar ex-membros da igreja nas salas da agência no centro de Clearwater, que por acaso fica bem na frente da sede espiritual da cientologia. Tom De Vocht, que então falou com Whitehill, ficou com a impressão de que a investigação se prolongaria por muito tempo.

Segundo ele, Whitehill comentou que não revelara o objeto da investigação aos agentes locais, caso houvesse cientologistas infiltrados na agência. Amy Scobee também conversou com Whitehill durante dois dias inteiros, principalmente sobre os abusos que presenciara.

Whitehill e Valerie Venegas, a agente encarregada do caso, também entrevistaram ex-membros da Sea Org na Califórnia. Um deles era Gary Morehead, que desenvolvera o treino de recaptura. Explicou como sua equipe de segurança usava pressão emocional e psicológica para trazer de volta os fugitivos; caso falhasse, usava-se a força física.[h]

Whitehill e Venegas trabalharam numa força-tarefa especial envolvendo tráfico de seres humanos. As leis relativas ao tráfico se referem principalmente à prostituição forçada, mas também dizem respeito ao trabalho escravo. Pela legislação federal, a escravidão é definida, em parte, pelo uso de coerção, tortura, desnutrição, encarceramento, ameaças e violência psicológica. O código penal da Califórnia apresenta diversos indicadores para identificar possíveis vítimas de tráfico humano: sinais de trauma ou fadiga; medo ou incapacidade de falar, devido a medidas de segurança ou censura que impedem a comunicação com terceiros; trabalho num local sem liberdade de se deslocar; dívidas com o empregador; falta de controle sobre os próprios documentos de identidade. Tais condições se assemelham aos relatos de muitos ex-membros da Sea Org que moravam na Gold Base. Mesmo que as alegações sejam provadas, ainda assim será difícil instaurar um processo judicial, em vista do estatuto da cientologia como religião.

Marc Headley escapou da Gold Base em 2005; diz que foi depois de ter sido espancado por Miscavige.[i] Sua defecção foi especialmente penosa para a igreja, pois Marc diz que foi a primeira pessoa a ser aconselhada por Tom Cruise. Na cientologia, o conselheiro espiritual arca com uma responsabilidade significativa pelo progresso de seu orientando. “Se você aconselha alguém[36] e essa pessoa deixa a organização, a culpa é apenas de uma única pessoa — o conselheiro”, explicou Headley. No mesmo ano, Claire, a esposa de Marc, também fugiu. Em 2009, ambos processaram a igreja, alegando que as condições de trabalho na Gold Base violavam as leis trabalhistas e contra o tráfico humano. A igreja respondeu que os Headley eram sacerdotes que haviam se submetido voluntariamente aos rigores de sua vocação e que a Primeira Emenda protegia as práticas religiosas da cientologia. O tribunal acatou esse argumento e arquivou as denúncias do casal Headley, determinando o pagamento de 40 mil dólares à igreja pelas custas processuais.

Em abril de 2010, John Brousseau também fugiu. Da mesma forma, constituía

um sério risco de responsabilização criminal da igreja. Ele fora membro da Sea Org durante décadas; trabalhara pessoalmente para Hubbard; conhecia intimamente Miscavige. Mas o mais preocupante para a igreja era que ele supervisionara ou trabalhara em numerosos projetos especiais para Tom Cruise. Nenhum desses presentes caros e exclusivos se aproxima nem de longe dos milhões de dólares que o astro tem doado à igreja ao longo dos anos, mas o que eles trazem à tona é a questão dos privilégios que uma entidade religiosa isenta de impostos concede a um indivíduo.

Brousseau sabia a que ponto a igreja chegaria para encontrá-lo e recapturá-lo. Foi até Carson City, em Nevada, comprou um *netbook* num Walmart, junto com um *aircard*, e criou um endereço de e-mail criptografado. Enviou uma mensagem a Rathbun, dizendo: "Acabo de sair,[37] estou apavorado e não tenho para onde ir". Rathbun o convidou para o sul do Texas. Supondo que a igreja havia contratado detetives particulares para cercar os cruzamentos principais nas estradas interestaduais, Brousseau usou apenas estradas vicinais. Levou três dias para chegar ao Texas. Estava com um Ford Excursion preto, muito parecido com o que convertera numa limusine para Cruise.

Brousseau e Rathbun se encontraram num restaurante da rede Chili's, perto da cidadezinha de Corpus Christi. Decidiram esconder a caminhonete de Brousseau na casa de um amigo. Então Rathbun registrou Brousseau num hotel da rede Best Western, sob outro nome. Apesar das precauções, dois dias depois, às 5h30, quando Brousseau saiu à sacada para fumar, ouviu uma porta se abrir ao lado e o som de passos em sua direção. Era Tommy Davis, com mais três membros da igreja.

"Olá, J. B.",[38] disse Davis. "Em que merda você se meteu!"

Brousseau se virou e foi embora.

"Aonde você vai?", perguntou Davis.

Brousseau disse que ia tomar um café. Davis e a delegação de cientologistas foram atrás. O Circle K do outro lado da rua ainda estava fechado e, assim, Brousseau entrou no saguão do hotel. Disse à recepcionista:

"Chame a polícia. Esses caras estão me perseguindo."

A moça riu incrédula.

"Temos um quarto aqui também", disse Davis.

Brousseau falou que precisava ir ao banheiro. Tão logo voltou ao quarto, trancou a porta e ligou para Rathbun.

"Marty, eles vieram me pegar."

Depois de ligar para a emergência, Rathbun pegou sua caminhonete para ir ao hotel, mas quatro carros cheios de cientologistas bloquearam o caminho. Ele diz

que eram encabeçados por Michael Doven, ex-assistente pessoal de Cruise.

Brousseau esperou no quarto até a polícia chegar. Davis e os demais foram embora de mãos vazias.[j]

Brousseau falou com Whitehill e Venegas no FBI. Ficou com a impressão de que as agentes federais estavam pensando em fazer uma batida de surpresa na Gold Base. Brousseau diz que lhe mostraram fotos de alta resolução da base, tiradas de um aeroplano operado por controle remoto. Diz que lhe contaram que tinham inclusive anotado os números da cauda do avião de Tom Cruise, caso Miscavige tentasse fugir. Brousseau e outros alegam que tentaram dissuadi-las da ideia, dizendo que uma batida dessas transformaria Miscavige num mártir e, de qualquer forma, ninguém iria testemunhar contra ele. Rinder falou às agentes que seria perda de tempo, pois todos diriam que viviam num "mar de rosas".[39] Ao que consta, a investigação foi abandonada.[k]

Depois de enviar cópias de sua carta de renúncia aos amigos cientologistas mais próximos, Haggis não ficou surpreso quando chegou em casa, alguns dias depois, e encontrou nove ou dez deles esperando no jardim da frente.

"Nem posso imaginar por que vocês estão aqui", disse brincando, mas convidou-os a se sentarem na varanda de trás para conversar.

Anne Archer e o marido, Terry Jastrow, produtor da ABC Sports e ganhador de um Emmy, estavam lá. Mark Isham, compositor que trabalhara por anos com Haggis, foi com a esposa, Donna. Sky Dayton, fundador do EarthLink e do Boingo Wireless, se somou a eles, além de vários outros amigos e um representante da igreja que Haggis não conhecia. Seus amigos podiam estar num anúncio de propaganda da cientologia: ricos, com grandes realizações e casamentos sólidos, que emanavam uma sensação de bem-estar espiritual.

Os cientologistas são treinados para acreditar em seus poderes de persuasão e na necessidade de manter um espírito positivo. Mas o estado de ânimo na varanda de Haggis era de abatimento, e as perguntas dos amigos vinham carregadas de censura.

"Você tem alguma ideia do dano que isso pode causar para um monte de cientologistas maravilhosos?", perguntou Jastrow. "É uma tremenda traição de nosso grupo."

Haggis respondeu que não pretendia criticar a cientologia.

"Adoro a cientologia", disse ele.

Todos sabiam do apoio financeiro que Haggis dava à igreja e quantas vezes saíra em sua defesa. Lembrou aos amigos que estava com eles na Cruzada de Portland, quando fora chamado para escrever os discursos.

Archer tinha uma razão pessoal para se sentir magoada: em sua carta, Haggis chamou o filho dela de mentiroso. Podia entender a dor e a raiva que Haggis sentia pelo tratamento dado a suas filhas lésbicas, mas não achava que isso vinha ao caso. Na opinião dela, a homossexualidade não é problema na igreja. Ela mesma tinha apresentado pessoalmente amigos homossexuais à cientologia.

Isham estava especialmente chateado. Sentia que não conseguiam chegar a Haggis. Entre todos os amigos presentes, Isham era o mais próximo a ele. Os dois tinham uma mesma sensibilidade artística que facilitava trabalharem juntos. Isham ganhara um Emmy pelo tema musical que compôs para o seriado *EZ Streets*, de Haggis, em 1996. Tinha musicado *Crash: No limite* e o último filme de Haggis, *No vale das sombras*. Estava previsto que logo começaria a trabalhar em *72 horas*. Agora tanto a amizade quanto a relação profissional estavam em risco.

Isham estivera analisando a discussão de uma perspectiva cientológica. A seu ver, o estado emocional de Haggis na Escala Tonal naquele momento era 1.1, encobertamente hostil. Adotando um tom logo acima — raiva —, ele esperava retirar Haggis do lugar psíquico em que parecia alojado. Isham tomou o que chama de "decisão intelectual" de ficar bravo.

"Paul, estou fulo da vida", disse a Haggis. "Existem maneiras melhores de fazer isso. Se você tem reclamações, entre na fila." Quem realmente quisesse mudar a cientologia devia permanecer na organização, em vez de sair, argumentou Isham. Todos os seus amigos achavam que, se ele queria mudar a cientologia, que o fizesse de dentro. Queriam que ele se retratasse e voltasse ao aprisco ou, então, retirasse a carta e saísse sem fazer tanto alarde.

Haggis ouviu com paciência. Um postulado fundamental da cientologia é que os diversos pontos de vista devem ser admitidos e ouvidos até o fim. Mas, quando seus amigos terminaram, ainda continuavam bravos e roxos de raiva. Haggis sugeriu que, como bons cientologistas, deviam pelo menos examinar as provas. Remeteu-os aos artigos do *St. Petersburg Times* que tanto o abalaram e a alguns sites mantidos por ex-membros. Explicou que seu atrito era com a administração e a mentalidade da igreja, não com a cientologia em si. Quando lhes enviou cópia da carta de renúncia, foi na esperança de que se horrorizassem como ele diante das práticas que se faziam passar por cientologia. Mas percebia que, muito pelo contrário, tinham se aterrorizado com sua atitude de pedir satisfações à administração da igreja.

Os amigos de Haggis deixaram a reunião com sentimentos ambíguos — "não mais claros do que[40] quando chegamos", disse Archer. O que não se comentou na reunião foi que aquela seria a última vez que qualquer um deles voltaria a falar com Haggis. Isham de fato pensou na sugestão de Haggis para que olhasse

os sites ou lesse os artigos no *St. Petersburg Times*, mas concluiu que “era como ler[41] *Mein Kampf* se quisesse saber alguma coisa sobre a religião judaica”.

Depois daquela primeira conversa com os amigos na varanda de casa, Haggis teve vários encontros demorados com Tommy Davis e outros representantes da igreja. Eles apareciam em seu escritório[42] em Santa Monica — um pequeno prédio vagabundo de tijolos na Broadway, coberto de grafites, como o antro de alguma gangue de bairro. Os executivos levavam pastas cheias de documentos desacreditando pessoas que eles sabiam ou imaginavam que estavam em contato com Haggis. Isso foi em agosto de 2009; a filmagem de *72 horas* em Pittsburgh iria começar dali a poucos dias e o escritório precisava desesperadamente da atenção de Haggis. Seu produtor associado, Michael Nozik, que não é cientologista, estava irritado. Haggis passava horas, dia após dia, atendendo a delegações da cientologia. Chegou a recorrer à própria equipe para acompanhá-lo até o carro, pois sabia que os executivos da cientologia estavam à sua espera e queria dar a impressão de estar ocupado demais para falar com eles — o que era verdade. Mas depois desistiu e recebia-os no escritório para outros longos confrontos.

Numa dessas reuniões, Davis mostrou a Haggis uma diretriz que Hubbard havia redigido, arrolando as ações pelas quais um indivíduo podia ser declarado uma pessoa supressiva. Haggis havia transposto os limites de quatro maneiras.

“Tommy, você está absolutamente certo,[43] fiz tudo isso”, respondeu Haggis. “Se quiser me chamar assim, é o que eu sou.”

“Ainda podemos reverter a situação”, assegurou Tommy, mas isso significava que Haggis teria de retirar a carta e renunciar discretamente.

Haggis ouviu, mas não mudou de posição. Parecia-lhe que, quanto mais falavam, mais os funcionários da cientologia ficavam “lívidos e irracionais”. Por exemplo, Davis e os demais funcionários insistiram que Miscavige não batera nos empregados; os acusadores é que tinham cometido a violência. “Tá, tá, tá”, respondeu Haggis, “tudo bem, digamos que seja verdade, Miscavige nunca encostou um dedo em ninguém. Me desculpem, mas, se alguém em minha organização andasse batendo nas pessoas, eu ia saber! Vocês acham que eu aceitaria uma coisa dessas? E nem sou tão bonzinho assim.” Haggis disse que, se os boatos sobre o gênio violento de Miscavige fossem verdadeiros, isso apenas provaria que mesmo os maiores líderes são sujeitos a falhas. “Vejam Martin Luther King Jr.”, disse, referindo-se a um de seus heróis. “Se a gente olhar a vida pessoal dele, dizem que tinha alguns problemas nessa área.”

“Como você se atreve a comparar Dave Miscavige com Martin Luther King?!”, bradou um dos executivos.

Haggis se irritou. “Achavam que comparar Miscavige a Martin Luther King era rebaixar seu caráter”, disse ele. “Se estavam tentando me convencer de que a cientologia não era um culto, fizeram um serviço muito porco.”[l]

Foram enviadas várias cópias da carta de renúncia de Haggis a membros da igreja, embora poucos fora dos círculos internos tivessem notícia do assunto. Em outubro, a carta chegou a Marty Rathbun. Ele se tornara um porta-voz informal dos dissidentes da cientologia que, como ele, acreditavam que a igreja se afastara dos ensinamentos originais de Hubbard. Rathbun ligou para Haggis, que estava filmando em Pittsburgh, e perguntou se podia publicar a carta em seu blog. “Você é jornalista,[44] não precisa de minha autorização”, disse Haggis, mas pediu que retirasse a parte onde falava do jantar com John Travolta e Kelly Preston e o trecho sobre a homossexualidade de sua filha Katy.

Haggis não pensou nas consequências de sua decisão. Achou que apareceria nuns dois sites. Era escritor, não astro de cinema. Mas Rathbun recebeu 55 mil visitas no blog só naquela tarde.

Na manhã seguinte, a história estava em jornais do mundo inteiro. Haggis recebeu um telefonema de Tommy Davis: “Paul, que porra!”.[45]

---

a Quatro anos antes, a igreja havia feito uma campanha ativa contra a Proposição 63, a Lei dos Serviços de Saúde Mental, que aumentava os impostos para ter mais recursos para os doentes mentais; a proposição foi aprovada.

b Mary Benjamin diz que nunca foram parte na ação.

c Agora chamado *Tampa Bay Times*.

d Bertram Fields, o advogado de Cruise, nega que isso tenha acontecido: “O sr. Cruise nunca pediu ao sr. Haggis ou a qualquer outra pessoa que denunciasse os ataques da mídia ao sr. Cruise no programa *Larry King* ou em qualquer outro lugar, nem para fazer qualquer coisa do gênero”.

e A igreja caracteriza isso como tentativa de extorsão.

f A igreja me encaminhou uma carta da amiga de Katy Haggis, na qual ela nega que perdeu algum emprego por causa da amizade entre ambas e afirma que a igreja acolhe bem a todos, independentemente da orientação sexual. A amiga, cujos pais têm emprego na igreja, não respondeu a um pedido para conversar mais sobre o assunto.

g Tommy Davis me deu uma declaração formal, assinada por Scobee, na qual ela admite que teve ligações fora do casamento. Scobee me disse que foram apenas dois episódios, ambos envolvendo somente um beijo e nada mais. Afirma que não escreveu a declaração formal; diz que apenas assinou na esperança de sair da igreja em bons termos, para poder manter contato com os parentes. A igreja sustenta que não usa informações confidenciais derivadas das sessões de aconselhamento.

h A igreja nega que existam treinos para recapturar os fugitivos.
i Segundo Tommy Davis, “O sr. Miscavige nunca agrediu fisicamente Marc Headley nem alguma outra pessoa”.
j Mais tarde, Davis disse que nunca seguiu um membro da Sea Org que tivesse escapado e que foi apenas ver Brousseau, porque era “um grande amigo meu” (depoimento de Thomas Davis, *Marc Headley vs. Church of Scientology International* e *Claire Headley vs. Church of Scientology International*, Tribunal Distrital dos Estados Unidos, Distrito Central da Califórnia, 2 jul. 2010).
k Valerie Venegas disse a uma de suas fontes que foram funcionários de escalão mais alto que impediram o prosseguimento das diligências; depois ela pôs a culpa em mim, porque eu havia revelado a sindicância e ligara aos agentes para corroborar as informações (Tony Ortega, “FBI Investigation of Scientology: Already Over before We Even Heard of It”, *Village Voice Blogs*, 19 mar. 2012).
l Tommy Davis diz que o nome de Martin Luther King Jr. nunca foi mencionado.

11. Tommy

Quando fiz meu primeiro contato com Davis, em abril de 2010, pedindo sua cooperação para um perfil de Haggis que eu estava escrevendo para a *New Yorker*, ele se mostrou relutante e disse que já tinha passado um mês respondendo a perguntas parecidas. “Fez pouca diferença”,[1] disse ele. “A última coisa em que estou interessado é remexer nisso tudo outra vez.” Davis continuou a me evitar, dizendo que estava ocupado demais, mas sempre prometia que nos encontraríamos quando ele tivesse mais tempo. “Quero que nosso encontro[2] não tenha nenhuma interrupção”, explicou num e-mail. “Vamos planejar passar pelo menos um dia inteiro juntos, pois há muita coisa que eu quero lhe mostrar.” Finalmente, combinamos de nos encontrar no final de semana do Memorial Day.

Tomei um avião até Los Angeles e passei boa parte daquele fim de semana esperando um telefonema dele. No domingo, às 15 horas, Davis apareceu com Jessica Feshbach no hotel onde eu estava. Sentamos a uma mesa no pátio. Davis tem os olhos caídos da mãe. Os cabelos pretos estavam penteados para a frente, com um cacho caindo na testa como um menino. Estava com um terno cor de trigo e uma camisa azul aberta no peito, o qual, entre o pessoal que se bronzeava à beira da piscina, parecia espantosamente pálido. Feshbach, uma mulher esbelta e atraente, torcia nervosamente o cabelo.

Então Davis me falou que “não estava disposto a participar ou contribuir para um artigo sobre a cientologia pelas lentes de Paul Haggis”. Eu tinha ido a Los Angeles especialmente para falar com ele, na data que ele escolhera. Matutei em voz alta se lhe teriam dito para não falar comigo. Ele negou.

“Paul não devia ter[3] postado a carta na internet, talvez”, interveio Feshbach. “Tem muita coisa que devia, não devia, podia, não podia.” Ela disse que acabara de falar com o compositor Mark Isham, que eu havia entrevistado. “Ele lhe falou de nossos textos sagrados que são confidenciais.” Era ofensivo que eu perguntasse sobre as doutrinas secretas da igreja, disse ela, e concluiu: “É uma via de duas mãos”.[a]

“Já falei tudo o que eu tinha a dizer sobre Paul”, disse Davis. Entretanto, ele concordou em responder a eventuais dúvidas de pesquisa de dados.

O jardim atrás da casa de Anne Archer e Terry Jastrow, no bairro Brentwood

de Los Angeles, é um refúgio tranquilo, cheio de oliveiras e beija-flores. Há uma fonte gorgolejante ao lado da piscina. Jastrow estava contando de seu primeiro encontro com Archer, nas aulas de Milton Katselas. Tinha sido convidado por seu amigo David Ladd, filho do lendário Alan Ladd de Hollywood. “Vi essa garota[4] sentada ao lado de Milton”, relembrou Jastrow. “Perguntei: ‘Quem é aquela?’.”

Archer sorriu. Soprava um vento frio do Pacífico e ela pôs um xale, dizendo: “Fomos amigos[5] por um ano e meio antes de começar a namorar”. Casaram-se em 1978.

“Nosso relacionamento realmente funciona”, disse Jastrow. “Atribuímos essencialmente 100% à aplicação da cientologia.”

Os dois falaram das técnicas que os ajudavam, como nunca criticar e nunca interromper o outro.

A cientologia, disse Archer, “não é um ‘credo’”. “São as leis básicas naturais da vida.” Ela definiu L. Ron Hubbard como “um engenheiro, não um curandeiro”, que havia codificado os estados emocionais humanos, para guiar o adepto a níveis mais elevados da existência — “para ajudar o cara a subir na Escala Tonal e sentir gosto e amor pela vida”.

Jastrow tinha sido acólito numa igreja episcopal quando estudava na Universidade de Houston, mas tinha uma série de dúvidas. “Saí no meio da comunhão”, disse ele. “Fui ateu por dez anos. Era nessa condição que estava quando comecei na Beverly Hills Playhouse.” Nunca tinha ouvido falar em cientologia naquela época.

Archer disse que nunca foi afetada pela controvérsia que cerca constantemente a igreja. “Não que eu ignorasse o fato.” Acrescentou que a cientologia está crescendo, apesar das críticas públicas: “Está em 165 países”.

“Traduzida em cinquenta línguas!”, interveio Jastrow. “É a religião que cresce mais rápido.” Segundo sua opinião, “os cientologistas fazem mais coisas boas para mais gente em mais lugares no mundo do que qualquer outra organização jamais fez”. E acrescentou: “Quando você estuda a perspectiva histórica dos novos credos, todos foram…”.

“Atacados”, disse Archer. “Veja o que aconteceu com…”

“Os cristãos!”, disse Jastrow ao mesmo tempo. “Pense nos mórmons e nos cientistas cristãos.”

Falaram sobre o foco da igreja nas celebridades. “Hubbard reconhecia que, se você realmente quer inspirar uma cultura a ter paz, grandeza e harmonia entre os homens, você precisa respeitar e ajudar o artista a prosperar e florescer”, disse Archer. “E, se ele for especialmente conhecido, precisa de um lugar onde possa

se sentir à vontade. E é isso que os Centros de Celebridades oferecem.” Ela criticou a imprensa por se concentrar demais nas celebridades da cientologia e disse que os jornalistas “[…] não escrevem sobre as centenas de milhares de outros cientologistas”.

“Milhões!”

“*Milhões* de outros cientologistas. Escrevem só sobre quatro pessoas!”

Jastrow insinuou que os críticos da cientologia muitas vezes representavam interesses econômicos. Citou psiquiatras, psicólogos, médicos, fabricantes de remédios, farmácias: “Todas aquelas pessoas que ganham a vida, têm lucro, pagam suas hipotecas, pagam os cursos da faculdade, compram seus carros *etc.* nas costas de quem não está bem”.

“Que anunciam nos jornais e na televisão, mais que qualquer outro anunciante”, acrescentou Archer.

“Mas essa é uma questão paralela, querida, em relação ao que estou falando”, retomou Jastrow. “É a primeira vez em toda a experiência dos Estados Unidos com a guerra que há mais doenças mentais por causa do Iraque e do Afeganistão do que doenças físicas”, disse ele, citando um artigo recente do *USA Today*. “Então a doença mental virou um grande negócio.” As drogas apenas mascaram a angústia mental, continuou ele, enquanto “a cientologia resolve a fonte do problema”. A indústria médica e a farmacêutica são “os principais financiadores e patrocinadores da mídia”, e portanto podem exercer “influência sobre as pessoas contando a história completa e verdadeira da cientologia, só por causa do lucro”. Afirmou que apenas a cientologia pode ajudar a humanidade a se corrigir. “Onde mais podemos depositar nossas esperanças?”

“Isso é aprimorar a civilização”, acrescentou Archer.

“Existe alguma outra religião no horizonte que vai ajudar a humanidade?”, perguntou Jastrow. “Só me diga qual. Se não é a cientologia, qual é?”

Anne Archer começou a estudar com Katselas em 1974, dois anos depois do nascimento de seu filho, Tommy Davis. De uma beleza extraordinária, ela era filha de um casal de artistas de sucesso. O pai, John Archer, era mais conhecido nos anos 1930 e 1940 como a voz que apresentava a novela de rádio *The Shadow* [O Sombra]: “Quem sabe o mal que espreita no coração dos homens? O Sombra sabe”, dizia ele no começo do programa. Veio a participar em mais de cinquenta filmes. A mãe, Marjorie Lord, fez o papel da esposa de Danny Thomas na série de TV *Make Room for Daddy*, de grande popularidade. Com essa linhagem, era de esperar que Archer seguisse rumo ao estrelato, mas, quando entrou na Beverly Hills Playhouse, estava saindo de um seriado de TV (*Bob e Carol Ted e Alice*) que não respeitava e que fora cancelado depois da primeira temporada.

Era uma jovem com filho pequeno, num casamento em dissolução, e uma atriz com perspectivas profissionais cada vez menores.

Katselas teve um efeito transformador. Como muitos outros, Archer se sentiu hipnotizada por aquele grego transbordante de energia, com sua barba imponente e uma personalidade forte, que gostava de espicaçar, atazanar, irritar e estimular. Era uma das pessoas mais inspiradoras que Archer conhecera até o momento. Onde tinha adquirido tanta sabedoria? Alguns dos outros alunos lhe disseram que Katselas era cientologista e, assim, ela decidiu experimentar. Começou a ir duas ou três vezes por semana ao Centro de Celebridades para fazer o Programa para Consertar a Vida. “Lembro que saí[6] do prédio, andei até o carro e me senti como se estivesse flutuando. Disse a mim mesma: ‘Meu Deus, nunca fui tão feliz em toda a minha vida. Finalmente encontrei algo que funciona!’.” Acrescentou: “A vida já não parecia tão difícil. Eu retomara o controle”.

Quando Tommy cresceu um pouco, Archer o levava à Playhouse enquanto fazia suas aulas. Ele passeava pelo teatro,[7] entrava na cabine de iluminação e assistia às aulas da mãe aprendendo o ofício. Jastrow comentou como ficou impressionado com a compostura de Tommy, mesmo aos cinco anos de idade. “Sou realmente um bom pai,[8] e foi ele que me ensinou”, disse Jastrow. Deu como exemplo uma vez em que seus próprios pais foram visitá-lo, vindos de Midland, no Texas, para conhecer a nova família do filho Terry. Depois que Jastrow os levou de volta ao aeroporto, Tommy disse: “Notei que seu pai foi bastante rigoroso com você”. Jastrow concordou e disse que o pai dele tinha sido muito severo em sua infância. Tommy continuou: “Eu percebi que você é bastante rigoroso comigo”. Para Jastrow, aquele foi um momento definidor no relacionamento entre ambos. “Entendi que, primeiro, eu queria ser amigo dele”, disse. “Ele comandava aquele relacionamento.”

Anne e Terry logo entraram na cientologia, mas Tommy foi inicialmente criado no credo original da mãe, a ciência cristã. O pai dele, William Davis,[9] era um empresário rico do ramo financeiro e imobiliário, que uma época foi tido como um dos maiores proprietários de terras agrícolas na Califórnia. Era também famoso angariador de fundos para Ronald Reagan e George H. W. Bush e contribuía pessoalmente com 350 mil dólares anuais, segundo as estimativas, para causas republicanas. Embora tenha crescido num meio de celebridades e grandes fortunas, Tommy impressionava as pessoas pela modéstia. Sonhava em fazer algo para ajudar a humanidade. A cientologia parecia um bom caminho.

Paul Haggis conheceu Tommy no Centro de Celebridades em 1989, quando tinha dezessete anos — “um garoto meigo e inteligente”.[10] Aquele encontro se deu num momento crítico da vida de Tommy. Acabava de romper com a

namorada. Archer o levara[11] ao Centro de Celebridades para receber aconselhamento, e lá ele fez um curso chamado Integridade e Valores Pessoais.

A presença de Tommy causou um alvoroço imediato dentro da igreja. A presidente do Centro de Celebridades, Karen Hollander, resolveu que Tommy devia ficar como seu assistente pessoal. Era jovem, riquíssimo e, bonito como era, ele mesmo podia ser um astro de cinema. Tinha crescido entre gente famosa. A combinação era perfeita. Sempre que alguma celebridade entrasse, ali estaria o filho de Anne Archer. Mas isso dependia de atrair Tommy para a Sea Org. Hollander convocou os membros mais jovens de sua equipe para cortejá-lo. John Peeler, então secretário de Hollander, disse a Tommy: "Você pode ir para a faculdade[12] e se formar em alguma besteira, ou pode entrar na Sea Org e prestar o melhor serviço possível à humanidade — e a si mesmo".

Embora Anne e Terry digam que queriam que Tommy fizesse faculdade, eles sabiam do empenho da cientologia em recrutá-lo e não se opuseram. Naquele outono, Tommy entrou na Universidade Columbia, mas ficou apenas um semestre. Nos feriados do Natal, voltou ao escritório de Hollander e, ao sair de lá, contou entusiasmado a Peeler que acabava de assinar o contrato de 1 bilhão de anos.

Sua função com Hollander era atender às celebridades que descansavam ali em volta do escritório da presidente. Lisa Marie Presley era presença frequente, bem como Kirstie Alley e o escritor-diretor Floyd Mutrux. John Travolta aparecia de vez em quando. Sempre havia também um grupo de jovens atores que haviam se criado na igreja, entre eles Giovanni Ribisi e sua irmã Marissa, Jenna Elfman e Juliette Lewis. Davis organizava[13] idas coletivas ao cinema, para assistir a algum filme. Era um rapaz charmoso, atraente, com grande senso de humor e, depois de algum tempo, David Miscavige começou a notá-lo. "Miscavige gostava do fato de[14] ele ser jovem, andar na moda, usar ternos Armani ou Brioni", comentou Mike Rinder. "Tinha uma bela BMW. Era uma imagem que agradava a Miscavige."

Davis se mudou para um alojamento da Sea Org num bairro escuso, na Wilcox Street, em West Hollywood. Era uma grande distância da vida luxuosa que levava até então. Logo foi introduzido a alguns dos segredos internos da organização. Por volta de 1994, viu-se envolvido no abafamento de um caso embaraçoso, quando um conhecido porta-voz da igreja foi filmado em vídeo fazendo sexo com vários outros homens. Amy Scobee diz que os executivos da igreja ficaram num frenesi, receando que o porta-voz fosse exposto como gay. Scobee e Karen Hollander deixaram uma pasta com os materiais de aconselhamento do porta-voz no banco de trás do carro que Hollander tomara

emprestado — que vinha a ser a BMW de Tommy Davis —, pretendendo levar os documentos à Gold Base no dia seguinte, para que os executivos de escalão mais alto examinassem. Como o carro ficou num estacionamento de grande segurança, nem se preocuparam. Mas, naquela noite, Davis voltou tarde. Viu seu carro e decidiu levá-lo de volta para o alojamento da Sea Org. Ao estacionar na Wilcox Street, notou por acaso a pasta, trancou-a no porta-malas e foi dormir.

No dia seguinte, Scobee recebeu um telefonema encabulado de Davis. Ele disse que tinham arrombado o carro e roubado a pasta que estava no porta-malas. "Quando contamos a Tommy[15] o que havia na pasta, ele ficou apavorado", lembra Scobee. "Passou uma semana vasculhando todas as caçambas de lixo." Por fim, alguém entrou em contato com Davis por causa da recompensa que ele havia oferecido e o levou até o ladrão, um desabrigado que estava tentando vender a pasta; o conteúdo, que ainda estava ali, não significava nada para ele. Tommy deu vinte dólares ao sujeito.[b] Davis ficou desapontado[16] porque, devido à busca, não pôde ir à cerimônia em que John Travolta recebeu uma medalha da cientologia.

Davis passou por um período de dúvida e de fato pensou em sair da Sea Org, segundo Scobee, mas depois reconsiderou e se imbuiu de tanto entusiasmo que mandou tatuar no braço o símbolo da Sea Org — uma coroa de louros com 26 folhas, representando as estrelas da Confederação Galáctica. Quando Miscavige descobriu,[17] passou uma descompostura em Davis, dizendo que tinha violado o copyright da igreja.

Davis começou a trabalhar com Marty Rathbun durante seu aconselhamento intensivo a Cruise. Quando Rathbun foi jogado no Buraco, Davis passou a ser mais que um acompanhante do astro. Constituía um elemento de contato com Cruise numa época em que a relação do ator com a igreja ainda não tinha se consolidado, e sua presença constante ao lado do superastro alavancava a imagem da cientologia como uma rede antenada e íntima com os círculos hollywoodianos. Cruise é dez anos mais velho que Davis, mas os dois são fisicamente parecidos, com rosto comprido e maxilar forte, e a semelhança se acentua com o mesmo corte de cabelo espetado. A relação entre eles evoluiu para a amizade, mas era uma amizade que refletia o imenso desequilíbrio de poder entre ambos, bem como a posição de Davis como agente da igreja a serviço de seu bem mais valioso. Até sua ligação com Cruise, Davis era chamado de Tom,[18] mas depois passou a ser Tommy, para diferenciar do astro. Em outros aspectos, ficou mais parecido com ele — nas roupas, no cabelo, na intensidade.

Aos dezenove anos, Davis se casou com uma belga um tanto indistinta,

Nadine van Hootegem, que também estava na Sea Org. “Tomei a decisão[19] para promover os objetivos da cientologia”, disse ela em 1998 ao programa *20/20* da ABC News. “Na verdade, comparo-me um pouco com Madre Teresa.” E acrescentou: “É divertido libertar os homens”. Segundo Mike Rinder, Nadine Davis se envolveu intensamente com o círculo de Tom Cruise. “Lidando com Katie[20] Holmes, de alguma maneira ela fez algo errado”, diz Rinder. “Virou uma não pessoa.” Segundo ele, Tommy foi forçado a se divorciar dela.[c]

Logo depois dos problemas de Cruise em 2005, Tommy Davis foi despachado para Clearwater, para ficar na Força Projeto Imobiliário. Normalmente, a FPI funciona como uma espécie de acampamento de treino para novos membros da Sea Org. Donna Shannon era uma veterinária que chegara a OT VII antes de assinar seu contrato de 1 bilhão de anos. Ficou surpresa ao descobrir que cerca de metade das pessoas sob treinamento eram membros veteranos da Sea Org em castigo, entre eles Davis. Parecia um cara legal e por isso ela ficou perplexa que o submetessem às piores humilhações. “Ele reclamou[21] que tinha ficado até tarde da noite esfregando a lixeira com uma escova de dentes”, lembrou ela, “e então teve de levantar às 6 horas para lavar nossa roupa.” Às vezes ele era exibido na frente dos outros membros da Sea Org enquanto seu oficial de Ética gritava: “Esse cara não é nada! Está mentindo para vocês!”. Só mais tarde Shannon soube que Davis era filho de Anne Archer. (Aliás, Archer também estava na base de Clearwater,[22] fazendo cursos avançados. Um adolescente da Sea Org — Daniel Montalvo, o mesmo que ficava de guarda enquanto Cruise estava em suas sessões de aconselhamento — ficou incumbido de mantê-la na ignorância e garantir que ela nunca topasse com o filho na base.)

Shannon e Davis trabalhavam juntos, cuidando do terreno. “Supostamente eu estava ali para supervisioná-lo”, disse Shannon. “Disseram-me para obrigá-lo a trabalhar muito pesado.” Não foi problema para ele. A certa altura, disse Shannon, ele lhe pediu emprestados cerca de cem dólares, pois estava sem dinheiro para comprar comida.

Um dia, Shannon e Davis pegaram o ônibus para um projeto de trabalho. Shannon perguntou por que ele estava na FPI.

“Pisei na bola. Me meti onde não devia com Tom Cruise”, falou Davis, querendo dizer que tinha estragado algum projeto em que Cruise estava envolvido.

“Então, quais são seus planos agora?”, perguntou ela.

“Só quero fazer minhas coisas e voltar à ativa”, respondeu Davis.

Shannon conta que, de repente “foi como se descesse um véu nos olhos dele, e então Davis disse: ‘Já falei demais’”.

Vários meses depois, Davis lhe devolveu o empréstimo.[d]

Quando terminou na FPI, Davis substituiu Rinder como o principal porta-voz da igreja, pois Rinder estava confinado no Buraco. Uma de suas primeiras tarefas foi lidar com John Sweeney, um repórter agressivo da BBC que estava fazendo uma matéria sobre a cientologia e, até o momento, estava em contato com Rinder. Davis cometeu o erro de admitir a Sweeney que apresentava relatórios diários a Miscavige, prejudicando a imagem do líder como figura inacessível e acima dos problemas. Miscavige arrancou Rinder do Buraco e mandou que fosse ajudar Davis a lidar com a BBC, embora acrescentasse: "Você é criado de Tommy Davis".[23]

Tommy Davis.

Sweeney percebeu imediatamente que Rinder fora rebaixado. Estava "esquelético, de olhos fundos,[24] estranho, com uma ponta de gentileza". Agora Tommy era "o dominante, dentes refulgentes, vestido com elegância, charmoso, mas meio arrepiante". Quando Sweeney não quis aceitar as restrições da igreja (principalmente que não usasse na matéria a palavra "culto") e começou a dar uma cobertura independente às acusações dos dissidentes, passou a ser seguido

por detetives particulares. Apareceu uma equipe de filmagem de cientologistas para registrar a produção do documentário da BBC. As câmeras apontavam para as câmeras. Davis aparecia sem aviso no hotel de Sweeney e chegou a ir ao outro extremo do país para interromper suas entrevistas com dissidentes da cientologia. Sweeney cobrira guerras no Afeganistão, na Bósnia e na Chechênia, mas nunca sofrera tamanha pressão emocional e psicológica. Nesses confrontos, Rinder ia atrás de Davis, com o olhar vazio no espaço enquanto Davis açulava o repórter, enfrentando-o a poucos centímetros do rosto. Quando Sweeney sugeriu que a cientologia é um "culto sádico",[25] Davis, de óculos escuros, conferiu com seu cinegrafista que a câmera estava gravando e disse:

> Agora me escute por um segundo. Você não tem o direito de dizer o que é e o que não é uma religião. A Constituição dos Estados Unidos da América garante o direito de todos a crer e exercer livremente sua crença neste país. E a definição de religião é muito clara. E não é definida por John Sweeney. Pois você se referir constantemente à minha crença nesses termos é muito depreciativo, muito ofensivo e muito preconceituoso. E você ficou repetindo porque queria uma reação como a que está vendo agora. Taí, cara, você conseguiu! Bem aqui, bem agora, estou bravo! Muito bravo!

Davis se virou e foi embora, seguido por Sweeney, que objetava: "É sua vez de me ouvir! Sou um súdito britânico…".

Outro confronto ocorreu na exposição "Psiquiatria: Uma indústria da morte", em Hollywood. Mais uma vez Davis apareceu e se pôs cara a cara com Sweeney. "Você está acusando membros de minha religião de lavagem cerebral!". Ele se referia a uma entrevista anterior que Sweeney fizera com outro cientologista.

"Não, Tommy", respondeu Sweeney, aumentando o volume da voz, "você não estava lá…"

"Lavagem cerebral é crime", disse Davis.

"Me escute! Você não estava lá! No começo! Da entrevista!", gritou Sweeney numa cadência lenta e estranha. "Você não ouviu! Nem gravou! A entrevista!"

"Você entende que lavagem cerebral é crime?", perguntou Davis, sem se abalar com a gritaria raivosa de Sweeney.

A compostura de Davis e sua enérgica defesa da igreja faziam um enorme contraste com o repórter espumante, e depois profundamente mortificado, que pediu desculpas no ar aos telespectadores da BBC.

Em março de 2007, o novo filme de John Travolta, *Motoqueiros selvagens*, uma comédia sobre dois caras de meia-idade que resolvem virar motoqueiros, estava com a estreia marcada na Inglaterra. Preocupados que Sweeney fosse confrontar Travolta durante a divulgação do filme, Rinder e Davis combinaram de ir juntos a Londres, mas Davis não apareceu no dia da viagem. Foram ao quarto dele, mas não o encontraram em lugar nenhum. Rinder teve de ir sozinho a Londres. Soube pela comunicadora de Miscavige que Davis tinha desertado.

Sweeney sentiu imediatamente alguma coisa no ar e ficou amolando Rinder para saber onde estava Davis. Rinder falou que ele estava gripado.

Como parte da divulgação do filme, Travolta chegou à estreia de gala em Londres numa motocicleta. Sweeney estava entre a multidão na Leicester Square, bem distante do astro, gritando: "Você faz parte de um culto sinistro de lavagem cerebral?".[26] O berreiro dos fãs de Travolta encobriu a voz dele.

Mais tarde, Sweeney perguntou a Rinder se era verdade que Miscavige tinha batido nele, alegando que tinha uma testemunha.

"Quem é a testemunha?",[27] perguntou Rinder.

"Quer ficar confidencial porque diz que tem medo."

"John, isso é tão típico de você", respondeu Rinder.

"Ele diz que David Miscavige te derrubou no chão."

"Pura bobagem, bobagem, bobagem, mentira, bobagem."

Rinder ameaçou processar Sweeney se ele levasse ao ar tais alegações. Quando o programa da BBC foi transmitido, não havia nenhuma menção a agressões físicas. Rinder achava que poupara um grande constrangimento à igreja. Mas, longe de agradecer, Miscavige lhe disse que o documentário de Sweeney nunca devia ter saído. Mandou que Rinder se apresentasse às dependências da RPF na Inglaterra. Rinder resolveu dar um basta. Desertou.

Davis ligou para a igreja e voltou voluntariamente de Las Vegas, onde ficara escondido.[e] Foi enviado a Clearwater, onde passou pela verificação de segurança feita por Jessica Feshbach. O objetivo desse procedimento é obter uma confissão usando um E-meter. Pode funcionar como uma forma potente de controlar os pensamentos.

Depois Davis e Feshbach se casaram.

Numa manhã chuvosa no final de setembro de 2010, finalmente consegui meu encontro com Tommy Davis. Aproximava-se a data de publicação do perfil de Paul Haggis que eu havia preparado. Davis e Feshbach, com quatro advogados representando a igreja, foram a Manhattan para nos encontrar: a mim, meu editor Daniel Zalewski, David Remnick, o editor da *New Yorker*, Jennifer Stahl e Tim Farrington, os dois encarregados da verificação de dados da matéria, bem como Peter Canby, chefe do departamento de conferência de dados da revista, e nossa advogada Lynn Oberlander. Quem encabeçava a delegação jurídica da cientologia era Anthony Michael Glassman, ex-assistente da promotoria federal que agora tem um requintado escritório de advocacia em Beverly Hills, especialista em representar artistas de cinema. Em seu site, ele alardeia uma decisão de 10 milhões de dólares contra o *New York Times*. O que estava em

jogo era evidente para todos.

A delegação da cientologia trazia 48 pastas-fichário de material de apoio, que se estendiam por mais de dois metros, para responder às 971 perguntas do pessoal da verificação de dados. Era uma visão impressionante. As etiquetas dos fichários eram organizadas por categoria, como “Desaparecimento de L. Ron Hubbard”, “Tom Cruise”, “Gold Base” e “Envolvimento de Haggis com a cientologia”. Davis frisou que a igreja havia se dedicado muito para preparar a reunião. “Francamente, creio que a única coisa a que se pode comparar é a apresentação que fizemos para a Receita Federal no começo dos anos 1990.”

Sentamos em torno de uma ampla mesa de reuniões, de madeira clara, com o caleidoscópio de luzes da Times Square piscando alegremente ao fundo. Lembro-me em especial da placa do Dunkin’ Donuts por trás de Davis, quando ele começou a apresentação. Primeiro, ele descartou qualquer discussão sobre as escrituras confidenciais da igreja. Comparou a “esfregar uma imagem do profeta Maomé na cara de um muçulmano” ou “insistir que um judeu coma carne de porco”. Depois atacou a credibilidade de algumas fontes do texto, que qualificou de “apóstatas rancorosos”. “São inconfiáveis”, disse ele. “Inventam histórias.” Apresentou um artigo de Bryan Wilson, eminente sociólogo de Oxford e destacado defensor de novos movimentos religiosos (falecido em 2004). Wilson afirma que o testemunho de ex-membros deve ser tratado com ceticismo, comentando:

> O apóstata geralmente precisa de autojustificativa. Procura reconstruir seu passado de modo a justificar suas filiações anteriores e responsabilizar os que foram previamente seus associados mais próximos. […] Tem a tendência de ser sugestionável e pronto a aumentar ou enfeitar seus motivos de queixa para satisfazer àquela espécie de jornalista cujo interesse consiste mais num material sensacionalista que numa apresentação objetiva da verdade.

Davis tinha destacado essa última parte em relação a mim.

Como exemplo, Davis citou Gerald Armstrong, o ex-arquivista da cientologia que recebeu 800 mil dólares num acordo, numa ação por fraude contra a igreja em 1986. Davis acusou Armstrong de ter forjado muitos dos documentos que depois disseminara para desacreditar o fundador da igreja, mas não apresentou nenhuma prova que desse conteúdo à sua acusação. Fez circular pela mesa uma foto de Armstrong que, segundo ele, mostrava o arquivista “sentado nu” com um globo gigante no colo. “Essa foto estava num artigo de jornal que ele fez, em que afirmava que todos deviam renunciar ao dinheiro”, disse Davis. “Não é um indivíduo muito sensato.”[f]

Davis também exibiu fotos do que disse serem hematomas apresentados pela ex-mulher de Mike Rinder em 2010, depois que o marido a agrediu fisicamente num estacionamento da Flórida.[g] A seguir, Davis mostrou uma foto policial de

Marty Rathbun com uniforme de prisioneiro, depois de ser detido em New Orleans em julho de 2010, por embriaguez em público. “Preso por estar bêbado no cruzamento da Bourbon com a Toulouse?”, gracejou Davis. “É como ser preso por ser leproso numa colônia de leprosos.” Outros desertores, como Claire e Marc Headley,[28] eram “as pessoas mais desprezíveis do mundo”. Jefferson Hawkins era “um mentiroso inveterado”.

Se eram tão repreensíveis, perguntei, como todos eles tinham chegado a posições tão altas na igreja?

“Não eram assim quando estavam nessas posições”, respondeu Davis.

Os desertores sobre os quais falávamos não só tinham alcançado posições de responsabilidade dentro da igreja, como também haviam ascendido na escala cientológica da realização espiritual. Sugeri que a cientologia não parecia muito eficaz se nos níveis máximos de elevação espiritual havia, na verdade, mentirosos, adúlteros, espancadores da esposa, bêbados e malversadores.

“É uma religião”, respondeu Davis num tom tocante. “Ela aspira à grandeza, à esperança, à humanidade, à liberdade espiritual. Para sermos maiores do que somos. Para nos elevarmos acima de nossos instintos humanoides e covardes.” A cientologia não pretende ser perfeita, disse ele, e não devia ser julgada pelos desvios de alguns apóstatas. “*Eu* não faço coisas assim”, disse Davis. “Não suborno perjuros, não destruo provas, não minto, ao contrário do que diz Paul Haggis.” Ele falou de sua frustração com Haggis depois da renúncia: “Se ele se sentia tão perturbado e abalado com os fundamentos da cientologia […] por que raios ficou 35 anos?”. E prosseguiu: “Ele escondeu que era cientologista com alguma intenção de avançar na carreira?”. Abanou a cabeça mostrando desagrado. “Penso que ele é a pessoa mais hipócrita do mundo.” Davis julgava que tinha feito tudo o que estava a seu alcance ao tratar com Haggis a questão da Proposição 8. Acrescentou que o sujeito que cometera o erro de incluir a igreja de San Diego na lista de apoiadores da iniciativa — não deu seu nome — fora “disciplinado” pelo fato. Perguntei o que isso significava. “Foi repreendido por um membro da equipe da organização local”, explicou Davis. “Foi afastado.”

Davis considerou que eu estava ressaltando demais a questão das pessoas supressivas na matéria. “Você sabe quantas pessoas existem no mundo, no total, que foram declaradas supressivas?”, perguntou retoricamente. “Umas 2 mil ao longo dos anos. No máximo.” Disse que, na verdade, muitos tinham recuperado boa posição. “Mas, de novo, você está caindo na armadilha de definir nossa religião pelas pessoas que saíram.”

Hubbard dissera que apenas 2,5% da humanidade era supressiva, mas um dos problemas que enfrentei ao escrever sobre a cientologia, especialmente seus primórdios, é que a grande maioria das pessoas que tinham sido próximas de

Hubbard havia saído discretamente da igreja ou fora declarada supressiva. Alguns, como Pat Broeker, adotaram a clandestinidade. Muitos, como David Mayo, haviam assinado acordos com cláusulas de confidencialidade. Os que continuavam na igreja me eram inacessíveis.[h]

Conversamos sobre as alegações de agressão física apresentadas por muitos ex-membros contra Miscavige. “As únicas pessoas que corroborarão isso são seus colegas apóstatas”, disse Davis. “São um bando de mentirosos metidos a santinhos.” Ele apresentou declarações formais de outros cientologistas, refutando as acusações. Notou que, nas histórias sobre Miscavige, a violência sempre parecia surgir do nada. “É de imaginar que, se tivesse acontecido alguma coisa assim, o que certamente não ocorreu, por alguma razão haveria de ser”, disse Davis.

Eu também tinha indagado sobre aqueles rompantes. Quando Rinder e Rathbun estavam na igreja, diziam que as alegações de violência eram infundadas. Depois de sua defecção, Rinder disse que Miscavige batera nele cinquenta vezes. Rathbun contara ao *St. Petersburg Times* em 1998 que, nos vinte anos em que trabalhara próximo de Miscavige, nunca vira o líder bater em ninguém. “Não é de seu temperamento”,[29] havia dito. “Ele possui poder pessoal suficiente para não precisar recorrer a coisas assim.” Mais tarde, ele admitiu ao *Times*: “Essa foi a maior mentira[30] que eu disse a vocês”. Também confessou que, em 1997, ordenou a destruição de documentos incriminadores no caso de Lisa McPherson, a cientologista que morreu de embolia enquanto estava aos cuidados da igreja. Se esses homens eram capazes de mentir para proteger a igreja, não seriam também capazes de mentir para destruí-la?

Todavia, onze ex-membros da Sea Org me contaram que tinham sido agredidos por Miscavige; 22 me contaram ou atestaram em tribunal que haviam presenciado uma ou mais agressões do líder a outros membros do pessoal da igreja.[i] Marc Headley, um dos que afirmam que Miscavige os espancou em várias ocasiões, disse conhecer mais trinta pessoas agredidas pelo líder da igreja. Rinder afirma que presenciou[31] a agressão contra outros catorze executivos, alguns em diversas ocasiões, como o idoso presidente da igreja, Heber Jentzsch, que está no Buraco desde 2006. Alguns receberam bofetadas, outros levaram socos, chutes ou estrangulamentos. Lana Mitchell,[32] que trabalhou no escritório de Miscavige, viu o líder dar um soco no estômago de seu irmão Ronnie durante uma reunião. Mariette Lindstrom, que também trabalhou no escritório de Miscavige, presenciou vinte agressões. “Você fica bem calejada”,[33] reconheceu ela. Ela viu Miscavige bater repetidamente as duas cabeças juntas de seus altos executivos Marc Yager e Guillaume Lesevre, até sair sangue do ouvido de

Lesevre. Tom De Vocht diz que testemunhou as agressões de Miscavige a outros membros do pessoal cerca de cem vezes. Outros que nunca viram tais violências falaram do medo da cólera do líder que sentiam constantemente.

As agressões muitas vezes saíam do nada, “num estalar de dedos”, como descreveu John Peeler. Bruce Hines, que em 1994 era conselheiro espiritual de alto nível, me contou que, antes de ser agredido, “ouvi a voz dele no corredor, grave e inconfundível, ‘Onde está aquele desgraçado?’. Olhou em meu escritório. ‘Aqui está ele!’ Sem dizer mais nada, entrou e me deu uma bofetada. Não caí. Foi então que me puseram na RPF. Fiquei encarcerado durante seis anos”.

Davis admitiu que o episódio da dança das cadeiras tinha ocorrido, embora a igreja negue a existência do Buraco, que foi onde se deu o ocorrido. Ele explicou que Miscavige tinha passado algum tempo fora da Gold Base e, quando voltou, descobriu que muitos cargos haviam sido redistribuídos sem sua permissão. A intenção da brincadeira era mostrar como mudanças tão grandes podem prejudicar uma organização. “Todo o resto é um monte de exagero, alarde e invenção”, disseme Davis. “Cadeiras quebradas, pessoas sob ameaça de ser enviadas para lugares remotos do mundo, compra de passagens aéreas, separação dos casais *etc.* Quer dizer, não passa de maluquice!”

A delegação da cientologia protestou contra o teor negativo das perguntas da *New Yorker* sobre o líder da igreja, inclusive detalhes tão ínfimos, como se ele tinha ou não uma câmara de bronzeamento, e reclamou: “Quer dizer, afinal é a *New Yorker*. Está parecendo o *National Enquirer*”. Não disse qual era o salário de Miscavige (a igreja não é obrigada a revelar publicamente essa informação), mas ridicularizou a ideia de que o líder da igreja mantivesse um estilo de vida luxuoso. Segundo ele, Miscavige não vivia na escala de ostentação de muitos outros líderes religiosos. “Nada de anelões. Nada de roupas elegantes de seda”, disse. “Nada de mansão. Não há nada disso. Nada, nada, nada. Zero, zerinho.” Quanto aos extravagantes presentes de aniversário dados ao líder da igreja, Davis disse que era tradição dos membros da Sea Org trocar presentes em seus aniversários. Era “simplesmente irritante” de minha parte insistir apenas em Miscavige.

“Não é verdade que ele ganhou de aniversário uma motocicleta, ternos chiques e jaquetas de couro?”, perguntei.

“Uma vez eu lhe dei uma jaqueta de couro”, admitiu Davis.

“Então é verdade?”, indaguei. “Uma moto, ternos chiques?”

“Nunca soube disso”, respondeu ele. “E, quanto a ternos chiques, eu tenho alguns, sim. A igreja comprou este aqui.” De fato, ele estava com um belo terno feito sob medida, com verdadeiras casas de botões na manga. Explicou que, para

finalidades da Receita Federal, era tido como um uniforme. Quando os membros da Sea Org se misturam ao público, explicou ele, vestem-se apropriadamente. “Chama-se Uniforme K.”

Davis não me permitiu falar com Miscavige; além disso, nem ele nem os outros membros do grupo se dispuseram a falar sobre suas experiências pessoais com o líder da igreja.

Perguntei sobre Shelly Miscavige, a esposa desaparecida do líder. John Brousseau e Claire Headley creem que ela foi levada para Running Springs, perto de Big Bear, na Califórnia, um dos vários locais onde as obras de Hubbard ficam guardadas em criptas subterrâneas. “Ela vai sumir de vista,[34] sumir da mente até o dia em que morrer”, previra Brousseau, “como Mary Sue Hubbard.”

Na reunião, Tommy Davis me falou: “Sei exatamente onde ela está”. Mas não revelou a localização.

Davis trouxe à tona a sociedade de magia negra de Jack Parsons, na qual, segundo ele, Hubbard havia se infiltrado. “Ele foi enviado para lá por Robert Heinlein, que estava dirigindo operações secretas oficiosas para o serviço de informações da Marinha naquela época.” Davis disse que a igreja procurara maiores documentações para sustentar a afirmação. “Uma biografia de Bob Heinlein, que acabou de sair três semanas atrás, realmente confirmou o fato num nível que nunca conseguíramos antes, por causa de alguma coisa que o biógrafo encontrou.”

O livro a que se referia Davis é o primeiro volume de uma biografia autorizada de Heinlein, escrita por William H. Patterson Jr. Não há ali nenhuma menção que Heinlein tenha enviado Hubbard para desmontar a sociedade de Parsons. Escrevi a Patterson, perguntando se suas pesquisas davam base à asserção da igreja. Ele respondeu que os cientologistas tinham sido a fonte primária da alegação e lhe haviam fornecido uma série de documentos que supostamente a respaldavam. Patterson afirmou que o material não dava base às asserções factuais mantidas pela igreja. “Não consegui estabelecer[35] nenhuma ligação direta entre os fatos da vida de Heinlein na época e aquela narrativa ou qualquer um dos documentos de apoio”, escreveu Patterson. (O livro revela que[36] a segunda esposa de Heinlein, Leslyn, teve um caso amoroso com Hubbard. É interessante notar, já que Hubbard condenava a homossexualidade, que a esposa acusou o marido, Heinlein, de ter tido também um caso com ele.)

“Mesmo aquelas alegações de Sara Northrup”, prosseguiu Davis, mencionando a mulher que era a namorada de Parsons antes de fugir com Hubbard. “Ele nunca se casou com Sara Northrup. Ela entrou com pedido de divórcio numa tentativa de criar um falso registro de que tinha se casado com

ele.” Disse que havia uma nuvem de suspeita sobre ela, mesmo quando vivia com Parsons. “Sempre se considerou que ela fora enviada pelos russos”, declarou ele. “Nunca consigo pronunciar o nome dela. Seu nome verdadeiro é russo.”

Davis se referia a uma acusação que Hubbard fizera certa vez, ao dizer que a esposa era uma espiã comunista chamada Sara Komkovadamanov.[37] “Foi uma das razões pelas quais L. Ron Hubbard nunca teve um relacionamento com ela”, prosseguiu Davis. “Nunca teve um filho com ela. Não eram casados. Mas de fato ele lhe salvou a vida e a arrancou de todo aquele círculo de magia negra.” Davis falou que Sara “tinha um parafuso a menos, para usar uma expressão feita”. Entre os fichários, ele incluíra uma carta dela, datada de 11 de junho de 1951, poucos dias antes do processo de divórcio:

> Eu, Sara Northrup Hubbard, declaro por meio desta que as coisas que falei sobre L. Ron Hubbard nos tribunais e nas publicações da imprensa foram extremamente exageradas ou são inteiramente falsas.
>
> Em momento algum jamais considerei que L. Ron Hubbard fosse outra coisa senão um homem bom e brilhante.

Ela prosseguia: “No futuro, quero levar uma vida calma e pacata com minha filhinha, longe das influências enturbulantes que arruinaram meu casamento”. (De fato, Sara levou uma vida calma e pacata até sua morte, por câncer de mama, em 1997. Ela explicou suas razões para gravar as fitas nos últimos meses de vida: “Não estou interessada em vingança.[38] Estou interessada na verdade”.)

A reunião com a delegação da cientologia se prolongou pelo dia inteiro. Serviram-se sanduíches. Davis e eu discutimos uma afirmação que Marty Rathbun me fizera, sobre a história da criação do OT III. Quando Hubbard estava no exílio, disse Rathbun, ele escreveu um memorando sugerindo uma experiência na qual os cientologistas em ascensão saltariam o nível OT III — memorando que, segundo Rathbun, Miscavige mandara destruir. “De todas as alegações que estão aqui”, disse Davis, acenando a pasta com as perguntas da conferência de dados, “essa é talvez, de longe, a mais absolutamente caluniosa, sem dúvida.” Explicou que o alicerce da fé eram os escritos do fundador. “O material do sr. Hubbard deve ser e é aplicado exatamente como está escrito”, disse Davis. “Nunca é alterado. Nunca é modificado. E provavelmente não poderia existir na religião da cientologia nenhuma transgressão mais herética ou mais abominável que alterar a tecnologia.”

Mas algumas referências depreciativas à homossexualidade, encontradas em algumas edições dos livros de Hubbard, não tinham sido alteradas depois de sua morte?

Davis concordou, mas manteve que “as edições atuais foram 100%, absolutamente, totalmente verificadas como estando de acordo com o que o sr. Hubbard escreveu”. Davis disse que foram conferidas com o ditado original de Hubbard.

“O grau de alteração das referências à homossexualidade se deve a erros de ditado?”, perguntei.

“Não, se deve à inserção, imagino eu, de algum preconceituoso”, respondeu Davis. “A questão é que não foi o sr. Hubbard.”

“Alguém pôs o material naqueles…”

“Estou só imaginando”, atalhou Davis.

“Quem teria feito isso?”

“Não faço ideia.”

“Hmm.”

“Não creio que isso realmente tenha importância”, disse Davis. “A questão é que nem o sr. Hubbard nem a igreja têm opinião alguma sobre o tema da orientação sexual de quem quer que seja…”

“Alguém inseriu palavras que não eram dele no material que foi divulgado sob o nome dele e agora isso foi corrigido?”, perguntei, tentando ser claro.

“É, só posso supor que foi o que aconteceu”, disse Davis. “E, aliás, o filho dele não é gay”, acrescentou, referindo-se a Quentin Hubbard.

Durante sua exposição, Davis apresentou um vídeo magnificamente produzido que mostrava as iniciativas mundiais da cientologia com programas de alfabetização e de educação sobre as drogas, a tradução das obras de Hubbard em dezenas de línguas e as instalações de luxo na Gold Base. “A verdadeira pergunta é: quem produziria o tipo de material que produzimos, faria o tipo de coisas que fazemos e montaria o tipo de estrutura organizacional que montamos?”, indagou Davis. E prosseguiu:

> Ou que tipo de homem, como L. Ron Hubbard, passaria uma vida inteira pesquisando, reunindo o tipo de material, sofreria todas as provações e tribulações, passaria por todas as coisas que ele passou na vida […] ou mesmo as coisas pelas quais nós, como indivíduos, temos de passar, como parte da nova religião? Trabalhar sete dias por semana, 365 dias por ano, durante catorze, quinze, às vezes dezoito horas por dia, por pura, total, completa dedicação à nossa fé. E fazer tudo isso para quê? Como uma espécie de impostura? Só para enganar todo mundo?

E concluiu: “É ridículo. Ninguém trabalha tanto assim para enganar os outros. Ninguém dorme tão pouco para prejudicar seu semelhante”.

Chegamos à seção das perguntas relacionadas ao histórico de guerra de Hubbard. Com a voz cheia de emoção, Davis disse que, se fosse verdade que Hubbard não sofrera ferimentos, então “os ferimentos que ele tratou com os procedimentos da dianética nunca foram tratados, porque os ferimentos não

existiam; portanto, a dianética se baseia numa mentira; portanto, a cientologia se baseia numa mentira". E concluiu: "O fato é que o sr. Hubbard foi um herói de guerra".

Creio que todo o pessoal da *New Yorker* ficou perplexo com essa ousada equação, que parecia justa e até demonstrável. Como prova de sua afirmativa de que Hubbard fora ferido, Davis apresentou uma carta do Hospital da Marinha dos Estados Unidos em Oakland, de 1º de dezembro de 1945. A carta declara que Hubbard fora hospitalizado naquele ano por causa de uma úlcera do duodeno, mas foi declarado "apto para o dever". Davis havia destacado uma passagem da carta: "Vista muito fraca, começando com conjuntivite actínica em 1942. Coxeadura no quadril direito por ferimento ligado ao serviço. Infecção no osso. Todo o serviço cumprido, sem má conduta". David acrescentou posteriormente que, segundo Robert Heinlein, os tornozelos de Hubbard tinham sofrido uma "lesão como perfuração do tímpano"; isso pode ocorrer, explicou Davis, "quando um navio é torpedeado ou bombardeado".

Apesar dos pedidos subsequentes para apresentar outros registros, esse foi o único documento que Davis apresentou para provar que o fundador da cientologia não estava mentindo sobre seus ferimentos de guerra. No entanto, os registros médicos de Hubbard mostram que, apenas cinco dias depois de receber a mensagem do médico, ele pediu uma pensão[39] por conjuntivite, úlcera, distensão no joelho, malária e artrite na coxa e no ombro do lado direito. Sua vista não tinha mudado muito em relação ao que era antes da guerra. Foi o mesmo período durante o qual Hubbard alegou que ficara cego e irremediavelmente aleijado.

Davis reconheceu que alguns dos registros médicos de Hubbard não corroboravam a versão dos fatos dada pelo fundador. A própria igreja, disse ele, ficara desconcertada com as contradições entre a história de Hubbard e os registros médicos oficiais. Mas afirmou que havia outros registros que *realmente* confirmavam a versão de Hubbard, baseados em diversos documentos que a igreja reunira. Perguntei de onde tinham vindo os documentos. Davis explicou: "De St. Louis, dos arquivos do serviço militar e da Marinha. E a igreja também os conseguiu por várias vias de pesquisas. Encontrando pessoas, obtendo relatos das pessoas".

O homem que examinou os registros e solucionou o dilema, disse Davis, foi "o sr. X", e explicou: "Todo mundo que viu *JFK* lembra uma cena na avenida, onde o personagem de Kevin Costner encontra um homem chamado sr. X, que é interpretado por Donald Sutherland". No filme, o sr. X é um agente secreto amargurado que explica que o assassinato de Kennedy foi, na verdade, um golpe

armado pelo complexo industrial-militar. Na vida real, disse Davis, o sr. X era o coronel Leroy Fletcher Prouty, que havia trabalhado no Departamento de Operações Especiais do Pentágono. (Oliver Stone, que dirigiu *JFK*, diz que o sr. X era um personagem composto, baseado em parte em Prouty.) Nos anos 1980, Prouty trabalhou como consultor para a cientologia e era colaborador frequente na revista *Freedom*. "No fim, estávamos tão incomodados com essa questão dos registros médicos conflitantes que levamos todos os registros do sr. Hubbard a Fletcher Prouty", disse Davis. Prouty falou aos representantes da igreja que, como Hubbard tinha um "histórico no serviço secreto", seus registros tinham sido submetidos a um processo chamado *sheep-dipping*.[j] Davis explicou que era uma gíria militar para "o que é feito a um conjunto de registros de um agente do serviço secreto. Criam, essencialmente, dois conjuntos". (Prouty morreu em 2001.)

O sol estava se pondo e a placa da Dunkin' Donuts brilhava mais. Quando a reunião estava finalmente para se encerrar, Davis fez um apelo pedindo compreensão. "Somos uma organização que é nova, rija, diferente e que tem passado por montes de dificuldades, com seus altos e baixos", disse ele. "E o fato é que ninguém vai ter tempo de corrigir a história."

Davis apostara grande parte de sua argumentação na veracidade dos registros militares de Hubbard. O pessoal da conferência de dados já enviara uma solicitação, amparada pela Lei de Liberdade de Informação, pedindo todos esses materiais aos Arquivos Nacionais em St. Louis, onde ficam guardados os registros militares. Essas solicitações podiam se arrastar além dos prazos de entrega da matéria, e nosso tempo estava curto. Uma assistente editorial, Yvette Siegert, pegou um voo até St. Louis para agilizar as coisas.

Enquanto isso, Davis me enviou a cópia de um documento que, segundo ele, confirmava claramente o heroísmo de Hubbard: um "aviso de desligamento do Serviço Naval dos Estados Unidos", com a data de 6 de dezembro de 1945. O documento especifica as medalhas concedidas a Hubbard, entre elas uma Coração Púrpura com Palma, indicando que fora ferido duas vezes em ação. Mas John E. Bircher, o porta-voz da Ordem Militar da Medalha Coração Púrpura, me escreveu contando que a Marinha usa estrelas de ouro e de prata, "NÃO uma palma",[40] para indicar múltiplos ferimentos. Davis incluiu uma fotografia das medalhas supostamente conferidas a Hubbard, mas duas delas ainda nem tinham sido criadas na época em que Hubbard saiu da ativa.

Houve um incêndio[41] nos arquivos de St. Louis em 1973 que destruiu muitos documentos, mas Yvette voltou com mais de novecentas páginas que, insistiram os arquivistas, seria a totalidade dos registros militares de Hubbard. Em nenhum

lugar do material sobre Hubbard consta menção a algum ferimento em batalha ou fratura nos pés. Os raios X tirados do quadril e ombro direitos de Hubbard mostravam depósitos de cálcio, mas não havia nenhum indício de problema nas juntas ou nos ossos dos tornozelos.

Há um aviso de desligamento nos registros oficiais, mas não é o que Davis me enviou. As diferenças entre os dois documentos são expressivas. O documento de St. Louis cita que Hubbard recebeu quatro medalhas por serviço, mas não indica nenhuma distinção ou bravura. O documento da igreja cita, falsamente, que Hubbard completou quatro anos de faculdade, recebendo o diploma de engenharia civil. O documento oficial registra corretamente dois anos de faculdade e nenhum diploma.

O aviso de desligamento oficial estava assinado pelo subtenente J. C. Rhodes, que também assinou a papelada da baixa de Hubbard. No documento da igreja, o oficial que assinou o desligamento de Hubbard foi "Howard D. Thompson, V.-Com.". O material oficial inclui uma carta de 2000 a outro pesquisador, que escrevera pedindo mais informações sobre Thompson. Um analista junto aos Arquivos Nacionais respondeu que foram examinados os registros dos oficiais navais comissionados daquela época e "não havia nenhum Howard D. Thompson[42] arrolado".

A igreja, depois de ser informada de tais discrepâncias, declarou: "Nosso especialista em registros militares nos deu o parecer de que, em sua opinião abalizada, não há *nada* no aviso de Thompson que o levasse a questionar sua validade". Eric Voelz e William Seibert, dois arquivistas de longa data no edifício de St. Louis, examinaram o documento da igreja e declararam que era forjado.[k]

Eric Voelz acrescentou à *New Yorker*: "Os Estados Unidos nunca[43] distribuíram Corações Púrpura com uma palma". Disse que as aspas, que aparecem no documento fornecido pela igreja, geralmente não são usadas em tais formulários. A fonte usada também é suspeita, pois não era compatível com o tamanho ou o estilo da época. Voelz nunca ouviu falar em "Medalha da Marinha" e questionou as "Meds. Vit. Hol. Brit." encontradas no documento da igreja, dizendo que as medalhas concedidas por países estrangeiros não são listadas num aviso de desligamento, e que, de todo modo, era improvável que fossem concedidas a um americano.

Poucos meses depois dessa reunião, Davis e Feshbach deixaram de representar a cientologia, embora ainda continuassem listados como os principais porta-vozes no site da igreja. Segundo rumores de ex-membros, Davis desertou,[44] mas foi recuperado e novamente submetido a verificações de

segurança. A seguir, Feshbach ficou gravemente doente. Segundo a igreja, estão em licença de afastamento da Sea Org por razões de saúde. Agora moram no Texas. Quando falei com Davis pela última vez, ele disse: “Creio que devo avisá-lo de que minhas lealdades não mudaram, de maneira nenhuma”. E acrescentou: “Não tenho mais de responder a suas perguntas”.

---

a Em meu encontro com Isham, ele tinha afirmado que a cientologia não é uma “religião baseada na fé”. Deixando de lado a questão de uma religião sem fé, comentei que, nos níveis mais altos da cientologia, havia uma cosmologia que tinha de ser aceita com base na fé. Isham respondeu que não ia comentar os detalhes do OT III e, ademais, eu nem lhe pedira isso. Ele me falou: “Você sabe, a única razão pela qual é confidencial é porque, em mãos erradas, pode fazer mal às pessoas”, evidentemente se referindo à advertência de Hubbard, dizendo que aqueles que não estavam espiritualmente preparados para receber as informações morreriam de pneumonia.

b A igreja nega que isso tenha ocorrido. Davis admite que perdeu a pasta, mas alega que não havia nenhum vídeo com cenas de sexo dentro dela.

c Davis diz que se separou da esposa por diferenças irreconciliáveis e que “não teve nada a ver com a organização”.

d Davis diz que não se lembra de Shannon, nunca esfregou uma lixeira e não precisa pegar dinheiro emprestado.

e Davis nega que tenha desertado ou que estivesse em Las Vegas. Noriyuki Matsumaru, que na época era um funcionário financeiro no Centro de Tecnologia Religiosa, me disse que ficou encarregado de aplicar o castigo de Davis quando ele voltasse.

f Armstrong me disse que, na verdade, estava com um calção de corrida na foto, mas que não aparecia por causa do globo. Seu acordo com a igreja o proibia de falar sobre a cientologia, proibição que ele tem ignorado, e a igreja ganhou duas ações por quebra de contrato contra ele, inclusive uma decisão de 500 mil dólares em 2004, que Armstrong não pagou. Distribuiu a maior parte de seu dinheiro e continua a falar abertamente sobre a igreja.

g Rinder nega que tenha feito alguma violência à esposa. Um relatório policial corrobora isso.

h Nessa época, Paul Haggis não fora declarado supressivo. Mais tarde foi.

i Lista dos que me contaram que tinham sido fisicamente agredidos por David Miscavige: Mike Rinder, Gale Irwin, Marty Rathbun, Jefferson Hawkins, Tom De Vocht, Mark Fisher, Bruce Hines, Bill Dendiu, Guy White, Marc Headley e Stean Castle. Lista dos que disseram ter presenciado tais agressões: John Axel, Marty Rathbun, Janela Webster, Tom De Vocht, Marc Headley, Eric Knutson, Amy Scobee, Dan Koon, Steve Hall, Claire Headley, Mariette Lindstrom, John Peeler, Andre Tabayoyan, Vicki Aznaran, Jesse Prince, Mark Fisher, Bill Dendiu, Mike Rinder, David Lingerfelter, Denise (Larry) Brennan, Debbie Cook e Lana Mitchell. Uma testemunha não permitiu a publicação de seu nome. Outras testemunhas foram divulgadas pela imprensa.

j Ao pé da letra, banho para desinfecção do gado; no sentido figurado, principalmente no serviço secreto, criação de nova identidade. (N. T.)

k O leitor pode comparar os dois avisos de desligamento indo à postagem da *New Yorker* no

DocumentCloud: http://documents.newyorker.com/2011/02/notice-of-separation-l-ron-hubbard/. Gerald Armstrong atestou que vira um documento, “ou um relatório de aptidão ou algo parecido por volta do final da guerra”, que trazia a assinatura de “um comandante Thompson”, que julgava ter sido efetivamente forjado por Hubbard (*Church of Scientology California vs. Gerald Armstrong*, 15 maio 1984).

Epílogo

Se a cientologia está fundada numa mentira, como sugere a formulação de Tommy Davis na reunião com a *New Yorker*, o que isso revela sobre as inúmeras pessoas que acreditam na doutrina ou — como Davis e Feshbach — defendem e promovem publicamente a organização e suas práticas?

Evidentemente, nenhuma religião pode provar que é "verdadeira". No centro de todo grande sistema religioso há mitos e milagres que, vistos à luz implacável de um cientista ou de um repórter investigativo, facilmente poderiam ser descartados como mentiras. Maomé realmente subiu ao céu montado em seu lendário meio de transporte, o corcel Buraq? Os discípulos de Jesus encontraram mesmo o líder crucificado depois do sepultamento? Foram milagres, visões ou mentiras? As religiões sobreviveriam sem eles?

É incontestável que um sistema de crenças pode ter efeitos positivos e transformadores na vida das pessoas. Muitos atuais e ex-cientologistas atestam o valor do ensino que receberam e o discernimento que extraíram de seus estudos da religião. Têm o direito de acreditar no que quiserem. Mas é outra coisa usar as proteções que a Primeira Emenda concede a uma religião para falsificar a história, propagar invenções forjadas e encobrir violações dos direitos humanos.

Hubbard escreveu certa vez que "a velha religião"[1] — referindo-se ao cristianismo — se baseava em "uma mentira muito penosa", que era a ideia do Céu. "Sim, estive no Céu. E vocês também", escreve ele. "Estava completo, com portões, anjos e santos de gesso — e equipamentos de implantação eletrônica." O Céu, diz ele, foi construído como uma estação de implante 43 trilhões de anos atrás. "Então havia um Céu, afinal — que é a razão pela qual vocês estão neste planeta e foram condenados a nunca recuperar a liberdade — até vir a cientologia." E prosseguia:

> O que isso faz a qualquer natureza religiosa da cientologia? Fortalece-a. As novas religiões sempre derrubam as falsas divindades das anteriores, fazem algo para melhorar o homem. Podemos melhorar o homem. Podemos mostrar que as velhas divindades são falsas. E podemos revelar o universo como um lugar mais feliz onde um espírito pode residir.

Pode-se comparar a cientologia à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, uma religião surgida no século anterior. Joseph Smith, o fundador do movimento, dizia ter recebido duas tábuas de ouro do anjo Morôni em 1827,

no interior do estado de Nova York, junto com duas “pedras de visão” mágicas, que lhe permitiram ler o conteúdo. Três anos depois, ele publicou *O livro de Mórmon*, fundando um movimento que provocou o pior surto de perseguição religiosa da história dos Estados Unidos. Os mórmons foram perseguidos por todo o país devido à prática de poligamia e à suposta heresia. O próprio Smith foi assassinado por uma turba em Carthage, Illinois. Seus adeptos, perseguidos, conseguiram escapar à União e criaram uma teocracia religiosa no território do Utah, a que chamaram de Sião. Os mórmons eram tão desprezados que foi apresentado um projeto de lei ao Congresso para exterminá-los. Apesar disso, o mormonismo se desenvolveu e se tornou uma das denominações religiosas de crescimento mais rápido no século XX e no século XXI. Os seguidores agora concorrem abertamente à Presidência dos Estados Unidos. Em grande parte do mundo, essa religião, que antes fora perseguida devido a seus valores, tidos como antiamericanos, agora é considerada a mais americana das religiões; de fato, é assim também que muitos mórmons a veem. Isso dá uma medida não só do sucesso da religião, mas também da capacidade de adaptação e transformação de um credo.

E no entanto Joseph Smith era visivelmente mentiroso. Em resposta à acusação de poligamia, ele alegou que tinha apenas uma esposa, enquanto na verdade já reunira todo um harém. Em 1835, ocorreu um episódio estranho, mas também revelador: Smith comprou várias múmias egípcias de um caixeiro-viajante que vendia essas curiosidades. Dentro dos sarcófagos havia rolos de papiros, reduzidos a frangalhos, que Smith declarou serem os escritos autênticos de Abraão e José, os patriarcas do Antigo Testamento. Smith fez o que dizia ser uma tradução dos papiros, a que deu o nome de *O livro de Abraão*. Ainda faz parte da doutrina mórmon. Nos Estados Unidos daquela época, o egípcio ainda era considerado indecifrável, mas já haviam descoberto a Pedra da Roseta e Jean-François Champollion conseguira verter a linguagem dos hieróglifos para o francês. Em 1966, os papiros de Joseph Smith foram encontrados nos acervos do Museu Metropolitano de Arte. Logo se patenteou que as passagens “traduzidas” por Smith eram documentos funerários comuns, sem nenhuma referência a Abraão e José. Essa fraude[2] é conhecida há décadas, mas pouca diferença fez para o crescimento da religião ou para a devoção dos fiéis. A crença no irracional é uma das definições de fé, mas também é verdade que a adesão a doutrinas absurdas ou controvertidas cria um elo numa comunidade de fé e ergue uma barreira contra o mundo exterior.

A transformação da cientologia em religião também se assemelha ao processo da ciência cristã, o credo em que Tommy Davis nasceu. Como Hubbard, Mary

Baker Eddy,[3] a fundadora da ciência cristã, fez experiências com curas alternativas. Como Hubbard, ela alegava que era inválida e tinha se curado; também ela escreveu um livro baseado em suas experiências, *Ciência e saúde com a chave das Escrituras*, que se tornou a base para a fundação da Igreja de Cristo Cientista, em 1879. Muito mais do que ocorre com a cientologia, a ciência cristã se opõe às práticas médicas dominantes, embora as duas organizações aleguem ser mais "científicas" que religiosas. Muitas religiões, inclusive a ciência cristã, as testemunhas de Jeová e mesmo o cristianismo, foram objeto de escárnio e perseguição. Alguns movimentos, como o dos *shakers* e dos mileritas, se extinguiram, mas outros, incluídos os mórmons e os pentecostais, conseguiram um lugar na paisagem religiosa densamente povoada da sociedade americana.

A prática do desvinculamento ou afastamento não é exclusiva da cientologia nem é um anseio por um santuário religioso. A própria América foi fundada por crentes que se separaram de seus parentes não puritanos, estabelecendo um abismo entre eles. É constante o aparecimento de novos líderes religiosos, dando expressão a necessidades espirituais insatisfeitas. Existe uma proliferação contínua de movimentos e denominações espirituais no mundo inteiro, que prospera com a liberdade de expressão. É preciso situar L. Ron Hubbard e a odisseia de seu movimento tendo esse pano de fundo histórico e o anseio humano natural de transcendência e submissão.

No final dos anos 1970, vivi vários meses numa comunidade *amish* e menonita no centro da Pensilvânia, fazendo pesquisas para meu primeiro livro.[a] O movimento deles fora quase aniquilado na Europa, mas nos anos 1720 começaram a se refugiar na colônia de William Penn, a "experiência sagrada" da Pensilvânia. Desde então, a vida *amish* se manteve basicamente inalterada, uma espécie de museu da vida rural do século XVIII. Os adeptos levam uma vida apartada, fora das correntes da cultura popular, numa espécie de atol religioso. Fiquei comovido com a beleza e a simplicidade da existência deles. Os *amishes* veem a Terra como o jardim de Deus e consideram que seu dever é cuidar desse jardim. O ambiente em que vivem emana uma sensação de paz e de ordem. A individualidade é aparada e as opiniões das pessoas são tão parecidas entre si como o devido feitio de uma touca ou a barba regulamentar. Como a moda e a novidade são proscritas, a pessoa se sente confortavelmente encapsulada num vácuo imutável e intemporal. A imposição da conformidade apaga o tumulto da diversidade e a ansiedade da incerteza; a pessoa se sente mais próxima da eternidade. A pessoa também percebe a cerca elétrica da ortodoxia que rodeia e protege aquele paraíso edênico e a expulsão que aguarda os que duvidam ou

questionam. Apesar disso, há uma espécie de majestosidade tranquila na cultura *amish* — não porque rejeitem a modernidade, mas por causa do princípio da não violência e da adesão a um modo de vida que abranda seu fanatismo. Os *amishes* não sofrem nenhum dos opróbrios sociais que os cientologistas precisam enfrentar; na verdade, de modo geral são tratados como uma preciosa espécie animal em risco de extinção, que recebem os cuidados dos vizinhos e os sorrisos da sociedade. E no entanto são altamente cismáticos, dispostos a romper todas as relações com seus entes mais queridos sobre algum ponto da doutrina que pode parecer ínfimo a um forasteiro, ou mesmo sobre a questão de poder pendurar quadros na parede ou ter beiral no telhado da casa.

Por mais adoráveis que os *amishes* pareçam aos estranhos, essas comunidades religiosas isoladas, sob privação intelectual, podem se tornar autodestrutivas, sobretudo quando giram em torno dos caprichos de um líder tirânico. David Koresh criou uma comunidade assim na colônia do Ramo Davidiano que fundou em Waco, com um nome adequado, a Fazenda Apocalipse. Em 1993, pediram-me que escrevesse sobre o cerco em andamento. Não aceitei, porque havia no local mais jornalistas que seguidores do Ramo Davidiano; no entanto, eu ficara transtornado à visão das 21 crianças que Koresh mandou sair do local um pouco antes da calamidade. Aquelas crianças deixaram os pais e a única vida que tinham conhecido até então. Foram arrancadas à comunidade religiosa, enfiadas em furgões do governo e arremessadas por entre uma cortina de jornalistas e agentes federais ao palco de um mundo estranho e sabe-se lá a que futuro. Ocorreu-me que devia haver outras crianças que viveram traumas semelhantes; o que era feito delas agora?

Existe uma elevação de contornos estranhos num cemitério em Oakland, na Califórnia, junto ao hospital naval onde Hubbard passou seus últimos meses antes de receber a baixa. Sob uma lápide comum jazem quatrocentos corpos, dos mais de novecentos seguidores de Jim Jones que pereceram em Jonestown em 1978. Os caixões foram empilhados um sobre o outro, ao lado de um monte de terra retirado por uma escavadeira, depois despejaram a terra cobrindo a vala, plantaram grama por cima e a tragédia de Jonestown foi sepultada na memória nacional como mais uma calamidade religiosa inexplicável. Os seguidores do Templo dos Povos, como Jones designava seu movimento, tinham se sentido atraídos por suas sessões de curas pentecostais, seu ativismo social e igualitarismo racial. A trama de sua personalidade era composta dos fios inextricavelmente entrelaçados do carisma e da insânia, além de um apetite sexual insaciável que acompanhava o pavor de Jones pelo abandono. Procurando uma comunidade religiosa segura, Jones tinha desenraizado várias vezes sua congregação. Por fim, em maio de 1977, todo o movimento desapareceu,

praticamente da noite para o dia. Sem nenhum aviso, largando o emprego, o lar e os parentes que não fizessem parte do Templo dos Povos, os fiéis foram conduzidos a um acampamento nas florestas da Guiana, na América do Sul, que Jones anunciava como um paraíso socialista. Lá começou a doutriná-los para o suicídio.

Fiquei sabendo que nem todos tinham morrido em Jonestown. Entre os sobreviventes estavam três filhos de Jones: Stephan, Tim e Jim Júnior. Não se encontravam no acampamento, pois estavam jogando uma partida de basquete contra o time nacional da Guiana, na capital, Georgetown. Até então, esses homens nunca tinham contado suas histórias. Um dos privilégios de ser jornalista é a confiança em nos contarem tais lembranças em toda a sua complexidade emocional. Uma noite, fui jantar com Tim Jones e a esposa, Lorna. Tim tinha um físico vigoroso, capaz de prensar cinquenta quilos com cada braço, mas não conseguia subir num avião por causa de seus ataques de pânico. Ele queria que a mulher estivesse junto porque nunca lhe contara toda a história, e gostaria que o encontro fosse num local público, pois assim não choraria. Foi Tim quem teve de voltar a Jonestown para identificar todos os corpos que conhecia, incluindo pais, irmãos, esposa e filhos: seu mundo inteiro. Ele estava convicto de que, se estivesse lá, poderia ter impedido os suicídios. Contou aos gritos, esmurrando a mesa, enquanto o garçom guardava distância e os outros presentes mantinham os olhos no prato. Nunca senti tão agudamente o perigo dos novos movimentos religiosos e os danos que causam aos que são atraídos para tais grupos, não por fraqueza de caráter, mas pelo desejo de fazer o bem e ter uma vida dotada de significado.

A cientologia quer ser entendida como um meio científico de se chegar à iluminação espiritual. Na verdade, ela não tem absolutamente nenhum fundamento na ciência. Cabe melhor entendê-la como uma filosofia da natureza humana; visto a essa luz, o pensamento de Hubbard pode ser comparado ao de outros filósofos morais, como Immanuel Kant e Søren Kierkegaard, mesmo que nenhum deles tenha sequer chegado perto da abrangência da obra de Hubbard. Suas categorias do comportamento, muitas vezes engenhosas e minuciosamente examinadas, foram obscurecidas pelos elementos charlatanescos de sua personalidade e pelos absurdos entretecidos em seus rompantes de genialidade, assim dificultando que os não cientologistas saibam o que fazer com suas doutrinas. A fama vingativa da igreja também tem sido um obstáculo a estudos acadêmicos sérios de seus escritos.

O parente mais respeitável da cientologia é o campo da psicoterapia, embora também ela não possa reivindicar honestamente um caráter científico. O legado

de Freud é o de uma investigação livre e desimpedida das motivações do comportamento humano. Ele também criou postulados — como o ego, o superego e o id — que talvez não resistam a uma verificação científica rigorosa, mas que de fato oferecem uma via para o entendimento da dinâmica interna da personalidade. O conceito hubbardiano da mente analítica e da mente reativa procura fazer algo parecido. A exploração junguiana dos arquétipos, baseada em suas investigações psicológicas, antecipa a transformação da dianética em cientologia — em outras palavras, a passagem da terapia para o espiritualismo.

Não há razão para questionar o estatuto da cientologia como religião; nos Estados Unidos, a única opinião que realmente conta é a do IRS; além disso, as pessoas de fato *acreditam* nos princípios da cientologia e vivem no interior de uma comunidade de fé — o que mais é necessário para aceitá-la como tal? As histórias que despertam escárnio ou descrença, como Xenu e a Confederação Galáctica, podem ser fantasiosas — ou pura "ópera do espaço", para usar a expressão de Hubbard —, mas toda religião apresenta elementos bizarros e estranhos. Basta ver algumas das fontes evidentes da mistura criada por Hubbard — o budismo, o hinduísmo, a magia, a semântica geral e o xamanismo —, que também oferecem categorias esotéricas para explicar os mistérios inefáveis da vida e da consciência. Em muitos credos é possível encontrar paralelos com as crenças e práticas secretas da cientologia. O conceito de expelir os thetans físicos, por exemplo, é semelhante à expulsão dos demônios na tradição cristã. Mas, como toda nova religião, a cientologia sofre as desvantagens advindas das fraquezas de seu fundador e da falta de tradições venerandas que a insiram na cultura.

Para um observador externo que tem se esforçado em entender o profundo apelo da cientologia entre seus adeptos, apesar das falhas e contradições da religião que muitos deles chegam a admitir com relutância, talvez o elemento faltante seja a arte. As fés mais antigas possuem um corpo de obras literárias, músicas, cerimônias e iconografias que infundem mistério e importância aos aspectos doutrinais da religião. A experiência sensorial de estar dentro de uma grande catedral ou mesquita pode não ter nada a ver com a "crença", mas realmente atrai as pessoas para a religião e lhes oferece uma recompensa emocional. A cientologia tem construído muitas igrejas de grande porte, mas não são palácios que emanam uma fragrância artística. O elemento estético na cientologia é a voz ressonante de Hubbard como escritor. Seu tom imperioso, mas amistoso, e sua percepção impressionista da natureza humana lançam um fascínio em milhões de leitores. Mais importante, porém, é a natureza de seu projeto: o autorretrato do interior de sua mente. Talvez seja impossível reduzir sua mentalidade a um diagnóstico psiquiátrico, em parte porque sua

apresentação da própria mente é tão complexa, intrincada e abrangente que só podemos parar e apreciar as qualidades que o impeliam, hora após hora, ano após ano, a tentar pôr tudo isso por escrito — sua capacidade de percepção, a ousadia, o narcisismo, o ímpeto de desafio, o espírito incansável, a imaginação: essas são as características de um artista. É uma das razões pelas quais Hubbard se identificava com a comunidade artística e boa parte dela com ele.

A cientologia busca a celebridade e, com isso, a igreja confere à fama um valor espiritual. As pessoas que buscam fama — sobretudo na indústria do entretenimento — gravitam naturalmente em volta de Hollywood, onde as espera a cientologia, legitimando suas ambições e prometendo uma via de acesso a seus convertidos. A igreja mantém uma estratégia de marketing que se baseia maciçamente no endosso das celebridades, que promovem ativamente a religião. Falam sobre o papel positivo que a cientologia desempenha em sua vida. Quando conferiu a Tom Cruise a Medalha de Bravura Liberdade em 2004, David Miscavige enalteceu sua eficiência como porta-voz, dizendo: “Em noventa nações, 5 mil pessoas ouvem suas palavras de cientologia a cada hora”. É difícil saber de onde tiraram esses números, mas, segundo Miscavige, “a cada minuto de cada hora, alguém procura a tecnologia de LRH, apenas por saber que Tom Cruise é um cientologista”. Provavelmente nenhum outro membro da igreja obtém tantos benefícios materiais quanto Cruise e, por conseguinte, ninguém carrega maior responsabilidade moral pelas indignidades infligidas a membros da Sea Org, às vezes direta, por causa de sua filiação à igreja. À exceção de Paul Haggis, nenhum cientologista importante de Hollywood fala publicamente contra as alegações generalizadas de violência física, confinamento involuntário e servidão forçada dentro do clero da igreja, embora muitas dessas figuras tenham saído discretamente.

Desde que saiu da cientologia, Haggis está em terapia, que considera proveitosa. Entende até que ponto joga a culpa por seus problemas nos outros, em particular nos que lhe são mais próximos. “Realmente gostaria de ter[4] encontrado um bom terapeuta quando tinha 21 anos de idade”, disse. Na cientologia, ele sempre sentiu uma leve pressão para impressionar seu conselheiro e montou uma brilhante história de sucesso. Agora, disse ele, “não engano a mim mesmo me fazendo melhor do que sou”.

No mesmo mês em que a renúncia de Haggis à igreja veio a público, a United Artists, o estúdio de Tom Cruise, extinguiu o contrato de desenvolvimento de Haggis. Perguntei se o rompimento do contrato tinha algo a ver com sua renúncia. Haggis pensou por um instante e respondeu: “Você não faz uma coisa tão óbvia — seria uma má política de relações públicas”. E acrescentou: “Eles ficaram sem dinheiro, então todos sabíamos que seríamos despedidos”.

Recentemente, ele e Deborah resolveram se divorciar. Mudaram-se para o mesmo bairro em Nova York para poder partilhar a guarda do filho. Deborah também saiu da igreja. Ambos dizem que a decisão de se separarem não tem nada a ver com a renúncia à cientologia.

Em 9 de novembro de 2010, o filme *72 horas* estreou no Ziegfeld Theatre, em Manhattan. Havia uma fila de astros de cinema no tapete vermelho, enquanto os fotógrafos disparavam as câmeras. Jason Beghe estava lá e me disse que trouxera Daniel Montalvo, o rapaz que perdeu o dedo no departamento editorial da igreja. Montalvo desertara recentemente da Sea Org. Estava com dezenove anos. "Nunca viu televisão", admirou-se o ator. "Nem sabe quem é Robert Redford." Nazanin Boniadi, que fez uma pequena ponta no filme, também estava lá; Haggis lhe deu o papel quando soube o que acontecera com ela depois que a igreja maquinara seu romance com Tom Cruise. Mais tarde, Haggis confidenciou: "A história de Naz foi uma daquelas que me fizeram entender que fui enganado por muito tempo, que precisava sair e sair com grande alarde".

Depois da projeção, todos foram para o Salão de Carvalho do Plaza Hotel. Haggis estava num canto recebendo elogios dos amigos quando o encontrei. Perguntei se sentia que finalmente deixara a cientologia. "Agora me sinto muito mais eu mesmo, mas com alguma tristeza", admitiu ele. "Se você se identifica por tanto tempo com alguma coisa e de repente se vê como não sendo aquela coisa, fica um vazio." E prosseguiu: "Não é propriamente uma sensação de perda de uma comunidade. Aqueles que se afastaram de mim nunca foram realmente meus amigos". Entendia como se sentiam em relação a ele, e por quê. "Na cientologia, nas condições éticas, quando você desce do normal para a dúvida, você chega à inimizade e, por fim, na base, está a traição. O que eu fiz foi um ato traiçoeiro."

A bilheteria do filme foi fraca. Teve o azar[5] de receber críticas mistas na mesma noite em que estreou o último filme da série *Harry Potter*. Haggis teve de fechar o escritório. Parecia mais um período desolador na carreira, mas ele prosseguiu e escreveu um roteiro para um videogame, *Modern Warfare 3*, que iria bater recorde de vendas, faturando 1 bilhão[6] de dólares em dezesseis dias depois do lançamento.

Uma vez perguntei a Haggis sobre o futuro de sua relação com a cientologia. "Essas pessoas têm memória duradoura", disseme ele. "Aposto que, daqui a dois anos, você vai ler alguma coisa sobre mim num escândalo que parece não ter nada a ver com a igreja." Pensou um instante e disse: "Estive num culto por 34 anos. Todos os outros podiam ver. Não sei por que não vi".

Marty Rathbun divide as pessoas que saem da cientologia em três grupos. Há

os que rejeitam totalmente os ensinamentos de L. Ron Hubbard, como Paul Haggis. Há os que continuam a acreditar em tudo, mas pensam que a liderança de David Miscavige afastou a cientologia dos ensinamentos originais e autênticos do fundador. Há uma terceira categoria, que ele vem se esforçando em definir, a qual inclui as pessoas que não estão dispostas a engolir todos os dogmas nem renegar as percepções que ganharam com suas experiências. A vida e os ensinamentos de Hubbard ainda são as referências para a vida delas. "A coisa não pegaria[7] se não tivesse feito muita coisa boa por elas", diz Rathbun. Ele tem estudado a história de outras religiões, à procura de paralelos, e cita um velho provérbio zen: "Quando o mestre aponta a Lua, muitos jamais a enxergam, olham apenas o mestre".

Rathbun oferece aconselhamento a cientologistas que deixam a igreja; por causa disso, vive sob assédio e monitoramento constante da igreja. Seus computadores foram invadidos e as gravações telefônicas roubadas. Um grupo de "destruidores de esquilos" se mudou para sua pequena comunidade de Ingleside on the Bay, perto de Corpus Christi, a fim de espioná-lo e obrigá-lo a sair de lá com seus molestamentos constantes. Andavam com câmeras de vídeo no chapéu e patrulhavam o bairro num carrinho de golfe ou, às vezes, num pedalinho. Isso durou 199 dias. A tática não funcionou porque os vizinhos se uniram em defesa dele. Muitos outros desertores são molestados e seguidos por detetives particulares.

Num final de semana quente e abafado do Quatro de Julho de 2011, um grupo com cerca de cem cientologistas "independentes" se reuniu numa cabana junto a um lago no leste do Texas. Os organizadores eram Rathbun e Mike Rinder. Alguns mais corajosos resolveram nadar, mas o boato de que havia crocodilos manteve a maioria do grupo em terra firme. Veio uma forte pancada de chuva e todos procuraram abrigo.

Um dos presentes era Stephen Pfauth, conhecido como Sarge, veterano do Vietnã que entrara na cientologia em 1975. É um homem magro de olhar assustado. "Foi uma daquelas coisas súbitas,[8] que acontecem de repente", explicou. "Eu estava procurando alguma coisa, especialmente em termos espirituais." Viu um anúncio na quarta capa de uma revista sobre o livro *Os fundamentos do pensamento*, de Hubbard. Leu e logo a seguir foi para Washington, DC, onde participou de uma oficina de três dias chamada Aconselhamento para Consertar a Vida. "Fiquei fascinado." Largou imediatamente o emprego. "Vendi minha casa e comprei a Ponte." Logo um funcionário da igreja começou a cortejá-lo, dizendo: "LRH precisa de sua ajuda". Pfauth ingressou na Sea Org em novembro daquele ano.

Tornou-se o chefe dos detalhes de segurança de Hubbard e estava com o fundador em sua fazenda de Creston em seus últimos dias de vida, com Pat e Annie Broeker. No começo de 1985, Hubbard ficou muito doente e passou uma semana no hospital. Disseram a Pfauth que era pancreatite. “Só vim a saber dos ataques cardíacos tempos depois”, disse ele. Depois disso, Hubbard passava a maior parte do tempo em seu ônibus Blue Bird, salvo quando saía para lavar pessoalmente a própria roupa. Às vezes Pfauth estava limpando os estábulos e os dois conversavam.

Hesitante, Pfauth contou que, seis semanas antes de morrer, Hubbard o chamou ao ônibus. Estava sentado à bancada do desjejum, no canto. “Ele me disse que estava deixando o corpo. Citou uma estrela específica onde ia orbitar. Isso reabilita um ser. Falou que tinha falhado, que ia embora”, contou Pfauth. “Falou que não voltaria aqui para a Terra. Não sabia onde ia parar.”

Marty Rathbun com um E-meter em sua casa em Ingleside on the Bay, Texas, 2011.

“Como você reagiu?”, perguntei.

“Tomei um porre daqueles”, respondeu Pfauth. “Annie me encontrou às 5 horas em minha caminhonete velha, no dia de Kris Kringle [6 de dezembro], rodeado de latas de cerveja. Não aceitei bem a coisa.”

Citei a lenda da cientologia de que Hubbard voltará.

“Um monte de asneiras”, disse Pfauth. “Ele queria deixar o corpo e partir. E me disse basicamente que tinha fracassado. Todo o trabalho, tudo, tinha

fracassado.”

Eu ouvira uma história de que Pfauth construiu uma espécie de máquina de eletrochoque para Hubbard em seu último mês de vida. Eu não entendia aquilo, em vista do horror de Hubbard à terapia do eletrochoque. Pfauth vagueou os olhos pelo teto, como se procurasse auxílio divino. Explicou que Hubbard estava com dificuldade de se livrar de um thetan físico. “Ele quis que eu fizesse uma máquina que aumentava a voltagem e basicamente forçaria a saída do thetan. Você não consegue matar um thetan, só pode expulsá-lo dali. E também mata o corpo.”

“Então era uma máquina de suicídio?”

“Basicamente sim.”

Pfauth ficou assombrado com o pedido de Hubbard, mas achou o desafio interessante. “Imaginei que a melhor maneira era fazer uma bobina de Tesla.” A bobina de Tesla é um transformador que aumenta a voltagem sem aumentar a corrente. Pfauth usou uma bateria de carro de 12 volts e prendeu o aparelho a um E-meter. “Assim, se você está com as latas do E-meter, pode acionar o botão e ele faz o que tem que fazer”, explicou Pfauth. “Eu não queria matá-lo, só dar um susto nele.”

“Ele experimentou?”

“Ele explodiu meu E-meter. Annie me trouxe de volta, todo queimado.”

Isso foi um pouco antes do Natal de 1985. Hubbard morreu algumas semanas depois de um ataque cardíaco, sem relação com isso.

Os fiéis ainda esperam seu regresso.

---

a *City Children, Country Summer* (Scribner, 1979).

Agradecimentos e uma explicação sobre as fontes

Comparando-se à de outras religiões sobre as quais escrevi, a bibliografia sobre a cientologia é escassa e cercada de afirmações espúrias. Alguns detalhes fundamentais sobre a igreja não estão disponíveis — por exemplo, o número de membros da Associação Internacional de Cientologistas, que seria o melhor guia para conhecer as verdadeiras dimensões da filiação à igreja. Esta prometeu que forneceria um mapa organizacional, mas nunca o apresentou; de todo modo, seria mais para dar uma ideia do fluxo de autoridade e responsabilidade, e não tanto um retrato da realidade, visto que muitos integrantes da hierarquia executiva da igreja estão há anos em quarentena no Buraco, por determinação do único indivíduo que controla a instituição.

O núcleo central da documentação em que se baseou este livro é o conjunto das obras publicadas de L. Ron Hubbard, que é enorme e, na verdade, bate um recorde. Hubbard se manifestou variadamente em livros, artigos, boletins, cartas, conferências e revistas; é impossível entender o homem ou a organização que ele criou sem examinar sua obra em todos esses meios de comunicação. A igreja publicou um compêndio útil do pensamento de Hubbard em *What is Scientology?* [O que é a cientologia?]. Embora a organização disponha de um biógrafo de Hubbard contratado em tempo integral e tenha no passado encomendado várias obras abrangentes, ainda não existe nenhum relato autorizado da vida de Hubbard. Um de seus biógrafos anteriores, Omar Garrison, de fato escreveu uma versão completa da vida de Hubbard, que foi suprimida. A igreja publica uma série de revistas *Ron*, que são compiladas como uma enciclopédia altamente seletiva. Há anos, a igreja vem recolhendo e retendo outros documentos — diários, cartas, fotografias — e vedando o material às vistas públicas, o que torna difícil para os pesquisadores independentes preencherem as lacunas nos registros históricos.

Mesmo assim, há vários centros de informações importantes que consultei para este livro: a Divisão de Manuscritos da Biblioteca do Congresso; o Heinlein Prize Trust e os Arquivos de Santa Cruz da Universidade da Califórnia; a Biblioteca de Pesquisas Kenneth Spencer da Universidade do Kansas; o Centro Nacional de Registros do Corpo Funcional em St. Louis, Missouri. A Coleção

sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent — da Universidade de Alberta, em Edmonton, Alberta, Canadá — abriga um importante acervo de materiais de cientologia, e o professor Kent permitiu gentilmente que minha assistente Lauren Wolf trabalhasse em seus arquivos. Karen de la Carriere permitiu o acesso a seu extenso arquivo fotográfico, além de ser uma fonte inesgotável de memórias sobre a história da igreja. Agradeço muito pela cooperação valiosa de todos eles.

São três as principais biografias não autorizadas de L. Ron Hubbard: o excelente *Bare-Faced Messiah* (1987) [O messias sem máscara], de Russell Miller, foi o primeiro exame em profundidade de Hubbard. A cientologia tentou processar sem êxito o autor Miller, um jornalista britânico, o qual afirma que, enquanto fazia as pesquisas para o livro, foi espionado,[1] teve o telefone grampeado e houve tentativas de criar uma armação para incriminá-lo de um homicídio que não cometeu. Logo depois saiu *L. Ron Hubbard: Messiah or Madman?* (1987) [L. Ron Hubbard, messias ou louco?] , de Bent Corydon, ao qual se seguiu *A Piece of Blue Sky* (1990) [Um pedaço de céu azul], de Jon Atack. A igreja procura desacreditar esses dois autores por serem ex-cientologistas que, segundo ela, foram expulsos da organização. Um fato digno de nota é que, desde a campanha da igreja contra esses livros, não apareceu mais nenhuma biografia abrangente de Hubbard.

A escassez de trabalhos acadêmicos sobre a igreja e seus líderes atesta a cautela com que os acadêmicos veem o assunto, bem como a relutância da organização em divulgar dados sobre seus filiados, crenças e dinâmicas internas a cientistas sociais capacitados. Em 1976, Roy Wallis publicou *The Road to Total Freedom: A Sociological Analysis of Scientology* [A estrada para a liberdade total: uma análise sociológica da cientologia], o primeiro estudo acadêmico significativo sobre a igreja. Enquanto fazia as pesquisas para o livro, Wallis foi espionado[2] e seus colegas e empregadores receberam cartas forjadas, envolvendo-o num relacionamento homossexual. Em 1987, saiu *Renunciation and Reformulation: A Study of Conversion in an American Sect* [Renúncia e reformulação: um estudo de conversão em uma seita americana], um estudo perspicaz da antropóloga Harriet Whitehead. Desde então, poucas têm sido as contribuições da academia. Aqui cabe lembrar também o trabalho de Hugh Urban na Universidade do Estado de Ohio, de David S. Touretzky na Universidade Carnegie Mellon e de Stephen Kent na Universidade de Alberta. Todos eles têm dado contribuições importantes para o entendimento da cientologia, apesar das ameaças e dos obstáculos levantados pela igreja.

Os documentos dos tribunais apresentam um registro precioso da história e

cultura da igreja e seu fundador, em particular o marco que foi a ação de 1991, *Church of Scientology vs. Gerald Armstrong*. David Miscavige se esquiva a dar entrevistas, mas apresentou declarações e depoimentos em várias ações judiciais, sendo os mais extensos em 1990, no processo *Bent Corydon vs. Church of Scientology*.

A diversos jornalistas corajosos se deve grande parte das informações essenciais disponíveis sobre a cultura da cientologia. Paulette Cooper deu início com sua matéria de 1971, *The Scandal of Scientology*. Destaquei neste livro alguns dos molestamentos que ela sofreu. Joel Sappell e Robert W. Welkos, do *Los Angeles Times*, fizeram uma admirável matéria em seis partes em 1990. Richard Leiby escreve sobre a cientologia desde o começo dos anos 1980, primeiro para o *Clearwater Sun* e posteriormente para o *Washington Post*. Richard Behar cobriu o tema na *Barron's* e, mais notadamente, em seu artigo de 1991 para a *Time*, "The Thriving Cult of Greed and Power" [O próspero culto de ganância e poder]. Janet Reitman teve um acesso à igreja sem precedentes para seu artigo de 2006 na *Rolling Stone*, "Inside Scientology" [Por dentro da cientologia], que se tornou um livro com o mesmo título, publicado em 2011. Chris Owen, pesquisador independente, escreve extensamente sobre a igreja na internet, e já revelou grande parte das informações disponíveis sobre o período de Hubbard na guerra. Tom Smith fez várias entrevistas bem informadas em seu programa de rádio, *The Edge*, transmitido pela Faculdade Comunitária de Hillsborough em Tampa, na Flórida. Joe Childs e Thomas C. Tobin, do *Tampa Bay Times* (antigo *St. Petersburg Times*) escreveram matérias reveladoras, principalmente sobre as agressões dentro da hierarquia da igreja. Tony Ortega escreve sobre a cientologia desde 1995, para o *Phoenix New Times*, e se manteve como fonte preciosa nas páginas e no blog do *Village Voice* até sua saída recente. Vários desses jornalistas sofreram diversas formas de molestamentos, investigações, processos e ameaças. Sou beneficiário da capacidade e da persistência deles.

Na última década, os desertores da Sea Org forneceram um rico arsenal de relatos pessoais. Tomam a forma de memórias e postagens em blogs, e constituem uma gigantesca peça de acusação do funcionamento interno da igreja. Entre as memórias que eu destacaria, estão *Blown for Good: Behind the Iron Curtains of Scientology* (2009) [Soprado por Deus: Por trás das cortinas de ferro da cientologia], de Marc Headley, *My Billion Year Contract* (2009) [Meu contrato de 1 bilhão de anos], de Nancy Many, *Abuse at the Top* (2010) [Abuso no topo], de Amy Scobee, e *Counterfeit Dreams* (2010) [Sonhos impostores], de Jefferson Hawkins. Em *A Queer and Pleasant Danger* (2012) [Um divertido e agradável perigo], de Kate Bornstein, temos uma apresentação especialmente

interessante dos dias do *Apollo*.

Proliferam os sites que se dedicam a questionar a igreja, a começar por alt.religion.scientology em 1991. Entre os mais ativos estão Operation Clambake, de Andreas Heldal-Lund, em xenu.net; scientology-cult.com, de Steve Hall; lermanet.com de Arnaldo Lerma; e Ex Scientology Message Board, que é uma comunidade online de ex-membros da igreja, criada por "Emma" e agora administrada por "Mick Wenlock e Ethercat". Entre outros, o exscientologykids.com, criado por Jenna Miscavige Hill, sobrinha de David Miscavige, teve um papel importante na decisão de Paul Haggis de abandonar a igreja. Embora muitas postagens nesses sites sejam anônimas, elas fornecem uma boa densidade para uma subcultura que poucos observadores externos são capazes de avaliar.

Um blog em particular se tornou centro agregador de cientologistas "independentes" que renunciaram à igreja oficial: Moving on Up a Little Higher, de Marty Rathbun, que começou em 2009. Tem sido fonte de muitas histórias pessoais expressivas, bem como de documentos vazados por gente da igreja. Rathbun e sua esposa, Monique Carle, sofrem intimidação constante, além de estarem sob a vigilância de detetives particulares, por causa da contestação explícita de Rathbun à autoridade de Miscavige.

Durante as pesquisas para este livro, fiz centenas de entrevistas, em sua maioria gravadas. Nunca fui muito de confiar em fontes anônimas, mas o caso da cientologia é um problema para o repórter. Várias de minhas fontes tinham medo de retaliações da igreja — sobretudo a intimidação por vias judiciais e a perda de contato com a família. Muitos indivíduos de importância central assinaram acordos com cláusulas de confidencialidade que lhes impõem silêncio. Tenho uma grande dívida de gratidão para com todas as minhas fontes, pela disposição em falar comigo apesar dos riscos a seu próprio bem-estar.

Paul Haggis tem um papel especial neste livro. Ele nunca teve intenção de falar publicamente sobre suas experiências na igreja. O fato de ter se aberto comigo, conhecendo a fama de retaliação da igreja, dá uma medida de sua coragem e integridade.

Dedico o livro a meus colegas na *New Yorker* e, assim, sou devedor a muitas pessoas da revista que me ajudaram a escrever o perfil de Paul Haggis ("The Apostate", 14 e 21 de fevereiro de 2011), que se tornou o ponto de partida para minhas pesquisas sobre a cientologia. Eu havia conversado anteriormente com David Remnick, o editor da revista, sobre um artigo a respeito da Igreja da Cientologia. David avaliou os riscos legais, mas creio que nenhum de nós se deu conta da quantidade de tempo e de recursos que a matéria acabaria por exigir. A aprovação dele foi tanto mais significativa por vir num período em que a revista

estava sob a mesma pressão financeira de outros veículos de comunicação impressa. Meu editor na *New Yorker*, Daniel Zalewski, me guiou por entre muitos artigos e serei sempre profundamente grato à sua firmeza e seu apoio. A assistente de Daniel na época, Yvette Siegert, teve a maior disposição em ir até St. Louis quando se aproximava o final do prazo, para obter os registros militares de L. Ron Hubbard nos arquivos de lá. Lynn Oberlander, a advogada da revista, foi uma firme aliada, sem se deixar intimidar pela equipe jurídica enviada pela igreja nem por algumas celebridades que eram mencionadas no artigo. Ann Goldstein, preparadora-chefe da revista, realizou seu trabalho com o habitual cuidado e respeito pelo texto. Nick Traverse e Kelly Bare se dedicaram a inserir os milhares de páginas e documentos na Nuvem — procedimento altamente experimental nesta revista da velha escola — para que todos pudéssemos ter acesso simultâneo ao mesmo material. Quero render especial homenagem ao departamento de conferência de dados da *New Yorker*, chefiado por Peter Canby. Jennifer Stahl foi a principal incumbida, passando seis meses em tempo integral verificando o material; sua escrupulosidade foi inspiradora e ganhou o respeito de todos os que trabalharam com ela. Tim Farrington também se dedicou intensamente ao artigo. Uma boa parte do departamento acabou trabalhando nele, inclusive Nandi Rodrigo, Mike Spies, Katia Bachko e até o próprio Peter. O respaldo de colegas tão genuinamente profissionais significa muito.

Embora a Igreja da Cientologia não tenha participado de bom grado no trabalho de escrever este livro, quero agradecer aos porta-vozes com quem trabalhei — Tommy Davis, Jessica Feshbach e Karin Pouw — por responderem ao que devia parecer uma enxurrada interminável de perguntas minhas e do pessoal da conferência de dados. Tenho certeza de que discordarão dos resultados, mas o livro ganhou em precisão graças à participação deles, por mais relutante que possa ter sido. No início, Davis me autorizou a conversar com diversos membros ativos da igreja, mas naquela ocasião as portas se fecharam. Nunca tive permissão de falar com David Miscavige e nenhum dos executivos do escalão mais alto, como solicitei. (De todo modo, como vim a saber depois, muitos deles estavam reclusos e indisponíveis.) Um repórter só pode falar com pessoas que se dispõem a falar com ele; em caso de qualquer reclamação que a igreja possa ter sobre minha exposição, muitas limitações podem ser atribuídas à sua decisão de restringir meus contatos com pessoas que poderiam ter fornecido testemunhos mais favoráveis.

Robert Jay Lifton me deu a honra de ler o rascunho deste livro e de oferecer suas considerações, sobretudo na questão da reforma do pensamento. R. Scott Appleby me ajudou a situar a cientologia no contexto de outras religiões

mundiais. Meu amigo Stephen Harrigan também leu e comentou uma versão inicial, como tem feito em muitas ocasiões. Um escritor depende muito de amigos com tanta boa vontade.

Minha editora na Knopf, Ann Close, vem me acompanhando em vários livros — este é o quinto —, numa relação maravilhosa que agora se estende por 25 anos. Para este livro, a equipe da Knopf trabalhou com prazos puxados e quero agradecer o empenho extraordinário de Anke Steinecke, conselheira jurídica, Katherine Hourigan, editora-chefe, Paul Bogaards, diretor de publicidade, Kim Thornton, encarregada da divulgação deste livro, Kevin Bourke, editor de produção, Claire Bradley Ong, gerente de produção, e Cassandra Pappas, designer. Quero também agradecer a meu agente Andrew Wylie por seu sábio aconselhamento.

Quando comecei a escrever o livro, contratei dois jovens e talentosos pesquisadores de dados, Axel Gerdau e Lauren Wolf. Ambos tinham interesse em jornalismo investigativo e pensei que poderia lhes ensinar alguma coisa; assim, uma noite por semana, dava-lhes uma aula, cujo texto era o livro em que estávamos trabalhando. Axel e Lauren se viram imediatamente mergulhados no mundo recôndito da cientologia, mas foram hábeis em negociar a linguagem e o pensamento. Depois que Axel seguiu outro rumo, Lauren continuou como minha assistente de pesquisa. O livro teve um ganho incomensurável com sua curiosidade e persistência, além de sua capacidade natural de compreensão humana — qualidades que certamente lhe assegurarão a futura carreira e recompensarão os que têm a sorte de conviver com ela.

Como sempre, devo um agradecimento especial à minha esposa, Roberta, que mais uma vez deixou de lado muitas preocupações para dar apoio a meu trabalho.

Bibliografia

COLEÇÕES DE MANUSCRITOS

Karen de la Carriere, coleção particular, Los Angeles.
Acervo James Free. Divisão de Manuscritos, Biblioteca do Congresso.
COLEÇÃO RUSSELL RANDOLPH HAYS. Biblioteca de Pesquisas Kenneth Spencer, Bibliotecas da Universidade do Kansas.
ARQUIVOS ROBERT A. E VIRGINIA HEINLEIN. Heinlein Prize Trust e Arquivos de Santa Cruz da Universidade da Califórnia.
COLEÇÃO SOBRE RELIGIÕES ALTERNATIVAS DE STEPHEN A. KENT. Universidade de Alberta, Edmonton, Alberta, Canadá.
ACERVO GLORIA SWANSON. Centro de Pesquisas em Humanidades Harry Ransom, Universidade do Texas, Austin.

FONTES DA CIENTOLOGIA

CHURCH OF SCIENTOLOGY INTERNATIONAL. *Assists for Illnesses and Injuries.* Los Angeles: Bridge Publications, 1994.
_____. *What Is Scientology?* Los Angeles: Bridge Publications, 1998.
HUBBARD, L. Ron. *Advanced Procedures and Axioms*. Los Angeles: Bridge Publications, 2007.
HUBBARD, L. Ron. *All About Radiation*. Los Angeles: Bridge Publications, 1979.
_____. *Clear Mind, Clear Body*. Los Angeles: Bridge Publications, 2002.
_____. *The Creation of Human Ability*. Los Angeles: Bridge Publications, 2007.
_____. *Dianetics: The Modern Science of Mental Health*. Nova York: Hermitage House, 1950.
_____. *Dianetics and Scientology Technical Dictionary*. Los Angeles: Bridge Publications, 1975.
_____. *Dianetics: The Evolution of a Science*. Los Angeles: The American Saint Hill Organization, 1950.
_____. *Dianetics 55!* Los Angeles: Bridge Publications, 2007.
_____. *Electropsychometric Auditing Operator's Manual*. [s.n.], 1952.
_____. *A History of Man*. Los Angeles: Bridge Publications, 2007.
_____. "An Introduction to Scientology". Conferência gravada. Los Angeles: L. Ron Hubbard Library, 1966.
_____. *Introduction to Scientology Ethics*. Los Angeles: Bridge Publications, 2007.
_____. London Congress on Dissemination and Help and the London Open Evening Lectures. Lectures 1-7. Los Angeles: L. Ron Hubbard Library, 1978.
_____. *Mission into Time*. Los Angeles: American Saint Hill Organization, 1968.
_____. *The Organizational Executive Course*. Los Angeles: Bridge Publications, 1991. v. 1-7.
_____. *The Original LRH Executive Directives*. Los Angeles: Bridge Publications, 1983. Séries 1-3.
_____. *Philadelphia Doctorate Course Transcripts*. Los Angeles: Bridge Publications, 1982. v. 1-8.
_____. *The Phoenix Lectures*. Los Angeles: Bridge Publications, 1968.
_____. *Science of Survival*. Wichita: The Hubbard Dianetic Foundation, 1951.
_____. *Scientology: 8-8008*. Los Angeles: Bridge Publications, 2007.
_____. *Scientology: A History of Man*. Los Angeles: Bridge Publications, 2007.

_____. *Scientology: A New Slant on Life*. Los Angeles: Bridge Publications, 2007.
_____. *Scientology: The Fundamentals of Thought*. Silver Spring, MD: Hubbard Association of Scientologists International, 1956.
_____. *A Series of Lectures on the Whole Track*. Los Angeles: Golden Era Productions, 1984.
_____. *Technical Bulletins of Dianetics and Scientology*. Los Angeles: Bridge Publications, 1991. v. 1-16.
_____. *The Way to Happiness: A Common Sense Guide to Better Living*. Glendale, CA: The Way to Happiness Foundation International, 2007.
L. RON HUBBARD LIBRARY. *L. Ron Hubbard: A Profile*. Bridge Publications, 2012.
_____. *The Ron magazines*: *Adventurer/Explorer: Deeds and Unknown Realms*. 1996.
_____. *The Ron magazines*: *Letters and Journals: Years of Adventure*. 1997.
_____. *The Ron magazines*: *Letters and Journals: Literary Correspondence*. 1997.
_____. *The Ron magazines*: *Letters and Dianetics Letters*. 1997.
_____. *The Ron magazines*: *The Humanitarian: Education*. 1996.
_____. *The Ron magazines*: *The Humanitarian: Freedom Fighter, Articles and Essays*. 1997.
_____. *The Ron magazines*: *Humanitarian: Rehabilitating a Drugged Society*. 1996.
_____. *The Ron magazines*: *Humanitarian: The Road to Self-Respect*. 1995.
_____. *The Ron magazines*: *Philosopher: The Rediscovery of the Human Soul*. 1996.
_____. *The Ron magazines*: *The Photographer: Writing with Light*. 1999.
_____. *The Dianetics and Scientology*. Los Angeles: Golden Era Productions, 2002.

LIVROS E ARTIGOS

AMIS, Kingsley. *New Maps of Hell: A Survey of Science Fiction*. Nova York: Harcourt, Brace, 1960.
ANDERSON, Kevin Victor. *Report of the Board of Inquiry into Scientology*. Estado de Victoria, Austrália, 1965.
ANDREWS, Nigel. *John Travolta: The Life.* Londres: Bloomsbury, 1999.
ASIMOV, Isaac. *I. Asimov: A Memoir*. Nova York: Doubleday, 1994.
ATACK, Jon. *A Piece of Blue Sky.* Nova York: Carol Publishing Group, 1990.
BEHAR, Richard. "Scientology: The Thriving Cult of Greed and Power". *Time*, 6 maio 1991.
BEHAR, Richard. "The Scientologists and Me". *Time*, 6 maio 1991.
BERLE, Milton; FRANKEL, Haskel. *Milton Berle: An Autobiography.* Nova York: Delacorte Press, 1974.
BORNSTEIN, Kate. *A Queer and Pleasant Danger: A Memoir.* Boston: Beacon Press, 2012.
CAMPBELL, John Wood. *The John W. Campbell Letters.* Franklin, tn: ac Projects, 1985.
CARTER, John. *Sex and Rockets: The Occult World of Jack Parsons*. Venice, CA: Feral House, 1999.
CHILDS, Joe; TOBIN, Thomas. "The Truth Rundown". *St. Petersburg Times*, 21 jun. 2009.
CLARKE, Peter B. *Encyclopedia of New Religious Movements*. Reino Unido: Routledge, 2006.
CLARKSON, Wensley. *John Travolta: Back in Character.* Londres: Piatkus Books, 1996.
COOPER, Paulette. *The Scandal of Scientology*. Nova York: Tower Publications, 1971.
CORYDON, Bent. *L. Ron Hubbard: Messiah or Madman?* Fort Lee, NJ: Barricade Books, 1996.
DICKERSON, James. *Nicole Kidman*. Nova York: Citadel Press, 2003.
EPSTEIN, Daniel Mark. *Sister Aimee: The Life of Aimee McPherson*. Orlando: Harcourt Brace, 1993.
ESHBACH, Lloyd Arthur. *Over My Shoulder: Reflections on a Science Era*. Hampton Falls, NH: Donald M. Grant Publishers, 1982.
FREUD, Sigmund. Trad. de James Strachey. *Introductory Lectures on Psycho-Analysis*. Nova York: W. W. Norton Co., 1966.
GARRISON, Omar. *Playing Dirty: The Secret War Against Beliefs*. Los Angeles: Ralston-Pilot, 1980.
GRANT, Kenneth; SYMONDS, John. *The Confessions Crowley: An Autohagiography*. Nova York: Arkana, 1989.
GRUBER, Frank. *The Pulp Jungle*. Los Angeles: Press, 1967.

HAWKINS, Jefferson. *Counterfeit Dreams*. Portland: Hawkeye Publishing, 2010.
HEADLEY, Marc. *Blown for Good: Behind Curtain of Scientology.* Burbank: Blown for Good, Inc., 2010.
HUBBARD, L. Ron. *Battlefield Earth: A Saga of the Year 3000*. Hollywood: Galaxy Press, 2002.
KANSA, Spencer. *Wormwood Magickal Life of Marjorie Cameron*. Oxford: Mandrake of Oxford, 2010.
KAPLAN, David E.; MARSHALL, Andrew. *The Cult at the End of the World: The Terrifying Story of the Aum Doomsday Cult, from the Subways of Tokyo to the Nuclear Arsenals of Russia.* Nova York: Crown, 1996.
KLEIN, Naomi. *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism*. Nova York: Picador, 2007.
LAMONT, Stewart. *Religion, Inc.: Church of Scientology*. Londres: Harrap, 1986.
LEWIS, James R.; PETERSEN, Jesper Aagaard. *Controversial New Religions*. Nova York: Oxford University Press, 2005.
LIFTON, Robert Jay. *Destroying the World to Save It: Aum Shinrikyo, Apocalyptic Violence, and the New Global Terrorism*. Nova York: Henry Holt, 2000.
_____. *Thought Reform and the Psychology of Totalism: A Study of "Brainwashing" in China*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1989.
_____. *Witness to an Extreme Century: A Memoir*. Nova York: Free Press, 2011.
MALKO, George. *Scientology: The Now Religion*. Nova York: Delacorte Press, 1970.
MCWILLIAMS, Carey. *Southern California: An Island on the Land.* Salt Lake City: Gibbs-Smith Publisher, 1973.
MILLER, Russell. *Bare-Faced Messiah*. Londres: Penguin Books, 1987.
MORTON, Andrew. *Tom Cruise: An Unauthorized Biography*. Nova York: St. Martin's Press, 2008.
O'BRIEN, Helen. *Dianetics in Limbo*. Filadélfia: Whitmore Publishing, 1966.
OUFKIR, Malika; FITOUSSI, Michele. *Stolen Lives: Twenty Years in a Desert Jail*. Nova York: Talk Miramax Books/Hyperion, 2001.
PARSONS, John Whiteside. *Freedom Is a Two-Edged Sword*. Las Vegas: New Falcon Publications, 2001.
PATTERSON, William H. *Robert A. Heinlein: In Dialogue with His Century*. Nova York: Tor Books, 2010. v. 1: 1907-1948: Learning Curve.
PENDLE, George. *Strange Angel: The Otherworldly Life of Rocket Scientist John Whiteside Parsons*. Nova York: Harvest Books, 2005.
QUINN, Anthony. *The Original Sin: A Self-Portrait*. Nova York: Bantam, 1974.
RATHBUN, Mark "Marty". *Moving on Up a Little Higher*. Edição comemorativa. [S.l.], 4 jul. 2011.
_____. *The Scientology Reformation: What Every Scientologist Should Know.* [S.l.]: 2012.
_____. *What Is Wrong with Scientology?: Healing Through Understanding*. [S.l.]: CreateSpace/Amazon.com, 2012.
REITMAN, Janet. *Inside Scientology: The Story of America's Most Secretive Religion*. Nova York: Houghton Mifflin Harcourt, 2011.
ROJEK, Chris. *Celebrity*. Londres: Reaktion Books, 2001.
ROTBERG, Robert I. *The Founder: Cecil Rhodes and the Pursuit of Power*. Nova York: Oxford University Press, 1988.
SAPPELL, Joel; WELKOS, Robert W. "The Courting of Celebrities: Testimonials of the Famous Are Prominent in the Church's Push for Acceptability". *Los Angeles Times*, 25 jun. 1990.
SCOBEE, Amy. *Scientology: Abuse at the Top.* Puyallup, WA: Scobee Publishing, 2010.
SPENCE, Richard B. *Secret Agent 666: Aleister Crowley, Intelligence, and the Occult*. Port Townsend, WA: Feral House, 2008.
TRENTO, Susan B. *The Power House: Robert Keith Selling of Access and Influence in Washington*. Nova York: St. Martin's Press, 1992.
URBAN, Hugh. *The Church of Scientology: New Religion*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2011.
VOSPER, Cyril. *The Mind Benders*. Londres: Spearman, 1971.
WALLIS, Roy. *The Road to Total Freedom: A Sociological Analysis of Scientology*. Nova York: Columbia University Press, 1977.

WHITEHEAD, Harriet. *Renunciation and Reformulation: A Study of Conversion in an American Sect*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1987.
WINTER, Joseph A. *A Doctor's Report on Dianetics: Theory and Therapy*. Nova York: Julian Press, 1951.
WRIGHT, Lawrence. "The Apostate: Paul Haggis vs. the Church of Scientology". *The New Yorker*, 14 fev. 2011.
ZABLOCKI, Benjamin; ROBBINS, Thomas (Orgs.). *Misunderstanding Cults: Searching for Objectivity in a Controversial Field*. Toronto: University of Toronto Press, 2001.
ZARETSKY, Irving; LEONE, Mark P. *Religious Movements in Contemporary America.* Princeton, NJ: Princeton University Press, 1974.

TELEVISÃO

"L. Ron Hubbard". *Secret Lives.* Channel 4, Reino Unido. Transmitido originalmente em 19 nov. 1997. Disponível on-line.

Glossário

Audição – Espécie de terapia feita com um medidor eletrônico que constitui uma das bases do tratamento cientologista.

Clear – Alguém que foi purificado de suas obsessões, medos e impulsos irracionais pelo método da cientologia.

COB – Chairman of the Board, como é conhecido David Miscavige, atual líder da cientologia.

E-meter – Aparelho que usa a resistência elétrica para medir mudanças no corpo que ocorrem quando a pessoa responde a perguntas feitas por um auditor.

Hat – Jargão na cientologia que designa o cargo ocupado pelo cientologista na organização.

Igreja da Tecnologia Espiritual – Ramo da cientologia que detém as marcas registradas e os direitos autorais de todos os materiais da igreja, incluindo o imenso conjunto de literatura de ficção escrita por Hubbard.

IRS – Internal Revenue Service, a Receita americana.

OT – O*perating thetan*, ou thetan operante, alguém "capaz de lidar com as coisas e existir sem o apoio e a assistência do físico". Um estado espiritual acima do *clear*.

PFP – Potencial fonte de problemas, alguém que está tendo seu avanço espiritual impedido por uma pessoa supressiva.

Ponte para a Liberdade Total – Caminho para os diferentes graus de avanço espiritual atingidos pelos membros da cientologia.

Preclear – Aqueles que ainda não atingiram o estado de pureza psíquica conhecido como *clear*.

RPF – Rehabilitation Project Force, programa de reabilitação dos membros da Sea Org.

RTc – Sigla em inglês para Centro de Tecnologia Religiosa, destinado a proteger a santidade da tecnologia espiritual da cientologia.

Sea Org – Sea Organization, o clero da cientologia.

SP – Pessoa supressiva, alguém que se coloca no caminho espiritual de um thetan.

Thetan – O ser eterno, segundo Hubbard. Conceito similar a alma.

Notas

INTRODUÇÃO

1. Entrevista com Tommy Davis, ex-porta-voz principal da Igreja da Cientologia Internacional. Ele explica a dificuldade de obter números exatos: “Não existe um processo de conversão, não há batismo”. Tornar-se cientologista é simplesmente uma decisão: “Ou você é ou não é”.

2. “What is Scientology?”, vídeo no YouTube postado por Church of Scientology, 2 de janeiro de 2012, www.youtube.com/watch?v=Vcb_4L8T8gg.

3. Entrevista com Mike Rinder, ex-chefe do Escritório de Assuntos Especiais da cientologia e principal porta-voz da igreja de 1991 a 2007.

4. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun, ex-inspetor-geral de Ética da igreja. Tony Ortega, “Scientology in Turmoil: Debbie Cook’s E-mail, Annotated”, *Running Scared* (blog), *The Village Voice*, 6 jan. 2012. Segundo o renomado historiador das religiões R. Scott Appleby, da Universidade de Notre Dame, provavelmente nem a Igreja católica romana possui 1 bilhão de dólares em moeda sonante. R. Scott Appleby, comunicação pessoal.

5. Church of Scientology International, “Scientology: Unparalleled Growth Since 2004”, www.scientologynews.org/stats.html.

6. Kevin Roderick, “Scientology Reveals Plans for Sunset Boulevard Studiu”, *LA Observed*, 12 jul. 2012.

7. Pinellas County Property Appraiser, 2012 tax roll.

8. Claire Headley e Mike Rinder, comunicação pessoal. Rinder, que declara o número maior, calcula cerca de 2 mil membros da Sea Org na Flag, 1500 em Los Angeles, quinhentos na Gold Base e Int. Base, duzentos no Reino Unido, trezentos na Dinamarca, 150 na Austrália, duzentos no *Freewinds* e o resto espalhado pela África, Itália, Canadá e México.

1. O CONVERTIDO

1. Entrevista com Jim Logan.

2. Segundo Haggis, essa passagem provinha do curso para Cientologista Qualificado de Hubbard. Foi depois publicada no livro de Hubbard *The way to happiness*, p. 48.

3. Peter F. Guillham, *Tell It Like It Is: A Course in Scientology Dissemination*. Los Angeles: Red Baron Publishing, 1972, p. 37.

4. Hubbard, “Dissemination Drill”, Hubbard Communications Office Policy Letter, 23 out. 1965.

5. Entrevista com Herman Goodden.

6. Hubbard, “Clearing Congress Lectures”, Shoreham Hotel, Washington, dc, 4 jul. 1958.

7. *What is Scientology?*, p. xiii.

8. Ibid., p. 215.

9. Harriet Whitehead, “Reasonably Fantastic: Some Perspectives on Scientology, Science Fiction, and Occultism”. In: Zaretsky; Leone. *Religious Movements in Contemporary America*, p. 549.

10. Entrevista com Jim Dincalci.

11. Entrevista com Skip Press.

12. Hubbard, *Eletropsychometric Auditing Operators Manual*, 1952.

13. *What is Scientology?*, p. 175.

14. James Phelan, “Have You Ever Been a Boo-Hoo?”, *Saturday Evening Post*, 21 mar. 1964, pp. 81-5.

15. Resposta da Igreja da Cientologia a indagações.

16. Hubbard, *E-Meter Essentials 1961 – Clearing Series*, v. 1, p. 18.

17. Hubbard, *Philadelphia Doctorate Course Transcripts.*

18. Ibid.

19. Whitehead, *Renunciation and Reformulation*, p. 176.

20. Vosper, *The Mind Benders*, p. 31.

21. Hubbard, *Dianetics*, pp. 170-3.

22. Ibid., p, xv.

23. *What is Scientology?*, p. 167.

24. *Ability*, sem assinatura, sem data (provavelmente 1958), ed. 81, reproduzido de um editorial em *Certainty*, v. 5, n. 10.

25. WikiLeaks, “Church of Scientology Collected Operating Thetan Documents”, 24 mar. 2008, wikileaks.org/wiki/Church_of_Scientology_collected_Operating_Thetan_documents; Revised Declaration of Hana Whitfield, *Church of Scientology vs. Steven Fishman and Uwe Geertz*, us District Court, Central District of California, 4 abr. 1994.

26. WikiLeaks, “Church of Scientology Collected Operating Thetan Documents”, 24 mar. 2008, wikileaks.org/wiki/Church_of_Scientology_collected_Operating_Thetan_documents.

27. Hubbard, “Ron’s Journal ’67”, palestra gravada.

28. Entrevista com Jefferson Hawkins.

29. *Advance!*, n. 33, p. 8.

30. Hubbard, *Scientology: A History of Man*, pp. 71-2.

31. Hubbard, “State of ot”, palestra, 23 maio 1963.

32. Hubbard, “An ot’s Basic Problem”, adaptado de uma palestra de 2 dez. 1952, citado em *Advance!*, n. 38, p. 14.

2. FONTE

1. www.helenahistory.org/family_theatre_reeves.htm.

2. Miller, *Bare-Faced Messiah*, pp. 8-15.

3. Hubbard, nota manuscrita datada “10 mar. 74”.

4. “The Humanitarian: Education”, *The Ron magazines*, 1996, p. 9.

5. Karin Pouw, comunicação pessoal.

6. Hubbard, “Case Analysis: Rock Hunting”, período de perguntas e respostas, 4 ago. 1958.

7. A história do Velho Tom Penas Loucas foi contada pelo biógrafo oficial de Hubbard, Dan Sherman, no L. Ron Hubbard Centennial Celebration, 13 mar. 2011; a citação de Hubbard era uma narração. Um porta-voz da Nação Pés Pretos diz que seu povo não tem a tradição do irmão de sangue.

8. A existência de Thompson foi questionada. Russell Miller diz: “Ele não pode ser identificado em registros da Marinha americana nem é possível determinar suas relações com Freud” (*Bare-Faced Messiah*, p. 25). Entretanto, desde a publicação do livro de Miller, houve algumas descobertas sobre Snake Thompson, o que dá mais substância a esse homem extraordinário. Entre outras iniciativas, ele ajudou a fundar a Sociedade Zoológica de San Diego, foi vice-presidente da Associação Psicanalítica de Washington e diretor da Sociedade de Gatos Siameses. As atividades de Thompson como espião foram contadas numa excêntrica biografia escrita por Rhoda Low Seoane, *Uttermost East and the Longest War* (Nova York: Vantage Press, 1968).

A Igreja da Cientologia forneceu uma lista de passageiros do navio transportador, uss *Grant*, em

novembro de 1923, na qual constam o comandante
J. C. Thompson e a família Hubbard.

9. Hubbard, “The Story of Dianetics and Scientology”, palestra, 18 out. 1958.

10. Hubbard, “Dianetics: The Modern Miracle”, palestra, 6 fev. 1952.

11. Commander J. C. Thompson, “Psychoanalytic Literature”, *United States Naval Medical Bulletin* 19, n. 3, set. 1923, pp. 281-5.

12. “Barbara Kaye”, citado em Miller, *Bared-Faced Messiah*, pp. 168-9.

13. “Adventurer/Explorer: Daring Deeds and Unknown Realms”, *The Ron magazines*, 1996, p. 6.

14. *What is Scientology?*, p. 31.

15. Ibid., p. 32.

16. Detalhes da viagem de Hubbard à China se encontram no depoimento de Gerald Armstrong em *Church of Scientology, California vs. Armstrong*, 1984, e em seus diários manuscritos do período, que foram apresentados no julgamento. Algumas afirmações foram confirmadas por respostas da Igreja da Cientologia a perguntas. Há uma versão editada do diário de Hubbard em “Letters and Journals: Early Years of Adventure”, *The Ron magazines*, 1997, pp. 46-50.

A igreja afirma que houve outras viagens nesse período, que Hubbard vagueou pela Ásia durante catorze meses sem os pais, voltando à China e parando na Índia e em Cingapura, entre outros lugares. Não há indícios dessas viagens nos diários de Hubbard, embora ele mencione tais experiências em palestras posteriores. A igreja apresentou uma reportagem do jornal *Helena* (*MT*) *Independent* de 1929 para corroborar as menções de longas viagens feitas por Hubbard, mas a matéria fala apenas de “uma viagem ao Oriente com seus pais no verão passado”, a caminho de Guam. Outros registros de viagens de Hubbard pela Ásia, disseme Tommy Davis, foram destruídos porque até a Segunda Guerra Mundial estavam sendo mantidos em Hiroshima.

17. “Adventurer/Explorer: Daring Deeds and Unknown Realms”, *The Ron magazines*, 1996, p. 53. Hubbard registrou na licença que tinha 26 anos, mas na época tinha dezenove.

18. Hubbard, “Tailwind Willies”, reproduzido em “Adventurer/Explorer: Daring Deeds and Unknown Realms”, *The Ron magazines*, 1996, pp. 44-50.

19. “Adventurer/Explorer: Daring Deeds and Unknown Realms”, *The Ron magazines*, 1996, p. 10.

20. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 52.

21. “Seekers of Pirate Haunts Finally Go”, *Baltimore Morning Sun*, 25 jun. 1932.

22. Carta de James Free a Robert H. Burgess, 21 jun. 1986; história oral de James Stillman Free, National Press Club, 25 mar. 1992.

23. História oral de James Stillman Free, National Press Club, 25 mar. 1992.

24. *Doris Hamlin* “Daily Record”, 1932, na coleção Library of Congress.

25. “Doris Hamlin, Jinx Ship, Reaches Port”, *Baltimore Evening Sun*, 7 set. 1932.

26. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 56.

27. Gruber, *The Pulp Jungle*, pp. 20-4.

28. *What is Scientology?*, p. 581. O filho mais velho de Hubbard, L. Ron Hubbard Jr., afirmou que o pai exagerou sua produção. “No começo dos anos 1950, ele costumava dizer a todo mundo que tinha escrito 7 milhões de palavras de ficção. Na verdade, provavelmente nunca excedeu 1 milhão.” Depoimento de L. Ron Hubbard Jr., City of Clearwater Commission Hearings Re: The Church of Scientology. 5 maio 1982. Evidentemente, ainda assim é uma produção extraordinária.

29. *Harlan Ellison: Dreams with Sharp Teeth*, dvd, dirigido por Erik Nelson, 1982.

30. Gravação de Russell Hays com Barbara Hays Duke, 30 jun. 1984.

31. Entrevista com ex-membro da Sea Org anônimo.

32. Miller, *Bare-Faced Messiah*, pp. 64-5.

33. Carta de Hubbard a Russell Hays, 14 set. 1936.

34. Ibid., 18 ago. 1936.

35. Ibid., 14 set. 1936.
36. Ibid., 7 mar. 1936.
37. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 69.
38. Carta de Hubbard a Russell Hays, 21 jul. 1937.
39. Ibid., 4 dez. 1937, citado em "Letters and Journals: Literary Correspondence", *The Ron magazines*, 1997, pp. 55-8.
40. Carta de Hubbard, 1 jan. 1938, citado em "The Philosopher: The Rediscovery of the Human Soul", *The Ron magazines*, 1996, p. 9.
41. Entrevista com Forrest Ackerman, "Secret Lives — L. Ron Hubbard", Channel 4, Reino Unido, 1997; Arthur J. Cox, "Deus Ex Machina: A Study of
A. E. van Vogt", *Science-Fiction Advertiser*, jul. 1952. No relato de Cox há uma divergência: Hubbard teria dito que o incidente aconteceu "durante uma operação a que ele se submeteu por certas lesões sofridas durante o serviço".
42. Church of Scientology International, "Port Orchard Washington, January 1, 1938", 2012, www.ronthephilosopher.org/phlspher/page08.htm.
43. "The Philosopher: The Rediscovery of the Human Soul", *The Ron magazines*, 1996, pp. 11-2.
44. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 81.
45. Ibid., p. 79. Segundo depoimento de Gerald Armstrong, Hubbard "afirmou que sete pessoas originalmente leram o texto, e duas delas pularam pela janela e outras duas enlouqueceram". *Church of Scientology California vs. Gerald Armstrong.*
46. Entrevista com Forrest Ackerman, "Secret Lives — L. Ron Hubbard", Channel 4, Reino Unido, 1997.
47. Carta de Hubbard a Russell Hays, 20 out. 1938. (Também citado e erroneamente datado de 31 dez. 1937 em "Letters and Journals: Literary Correspondence", *The Ron magazines*, 1997, pp. 59-61.)
48. Asimov, *I. Asimov*, p. 72.
49. Amis, *New Maps of Hell*, p. 84.
50. Steven Weinberg me ajudou nessa ideia, contando-me sobre o clube de ficção científica em Brinx High que ele frequentou nos anos 1940; ele e seu colega de classe, Sheldon Glashow, também membro do clube, dividiram o Prêmio Nobel de Física em 1979.
51. Introdução de Hubbard em *Battlefield Earth*, p. xix.
52. Ibid., p. xvi.
53. L. Sprague de Camp, "El-Ron of the City of Brass", de "Literary Swordsmen and Sorcerers", *Fantastic*, ago. 1975.
54. "The Admissions of L. Ron Hubbard", www.gerryarmstrong.org/50grand/writings/ars/ars-2000-03-11.html. A igreja contesta a autenticidade desse documento, afirmando que foi forjado.
55. Ibid.
56. Entrevista de Russell Miller com Robert MacDonald Ford, "The *Bare-Faced Messiah* Interviews", 1 set. 1986, www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/miller/interviews/robford.htm.
57. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 89.
58. Ibid., pp. 90-1.
59. Church of Scientology International, "1939-1944, Explorer and Master Mariner", 2005, www.hubbard.org/pg007.html.
60. Miller, *Bare-Faced Messiah*, pp. 45-6.
61. Solicitação de Hubbard ao us Marine Corps, 18 jul. 1931.
62. Carta de Warren G. Magnuson a "The President", 8 abr. 1941; registros militares de L. Ron Hubbard, National Personnel Records Center.
63. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 93.
64. Depoimento de Thomas Moulton, *Church of Scientology California vs. Gerald Armstrong.* "Nunca vi as cicatrizes", admitiu Moulton. Para uma lista abrangente das contradições em vários relatos de Hubbard sobre a guerra, ver Chris Owen, "Ron the 'War Hero'", jul. 1999,

www.spaink.net/cos/warhe/battle.htm#doc-a.

65. Hubbard, “A Brief Biography of L. Ron Hubbard”, brochura para o Primeiro Congresso Australiano da Associação Internacional de Cientologistas, 7-8 nov. 1959.

66. L. D. Causey to Commandant, Twelfth Naval District, 14 fev. 1942.

67. Chris Owen, “Ron the ‘War Hero’”, jul. 1999, www.cs.cmu.edu/~dst/Cowen/warhero/battle.htm. Owen salienta que esse navio é frequentemente chamado de uss *Mist*, mas que não existiu um navio com esse nome.

68. “The Humanitarian: The Road to Self-Respect”, *The Ron magazines*, p. 12. 1996. Chris Owen, “Ron the ‘War Hero’”, jul. 1999, www.cs.cmu.edu~dst/Cowen/warhero/yp-422.htm.

69. Chris Owen, “Ron the ‘War Hero’”, jul. 1999, www.cs.cmu.edu/~dst/Cowen/warhero/battle.htm.

70. Cabograma do primeiro-tenente F. A Del Marinal, 25 set. 1942.

71. Depoimento de Thomas Moulton, *Church of Scientology California vs. Gerald Armstrong*.

72. “The Admissions of L. Ron Hubbard”, www.gerryarmstrong.org/50grand/writings/ars/ars-2000-03-11.html.

73. Cris Owen, “Ron the ‘War Hero’”, jul. 1999, www.spaink.net/cos/warher/battle/htm#doc-a.

74. “Ex-Portlander Hunts U-Boats”, *Oregon Journal*, 22 abr. 1943.

75. Chris Owen, “Ron the ‘War Hero’”, jul. 1999, www.cs.cmu.edu/~dst/Cowen/warhero/battle.htm.

76. Depoimento de Thomas Moulton, *Church of Scientology California vs. Gerald Armstrong*.

77. Hubbard, “An Account of the Action Off Cape Lookout”, relato sem data.

78. Ibid.

79. Comandante Frank Jack Fletcher a comandante em chefe, frota do Pacífico, 6 jun. 1943.

80. Chris Owen, “Ron the ‘War Hero’”, jul. 1999, www.spaink.net/cos/warher/battle.htm#doc-a.

81. “The Admissions of L. Ron Hubbard, www.gerryarmstrong.org/50grand/writings/ars/ars-2000-03-11.html.

82. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 107.

83. Solicitação de Hubbard à School of Military Government, 9 set. 1944.

84. Patterson, Robert A. Heinlein, vol. 1: *In Dialogue with His Century*, p. 350.

85. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 109.

86. Ibid., p. 109.

87. “The Admissions of L. Ron Hubbard”, www.gerryarmstrong.org/50grand/writings/ars/ars-2000-03-11.html.

88. Samme Buck, correspondência pessoal; Frederik Pohl, “The Worlds of L. Ron Hubbard, Part 2”, *The Way of the Future Blogs.*

89. Hubbard, “My Philosophy”, “The Philosopher: The Rediscovery of the Human Soul”, *The Ron magazines*, p. 85.

90. Ibid.

91. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 112.

92. Hubbard disse em 1950 que foi submetido a tratamento de “úlceras, conjuntivite, deterioração da visão, bursite e algum problema nos pés”. Albert Q. Maisel, “Dianetics: Science or Hoax?”. *Look*, 5 dez. 1950.

93. Hubbard, “The Story of Dianetics and Scientology”, palestra, 18 out. 1958.

94. “The Admissions of L. Ron Hubbard”, www.gerryarmstrong.org/50grand/writings/ars/ars-2000-03-11.html.

95. Alva Rogers, citado em Carter, *Sex and Rockets*, p. 103.

96. Hugh B. Urban, “The occult roots of Scientology? L. Ron Hubbard, Alesteir Crowley, and the Origins of a Controversial New Religion”, *Novo Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions* (fev. 2012): p. 94.

97. Kansa, *Wormwood Star*, p. 28.

98. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões

Alternativas de Stephen A. Kent.

99. Carta de Arthur Flemming a John Muir, 8 fev. 1911; Pendle, *Strange Angel*, p. 208.

100. Entrevista de Russell Miller com Nieson Himmel, "The *Bare-Faced Messiah* Interviews", www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/miller/interviews/himmel.htm.

101. Carter, *Sex and Rockets*, pp. 84-6; Pendle, *Strange Angel*, pp. 244-5.

102. Carter, *Sex and Rockets*, p. 84.

103. Pendle, *Strange Angel*, p. 209.

104. Parsons, *Freedom is a Two-Edged Sword*, p. 69.

105. Pendle, *Strange Angel*, p. 255. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 116.

106. Pendle, *Strange Angel*, p. 203.

107. Ibid.

108. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.

109. Ibid.

110. Alva Rogers, citado em Carter, *Sex and Rockets*, p. 103.

111. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 112.

112. Ibid., p. 114.

113. A Igreja da Cientologia forçou os autores de uma biografia de Crowley, *The Great Beast*, de 1952, a remover todas as sugestões de que havia uma ligação entre a cientologia e a magia negra. *Church of Scientology of California and John Symonds, MacDonald Co.* (*Publishers*) *Limited, Hazell Watson Viney.* High Court of Justice, Queen's Bench Division, 1971. A igreja também me forneceu sua correspondência com o *Sunday Times* de Londres em 1969 e 1970 na qual o jornal concorda em retirar afirmações semelhantes e não fazer esse tipo de referência no futuro.

114. Grant e Symonds, *The Confessions of Aleister Crowley*, p. 18.

115. Ibid., p. 18.

116. Allan Sonnenschein, "Inside the Church of Scientology: An Exclusive Interview With L. Ron Hubbard, Jr.", *Penthouse*, jun. 1983.

117. Ibid. A igreja contesta veementemente todos os comentários depreciativos feitos pelo filho de Hubbard, especialmente na entrevista à *Penthouse.* Em 1984 L. Ron Hubbard Jr., que mudara seu nome para Ronald DeWolf, afirmou: "A entrevista que dei para a edição de junho de 1983 da *Penthouse* é verdadeira e exata, ponto". Transcrito da fita nº 1 de 28 jun. 1984 — Ron DeWolf. www.lerma.net.com/scientology-and-occult/tape-by-L-Ron-Hubbard-jr.htm. No entanto, em 1987 DeWolf assinou uma declaração retirando as afirmações que fizera contra o pai e dizendo que não passavam de "altos voos de fantasia baseados em minha imaginação sem limites". Affidavit of Ronald Edward DeWolf, 20 maio 1987, Carson City, Nevada. Mas, cinco anos depois, DeWolf testemunhou que assinara a declaração "para proteger minha mulher e filhos" de ameaças feitas pela igreja. *City of Clearwater Commission Hearings Re: The Church of Scientology.* May 6, 1982, Morning Session.

118. Grant e Symonds, *The Confessions of Aleister Crowley*, pp. 582-3.

119. Ibid., p. 929, n. 57.

120. Hubbard, "Conditions of Space/Time/Energy", *Philadelphia Doctorate Course Transcripts*, 5 dez. 1952

121. City of Clearwater Commission Hearings Re: The Church of Scientology. May 6, 1982, Morning Session.

122. Hugh B. Urban, "The Occult Roots of Scientology? L. Ron Hubbard, Aleister Crowley, and the Origins of a Controversial New Religion", *Novo Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions* (fev. 2012): p. 98.

123. Carter, *Sex and Rockets*, pp. 122-3. Entrevista com Anthony Torchia.

124. Miller, *Bare-Faced Messiah*, pp. 120-1.

125. Kansa, *Wormwood Star*, p. 41.

126. Ibid., p. 28.
127. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 121.
128. Ibid., pp. 122-3
129. Ibid., p. 124.
130. Ibid., p. 124.
131. Carter, *Sex and Rockets*, p. 151.
132. Citado em Pendle, *Strange Angel*, p. 266.
133. Ibid., p. 267.
134. Hubbard, Appeal to Administration of Veterans Affair, 4 jul. 1946.
135. Carta de S. E. Northrup à Administração dos Veteranos, Los Angeles, 1 jul. 1946.
136. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 127.
137. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.
138. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 127.
139. Carta de Robert Heinlein a John Arwine, 10 maio 1946.
140. Virginia Heinlein a Catherine e Sprague de Camp, 7 ago. 1946.
141. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent. A igreja e o próprio Hubbard negaram que ele tenha sido casado com Northrup, mas há uma certidão de casamento na sede do condado de Kent em Chestertown, Maryland, que atesta o casamento de Lafayette Hubbard e Sara Elizabeth Northrup em 10 de agosto de 1946. Northrup também cita essa data em sua petição de divórcio.
142. Carta de L. Sprague de Camp aos Heinlein, 13 ago. 1946
143. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 189.
144. Resposta da Igreja da Cientologia a indagações. Parsons perdeu seu direito de acesso a informações sigilosas em 1948 porque foi suspeito de entregar segredos de Estado a um governo estrangeiro. Em 1952, enquanto sua mulher fazia compras numa mercearia, ele se explodiu na garagem de casa, aparentemente por acidente. Segundo Anthony Torchia, ex-membro da oto, a ordem se dissolveu nos anos 1960, mas se reconstituiu na década seguinte e existe até hoje. Além disso, a oto não se considera praticante de magia "negra".
145. Veterans Administration Report of Physical Examination, 19 set. 1946.
146. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.
147. Ibid. Entre as histórias que Sara Northrup diz ter escrito estão as da série Ole Doc Methuselah em *Amazing Science Fiction.*
148. Ibid.
149. Ibid.
150. Ibid.
151. Carta de Hubbard à Administração dos Veteranos, 15 out. 1947.
152. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 175.
153. www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/miller/interviews/barbkaye.htm.
154. Jim Dincalci, comunicação pessoal.
155. *Church of Scientology, California, vs. Gerald Armstrong.* Informações que foram disponibilizadas desde o julgamento de Armstrong, por exemplo as cartas de Heinlein e Hays, confirmam boa parte do que consta nas Afirmações, aumentando a credibilidade do documento.
156. Atack, *A Piece of Blue Sky*, p. 100, diz que Hubbard também pode ter chamado sua guardiã de Hathor, uma deusa egípcia retratada com chifres bovinos. Nas Afirmações, Hubbard explicitamente chama sua guardiã de Flavia Julia. Ele podia estar se referindo a Flavia Julia Titi, filha do imperador romano Tito, ou talvez, mais provavelmente, à imperatriz Flavia Julia Helena Augustus, também conhecida como santa Helena, mãe de Constantino, o Grande, que teria encontrado a "verdadeira cruz". Jim Dincalci me disse que

L. Ron Hubbard Jr. se referiu à guardiã de seu pai como a fonte de sua capacidade de escrever automaticamente; disse ainda que Awaiss, a guardiã de Crowley, era encarregada desse setor do universo.

157. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 140.

158. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.

159. Juiz Paul G. Breckenridge, *Church of Scientology, California, vs. Gerald Armstrong*.

160. Hubbard, "The Story of Dianetics and Scientology", palestra, 18 out. 1958.

161. Sue Lindsay, "Book Pulls Hubbard into Public", *Rocky Mountain News*, 20 fev. 1983.

162. Carta de Hubbard à Administração dos Veteranos, 27 jan. 1948.

163. Carta de Hubbard a Russell Hays, 15 jul. 1948.

164. Ibid.

165. Ibid., 16 ago. 1948.

166. Hubbard, "The Story of Dianetics and Scientology", palestra, 18 out. 1958.

167. Carta de Hubbard a Robert Heinlein, 24 nov. 1948.

168. Ibid., 25 set. 1948.

169. Ibid., 17 fev. 1949.

170. Ibid., 3 mar. 1949.

171. Ibid.

172. Ibid., 8 mar. 1949.

173. Ibid., 31 mar. 1949.

174. Carta de John Campbell a Robert Heinlein, 26 jul. 1949.

175. Ibid.

176. Ibid., 15 set. 1949.

177. Ibid.

178. Ibid.

179. Carta de Hubbard a Robert Heinlein, 30 dez. 1949.

180. Correspondência sem data de Hubbard para Robert e Virginia Heinlein.

181. Carta de Sara Hubbard a Robert e Virginia Heinlein, 2 maio 1950.

182. Carta de Hubbard a Robert e Virginia Heinlein, 28 mar. 1950.

183. Atack, *A Piece of Blue Sky*, p. 101.

184. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.

185. Hubbard, "Study of the Particle": palestra, 29 out. 1953.

186. Citado em Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 153

187. Ibid., pp. 152-3.

188. Alfred Bester, "Part 6 of Alfred Bester and Frederik Pohl — The Conversation", gravado em The Tyneside, Newcastle Upon Tyne, Reino Unido, 26 jun. 1978.

189. *What is Scientology?*, p. 26.

190. Ibid.

191. Hubbard, *Dianetics*, p. 70.

192. Ibid., pp. 55-6.

193. Ibid., p. xiii.

194. Ibid., p. xxv.

195. Ibid., p. 60.

196. Ibid., p. 75.

197. Ibid., p. xviii.

198. Ibid., p. xiii.

199. Ibid., p. xxv.

200. "Care of Mental Patients Remains Major Problem", *Associated Press*, 29 abr. 1949. Reitman, *Inside*

Scientology, p. 26.

201. Hubbard, *Dianetics*, p. ix.

202. Hubbard, “The Story of Dianetics and Scientology”, palestra, 10 out. 1958.

203. Isidor Isaac Rabi, “Dianetics: The Modern Science of Mental Health, by L. Ron Hubbard” (resenha), *Scientific American*, jan. 1951, pp. 57-8.

204. Erich Fromm, “‘Dianetics’ — For Seekers of Prefabricated Happiness”, *The New York Herald Tribune Book Review*, 3 set. 1950, p. 7.

205. S. I. Hayakawa, “From Science-fiction to Fiction-science”, *Etc.* 8, n. 4 (Verão 1951).

206. Winter, *A Doctor’s Report on Dianetics*, p. 11.

207. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.

208. Winter, *A Doctor’s Repot on Dianetics*, pp. 15-16.

209. Carta de Freud a Wilhelm Fliess, 2 maio 1897.

210. Ibid., p. 461.

211. Freud, “The Paths to the Formations of Symptoms”, Leitura 23 de *Introductory Lectures on Psycho-Analysis*. Trad. de Jas. Strachey, p. 460. Whitehead comenta sobre esta passagem: “Generalizando a partir da experiência de Freud e seus colegas e de experimentos posteriores em regressão etária hipnótica, quanto mais se leva o sujeito de volta ao passado, maior a tendência de provocar a confabulação”. Whitehead, *Renunciation and Reformulation*, p. 80.

212. Hubbard, *Dianetics*, pp. 299-300.

213. Ibid., p. 132.

214. Ibid., p. 158.

215. Ibid., pp. 132-3.

216. L. Ron Hubbard Jr., depoimento. City of Clearwater Commissions Hearings Re: The Church of Scientology, 5 maio 1982.

217. Allan Sonnenschein, “”Inside the Church of Scientology: An Exclusive Interview with L. Ron Hubbard Jr.”, *Penthouse*, jun. 1983. As objeções da igreja às declarações de Hubbard Jr., baseadas em seu desmentido assinado, e sua negação do desmentido, são assinaladas acima.

218. “The Admissions of L. Ron Hubbard”, www.gerryarmstrong.org/50grand/writings/ars/ars-2000-03-11.html.

219. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.

220. “Barbara Kaye”, citado em Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 168.

221. Church of Scientology International, carta de L. Ron Hubbard à American Psychological Association, 13 abr. 1949, www.ronthephilosopher.org/phlspher/page16.htm.

222. “Letters and Journals: The Dianetics Letters”, *The Ron magazines*, pp. 14-5.

223. Ibid., p. 74.

224. Hubbard, “Today’s Terrorists”, psychfraud.freedommag.org/page44.htm.

225. Hubbard, *Introduction to Scientology Ethics*, p. 264

226. Hubbard, “Pain and Sex”, hco Bulletin, 26 ago. 1982.

227. Corydon, *L. Ron Hubbard*, p. 307.

228. Wallis, *The Road to Total Freedom*, p. 56.

229. Ibid., pp. 62-3.

230. Hubbard, *Dianetics*, p. 171.

231. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 165.

232. O’Brien, *Dianetics in Limbo*, p. xi.

233. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.

234. *Sara Northrup Hubbard vs. L. Ron Hubbard*, Complaint for Divorce, Los Angeles, 23 abr. 1951.

235. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 176.
236. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.
237. W. A. Sprague e Roland Wild, "Can We Doctor Our *Minds* at Home?", *Oakland Tribune*, 29 out. 1950.
238. Corydon, *L. Ron Hubbard*, p. 306.
239. "Dianetics Chief's Conduct Lashed", *Los Angeles Times*, 25 abr. 1951.
240. "Hiding of Baby Charged to Dianetics Author", *Los Angeles Times*, 11 abr. 1951.
241. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 179.
242. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.
243. Miller, Bare-Faced Messiah, p. 179.
244. *Sara Northrup Hubbard vs. L. Ron Hubbard et al.* Suprema Corte do estado da Califórnia, 23 abr. 1951.
245. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 189.
246. Ibid. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.
247. Entrevista de Russell Miller com Richard de Mille, "The *Bare-Faced Messiah* Interviews", 25 jul. 1986, www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/miller/interviews/demille.htm.
248. Hubbard, *Science of Survival*, p. 28.
249. Ibid., pp. 114-5.
250. Ibid., p. 116.
251. Ibid., p. 118.
252. Ibid. A dedicatória não consta nas edições subsequentes.
253. "Dianetics Man Reports He's in Cuban Hospital", *Los Angeles Times*, 2 maio 1951.
254. Fita gravada de Russell Hays com Barbara Hays Duke, 30 jun. 1984.
255. Carta de Hubbard ao procurador-geral, Departamento de Justiça, 14 maio 1951.
256. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.
257. Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.
258. Fita gravada de Russell Hays com Barbara Hays Duke, 20 jun. 1984.
259. Hubbard, *Electropsychometric Auditing Operator's Manual*, p. 57.

3. HOMEM AO MAR

1. Em vida, Hubbard supervisionou a burocracia da igreja. Diretamente subordinados a ele estavam o diretor executivo internacional, encarregado da administração, e um supervisor internacional sênior de casos, que gerenciava a tecnologia. Hubbard nomeava os dois altos funcionários. De um lado do diretor executivo internacional no organograma estava o Comitê Cão de Guarda, composto de executivos encarregados de cada divisão das orgs internacionais. Sob Miscavige, o posto de diretor executivo internacional foi essencialmente eliminado. Entrevista com Roy Selby.
2. Hubbard, *Dianetics*, p. 294.
3. Hubbard, *Dianetics: The Evolution of a Science*, p. 93.
4. Hubbard, *Science of Survival*, p. 61.
5. O'Brien, *Dianetics in Limbo*, p. 14.
6. Ibid., p. 20.
7. Hubbard, *Scientology: A New Slant on Life*, p. 192.
8. Hubbard, *Introduction to Scientology Ethics*, p. 171.

9. Hubbard, *Scientology: A New Slant on Life*, p. 195.

10. Cf. Wallis, *The Road to Total Freedom*, pp. 80 e segs.

11. Eshbach, *Over My Shoulder*, p. 125. Hubbard teria feito esse comentário em 1948 ou 1949. Arnie Lerma, uma ex-cientologista que tem um site anticientologia na internet, compilou uma lista de nove testemunhas que dizem ter ouvido Hubbard fazer afirmações semelhantes; www.lermanet.com/reference/hubbard-start-a-religion.htm. O filho de Hubbard, L. Ron Hubbard Jr., declarou: "Ele disse para mim e para muitas outras pessoas que o modo de fazer 1 milhão era começar uma religião". Allan Sonnenschein, "Inside the Church of Scientology: An Exclusive Interview with L. Ron Hubbard, Jr.", *Penthouse*, jun. 1983. Sara Northrup lembrou que Hubbard "vivia dizendo: 'Se você quer ganhar dinheiro, o único modo é criar uma religião, para que o governo não leve nada'. Por isso ele achou que poderia fazer uma religião a partir da dianética". Fitas gravadas de Sara Elizabeth Hollister (ex-Sara Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.

12. Declaração revisada de Hana Whitfield, *Church of Scientology vs. Steven Fishman and Uwe Geertz*, Tribunal Distrital dos Estados Unidos, Distrito Central da Califórnia, 4 abr. 1994.

13. Carta de Hubbard a Helen O'Brien, "re clinic, has", 10 abr. 1953.

14. Wallis, *The Road to Total Freedom*, p. 128.

15. Miller, *Bare-Faced Messiah*, pp. 220-21.

16. Jas. Phelan, "Have You Ever Been a Boo-Hoo?", *Saturday Evening Post*, 21 mar. 1964.

17. Hubbard, *Science of Survival*, p. xxxviii.

18. Hubbard, *Scientology: A History of Man*, p. 20.

19. Ibid., pp. 40-2.

20. Hal Holmes, comunicação pessoal.

21. Ken Urquhart, "Friendly Recollections of Mary Sue Hubbard", marysuehubbard.com/ken/shtml.

22. Miller, *Bare-Faced Messiah*, pp. 226-7.

23. Entrevista com Philip Spickler.

24. Hubbard, *All About Radiation*, p. 113.

25. Entrevista com um membro anônimo da Sea Org.

26. Anderson, Report of the Board of Inquiry into Scientology, p. 42.

27. Citado em Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 235.

28. Entrevista com um membro anônimo da Sea Org.

29. Ibid.

30. Ibid.

31. Ken Urquhart, "My Friend, The Titan", *Ivy* 60, jan. 2003.

32. Ibid.

33. Miller, *Bare-Faced Messiah*, pp. 215-6.

34. Ken Urquhart, "My Friend, the Titan", *Ivy* 60, jan. 2003.

35. Malko, *Scientology*, p. 76. Miriam Otenberg, *The Evening Star*, Jan. 1963.

36. A auditoria do irs começou em 1965. A Igreja da Cientologia da Califórnia foi informada de que o irs já não a reconhecia como uma organização religiosa isenta de impostos em julho de 1967. Essa condição permaneceu por 26 anos.

37. Report of the Board od Inquiry into Scientology, p. 1.

38. Ibid., p. 42.

39. Ibid., p. 43.

40. Ibid., p. 47.

41. Rev. Kenneth J. Whitman, presidente e porta-voz da Igreja da Cientologia da Califórnia, "Press Statement", sem data (mas marcado como "Altamente Sigiloso"). Os documentos que a igreja obteve recorrendo à Lei da Liberdade de Informações realmente mostram ampla cooperação entre várias agências internacionais de investigação.

42. Lamont, *Religion, Inc.*, p. 53. Hana Eltringham diz que foi em agosto de 1966, mas Hubbard e McMaster já estavam na Rodésia nessa época. Declaração juramentada de Hana Eltringham Whitfield, 8

mar. 1994.

43. Lamont, *Religion, Inc.*, p. 57.

44. Ibid. Kenneth Urquhart se recorda de que o posto era meramente o de “cardeal”. Kenneth Urquhart, comunicação pessoal.

45. Entrevista com Jim Dincalci.

46. Wallis, *The Road to Total Freedom*, p. 195.

47. “Further Information on L. Ron hubbard and Laurence l. hautz,” despacho da cia, 22 ago. 1966.

48. Reitman, *Inside Scientology*, p.80; Malko, *Scientology*, p. 82.

49. Rotberg, *The Founder*, p. 408.

50. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield.

51. Hana Eltringham (Whitfield), entrevista, “Secret Lives — L. Ron Hubbard”, Channel 4, Reino Unido, 1997.

52. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 258.

53. Lamont, *Religion, Inc.*, p. 54.

54. Corydon, *L. Ron Hubbard*, p. 59. A igreja diz que um apóstata forjou essa carta.

55. Entrevista com Dan Koon. Neville Chamberlin me disse que viu o “armário de remédios” de Hubbard, que era prodigamente abastecido com drogas, e que certa vez presenciou Hubbard aplicando injeção na própria coxa, porém não sabe que substância ele estava usando. “Ele usava drogas quase como um xamã”, especula Chamberlin.

56. Virginia Downsborough, citado em Miller, *Bared-Faced Messiah*, p. 266.

57. Hubbard, “Ron’s Journal ‘67”. Palestra gravada em fita.

58. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield. Essa foi sua impressão, embora aparentemente não haja referência a tal líder ruivo em Blavatsky. Foi, ao que parece, uma impressão que Whitfield teve quando viu Hubbard pela primeira vez.

59. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield.

60. Ibid.

61. Ibid.

62. Veterans Administration, Report of Medical Examination for Disability Evaluation, 27 jul. 1951.

63. Hubbard, *Dianetics*, pp. 10-1.

64. Entrevista com a dra. Catherine Kennedy. Hana Eltringham, por exemplo, me disse que, embora nunca tenha visto Hubbard de óculos, “com frequência eu o via semicerrar os olhos quando pegava algum papel para ler. […] Ele fazia a mesma coisa quando olhava para as pessoas com quem estava conversando”.

65. Hubbard, Professional Auditor’s Bulletin, N. 111, “Eyesight and Glasses”, compilado de material gravado em fita, acc, 1 maio 1957.

66. Tracy Ekstrand, comunicação pessoal.

67. Entrevista com Dan Koon, Tracy Ekstrand, Hana Eltringham Whitfield e Sinar Parman.

68. Entrevistas com Hana Eltringham Whitfield e ex-membros anônimos da Sea Org.

69. Segundo Karin Pouw, havia dez navios na frota da cientologia, mas ela inclui veleiros recreativos. Havia dois “navios-base”, o *Excalibur* e o *Bolivar*, mas Hubbard nunca ficava neles. Mike Rinder, comunicação pessoal.

70. Hawkins, *Counterfeit Dreams*, p. 60.

71. Ken Urquhart, “What Was Ron Really Like?”, discurso no Encontro da Classe viii de 2012, Los Angeles, 14-15 jul. 2012.

72. Entrevistas com Daniel Holeman e ex-membro anônimo da Sea Org.

73. Entrevista com Jim Dincalci.

74. Entrevistas com Tracy Elstrand, Bel Ferradj e Jim Dincalci.

75. Monica Pignotti, “My Nine Lives in Scientology”, 1989. www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/pignotti.

76. Hubbard, *Mission Into Time, p. 27.*

77. Entrevista com Jim Dincalci. Na verdade, Maquiavel não é o autor dessa frase que frequentemente

lhe atribuem. Ela é uma tradução errada de uma passagem fundamental de *O Príncipe:* "*e nelle azioni di tutti li uomini, e massime de' principi, dove non e iudizio da reclamare, si guarda al fine*". O muito citado fragmento — *si guarda al fine* — pode ser traduzido como "é preciso levar em consideração o resultado", mas no contexto realmente se refere a consequências de seus atos para a valorização do príncipe, ou seja, para as críticas ou elogios que ele recebe e não para a relação entre fins e meios em geral". Philip Bobbitt, comunicação pessoal.

78. Joel Sappel e Robert W. Welkos, "The Scientology Story", *Los Angeles Times*, 24-26 jul. 1990.

79. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 362.

80. Reitman, *Inside Scientology*, p. 103.

81. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield.

82. Hubbard, *Mission into Time*, p. 34.

83. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 284.

84. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield.

85. Ibid.

86. Hubbard, *Mission into Time*, p. 34.

87. Ibid., p. 40.

88. Palestra de Hubbard, "Assists", Classe viii, Tape 10, 3 out. 1968.

89. Anotação manuscrita de Hubbard, "Incident 2", parte dos materiais ot iii, 28 out. 1968.

90. Palestra de Hubbard, "Assists", Classe viii, Tape 10, 3 out. 1968.

91. Boa parte dessa história se baseia na palestra de Hubbard, "Assists", Ibid. Não provém dos materiais ot iii, que a Igreja da Cientologia assevera serem sigilosos, segredo comercial, embora estejam facilmente disponíveis na internet. Não diferem substancialmente do material que Hubbard expôs em sua palestra e sobre o qual escreveu em outras obras.

92. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield.

93. Entrevista com um ex-membro anônimo da Sea Org.

94. Entrevista com Gerald Armstrong, "Secret Lives — L. Ron Hubbard", Channel 4, Reino Unido, 1997.

95. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield.

96. Declaração juramentada de Tonja Burden, 25 jan. 1980.

97. Sue Lindsay, "Genius in a Yellow Straw Hat", *Rocky Mountain News*, 16 fev. 1986.

98. Hubbard, *Introduction to Scientology Ethics*, p. 20.

99. Ibid., pp. 13-4.

100. Ibid., p. 101.

101. Palestra de Hubbard, "Ethics and Case Supervision", 9 out. 1968.

102. "Com respeito aos nossos paroquianos, fumar é uma escolha pessoal"; Karin Pouw, correspondência pessoal.

103. Miller, *Bare-Faced Messiah*, p. 275.

104. Ibid., p. 289.

105. Entrevista com "Catherine Harrington".

106. Entrevista com Candy Swanson.

107. Entrevista com Belkacem Ferradj.

108. Ibid.

109. Palestra de Hana Eltringham Whitfield, Simpósio de Hamburgo, 26 mar. 2010.

110. "O tamanho da onda ou vaga não determina se serão ou não jogados ao mar." Hubbard, Flag Order 1499, 21 out. 1968.

111. Lamont, *Religion, Inc.*, pp. 53-4.

112. A igreja declara sobre McMaster: "Ele foi em seu tempo um 'esquilo' que procurava lucrar com suas improvisadas alterações das descobertas do sr. Hubbard […] Morreu em 1990, alcoólatra, e hoje praticamente nenhum membro da cientologia ouviu falar dele". Karin Pouw, comunicação pessoal.

113. Palestra de Hana Eltringham Whitfield, Simpósio de Hamburgo, 26 mar. 2010.

114. Entrevista de Russell Miller a David Mayo, “The *Bare-Faced Messiah* Interviews”, 28 ago. 1986, www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/bfm/interviews/mayo.htm.

115. Sharone Stainforth, theapolloseries.blogspot.com/2012/07/my-transcript-for-dublin-conference.html.

116. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield. Em outra ocasião, Whitfield disse que o menino ficou confinado por quatro dias e noites. Palestra de Hana Eltringham Whitfield, Simpósio de Hamburgo, 26 maio 2010.

117. Entrevista de Russell Miller a David Mayo, “The *Bare-Faced Messiah* Interviews”, 28 ago. 1986, www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/bfm/interviews/mayo.htm. Tonja Burden se lembra de “um menino preso lá por trinta noites, chorando, implorando que o soltassem”. Declaração juramentada de Tonja Burden, 25 jan. 1980. Monica Pignotti também escreve sobre o depósito da corrente: Monica Pignotti, “My Nine Lives in Scientology”, www.cs.cmu.edu/dst/Library/Shelf/pignotti/. Sharone Stainforth se recorda de uma menina de quatro ou cinco anos com a metade superior do corpo para fora do depósito da corrente de um navio, imunda e com o rosto rubro de tanto chorar. Sharone Stainforth, theapolloseries.blogspot.com/2012/07/my-transcript-for-dublin-conference.html. Segundo outro ex-membro da Sea Org, a menina se chamava Angela, “uma lourinha graciosa que lrh considerou sp e mandou prender no depósito da corrente. Ela era tão pequena que eu acho que subiu pela corrente e saiu do depósito no convés de popa, pois me lembro de vê-la saindo por aquele buraco. Não me recordo do que ela fez, mas com certeza aquilo me levou a jurar que nunca deixaria que acontecesse comigo. Lonnie Garrapie, acho (não sei bem como se escreve o nome), um menino do Canadá, foi posto no depósito da corrente por roubar e jogar pela amurada pertences que ele apanhou de outras pessoas — fez isso com a flauta prateada de Kenny Campelman, joias de David Ziff e outros objetos. Divers recebeu ordem de pular na água e tentar recuperar os objetos, que eram muito valiosos”. Ex-membro anônimo da Sea Org, comunicado a Lauren Wolf.

118. Entrevista com ex-membro anônimo da Sea Org.

119. Corydon, *L. Ron Hubbard*, pp. 29-30; Atack, *A Piece of Blue Sky*, p. 180.

120. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield.

121. infinitecomplacency.blogspot.com/2010/03/17-tracing-it-back-to-source_29.html.

122. Hubbard, “Orders of the Day”, 8 dez. 1968.

123. “Catherine Harrington”, comunicação pessoal.

124. Entrevista com “Catherine Harrington”.

125. Ibid.

126. Robert Gillette, “Scientology Flagship Shrouded in Mystery”, *Los Angeles Times*, 29 ago. 1978, http://www.anti-scientologie.ch/Nan-McLean/Video-Transcript-for-Australia-Final.pdf.

127. “About the Apollo”, *press release* sem data.

128. Monica Pignotti, “My Nine Lives in Scientology”, 1989. www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/pignotti/.

129. “Catherine Harrington”, comunicação pessoal.

130. Entrevista com Jim Dincalci.

131. Henry Ginger, “Hassan ii: Never Sure He’ll Be King at Nightfall”, *New York Times*, 20 ago. 1972. Malika, filha do general Oukfir, disse que as vítimas foram “mais de duzentas”. Oukfir e Fitoussi, *Stolen Lives*, 81.

132. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield.

133. Joseph R. Gregory, “Hassan ii of Morocco Dies at 70; A Monarch Oriented to the West”, *New York Times*, 24 jul. 1999.

134. Oukfir e Fitoussi, *Stolen Lives*, p. 94.

135. Garrison, *Playing Dirty*, pp. 79-80. Gillette, “Scientology Flagship Shrouded in Mystery”, *Los Angeles Times*, 29 ago. 1978.

136. Ali Amar, “Hassan ii, Oukfir et l’église de scientology”, *Le Journal Hebdomadaire*, 15 abr. 2006,

www.anti-scientologie.ch/Nan-McLean/Video-Transcript-for-Australia-Final.pdf.

137. Entrevista com Paulette Cooper.

138. *Church of Scientology California vs. Gerald Armstrong*.

139. Carta de Sara Northrup Hubbard Hollister a Paulette Cooper, mar. 1972. Essa carta foi publicada na internet em https://whyweprotest.net/community/threads/lhrs-wife-2-wrote-to-paulette-cooper.44174/, mas Paulette Cooper atestou sua autenticidade.

140. *Church of Scientology California vs. Gerald Armstrong*.

141. Carta de Sara Northrup Hubbard Hollister a Paulette Cooper, mar. 1972.

142. Entrevista de David Mayo com Russell Miller, "The *Bare-Faced Messiah* Interviews", 28 ago. 1986, www.lermanet.com/barwell/david-mayo-interview.txt.

143. Hubbard, hco Policy Letter, "Income Flows and Pools", Issue i, Finance Series 11, 9 mar. 1972.

144. Robert Lindsey, "Scientology Chief Got Millions, Ex-Aides Say", *New York Times*, 11 jul. 1984. Reitman observa que nos anos 1970 Hubbard tinha contas na Suíça, em Luxemburgo e Liechtenstein. O dinheiro era transferido para a conta dele de uma empresa de fachada liberiana, a Fundação de Pesquisas Religiosas. Ela cita Laurel Sullivan: "Era fraude, um deslavado roubo de fundos que deveriam ir para a igreja". *Inside Scientology*, p. 97.

145. Entrevista de Kima Douglas com Russell Miller, "The *Bare-Faced Messiah* Interviews", www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/miller/interviews/kima.htm.

146. Depoimento de L. Ron Hubbard Jr., "City of Clearwater Commission Hearing Re: The Church of Scientology", 6 maio 1982.

147. Entrevista com Hana Eltringham (Whitfield), "Secret Lives — L. Ron Hubbard", Channel 4, Reino Unido, 1997.

148. Entrevistas com Tracy Ekstrand, Jim Dincalci e Hana Eltringham Whitfield.

149. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield.

150. Entrevista com ex-membro anônimo da Sea Org.

151. Bornstein, A Queer and Pleasant Danger, p. 93.

152. Entrevista com Kate Bornstein.

153. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield e membro anônimo da Sea Org.

154. Robert Gillette e Robert Rawitch, "Scientology: A Long Trail of Controversy, *Los Angeles Times*, 27 ago. 1978.

155. Jim Dincalci, comunicação pessoal.

156. Entrevista com Jim Dincalci.

157. Ibid.

158. Hubbard, "Guardian Order, Secret, Snow White Program", 20 abr. 1973.

159. Reitman, *Inside Scientology*, p. 115; matéria não assinada, "Mystery of the Vanished Ruler", *Time*, 31 jan. 1983; Gordon Gregory, "Prosecutors: Scientology Infiltrated Washington Post", *St. Petersburg Times*, 4 dez. 1979; "Sentencing Memorandum", *United States of America vs. Mary Sue Hubbard*, et al., us District Court for the District of Columbia.

160. Entrevistas com Jim Dincalci e ex-membro anônimo da Sea Org.

161. Entrevista com Jim Dincalci e ex-membros anônimos da Sea Org. www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/miller/interviews/kima.htm.

162. Entrevista com Jim Dincalci.

163. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield.

164. Hubbard, Flag Order 3434B, "The Rehabilitation Project Force", 7 jan. 1974, revisado em 21 ago. 1976, nova revisão em 30 maio 1977.

165. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield. Ken Urquhart, na época o "comunicador pessoal" de Hubbard, escreveu o protocolo para a rpf. Ken Urquhart, comunicação pessoal.

166. Entrevista com Karen de la Carriere.

167. Entrevistas com Mike Rinder, Mike Goldstein, Karen de la Carriere e Daniel Holeman.

168. Entrevista com Mike Rinder.
169. Entrevista com Karen de la Carriere.
170. Hubbard, “The Technical Breakthrough of 1973! The Introspection Rundown”, Hubbard Communications Office Bulletin, 23 jan. 1974.
171. Entrevista com Karen de la Carriere.
172. Entrevistas com Mike Goldstein e Neil Safarti.
173. *Bare-Faced Messiah*, p. 325.
174. Entrevistas com Candy Swanson, Hana Eltringham Whitfield e Mike Goldstein; Hal Holmes, comunicação pessoal.
175. Entrevista com Jim Dincalci.
176. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield.
177. Entrevista com ex-membro anônimo da Sea Org.
178. Monica Pignotti, “My 9 Lives in Scientology”, www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/pignotti/.
179. “Catherine Harrington”, comunicação pessoal.
180. *Church of Scientology of Hawaii v. The United States of America*.
181. “Catherine Harrington”, comunicação pessoal.
182. Garrison, *Playing Dirty*, pp. 83-4.
183. Kima Douglas, “The *Bare-Faced Messiah* Interviews”, 27 ago. 1986, www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/miller/interviews/kima.htm.
184. Entrevista com Mike Rinder e Jim Dincalci. A igreja afirma que Hubbard não era fumante inveterado e que deixou de fumar nos últimos anos de vida. Karin Pouw, correspondência pessoal.
185. Correspondência pessoal com ex-membro anônimo da Sea Org.
186. Entrevista com ex-membro anônimo da Sea Org.
187. Garrisson, *Playing Dirty*, p. 86.
188. Ibid., p. 245. Nancy Many, correspondência pessoal.
189. Charles Stafford, Bette Orsini, “Scientology: An In-Depth Profile of a New Force in Clearwater”, *St. Petersburg Times*, 9 jan. 1980. “Religion: A Sci-Fi Faith”, *Time*, 5 abr. 1976. Gary Weber, “Apology to Mayor Gabe Cazares, Richard Leiby and the Citizens of Clearwater Florida by an exScientology Guardian”, www.lermanet.com/garyweber/apology.htm.
190. Tracy Ekstrand, comunicação pessoal.
191. Entrevista de Russell Miller com Kima Douglas, “The *Bare-Faced Messiah* Interviews, 27 ago. 1986, www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/miller/interviews/kima.htm. Segundo a porta-voz da igreja Karin Pouw, Hubbard deixou a Flórida para “se dedicar a pesquisas adicionais”.
192. Entrevista com Dan Koon.
193. Matéria não assinada, “Mystery of the Vanished Ruler”, *Time*, 31 jan. 1983.
194. Entrevista com Karen de la Carriere.
195. Dennis Erlich, “The End of the Quentin”, www.lermanet.com/exit/quentincoroner.htm. Entrevista com Dennis Erlich.
196. Entrevista com Tracy Ekstrand.
197. Entrevistas com ex-membro anônimo da Sea Org.
198. Entrevista com ex-membro anônimo da Sea Org.
199. Entrevista com ex-membro anônimo da Sea Org.
200. Entrevistas com ex-membro anônimo da Sea Org.
201. Entrevista com Cindy Mallien.
202. Sharon Spigelmyer, “Scientology Student Death Probe”, *Las Vegas Sun*, 25 nov. 1976.
203. Entrevista com ex-membro anônimo da Sea Org e Hana Eltringham.
204. Entrevista com Kima Douglas em “The *Bare-Faced Messiah* Interviews”, www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/miller/interviews/kima.htm.
205. Sharon Spigelmyer, “Scientology Student Death Probe”, *Las Vegas Sun*, 25 nov. 1976.

206. Atack, *A Piece of Blue Sky*, p. 214.
207. Entrevista com ex-membro anônimo da Sea Org.

4. A FÁBRICA DE FÉ

1. McWilliams, *Southern California*, p. 254.
2. Ibid., p. 263.
3. Epstein, *Sister Aimee*, p. 420.
4. Berle com Frankel, *Milton Berle*, p. 129.
5. McWilliams, *Southern California*, p. 260.
6. Quinn, *The Original Sin*, p. 127.
7. Hubbard, "Celebrity Defined", hco Policy Letter, 6 nov. 1980.
8. Editorial não assinado, revista *Ability*, sem data. Segundo a igreja, a revista foi publicada em março de 1955. A igreja afirma que William Burke Belknap Jr., um dianético da primeira leva, cujo nome aparece na linha reservada para a assinatura do autor em seguida ao editorial "Project Celebrity", provavelmente escreveu esse artigo. Robert Vaughn Young, que era o principal porta-voz da igreja mas deixou a organização em 1989, escreveu que Hubbard foi o autor do editorial "Project Celebrity". Young, "The Cult of Celebritites", 27 set. 1997, http://www.xenu.net/archive/celebrities/.
9. Hubbard, "Celebrity Centre: Major Target", 19 out. 1980.
10. Carta de Peggy Conway a Gloria Swanson, 25 set. 1956.
11. *What is Scientology?*, p. 235.
12. John H. Richardson, "Catch a Rising Star", *Premiere*, 13 set. 1993, p. 87.
13. *Variety*, 9 set. 1993, p. 7.
14. Ibid., 22 dez. 1988, p. 22.
15. Entrevista com Tom McCafferty.
16. "When It Comes to Comedy, He's 'All In'", revista *Parade*, www.parade.com/celebrity/articles/071017-jerry-seinfeld.html.
17. Entrevista com Spanky Taylor.
18. Entrevista com Spanky Taylor; e Gary Hart, comunicação pessoal. Existe um boato de que o auditor de Hudson se deparou com uma "ocultação" homossexual que Hudson se recusou a admitir, por isso o ator se retirou. Entrevista com Skip Press. Hart afirma que, em decorrência do fiasco com Hudson, Hubbard demitiu o auditor e pôs Yvonne Jentzsch na condição de "Perigo".
19. Reitman, *Inside Scientology*, p. 112.
20. *US vs. Jane Kember*, *Morris Budlong*, Sentencing Memorandum, pp. 23-5.
21. Entrevista com Jesse Prince. Também, Stephen A. Kent, "Brainwashing in Scientology's Rehabilitation Project Force (rpf)", 13 set. 2000, www.solitarytrees.net/pubs/skent/brain.htm.
22. Entrevista com Jesse Prince.
23. Ibid.
24. Lifton, *Thought Reform and the Psychology of Totalism*, p. 436.
25. Ibid., p. 429.
26. Hubbard, "Scientology Definitions i: ot and Clear Defined", palestra, 29 nov. 1966.
27. Hubbard, "Johannesburg Confessional List", hco Policy Letter, 7 abr. 1961, revista em 15 nov. 1987.
28. Monica Pignotti, "My Nine Lives in Scientology", www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/pignotti/.
29. Robert Jay Lifton, correspondência pessoal.
30. Lifton, *Witness to an Extreme Century*, p. 44.
31. Klein, *The Shock Doctrine*, p. 47.
32. Lifton, *Witness to An Extreme Century*, p. 380.

33. Klein, *The Shock Doctrine*, p. 39.
34. Sobre Hubbard ser o autor do panfleto, ver Corydon, *L. Ron Hubbard*, pp. 108-9. O próprio Hubbard mais tarde afirmou: “Foi escrito por um homem chamado Paul Fadkeller e publicado em Berlim em 1947”. Hubbard, Operational Bulletin n. 8, 13 dez. 1955.
35. Ver Brian Ambry, “Revisiting the Textbook on Psychopolitics, Also Known as the Brainwashing Manual”, www.freewebs.com/slyland talledgy/Brainwashing%20Manual%20Parallels.pdf.
36. Anônimo [Hubbard?], “BrainWashing: Synthesis of the Russian Textbook on Psychopolitics”, 1955, p. 6.
37. Ibid., pp. 25-6.
38. Ibid., p. 3.
39. Ver Dick Anthony, “Tactical Ambiguity and Brainwashing Formulations”, em Zablocki e Robbins, *Misunderstanding Cults*, p. 282.
40. Entrevista com Jesse Prince.
41. Ver ensaio de Benjamin Zablocki, “Scientific Theory of Brainwashing”, em Zablocki e Robbins, *Misunderstanding Cults*, pp. 159-214.
42. Entrevistas de Lawrence Wollersheim com Jesse Prince, www.lermanet.com/prince/.
43. Entrevista com Danle Holeman.
44. Entrevista com Joan Prather.
45. “Scientology Shines in the New tv Hit, ‘Welcome Back, Kotter’. John Travolta”. *Celebrity*, s/n, s/d (1975).
46. Citado em John H. Richardson, “Catch a Rising Star”, *Premiere*, set. 1993.
47. Andrews, *John Travolta: The Life*, p. 39.
48. Entrevista com Sandy Kent Anderson.
49. *What is Scientology?*, p. 233.
50. Hubbard, *Introduction to Scientology Ethics*, p. 463.
51. Clarkson, *John Travolta: Back in Character*, p. 118.
52. Reitman, *Inside Scientology*, p. 264.
53. Garrison, *Playing Dirty*, p. 129.
54. Timothy S. Robinson, “Scientology Raid Yielded Alleged Burglary Tools”, *Washington Post, 14 jul. 1977.*
55. “Disco Fever: ‘Saturday Night Fever’ Premiere Party”, Paramount Television, 1977, www.youtube.com/watch?v=kMCxsmOTm-k.
56. Entrevista com Spanky Taylor.
57. Sheila Huber, comunicação pessoal. Huber diz que mais tarde foram adicionadas seis babás voluntárias para cuidar dos bebês e crianças pequenas. Ela só se recorda de uma ocasião em que as crianças foram postas ao ar livre: “Elas se sentaram num círculo do tamanho de um berço debaixo de uma árvore. Ficaram com medo, muito medo — do sol, da grama, de tudo”.
58. Entrevista com Spanky Taylor.
59. Entrevistas com Jesse Prince, Spanky Taylor e Sandy Kent Fuller.
60. Entrevista com Spanky Taylor.
61. Judson Klinger, “Playboy Interview: John Travolta”, *Playboy*, dez. 1978.
62. Entrevista com Spanky Taylor.
63. Entrevista de Lauren Wolf com Kate Edwards.
64. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield.
65. Entrevista com “Catherine Harrington”.
66. Judson Klinger, “Playboy Interview: John Travolta”, *Playboy*, dez. 1978.
67. Richard Behar, “The Thriving Cult of Greed and Power”, *Time*, 6 maio 1991.
68. Entrevistas de Lawrence Wollersheim com Jesse Prince: www.lermanet.com/prince/.
69. Entrevista com William “Bill” Franks.

70. Entrevista com Gary Weber. Também, Gary Weber, “Apology to Mayor Gabe Cazares, Richard Leiby and the Citizens of Clearwater Florida by an exScientology Guardian”, www.lermanet.com/garyweber/apology.htm.
71. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.
72. Entrevista com Spanky Taylor.
73. Entrevista com Spanky Taylor.

5. DESCARTOU O CORPO

1. Kima Douglas, “The *Bare-Faced Messiah* Interviews”, 27 ago. 1986, www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/miller/interviews/kima.htm.
2. www.form.exscn.net/showthread.php?23706-Milton-Katselas-and-scientology.
3. Entrevistas com Allen Barton e Art Cohan.
4. Entrevista com “Catherine Harrington”.
5. Entrevista com ex-membro anônimo da Sea Org.
6. Entrevista de Russell Miller com David Mayo, “The *Bare-Faced Messiah* Interviews”, 28 ago. 1986, www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/bfm/interviews/mayo.htm.
7. Entrevista com ex-membro anônimo da Sea Org.
8. Ibid.
9. Entrevista com Sinar Parman.
10. Jason Nark, “From Here to Scientology: Worldwide Leader David Miscavige’s Philly-Area Roots”, *Philadelphia Daily News*, 3 jan. 2012.
11. Declaração de David Miscavige, *Larry Wollersheim vs. the Church of Scientology California*.
12. Entrevista com Karen de la Carriere.
13. Entrevista com Ervin Scott.
14. Ibid.
15. Entrevista com Karen de la Carriere. Quando indagada a respeito desse incidente, a Igreja da Cientologia se recusou a responder.
16. Depoimento de David Miscavige, *Larry Wollersheim vs. David Miscavige and Church of Scientology California*, 30 out. 1999.
17. Depoimento de David Miscavige, *Bent Corydon vs. Church of Scientology*, 19 jul. 1990.
18. Entrevista com Sinar Parman.
19. Jim Ruttenberg, “Romney favors Hubbard Novel”, *The New York Times*, 30 abr. 2007.
20. Entrevista com Bill Franks. Marty Rathburn acredita que Miscavige só se encontrou com Travolta nos anos 1990.
21. Sinar Parman, comunicação pessoal.
22. Entrevista com John Brousseau.
23. Entrevistas com Steve “Sarge” Pfauth e Tory Christman; Sue Lindsay, “Genius in a Yellow Straw Hat”, *Rocky Mountain News*, 16 fev. 1986.
24. Entrevista com Denise (Larry) Brennan.
25. Resposta da Igreja da Cientologia a indagações.
26. Entrevista com Paul Haggis.
27. Reitman, *Inside Scientology*, p. 136.
28. John Brousseau e Gale Irwin, comunicação pessoal. Brousseau se lembra de que Marc Yager destruiu o telefone com a chave de roda, mas Irwin observa: “Tenho uma vívida recordação de Miscavige destruindo o telefone”.
29. Reitman, *Inside Scientology*, pp. 136-7.
30. Entrevista com Ben Corydon.
31. Entrevista com ex-membro anônimo da Sea Org.

32. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.

33. Entrevista de Russell Miller com David Mayo, “The *Bare-Faced Messiah* Interviews”, 18 ago. 1986, www.cs.cmu.edu/~dst/Library/Shelf/bfm/interviews/mayo.htm.

34. Entrevista com ex-membro anônimo da Sea Org. Gerald Armstrong testemunhou que a tripulação tinha ordens para destruir “qualquer coisa que associasse L. Ron Hubbard às propriedades de Gilman ou La Quinta; qualquer coisa que mostrasse alguma ligação com o Escritório do Guardião; qualquer coisa que indicasse o controle de Hubbard sobre a cientologia ou as finanças da cientologia; qualquer coisa que mostrasse ordens escritas por Hubbard nas organizações da cientologia”. *Church of Scientology California vs. Gerald Armstrong*, Suprema Corte do estado da Califórnia para o condado de Los Angeles.

35. Entrevistas com William “Bill” Franks e John Brousseau.

36. Thomas C. Tobin, “The Man Behind Scientology”, *St. Petersburgh Times*, 25 out. 1998.

37. Declaração de David Miscavige, *Church of Scientology International vs. Steven Fishman and Uwe Geertz*. Klaus Buchele, que trabalhou no Escritório do Guardião, estima que no mundo todo havia entre seiscentos e setecentos guardiões. Entrevista com Klaus Buchele.

38. Entrevista com Sandra Holeman Barnes.

39. Depoimento de Mary Sue Hubbard, *Church of Scientology California, vs. Gerald Armstrong*, Superior Court of the State of California for the County of Los Angeles.

40. Peter Small, “Crimes Outraged Church Trial Told”, *Toronto Star*, 29 maio 1992.

41. Entrevista com ex-membro anônimo da Sea Org.

42. Entrevista com William “Bill” Franks.

43. Ibid.

44. Depoimento de Mary Sue, *Church of Scientology California, vs. Gerald Armstrong*, Suprema Corte do estado da Califórnia para o condado de Los Angeles.

45. Terry Colvin, “Scientology at Gilman: Hubbard Said at Ex-Resort”, *Riverside Press-Enterprise*, 13 abr. 1980.

46. Entrevista com Denise (Larry) Brennan.

47. Entrevista com Jim Dincalci.

48. Entrevista com John Brousseau.

49. Entrevista com Jesse Prince.

50. David Yonke, “Scientology Story Sparks Heated Response”, *Toledo Blade*, 2 jul. 2005.

51. Tony Ortega, “Scientology’s Crushing Defeat”, *Running’ Scared* (blog), *The Village Voice*, 24 jun. 2008.

52. Declaração juramentada de Vicki Aznaran, 29 jun. 1993.

53. William H. Horne, “The Two Faces of Scientology”, *American Lawyer*, jul./ago. 1992.

54. Declaração resgistrada de Vicki Aznaran, 29 jun. 1993.

55. “Scientologists Scramble to Keep Secrets”, *Los Angeles Times* [via *San Francisco Chronicle*], 7 nov. 1985.

56. Joel Sappell e Robert Welkos, “Scientologists Rush to Protect Basic Beliefs Released by Judge”, *Los Angeles Times*, 5 nov. 1985.

57. John McCoy e S. L. Sanger, “Travolta and Other Scientologists Swarm into Portland to Protest”, *Seattle Post-Intelligencer*, 21 maio 1985.

58. John Painter, “Witness Describes Scientology Drills”, *Oregonian*, 25 jul. 1979.

59. Tony Ortega, “Scientology’s Crushing Defeat”, *Running’ Scared* (blog), *The Village Voice*, 24 jun. 2008.

60. Entrevista com Dan Garvin.

61. Declaração juramentada de Andre Tabayoyon, 19 ago. 1994.

62. www.forum.exscn.net/showthread.php?16875-The-Battle-of-Portland.

63. Nancy Collins, “Sex and the Single Star”, *Rolling Stone*, 18 ago. 1983.

64. Holly Danks, “Film Star Joins in Scientology Verdict Protest”, *Oregonian*, 21 maio 1985,

www.forum.exscn.net/showthread.php?16875-The-Battle-of-Portland.

65. Atack, *A Piece of Blue Sky*, p. 349.

66. Hubbard, “Death”, palestra, 30 jul. 1957.

67. Hubbard, *Scientology: A History of Man”*, pp. 109-10.

68. Hubbard, “Death”, palestra, 30 jul. 1957.

69. Segundo Karen de la Carriere, essas instruções eram parte das diretrizes secretas de Hubbard. Ele também se opunha à autópsia porque o thetan podia ainda estar habitando o corpo no momento do procedimento.

70. Hubbard, “Aberration and the Sixth Dynamic”, palestra, 13 nov. 1956.

71. “L. Ron Hubbard, nota biográfica, ‘Dianetics: The Evolution of a Science’”, 1972. Hubbard, “Case Analysis — Rock Hunting”, palestra, 4 ago. 1958, parte das perguntas e respostas.

72. Reitman, *Inside Scientology*, p. 144.

73. Hubbard, *Ammended Trust Agreement*, 23 jan. 1986

74. Entrevista com Steve “Sarge” Pfauth.

75. Hubbard, “The Sea Org The Future”, Flag Order 3879, 19 jan. 1986.

76. Tommy Davis disse ao *New Times* que Hubbard tomou a medicação contra alergias. Colin Rigley, “L. Ron Hubbard’s Last Refuge”, *New Times*, 28 maio 2009.

77. Robert Vaugh Young, “rvy Update by rvy”, 2 set. 1998.

78. Steve “Sarge” Pfauth, comunicação pessoal.

79. Ibid.

80. Declaração de Vicki Aznaran, 7 mar. 1994.

81. Resposta da Igreja da Cientologia a indagações.

82. “lrh Death Event — 02 of 16 — dm Tells of lhr’s Death”, www.youtube.com/watch?v=YUXhJtRWYMfeature=relmfu.

83. Hubbard, “Flag Order 3879”, 19 jan. 1986. Robert Vaughn Young, “rvy Update by rvy”, 2 set. 1998, www.xenu-directory.net/accounts/youngr19980902.html.

84. “lhr Death Event 09 Pat Broeker D”, www.youtube.com/watch?v=F2jG7adsPzcfeature=relmfu.

85. Entrevista com John Brousseau.

86. Reitman, *Inside Scientology*, p. 150.

87. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.

88. Entrevista com Aerial Long.

89. www.factnet.org/Scientology/jesse_tapes.html.

90. Estado da Califórnia, atestado de óbito de John Joseph Colletto. A revista *Freedom*, publicação da cientologia, afirma equivocadamente que Colletto se envenenou. “The Rathbun Family: Madness, Mayhem, and Mysterious Death”, *Freedom*, sem data, sem assinatura.

91. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.

92. Entrevista de Lauren Wolf com Mark “Marty” Rathbun.

93. A investigação da cid [Divisão de Investigação Criminal do irs] terminou em novembro de 1987.

94. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun. Joe Childs, Thomas C. Tobin e Maurice Rivenbark, “Spying on Pat Broeker”, entrevista em vídeo, *Tampa Bay Times*, 30 set. 2012.

95. *Plaintiff’s First Amendment Petition, Paul Marrick and Greg Arnold vs. Religious Technology Center, Church of Scientology International, Church of Scientology of Texas, and David Miscavige*.

96. Joe Childs, Thomas C. Tobin e Maurice Rivenbark, “Spying on Pat Broeker”, entrevista em vídeo, *Tampa Bay Times*, 30 set. 2012.

97. Robert Vaughn Young, “rvy Update by rvy”, 2 set. 1998.

98. Entrevistas com John Brousseau e Mareka James.

99. Peggy Daroesman, correspondência pessoal.

100. Entrevista com Guy White. Happy Valley foi fechado em 2000, quando uma equipe de

documentaristas alemães revelou sua localização. Reitman, *Inside Scientology*, p. 331.

6. A SERVIÇO DOS ASTROS

1. “Celebrity Interview: Executive Producer — Paul Haggis”, *Celebrity*, sem número, sem data, p. 7.
2. Ibid.
3. Associação Internacional de Cientologistas, comemorações do 21º aniversário, Impact 112, 2006.
4. *Church of Scientology of California vs. Gerald Armstrong*, p. 1503.
5. *What is Scientology?*, p. 412.
6. Vernon Scott, “‘Narconon Salvaged My Life’ — Kirstie Alley”, upi, 3 maio 1990.
7. “New York Rescue Workers Detoxification Project”, publicação da cientologia, sem data.
8. Entrevista de celebridade: Kelly Preston, *Celebrity*, n. 376, sem data, p. 13.
9. Tommy Davis em *Today*, 8 jan. 2009.
10. “Expanded Dianetics Lecture N. 2”, 7 abr. 1972.
11. “Kelly Preston: A Mother Crusade”, *Montel Williams Show*, 12 mar. 2003.
12. “Classification Gradation and Awareness Chart of Levels and Certificates”, Issue 1, *Flag*, jun. 1970.
13. Entrevistas com Ed Zwick e Marshall Herskovitz.
14. Entrevista com Larry Anderson.
15. Entrevista com Bill Dendiu. A igreja contesta os números das vendas, mas não apresenta dados alternativos. Em 1990, mais de vinte dos livros de Hubbard, tanto romances como não ficção, tinham se tornado best-sellers nos Estados Unidos, a maioria depois de sua morte, quatro anos antes. Houve um momento em que Hubbard teve quatro obras consecutivas na lista dos mais vendidos do *New York Times*. Houve alegações de que a igreja estava mandando membros comprarem quantidades colossais dos livros de Hubbard para elevar os números das vendas. O *Times* investigou essas acusações, mas não conseguiu encontrar nenhum caso de venda para um único indivíduo de grande número de exemplares de livros de Hubbard. Os donos de livraria, de qualquer modo, gostaram de vendê-los.
16. Tommy Davis nega que Miscavige tenha encontrado Haggis na corrida. “Na verdade, não achamos nenhum registro de que o sr. Haggis tenha alguma vez encontrado o sr. Miscavige”. No entanto, Bill Dendiu e Haggis se lembram da conversa. Jefferson Hawkins escreveu que Miscavige e outros executivos da cientologia estavam na corrida; *Counterfeit Dreams*, p. 174. David Miscavige recusou muitos pedidos para falar comigo.
17. Entrevista com Paul Haggis. O advogado de Travolta concorda que seu cliente esteve na corrida.
18. Entrevista com Guy White.
19. Ibid.
20. Ibid.
21. Ibid.
22. Entrevista com Marc Headley.
23. Sue Lindsay, “Studio’s Ready for Man Who Never Came, Never Will”, *Rocky Mountain News*, 16 fev. 1986; entrevista com Tom De Vocht.
24. David Mayo, “An Open Letter to All Scientologists”, www.freezone.org/reports/e_mayool.htm.
25. Entrevista com Guy White.
26. Morton, *Tom Cruise*, p. 41.
27. Ibid., p. 9.
28. Ibid., p. 18.
29. Ibid., p. 25.
30. Roger nega isso, embora seu pai, Philip Spickler, confirme esse relato frequentemente publicado.
31. Reitman, *Inside Scientology*, p. 273.
32. Ibid.

33. Luchina Fisher, “Celebrities with Dislexia Who Made It Big”, *ABC Good Morning America*, 28 set. 2012, abcnews.go.com/Entertainment/celebrities-dislexia-made-big-story?id=17338379#2.

34. Entrevista com Philip Spickler.

35. Morton, *Tom Cruise*, p. 138.

36. Entrevista com Sinar Parman.

37. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.

38. Michael Angeli, “Screaming Mimi”, *Playboy*, mar. 1993.

39. Entrevista com Jim Logan. Headley, *Blown for Good*, pp. 98-9; e Thomas C. Tobin e Joe Childs, “Caught Between Scientology and Her Husband, Annie, Tidman Chose the Church”, *St. Petersburg Times*, 14 nov. 2009.

40. Declaração juramentada de Andre Tabayoyon, 19 ago. 1994.

41. Entrevistas com Claire Headley, Mark “Marty” Rathbun e Jesse Prince.

42. Resposta da Igreja da Cientologia a indagações.

43. Thomas C. Tobin e Joe Childs, “Caught Between Scientology and Her Husband, Annie Tidman Chose the Church”, *St. Petersburg Times*, 14 nov. 2009. O advogado de Tidman negou ao jornal que ela tenha sido retida contra a vontade.

44. Entrevista com Jim Logan.

45. Thomas C. Tobin e Joe Childs, “Caught Between Scientology and Her Husband, Annie Tidman Chose the Church”, *St. Petersburg Times*, 14 nov. 2009.

46. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.

47. Declaração de Robert V. Levine, *Marc Headley vs. Church of Scientology International*, e *Claire Headley vs. Church of Scientology International*, et al., atualizado, 21 jan. 2010.

48. Entrevista com Gary “Jackson” Morehead.

49. Sargento Joe Borja, comunicação pessoal.

50. Gary “Jackson” Morehead, comunicação pessoal.

51. Entrevista com Gary “Jackson” Morehead.

52. Tony Ortega, “’Tom Cruise Worships David Miscavige Like a God’: A Scientology Insider Gives First Full-Length Interview to the Voice”, *Running Scared* (blog), *The Village Voice*, 28 jul. 2012.

53. Entrevista com Jim Logan.

54. Entrevista de Karen Pressley em *One Day One Destiny*, documentário francês produzido por Magneto Presse, 2009. Declaração juramentada de Andre Tabayoyon, 19 ago. 1994.

55. Entrevista com Mark Headley.

56. Declaração juramentada de Andre Tabayoyon, 19 ago. 1994. Também entrevistas com Amy Scobee e Marc Headley.

57. Declaração juramentada de Andre Tabayoyon, 19 ago. 1994.

58. Entrevista com Sinar Parman.

59. Mark “Marty” Rathbun, comunicação pessoal; também o post no blog de Rathbun, *Moving on Up a Little Higher*, markrathbun.wordpress.com, 12 abr. 2010; e Rathbun, *The Scientology Reformation*, *p. 25.* Entrevista com Sinar Parman. Em 1992, depois de sofrerem grandes prejuízos, os irmãos dissolveram seu fundo de investimentos.

60. Reitman, *Inside Scientology*, p. 279.

61. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.

62. Sinar Parman, comunicação pessoal.

63. Entrevista com Bruce Hines.

64. Headley, *Blown for Good*, pp. 116-8.

65. Hubbard, “Training and cch Processes”, hco Bulletin, 11 jun. 1957, reeditado 12 maio 1972.

66. Entrevista com Amy Scobee e John Brousseau; Mike Rinder, correspondência pessoal; Mark “Marty” Rathbun, correspondência pessoal com Lauren Wolf; Reitman, *Inside Scientology*, p. 282.

67. Scobee, *Abuse at the Top*, p. 70. David Lingerfelter me disse que instalou o sistema de satélite para a casa de Cruise, e dois outros membros da Sea Org instalaram o equipamento de áudio e vídeo.

68. Entrevista com Sinar Parman.
69. Entrevista com Alissa Haggis.
70. Entrevista com Lauren Haggis.
71. Hubbard, “Barriers to Study”, *Word Clearing Series 3*, hco Bulletin, 25 jun. 1971.
72. Ibid.
73. Hubbard, “How to Use a Dictionary”, *Word Clearing Series 22R*, Board Technical Bulletin, 4 set. 1971 R, revisto em 15 dez. 1973, revisto em 20 jul. 1974 como btb.
74. Hubbard, “Barriers to Study”, *Word Clearing Series 3*, hco Bulletin, 25 jun. 1971.
75. Igreja da Cientologia Internacional, *Assists for Illnesses and Injuries*, p. 10.

7. O FUTURO É NOSSO

1. Acordo firmado entre a Hill Knowlton e a Internacional da Igreja da Cientologia, cit. in “Memorandum Opinion and Order”, *Church of Scientology, International, vs. Eli Lilly Co., Hill Knowlton, Inc., et al*. Tribunal Distrital dos Estados Unidos para o distrito de Columbia, 18 mar. 1994.
2. Susan B. Trento, “Lord of the Lies: How Hill and Knowlton’s Robert Gray Pulls Washington’s Strings”, *Washington Monthly*, set. 1992. Trento, *The Power House*.
3. Ted Rowse, “Kuwaitgate — Killing of Kuwaiti Babies by Iraqi Soldiers Exaggerated”, *Washington Monthly*, set. 1992.
4. Tara Weiss, “npr Insists Funding Doesn’t Influence News”, *Hartford Courant*, 15 mar. 2001.
5. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.
6. Behar, “Scientology: The Thriving Cult of Greed and Power”, *Time*, 6 maio 1991.
7. Hawkins, *Counterfeit Dreams*, p. 170.
8. Richard Behar, “Scientology: The Thriving Cult of Greed and Power”, *Time*, 6 maio 1991.
9. Richard Behar, “The Scientologists and Me”, *Time*, 6 maio 1991.
10. Entrevistas com Mark “Marty” Rathbun e Mike Rinder.
11. *Nightline*, 18 nov. 2006.
12. Marty Rathbun, comunicação pessoal. Marc Headley, comunicação pessoal.
13. Douglas Franz, “An Ultra-Aggressive Use of Investigators and the Courts”, *New York Times*, 9 mar. 1997. Segundo *60 Minutes*: “Agora, quando você liga pedindo informações sobre um culto, a chance é que você esteja falando com um cientologista”. Leslie Stahl, “The Cult Awareness Network”, *60 Minutes*, 28 dez. 1997. Garry Scarff, ex-cientologista, me disse (e atestou) que recebeu ordens de aprender como cortar o freio do carro de Cynthia Kisser; ele diz que, se o acidente resultante não a matasse, ele devia fingir ser um bom samaritano, entrar no carro e estrangulá-la. Mas o plano nunca foi posto em prática.
14. David Miscavige em *Nightline*, 18 nov. 2006. Hawkins, *Counterfeit Dreams*, pp. 208-9.
15. J. P. Kumar, “‘Fair Game’: Leveling the Playing Field in Scientology Litigation”, *Review of Litigation*, verão 1997, vol. 16, pp. 747-72.
16. John Huey, comunicação pessoal.
17. Hubbard, “The Scientologist, A Manual on the Dissemination of Material”, *Ability, c*. 1955.
18. Hubbard, Hubbard Communications Office Policy Letter, “Dept of Govt Affairs”, 15 ago. 1960.
19. Hubbard, Hubbard Communications Office Policy Letter, “Attacks on Scientology”, 25 fev. 1966.
20. Douglas Frantz, “The Shadowy Story behind Scientology’s Tax — Exempt Status”, *New York Times*, 9 mar. 1997.
21. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.
22. David Miscavige, discurso à Associação Internacional de Cientologistas, 8 out. 1993, http://www.xenu.net/archive/oca/speech.html.
23. Reitman, *Inside Scientology*, p. 163.
24. David Miscavige, discurso à Associação Internacional de Cientologistas, 8 out. 1993,

www.xenu.net/speech.html.

25. Ibid.

26. Entrevista com Mark Rathbun. Reitman, *Inside Scientology*, p. 165.

27. Douglas Frantz, "The Shadowy behind Scientology's Tax — Exempt Status", *New York Times*, 9 mar. 1997.

28. Reitman, *Inside Scientology*, p. 166.

29. Entrevista com Denise Brennan.

30. Hubbard, "Cancellation of Fair Game", 21 out. 1968.

31. Entrevista com Flinn.

32. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun.

33. Miscavige, discurso à Associação Internacional de Cientologistas, 1993, http://www.xenu.net/archive/oca/speech.html.

34. Garrison, *Playing Dirty*, p. 101.

35. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun.

36. David Miscavige, discurso à Associação Internacional de Cientologistas, 8 out. 1993, http://www.xenu.net/archive/oca/speech.html.

37. Reitman, *Inside Scientology*, pp. 167-88.

38. Elizabeth MacDonald, "Scientologists and irs 12.5 Million", *Wall Street Journal*, 30 dez. 1997.

39. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun.

40. Entrevista com Stefan Castle. "Ele não me machucou fisicamente", disseme Castle. "Foi mais psicológico." Rathbun presenciou o episódio.

41. Entrevista com Amy Scobee.

42. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun.

43. markrathbun.wordpress.com/2009/09/21/the-joe-howard-paradigm-tech-outside-the-wall/.

44. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun.

45. Hubbard, "Kha-Khan", hco Carta de Diretrizes, 25 maio 1982.

46. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun.

47. Thomas C. Tobin e Joe Childs, "Death in Slow Motion: Part 2 of 3 in a special report on the Church of Scientology", *St. Petersburg Times*, 22 jun. 2009.

48. Reitman, *Inside Scientology*, p. 201.

49. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun. Thomas C. Tobin e Joe Childs, "Death in Slow Motion: Part 2 of 3 in a special report on the Church of Scientology", *St. Petersburg Times*, 22 jun. 2009.

50. Reitman, *Inside Scientology*, p. 227; Headley, *Blown for Good*, p. 181; Thomas C. Tobin e Joe Childs, "Death in Slow Motion: Part 2 of 3 in a special report on the Church of Scientology", *St. Petersburg Times*, 22 jun. 2009.

51. Entrevista do detetive Ron Sudler com o dr. David Minkoff, Boletim de Ocorrência da Flórida, 15 abr. 1996. Thomas C. Tobine Joe Childs, "Death in Slow Motion: Part 2 of 3 in a special report on the Church of Scientology", *St. Petersburg Times*, 22 jun. 2009.

52. Ina Brockmann e Peter Reichelt, "Missing in Happy Valley", 1999. *Missing in Happy Valley*, video.google.com/videoplay?docid=2742505831051424517.

53. Thomas C. Tobin e Joe Childs, "Slow Motion: Part 2 of 3 in a special report on the Church of Scientology", *St. Petersburg Times*, 22 jun. 2009.

54. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun.

55. Thomas C. Tobin e Joe Childs, "Death in Slow Motion: Part 2 of 3 in a special report on the Scientology", *St. Petersburg Times*, 22 jun. 2009.

56. Entrevistas com Mark "Marty" Rathbun e Mike Rinder.

57. *Inside Edition*, 21 jan. 1997.

58. Entrevista com Mike Rinder.

59. Andrew Meacham, "Lisa McPherson Scientology Case Drove Joan Wood from Medical Examiner to

Recluse", *Tampa Bay Times*, 30 jul. 2011.

60. Vídeo com Mark "Marty" Rathbun, "Knowledge Report", https://whyweprotest.net/community/threads/wtsp-federal-suit-scientologist-spent-30-mil-to-cover-up-death-of-lisa-mcpherson.106523/page-3#post-2223487. Goodis recorda que houve o alerta de um "risco legal" para sua cliente, mas não lembra a citação.

61. Goodis alega que apenas lhe forneceu todas as informações que recebeu da igreja e que foi ela quem tomou sua própria decisão.

62. Andrew Meacham, "Lisa McPherson Scientology Case Drove Joan Wood from Medical Examiner to Recluse", *Tampa Bay Times*, 30 jul. 2011.

63. Entrevista com Mike Rinder.

64. Entrevista com Mike Rinder, Mark "Marty" Rathbune e Tom De Vocht; depoimento de Mark "Marty" Rathbun, *Kennan G. Dandar and Dandar Dandar vs. Church of Scientology Flag Service Organization, Inc.*, et al., 9 nov. 2012.

65. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun; Corpo de redatores da *Times*, "Leftovers Again? Mayor Iorio Not Tom Cruise's Only Dinner Partner", *St. Petersburg Times*, 27 jun. 2003.

66. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun.

67. Ibid.

68. Mark "Marty" Rathbun, "David Miscavige the Cheater", http://markrathbun.wordpress.com/2011/08/03/david-miscavige-the-cheater/

69. Depoimento de Mark "Marty" Rathbun, *Kennan G. Dandar and Dandar Dandar vs. Church of Scientology Flag Service Organization, Inc.*, et al., 9 nov. 2012.

70. www.guardian.co.uk/world/us-embassy-cables-documents/135450wikileaks.

71. Depoimento de John Travolta, "Religious Intolerance in Europe Today", audiência perante a Comissão de Segurança e Cooperação na Europa (Comissão de Helsinque), 18 set. 1997.

72. Depoimento de Chick Corea, ibid.

73. David Hudson, "Scientology's 'Holocaust'", *Salon Daily Clicks*, 25 fev. 1997.

74. Clarke, *Encyclopedia of New Religious Movements*, pp. 472-3.

75. Katherine Ramsland, "The Order of the Solar Temple", www.trutv.com/library/crime/notorious_murders/mass/solar_temple/1.html.

76. Lifton, *Destroying the World to Save It*, p. 6.

77. Ibid.

78. Nick Broadhurst, *Aum Supreme Truth*, 2000, web.archive.org/web/20070928161556/http://www.cultawarenessnetwork.org/AUM/preamble.html.

79. George D. Chryssides, "'Come On Up, and I Will Show Thee': Heaven's Gate as a Postmodern Group", in Lewis e Petersen, *Controversial New Religions*, p. 361; *Destroying theWorld to Save It*, pp. 320-1.

80. Lifton, *Destroying the World to Save It*, p. 6.

81. Ibid., p. 37.

82. Russ Baker, "Clash Titans", *George*, abr. 1997.

83. Bertram Fields a indagações de Lauren Wolf.

84. David Hudson, "Scientology's 'Holocaust'", *Salon Daily Clicks*, 25 fev. 1997.

85. "Religious Intolerance in Europe Today", audiência perante a Comissão de Segurança e Cooperação na Europa (Comissão de Helsinque), 18 set. 1997.

86. Young, "Bill Clinton's Grand Seduction", *George*, mar. 1998.

87. Ibid.

88. Stephen A. Kent, "Hollywood's Celebrity-Lobbyists and the Clinton Administration's American Foreign Policy toward German Scientology", *Journal of Religion and Popular Culture* 1 (primavera 2002).

89. Jennifer Tanaka, "Hollywood versus Germany over Scientology", *Maclean's*, 20 jan. 1997.

8. BOHEMIAN RHAPSODY

1. Entrevista com Lauren Haggis.
2. Ibid.
3. Entrevista com Alissa Haggis.
4. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun. Anna Schecter, “Tom Cruise’s Former Scientology Auditor Speaks about Cruise/Kidman Divorce”, *Rock Center with Brian Williams*, 11 jul. 2012. A igreja emitiu uma declaração negando que Kidman foi considerada uma sp; ver Maureen Orth, “What Katie Didn’t Know: Marriage, Scientology-Style”, *Vanity Fair*, out. 2012.
5. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.
6. Meryl Gordon, “Nicole Kidman Tells It Like It Is”, *Marie Claire*, 11 nov. 2007.
7. Dickerson, *Nicole Kidman*, pp. 146-7.
8. Entrevista com Jason Beghe. O advogado de Cruise diz: “O sr. Cruise pode ter cruzado por acaso com Jason Beghe no Centro de Celebridades, mas não teve nenhum encontro com ele”.
9. Entrevista com Tommy Davis.
10. Entrevista com Claire Headley.
11. Entrevista com Jason Beghe.
12. *One Day One Destiny*, documentário francês produzido pela Magneto Presse, 2009.
13. Dana Kennedy, “Katie Holmes ‘Biggest Nightmare’ in Scientology History, Say Experts”, *Hollywood Reporter*, 4 jul. 2012.
14. Entrevista com Tom De Vocht. Marc Headley disse à *Vanity Fair* que havia câmeras atrás de um móvel e dentro de uma lâmpada para gravar as sessões de Cruise: “Havia duas posições de tomadas — uma em close-up do mostrador do E-meter e a outra em tomada longa por cima do ombro de Marty, mostrando Tom Cruise segurando as latas”. Maureen Orth, “What Katie Didn’t Know”, *Vanity*, out. 2012.
15. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.
16. Cerimônia de Entrega da Medalha de Bravura Liberdade, da Associação Internacional de Cientologistas, 2004.
17. Reitman, *Inside Scientology*, p. 290.
18. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun; www.themortonreport.com/celebrity/notables/bill-clinton-tom-cruise-plotted-to-use-tony-blair-to-gain-tax-scientology/.
19. Entrevista com Mike Rinder.
20. Reitman, *Inside Scientology*, p. 286.
21. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.
22. Entrevista com Paul Haggis.
23. Ibid.
24. Entrevista com Deborah Rennard Haggis.
25. Entrevista com Paul Haggis.
26. Haggis dividiu os créditos na tela com William D. Broyles Jr.
27. Entrevista com Paul Haggis.
28. Headley, *Blown for Good*, p. 118.
29. Entrevista com Tommy Davis, que disse que Haggis “pediu milhões de desculpas”.
30. Jana Winter, “Will Smith Funds Private Scientology School”, FoxNews.com, 30 maio 2008.
31. Reitman, *Inside Scientology*, p. 289.
32. www.zimbio.com/Erika+Christensen/articles/3/Surprising+Celebrity+Scientologist+9+Erika.
33. Reitman, *Inside Scientology*, p. 266.
34. Entrevista com Allen Barton.
35. Carta de Allen Barton a Jenna Elfman, 1 jun. 2004.
36. Entrevistas com Tom McCafferty e Art Cohan.
37. Entrevistas com Art Cohan e Allen Barton.

38. Morton, *Tom Cruise*, p. 337.
39. Jeff Hawkins, cit. in Reitman, *Inside Scientology*, p. 290.
40. Rathbun, *The Scientology Reformation*, p. 77.
41. Entrevista com Marshall Herskovitz.
42. Entrevista com Josh Brolin. Travolta, por intermédio de um advogado, admitiu que o episódio com Brando de fato ocorreu, mas caracterizou-o como "próprio de um tabloide".
43. Lana Mitchell, correspondência pessoal.
44. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun.
45. Ibid.
46. Marty Rathbun, "Public Announcement", 28 set. 2003. *Freedom*, "The Posse of Lunatics", sem data.
47. Mariette Lindstein, comunicação pessoal.
48. Joe Childs e Thomas C. Tobin, "Ex-Clearwater Scientology Officer Debbie Cook Testifies She Was Put in 'The Hole,' Abused for Weeks", *Tampa Bay Times*, 10 fev. 2012.
49. Entrevista de Lauren Wolf com Mike Rinder.
50. Ibid.
51. Mariette Lindstein, comunicação pessoal. Reitman, *Inside Scientology*, p. 340.
52. Mariette Lindstein e Tom De Vocht, comunicação pessoal.
53. Entrevista com Mike Rinder; *Scientology Reformation*, p. 88.
54. Mark "Marty" Rathbun, comunicação pessoal.
55. Entrevista com Tom De Vocht.
56. Joe Childs e Thomas C. Tobin, "Ex-Clearwater Scientology Officer Debbie Cook Testifies She Was Put in 'TheHole,' Abused for Weeks", *Tampa Bay Times*, 10 fev. 2012.
57. Entrevista com Tom De Vocht.
58. http://markrathbun.wordpress.com/category/debbie-cook/; também Rathbun, *The Scientology Reformation*, p. 81.
59. http://markrathbun.wordpress.com/category/debbie-cook/; depoimento de Debbie Cook, *Churchof Scientology Flag Service Organization, Inc., vs. Debra J. Baumgarten, AKA Debbie Cook Baumgarten, AKA Debbie Cook, and Wayne Baumgarten*. Joe Childs e Thomas C. Tobin, "Ex-Clearwater Scientology Officer Debbie Cook Testifies She Was Put in'The Hole,' Abused for Weeks", *Tampa Bay Times*, 10 fev. 2012. Quando Cook reclamou mais tarde a outros cientologistas sobre a incessante coleta de fundos da igreja, apesar da reserva de caixa que, segundo ela, era de 1 bilhão de dólares, a igreja a processou por no mínimo 300 mil dólares por danos. Como muitos ex-membros da Sea Org, Debbie Cook e seu marido, Wayne Baumgarten, assinaram acordos com cláusulas de confidencialidade com a igreja quando saíram do quadro de pessoal. Cada qual recebeu 50 mil dólares para manter silêncio em caráter de perpetuidade. Em troca, abriram mão de seus direitos de livre expressão garantidos pela Primeira Emenda, concordando em pagar um mínimo de 50 mil dólares por cada observação desse tipo feita em âmbito privado e 100 mil dólares por cada declaração depreciativa que pudessem fazer em qualquer veículo de comunicação. Se uma declaração dessas vier a ser publicada num jornal ou revista, serão obrigados a pagar vinte dólares por cada exemplar impresso — isto é, mais de 20 milhões cada, se falassem com *The New Yorker*. Também renunciaram a qualquer reivindicação de propriedade de suas fichas de *preclears*. "Agreement and General Release", assinado por Debbie Cook e Wayne Baumgarten, 19 out. 2007. Cook ficou na Sea Org por 29 anos. Nos dezessete anos em que foi a executiva mais alta da cientologia na base de Clearwater, ela supervisionou uma operação que trouxe mais de 1,7 bilhão de dólares aos cofres da igreja. Joe Childs e Thomas C. Tobin, "Church of Scientology Sues Longtime Clearwater Leader over New Year's EveEmail", *Tampa Bay Times*, 31 jan. 2012. Cook e Baumgarten firmaram acordo com a igreja, concordando em não falar sobre o assunto no futuro, e se mudaram para a ilha de Guadalupe, no Caribe. Joe Childs e Thomas C. Tobin, "ExScientology Leader Debbie Cook Moving to Caribbean Island", *Tampa Bay Times*, 20 jun. 2012.
60. "The Rathbun Family: Madness, Mayhem, and Mysterious Death", *Freedom*, anônimo, sem data.
61. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun.
62. Entrevista com Dan Garvin.

63. Joe Childs e Thomas C. Tobin, “No Kids Allowed”, *St. Petersburg Times*, 12 jun. 2010.
64. Entrevista com Claire Headley.
65. Entrevistas com Tom De Vocht e Janela Webster. Hubbard também impôs algumas vezes o divórcio a membros da Sea Org, segundo Gerald Armstrong, o qual afirma que Hubbard ordenou, em 1979, que sua esposa, Terri, se divorciasse dele se quisesse continuar como Mensageira do Comodoro. Gerald Armstrong, Complaint Report to the us Department of Justice.
66. Claire Headley, comunicação pessoal.
67. Entrevista com Mike Rinder.
68. Entrevistas com Mark “Marty” Rathbun, Mike Rinder, Mariette Lindstrom, Tom De Vocht, Marc Headley; Joe Childs e Thomas C. Tobin, “Scientology: The Truth Rundown, Part 1”, *St. Petersburg Times*, 21 jun. 2009.
69. Entrevistas com Mike Rinder, Mark Rathbun, Noriyuki Matsumaru, Mariette Lindstein, Marc Headley e Tom De Vocht. Headley, *Blown for Good*, pp. 225-31; www.tampabay.com/specials/2009/reports/project/rathbun.shtml.
70. Declaração de David Miscavige, *Church of Scientology International vs. Steven Fishman and Geertz*, Tribunal Distrital dos Estados Unidos, Distrito Central da Califórnia, 8 fev. 1994.
71. Entrevista com Tom De Vocht.

9. TC E COB

1. Declaração juramentada de Andre Tabayoyon, 19 ago. 1994.
2. Entrevista com Noriyuki Matsumaru.
3. Reitman, *Inside Scientology*, p. 290.
4. Ibid.
5. Entrevistas com Tom De Vocht e Mark “Marty” Rathbun.
6. As informações sobre a alimentação de David Miscavige foram dadas por seus ex-cozinheiros, Sinar Parman e Lana Mitchell.
7. Ibid.
8. Entrevista com Claire Headley. A igreja contesta esses números, sem apresentar nenhum outro.
9. Reitman, *Inside Scientology*, p. 319.
10. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.
11. Entrevista com Tom De Vocht. Lana Mitchell, “Hot and Cold Running Servants”, 27 jun. 2011, www.scientology-cult.com/hot-and-cold-running-servants.html. Sinar Parman diz que, quando Miscavige está em Clearwater, geralmente se levanta às 9 horas.
12. Sinar Parman, comunicação pessoal.
13. Entrevista com Mike Rinder; John Brousseau, correspondência pessoal.
14. richardlimtailoring.com.
15. Entrevistas com Janela Webster e Mike Rinder; Mariette Lindstein, correspondência pessoal.
16. Lana Mitchell, “Hot and Cold Running Servants”, 27 jun. 2011, www/scientology-cult.com/hot-and-cold-running-servants.html.
17. Entrevista com John Brousseau.
18. Ibid.
19. markrathbun.files.wordpress.com/2011/11/transcript_of_bryan_seymour_interview_with_lana_mitchell_17b 17b1u9t.pdf.
20. Mike Rinder e Mariette Lindstein, correspondência pessoal.
21. Dan Koon, correspondência pessoal.
22. Entrevista com Janela Webster.
23. Mariette Lindstein, comunicação pessoal. Lana Mitchell,

markrathbun.files.wordpress.com/2011/11/transcript_of_bryan_seymour_interview_with_lana_mitchell_17b 17b1u9t.pdf.

24. Entrevistas com Mike Rinder e Lana Mitchell; John Brousseau, comunicação pessoal; markrathbun.files.wordpress.com/2011/11/transcript_of_bryan_seymour_interview_with_lana_17b1u9r-17b1u9t.pdf.

25. John Brousseau, comunicação pessoal.

26. Entrevistas com Daniel Montalvo e Sandy Kent Fuller.

27. Mariette Lindstein, comunicação pessoal.

28. Entrevistas com John Marc Headley, Mike Rinder, Janela Webster e Mark "Marty" Rathbun.

29. Entrevistas com Marc Headley, Claire Headley e John Brousseau.

30. Entrevista com Mark Headley; Claire Headley, correspondência pessoal.

31. Jason Nark, "From Here to Scientology: Worldwide Leader David Miscavige's Roots", *South Jersey News*, 3 jan. 2012.

32. Lawrence Wollersheim entrevista Jesse Prince, Fita 3, 25 ago. 1998. www.factnet.org/Scientology/jt3.txt.

33. Mary Jacoby, "High Profile Couple Never Pairs Church and State", *St. Petersburg Times*, 13 dez. 1998.

34. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun.

35. Entrevista com Jenna Miscavige Hill.

36. Entrevista com Mariette Lindstein.

37. markrathbun.wordpress.com/category/debbie-cook/; depoimento de Debbie Cook, Church of Scientology Flag Service Organization, Inc., vs. Baumgarten, aka Debbie Cook Baumgarten, aka Debbie Cook, and Wayne Baumgarten.

38. Entrevista com Jefferson Hawkins.

39. Ibid. Hawkins agora é filiado ao Anônimos, um coletivo hacker ativista que tem a cientologia como alvo. Fazem várias manifestações diante dos escritórios da igreja, às vezes usando máscaras de Guy Fawkes. O grupo combate qualquer espécie de censura, e passou a hostilizar a cientologia depois que a igreja invocou violação de copyright para a remoção do vídeo de Tom Cruise na internet, enaltecendo "ksw". A igreja qualifica o Anônimos como um grupo "ciberterrorista". Dois membros do Anônimos se declararam culpados de participar de um ataque em 2008 a um site da cientologia.

40. Declaração juramentada de Yael Lustgarten.

41. Entrevista com Amy Scobee. Scobee diz que estava acostumada aos métodos da cientologia para resolver seus conflitos internos. Duas vezes, aos catorze anos, quando acabara de ingressar na igreja, sofreu abusos sexuais de um homem mais velho na cientologia. Nunca avisou à polícia. "Somos ensinados a 'lidar sozinhos'", disseme ela. Depois que seu agressor confessou, e como ela não havia informado as ocorrências de abuso a seu conselheiro, Amy foi punida com trabalho braçal. Posteriormente, seu agressor se tornou oficial de Ética na igreja.

42. Depoimento de Thomas Davis, *Marc Headley vs. Church of Scientology International* e *Claire Headley vs. Church of Scientology International*, Tribunal Distrital dos Estados Unidos, Distrito Central da Califórnia, 2 jul. 2010.

43. Entrevista com Tom De Vocht.

44. Ibid.

45. Ibid.

46. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun. Uma ex-executiva da Sea Org, Debbie Cook, confirmou o valor de 1 bilhão de dólares num e-mail que enviou a outros cientologistas. Tony Ortega, "Scientology in Turmoil: Debbie Cook's E-mail, Annotated", *Runnin' Scared* (blog), *The Village Voice*, 6 jan. 2012.

47. David K. Li, "The Church of $impsontology", *New York Post*, 31 jan. 2008.

48. Entrevista com Marty Rathbun; Joe Childs e Thomas C. Tobin, "In Letter, Former Scientology Leader Debbie Renews Concerns about Church Fundraising", *Tampa Bay Times*, 7 jan. 2012. Desde então, Rathbun dobrou a estimativa para "quase 2 bilhões de dólares — tudo em paraísos fiscais, fora do alcance

das autoridades fiscais ou de processos civis". Rathbun, *Scientology Reformation*, p. 50.

49. Urban, *The Church of Scientology*, p. 136.

50. Entrevista com Bruce Hines. Segundo a igreja, "não há 'preços' para o aconselhamento", há "doações fixas". Karin Pouw, correspondência pessoal.

51. Joe Childs e Thomas C. Tobin, "Former Scientology Insiders Describe a World of Closers, Prospects, Crushing Quotas and Coercion", *St. Petersburg Times*, 13 nov. 2011.

52. Joe Childs e Thomas C. Tobin, "Scientology Amped Up Donation Requests to Save the Earth Starting in 2001", *St. Petersburg Times*, 20 nov. 2011.

53. Entrevista com Mark "Mat" Pesch.

54. Joe Childs e Thomas C. Tobin, "Giant 'Super Power' Building in Clearwater Takes a Pause, Yet Millions Keep Flowing In", *St. Petersburg Times*, 21 nov. 2011.

55. Entrevista com Guy White.

56. "Xenubarb, Scientology: Attack of the Ideal Orgs!", *Daily Kos*, 28 jan. 2012.

57. Entrevista com Daniel Montalvo.

58. "Child Labor Laws", estado da Flórida e Lei Federal das Condições Justas de Trabalho.

59. Joe Childs e Thomas C. Tobin, "Church of Scientology Runs Afoul of Widely Accepted Best Practices for Fundraising", *Tampa Bay Times*, 20 nov.

60. Entrevista com Garry Scarff.

61. American Safety Casualty Insurance Company and National American Insurance Company of California vs. Nancy Cartwright and yo nancy, inc., Tribunal Superior do Estado da Califórnia, Condado de Los Angeles, 21 set. 2010.

62. Notice of Lodging of the Reporter's Transcript of Proceedings of the Sentencing Hearing in *United States vs. Reed E. Slatkin*, United States Bankruptcy Court, Central District of California, Northern Division, 25 set. 2003.

63. Rathbun, *The Scientology Reformation*, p. 26.

64. E. Scott Reckard, "Scientology Groups to Pay Back $3.5 Million", *Los Angeles Times*, 8 nov. 2006.

65. www.youtube.com/watch?feature=player_embeddedv=XWJlEW WLvLM; markrathbun.wordpress.com/2010/06/20/keepin-it-real-on-
-fathers-day/.

66. Tony Ortega, "Scientology's Cruise Ship as Prison", *Runnin' Scared* (blog), *The Village Voice*, 29 nov. 2011, blogs.village voice.com/runninscared/2011/11/valeska_paris_chris_guider_scientology_freewinds.php.

67. www.youtube.com/watch?v=dh2uS-Om-Bs.

68. Lana Mitchell, comunicação pessoal.

69. Entrevista com Roger Christian.

70. Glenn Whipp, "The Battle for 'Earth': Travolta's Scientology Ties Raise Controversy over New Film", *Los Angeles News*, 12 maio 2000.

71. A diretora da Author International, Barbara Ruiz, estava constantemente com Travolta. Entrevista com Roger Christian.

72. Entrevista com Mike Rinder.

73. Entrevistas com Taylor e Noriyuki Matsumaru.

74. "Earth Capitulates in 9 Minutes to Mean Entrepreneurs from Space", extraído de *New York Times*, 12 maio 2000.

75. Entrevista com Roger Christian.

76. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun.

77. McKinstry, comunicação pessoal.

78. Entrevista com Claire Headley.

79. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun. A igreja negou qualquer objeção às crenças religiosas de Cruz; ver Maureen Orth, "What Katie Didn't Know: Marriage, Scientology-Style", *Vanity Fair*, out. 2012.

80. Entrevista com Tom De Vocht.

81. Headley, *Blown for Good*, p. 279.

82. Entrevistas com Claire Headley e Noriyuki Matsumaru.

83. Ibid. Segundo a *Vanity Fair*, "a cientologia nega que tenha comprado qualquer roupa ou que Wilhere tenha sido enviado a Nova York para esse projeto fantasma que nunca existiu".

84. A história de Boniadi se baseia em quatro fontes confidenciais de ex-cientologistas, além das fontes publicadas.

85. Hubbard, "The Responsibilities of Leaders", *HCO Bulletin*, 12 fev. 1967, corrigido e republicado em 4 set. 1979.

86. Segundo a *Vanity Fair*, "a cientologia nega que tenha comprado qualquer roupa ou que tenha ocorrido tal viagem 'para esse projeto fantasma que nunca existiu'". Maureen Orth, "What Katie Didn't Know", *Vanity Fair*, out. 2012.

87. Ibid.

88. Rathbun, *The Scientology Reformation*, p. 85.

89. Maureen Orth, "What Katie Didn't Know", *Vanity Fair*, out. 2012. A igreja disse à *Vanity Fair*: "O sr. Miscavige não lembra que nenhuma namorada de nenhum indivíduo o tenha insultado em toda a sua vida".

90. Entrevista com Mark "Marty" Rathbun; também Rathbun, *The Scientology Reformation*, p. 86. Bertram Fields, advogado de Tom Cruise, nega que tenha ocorrido essa conversa. "Ele nunca disse nada parecido com isso e não pensa assim. Isso é uma bobagem maldosa."

91. Maureen Orth, "What Katie Didn't Know", *Vanity Fair*, out. 2012.

92. Morton, *Tom Cruise*, pp. 261-6.

93. Morton, *Tom Cruise*, p. 270; "Katie Holmes' Missing Days", FoxNews.com, 21 jun. 2005, http://www.foxnews.com/story/0,2933,160192,00.html.

94. Sara Stewart, "Katie Loves Her Cruise Control", *New York Post*, 12 jun. 2005.

95. Jeannette Walls, "No 'Risky Business' for Cruise, Holmes", msnbc.com, 2 maio 2005.

96. Ibid., p. 271.

97. Entrevista com Noriyuki Matsumaru.

98. Robert Haskell, "Holmes, Sweet Holmes", Katie Holmes' Missing Days", FoxNews.com, 21 jun. 2005, foxnews.com/story/0,2933,160192,00.html.

99. *The Oprah Winfrey Show*, 23 maio 2005.

100. Ibid.

101. Hubbard, "Aberration and the Sixth Dynamic", conferência em 13 nov. 1956.

102. Discurso de David Miscavige, Associação Internacional de Cientologistas, Copenhague, 6 out. 1995.

103. www.cchr.org/quick-facts/real-disease-vs-mental-disorder.html.

104. Larry Byrnes, *The Know Drugs Show*, *Freedom* magazine video, vídeo.google.fr/videoplay?docid=4437051883726295326.

105. *Mental Health: A Report of the Surgeon General*, www.surgeongeneral.gov/library/mentalhealth/chapter3/sec1.html.

106. Marcia Angell, "The Epidemic of Mental Illness: Why?" *New York Review of Books*, 23 jun. 2011.

107. Entrevista com Paul Haggis.

108. Alisa Ulferts, "Scientologists Push Mental Health Law", *St. Petersburg Times*, 9 abr. 2005. Katherine Mieszkowski, "Scientology's Waron Psychiatry", *Salon*, 1 jul. 2005. Extraído de http://www.salon.com/2005/07/01/sci_psy/.

109. Alisa Ulferts, "Panel Waters Down Limits on Student Mental Services", *St. Petersburg Times*, 20 abr. 2005.

110. Marilyn Elias, "Prozac Linked to Child Suicide Risk", *USA Today*, 13 set. 2004.

111. Tom Watkins, "Papers Indicate Firm Knew Possible Prozac Suicide Risk", *CNN Health*, 3 jan. 2005.

112. Joel Achenbach e Dale Russakoff, “Teen Shooter’s Life Paints Antisocial Portrait”, *Washington Post*, 29 abr. 1999.

113. W. Alexander Morton e Gwendolyn G. Stockton, “Methylphenidate Abuse and Psychiatric Side Effects”, *The Primary Care Companion to the Journal of Clinical Psychiatry* 2, n. 5 (out. 2000).

114. Thomas P. Laughren, “Overview for December 13 Meeting of Psychopharmacologic Drugs Advisory Committee (pdac)”, memorando, 16 nov. 2006.

115. Michael S. Milane, Marc A. Suchard, Ma-Li Wong, Julio Licinio, “Modeling of the Temporal Patterns of Fluoxetine Prescriptions and Suicide Rates in the United States”, *PLoS Medicine* 3, n. 6 (jun. 2006), pp. 816-24.

116. “Scientology: A Question of Faith”, *CBS News*, 7 maio 2009.

117. Declaração formal de Hana Eltringham Whitfield, 8 mar. 1994.

118. Entrevista com Hana Eltringham Whitfield.

119. “Prozac Frees ExScientology Leader from Depression”, *Psychiatric Times* 8, n. 6 (jun. 1991).

120. www.whyaretheydead.info/fl o_barnett/coroner.html.

121. Plaintiff’s Supplement to Response to Defendants’ Motion for Summary Judgment, *Estate of Kyle Thomas Brennan vs. Church of Scientology Flag Service Organization, Inc., Denise Miscavige Gentile, Gerald Gentile, and Thomas Brennan*, Tribunal Distrital dos Estados Unidos para o Distrito do Centro da Flórida, Divisão Tampa.

122. Ibid.; e Tony Ortega, “Jamie Ron Hubbard’s Great Grandson, Gaining More Notoriety for Scientology”, *Runnin’ Scared* (blog), *The Village Voice*, 26 jul. de 2012.

123. Joe Childs e Thomas C. Tobin, Court Upholds Dismissal of Wrongful Death Suit Against Church Scientology”, *Tampa Bay Times*, 21 set. 2012.

124. www.reference/scientology/psychiatry/psychiatry7.html.

125. Morton, *Tom Cruise*, p. 292.

126. “Spiegel Interview with Tom Cruise and Steven Spielberg”, *Spiegel*, 27 abr. 2005.

127. Ebert, “Crash”, *Chicago Sun Times*, 5 maio 2005.

128. A. O. Scott, “Bigotry as the Outer Side of Inner Angst”, *New York Times*, 6 maio 2005.

129. “The PowerList”, *Premiere*, jun. 2006.

130. “Cruise Ranked 1 among the Top 100 Celebrities in 2006”, *Forbes*, maio 2007.

131. Entrevista com John Brousseau.

132. Ibid.

133. Tony Ortega, “‘Tom Cruise Worships David Miscavige like a God’: The Brousseau Story, Part Two”, *Runnin’ Scared* (blog), *The Village Voice*, 29 jul. 2012.

134. Respostas da Igreja da Cientologia às indagações.

135. Entrevista com Tom De Vocht. Mark “Marty” Rathbun, *Moving on Up a Little Higher*; *Commemorative Edition*, p. 106.

136. Entrevista com John Brousseau.

137. Ibid.; Mark “Marty” Rathbun, comunicação pessoal.

138. Entrevista com Noriyuki Matsumaru.

139. Morton, *Tom Cruise*, pp. 307-8.

10. A INVESTIGAÇÃO

1. Hubbard, *Dianetics*, p. 103.

2. Hubbard, *The Science of Survival*, p. 88. As observações de Hubbard sobre a homossexualidade não aparecem nas edições posteriores do livro.

3. Ibid., p. 89.

4. Ibid., p. 157.

5. Hubbard, “The Resolution of the Second Dynamic”, conferência, out. 1952.

6. Hubbard, *HCO Executive Letter: Amprinistics*, 27 set. 1965.
7. Hubbard, “Second Dynamic Rules”, *HCO Policy Letter*, 11 ago. 1967.
8. Entrevista com Guy White.
9. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.
10. Entrevista com Michael Pattinson.
11. Entrevista com Lauren Haggis.
12. Tony Ortega, “Sympathy for the Devil”, *New Times L.A.*, 27 set. 2001. Explica a igreja: “Em 1996, a igreja havia montado um programa para ajudar os membros a publicar sites sobre, suas atividades como cientologistas. A igreja incluiu no programa um filtro de spam para que esses paroquianos pudessem modular as perguntas que recebiam em virtude de suas histórias pessoais como cientologistas na internet. Esse programa durou um ano”. Karin Pouw, comunicação pessoal.
13. com/watch/v=OfbLn9xPW4.
14. Entrevista com Mary Benjamin.
15. “Celebrity Interview: Preston”, *Celebrity*, n. 376, sem data.
16. Entrevista com Deborah Haggis.
17. Ibid.
18. Carta de “Bob” a Deborah e Paul Haggis, 14 set. 2006.
19. Joe Childs e Thomas C. Tobin, “The Truth Rundown”, S*t. Petersburg Times*, 21 jun. 2009.
20. Joe Childs e Thomas C. Tobin, “Scientology’s Response to Church Defectors: ‘Total Lies’”, *St. Petersburg Times*, 20 jun. 2009.
21. Entrevista com Paul Haggis.
22. Entrevista com Jenna Miscavige Hill.
23. A igreja diz que segue “todas as leis de trabalho infantil” e que os menores não podem ingressar sem consentimento dos pais; os registros das despesas são “assunto eclesiástico” e escapam à esfera judicial.
24. Entrevista com Paul Haggis.
25. Bryan Burrough, “Sleeping with the Fishes”, *Vanity Fair*, dez. 2006.
26. “Tom Cruise Scientology Video (Original uncut)”, www.youtube.com/watch?v=UFBZ_uAbxS0.
27. Hubbard, “Keeping Scientology Working”, hco Policy Letter, 7 fev. 1965.
28. Entrevista com Gregg Housh.
29. Anônimo, *Message to Scientology*, vídeo, 21 jan. 2008.
30. Haggis lembra que o programa era *Larry King Live*. Um ex-associado profissional de Cruise diz que era *Oprah*, mas os dois programas podem ter sido consultados.
31. Paul Haggis, comunicação pessoal.
32. Entrevista de Matt Lauer com Tom Cruise, *Today*, 15 dez. 2008.
33. Entrevista com Jason Beghe.
34. Entrevista com Paul Haggis.
35. Paul Haggis, e-mail a Tommy Davis, 19 ago. 2009.
36. Entrevista com Marc Headley.
37. Entrevista com John Brousseau.
38. Ibid.
39. Entrevista com Mike Rinder.
40. Entrevista com Anne Archer.
41. Entrevista com Mark Isham.
42. Entrevistas com Michael Nozik e Gian Sardar.
43. Entrevista com Paul Haggis.
44. Entrevista com Paul Haggis.
45. Ibid.

11. TOMMY

1. Entrevista com Tommy Davis.
2. Tommy Davis, correspondência pessoal.
3. Entrevista com Jessica Feshbach.
4. Entrevista com Terry Jastrow.
5. Entrevista com Anne Archer.
6. Ibid.
7. Entrevista com Tommy Davis.
8. Entrevista com Terry Jastrow.
9. Christopher Wood, "The CenterPort Partners", *Denver Business Journal*, 29 nov. 1991.
10. Entrevista com Paul Haggis. Tommy Davis me contou certa vez que só conheceu Haggis em 1991, mas em outra ocasião disse que conhecia Haggis desde os dezoito anos de idade.
11. William Shaw, "The Cult of Personalities", *Details*, fev. 1996.
12. Entrevista com John Peeler.
13. Entrevista com Tiziano Lugli.
14. Entrevista com Mike Rinder.
15. Entrevista com Amy Scobee.
16. Entrevista com Tommy Davis.
17. Entrevista com Amy Scobee. Davis admite ter a tatuagem.
18. Ibid.
19. *20*/20 dez. 1998.
20. Entrevista com Mike Rinder.
21. Entrevista com Donna Shannon.
22. Entrevista com Daniel Montalvo.
23. Entrevista com Mike Rinder.
24. John Sweeney, comunicação pessoal.
25. "The Secrets of Scientology", *Panorama* (bbc), 14 maio 2007.
26. www.youtube.com/watch?v=BRfMrvpDzj8.
27. Gravação da bbc, 31 mar. 2007.
28. www.blogtalkradio.com/glosslip/2008/04/25/glosslip-from-our-lips-to-your-ears.
29. Thomas C. Tobin, "The Man Behind Scientology", *St. Petersburg Times*, 25 out. 1998.
30. www.tampabay.com/specials/2009/reports/project/rathbun.shtml.
31. Mike Rinder, comunicação pessoal.
32. Entrevistas com Marc Headley e Mike Rinder; Lana Mitchell, markrathbun.files.wordpress.com/2011/11/transcript_of_bryan_seymour_interview_with_lana_mitchell_17b — 17b1u9t.pdf.
33. Entrevista com Mariette Lindstrom.
34. Entrevista com John Brousseau.
35. William H. Patterson Jr., correspondência pessoal.
36. Patterson, *Robert A. Heinlein*, p. 538 n.
37. Hubbard, "Intelligence Actions Covert Intelligence Data Collection", Memorando a "The Guardian", 2 dez. 1969. No mesmo memorando, ele grafa como "Komkosadmanov". Karin Pouw, em comunicação pessoal, escreve: "O atestado de óbito de Sara Northrup Hollister, de 18 de dezembro de 1997, dá como nome de solteira de sua mãe Olga Malakhan-Casadominov, nascida na Rússia. A informação foi fornecida por seu viúvo, Miles Hollister. Era a esse sobrenome que se fazia referência. Todas as grafias são fonéticas, claro; o nome efetivo estaria em cirílico". A própria Sara contou que seu avô materno se chamava Malacon Kosadamanov, mas trocou para Nelson quando se mudou para a Suécia. Fitas de Sara Elizabeth Hollister (antes Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.
38. Fitas de Sara Elizabeth Hollister (antes Northrup Hubbard), Coleção sobre Religiões Alternativas de Stephen A. Kent.

39. “Report of Physical Examination”, 6 dez. 1945. Registros médicos de Hubbard, Departamento de Assuntos Internos.
40. John E. Bircher, comunicação pessoal.
41. Segundo o site dos Arquivos, apenas os registros do Exército e da Força Aérea foram atingidos.
42. Carta de Pellegrini ao dr. Jan Willem Nienhuys, 9 maio 2000.
43. Entrevista de Voelz com a equipe de checagem de dados da *New Yorker*.
44. Membro anônimo da Sea Org, correspondência pessoal.

EPÍLOGO

1. Hubbard, “Routine 3 Heaven”, *HCO Bulletin*, 11 maio ad13 (1963).
2. Lawrence Wright, “Lives of the Saints”, *The New Yorker*, 21 jan. 2002.
3. Wallis, in *The Road to Total Freedom*, p. 98, compara as origens da dianética ao surgimento da ciência cristã.
4. Entrevista com Paul Haggis.
5. Entrevista com Eugenie Grandval.
6. Matt Peckham, “Bye-Bye Avatar: Modern Warfare 3 Takes $1 Billion Record”, *PC World*, 12 dez. 2011.
7. Entrevista com Mark “Marty” Rathbun.
8. Entrevista com Stephen “Sarge” Pfauth.

AGRADECIMENTOS E UMA EXPLICAÇÃO SOBRE AS FONTES

1. Russell Miller, “See You in Court”, *Punch*, 19 fev. 1988; Miller, “The True Story of a False Prophet”, *Night Day*, *The Mail on Sunday Review*, 30 mar. 1997.
2. Lamont, *Religion*, *Inc*., p. 87.

KENNY BRAUN

Lawrence Wright é colunista e repórter da revista *New Yorker*, e pesquisador do Centro de Direito e Segurança da Universidade de Nova York. Seu livro *O vulto das torres: A Al-Qaeda e o caminho até o 11/9*, também publicado pela Companhia das Letras, recebeu alguns dos mais prestigiosos prêmios de reportagem, entre eles o Pulitzer e o da Biblioteca de Nova York.

Copyright © 2013 by Lawrence Wright

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Going Clear: Scientology, Hollywood and the Prison of Belief

Capa
Marcos Kotlhar

Foto de capa
Dan MacMedan/ WireImage/ Getty Images

Preparação
Silvia Massimini Felix

Revisão
Valquíria Della Pozza
Isabel Jorge Cury

ISBN 978-85-8086-728-2

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

TELEFONE: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Table of Contents

Rosto
Sumário
Introdução
Parte I - Cientologia
1. O convertido
2. Fonte
3. Homem ao mar
Parte II - Hollywood
4. A fábrica de fé
5. Descartou o corpo
6. A serviço dos astros
7. O futuro é nosso
8. Bohemian Rhapsody
9. TC e COB
Parte III - A prisão da fé
10. A investigação
11. Tommy
Epílogo
Agradecimentos e uma explicação sobre as fontes
Bibliografia
Glossário
Notas
Sobre o autor
Créditos